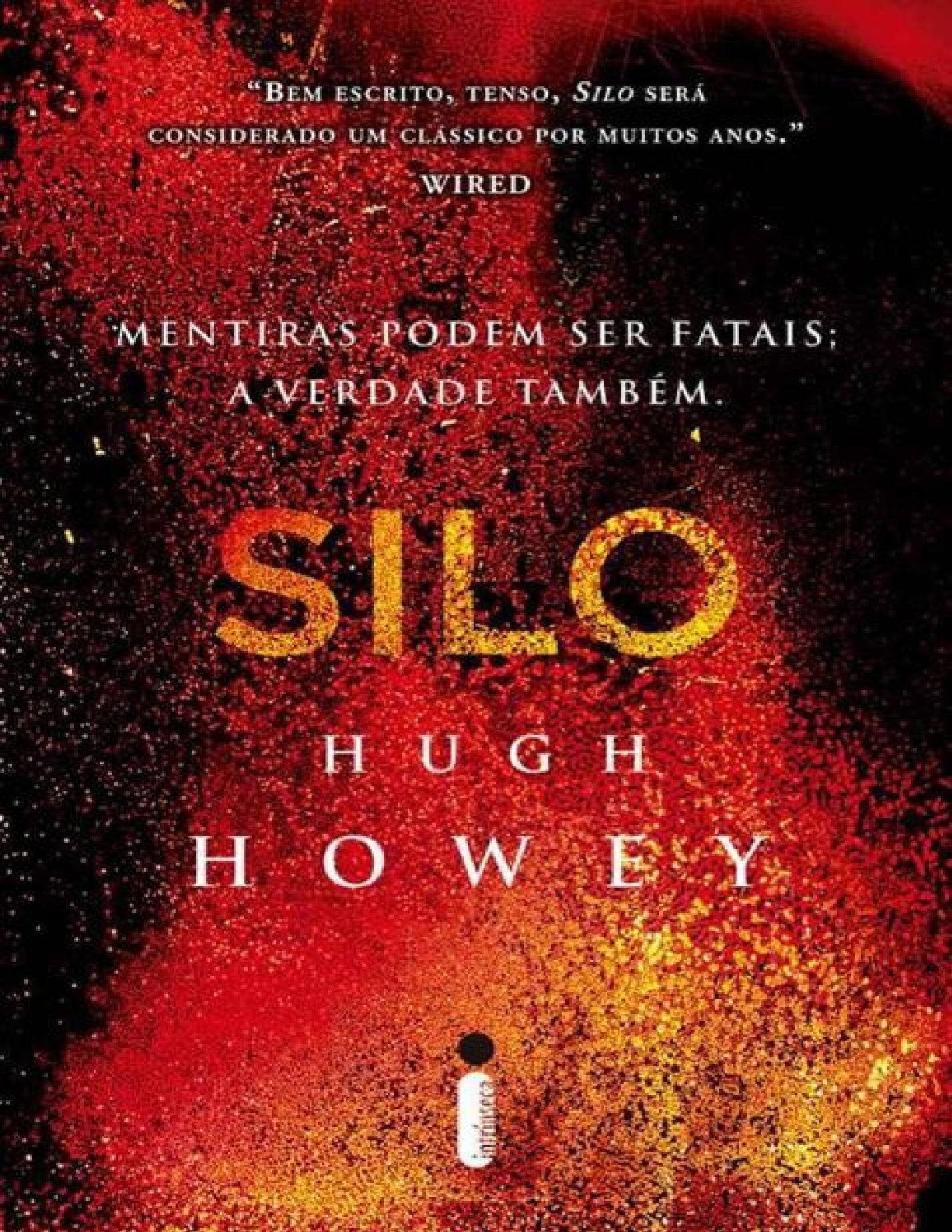
"BEM ESCRITO, TENSO, *SILO* SERÁ CONSIDERADO UM CLÁSSICO POR MUITOS ANOS."

WIRED

MENTIRAS PODEM SER FATAIS;
A VERDADE TAMBÉM.

SILO

HUGH HOWEY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

SILO

HUGH HOWEY

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS



Copyright © 2013 by Hugh Howey
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Wool

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Flora Pinheiro

REVISÃO
Guilherme Bernardo
Shirley Lima

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-474-6

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Parte 1 – Holston
1
2
3
4
5
6
7

Parte 2 – A medida certa
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17

Parte 3 – O começo

18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30

Parte 4 – A descoberta

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44

45
46
47
48
49
50
51
52

Parte 5 – Os abandonados
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72

73
74
75
76
77
78
79
80
81
82

Epílogo

Leia um trecho do próximo volume da série
Ano 2049

Sobre o autor

Para aqueles que ousam ter esperança

PARTE 1 – HOLSTON

1

As crianças brincavam enquanto Holston subia os degraus a caminho da morte. Ele as ouvia gritar como só crianças felizes conseguem. Elas faziam seu alvoroço frenético lá em cima, e Holston prosseguia devagar, com passos metódicos e firmes, dando voltas e voltas ao avançar pela escada em caracol. Suas botas velhas ressoavam no piso metálico.

Os degraus, como as botas que tinham sido do pai dele, mostravam sinais de uso. Poucos pedacinhos de tinta desbotada ainda permaneciam, principalmente nos cantos e embaixo dos degraus, onde ficavam mais protegidos. O tráfego em algum outro ponto das escadarias levantava pequenas nuvens de poeira. Holston sentia as vibrações no corrimão, tão gasto que tudo o que restara era o metal reluzente. Isso sempre o deixava impressionado: como séculos de mãos nuas e de pés se arrastando desgastavam o aço sólido. Uma molécula de cada vez, imaginava. Cada vida desgastava uma camada, e o silo desgastava a vida.

Os degraus ficaram levemente envergados após os anos de uso, a borda arredondada para baixo como um lábio caído. No meio de cada degrau quase não havia mais os pequenos losangos que ajudavam a lhes dar aderência. Sua ausência só podia ser deduzida observando-se o padrão nas laterais, pequenas elevações em forma de pirâmide que se projetavam do aço liso com as bordas nítidas e os restos de tinta.

Holston ergueu uma das botas velhas, pisou firme em um degrau velho e começou de novo. Ele estava perdido em pensamentos sobre os efeitos dos incontáveis anos, o desgaste de moléculas e vidas, camadas e camadas consumidas poeira. E pensou, não pela primeira vez, que nem a vida nem a escada tinham sido feitas para aquela existência. Aquela longa espiral, confinada e apertada, enroscando-se pelo silo enterrado como um canudo em um copo, não tinha sido construída para tal abuso. Como grande parte de seu lar cilíndrico, a escada parecia ter sido feita para outras finalidades, funções há muito esquecidas. O que agora era usado como passagem para milhares de pessoas que subiam e desciam em ciclos diários e repetitivos parecia, na opinião de Holston,

mais apropriado apenas a emergências e, talvez, para apenas algumas dezenas de indivíduos.

Outro andar se passou — uma divisão de dormitórios em gomos. Enquanto Holston avançava pelos últimos níveis, naquela que seria a última vez que os subiria, os sons de alegria infantil o atingiam como uma tempestade. Era o riso da juventude, de almas que ainda não tinham compreendido onde viviam, não sentiam a pressão da terra por todos os lados, não se consideravam enterradas, e sim *vivas*. Vivas e inteiras, seus sons alegres pingando escada abaixo, emoções incongruentes com as ações de Holston, sua decisão e determinação de ir *lá para fora*.

À medida que se aproximava do nível superior, uma voz jovem sobressaiu às outras, e Holston se lembrou de sua infância no silo, dos estudos e das brincadeiras. Na época, o cilindro abafado de concreto, com seus inúmeros pavimentos de apartamentos e oficinas e hortas hidropônicas e salas de purificação, com seus emaranhados de tubos, um universo vasto, parecia uma amplitude que nunca seria explorada por completo, um labirinto no qual ele e seus amigos podiam se perder para sempre.

Mas aqueles dias datavam de mais de trinta anos atrás. A infância de Holston agora parecia algo que acontecera duas ou três existências atrás, algo que outra pessoa havia aproveitado. Não ele. Ele tinha toda uma vida como xerife, um fardo pesado, que bloqueava aquele passado. E, mais recentemente, havia o terceiro estágio de sua vida, uma vida secreta além da infância e do tempo como xerife. Eram as últimas camadas de si mesmo, consumidas até virarem poeira; três anos passados em silêncio à espera de algo que nunca chegaria, cada dia mais longo do que qualquer mês das épocas mais felizes de sua vida.

No alto da escada em espiral, o corrimão acabou, e a mão de Holston ficou suspensa no ar. A barra recurvada de aço desgastado terminava quando a escada chegava aos maiores cômodos de todo o complexo do silo: o refeitório e o salão anexo. Ele alcançara o pavimento dos gritos de diversão. Formas brilhantes e velozes corriam entre as cadeiras espalhadas em uma brincadeira de pique. Alguns adultos tentavam conter o caos. Holston viu Donna recolher giz e lápis de cera espalhados pelos azulejos manchados. Clarke, marido dela, estava sentado a uma mesa com copos de suco e potes de biscoitos de amido de milho. Ele acenou para Holston do outro lado do salão.

Nem ocorreu a Holston acenar de volta; não tinha energia nem vontade. Olhou para além dos adultos e das crianças que brincavam, em direção à vista enevoada projetada na parede do refeitório. Era a maior vista ininterrupta de seu mundo

inóspito. Uma cena matinal. A luz suave do amanhecer cobria colinas sem vida, que pouco tinham mudado desde que Holston era menino. Estavam ali desde sempre, enquanto ele deixava de brincar de pique entre as mesas e se tornava aquele ser vazio. E, depois das cristas imponentes daqueles morros, a silhueta familiar de uma cidade decrépita captava os raios da manhã em lampejos esmaecidos. Vidro e aço antigos se erguiam a distância, onde as pessoas, desconfiava-se, costumavam morar na superfície.

Uma criança, saída do grupo como um cometa, chocou-se nos joelhos de Holston. Ele olhou para baixo e se moveu para segurar o menino, o filho de Susan, mas, tal como um cometa, o garoto já tinha partido e voltado para a órbita dos outros.

Holston de repente pensou na loteria que ele e Allison ganharam no ano em que ela morreu. Ele ainda guardava o bilhete, e carregava-o para onde fosse. Uma daquelas crianças — o menino ou menina teria uns dois anos agora, e estaria correndo atrás das crianças mais velhas — poderia ser deles. Eles tinham sonhado, como todos os pais, com a sorte em dobro de ter gêmeos. Tinham tentado, é claro. Depois que o implante dela foi removido, passaram noites gloriosas tentando resgatar o bilhete, com os outros pais lhes desejando sorte e outros competidores rezando em silêncio para que mais um ano vazio se passasse.

Sabendo que só tinham um ano, ele e Allison abriram sua vida para a superstição, em busca de qualquer coisa que pudesse ajudar. Simpatias como pendurar alho em cima da cama, o que se dizia aumentar a fertilidade, duas moedas embaixo do colchão para gêmeos, uma fita cor-de-rosa no cabelo de Allison, manchas de tinta azul sob os olhos de Holston. Todas ideias ridículas, desesperadas e divertidas. A única coisa mais louca teria sido *não* tentar de tudo, deixar alguma das crendices ou lendas de lado.

Mas não era para ser. Antes mesmo que seu ano terminasse, a loteria passou para outro casal. Não por falta de tentativa, mas por falta de tempo. Uma repentina falta de *esposa*.

Holston deu as costas para a brincadeira e para a vista nublada do exterior e caminhou em direção a seu gabinete, que ficava entre o refeitório e a câmara pressurizada do silo. Enquanto andava, seus pensamentos foram para a luta ocorrida ali, uma luta de fantasmas pela qual ele tinha que passar diariamente havia três anos. Ele sabia que, caso se virasse e observasse com atenção aquela vista na parede, se conseguisse ver além da névoa cada vez mais densa devido às lentes embaçadas das câmeras e à poeira trazida pelo ar, se seguisse aquela fenda

escura morro acima, a ruga que abria caminho pela duna enlameada na direção da cidade distante, ele conseguiria identificar sua forma silenciosa. Lá, naquele morro, podia ver sua mulher. Jazia como uma rocha adormecida, com os braços encolhidos sob a cabeça, sendo consumida pelo ar e pelas toxinas.

Talvez.

Era difícil ver, difícil identificar com clareza, mesmo antes de a névoa ter retornado. Além disso, aquela imagem era pouco confiável. Na verdade, havia muito do que duvidar. Então Holston simplesmente decidiu não olhar. Passou pelo lugar da luta fantasmagórica de sua mulher, onde as más recordações permaneciam para sempre, como a cena da loucura repentina dela, e então entrou no gabinete.

— Veja só quem acordou cedo — cumprimentou Marnes com um sorriso.

O delegado fechou uma gaveta do arquivo de metal, que soltou um grito inexpressivo, cantando nas juntas antigas, depois pegou uma caneca fumegante. Só então percebeu a seriedade no rosto de Holston.

— O senhor está bem, chefe?

Holston assentiu e apontou para as chaves no painel atrás da mesa.

— A cela de custódia — disse ele.

O sorriso do delegado sumiu e foi substituído por uma expressão confusa. Ele pousou a caneca na mesa e foi pegar a chave. Enquanto estava de costas, Holston esfregou o aço frio e afiado pela última vez, então pôs a estrela em cima da mesa. Marnes se virou e entregou a chave. Holston a pegou.

— Quer que eu pegue o esfregão?

O delegado Marnes apontou para o refeitório com o polegar. A menos que houvesse alguém algemado, eles só entravam na cela para limpá-la.

— Não — respondeu Holston, então acenou com a cabeça na direção da cela, convidando o delegado a segui-lo.

Ele se virou, a cadeira atrás da mesa rangendo quando Marnes se levantou para acompanhá-lo, e Holston chegou a seu destino. A chave entrou com facilidade. Houve um estalido alto vindo dos mecanismos bem-construídos e bem-preservados no interior da porta. Um ranger mínimo das dobradiças, um passo determinado, um empurrão e uma batida, o tormento estava terminado.

— Chefe?

Holston segurava as chaves entre as barras. Marnes olhou para elas, desconfiado, mas estendeu a mão para aceitá-las.

— O que está acontecendo, chefe?

— Chame a prefeita — instruiu Holston e depois soltou um suspiro, a

respiração pesada que segurava havia anos. — Diga a ela que quero ir lá para fora.

2

A vista da cela de custódia não era tão embaçada quanto a do refeitório, e Holston passou seu último dia no silo intrigado com isso. Será que a câmera daquele lado ficava mais protegida do vento tóxico? Será que os encarregados da limpeza, condenados à morte, se empenhavam mais em preservar a vista que tiveram em seu último dia? Ou o esforço extra era um presente para o *próximo* limpador, que passaria seu último dia naquela mesma cela?

Holston preferiu esta última explicação, que o fez pensar com saudade na mulher lembrando-se da razão pela qual ele estava ali, do lado errado daquelas barras, e por vontade própria.

Enquanto seus pensamentos se voltavam para Allison, ele se sentou para observar o mundo morto que os povos antigos tinham deixado para trás. Não era a melhor vista do bunker, mas também não era a pior. A distância, colinas baixas e suaves adquiriam um belo tom de marrom, como café misturado com a quantidade certa de leite de porca. O céu acima das colinas era do mesmo cinza de sua infância e da infância de seu pai e da de seu avô. A única coisa que se movia na paisagem eram as nuvens. Elas pairavam, cheias e escuras, acima das colinas. Corriam livres como os rebanhos de animais dos livros ilustrados.

A vista do mundo morto ocupava a parede de sua cela e todas as paredes do nível superior do silo, cada uma exibindo um pedaço diferente da terra arrasada e cada vez mais embaçada lá fora. O trecho visível a Holston começava no canto ao lado da cama, subia até o teto, ia até a outra parede e descia até o vaso sanitário. E, apesar da nebulosidade suave, como se houvessem passado óleo em uma lente, tinha-se a impressão de que era possível seguir adiante e entrar naquela cena, como se fosse um buraco vazio e convidativo estranhamente posicionado do outro lado das barras proibitivas de uma cela.

A ilusão, entretanto, convencia apenas quando era vista de longe. Chegando mais perto, Holston podia ver alguns pixels mortos no enorme monitor. O branco puro deles contrastava com todos os tons de cinza e marrom. Brilhando com intensidade feroz, cada pixel (Allison os chamava de pixels “travados”) era

como uma janela quadrada para um lugar mais iluminado, um buraco da largura de um fio de cabelo humano que parecia convidar para uma realidade melhor. Havia dezenas deles, agora que ele observava mais de perto. Holston se perguntou se alguém no silo saberia como consertá-los e se tinham as ferramentas necessárias para realizar um trabalho tão delicado. Será que estavam mortos para sempre, como Allison? Será que todos os pixels acabariam morrendo? Holston imaginou o dia em que metade dos pixels ficaria completamente branca, e depois, gerações mais tarde, quando restariam apenas alguns poucos cinzentos e marrons, e depois apenas uma dezena, e o mundo entraria em um novo estado, em que as pessoas no silo achariam que o exterior estava pegando fogo, pois os únicos pixels *verdadeiros* passariam a ser vistos como os que não funcionavam.

Ou seria isso o que Holston e seu povo estavam fazendo naquele exato momento?

Alguém pigarreou às suas costas. Holston se virou e viu a prefeita Jahns parada do outro lado das barras, os braços cruzados à frente do macacão. Ela balançou a cabeça de modo solene na direção do beliche.

— Quando a cela está vazia, à noite, e você e o delegado Marnes não estão trabalhando, às vezes eu me sento aqui para admirar essa mesma vista.

Holston se virou para examinar a paisagem enlameada e sem vida. Ela parecia deprimente apenas quando comparada às imagens dos livros infantis, os únicos livros que haviam sobrevivido ao levante. A maioria das pessoas duvidava das cores usadas nos livros, assim como não acreditava que elefantes roxos e pássaros cor-de-rosa houvessem existido um dia, mas Holston acreditava que eram mais verdadeiras que a cena à sua frente. Ele, como alguns outros, sentia algo primitivo e profundo quando olhava para aquelas páginas gastas, coloridas de verde e azul. Mesmo assim, quando comparada com o silo sufocante, aquela vista cinzenta e enlameada parecia uma espécie de salvação, o tipo de ar livre que os homens tinham nascido para respirar.

— Aqui sempre parece um pouco mais nítida — disse Jahns. — Quer dizer, a vista.

Holston permaneceu em silêncio. Ficou olhando um pedaço de nuvem ondulada se soltar e seguir em nova direção, os negros e cinzas girando e se misturando.

— Você pode escolher o jantar — continuou a prefeita. — É a tradição...

— Não precisa me dizer como isso funciona — interrompeu Holston. — Faz apenas três anos que servi a última refeição de Allison, bem aqui.

Ele moveu a mão por hábito para girar a aliança em seu dedo, esquecendo que horas antes a havia deixado na cômoda.

— Não acredito que faz tanto tempo — murmurou Jahns para si mesma.

Holston se virou para vê-la de olhos semicerrados, observando as nuvens exibidas na parede.

— Sente saudade dela? — perguntou Holston, com veneno na voz. — Ou só odeia o fato de a imagem ter tido tanto tempo para piorar?

Os olhos de Jahns se focaram nele por um momento, então se desviaram para o chão.

— Você sabe que não quero isso, não por causa de uma vista. Mas regras são regras...

— Não é sua culpa — disse Holston, tentando se acalmar. — Conheço as regras melhor do que a maioria. — A mão dele se moveu só um pouco na direção do local onde antes ficava o distintivo, deixado para trás junto com a aliança. — Ora, apliquei essas regras durante a maior parte daminha vida, mesmo depois que percebi que eram uma bobagem.

Jahns pigarreou.

— Bem, não vou perguntar por que você escolheu isso. Vou apenas supor que é porque seria mais infeliz aqui.

Holston a encarou, viu seus olhos vagos antes de ela começar a piscar para se concentrar. Jahns parecia mais magra que o normal, uma figura cômica no macacão grande demais. As linhas em seu pescoço e em torno dos olhos estavam mais profundas do que ele se lembrava. Mais escuras. Ele achou que a rouquidão em sua voz era de tristeza verdadeira, e não apenas um reflexo da idade ou das rações de tabaco.

De repente, Holston se viu pelos olhos de Jahns, um homem alquebrado, sentado em um banco velho, a pele cinzenta devido à luz pálida que vinha do mundo lá fora, e a imagem o deixou tonto. Sua cabeça girou enquanto buscava algo a que se agarrar, algo que fizesse sentido. A situação desagradável em que se transformara sua vida mais parecia um sonho. Nenhum dos três anos anteriores parecia verdade. Nada mais parecia verdade.

Ele se virou para as colinas acobreadas. Pelo canto do olho, teve a impressão de ver outro pixel morrer e ficar completamente branco. Outra pequena janela se abrira, outra visão clara de uma ilusão que ele começara a questionar.

Amanhã será minha salvação, pensou Holston de modo desvairado, *mesmo que eu morra lá fora*.

— Eu já fui prefeita por tempo demais — disse Jahns.

Holston olhou de volta para ela e viu que suas mãos enrugadas estavam agarradas às barras de aço frias.

— Nossos registros não vão até o princípio, você sabe. Não há nada anterior ao levante, há um século e meio, mas, depois disso, nenhum prefeito mandou mais gente para a limpeza do que eu.

— Sinto muito por sobrecarregá-la — disse Holston secamente.

— Não sinto nenhum prazer nisso, é só o que quero dizer. Nenhum prazer.

Holston passou a mão pela tela enorme.

— Mas você vai ser a primeira pessoa a ver um pôr do sol limpo amanhã à noite, não vai? — Ele odiou o modo como falava. Holston não estava com raiva por causa de sua morte, sua vida, nem pelo que quer que fosse acontecer depois do dia seguinte, mas ainda havia ressentimento pelo destino de Allison. Ele continuava a ver os eventos inevitáveis do passado como contornáveis, muito tempo depois de terem ocorrido. — Todos vocês vão amar a vista de amanhã — continuou, mais para si mesmo do que para a prefeita.

— Isso não é nem um pouco justo — disse Jahns. — A lei é a lei. E você desobedeceu a ela. Sabia que estava desobedecendo.

Holston olhou para os próprios pés. Os dois permitiram que se fizesse silêncio. A prefeita Jahns foi a primeira a falar.

— Você ainda não ameaçou *não fazer nada*. Algumas pessoas estão preocupadas com a possibilidade de você não fazer a limpeza porque não está dizendo que não vai.

Holston riu.

— Iam se sentir melhor se eu dissesse que *não ia* limpar os sensores?

Ele sacudiu a cabeça diante daquela lógica louca.

— Todo mundo que senta aí diz que não vai limpar — contou Jahns. — Mas limpa. É isso que nos acostumamos a esperar...

— Allison nunca ameaçou não fazer a limpeza — lembrou Holston, mas sabia o que Jahns queria dizer.

Ele mesmo tivera certeza de que Allison não ia limpar as lentes. E agora ele achava que entendia o que ela sentira enquanto estava sentada naquele mesmo banco. Havia coisas maiores a considerar do que o ato de limpar. A maioria dos que eram mandados para fora tinha sido flagrada em alguma coisa, ficava surpresa de se ver naquela cela, com seu fim a poucas horas de distância. Pensavam em vingança quando diziam que não iam limpar. Mas Allison e, agora, Holston tinham preocupações maiores. Se eles iam fazer a limpeza ou não era algo irrelevante. Eles tinham chegado até ali porque, em algum nível insano,

queriam *estar* ali. Tudo o que restava era a curiosidade. O mistério do mundo exterior além do véu projetado nas telas das paredes.

— Então, você está planejando limpar ou não? — perguntou Jahns diretamente, com evidente desespero.

— Você mesma disse. — Holston deu de ombros. — Todo mundo limpa. Deve haver alguma razão, certo?

Ele fingia não ligar, não estar interessado nas razões da limpeza, mas tinha passado a maior parte de sua vida, especialmente os últimos três anos, agoniado querendo saber o *porquê*. A pergunta o deixava louco. E se sua recusa a responder a Jahns provocasse sofrimento naqueles que haviam assassinado sua mulher, ele não iria se importar.

Jahns esfregava as barras para cima e para baixo, ansiosa.

— Posso dizer a eles que você vai fazer? — perguntou ela.

— Ou diga que não vou. Não me importa. Parece que qualquer resposta vai significar a mesma coisa para eles.

Jahns não respondeu. Holston ergueu os olhos para ela, e a prefeita assentiu.

— Se mudar de ideia sobre a refeição, avise ao delegado Marnes. Ele vai passar a noite na mesa, como é tradição...

Ela nem precisava dizer. Os olhos de Holston se encheram de lágrimas quando ele se lembrou daquela parte de seus antigos deveres. Ele tinha ficado naquela mesa doze anos atrás, quando Donna Parkins fora enviada para a limpeza; oito anos atrás, quando foi a vez de Jack Brent, e há três anos ele tinha passado a noite agarrado às barras e deitado no chão, completamente arrasado, quando foi a vez de sua mulher.

A prefeita Jahns se virou para ir embora.

— Xerife — murmurou Holston antes que ela se afastasse e não ouvisse.

— Desculpe, o quê?

Jahns parou do outro lado das grades, suas sobrancelhas grossas e grisalhas caídas em uma expressão cansada.

— Agora é xerife Marnes — lembrou-lhe Holston. — Não é mais delegado.

Jahns tamborilou em uma das barras de aço com os nós dos dedos.

— Coma alguma coisa — disse ela. — E não vou insultá-lo sugerindo que durma um pouco.

3

Três anos antes

– Só pode ser brincadeira — disse Allison. — Querido, escute isso. Você não vai acreditar. Sabia que houve mais de *um* levante?

Holston ergueu os olhos da pasta aberta em seu colo. Ao redor, pilhas de papel se espalhavam e cobriam a cama como uma colcha de retalhos, pilhas e pilhas de arquivos antigos a serem examinados, e novas reclamações para administrar. Allison estava sentada à sua escrivaninha ao pé da cama. Os dois moravam em um dos apartamentos do silo que tinham sido subdivididos apenas duas vezes ao longo das décadas, por isso tinham espaço para luxos como escrivaninhas e camas de verdade, em vez de beliches.

— E como eu poderia saber disso? — perguntou a ela. Sua mulher se virou e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha. Holston apontou com uma pasta para a tela do computador dela. — Você passa o dia inteiro desvendando segredos de séculos, e eu devia saber disso antes de *você*?

Ela lhe mostrou a língua.

— É uma expressão. É meu jeito de contar a você. E por que você não está curioso? Ouviu o que acabei de dizer?

Holston deu de ombros.

— Nunca presumi que o único levante conhecido tivesse sido o primeiro, só que foi o mais recente. Se aprendi uma coisa em meu emprego é que nenhum crime ou multidão enlouquecida é tão original assim. — Ele pegou uma pasta que estava apoiada no joelho. — Acha que este é o primeiro ladrão de água que temos no silo? Ou que vai ser o último?

A cadeira de Allison rangeu quando ela se virou para encará-lo. O monitor na mesa às suas costas piscava com os fragmentos de informação que ela desencavara dos velhos servidores do silo, restos de dados há muito apagados e regravados inúmeras vezes. Holston ainda não entendia como funcionava o processo de recuperação, ou como alguém inteligente o bastante para descobrir

aquilo tudo podia ser burra o suficiente para amá-lo, mas ele aceitava as duas coisas sem questionar.

— Estou juntando uma série de relatórios antigos — disse ela. — Se forem verdadeiros, isso significa que algo parecido com o nosso antigo levante costumava acontecer com regularidade. Mais ou menos uma vez a cada geração.

— Tem muita coisa que não sabemos sobre os velhos tempos — disse Holston. Ele esfregou os olhos e pensou em toda a papelada da qual não estava dando conta. — Talvez eles não tivessem um sistema para limpar os sensores, sabe? Aposto que naquela época a vista lá em cima ia ficando cada vez mais embaçada até que alguns enlouqueciam, então havia uma revolta ou algo assim, e eles finalmente exilavam certas pessoas para resolver o problema. Ou talvez fosse apenas um controle natural da população, sabe, antes da loteria.

Allison sacudiu a cabeça.

— Acho que não. Estou começando a pensar... — Ela fez uma pausa e olhou para a papelada ao redor de Holston. A visão de todas as transgressões registradas pareceu fazê-la pensar cuidadosamente no que estava prestes a dizer. — Não estou fazendo nenhum julgamento, nem dizendo que ninguém estava certo ou errado, nada assim. Estou só sugerindo que talvez os servidores não tenham sido apagados pelos rebeldes durante o levante. Pelo menos, não como sempre nos contaram.

Holston começou a prestar atenção. O mistério dos servidores limpos, o passado vazio dos ancestrais do silo, os assombrava a todos. O momento em que tudo foi apagado não passava de uma lenda nebulosa. Ele fechou a pasta em que estava trabalhando e a pôs de lado.

— O que você acha que causou isso? — perguntou à mulher. — Acha que foi um acidente? Um incêndio ou falta de energia? — Listou as teorias mais comuns.

Allison franziu o cenho.

— Não — respondeu. Ela baixou a voz e olhou preocupada ao redor. — Acho que nós apagamos os discos rígidos. Quer dizer, nossos ancestrais, *não* os rebeldes. — Ela se debruçou na direção do monitor e passou o dedo por uma série de números que Holston não identificou da cama. — Vinte anos — contou. — Dezoito, vinte e quatro. — Seu dedo deslizou pela tela com um guincho. — Vinte e oito, dezesseis, quinze.

Holston abriu caminho pela papelada aos seus pés, botando os arquivos de volta em pilhas enquanto ia até a mesa. Ele se sentou ao pé da cama, pôs a mão na nuca da esposa e olhou por cima de seu ombro para o monitor.

— São datas? — perguntou ele.

Ela assentiu.

— A cada duas décadas, mais ou menos, há uma grande revolta. Esse relatório as catalogava. Foi um dos arquivos apagados durante o levante mais recente. *Nosso* levante.

Ela dissera "nosso" como se algum deles ou algum de seus amigos estivesse vivo na época, mas Holston sabia o que ela queria dizer. Era o levante sob cuja sombra eles haviam sido criados, que parecia tê-los criado, o grande conflito que pairava sobre suas infâncias, sobre seus pais e avós. Era o levante que inspirava sussurros e provocava olhares de esguelha.

— E o que a faz pensar que fomos nós, que foram os mocinhos que apagaram os servidores?

Ela olhou para trás e deu um sorriso sombrio.

— Quem disse que somos os mocinhos?

Holston ficou tenso. Ele tirou a mão da nuca de Allison.

— Não comece. Não diga nada que possa...

— Estou brincando — disse ela, mas aquilo não era coisa com que se brincar. Estava a dois passos da traição, da *limpeza*. — Minha teoria é a seguinte — disse rapidamente, com ênfase na palavra *teoria*. — Há uma sublevação geracional, entende? Quero dizer, acontece há mais de cem anos, talvez mais. É como um relógio. — Ela apontou as datas. — Mas então, durante o grande levante, o único que conhecíamos até agora, alguém apagou os servidores. O que, vou lhe dizer, não é tão fácil como apertar alguns botões ou começar um incêndio. Há redundâncias em cima de redundâncias. Seria preciso um esforço consistente, não um acidente qualquer, um trabalhinho apressado ou mera sabotagem...

— Isso não prova quem foi o responsável — observou Holston.

Sua mulher fazia mágicas com computadores, sem dúvida, mas investigação não era o negócio dela — era o dele.

— O que me chama a atenção — prosseguiu ela — é que houve revoltas em todas as gerações durante todo esse tempo, mas não houve nenhum outro levante *desde então*.

Allison mordeu o lábio, e Holston se sentou ereto. Olhou ao redor do quarto e ficou um segundo absorvendo a observação dela. Teve uma visão repentina da mulher entrando no ramo da investigação e fazendo um trabalho melhor que o dele.

— Então você está dizendo... — Ele esfregou o queixo e refletiu sobre aquilo. — Está dizendo que alguém apagou nossa história para impedir que nós a

repetíssemos?

— Ou pior. — Ela esticou os braços e segurou a mão dele entre as suas. A expressão dela tinha ido da seriedade para algo ainda mais severo. — E se o motivo das revoltas estivesse bem ali, nos discos rígidos? E se fosse alguma parte de nossa história, ou alguma informação do exterior, ou talvez o conhecimento do que quer que tenha feito as pessoas se mudarem para cá há muito tempo... E se essa informação gerasse algum tipo de pressão que fizesse as pessoas perderem o juízo, ou ficarem completamente doidas, ou simplesmente quererem *sair*?

Holston sacudiu a cabeça.

— Não quero que você pense assim — alertou ele.

— Não estou dizendo que eles estavam certos em enlouquecer — disse Allison, voltando a ser cuidadosa. — Mas, pelo que consegui apurar até agora, é essa minha teoria.

Holston lançou um olhar desconfiado para o monitor.

— Talvez você não devesse estar fazendo isso — disse ele. — Não tenho nem certeza de *como* está fazendo, e talvez não devesse fazer.

— Querido, a informação está ali. Se eu não coletá-la agora, outra pessoa vai fazer em algum momento. Não se pode botar o gênio de volta na garrafa.

— O que quer dizer com isso?

— Já publiquei um documento sobre como recuperar arquivos apagados e modificados. O restante da TI está divulgando o artigo para ajudar pessoas que, sem querer, apagaram algo de que precisam.

— Ainda acho que você devia parar — disse ele. — Essa não é uma ideia muito boa. Não consigo ver nada de bom saindo daí...

— Nada de bom saindo da verdade? Saber a verdade é sempre bom. E é melhor que sejamos nós a descobrir do que outra pessoa, certo?

Holston olhou para seus arquivos. Fazia cinco anos desde que a última pessoa tinha sido mandada para a limpeza. A vista do exterior estava ficando pior a cada dia, e ele, como xerife, sentia-se pressionado a encontrar alguém. A pressão aumentava, como vapor se acumulando no silo, pronta para explodir. As pessoas ficavam nervosas quando achavam que o momento estava chegando. Era como um ciclo vicioso: o nervosismo finalmente levava a melhor sobre alguém, e então a pessoa dizia ou fazia algo errado, e aí acabava em uma cela, assistindo a seu último pôr do sol embaçado.

Holston examinou as pastas ao redor, desejando que houvesse algo nelas. Ele condenaria um homem à morte no dia seguinte se isso fosse significar o fim

daquela tensão. Sua esposa estava se aproximando de alguma coisa explosiva, e Holston queria evitar o estouro antes que ela fosse longe demais.

4

Presente

Holston estava sentado no solitário banco de aço na câmara pressurizada, seu cérebro embotado pela falta de sono e pela certeza do que havia diante dele. Nelson, chefe do laboratório de limpeza, estava ajoelhado à sua frente e passava uma das pernas do traje protetor pelo pé de Holston.

— Nós mexemos na vedação das juntas e acrescentamos uma segunda camada de revestimento em spray — dizia Nelson. — Isso deve dar a você mais tempo do que qualquer outra pessoa já teve.

Isso fez Holston se lembrar de quando sua mulher saiu para a limpeza. O último andar do silo, com suas telas enormes que mostravam o mundo exterior, ficava vazio durante as limpezas. As pessoas no interior não aguentavam encarar o que tinham feito, ou talvez quisessem subir e aproveitar uma bela vista sem ter que lidar com o custo da limpeza. Mas Holston viu tudo. Não havia dúvida de que ele assistiria. Ele não conseguia ver o rosto de Allison através da viseira prateada de seu capacete, não via seus braços magros no traje grosso enquanto ela esfregava as lentes sem parar com chumaços de lã, mas conhecia seu andar, seus maneirismos. Ele a viu terminar o trabalho, sem pressa e com capricho, e então ela se afastou, olhou para a câmera pela última vez, acenou para ele, virou-se e foi embora. Como outros haviam feito antes, ela seguiu devagar até um morro próximo e começou a subi-lo, caminhando com dificuldade na direção das torres em ruínas daquela cidade antiga e destruída que mal se via acima do horizonte. Holston ficou o tempo inteiro imóvel. Mesmo quando ela caiu na encosta, agarrando o capacete, e teve convulsões enquanto as toxinas destruíam primeiro o spray de revestimento, depois o traje e, finalmente, seu corpo, ele não se mexeu.

— O outro pé.

Nelson lhe deu um tapa no tornozelo. Holston levantou o pé e deixou que o técnico prendesse o resto do macacão em suas canelas. Olhando para as mãos,

para o traje cinza-grafite justo que usava, Holston visualizou tudo aquilo se dissolvendo com seu corpo, se desfazendo como restos de graxa ressecada no escapamento de um gerador enquanto o sangue escorria de seus poros e formava uma poça sem vida no traje.

— Por favor, se apoie na barra e fique de pé...

Nelson o estava submetendo a uma rotina que ele já vira duas vezes. A primeira com Jack Brent, que foi combativo e hostil até o fim, forçando o xerife a ficar de guarda perto do banco. E depois com sua mulher, que ele viu se preparar pela pequena escotilha da câmara pressurizada. Por ter visto esses outros, Holston sabia o que fazer, mas ainda precisava que o orientassem. Seus pensamentos estavam longe. Ergueu os braços, agarrou a barra do trapézio que pendia acima dele e se levantou. Nelson segurou as laterais do macacão de proteção e as puxou para cima até a cintura de Holston. Dois braços vazios pendiam, um de cada lado.

— A mão esquerda aqui.

Holston obedeceu como se estivesse anestesiado. Era surreal estar do outro lado daquilo, da mecânica caminhada do condenado para a morte. Holston sempre quis saber por que as pessoas se submetiam àquilo, por que simplesmente faziam o que se pedia. Até Jack Brent tinha feito o que lhe mandaram, por mais que tenha gritado e xingado. Allison o fizera em silêncio, assim como ele, pensou Holston enquanto vestia uma das mãos e depois a outra. O traje foi erguido, e Holston achou que talvez as pessoas se submetessem àquilo por não acreditarem que estivesse acontecendo. Nada daquilo era real o bastante para que se rebelassem. A parte animal de sua mente não tinha sido feita para aquilo, para ser conduzida com toda a calma para uma morte da qual estava perfeitamente consciente.

— Vire-se.

Ele se virou.

Sentiu um puxão na parte de baixo das costas e, em seguida, o ruído do zíper subindo até o pescoço. Outro puxão, outro zíper. Duas camadas de futilidade. O barulho do velcro industrial por cima. Tapinhas e conferências finais. Holston ouviu o capacete oco deslizar da prateleira; ele flexionou os dedos nas luvas grossas enquanto Nelson conferia as entranhas do domo.

— Vamos rever os procedimentos mais uma vez.

— Não é necessário — disse Holston em voz baixa.

Nelson olhou para a porta da câmara pressurizada que levava de volta ao silo. Holston não precisava olhar para saber que provavelmente havia alguém

observando.

— Colabore — disse Nelson. — Tenho que fazer tudo de acordo com a leis.

Holston assentiu, mas sabia que não havia nenhuma “lei”. De todas as tradições orais místicas passadas através das gerações no silo, nenhuma se igualava em força ao tratamento quase religioso dos fabricantes de trajes e dos técnicos de limpeza. Todos os respeitavam. Quem limpava podia desempenhar a ação física, mas eram os técnicos que tornavam tudo possível. Aqueles eram os homens e mulheres que preservavam a vista para o mundo mais amplo, além do confinamento sufocante do silo.

Nelson botou o capacete no banco.

— Os limpadores estão aqui.

Ele deu tapinhas nos chumaços de lã presos na parte da frente do traje. Holston puxou um deles, que se soltou com um som de rasgar, e estudou a trama do material grosseiro, então o grudou de volta.

— Dois jatos do produto de limpeza antes de esfregar com a lã, em seguida você seca com esta toalha e, no fim, coloca as películas antierosão.

Nelson deu um tapinha nos bolsos na ordem, apesar de eles estarem identificados e numerados com clareza, de cabeça para baixo, para que Holston pudesse lê-los, cada qual de uma cor diferente.

Holston balançou a cabeça e seus olhos encontraram os do técnico pela primeira vez. Ele se surpreendeu ao ver medo ali, o medo que ele aprendera muito bem a perceber. Ele quase perguntou a Nelson o que havia de errado antes de perceber: o homem estava preocupado com a possibilidade de que todas aquelas instruções fossem em vão, que Holston saísse, como os moradores no silo sempre temiam que todos os limpadores fizessem, e não cumprisse sua obrigação. Não fazer a limpeza para as pessoas cujas regras — regras contra sonhar com um lugar melhor — o haviam condenado. Ou será que Nelson estava preocupado que o equipamento caro e trabalhoso desenvolvido por ele e seus colegas, usando segredos e técnicas muito anteriores ao levante, deixasse o silo e apodrecesse à toa?

— Você está bem? — perguntou Nelson. — Tem alguma coisa apertada demais?

Holston olhou ao redor, no interior da câmara pressurizada. Minha vida está apertada demais, ele queria dizer. Minha pele, as paredes estão apertadas demais.

Ele apenas sacudiu a cabeça.

— Estou pronto — murmurou.

Era verdade. Holston estava estranha e verdadeiramente pronto para ir.

De repente, ele se lembrou de como sua mulher também estivera pronta.

5

Três anos antes

“Eu quero sair. Eu quero sair. Querosairquerosair.”

Holston chegou correndo ao refeitório. Seu rádio ainda estava ligado, o delegado Marnes gritando alguma coisa sobre Allison. Holston nem mesmo parou para responder, apenas subiu apressado os três lances de escada até lá.

— O que está acontecendo? — perguntou. Ele abriu caminho pela multidão aglomerada diante da porta e encontrou sua mulher se debatendo no chão do refeitório, imobilizada por Connor e dois outros encarregados da equipe de alimentação. — Soltem-na! — Ele tirou a tapas as mãos dos empregados das canelas de sua mulher e quase foi recompensado com uma das botas delas no queixo. — Calma — disse, e se voltou para os pulsos que estavam se retorcendo para tentar escapar do aperto desesperado dos homens. — Querida, que diabos está acontecendo?

— Ela saiu correndo na direção da câmara pressurizada — informou Connor grunhindo com o esforço.

Percy imobilizou os pés dela, que não paravam de chutar, e Holston não o deteve. Agora via por que eram necessários três homens. Ele se debruçou sobre Allison, para se assegurar de que ela o visse. Os olhos dela estavam enlouquecidos, atrás de uma cortina de cabelos despenteados.

— Allison, querida, você precisa se acalmar.

— Eu quero sair. Eu quero sair.

A voz dela estava mais tranquila, mas as palavras não paravam de jorrar.

— Não fale isso — pediu Holston. Ele sentiu arrepios pelo corpo ao som daquelas declarações graves. Segurou o rosto dela. — Querida, não diga isso!

Mas parte dele soube, em um lampejo repentino, o que aquilo significava. Sabia que era tarde demais. Os outros tinham ouvido. Todo mundo tinha ouvido. Sua mulher tinha assinado o próprio atestado de óbito.

O salão parecia girar ao redor de Holston enquanto ele implorava a Allison

que ficasse quieta. Era como se ele tivesse chegado à cena de um acidente horrível, alguma desgraça na oficina de máquinas, e encontrado uma pessoa amada ferida. Chegara a tempo de encontrá-la viva e se movendo, mas soubera de imediato que o ferimento era fatal.

Holston sentiu lágrimas quentes escorrerem por seu rosto enquanto tentava afastar os cabelos da face de Allison. Os olhos dela finalmente encontraram os dele, pararam de girar febrilmente e se focaram, conscientes. E, por um instante, apenas um segundo, antes que ele conseguisse se perguntar se ela não teria sido drogada ou maltratada de alguma forma, registrou ali uma calma centelha de clareza, um lampejo de sanidade, de frieza calculista. E então tudo passou, e os olhos ficaram enlouquecidos outra vez enquanto Allison implorava para que a soltassem, repetidas vezes.

— Levantem-na — disse Holston. Seus olhos de marido lacrimejavam enquanto ele deixava o xerife cumpridor de seus deveres assumir o controle. Não havia nada a fazer além de prendê-la, mesmo que tudo que ele quisesse fosse espaço o bastante para gritar. — Por aqui — disse a Connor enquanto o homem segurava os braços de Allison, que se contorcia.

Ele acenou com a cabeça para seu gabinete e a cela de custódia. Logo depois, no fim do corredor, destacava-se a tinta amarela brilhante na grande porta da cabine de pressurização, serena e ameaçadora, silenciosa e à espera.

Quando entrou na cela de custódia, Allison se acalmou de imediato. Ela se sentou no banco, parou de lutar e de falar ininterruptamente, como se tivesse feito uma pausa para descansar e apreciar a vista. Agora era Holston quem tremia, arrasado. Ele andava de um lado para o outro em frente à cela, balbuciando perguntas que permaneciam sem resposta enquanto o delegado Marnes e a prefeita lhe entregavam os documentos processuais. Os dois estavam tratando tanto Holston quanto sua mulher como pacientes. E, mesmo enquanto a cabeça de Holston girava com os horrores da última meia hora, no fundo de sua mente de xerife, sempre alerta para as tensões crescentes no silo, ele estava levemente consciente do choque e dos rumores que reverberavam pelas paredes de vergalhões e concreto. A enorme pressão reprimida do lugar agora já começava a vazar pelas emendas do silo.

— Querida, você precisa falar comigo — implorou ele de novo e de novo.

Ele parou de andar e apertou as barras da cela. Allison estava de costas, olhando fixamente para o telão na parede, para as colinas marrons, o céu cinzento e as nuvens escuras. De vez em quando erguia a mão para tirar o cabelo do rosto, mas, fora isso, ela não se mexia nem falava. Foi só quando a chave de

Holston entrou na fechadura que ela emitiu um único *não* que o convenceu a não girar o trinco, pouco depois de os homens lutarem para botar Allison lá dentro e trancarem a porta.

Enquanto ele suplicava e ela o ignorava, as maquinações da limpeza iminente estavam em ação por todo o silo. Técnicos corriam pelos corredores para preparar e ajustar um traje adequado. As ferramentas de limpeza foram preparadas na câmara pressurizada. Um tanque de gás assoviou em algum lugar enquanto enchiam de argônio as câmaras higienizadoras. Os ruídos dos preparativos às vezes chegavam à cela de custódia, onde Holston estava parado, olhando fixamente para a esposa. Os técnicos, em geral faladores, caíam em um silêncio sepulcral quando se espremiam para passar por ali. Eles pareciam nem *respirar* em sua presença.

Horas se passaram e Allison se recusava a falar, um comportamento que por si só criou comoção no silo. Holston passou o dia inteiro falando e chorando por trás das barras, seu cérebro ardendo em confusão e agonia. A destruição de tudo o que conhecia acontecera em um único instante. Ele tentou assimilar a ideia enquanto Allison ficava sentada na cela, olhando para a terra lúgubre lá fora, parecendo satisfeita com sua situação muito pior de limpadora.

Ela só falou depois que escureceu, após recusar silenciosamente e pela última vez sua derradeira refeição, após os técnicos terem terminado de preparar a câmara pressurizada, fechando a porta amarela e se retirando para uma noite em claro. Depois que o delegado foi embora, dando dois tapinhas nas costas de Holston. Após o que pareceram horas, quando Holston estava quase apagando, exausto de tanto chorar e lamentar, bem depois de o sol enevoado se pôr atrás das colinas visíveis do refeitório e do salão, as colinas que ocultavam os restos da cidade distante em ruínas. Na escuridão quase completa da cela, Allison murmurou algo praticamente inaudível.

— Isso não é real.

Foi isso o que Holston *pensou* ter ouvido. Ele se agitou.

— Querida? — Ele segurou as barras, se ergueu e ficou de joelhos. — Amor — murmurou, limpando as lágrimas que haviam secado em seu rosto.

Ela se virou. Foi como se o sol tivesse mudado de ideia e se erguido de volta de trás dos morros. Vê-la olhar para ele lhe deu esperança. Holston engoliu em seco e começou a pensar que tudo aquilo tinha sido uma doença, uma febre, algo pelo qual o médico pudesse lhe dar um atestado que a inocentasse de tudo o que falara. Ela nunca quisera dizer aquilo. Ela se salvara por sair da loucura, e Holston se salvara por vê-la se virar para ele.

— Nada do que você vê é real — disse ela baixinho.

O corpo dela parecia calmo, mesmo que a loucura continuasse e a condenasse com palavras proibidas.

— Por favor, converse comigo — disse Holston.

Ele acenou para que ela se aproximasse da grade, mas Allison sacudiu a cabeça e deu um tapinha no colchão fino da cama, para que ele se sentasse ao seu lado.

Holston conferiu a hora. O horário de visitas já tinha terminado havia muito. Ele podia ser mandado para a limpeza só pelo que estava prestes a fazer.

A chave entrou na fechadura sem hesitação.

Um estalido metálico soou incrivelmente alto.

Holston juntou-se à esposa e se sentou ao lado dela. Ele estava morrendo por não tocá-la, por não abraçá-la ou arrastá-la dali para algum lugar seguro, de volta para sua cama, onde poderiam fingir que tudo aquilo tinha sido um pesadelo.

Mas ele não ousou se mexer. Ficou sentado, revirando as mãos enquanto ela sussurrava:

— Não precisa ser real. Nada disso. Nada.

Ela olhou para a tela. Holston se inclinou tanto que podia sentir o cheiro de suor seco da agitação daquele dia.

— Amor, o que está acontecendo?

Os cabelos dela se moveram com o hálito de suas palavras. Ela estendeu a mão e esfregou o monitor que escurecia, sentindo os pixels.

— Pode ser de manhã, agora, e nunca saberemos. Pode haver gente lá fora. — Ela se virou e olhou para ele. — Eles podem estar nos observando — disse, com um sorriso sinistro.

Holston retribuiu o olhar. Ela não parecia nada louca, não como mais cedo. Suas *palavras* eram loucas, mas ela não parecia estar assim.

— De onde você tirou essa ideia? — perguntou. Ele achava que sabia, mas perguntou mesmo assim. — Achou alguma coisa nos discos rígidos? — Ele soubera que ela havia corrido direto de seu laboratório para a câmara pressurizada, já gritando desvairada. Algo acontecera enquanto ela estava trabalhando. — O que você descobriu?

— Muitas outras coisas além do último levante foram deletadas — murmurou ela. — É claro. Tudo foi apagado. Todas as coisas recentes, também. — Ela riu. De repente, sua voz ficou alta e seus olhos perderam o foco. — E-mails que você nunca me enviou, aposto!

— Amor. — Holston arriscou tocar suas mãos, e ela não o impediu. Ele as

segurou. — O que você descobriu? Foi um e-mail? De quem?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu descobri os programas que eles usam. Para criar as imagens das telas, que parecem tão *reais*. — Ela tornou a olhar para a noite que caía rapidamente. — TI — disse ela. — Tê, i. São eles. Eles *sabem*. É um segredo que só eles sabem.

Ela sacudiu a cabeça.

— Que segredo?

Holston não sabia dizer se aquilo era maluquice ou algo realmente importante. Ele só sabia que ela estava falando.

— Mas agora eu sei. E você vai saber também. Vou voltar para buscar você, juro. Dessa vez vai ser diferente. Vamos romper o ciclo, você e eu. Vou voltar e vamos subir juntos aquele morro. — Ela riu. — Se é que ele está lá — disse alto. — Se aquele morro estiver lá e for verde, vamos subi-lo juntos.

Ela se virou para ele.

— Não há levante, não exatamente, só um vazamento gradual. Só as pessoas que sabem e querem sair. — Ela sorriu. — Elas conseguem sair. Elas conseguem o que querem. Eu sei por que elas limpam, por que dizem que não vão limpar, mas limpam. E elas nunca voltam, esperam e esperam e esperam, mas eu não vou fazer isso. Vou voltar na mesma hora. Dessa vez vai ser diferente.

Holston apertou as mãos dela. Lágrimas escorriam de seu rosto.

— Querida, por que está fazendo isso?

Ele sentiu que ela queria se explicar agora que o silo estava escuro e eles estavam sozinhos.

— Eu sei sobre os levantes — disse ela.

Holston assentiu.

— Eu sei, você me contou. Houve outros...

— Não. — Allison se afastou dele, mas só para poder encará-lo. Os olhos dela não estavam mais alucinados como antes. — Holston, eu sei por que ocorreram os levantes. Eu sei *por quê*.

Allison mordeu o lábio inferior. Holston esperou, tenso.

— Eu sempre tive dúvidas, desconfianças, de que as coisas não eram tão ruins lá fora como pareciam. Você já sentiu isso, não? Que podíamos estar em *qualquer lugar*, vivendo uma mentira?

Holston sabia que não devia responder, nem piscar. Abordar aquele assunto era algo que levava à limpeza. Ele ficou sentado paralisado, e esperou.

— Provavelmente foram as gerações mais jovens — disse Allison. — A cada

vinte anos, mais ou menos. Eles queriam algo mais, ir além, explorar, acho. Você nunca sentiu essa necessidade? Não sentiu quando era mais novo? — Os olhos dela perderam o foco. — Ou talvez tenham sido os casais, recém-casados, que foram levados à loucura quando souberam que não poderiam ter filhos neste nosso maldito mundo limitado. Talvez estivessem dispostos a arriscar tudo por essa chance...

Os olhos dela se focaram em algo distante. Talvez estivesse vendo aquele bilhete de loteria que eles ainda tinham tempo de resgatar, mas que jamais conseguiriam. Ela olhou de volta para Holston, e ele se perguntou se poderia ser enviado para a limpeza apenas por ficar em silêncio, por não repreendê-la aos berros por pronunciar cada uma daquelas palavras proibidas.

— Podem até ter sido os anciãos residentes — disse ela. — Confinados por tempo demais, sem temer nada nos seus últimos anos, talvez com vontade de sair e ceder espaço para os outros, para os poucos netos preciosos. Quem quer que tenha sido, todos os levantes ocorreram por causa dessa dúvida, da sensação de que *nós* estamos no pior lugar, bem *aqui*.

Ela olhou ao redor da cela.

— Você não pode dizer isso — sussurrou Holston. — Essa é a maior de todas as transgressões...

Allison assentiu.

— Expressar qualquer desejo de sair. É. A maior de todas as transgressões. Você não vê por quê? Por que isso é tão proibido? É porque todas as revoltas começaram com esse desejo, é por isso.

— Você recebe o que você deseja — recitou Holston, palavras que eram enfiadas em sua cabeça desde a infância.

Seus pais o haviam alertado, a seu único filho precioso, para nunca desejar sair do silo. Nem mesmo *pensar* nisso. Não deixar que isso passasse por sua cabeça. O pensamento significava morte instantânea, e seria a destruição da criança tão amada.

Ele olhou de volta para a mulher. Ainda não entendia sua loucura, sua decisão. Então ela havia encontrado programas deletados que podiam fazer com que mundos nas telas de computador parecessem reais. O que aquilo significava? Por que fazer isso?

— Por quê? — perguntou. — Por que fazer as coisas desse jeito? Por que você não veio falar comigo? Com certeza havia um jeito melhor de descobrir o que está acontecendo. Podíamos ter começado contando às pessoas o que você encontrou naqueles HDs...

— E sermos os responsáveis por começar o próximo grande levante? — Allison riu. Ainda restava nela um pouco da loucura, ou talvez agora fosse apenas uma frustração intensa, uma raiva fervilhante. Talvez uma grande traição multigeracional a tivesse feito chegar ao limite. — Não, obrigada — continuou, o riso se acalmando. — Eu apaguei tudo o que descobri. Não quero que eles saibam. Azar o deles se ficarem aqui. Só vou voltar para buscar *você*.

— Ninguém *volta* de lá — retrucou Holston com raiva. — Acha que os exilados ainda estão lá fora? Acha que eles resolveram não voltar porque se sentiram traídos por nós?

— Por que acha que eles fazem a limpeza? — perguntou Allison. — Por que eles pegam a lã e começam a limpar sem hesitação?

Holston deu um suspiro. Estava sentindo sua raiva se esvair.

— Ninguém sabe por quê — respondeu.

— Mas o que você *acha*?

— Nós já conversamos sobre isso — disse ele. — Quantas vezes já discutimos esse assunto? — Ele tinha certeza de que todos os casais sussurravam suas teorias quando estavam sozinhos. Olhou para além de Allison ao se lembrar desses tempos. Olhou para a parede, viu a posição da lua e nela leu a hora da noite. O tempo era curto. No dia seguinte sua mulher não estaria mais ali. Esse pensamento simples sempre retornava, como raios caindo de nuvens de tempestade. — Todo mundo tem teorias. Nós discutimos as nossas inúmeras vezes. Vamos apenas...

— Mas agora você sabe de coisas novas — lembrou Allison. Ela soltou sua mão e tirou o cabelo do rosto. — Você e eu sabemos de coisas novas, e agora tudo faz sentido. Faz todo o sentido. E amanhã vou saber com certeza. — Allison abriu um sorriso e deu um tapinha na mão de Holston, como se ele fosse uma criança. — E um dia, meu amor, você também vai.

6

Presente

Durante o primeiro ano sem ela, Holston esperou, acreditando em sua insanidade, desconfiando da imagem naquela colina, na esperança de que ela voltaria. Passou o primeiro aniversário de sua morte limpando a cela de custódia, lavando a porta amarela da câmara pressurizada, se concentrando para tentar ouvir algum som, uma batida que significasse que o espírito de sua mulher estava de volta para libertá-lo.

Como isso não aconteceu, ele começou a considerar a alternativa: sair e ir atrás de Allison. Passara dias, semanas e meses examinando os arquivos do computador dela, lendo um pouco do que ela reunira, só entendendo as informações pela metade, e ficando ele mesmo um pouco louco. Seu mundo era uma mentira, ele acabou por acreditar. E sem Allison não havia nada por que valesse a pena viver, mesmo que fosse a verdade.

O segundo aniversário da partida dela foi seu ano de covardia. Andara até o trabalho com as palavras perigosas na boca — seu desejo de sair dali —, mas no último segundo ele se segurara. Naquele dia, saiu em patrulha com o delegado Marnes, e o segredo de como havia passado perto da morte o queimou por dentro. Foi um longo ano de covardia, o ano em que decepcionou Allison. O primeiro ano tinha sido um fracasso dela; o segundo, dele. Mas nunca mais.

Então, mais um ano depois, ele estava sozinho na câmara pressurizada vestindo um traje de limpeza, cheio de dúvidas e convicções. O silo estava selado às suas costas, a grossa porta amarela hermeticamente fechada e trancada, e Holston pensou que aquele *não* era o modo como pensara que ia morrer, ou o que esperara se tornar. Ele achava que ia ficar para sempre no silo, e que seus nutrientes iriam parar no mesmo local que o de seus pais: no solo da fazenda do oitavo andar. Parecia uma eternidade desde o tempo em que sonhava com uma família, seu próprio filho, que fantasiava em ter gêmeos ou ganhar de novo na loteria, em ter uma mulher com quem envelhecer junto...

Um sinal elétrico soou do outro lado da porta amarela, alertando para que todos além dele se afastassem. Ele ia ficar. Não havia outro lugar aonde pudesse ir.

As câmaras de argônio silvaram, enchendo a câmara de gás inerte. Depois de um minuto disso, Holston sentiu a pressão do ar enrugando o traje em torno de suas juntas. Respirando o oxigênio que circulava no interior do capacete, parou diante da outra porta, a porta proibida, a que dava para o terrível mundo exterior, e esperou.

Houve um rangido metálico dos pistões instalados nas paredes. As cortinas de plástico sacrificiais que cobriam o interior da câmara pressurizada se franziram devido à pressão provocada pela injeção de argônio. Aquelas cortinas seriam incineradas no interior da câmara pressurizada enquanto Holston fazia a limpeza. A área seria esterilizada antes do anoitecer, preparada para a próxima limpeza.

As grandes portas de metal à sua frente estremeceram, e então uma fresta de espaço surgiu no ponto em que se uniam, e foi se alargando à medida que as portas se recolhiam para dentro do batente. Elas não se abririam por completo, não como tinham sido originalmente projetadas para fazer. O risco da entrada daquele ar tinha que ser minimizado.

Uma torrente de argônio saiu sibilando pela abertura e se transformou em um ronco à medida que o espaço aumentava. Holston se aproximou, horrorizado consigo mesmo por não resistir, perplexo como ficava quando outros faziam o mesmo. Melhor sair, ver o mundo uma vez com os próprios olhos, do que ser queimado vivo com as cortinas de plástico. Melhor sobreviver por mais alguns momentos.

Assim que a abertura ficou larga o bastante, Holston se espremeu por ela, e seu traje arranhou e ficou preso nas portas. Formou-se um véu de neblina ao seu redor com a condensação do argônio no ar menos pressurizado. Ele cambaleou às cegas para a frente, tateando no meio da nuvem fofa.

Enquanto ainda estava naquela névoa, as portas externas roncaram e começaram a se fechar. O uivo das sirenes atrás delas foi engolido pela pressão do aço batendo no aço, que trancou Holston e as toxinas no exterior enquanto as chamas do fogo purificador crepitavam na câmara pressurizada, destruindo qualquer agente contaminador que pudesse ter vazado para o silo.

Holston estava no início de uma rampa de concreto, uma rampa que subia. Seu tempo era curto, e havia uma constante lembrança disso no fundo de sua mente: *Depressa! Depressa!* Sua vida estava se esvaindo. Subiu a rampa com dificuldade, confuso por já não estar no nível do chão, acostumado como estava

a ver o mundo e o horizonte do refeitório e do salão, que ficavam no mesmo nível da câmara pressurizada. Ele se forçou a subir a rampa estreita, com paredes de concreto lascado dos dois lados, seu visor cheio de uma luz brilhante e atordoante. No alto da rampa, Holston viu o paraíso ao qual tinha sido condenado por seu simples pecado da esperança. Ele virava de um lado para outro, confuso, examinando o horizonte, a cabeça zonza pela visão de tanto verde!

Montes verdes, capim verde, um carpete verde sob seus pés. Holston gritou de alegria dentro do capacete. Sua mente girava com a vista. No alto de todo aquele verde, havia exatamente o mesmo tom de azul dos livros infantis, as nuvens brancas imaculadas, o movimento de seres vivos vibrando no ar.

Holston não parava de virar de um lado para outro, absorvendo tudo aquilo. Teve uma memória repentina de sua mulher fazendo o mesmo. Quando a observara, ela parecia desajeitada, virava devagar, quase como se estivesse perdida, confusa ou pensando se devia mesmo fazer a limpeza.

A limpeza!

Holston se abaixou e puxou um chumaço de lã do peito. A limpeza! Ele soube, em uma torrente atordoante, um turbilhão de consciência, por quê, por quê. Por quê!

Ele olhou para onde esperava encontrar a alta parede circular do andar superior do silo, mas é claro que aquela parede estava sob o solo. Tudo o que havia atrás dele era uma pequena elevação de concreto, uma torre de não mais de três metros. Havia uma escada de metal lateral, com uma antena no topo. Ao se aproximar, viu as grandes lentes convexas, as objetivas grande-angulares das poderosas câmeras nas paredes do silo.

Holston pegou seu chumaço de lã e se aproximou da primeira lente. Imaginou a vista de si mesmo do refeitório, andando para a frente com dificuldade, tornando-se impossivelmente grande. Ele tinha visto sua mulher fazer a mesma coisa três anos antes. Holston se lembrou dos gestos dela. Na época, pensara que estava fazendo isso para se equilibrar, mas será que ela estava querendo lhe dizer alguma coisa? Será que estava com um enorme sorriso como o dele naquele momento, seu rosto oculto pelo visor prateado? Será que seu coração estava batendo com uma esperança tola enquanto espalhava o produto de limpeza, esfregava, limpava e aplicava? Holston sabia que o refeitório estaria vazio; não havia sobrado ninguém que o amasse o bastante para assistir, mas ele acenou mesmo assim. E, para ele, não foi com a raiva que ele imaginava que muita gente tinha feito a limpeza. Não era o conhecimento de que os que permaneciam

no silo estavam condenados, e os condenados, livres; não era o sentimento de ter sido traído que guiou a lã em sua mão em pequenos movimentos circulares. Foi pena. Foi pura pena, e uma alegria incontida.

O mundo ficou borrado, mas de um modo bom, à medida que as lágrimas iam enchendo os olhos de Holston. Sua esposa estava certa: a vista no interior era uma mentira. Os morros eram os mesmos, ele os reconheceria com um mero olhar após tantos anos convivendo com eles, mas as cores eram completamente diferentes. As telas no interior do silo, os programas descobertos por Allison, eles de algum modo faziam o verde vibrante parecer cinzento, de algum modo removiam todos os sinais de vida. Vida extraordinária!

Holston removeu a sujeira das lentes das câmeras e se perguntou se o obscurecimento gradual seria real. A sujeira, sem dúvida, era. Ele a viu enquanto esfregava. Mas seria apenas poeira, e não uma fuligem tóxica trazida pelo ar? Será que o programa encontrado por Allison apenas mudava o que era visto? A mente de Holston girava com tantos fatos e ideias novas. Ele parecia uma criança grande, nascida em um mundo enorme, com tanta coisa para descobrir e entender ao mesmo tempo que sua cabeça latejava.

O obscurecimento é real, decidiu, enquanto terminava de limpar a segunda lente. Era um revestimento, como os falsos tons de cinza e marrom que o programa devia usar para ocultar aquele campo verde e o céu azul pontilhado de nuvens brancas. Estavam escondendo deles um mundo tão bonito que Holston tinha que se concentrar para não largar tudo e apenas admirá-lo.

Limpou a segunda das quatro câmeras e pensou nas paredes mentirosas abaixo dele, captando e modificando o que viam. Ele se perguntou quantas pessoas no silo sabiam. Será que *alguém* sabia? Que tipo de devoção fanática seria necessário para manter aquela ilusão deprimente? Ou será que era um segredo *anterior* ao último levante? Seria uma mentira desconhecida, perpetuada por gerações, um conjunto de programas enganador que continuava a rodar nos computadores do silo sem que ninguém soubesse? Porque, se alguém soubesse, se pudessem mostrar qualquer coisa, por que não algo bonito?

Os levantes! Talvez tivessem o propósito de evitar que eles continuassem a se repetir. Holston aplicou a película protetora no segundo sensor e se perguntou se a mentira feia de um mundo exterior desagradável seria uma tentativa equivocada de evitar que as pessoas *quisessem sair*. Será que alguém havia decidido que a verdade era pior do que perder o poder, ou o controle? Ou seria algo ainda mais profundo e sinistro? Um medo da liberdade, do descontrole, do tenha-quantas-crianças-quiser? Tantas possibilidades horríveis.

E Allison? Onde estava ela? Holston caminhava com dificuldade. Fez a volta na torre de concreto na direção da terceira lente e avistou os arranha-céus ao mesmo tempo familiares e estranhos na cidade distante. Só que havia mais prédios do que o normal, suas silhuetas se estendiam para os dois lados, e havia um edifício desconhecido que assomava à frente. Os outros, os que ele conhecia de cor, estavam inteiros e reluzentes, não eram ruínas retorcidas. Holston olhou acima da crista das colinas verdejantes e imaginou Allison chegando de trás de uma delas a qualquer minuto. Mas isso era ridículo. Como ela poderia saber que ele tinha sido banido naquele dia? Será que ela iria se lembrar do aniversário de seu próprio banimento? Mesmo depois de ele ter perdido os dois últimos? Holston amaldiçoou sua antiga covardia, os anos desperdiçados. Resolveu que era ele quem teria que ir atrás dela.

Teve o impulso repentino de fazer exatamente isso, arrancar o capacete e o traje volumoso e subir o morro vestindo apenas o traje protetor cinza-grafite, inspirando profundamente o ar limpo e rindo sem parar durante todo o caminho até sua esposa, à espera em alguma cidade vasta e incrível, cheia de gente e crianças brincando.

Mas não, era preciso manter as aparências, preservar as ilusões. Ele não tinha certeza da razão, mas Allison tinha feito aquilo, assim como todos os outros limpadores antes dele. Holston agora era um membro do clube, um membro do clube dos excluídos. Havia um histórico, *precedentes* que deviam ser obedecidos. Eles deviam ter seus motivos. Holston levaria a encenação adiante em prol do exclusivo grupo ao qual agora pertencia. Não tinha certeza de por que estava fazendo aquilo, só de que todos os que vieram antes dele tinham feito, e veja só o segredo que eles compartilhavam. O segredo era uma droga poderosa. Ele só conseguia fazer o que tinham mandado, seguir os números nos bolsos, limpar mecanicamente enquanto refletia sobre as enormes implicações de um mundo exterior tão grande que era impossível conhecê-lo inteiro durante uma vida, impossível respirar todo o seu ar, beber toda a sua água, comer toda a sua comida.

Holston sonhava com coisas como essas enquanto obedientemente limpava a terceira lente, esfregava, aplicava, borrifava, e então foi para a última. Sua pulsação era audível, seu coração batia dentro daquele traje apertado. Falta pouco, disse a si mesmo. Usou o segundo chumaço de lã, esfregou, aplicou e borrifou pela última vez, então guardou tudo de volta, de volta nos bolsos numerados, sem querer sujar o chão maravilhoso e saudável sob seus pés. Ao terminar, Holston se afastou, deu uma última olhada para os ninguéns que não

estavam vendo do refeitório nem do salão, e então deu as costas para as pessoas que tinham dado as costas para Allison e para os outros antes dele. Havia alguma razão para ninguém voltar para buscar as pessoas lá dentro, pensou Holston, assim como havia uma razão para todos fazerem a limpeza mesmo quando diziam que não iam limpar. Ele estava livre, ia se juntar aos outros, então se dirigiu para a rampa escura que subia a encosta, seguindo os passos da esposa, sabendo que um peso em especial, que jazia dentro dele havia muito, não estava mais lá. Isso, também concluiu Holston, não havia passado de outra terrível mentira pixelada.

7

Holston tinha dado pouco mais de dez passos encosta acima, ainda deslumbrado com a beleza da grama e o brilho do céu, quando sentiu a primeira pontada de dor no estômago. Era um aperto dolorido, como se estivesse com fome. No início, ficou preocupado com a possibilidade de estar indo depressa demais, primeiro com a limpeza e agora com aquele andar arrastado e impaciente dentro do traje desajeitado. Ele não queria tirá-lo até chegar do outro lado do morro, fora do campo de visão, mantendo qualquer ilusão produzida pelos telões das paredes do refeitório. Ele se concentrou no alto dos edifícios e se resignou a ir mais devagar e se acalmar. Um passo de cada vez. Anos e anos de subir e descer correndo trinta lances de escadas deviam tornar aquilo muito fácil.

Outra pontada de dor. Dessa vez mais forte. Holston fez uma careta e parou de caminhar, esperando que passasse. Quando foi a última vez que tinha se alimentado? Não comera nada no dia anterior, isso com certeza. Burro. Quando tinha ido ao banheiro pela última vez? Também não conseguia se lembrar. Talvez precisasse tirar aquele traje antes do que esperava. Quando a onda de enjoo passou, avançou mais um pouco, torcendo para chegar ao alto do morro antes que a dor voltasse. Ele só conseguiu dar uns dez passos antes de ser atingido por ela, desta vez com mais força. Holston sentiu uma forte ânsia de vômito, e agora o estômago vazio era uma bênção. Agarrou a barriga, e os joelhos cederam em um tremor de fraqueza. Desabou no chão e gemeu. O suor que escorria de sua testa pingava no capacete. Ele viu flashes, o mundo inteiro ficou completamente branco várias vezes, como relâmpagos. Confuso e às cegas, rastejou, sempre para cima, movendo-se com grande esforço, a mente atônita concentrada em seu último objetivo claro e definido: chegar ao topo daquele morro.

Sua visão tremeluziu repetidas vezes. O visor deixava entrar uma luz clara e forte antes de piscar e tornar a se apagar. Estava ficando difícil enxergar. Holston tropeçou em algo à sua frente, e seu braço cedeu e o ombro bateu no chão. Piscou e olhou para o alto do morro, tentando ver uma imagem clara do que havia adiante, mas viu apenas imagens fugazes e incertas de grama verde.

Então a visão desapareceu por completo. Tudo ficou negro. Holston tentava agarrar o rosto, apesar de o estômago se revirar em mais um nó torturante. De repente viu um brilho, um piscar, então soube que não estava cego. Mas o piscar parecia vir de *dentro* do capacete. Era o *visor* que tinha repentinamente ficado cego, não ele.

Holston tentou encontrar os fechos na parte de trás do capacete. Ele se perguntou se tinha usado todo o seu ar. Será que estava asfixiando? Envenenado pelas próprias substâncias que expirara? É claro! Por que dariam a ele mais ar do que o necessário para fazer a limpeza? Tateou em busca dos fechos do capacete com as luvas grossas. Elas não tinham sido feitas para isso. As luvas eram parte do traje, uma peça única fechada com zíper duplo e velcro nas costas. Não fora projetado para ser retirado, não sem ajuda. Holston ia morrer nele, envenenando a si mesmo, sufocado pelos próprios gases, e naquele momento conheceu o verdadeiro medo do confinamento, uma sensação real de estar sendo enterrado. O silo não era nada comparado àquilo — ele lutava para se libertar enquanto se retorcia de dor dentro do caixão sob medida. Ele se contorcia e batia nos fechos, mas seus dedos acolchoados eram grandes demais. E a cegueira piorava tudo, fazia com que se sentisse sufocado e aprisionado. Ele tornou a se contorcer de dor e dobrou o corpo. As mãos estendidas na terra sentiram algo pontudo através da luva.

Tateou em busca do objeto e entendeu o que era: uma pedra grande e irregular. Uma ferramenta. Holston tentou se acalmar. Os anos dedicados a preservar a calma, tranquilizar os outros, levar estabilidade ao caos, voltaram à sua mente. Agarrou a pedra com cuidado, morrendo de medo de perdê-la para sua cegueira, e golpeou o capacete. Por um breve instante pensou em cortar as luvas com a rocha, mas não tinha certeza se sua sanidade ou seu ar durariam tanto. Golpeou com a ponta da pedra no local onde ele imaginava estar o trinco. Ouviu o estalo quando bateu. *Craque, craque*. Parou para examinar o local com o dedo acolchoado e voltou a sentir ânsia de vômito. Holston mirou com mais cuidado. O resultado foi um *clique* em vez de um *craque*. Uma fresta de luz penetrou quando uma das laterais do capacete se soltou. Holston estava se asfixiando com a própria exalação, com o ar usado e envelhecido que o cercava. Trocou a pedra de mão e tentou acertar o segundo trinco. Bateu duas vezes até acertar, e o capacete saiu.

Holston podia *ver*. Seus olhos queimavam pelo esforço, por não conseguir respirar, mas ele podia ver. Piscou para afastar as lágrimas e tentou inalar um hausto profundo e revigorante do ar azul para encher os pulmões.

Em vez disso, sentiu o que pareceu um soco no peito. Holston vomitou, apenas saliva e bile, suas próprias entranhas parecendo querer se libertar. O mundo ao redor tinha ficado marrom. Grama marrom e céu cinza. Sem verde. Sem azul. Sem vida.

Ele desmoronou para o lado e caiu de ombro. O capacete estava aberto no chão à sua frente, com o visor negro e sem vida. O visor não tinha transparência nenhuma. Holston o apanhou, confuso. A parte externa tinha um revestimento prateado; na interna, não havia nada. Não havia vidro, só uma superfície irregular com fios entrando e saindo. Uma tela apagada. Pixels mortos.

Vomitou de novo. Quase sem forças, limpou a boca, olhando morro abaixo e vendo com os próprios olhos o mundo como realmente era: vazio e desolado. Ele soltou o capacete, largando a mentira que tinha trazido com ele do silo. Estava morrendo. As toxinas o estavam devorando por dentro. Piscou para as nuvens negras lá em cima, que corriam como animais. Virou-se para ver a distância que tinha percorrido, quanto faltava para chegar ao topo do morro, e então viu a coisa em que tropeçara enquanto tentava rastejar. Um monte adormecido. Não aparecera no visor, não fizera parte da mentira da tela que rodava um dos programas que Allison tinha descoberto.

Holston esticou o braço e tocou o objeto à frente, o traje branco que se desfez como se fosse uma pedra quebradiça. Ele se curvou com a dor provocada pela morte lenta que o tomava, segurou o que restava de sua mulher e pensou, com um último suspiro agonizante, como devia estar sendo sua morte para aqueles que puderam vê-la, essa morte lenta, ele todo encolhido na depressão escura de uma colina marrom e sem vida, com uma cidade desolada em escombros assomando ao fundo.

O que realmente estaria vendo a pessoa que resolvera assistir àquilo?

PARTE 2 – A MEDIDA CERTA

8

Os pares de agulhas de tricô descansavam em uma bolsinha de couro, varetas de madeira idênticas, lado a lado como os delicados ossos do pulso envolto em carne ressecada e antiga. Madeira e couro. Artefatos, como pistas, transmitidas de geração a geração, rastros inócuos de seus ancestrais, inofensivos como livros infantis e entalhes em madeira, coisas que tinham conseguido sobreviver ao levante e ao expurgo. Cada pista era como um pequeno indício de um mundo além do seu, um mundo no qual prédios se erguiam na superfície, como as ruínas acima dos morros cinza e sem vida.

Depois de muita deliberação, a prefeita Jahns selecionou um par de agulhas. Ela sempre escolhia com cuidado, pois a medida certa era fundamental. Com uma agulha pequena demais, ficava difícil tricotar, e o suéter produzido ficava justo e apertado demais. Uma agulha muito grande, por outro lado, criava uma peça cheia de buracos. O tricô ficava folgado e era possível ver através dele.

Jahns fez sua escolha, removeu os ossos de madeira de seu pulso de couro e pegou o grande novelo de lã. Era difícil acreditar, ao olhar para aquele emaranhado de fibras retorcidas, que suas mãos podiam transformá-lo em algo ordenado, útil. Ela pescou a ponta do fio, pensando em como as coisas se desenvolviam. Naquele momento, seu suéter era pouco mais do que uma confusão de fios e um pensamento. Retrocedendo no tempo, os fios daquele novelo tinham sido fibras de algodão plantadas nas fazendas, arrancadas, limpas e retorcidas em fios compridos. Se fosse além, a essência do próprio algodoeiro podia ser ligada às almas que tinham sido postas para descansar no solo, alimentando as raízes com o próprio couro enquanto o ar acima assava sob toda a glória das poderosas lâmpadas de cultivo.

Jahns sacudiu a cabeça diante de sua própria morbidez. Quanto mais velha ficava, mais rápido sua mente se voltava para a morte. Sempre, no fim, pensamentos sobre a morte.

Com experiente cuidado, ela fez um laço com a ponta do fio em torno de uma agulha e armou uma teia triangular com os dedos. A ponta da agulha dançava

através daquele triângulo, formando a primeira linha de pontos. Esta era sua parte favorita: fazer a primeira linha do tricô. Ela gostava de começos. A primeira fileira. Quando algo se formava do nada. Como suas mãos sabiam o que fazer, ela ficava livre para erguer os olhos e ver uma lufada de vento matinal perseguindo montes de poeira descendo a encosta da colina. Hoje as nuvens estavam baixas e ameaçadoras. Assomavam como pais preocupados acima daqueles pequenos rodamoinhos velozes soprando a terra, que saltitavam como crianças correndo, girando e caindo, seguindo os barrancos e vales enquanto fluíam na direção de uma grande dobra onde dois morros colidiam para se tornar um. Ali, Jahns observava ondas de poeira baterem contra dois cadáveres, os gêmeos brincalhões de terra se desvanecendo em fantasmas, crianças travessas sólidas novamente retornando aos sonhos e voando com as nuvens.

A prefeita Jahns se recostou em sua cadeira de plástico esmaecida e observou os ventos caprichosos brincarem no mundo proibido lá fora. Suas mãos trabalhavam as fileiras de nós, e só eram necessárias olhadas rápidas de vez em quando para não se perder. Às vezes a poeira voava na direção dos sensores do silo em ondas, e cada uma a fazia se encolher como se estivesse prestes a receber o impacto no próprio corpo. O ataque da nuvem de poeira sempre era triste de se ver, mas ficava especialmente brutal no dia seguinte a uma limpeza. Cada toque da poeira nas lentes recém-desembaçadas era uma violação, um homem pervertido tocando algo puro. Jahns se lembrava dessa sensação. E, sessenta anos depois, ela às vezes se perguntava se as camadas de poeira nas lentes, se o sacrifício exigido para mantê-las limpas, não eram para ela algo ainda mais doloroso de suportar.

— Senhora?

A prefeita Jahns desviou os olhos das colinas mortas que embalavam seu xerife havia pouco falecido. Ela se virou e encontrou o delegado Marnes parado ao seu lado.

— O que é, Marnes?

— A senhora pediu isto.

Marnes colocou três pastas de papel pardo sobre a mesa do refeitório e as empurrou na direção dela por entre farelos espalhados e manchas de suco, restos da celebração da limpeza que havia acontecido na noite anterior. Jahns pôs seu tricô de lado e pegou as pastas. O que realmente queria era ficar sozinha um pouco mais para ver as linhas de pontos se transformarem em alguma coisa. Queria aproveitar a paz e a tranquilidade daquele alvorecer antes que a poeira e os anos tirassem seu brilho, antes que o restante do silo superior despertasse,

esfregasse o sono dos olhos e as máculas da consciência e subisse para se reunir em volta dela em suas cadeiras de plástico e absorver a novidade.

Mas o dever a chamava: ela era a prefeita por opção, e o silo precisava de um xerife. Por isso Jahns deixou de lado seus desejos e vontades e examinou as pastas em seu colo. Enquanto alisava a capa da primeira, olhou para suas mãos com um sentimento entre a dor e a aceitação. O dorso parecia tão seco e farelento quanto o papel barato que escapava da pasta. Ela olhou para o delegado Marnes, cujo bigode branco era salpicado com alguns fios pretos. Ela se lembrou de quando as cores eram invertidas, quando seu corpo alto e esbelto era uma marca de vigor e juventude, em vez de fragilidade e magreza. Ele ainda era bonito, mas só porque ela o conhecia havia muito tempo, só porque seus olhos velhos ainda lembravam.

— Sabe — disse ela a Marnes. — Podíamos fazer diferente dessa vez. Você podia me deixar promovê-lo a xerife, contratar um novo delegado e resolver logo isso.

Marnes riu.

— Sou delegado há quase tanto tempo quanto você é prefeita. Não me vejo de nenhum outro jeito, além de morto, um dia.

Jahns assentiu. Uma das coisas que amava em ter Marnes por perto era que os pensamentos dele podiam ser tão sombrios que faziam os dela parecerem quase normais.

— Acho que esse dia está chegando depressa para nós dois — disse ela.

— Isso é bem verdade, tenho que admitir. Nunca pensei que ia viver mais que tanta gente. Mas com certeza não imagino que eu vá viver mais que você.

Marnes esfregou o bigode e estudou a vista do exterior.

Jahns sorriu para ele, abriu a pasta de cima e estudou a primeira biografia.

— São três candidatos decentes — disse Marnes. — Exatamente como me pediu. Gostaria de trabalhar com qualquer um deles. Juliette, acho que a pasta dela é a do meio, seria minha primeira opção. Trabalha lá embaixo, na mecânica. Não sobe muito aqui, mas Holston e eu...

Marnes fez uma pausa e limpou a garganta. Jahns ergueu os olhos e viu que o olhar do delegado se dirigira para a depressão escura no morro. Ele cobriu a mão com um punho de juntas salientes e fingiu tossir.

— Desculpe — disse. — Como eu estava dizendo, o xerife e eu investigamos uma morte lá embaixo há alguns anos. Essa Juliette... pensando bem, acho que ela prefere ser chamada de Jules... era muito boa. Muito astuta e observadora. Ajudou bastante no caso: foi boa em perceber detalhes, lidar com as pessoas, ser

diplomática, mas firme, isso tudo. Acho que ela não costuma subir muito além dos oitenta. Com certeza, uma pessoa das profundezas, coisa que não temos há muito tempo.

Jahns examinou a pasta de Juliette e conferiu sua árvore genealógica, seu histórico de vales, seu salário atual. Ela estava registrada como chefe de turno, com bons resultados. Não tinha histórico na loteria.

— Nunca se casou? — perguntou Jahns.

— Não. É um pouquinho masculinizada. Durona, sabe? Passamos uma semana lá embaixo e vimos como os caras gostavam dela. Bom, ela poderia escolher o rapaz que quisesse, mas prefere não fazer isso. O tipo de pessoa marcante, mas que prefere viver sozinha.

— Ela parece mesmo ter marcado você — disse Jahns, e se arrependeu imediatamente; odiou o tom de ciúmes em sua voz.

Marnes passou o peso do corpo para o outro pé.

— Bem, você me conhece, prefeita. Estou sempre avaliando candidatos. Tudo para não ser promovido.

Jahns sorriu.

— E os outros dois?

Ela conferiu os nomes, se perguntando se uma mulher das profundezas seria uma boa ideia. Ou talvez temesse que Marnes estivesse apaixonado. Ela reconheceu o nome na primeira pasta. Peter Billings. Ele trabalhava no Judicial, alguns pavimentos abaixo, como escrivão ou sombra de um juiz.

— Honestamente, senhora? Eles servem apenas para fazer número e parecer algo justo. Como já disse, eu trabalharia com todos, mas acho que Jules é sua garota. Faz muito tempo que não temos uma xerife. Seria uma escolha popular, com as eleições chegando.

— Não vamos tomar a decisão com base nisso — disse Jahns. — Quem quer que seja escolhido provavelmente continuará aqui muito depois que nós morrermos...

Ela se interrompeu ao se lembrar de ter dito a mesma coisa sobre Holston, na época em que ele tinha sido selecionado. Jahns fechou a pasta e voltou a atenção para a parede-monitor. Um pequeno tornado se formara na base do morro, a poeira reunida e varrida em um frenesi organizado. Aquilo produzia uma névoa, aquela pequena nuvem de poeira, que crescia e se transformava em um cone maior, girando e girando em cima de uma ponta oscilante como uma criança brincando enquanto corria na direção dos sensores, que brilhavam nitidamente sob os raios pálidos de um amanhecer limpo.

— Acho que devíamos ir vê-la — disse Jahns finalmente, com as pastas ainda no colo e os dedos como pergaminhos enrolados brincando com as bordas irregulares do papel artesanal.

— Senhora? Acho melhor chamá-la aqui em cima. Fazer a entrevista em seu gabinete, como sempre. É um longo caminho até lá embaixo, e ainda mais longo para voltar.

— Fico grata por sua preocupação, delegado, de verdade. Mas faz um bom tempo que não vou muito além do quadragésimo. Meus joelhos não são desculpa para não ver meu povo.

A prefeita parou. O tornado de poeira oscilou, virou e seguiu direto na direção deles. Crescia cada vez mais, distorcido pela lente grande-angular em um monstro muito maior e mais ameaçador do que ela sabia ser na verdade, então passou pelas câmeras, e o refeitório inteiro mergulhou em uma breve escuridão enquanto aquilo passava ricocheteando e começava a se afastar na tela do salão, deixando para trás uma vista do mundo agora maculada por uma leve camada de poeira.

— Odeio essas coisas — disse o delegado Marnes entre os dentes.

O couro envelhecido de seu coldre gemeu quando ele tocou a coronha do revólver, e Jahns imaginou o velho delegado lá fora naquela paisagem, perseguindo o vento com suas pernas finas enquanto atirava em uma nuvem efêmera de poeira.

Os dois ficaram um instante sentados em silêncio, avaliando os danos. Finalmente, Jahns abriu a boca.

— Essa ida até lá não tem nada a ver com a eleição, Marnes. Também não vai ser por votos. Até onde sei, serei novamente a única candidata. Então sejamos discretos: vamos descer com cuidado e sem chamar a atenção. Eu quero *ver* o meu povo, não ser vista por ele. — Ela olhou para Marnes e viu que ele a observava. — É por mim. Uma fuga.

Ela se virou de novo para a vista.

— Às vezes... Às vezes eu simplesmente acho que já estou aqui em cima há tempo demais. Nós dois. Acho que já estamos há tempo demais em *todo lugar*...

O clangor dos passos matinais na escada metálica em espiral interrompeu seu raciocínio, e os dois se viraram na direção do som da vida, do som de um novo dia começando. E ela sabia que era hora de começar a tirar a imagem de coisas mortas da cabeça. Ou pelo menos enterrá-las por algum tempo.

— Vamos descer e ver se essa Juliette é a pessoa certa para o posto. Porque, às vezes, ficar sentada aqui olhando para o que o mundo nos leva a fazer... isso me

aborrece muito. Me aborrece demais.

* * *

Eles se encontraram depois do café da manhã no velho gabinete de Holston. Jahns ainda pensava na sala assim, um dia depois. Era cedo demais para pensar naquele lugar como qualquer outra coisa. Ela parou atrás das duas mesas idênticas e dos velhos arquivos e deu uma olhada no interior da cela de custódia enquanto o delegado Marnes dava instruções de última hora para Terry, um corpulento funcionário de segurança da TI que costumava segurar as pontas quando Marnes e Holston saíam para resolver um caso. Havia uma adolescente chamada Marsha parada diligentemente atrás de Terry, uma menina de cabelos escuros e olhos brilhantes que era aprendiz da TI. Ela era a sombra de Terry; cerca de metade dos trabalhadores no silo tinha uma. Com idades entre doze e vinte anos, as sombras acompanhavam os trabalhadores o tempo inteiro e absorviam como esponjas as lições e técnicas necessárias para manter o silo funcionando por pelo menos mais uma geração.

O delegado Marnes lembrou a Terry como as pessoas ficavam indisciplinadas após a limpeza. Depois que a tensão aliviava, as pessoas tendiam a extravasar um pouco. A maioria era jovem demais para se recordar da última limpeza dupla, então não achava que poderia acontecer. Pensava que, pelo menos por alguns meses, tudo era permitido.

O aviso nem era necessário. O clima festivo no ambiente ao lado podia ser ouvido através da porta fechada. A maioria dos residentes dos quarenta níveis superiores já estava amontoada no refeitório e no salão. Outras centenas dos intermediários e das profundezas iriam subir aos poucos até ali durante o dia, pedindo folga no trabalho e trocando seus salários e vales de folgas e feriados só para admirar a vista mais limpa do mundo exterior. Para muitos, era uma peregrinação. Alguns só subiam uma vez a cada vários anos, passavam uma hora por ali murmurando que nada havia mudado, então desciam as escadas com suas crianças logo à frente, lutando contra a multidão que subia.

Terry foi deixado com as chaves e um distintivo temporário. Marnes checou as baterias de seu comunicador, se assegurou de que o volume na unidade que ficaria no gabinete estava alto e inspecionou sua arma. Apertou a mão de Terry e lhe desejou boa sorte. Jahns sentia que estava quase na hora de partir e deu as costas para a cela vazia. Ela se despediu de Terry, acenou com a cabeça para Marsha e saiu atrás de Marnes.

— Você está confortável em sair do gabinete logo depois de uma limpeza? — perguntou ela enquanto chegavam ao refeitório.

Ela sabia como aquilo iria ficar tumultuado à noite, e como seria difícil controlar a multidão. Parecia um péssimo momento para tirá-lo de lá a fim de cumprir uma tarefa quase completamente egoísta.

— Está falando sério? Eu preciso disso. Preciso escapar um pouco. — Ele olhou de relance para a tela na parede, escondida atrás das pessoas. — Ainda não consegui descobrir o que Holston estava pensando, não consigo entender por que ele nunca falou comigo sobre tudo o que estava passando pela cabeça dele. Talvez quando a gente voltar eu não o sinta mais no gabinete, porque agora mal consigo respirar ali.

Jahns pensou nisso enquanto eles abriam caminho através da multidão no refeitório. Copos plásticos respingavam uma mistura de sucos de fruta, e ela sentiu no ar o cheiro de álcool feito em casa, mas o ignorou. As pessoas estavam lhe desejando boa sorte, recomendando cautela, prometendo votos. A notícia de sua viagem se espalhara mais rápido do que o ponche batizado, apesar de ela não ter contado a praticamente ninguém. A maioria achava que era uma demonstração de suas boas intenções. Uma campanha para a reeleição. Os residentes mais jovens do silo, que só se lembravam de Holston como xerife, já estavam cumprimentando Marnes e tratando-o pelo título honorífico. Aqueles com rugas nos olhos sabiam que não era bem assim. Eles assentiam enquanto atravessavam o refeitório e lhes desejavam um tipo diferente e silencioso de sorte. *Mantenham-nos firmes,* diziam seus olhos. *Façam com que nossos filhos possam viver tanto quanto nós. Não deixem que tudo desmorone, ainda não.*

Jahns vivia sob essa pressão, um fardo brutal que pesava não só em seus joelhos. Ela permaneceu em silêncio enquanto seguiam para a escadaria central. Algumas pessoas lhe pediram para fazer um discurso, mas as vozes solitárias não ganharam força. Não se formou um coro, para seu alívio. O que ela diria? Que não sabia como aquilo tudo ainda funcionava? Que ela não entendia nem seu próprio tricô? Que era como fazer nós, e se você os fizesse direito, as coisas simplesmente funcionavam? Será que diria a eles que bastava um pequeno erro para que tudo desmoronasse? Um corte, e você podia puxar o fio sem parar e transformar aquele traje em um emaranhado. Será que eles realmente esperavam que ela soubesse, quando tudo o que fazia era seguir as regras, e de algum modo aquilo continuava a funcionar, ano após ano após ano?

Porque ela não entendia o que mantinha tudo aquilo funcionando. E não entendia o estado de espírito deles, a comemoração. Estavam bebendo e gritando

por estarem em segurança? Por terem sido poupados pelo destino, e outro ter sido encarregado de fazer a limpeza? Seu povo vibrava e aplaudia enquanto um bom homem, um amigo, seu parceiro em mantê-los vivos e a salvo, estava morto no alto de uma colina ao lado de sua mulher. Se fizesse um discurso, se ele não saísse cheio de palavras proibidas, falaria o seguinte: que nunca houvera duas pessoas melhores a saírem por vontade própria para fazer a limpeza. O que isso dizia sobre aqueles que haviam ficado?

Aquela não era uma boa hora para discursos. Nem para beber. Nem para se divertir. Aquele era o momento de fazer uma contemplação silenciosa, e esta era uma das razões pelas quais Jahns sabia que precisava se afastar. As coisas tinham mudado. Não só naquele dia, mas ao longo dos anos. Ela sabia mais que a maioria. Talvez a velha senhora McNeil lá embaixo no departamento de Suprimentos soubesse, pudesse sentir a aproximação. Era preciso viver muito tempo para ter certeza, mas agora Jahns também sentia. E, à medida que o tempo passava, levando seu mundo muito mais rápido do que seus pés podiam acompanhar, a prefeita sabia que ele logo a deixaria completamente para trás. E seu grande temor, não dito, mas sentido a cada dia, era que aquele mundo deles provavelmente não iria muito longe sem ela.

9

A bengala de Jahns retinia ao bater nos degraus da escada de metal. Logo se transformou em um metrônomo para a descida deles, marcando o tempo da música da escadaria, que estava movimentada e vibrando com a energia de uma limpeza recente. Todos pareciam se dirigir para cima, exceto os dois. Eles seguiam aos empurrões contra o fluxo, dando alguns encontrões e ouvindo gritos de “Ei, prefeita!” seguidos de acenos de cabeça para Marnes. Jahns percebeu no rosto das pessoas a tentação de chamá-lo de xerife, controlada somente por respeitarem a terrível natureza da suposta promoção.

— Quantos andares está disposta a descer?

— Por quê? Você já está cansado?

Jahns olhou por cima do ombro para lhe lançar um olhar divertido e percebeu seu bigode volumoso retorcer-se em um sorriso.

— Descer não é problema para mim. O que não suporto é subir de volta.

As mãos dos dois se encontraram brevemente no corrimão da escada em caracol, a de Jahns um pouco atrás do corpo, a de Marnes estendida à frente. Ela teve vontade de dizer que não estava nada cansada, mas sentiu uma fadiga repentina, uma exaustão mais mental que física. Em uma visão infantil de tempos mais jovens, imaginou Marnes tomando-a nos braços e descendo a escadaria com ela no colo. Seria uma doce liberação da força e da responsabilidade poder afundar no poder de outra pessoa, sem necessidade de fingir o próprio. E não era uma recordação do passado; era um futuro que nunca aconteceu. Jahns se sentiu culpada só de pensar nisso. Imaginou o marido a seu lado, o espírito perturbado pelos pensamentos dela...

— Prefeita? Em quantos a senhora está pensando?

Os dois pararam e se agarraram ao corrimão quando um portador passou por eles, fazendo grande esforço para subir as escadas. Jahns reconheceu o rapaz, Conner, ainda na adolescência, mas já com as costas largas e o passo firme. Ele levava uma variedade de pacotes amarrados juntos e equilibrados no ombro. A careta em seu rosto não era de exaustão ou dor, mas de aborrecimento. Quem

eram todas aquelas pessoas que de repente estavam em suas escadas? Aqueles turistas? Jahns pensou em algo animador para dizer, alguma pequena recompensa verbal para aquelas pessoas que faziam um serviço que seus joelhos jamais lhe permitiriam fazer, mas ele já estava longe, com seus pés jovens e fortes, levando alimentos e suprimentos lá das profundezas, retardado apenas pela aglomeração do fluxo de gente que tentava chegar ao topo do silo para dar uma olhada na vista clara e ampla do exterior.

Ela e Marnes pararam entre os lances da escada para recuperar o fôlego. Marnes passou seu cantil para ela, que bebeu um gole educado antes de devolvê-lo.

— Eu queria fazer metade hoje — respondeu ela finalmente. — Mas com algumas paradas no caminho.

Marnes bebeu um grande gole de água e começou a atarraxar a tampa de volta.

— Vai visitar algumas pessoas?

— Mais ou menos. Quero parar no berçário do vigésimo.

Marnes riu.

— Beijar bebês? Prefeita, ninguém vai votar contra a senhora. Não na sua idade.

Jahns não riu.

— Obrigada — disse ela com uma máscara de falso sofrimento. — Mas não, não é para beijar bebês. — Ela lhe deu as costas e recomeçou a descer as escadas. Marnes a seguiu. — Não é que não confie em sua opinião profissional sobre essa moça, Jules. Você não fez nenhuma escolha errada desde que me tornei prefeita.

— Nem...? — interrompeu Marnes.

— Especialmente ele — disse Jahns, sabendo em que Marnes estava pensando. — Ele era um bom homem, mas estava com o coração partido. Isso acaba até com os melhores.

Marnes resmungou em anuência.

— Então o que vamos fazer no berçário? Essa Juliette não nasceu no vigésimo, não que eu me lembre...

— Não, mas é onde o pai dela trabalha agora. Achei que, como íamos passar por lá, podíamos conhecer o homem, tentar descobrir algo sobre a moça.

— O pai como testemunha do caráter? — Marnes riu. — Não acho que você vai conseguir muita imparcialidade aí.

— Acho que você vai ficar surpreso — disse Jahns. — Pedi para Alice fazer

uma pesquisa enquanto eu arrumava a bagagem. Ela descobriu uma coisa interessante.

— É mesmo?

— Essa tal Juliette ainda tem todos os vales-férias que ganhou.

— Isso não é raro para o pessoal da Mecânica — disse Marnes. — Eles fazem muita hora extra.

— Não só ela não sai, como também não recebe visitas.

— Não vejo aonde você quer chegar com isso.

Jahns esperou uma família passar. Um menininho, com uns seis ou sete anos, ia nos ombros do pai com a cabeça abaixada para evitar bater nos degraus acima. A mãe subia atrás com uma bolsa de mudas de roupas a tiracolo e um bebê enroladinho nos braços. Era a família perfeita, pensou Jahns. Substituindo a si mesmos. Dois por dois. Era exatamente esse o objetivo da loteria, que às vezes era alcançado.

— Bem, me deixe então contar a você aonde quero chegar — falou para Marnes. — Quero encontrar o pai da moça, olhá-lo nos olhos e perguntar a ele por que, nos quase vinte anos desde que a filha se mudou para a Mecânica, ele não a visitou. Nem uma vez.

Ela olhou de volta para Marnes e o viu franzir a testa.

— E por que ela não subiu nem uma vez para vê-lo — acrescentou.

* * *

O fluxo diminuiu à medida que se aproximavam do vigésimo e passaram pelos apartamentos superiores. A cada degrau que descia, Jahns pensava com medo em cada centímetro que teria que subir na volta. Essa era a parte fácil, lembrou a si mesma. A descida era como soltar aos poucos uma mola de aço, empurrando-a para baixo. Isso fazia Jahns se lembrar dos pesadelos que tinha sobre se afogar. Pesadelos tolos, considerando que ela nunca vira água suficiente na qual pudesse submergir, muito menos em que não conseguisse ficar de pé e respirar. Mas eram como os sonhos esporádicos de cair de grandes alturas, alguma herança de outra época, pequenos fragmentos enterrados em cada uma de suas mentes adormecidas que sugeriam: *Não devíamos viver deste jeito*.

Então a descida, aquela escada em espiral rumo às profundezas, parecia muito com o afogamento que a aterrorizava à noite. Parecia inexorável e inextrincável. Como um peso puxando-a para baixo combinado com a consciência de que jamais conseguiria se arrastar de volta para cima. Em seguida, eles passaram

pelo distrito de vestuário, terra de macacões multicoloridos, e o lugar de onde vinham seus novelos de lã. O cheiro dos corantes e produtos químicos chegava às escadas. Uma janela aberta nos blocos de concreto curvos dava para uma pequena lanchonete na extremidade do distrito. O lugar tinha sofrido uma limpa pela multidão, as prateleiras esvaziadas pela enorme demanda de visitantes exaustos e pelo movimento adicional após a limpeza. Vários portadores enchiam as escadas com pacotes pesados, fazendo o máximo possível para satisfazer a demanda, e Jahns reconheceu uma verdade terrível sobre a limpeza do dia anterior: a prática bárbara trazia mais que alívio psicológico, mais que apenas uma vista clara do exterior — também fortalecia a economia do silo. De repente havia uma justificativa para viajar. Uma justificativa para vender e comprar. E, à medida que as fofocas corriam, e famílias e velhos amigos se reencontravam pela primeira vez em meses, ou talvez anos, um tipo de vitalidade era injetado em todo o silo. Era como se um corpo velho se espreguiçasse e estalasse as juntas, seu sangue correndo até as extremidades. Uma coisa decrépita estava ficando *viva* outra vez.

— Prefeita!

Jahns se virou e percebeu que Marnes estava quase fora do campo de visão, antes da curva da espiral acima dela. Ela parou para que o delegado a alcançasse e observou os pés dele enquanto corria.

— Calma — disse ele. — Não consigo acompanhá-la se você disparar desse jeito.

Ela se desculpou. Não tinha percebido nenhuma alteração em seu passo. Quando entraram no segundo conjunto de apartamentos, abaixo do décimo sexto andar, Jahns se deu conta de que estava em um território em que não pisava havia quase um ano. Pernas mais novas corriam escada acima, diminuindo o ritmo quando encontravam os que subiam lentamente. A escola primária do terço superior era bem em cima do berçário. Pelo som de toda a movimentação e das vozes, as aulas tinham sido canceladas. Jahns imaginou que era o resultado de se saber que pouquíssimos alunos iam aparecer nas aulas (os pais levariam as crianças para apreciar a vista), e que muitos professores queriam fazer o mesmo. Eles passaram pela saída da escola, onde os desenhos de amarelinha e outros jogos no piso tinham sido borrados com a passagem das pessoas naquele dia, onde crianças ficavam sentadas agarradas aos corrimãos, os joelhos ralados de fora, os pés balançando pendendo na plataforma saliente entre os lances de escadas, e onde vaias e gritos impacientes dos pequenos se reduziam a sussurros secretos na presença de adultos.

— Ainda bem que estamos quase lá. Preciso descansar — disse Marnes enquanto desciam mais um lance das escadas em caracol até o berçário. — Só espero que o sujeito esteja disponível para nos ver agora.

— Vai estar — disse Jahns. — Alice mandou um e-mail para ele do meu gabinete avisando que estávamos a caminho.

Eles saíram do fluxo de pessoas no fim das escadas no andar do berçário e pararam para recuperar o fôlego. Quando Marnes lhe passou seu cantil, Jahns deu um bom gole e depois conferiu o cabelo em sua superfície curva e amassada.

— Você está bem — disse ele.

— Com cara de prefeita?

Ele riu.

— Muito melhor.

Jahns achou ter visto um brilho nos velhos olhos castanhos dele, mas provavelmente tinha sido um reflexo da luz no cantil quando ele o levou aos lábios.

— Vinte andares em pouco mais de duas horas. Não recomendo o ritmo, mas ainda bem que já chegamos aqui.

Ele esfregou o bigode e levou a mão às costas tentando achar o lugar do cantil e guardá-lo.

— Aqui — disse Jahns. Ela pegou o cantil e o guardou no bolso vazado na parte de trás da mochila dele. — E deixe que eu falo com ele.

Marnes ergueu as mãos com as palmas estendidas, como se nenhum outro pensamento jamais tivesse passado por sua cabeça. Ele se adiantou e empurrou uma das pesadas portas de metal, que não produziu o esperado rangido habitual de dobradiças enferrujadas. O silêncio surpreendeu Jahns. Ela estava acostumada a ouvir o velho canto das portas na escadaria quando elas se abriam e fechavam. Eram como a vida animal nas fazendas, um cantar sempre presente. Mas aquelas dobradiças estavam bem lubrificadas; passavam por uma manutenção rigorosa. As placas nas paredes da sala de espera reforçaram a observação. Exigiam silêncio em letras garrafais, acompanhadas de imagens de dedos sobre lábios e círculos com faixas cruzando bocas abertas. O berçário evidentemente levava o silêncio a sério.

— Não me lembrava de tantas placas da última vez em que estive aqui — murmurou Marnes.

— Talvez você estivesse ocupado demais tagarelando para perceber — retrucou Jahns.

Uma enfermeira olhou para eles através de uma janela de vidro, e Jahns

cutucou Marnes com o cotovelo.

— A prefeita Jahns, para ver Peter Nichols — disse ela à mulher.

A enfermeira por trás do vidro nem piscou.

— Sei quem é a senhora. Votei em você.

— Ah, claro. Bem, obrigada.

— Pode entrar.

A mulher apertou um botão em sua mesa e a porta ao seu lado fez um zumbido abafado. Marnes empurrou a porta, e Jahns entrou atrás dele.

— Por favor, vistam isto.

A enfermeira, Margaret, segundo a etiqueta escrita à mão em sua gola, entregou-lhes dois aventais de pano dobrados. Jahns pegou os dois e entregou um a Marnes.

— Podem deixar as bolsas comigo.

Não havia como contrariar Margaret. Jahns percebeu no ato que estava nos domínios daquela mulher bem mais jovem, e que se tornara inferior a ela no momento em que entrou por aquela porta silenciosa. Ela apoiou a bengala na parede, tirou a mochila e a botou no chão, então vestiu o avental.

Marnes se atrapalhou com o dele até que Margaret o ajudou, segurando a manga no lugar. Ele conseguiu vestir o avental por cima da camisa jeans e segurou as pontas soltas da faixa comprida de tecido que prendia a cintura, como se amarrá-las estivesse além de suas habilidades. Observou Jahns amarrar o dela e finalmente fez uma confusão tão grande com sua faixa que o avental acabou ficando razoavelmente no lugar.

— O quê? — perguntou ele, percebendo o modo como Jahns o observava. — É para isso que eu tenho algemas. Nunca aprendi a dar um nó, e daí?

— Em sessenta anos — disse Jahns.

Margaret apertou outro botão em sua mesa e apontou para o corredor.

— O Dr. Nichols está no berçário. Vou avisar a ele que vocês estão chegando.

Jahns foi na frente e Marnes a seguiu, perguntando:

— Por que é tão difícil acreditar?

— Na verdade, eu acho fofo.

Marnes bufou.

— Essa é uma palavra horrível para usar referindo-se a um homem da minha idade.

Jahns sorriu consigo mesma. No fim do corredor, parou diante de portas duplas antes de empurrá-las e abrir uma fresta. A luz do outro lado era fraca. Ela abriu mais a porta, e eles entraram em uma sala de espera limpa e quase sem

móveis. Ela se lembrou de outra parecida nos níveis intermediários, onde fizera companhia a uma amiga que aguardava para pegar o filho. Uma vitrine dava para uma sala que abrigava alguns berços e carrinhos de bebê. Jahns levou uma das mãos ao quadril. Ela esfregou o implante agora inútil, inserido quando nasceu e nunca removido, nem uma vez sequer. Estar naquele berçário a lembrava de tudo o que havia perdido, de tudo de que desistira por seu trabalho. Por seus fantasmas.

Estava escuro demais no interior do berçário para ver se algum dos bercinhos tinha recém-nascidos. Jahns era notificada de todos os nascimentos, claro, mas os nomes passavam como os dias. Ela raramente lembrava em que andar moravam os pais, se era seu primeiro ou segundo filho. Ficava triste ao admitir, mas aqueles certificados se haviam tornado apenas mais um trabalho burocrático, outra tarefa de rotina.

A silhueta escura de um adulto moveu-se entre os bercinhos; o clipe reluzente de uma prancheta e o reflexo de uma caneta de metal tremeluzindo à luz da sala de observação. A forma escura era obviamente alta, com os movimentos e o porte de um homem mais velho. Ele não se apressou, parando para se debruçar sobre um berço e escrever algo, e os dois objetos metálicos reluzentes se uniram para uma breve anotação. Quando terminou, atravessou a sala, cruzou uma porta larga e se juntou a Marnes e Jahns na sala de espera.

Peter Nichols era uma figura imponente. Alto e magro, mas não como Marnes, que parecia movimentar-se de forma insegura. Peter era magro como uma pessoa que se exercita com regularidade, como alguns portadores que Jahns conhecia e que conseguiam subir as escadas dois degraus de cada vez e ainda fazer com que parecessem ter sido projetadas para esse ritmo. Era uma altura que dava autoconfiança. Jahns percebeu isso ao tomar a mão de Peter e deixar que ele a apertasse com firmeza.

— Você veio — disse simplesmente o Dr. Nichols. Foi uma observação fria. Havia apenas um leve toque de surpresa. Ele apertou a mão de Marnes, mas seus olhos se voltaram para Jahns. — Expliquei à sua secretária que não vou ser de grande ajuda. Não vejo Juliette desde que ela se tornou uma sombra, há vinte anos.

— Bem, é exatamente sobre o que eu queria conversar com o senhor. — Jahns olhou para os bancos acolchoados onde ela imaginou que avós, tias e tios ansiosos aguardavam enquanto os pais reencontravam seus recém-nascidos. — Podemos nos sentar?

O Dr. Nichols assentiu e acenou para que se sentassem.

— Levo as minhas indicações para cargos muito a sério — explicou Jahns, que se sentou de frente para o médico. — Na minha idade, espero que a maioria dos juízes e agentes da lei que nomeie vivam mais que eu, por isso escolho com cuidado.

— Mas isso nem sempre acontece, não é? — O Dr. Nichols inclinou a cabeça para o lado, seu rosto magro e cuidadosamente barbeado permaneceu inexpressivo. — Nem sempre eles vivem mais que você.

Jahns engoliu em seco. Marnes se remexeu no banco ao lado dela.

— Você deve valorizar a família — disse Jahns, mudando de assunto, dando-se conta de que aquilo tinha sido apenas uma observação, sem maldade. — Ter sido uma sombra por tanto tempo e escolher uma linha de trabalho tão exigente. — Nichols assentiu. — Por que você e Juliette nunca se visitam? Quero dizer, nem uma vez sequer em quase vinte anos. Ela é sua única filha.

Nichols virou um pouco a cabeça e seus olhos se desviaram para a parede. Por um momento, Jahns foi distraída pela visão de outra forma se movendo atrás do vidro, uma enfermeira fazendo a ronda. Outra porta levava ao que ela imaginava serem as salas de parto, onde naquele momento uma nova mãe provavelmente esperava que lhe entregassem seu bem mais precioso.

— Eu também tive um filho — disse o Dr. Nichols.

Jahns teve vontade de pegar a mochila e examinar as pastas, mas ela não estava ali. Esse irmão era um detalhe que ela deixara passar.

— Você não tinha como saber — disse Nichols, interpretando corretamente a surpresa no rosto da prefeita. — Ele não sobreviveu. Tecnicamente, não chegou a nascer. A loteria seguiu adiante.

— Sinto muito...

Ela teve que resistir ao impulso de estender o braço e segurar a mão de Marnes. Fazia décadas que os dois não se tocavam de propósito, nem inocentemente, mas a tristeza súbita na sala fez com que isso fosse esquecido.

— O nome dele ia ser Nicholas, nome do pai de meu pai. Ele nasceu prematuro, com seiscentos e oitenta gramas.

A precisão clínica em sua voz era de algum modo mais triste do que uma torrente de emoção poderia ter sido.

— Eles o entubaram e puseram na incubadora, mas houve... complicações. — Nichols baixou os olhos para as costas de suas mãos. — Juliette tinha treze anos na época. Ela estava tão empolgada quanto nós, se é que isso era possível, por ter um irmãozinho a caminho. Tinha deixado de ser a sombra da mãe, uma enfermeira parteira, um ano antes. — Nichols ergueu os olhos. — Não aqui neste

berçário, veja bem, mas no velho berçário do nível intermediário, onde nós dois trabalhávamos. Na época, eu ainda era residente.

— E Juliette?

A prefeita Jahns ainda não tinha entendido a ligação.

— Houve um problema com a incubadora. Quando Nicholas... — O médico virou a cabeça para o lado e cobriu parcialmente os olhos com a mão, mas conseguiu se recompor. — Sinto muito, eu ainda o chamo assim...

— Está tudo bem.

A prefeita Jahns estava segurando a mão do delegado Marnes. Ela não sabia ao certo quando ou como aquilo acontecera. O médico pareceu não perceber ou, o mais provável, não se importar.

— Pobre Juliette. — Ele sacudiu a cabeça. — Ela ficou arrasada. No início, culpou Rhoda, uma parteira experiente que nada fizera além de operar um milagre e dar a nosso filho a mínima chance que ele podia ter. Eu expliquei isso. Acho que Juliette sabia. Ela só precisava de alguém para odiar. — Ele balançou a cabeça para Jahns. — Meninas dessa idade, você sabe...

— Eu lembro, acredite ou não.

Jahns forçou um sorriso, e o Dr. Nichols retribuiu. Ela sentiu Marnes apertar sua mão.

— Foi só depois que a mãe morreu que ela passou a culpar a incubadora que tinha dado defeito. Bem, não a incubadora, mas o péssimo estado em que se encontrava. O estado geral de deterioração que toma todas as coisas.

— Sua mulher morreu de complicações?

Era outro detalhe que Jahns sentiu que devia ter deixado passar na pasta.

— Minha mulher se matou uma semana depois.

De novo aquele distanciamento clínico. Jahns se perguntou se seria um mecanismo de sobrevivência que havia começado a funcionar depois daqueles eventos, ou uma característica de personalidade que já existia.

— Acho que eu me lembraria disso — disse o delegado Marnes, suas primeiras palavras depois das apresentações.

— Bem, eu mesmo assinei o atestado, então pude escrever o que quisesse...

— E você admite?

Marnes pareceu prestes a pular do banco. Para fazer o quê, Jahns não conseguia imaginar. Jahns segurou seu braço para mantê-lo no lugar.

— Depois do prazo prescricional? Claro. Eu admito. De qualquer modo, foi uma mentira inútil. Juliette era inteligente, mesmo naquela idade. Ela sabia. E foi isso o que a fez... — Ele se deteve.

— A fez o quê? — perguntou a prefeita. — Enlouquecer?

— Não. — O Dr. Nichols sacudiu a cabeça. — Eu não ia dizer isso. Foi o que a fez se afastar. Ela se inscreveu para uma mudança de formação. Pediu para ser transferida para a Mecânica, para entrar na oficina como sombra. Ela era um ano mais nova do que o necessário para esse tipo de colocação, mas concordei e assinei a autorização. Achei que ela iria, respiraria um pouco do ar das profundezas e voltaria. Fui ingênuo. Achei que a liberdade seria boa para ela.

— E você nunca mais a viu depois disso?

— Só uma vez. No funeral da mãe, alguns dias depois. Ela subiu sozinha, participou do enterro, me deu um abraço e então voltou lá para baixo. Tudo sem descansar, pelo que eu soube. Tento ficar a par do que acontece com ela. Tenho um colega no berçário das profundezas que me envia um e-mail de vez em quando com algumas notícias. Tudo com ela é foco, foco, foco.

Nichols fez uma pausa e riu.

— Sabe, quando era pequena, achava que ela havia puxado à mãe. Mas ela cresceu e ficou mais parecida comigo.

— O senhor sabe de algo que possa impossibilitá-la ou torná-la inapropriada para o emprego de xerife do silo? O senhor entende o que esse trabalho envolve, certo?

— Eu entendo. — Nichols virou-se para Marnes, e seus olhos passaram pelo distintivo de cobre visível pela abertura do avental amarrado e chegaram até o volume da pistola ao lado de seu corpo. — Os agentes menores em todo o silo precisam ter alguém no topo para comandá-los, é isso?

— Mais ou menos — disse Jahns.

— Por que ela?

Marnes limpou a garganta.

— Uma vez ela nos ajudou em uma investigação...

— Jules? Ela subiu até aqui?

— Não. Nós descemos até lá.

— Ela não tem treinamento.

— Nenhum de nós tem — disse Marnes. — É mais uma espécie de... cargo político. Um posto civil.

— Ela não vai aceitar.

— Por que não? — perguntou Jahns.

Nichols deu de ombros.

— Você mesma vai descobrir, acho. — Ele ficou de pé. — Eu queria poder passar mais tempo com vocês, mas preciso mesmo voltar. — Ele olhou para o

batente das portas duplas. — Vamos receber uma família em breve...

— Compreendo. — Jahns se levantou e apertou sua mão. — Agradeço por ter nos recebido.

Ele riu.

— E eu tinha escolha?

— É claro.

— Bem, pena que eu não sabia disso antes.

Nichols sorriu, e Jahns viu que ele estava brincando, ou tentando. Quando foram embora e voltavam pelo corredor para pegar suas coisas e devolver os aventais, Jahns se viu ainda mais intrigada com aquela indicação de Marnes. Não era o estilo dele, uma mulher das profundezas. Uma pessoa com um passado conturbado. Ela se perguntou se a opinião dele tinha sido influenciada por *outros* fatores. Enquanto o delegado segurava para ela a porta que dava para a sala de espera principal, a prefeita Jahns se perguntou se o estava acompanhando porque a opinião *dela* fora influenciada também.

10

Era hora do almoço, mas nenhum dos dois estava com muita fome. Jahns beliscou uma barra de cereais enquanto caminhava, orgulhosa por “comer na escada” como um portador. Eles continuavam a passar pelos comerciantes, e a admiração de Jahns por aquela profissão não parava de crescer. Sentia uma estranha pontada de culpa por estar descendo com uma carga tão leve enquanto aqueles homens e mulheres se esfalfavam para carregar tanto. E eles andavam *tão rápido*. Ela e Marnes se encostaram no corrimão quando um portador que descia passou apressado, se desculpando. Sua sombra, uma garota de quinze ou dezesseis anos, estava bem atrás dele, carregando o que pareciam ser sacos de lixo para a central de reciclagem. Jahns observou a menina descer a espiral até sumir de vista, suas pernas lisas, longas e torneadas, e de repente se sentiu muito velha e muito cansada.

Com o tempo, os dois encontraram um ritmo confortável. O movimento de cada pé pisando no degrau seguinte, uma espécie de desmoronar dos ossos, uma resignação à gravidade: lançar o pé, deslizar a mão, estender a bengala à frente, repetir. Jahns começou a ter dúvidas por volta do trigésimo andar. O que pareceria uma bela aventura ao amanhecer agora parecia uma empreitada enorme. Cada passo era dado com relutância, com a consciência de como seria difícil cobrir aquela distância na subida.

Eles passaram pela usina de tratamento de água dos níveis superiores no trigésimo segundo, e Jahns se deu conta de que estava vendo partes do silo que eram praticamente novas para ela. Fazia uma eternidade desde que descera tanto, algo vergonhoso de admitir. E, nesse período, houvera mudanças. A construção e a manutenção eram constantes. As paredes estavam de uma cor diferente do que se lembrava. Entretanto, era difícil confiar na própria memória. O fluxo de gente na escada começou a diminuir conforme se aproximavam do andar da TI. Aqueles eram os níveis menos populosos do silo, onde mais ou menos vinte homens e mulheres, a maioria homens, trabalhavam dentro de seu pequeno reino. Os servidores do silo ocupavam quase um andar inteiro. As máquinas

estavam sendo realimentadas aos poucos com a história recente, depois de serem completamente apagadas durante o levante. O acesso a elas agora era restrito, e quando Jahns passou pela plataforma entre os lances de escada naquele andar, jurou que podia ouvir o zunido de toda a eletricidade que consumiam. O que quer que o silo tivesse sido, ou tivesse sido projetado para ser, ela sabia, sem precisar perguntar, que aquelas máquinas estranhas eram um órgão essencial. Seu consumo de energia era fonte constante de discussão nas reuniões de orçamento, mas a necessidade de limpeza, o medo de sequer falar sobre o exterior e todos os tabus perigosos relacionados à TI davam ao setor grande liberdade. Lá ficavam os laboratórios que criavam os trajes, cada um feito sob medida para a pessoa à espera na cela de custódia, e bastava isso para tornar o setor diferente de todo o resto.

Não, pensou Jahns, não era apenas o tabu da limpeza, o medo do exterior. Era a esperança. Todos os membros do silo tinham essa terrível esperança que não ousavam expressar. Uma esperança ridícula, fantástica. Talvez não para eles, mas quem sabe para seus filhos, ou os filhos de seus filhos, a vida no mundo exterior fosse possível outra vez, e isso só poderia acontecer graças à TI e aos trajes volumosos que emergiam de seus laboratórios.

O condicionamento na infância era tão forte que Jahns sentia um arrepio só de pensar nisso. Morar lá fora. Talvez Deus ouvisse seus pensamentos e a delatasse. Ela se imaginou em um traje de limpeza, um pensamento bastante comum, entrando naquele caixão acolchoado ao qual tinha condenado tanta gente.

No trigésimo quarto, ela parou no patamar entre os lances de escada. Marnes se juntou a ela, com o cantil na mão. Jahns percebeu que passara o dia bebendo do cantil dele enquanto o dela permanecia intacto, preso às costas. Havia algo de infantil e romântico nisso, mas também era prático. Era mais difícil pegar água da própria mochila do que da do outro.

— Precisa de uma parada?

Ele lhe passou o cantil, no qual restavam apenas dois goles. Jahns tomou um.

— Esta é nossa próxima parada — disse ela.

Marnes ergueu os olhos para o número esmaecido pintado com estêncil acima da porta. Claro que ele sabia em que andar estavam, mas era como se precisasse conferir de novo por garantia.

Jahns devolveu seu cantil.

— Desde o início sempre mandei e-mails a eles para que aprovassem minhas nomeações. É algo que todos os prefeitos fazem, Humphries antes de mim, e Jeffers antes dele. — Ela encolheu os ombros. — É como o mundo funciona.

— Não sabia que eles tinham que aprovar.

Ele tomou o último gole e deu um tapinha nas costas de Jahns, girando o dedo para que ela se virasse.

— Bem, eles nunca reprovaram nenhuma das minhas indicações. — Jahns sentiu seu cantil ser tirado da mochila e o de Marnes ser enfiado no lugar. A mochila dela ficou um pouquinho mais leve. Ela se deu conta de que Marnes queria levar a água dela e dividi-la até que terminasse também. — Na minha opinião, essa regra informal existe para que avaliemos com cuidado cada juiz e agente da lei, sabendo que teoricamente há uma supervisão.

— Então dessa vez você vai fazer isso pessoalmente.

Ela se virou para encarar o delegado.

— Achei que, como passaríamos por aqui — ela fez uma pausa enquanto um jovem casal subia correndo as escadas, de mãos dadas e pulando dois degraus de cada vez —, podia parecer mais estranho não parar e me consultar com eles.

— Consultar — repetiu Marnes.

Jahns achou que ele fosse cuspir por cima do corrimão; o tom parecia exigir esse gesto. De repente, ela sentiu outra fraqueza sua ser exposta.

— Pense nisso como uma missão de paz — disse ela, virando na direção da porta.

— Vou pensar nisso como uma operação de apuração de fatos — murmurou Marnes, indo atrás dela.

* * *

Jahns sabia que, ao contrário do que havia acontecido no berçário, eles não seriam simplesmente admitidos até as profundezas misteriosas da TI. Enquanto aguardavam até serem vistos, ela observava um membro da própria equipe, identificado pelo macacão vermelho, ser submetido a uma revista corporal só para *deixar* a sala e ir para as escadas. Um homem com um cassetete, membro do grupo de segurança interna da própria TI, parecia encarregado de revistar todos que passavam pelos portões de metal. A recepcionista do lado de fora dos portões, entretanto, foi bastante respeitosa, e pareceu satisfeita por receber a prefeita para uma visita. Ela expressou suas condolências pela limpeza recente — algo estranho de se dizer, mas que Jahns desejava ouvir com mais frequência — e indicou aos dois uma pequena sala de reuniões ao lado do saguão principal, um lugar, imaginou a prefeita, para se encontrar com membros de outros departamentos sem ter que submetê-los ao desconforto de passar pela segurança.

— Veja só todo esse espaço — sussurrou Marnes quando os dois estavam a sós na sala. — Viu o tamanho daquela entrada?

Jahns assentiu. Ela olhou ao redor, para o teto e as paredes, em busca de alguma espécie de olho mágico, algo para confirmar a desagradável suspeita de estar sendo vigiada. Ela pousou a mochila e a bengala e caiu exausta em uma das cadeiras estofadas. Quando a cadeira se moveu, Jahns percebeu que tinha rodas. Rodas bem lubrificadas.

— Sempre quis saber como era este lugar — disse Marnes. Ele espiou pela janela de vidro que dava para o amplo saguão. — Todas as vezes que passei por aqui, e foram só umas dez, ficava me perguntando o que havia no interior.

Jahns quase lhe pediu para ficar quieto, mas achou que isso poderia magoá-lo.

— Nossa, ele está vindo cheio de pressa! Deve ser por sua causa.

Jahns se virou, olhou pela janela e viu Bernard Holland se aproximando. Ele desapareceu de seu campo de visão quando alcançou a porta, a maçaneta girou e o homem baixo, cujo trabalho era fazer a TI funcionar tranquilamente, entrou na sala a passos largos.

— Prefeita.

Os dentes de Bernard chamavam a atenção — os da frente eram tortos. Ele tinha um bigode com fios compridos, em uma tentativa fracassada de ocultar o defeito. Baixo, gordo e com óculos equilibrados em cima do nariz pequeno, ele era a imagem exata do especialista técnico. Acima de tudo, pelo menos para Jahns, ele parecia *inteligente*.

Ele estendeu a mão para Jahns quando ela se levantava da cadeira, a maldita coisa quase fugindo quando a prefeita se apoiou nos braços.

— Cuidado — disse Bernard, segurando-a pelo cotovelo para ajudá-la. — Delegado. — Ele acenou com a cabeça para Marnes enquanto Jahns recuperava o equilíbrio. — É uma honra recebê-la aqui embaixo. Sei que a senhora não faz essa viagem com frequência.

— Obrigada por nos receber tão em cima da hora — disse Jahns.

— Claro. Por favor, fiquem à vontade.

Ele passou a mão pela comprida mesa de reuniões, que era mais bonita do que a do gabinete da prefeita. Entretanto, Jahns se sentiu melhor imaginando que estava reluzente daquele jeito porque era usada com menos frequência. Ela se sentou com cuidado e pegou as pastas na mochila.

— Direto aos negócios, como sempre — comentou Bernard enquanto se sentava ao lado dela. Ele ajeitou os óculos redondos e pequenos no alto do nariz e se debruçou na cadeira até a barriga tocar a mesa. — Sempre gostei disso em

você. Estamos, como pode imaginar com os acontecimentos lamentáveis de ontem, ainda mais atarefados. Temos muita informação para analisar.

— E como isso está indo? — perguntou Jahns enquanto arrumava o material à sua frente.

— Há coisas positivas e negativas, como sempre. As leituras de alguns sensores de isolamento revelaram melhoras. O nível atmosférico de oito das toxinas caiu, mas não muito. Dois aumentaram. A maioria permaneceu inalterada. — Ele abanou a mão. — É muita coisa técnica chata, mas estará tudo no meu relatório. Vou enviá-lo a você pelo portador antes que esteja de volta a seu gabinete.

— Isso seria ótimo — disse Jahns. Ela queria dizer algo mais, elogiar o trabalho duro do departamento dele, informá-lo do sucesso de outra limpeza, sabe Deus por quê. Mas era Holston lá fora, a coisa mais próxima que tivera de uma sombra, o único homem que já imaginara disputando a eleição para seu cargo quando ela estivesse morta e alimentando as raízes do pomar. Era cedo demais para falar nisso, muito menos aplaudir. — Normalmente envio esse tipo de coisa para você por e-mail — disse ela. — Mas, como estávamos de passagem, e a próxima reunião do comitê vai demorar, o quê, uns três meses?

— Os anos passam depressa — interrompeu Bernard.

— Pensei em chegarmos a um acordo informal agora para que eu possa oferecer o emprego ao melhor candidato. — Ela deu uma olhada em Marnes. — Se ela aceitar, podemos resolver a papelada quando passarmos aqui na volta, se você não se importar.

Ela empurrou a pasta para Bernard e ficou surpresa quando surgiu com outra, em vez de pegar a dela.

— Bem, vamos ver isso — disse Bernard. Ele abriu sua pasta, lambeu o polegar e examinou algumas folhas de papel de alta qualidade. — Recebemos um e-mail sobre sua visita, mas sua lista de candidatos só chegou à minha mesa esta manhã. Do contrário, eu teria tentado poupá-la da viagem até aqui embaixo e lá para cima de volta. — Ele pegou uma folha de papel totalmente lisa. Não parecia nem ter passado por branqueamento. Jahns se perguntou onde a TI conseguia essas coisas, enquanto seu gabinete se mantinha de pé com cola de farinha de milho. — Estou pensando, dos três nomes listados aqui, Billings é o nosso homem.

— Ele pode ser a segunda opção — começou a dizer o delegado Marnes.

— Acho que deveria ser a primeira.

Ele empurrou o papel na direção de Jahns. Era um contrato de aceitação.

Havia assinaturas no pé da página. Uma linha estava em branco, com o nome da prefeita impresso nitidamente embaixo.

Ela perdeu o fôlego.

— Já entrou em contato com Peter Billings sobre isso?

— Ele aceitou. A toga de juiz ia sufocá-lo um pouco, já que é tão novo e cheio de energia. Eu achava que ele era uma boa escolha para a função, mas agora acho que é ainda melhor para o cargo de xerife.

Jahns se lembrava do processo de nomeação de Peter. Ocorreu uma das ocasiões em que concordara com a sugestão de Bernard, vendo aquilo como moeda de troca para uma futura escolha dela. Ela estudou a assinatura, a letra de Peter familiar pelos vários bilhetes enviados por ele lá para cima em nome do Juiz Wilson, de quem atualmente era sombra. Jahns imaginou um dos portadores que havia passado voando por ela nas escadas naquele dia, pedindo desculpas no caminho, levando apressado aquele mesmo pedaço de papel lá para baixo.

— Infelizmente hoje Peter é o terceiro em nossa lista — disse a prefeita Jahns por fim.

De repente, sua voz pareceu cansada. Soou frágil e sem forças no espaço cavernoso e desperdiçado daquela sala de reuniões subutilizada e grande demais. Ela olhou para Marnes, que estava examinando o contrato, contraindo e relaxando a mandíbula.

— Bem, nós dois sabemos que o nome de Murphy só está nessa lista para fazer número. Ele é velho demais para o emprego...

— Mais novo que eu — interrompeu Marnes. — E dou conta do recado.

Bernard inclinou a cabeça.

— Bem, infelizmente sua primeira opção simplesmente não vai servir.

— E por quê? — perguntou Jahns.

— Não sei até que ponto sua pesquisa dos antecedentes dela foi *minuciosa*, mas já tivemos tantos problemas com essa candidata que reconheço seu nome. Apesar de ela ser da Manutenção.

Bernard proferiu a última palavra como se tivesse pregos e pudesse arrancar suas entranhas ao cuspi-la.

— Que tipo de problemas? — perguntou Marnes.

Jahns lançou um olhar de advertência para o delegado.

— Nada que quiséssemos relatar, veja bem. — Bernard se virou para Marnes. Havia veneno nos olhos do homenzinho, puro ódio pelo delegado, ou talvez pela estrela em seu peito. — Nada que justificasse envolver a *lei*. Mas houve algumas... requisições estranhas vindas do escritório dela, material nosso

desviado, reivindicações impróprias de prioridade e coisas assim. — Bernard respirou fundo e juntou as mãos na pasta à sua frente. — Não chegaria ao ponto de chamar de *roubo* propriamente dito, mas enviamos reclamações a Deagan Knox, o chefe da Mecânica, para informá-lo sobre essas... irregularidades.

— Só isso? — resmungou Marnes. — Requisições?

Bernard franziu o cenho. Ele espalmou as mãos sobre a pasta.

— Só isso? Você estava me ouvindo? Essa mulher praticamente roubou, desviou material do *meu* departamento. Não sabemos com certeza nem se foram para uso do silo. Pode ter sido para ganho pessoal. Deus sabe que ela usa mais que sua cota de eletricidade. Talvez troque por vales de...

— Isso é uma acusação formal? — indagou Marnes, fazendo questão de tirar um bloco do bolso e pegar a caneta.

— Ah, não. Como eu disse, não queríamos incomodar vocês. Mas, como pode ver, esse não é o tipo certo de pessoa para ocupar um alto posto da lei. Para ser honesto, é o comportamento que espero de um mecânico, que é, infelizmente, o cargo em que sua candidata deve permanecer.

Ele bateu na pasta como se encerrasse a questão.

— Essa é sua opinião — disse Marnes.

— Mas claro. E acho que, considerando que temos um candidato tão bom, pronto e disposto a servir, e que já mora nos níveis superiores...

— Vou levar sua *sugestão* em consideração. — Jahns pegou o contrato novinho e liso da mesa e o dobrou ao meio, passando a unha ao longo de toda a dobra. Ela enfiou a folha de papel em uma das pastas enquanto Bernard observava, horrorizado. — E como você não tem reclamações *formais* contra nossa primeira candidata, vou considerar isso como uma aprovação tácita para que eu fale com ela sobre o cargo. — Jahns se levantou e pegou a mochila. Enfiou as pastas no bolso de fora e o fechou, depois pegou a bengala na mesa de reuniões, onde estava apoiada. — Obrigada por nos receber.

— Sim, mas... — Bernard se levantou da mesa depressa e foi correndo atrás dela, enquanto Jahns se dirigia para a porta.

Marnes ficou de pé e a seguiu, sorrindo.

— O que digo a Peter? Ele acha que vai começar a qualquer momento.

— Você não devia ter dito nada a ele — disse Jahns. Ela parou no saguão e olhou para Bernard. — Confiei a você minha lista. Você traiu minha confiança. Mas agradeço tudo o que você faz pelo silo. Nós dois temos uma história longa e pacífica trabalhando juntos, supervisionando e administrando o que talvez seja a era mais próspera que nosso povo conheceu...

— É por isso que... — começou Bernard.

— É por isso que perdoo essa intromissão — disse a prefeita Jahns. — Esse é o *meu* trabalho. Meu povo. Eles me elegeram para tomar esse tipo de decisão. Por isso meu delegado e eu estamos de saída. Vamos fazer uma entrevista com nossa primeira opção. E prometo que passo aqui quando estiver subindo caso haja alguma coisa para assinar.

Bernard abriu os braços, derrotado.

— Está bem — disse ele. — Peço desculpas. Eu só queria acelerar o processo. Agora, por favor, descansem um pouco, vocês são nossos convidados. Deixe-me buscar algo para comerem, uma fruta, talvez?

— Nós vamos andando — disse Jahns.

— Está bem — assentiu ele. — Mas pelo menos um pouco de água? Encher seus cantis?

Jahns se lembrou de que um deles já estava vazio, e eles ainda tinham mais alguns lances de escada a descer.

— Seria muito gentil.

A prefeita fez um gesto para Marnes, que se virou para que ela pudesse pegar o cantil dele na mochila. Então virou de costas para que ele pegasse o dela também. Bernard gesticulou para que um de seus funcionários fosse buscá-los e enchê-los, mas durante todo o tempo ficou de olho naquela troca curiosa e íntima.

11

Eles haviam descido quase até o nível cinquenta quando Jahns conseguiu voltar a pensar direito. Era como se sentisse o peso do contrato de Peter Billings na sua mochila. Marnes reclamara consigo mesmo alguns degraus atrás, falando mal de Bernard e tentando acompanhá-la, e Jahns percebeu que agora estava obcecada. O cansaço em suas coxas e panturrilhas aumentava com a sensação crescente de que aquela viagem era mais do que um erro: provavelmente era fútil. O pai a avisou de que a filha não iria aceitar. A TI a pressionava para escolher outro candidato. Agora, cada degrau de sua descida era vencido com apreensão. Apreensão e a certeza renovada de que Juliette era a pessoa certa para o emprego. Eles só teriam de convencer aquela mulher da Mecânica a aceitar o cargo, nem que fosse para mostrar a Bernard, nem que fosse para evitar que aquela difícil jornada se revelasse um desperdício completo.

Jahns estava velha, era prefeita havia muito tempo, em parte porque cuidava das coisas, em parte porque cuidava para que não ocorressem coisas piores, mas principalmente porque quase não criava confusão. Ela sentia que estava na hora, agora que era velha o bastante para não se importar com as consequências. Olhou para Marnes, atrás, e soube que ele pensava da mesma forma. O tempo deles estava quase se esgotando. O melhor, a coisa mais importante que podiam fazer pelo silo era garantir que seu legado fosse preservado. Sem levantes. Sem abusos de poder. Por isso nas eleições anteriores ela sempre tinha sido a única candidata. Mas agora sentia que estava deslizando lentamente em direção à chegada enquanto adversários mais fortes e mais jovens se preparavam para ultrapassá-la. Quantos juízes ela contratara a pedido de Bernard? E agora o xerife, também? Quanto tempo faltava para que Bernard virasse prefeito? Ou, pior, um mestre titereiro com fios entrelaçados por todo o silo?

— Vá com calma — reclamou Marnes.

Jahns se deu conta de que estava descendo rápido demais. Ela diminuiu o passo.

— Aquele filho da mãe conseguiu irritar você — disse ele.

— Você também — retrucou ela.

— Estamos passando pelas fazendas.

Jahns conferiu o número do andar e viu que ele tinha razão. Se estivesse prestando atenção, teria notado o cheiro. Quando as portas no andar seguinte se abriram, um portador levando sacas de frutas nos ombros saiu a passos largos, e ela foi envolvida pelo cheiro úmido e viçoso que o acompanhava.

Já passava da hora do jantar, e o aroma era inebriante. O portador, mesmo sobrecarregado, viu que eles estavam saindo das escadas naquele andar e segurou a porta aberta com o pé enquanto mantinha as grandes sacas seguras nos braços.

— Prefeita — disse ele, assentindo e em seguida cumprimentando Marnes também.

Jahns lhe agradeceu. Para ela, a maioria dos portadores era familiar; ela os havia visto inúmeras vezes quando faziam suas entregas em todas as partes do silo, mas eles nunca ficavam tempo o bastante em um lugar para que ela descobrisse seus nomes e se lembrasse deles, normalmente uma habilidade sua. Ela se perguntou, enquanto entrava com Marnes nas fazendas hidropônicas, se os portadores iam para casa toda noite e se ficavam com suas famílias. Será que eles tinham família? Ou será que eram como sacerdotes? Ela estava velha demais e era curiosa demais para não saber essas coisas. Entretanto, talvez tivesse sido preciso um dia na escada para apreciar o trabalho deles, para percebê-los de verdade. Os portadores eram como o ar que ela respirava, estavam sempre ali, sempre servindo, tão necessários a ponto de estarem por toda parte e serem vistos por todos como presenças absolutamente naturais. Mas agora o cansaço da descida a deixara mais consciente deles. Era como uma queda súbita no oxigênio, fazendo com que sentisse sua falta de repente.

— Sinta o perfume dessas laranjas! — disse Marnes, tirando Jahns de seus pensamentos. Ele cheirou o ar quando passaram pelos portões das plantações inferiores. Um membro da equipe, vestindo um macacão verde, acenou para que entrassem.

— As bolsas aqui, prefeita — disse, gesticulando na direção de uma parede de escaninhos, alguns ocupados por mochilas e pacotes, outros vazios.

Jahns fez o que lhe pediam e deixou sua mochila. Marnes empurrou a dela para o fundo e enfiou a dele no mesmo escaninho. Fosse para economizar espaço ou por seu instinto de proteção, Jahns achou o gesto tão doce quanto o ar no interior dos jardins.

— Temos reservas para a noite — disse Jahns ao funcionário.

Ele assentiu.

— Os quartos ficam no andar de baixo. Acho que ainda estão arrumando os de vocês. Vieram só para visitar ou vão comer?

— Um pouco de cada.

O rapaz sorriu.

— Bem, seus quartos devem estar liberados quando terminarem de comer.

Quartos, pensou Jahns. Ela agradeceu ao rapaz e entrou atrás de Marnes pelas vielas da fazenda hidropônica.

— Há quanto tempo você não vem aqui? — perguntou ao delegado.

— Nossa, muito tempo! Uns quatro anos, mais ou menos?

— Isso mesmo. — Jahns riu. — Como eu pude me esquecer? O roubo do século.

— Ainda bem que você acha graça — disse Marnes.

No fim do corredor, a espiral retorcida dos jardins hidropônicos se bifurcava para os dois lados. O túnel principal serpenteava por dois níveis do silo, semelhante a um labirinto, e ia até as paredes distantes de concreto. O som constante de água gotejando dos canos era estranhamente relaxante, os respingos ecoando com o teto baixo. O túnel era aberto dos dois lados e revelava o verde frondoso das plantas, verduras e árvores que cresciam em meio às treliças de tubos plásticos brancos e fios pendurados por toda parte, para dar às vinhas e trepadeiras algo em que se fixar. Homens e mulheres com jovens sombras atrás cuidavam das plantas, todos de macacões verdes. Traziam pendurados no pescoço sacos cheios com a colheita do dia, e os podões em suas mãos estalavam como se fossem pequenas garras. A poda era fascinantemente ágil e sem esforço, o tipo de habilidade só alcançada dia após semana após ano de prática e repetição.

— Você não foi o primeiro a sugerir que o roubo tinha sido um trabalho interno? — perguntou Jahns, ainda achando graça da conversa anterior.

Ela e Marnes seguiram as placas que indicavam a direção dos salões de degustação e jantar.

— Nós vamos mesmo falar sobre isso?

— Não sei por que a vergonha. Você precisa rir disso.

— Com o tempo.

Ele parou e olhou através do cercado de treliça para uma barraca de tomates. O forte aroma das frutas maduras fez o estômago de Jahns roncar.

— Na época, estávamos sob muita pressão para fazer uma prisão — disse Marnes em voz baixa. — Holston ficou arrasado quando aconteceu tudo aquilo.

Ele me enviava e-mails todos os dias para saber as novidades. Nunca o vi com tanta vontade de prender alguém daquele jeito. Como se ele precisasse muito, sabe? — Ele prendeu os dedos na tela de proteção e olhou para além das verduras, como se olhasse para os anos passados. — Pensando em retrospecto, é quase como se ele soubesse que alguma coisa estava acontecendo com Allison. Como se tivesse previsto a loucura. — Marnes se virou para Jahns — Você se lembra de como estava o silo antes de ela fazer a limpeza? Fazia tanto tempo... As pessoas estavam muito nervosas.

Jahns tinha parado de sorrir muito antes. Ela estava de pé perto de Marnes. Ele se virou de volta para as plantas, observou uma trabalhadora colher um tomate vermelho maduro e colocar em sua cesta.

— Acho que Holston queria aliviar a tensão no silo, sabe? Acho que ele mesmo queria descer e investigar os roubos. Ficava me mandando e-mails todos os dias querendo relatórios, como se uma vida dependesse disso.

— Me desculpe por tocar no assunto — disse Jahns, pousando a mão no ombro dele.

Marnes se virou e olhou para as costas da mão dela. Seu lábio inferior era visível embaixo do bigode. Jahns imaginou Marnes beijando sua mão. Ela a puxou de volta.

— Tudo bem — disse ele. — Sem todo esse peso, acho que é até uma história bem divertida.

Ele se virou e seguiu pelo corredor.

— E chegaram a descobrir como aquilo veio parar aqui?

— Subiu pela escada — disse Marnes. — Só pode ter sido. Mas eu ouvi uma pessoa sugerir que uma criança poderia ter pegado um como bicho de estimação e depois tê-lo soltado aqui.

Jahns riu. Ela não pôde evitar.

— Um coelho — disse ela. — Confundiu o maior homem da lei de nossa época e roubou um ano de salário em verduras.

Marnes sacudiu a cabeça e deu uma risadinha.

— O maior, não — disse ele. — Esse aí nunca fui eu. — Ele olhou para o fundo do corredor e limpou a garganta, e Jahns soube muito bem a quem ele estava se referindo.

* * *

Depois de um lauto e satisfatório jantar, eles foram para os quartos de hóspedes

um andar abaixo. Jahns desconfiava que haviam tido muito trabalho para acomodá-los. Todos os quartos estavam lotados, muitos com reservas duplas e triplas. E, como a limpeza havia sido marcada bem antes dessa sua aventura de última hora para fazer uma entrevista, ela suspeitava que alguns quartos tinham sido deslocados para abrir espaço. O fato de receberem quartos separados, o da prefeita com duas camas, tornava as coisas piores. Não era apenas o desperdício, era o esquema inteiro. Jahns tivera a esperança de que as acomodações tivessem alguma... inconveniência.

E Marnes devia estar sentindo a mesma coisa. Como ainda faltavam algumas horas para dormir, e os dois estavam agitados após uma ótima refeição e um vinho forte, ele a convidou até seu pequeno quarto para que pudessem conversar enquanto as fazendas sossegavam.

O quarto dele era aconchegante e de bom gosto, com apenas uma cama de casal, mas bem-arrumado. As fazendas superiores eram apenas um dos mais de dez grandes empreendimentos privados. Todas as despesas de sua hospedagem seriam cobertas pelo orçamento de viagens do gabinete dela, e aquele dinheiro, assim como o proveniente dos outros viajantes por alimentação e hospedagem, ajudava o estabelecimento a adquirir artigos de melhor qualidade, como os belos lençóis dos teares e colchões que não rangiam.

Jahns se sentou ao pé da cama. Marnes tirou o coldre, colocou-o sobre a cômoda e se jogou em um banco de armar a cerca de um metro de distância. Enquanto ela tirava as botas e esfregava os pés doloridos, ele não parou de falar sobre a comida e o desperdício de quartos separados, cofiando o bigode enquanto falava.

Jahns usou os polegares para massagear os calcanhares doloridos.

— Estou me sentindo como se fosse precisar de uma semana de descanso lá embaixo antes de começar a subir de volta — disse ela durante uma pausa.

— Não é tão ruim assim — comentou Marnes. — Espere só. Vai estar doendo de manhã, mas, assim que começar a andar, vai ver que estará mais forte do que hoje. E é a mesma coisa na subida. Você sobe degrau por degrau e, antes que perceba, está em casa.

— Tomara que você tenha razão!

— Além disso, vamos fazer em quatro dias, não em dois. Pense nisso simplesmente como uma aventura.

— Pode acreditar em mim — disse Jahns. — É o que estou fazendo.

Ficaram sentados em silêncio por algum tempo, Jahns recostada nos travesseiros. Marnes olhando para o vazio. Ela se surpreendeu com quão

tranquila e natural a cena lhe parecia, simplesmente estar em um quarto, sozinha, com ele. Não era necessário falar. Eles podiam simplesmente *ser*. Sem distintivo, sem cargo. Duas pessoas.

— Você não costuma ver algum sacerdote, costuma? — perguntou Marnes enfim.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — E você?

— Não, mas estou pensando em fazer isso.

— Holston?

— Em parte. — Ele se debruçou para a frente e esfregou as mãos nas coxas como se espremesse a dor para extraí-la. — Eu gostaria de saber para onde acham que a alma dele foi.

— Ainda está entre nós — disse Jahns. — De qualquer jeito, é isso que eles diriam.

— Em que você acredita?

— Eu? — Ela se ergueu dos travesseiros e se apoiou em um cotovelo. — Na verdade, não sei. Vivo ocupada demais para pensar nisso.

— Acha que a alma de Donald ainda está entre nós?

Jahns sentiu um arrepio. Ela não se lembrava da última vez que tinha pronunciado o nome dele.

— Ele já morreu há mais anos do que passou casado comigo — disse ela. — Sou mais esposa do fantasma dele do que dele próprio.

— Isso não parece a coisa certa a dizer.

Jahns baixou os olhos. O mundo parecia um pouco confuso.

— Não acho que ele fosse se incomodar com isso. E sim, ele ainda está comigo. Ele me motiva todos os dias a ser uma boa pessoa. Eu o sinto me observar todo o tempo.

— Eu também — disse Marnes.

Jahns ergueu os olhos e viu que ele a estava observando fixamente.

— Não acha que ele ia querer que você fosse feliz? Quero dizer, em geral.

Ele parou de esfregar as pernas e ficou sentado com as mãos nos joelhos até ter que desviar os olhos.

— Você era o melhor amigo dele — disse Jahns. — O que acha que ele ia querer?

Marnes esfregou o rosto e olhou rapidamente para a porta fechada quando uma criança passou correndo e rindo pelo corredor.

— Acho que ele sempre quis apenas que você fosse feliz. Por isso era o homem certo para você.

Jahns esfregou os olhos enquanto ele não estava vendo, e olhou com atenção e curiosidade para seus dedos molhados.

— Está ficando tarde — disse ela, e se arrastou até a beira da cama pequena e pegou suas botas. A mochila e a bengala estavam esperando ao lado da porta. — E acho que você tem razão. Talvez esteja um pouco dolorida de manhã, mas acho que vou acabar me sentindo mais forte.

12

No segundo e último dia de descida até as profundezas, o que era novidade aos poucos se tornou habitual. O retinir e o martelar da grande escada em espiral tornaram-se rítmicos. Jahns conseguia se perder em pensamentos, sonhando acordada com tamanha serenidade que olhava para o número dos andares — 72, 84 — e se perguntava onde tinham ido parar os outros doze pavimentos. Até a dor no joelho esquerdo tinha melhorado, talvez pelo entorpecimento do cansaço ou porque estava curado mesmo. Passou a usar menos a bengala, que só atrasava seu passo pois sempre escorregava e ficava presa entre os degraus. Parecia mais útil enfiada embaixo do braço, como um osso a mais em seu esqueleto para mantê-la de pé.

Quando passaram pelo nonagésimo andar, tomado pelo fedor de fertilizante e dos porcos e outros animais que produziam esses dejetos úteis, Jahns apertou o passo e pulou o tour e o almoço que havia planejado, pensando apenas brevemente no coelhinho que de algum modo escapara de outra fazenda, conseguira subir vinte andares sem ser visto e comera até se fartar por três semanas, confundindo meio silo.

Tecnicamente, eles já estavam nas profundezas quando chegaram ao nonagésimo sétimo. O terço inferior. Mas, apesar de o silo ser dividido matematicamente em três seções de quarenta e oito andares cada, o cérebro dela não funcionava assim. O centésimo andar era um limite melhor. Era um marco. Ela contou os andares enquanto descia até chegarem ao primeiro pavimento com três dígitos, e parou para descansar.

Notou que Marnes estava sem fôlego, mas ela se sentia ótima. Viva e renovada, como esperara que a viagem a deixaria. A falta de sentido, a apreensão e a exaustão do dia anterior haviam desaparecido. Tudo o que restava era um leve temor de que aqueles sentimentos sombrios pudessem voltar, de que aquela alegria exuberante fosse uma onda passageira, de que, se parasse, se pensasse demais naquilo, a sensação iria sumir em um rodamoinho e deixá-la melancólica e mal-humorada de novo.

Eles dividiram um pãozinho, sentados na grade de metal da ampla plataforma das escadarias do andar, os pés balançando no espaço vazio, como duas crianças matando aula. O nível cem estava cheio de gente andando para lá e para cá. Todo o andar era um mercado, um lugar para escambo de mercadorias, para se trocar dinheiros pelo que quer que fosse necessário ou meramente desejado. Trabalhadores seguidos por suas sombras iam e vinham, famílias gritavam em meio às vertiginosas multidões, mercadores apregoavam suas melhores pechinchas. A passagem permanecia completamente aberta, deixando os cheiros e sons flutuarem até as portas das escadas, as grades estremecendo com a excitação.

Jahns estava adorando o anonimato da multidão que passava.

Ela mordeu sua metade do pão, saboreando a levedura fresca da massa assada naquela manhã, e se sentiu outra pessoa. Uma pessoa mais jovem. Marnes cortou um pedaço de queijo e uma fatia de maçã e juntou os dois para ela. Suas mãos se tocaram. Até os farelos de pão no bigode dele faziam parte da perfeição daquele momento.

— Estamos adiantados — disse Marnes antes de dar uma mordida na fruta. Era apenas uma observação agradável. Um tapinha nas próprias costas envelhecidas. — Acho que chegaremos ao 140º antes do jantar.

— Neste momento, não estou nem com medo da volta — disse Jahns. Ela deu a última mordida no queijo com maçã e mastigou satisfeita. Chegou à conclusão de que tudo tinha um sabor melhor quando se estava nas escadas. Ou em companhia agradável, ou em meio à música que vinha do bazar, algum mendigo tocando seu uquelele mais alto que o ruído da multidão. — Por que não descemos aqui com mais frequência? — perguntou.

Marnes resmungou.

— Porque é uma descida de cem andares? Além disso, nós temos a vista, o salão, o bar no Kipper. Quantas destas pessoas sobem até eles mais que uma vez em anos?

Jahns pensou naquilo enquanto comia seu último pedaço de pão.

— Você acha que isso é natural? Não se afastar muito de onde moramos?

— Não entendi — disse Marnes com a boca cheia.

— Vamos apenas supor que as pessoas moravam naqueles silos antigos na superfície, que se erguem na encosta da colina. Você não acha que eles iriam circular tão pouco, acha? Tipo ficar no mesmo silo? Nunca vir até aqui ou subir e descer cem lances de escada?

— Eu não penso nessas coisas — disse Marnes.

Jahns interpretou a resposta como uma insinuação de que ela também não deveria pensar nesse assunto. Às vezes era impossível saber o que podia ou não ser dito sobre o exterior. Essas eram discussões para casais, e talvez a caminhada e o dia anterior juntos a tivessem afetado. Ou talvez ela fosse tão suscetível à onda pós-limpeza quanto todo mundo: a sensação de que algumas regras podiam ser aliviadas, algumas tentações cortejadas, o alívio da pressão no silo servindo de desculpa para um mês de agitação exultante dentro da própria pele.

— Vamos andando? — convidou Jahns quando Marnes terminou seu pão.

Ele assentiu, e os dois se levantaram e pegaram suas coisas. Uma mulher que passava se virou, olhou para eles com um lampejo de reconhecimento no rosto e foi embora correndo para alcançar os filhos.

Lá embaixo era outro mundo, pensou Jahns consigo mesma. Ela passara muito tempo sem fazer uma visita. E, mesmo enquanto prometia a si mesma não deixar que isso tornasse a acontecer, parte dela sabia, como uma máquina enferrujada que sentia a própria idade, que aquela jornada seria sua última.

* * *

Andares passavam. Os jardins inferiores, a maior fazenda nos cento e trinta, o cheiro forte da usina de tratamento de água abaixo deles. Jahns estava perdida em seus pensamentos. Pensava na conversa com Marnes na noite anterior e na ideia de Donald ter vivido com ela mais na memória do que na realidade quando chegou ao portão do 140º.

Ela nem havia percebido a mudança no tráfego, a preponderância de macacões jeans, os portadores com mais alforjes de peças e ferramentas que de roupas, alimentos ou entregas. Mas a multidão no portão mostrou que ela havia chegado aos níveis superiores da Mecânica. Lá estavam reunidos trabalhadores em largos macacões azuis pontilhados de manchas antigas. Jahns quase podia identificar as profissões pelas ferramentas que levavam. Já era tarde, e ela supôs que a maioria estivesse voltando para casa após os reparos feitos por todo o silo. A ideia de percorrer tantos lances de escada e *depois* ter que trabalhar confundiu sua mente. Então se lembrou de que estava prestes a fazer exatamente a mesma coisa.

Em vez de abusar de seu cargo ou do poder de Marnes, eles esperaram na fila enquanto os trabalhadores se identificavam no portão. Durante o tempo em que aqueles homens e mulheres cansados registravam sua chegada, sua viagem e a duração, Jahns pensou no tempo que havia desperdiçado ruminando sobre a própria vida enquanto percorria a longa descida, tempo que deveria ter usado

para melhorar seu discurso para a tal de Juliette. Um nervosismo incomum provocou um nó no seu estômago enquanto a fila avançava lentamente. O trabalhador à frente deles mostrou sua identificação, o cartão azul da Mecânica, e anotou informações pessoais em uma lousa empoeirada. Quando chegou a vez deles, passaram pelo portão externo e mostraram suas identificações douradas. O vigia da guarita ergueu as sobrancelhas, então pareceu reconhecer a prefeita.

— Vossa Excelência — disse ele, e Jahns não o corrigiu. — Não estávamos esperando a senhora neste turno. — Ele fez um gesto para os dois guardarem suas identificações e pegou um pedaço de giz. — Permita-me.

Jahns observou enquanto ele girou a lousa e anotou os nomes deles em letras caprichadas, a lateral da mão sujando-se com a camada de giz logo abaixo. Para Marnes, ele simplesmente escreveu "Xerife", e mais uma vez Jahns não o corrigiu.

— Sei que ela só nos esperava mais tarde — disse Jahns. — Mas será que poderíamos nos encontrar com Juliette Nichols agora?

O vigia do posto se virou e olhou para o relógio digital às suas costas.

— Ela só sai do gerador daqui a uma hora. Talvez duas, conhecendo-a bem. Os senhores podem esperar no refeitório.

Jahns olhou para Marnes, que deu de ombros.

— Ainda não estou com muita fome — disse ele.

— E se a encontrássemos no trabalho? Seria bom ver o que ela faz. Faríamos de tudo para não atrapalhar.

O guarda encolheu os ombros.

— A senhora é a prefeita. Não posso dizer não. — Ele apontou o pedaço de giz para o corredor. As pessoas na fila lá fora se remexiam com impaciência enquanto esperavam. — Procure por Knox. Ele vai conseguir alguém para levá-la até lá.

O chefe da Mecânica era um homem que dificilmente passava despercebido. Knox ocupava totalmente o maior macacão que Jahns já vira. Ela se perguntou se o jeans extra lhe havia custado mais dinheiro, e como um homem conseguia manter uma barriga daquele tamanho cheia. Uma barba cerrada reforçava a imagem de durão. Era impossível saber se ele havia sorrido ou fechado a cara quando os viu chegando. Parecia inabalável, como um muro de concreto.

Jahns explicou o que queriam. Marnes o cumprimentou, e ela se deu conta de que os dois deviam ter se conhecido da última vez que ele descera até ali. Knox ouviu, assentiu e então gritou com uma voz tão rouca e grave que era impossível distinguir uma palavra do que dizia. Mas elas significaram alguma coisa para

alguém, pois um rapaz se materializou atrás dele, um garoto magro e pálido com cabelos muito ruivos.

— LeveelesatéláembaixopraverJules — rosnou Knox, o intervalo entre as palavras tão estreito quanto a fenda em sua barba onde devia haver uma boca.

O garoto, jovem até para uma sombra, acenou e saiu apressado. Marnes agradeceu a Knox, que não se mexeu, e eles foram atrás do menino.

Os corredores da Mecânica, Jahns percebeu, eram mais estreitos do que em qualquer outro lugar do silo. Eles se espremeram pela massa de pessoas que saíam do trabalho, os blocos de concreto de ambos os lados com reboco à mostra, e ásperos onde roçaram no ombro dela. Acima, canos e conduítes expostos corriam em paralelo. Jahns sentiu vontade de se abaixar, apesar de estarem a uns vinte centímetros de distância. Ela percebeu que muitos dos trabalhadores mais altos caminhavam curvados. As luzes eram fracas e distantes umas das outras, reforçando ainda mais a sensação esmagadora de descer em um túnel que penetrava cada vez mais na terra.

O jovem aprendiz de cabelos vermelhos os conduziu por várias curvas, parecendo conhecer bem o caminho. Chegaram a um lance com esquinas em noventa graus, e desceram mais dois níveis. Jahns ouviu um ronco que ficava mais alto à medida que iam descendo. Quando deixaram as escadarias no 142º, passaram por uma geringonça estranha em uma sala grande e espaçosa que dava para o corredor. Uma haste de aço do tamanho de alguns homens entre as duas extremidades movia-se para cima e para baixo, empurrando um pistão para dentro do chão de concreto. Jahns reduziu o passo para observar os giros ritmados. O ar cheirava a alguma coisa química ou podre. Ela não conseguia identificar.

— Isso é o gerador?

Marnes riu de um jeito condescendente, típico dos homens.

— Isso é uma bomba — disse ele. — Um poço de petróleo. É o que faz você conseguir ler à noite.

Ele apertou o ombro dela ao passar, e Jahns o perdoou instantaneamente por rir dela, e correu atrás dele e da jovem sombra de Knox.

— O barulho que você está escutando é o gerador — disse Marnes. — A bomba extrai petróleo, fazem alguma coisa com ele em uma usina alguns andares abaixo e, então, ele fica pronto para queimar.

Jahns tinha uma vaga noção desse processo, possivelmente graças a alguma reunião de comitê. Estava mais uma vez surpresa com quanto o silo era estranho até mesmo para ela, que deveria estar, pelo menos teoricamente, administrando

as coisas.

O murmúrio persistente nas paredes ficava mais alto à medida que iam se aproximando do fim do corredor. Quando o garoto de cabelos vermelhos abriu as portas, o som era ensurdecedor. Jahns sentiu medo de se aproximar mais, e até Marnes pareceu hesitar. O garoto acenou para que prosseguissem com gestos frenéticos; e Jahns se viu desejando que seus pés a levassem na direção do barulho. De repente, ela se perguntou se estavam sendo conduzidos para o *exterior*. Era uma ideia ilógica e sem sentido, nascida da ameaça mais perigosa que ela podia conceber.

Quando ela atravessou o batente, encolhida atrás de Marnes, o aprendiz deixou a porta bater, prendendo-os com o som atordoante. Ele pegou protetores de ouvido em uma prateleira na parede. Jahns seguiu seu exemplo e protegeu-se com um dos fones. O barulho foi amortecido, reverberando apenas no peito e em suas terminações nervosas. Jahns se perguntou por que, por qual motivo, a estante com os protetores auriculares estaria localizada *dentro* do aposento, em vez de fora.

O garoto acenou e disse algo, mas ela registrou apenas o movimento de seus lábios. Jahns e Marnes o seguiram por uma passagem estreita de grade de aço, um piso bem parecido com o das plataformas dos andares das escadarias do silo. Quando o corredor fez uma curva, no lugar de uma das paredes, surgiu uma cerca de proteção com três barras horizontais. Uma máquina impossível de identificar erguia-se do outro lado. Era do tamanho do apartamento e do gabinete dela juntos. No início, nada parecia se mover, nada que justificasse o martelar que sentia no peito. Foi só quando fizeram a volta completa na máquina que ela viu a barra de aço que se projetava da parte de trás da unidade, girando ferozmente e desaparecendo no interior de outra enorme máquina de metal, com cabos tão grossos quanto a cintura de um homem subindo até o teto.

A força e a energia naquele aposento eram palpáveis. Ao chegarem à outra extremidade da segunda máquina, Jahns finalmente viu uma figura solitária trabalhando ali. Uma mulher de aparência jovem, usando macacão e capacete e com cabelos castanhos trançados às costas, apoiava o corpo em uma chave inglesa quase do seu tamanho. Sua presença colocava as máquinas em perspectiva de uma forma terrível, mas ela não parecia temê-las. Continuava a forçar a chave, assustadoramente próxima daquela unidade barulhenta, fazendo Jahns pensar em uma antiga história infantil na qual um camundongo tirava uma farpa de um monstro imaginário chamado elefante. A ideia de uma mulher daquele tamanho consertando uma máquina tão feroz parecia absurda, mas a

prefeita ficou observando enquanto ela trabalhava. O jovem aprendiz passou por um portão e foi correndo avisá-la, puxando seu macacão.

A mulher se virou, sem se assustar, e olhou com atenção para Jahns e Marnes. Esfregou a testa com as costas de uma das mãos, enquanto com a outra apoiava a chave inglesa no ombro. Deu um tapinha na cabeça da jovem sombra e foi se encontrar com a prefeita e o delegado. Jahns viu que os braços da mulher eram magros e bem definidos. Ela não usava camiseta por baixo, só o macacão azul aberto no peito, expondo um pedacinho de pele azeitonada que reluzia com o suor. Era morena como os fazendeiros que trabalhavam sob as luzes de cultivo, mas também podia ser por causa da graxa e da fuligem, se o macacão sujo fosse parâmetro.

Parou diante de Jahns e Marnes e os cumprimentou com a cabeça. Sorriu para Marnes com um sinal de reconhecimento. Não estendeu a mão, o que Jahns achou bom. Em vez disso, apontou para uma porta ao lado de uma divisória de vidro e então seguiu naquela direção.

Marnes a seguiu como um cachorrinho, com Jahns logo atrás. Ela se virou para se assegurar de que o aprendiz não tinha ficado para trás e o viu voltando correndo por onde viera, os cabelos brilhando sob as luzes pálidas da sala do gerador. Seu dever, até onde sabia, estava cumprido.

Na pequena sala de controle, o barulho diminuiu. Reduziu-se a quase nada quando a porta pesada foi fechada com força. Juliette tirou o capacete de segurança e os protetores de ouvido e os deixou em uma prateleira. Jahns arriscou tirar os dela, desconfiada. Começou hesitante, ouviu o barulho reduzido a um zumbido distante, e os tirou também. A sala era pequena e cheia de superfícies metálicas e luzes piscantes diferentes de qualquer coisa que ela já vira. Era estranho que fosse prefeita daquela sala também, algo que ela mal sabia existir e que, sem dúvida, não conseguiria operar.

Enquanto o zunido nos ouvidos de Jahns diminuía, Juliette girou e ajustou alguns botões, observando pequenos ponteiros oscilarem sob mostradores de vidro.

— Pensei que fôssemos fazer isso amanhã de manhã — disse ela, atentamente concentrada em seu trabalho.

— Conseguimos descer mais rápido do que imaginávamos.

Jahns olhou para Marnes, que segurava seus protetores de ouvido, parecendo desconfortável.

— É bom vê-la de novo, Jules — disse ele.

Ela assentiu e se debruçou para espiar, pela janela de vidro grosso, as

máquinas gigantescas lá fora, as mãos deslizando pelo grande painel de controle sem precisar olhar, ajustando grandes dials negros com marcas brancas esmaecidas.

— Sinto muito por seu parceiro — disse ela, olhando para baixo, para uma série de números. Ela se virou e estudou Marnes; e Jahns viu que aquela mulher, por baixo do suor e da poeira, era bonita. Seu rosto era severo e magro, os olhos brilhantes. Tinha uma inteligência vivaz perceptível mesmo a distância. E ela olhava para Marnes com solidariedade, visível no franzir de suas sobrancelhas. — É verdade. Sinto muito, mesmo. Ele parecia ser um bom homem.

— O melhor — retrucou Marnes com a voz vacilante.

Juliette balançou a cabeça como se aquilo fosse tudo o que necessitava ser dito. Ela se virou para Jahns.

— Sabe essa vibração que sente no chão, prefeita? Isso é um engate que está apenas dois milímetros fora do lugar. Se você acha este lugar desagradável, devia pôr suas mãos nas laterais da máquina. Vai ficar com os dedos dormentes na hora. Se ficar por muito tempo, seus ossos sacodem como se você fosse desmontar.

Ela se virou, estendeu o braço entre Jahns e Marnes para ligar uma enorme chave de energia, então voltou para o painel de controle.

— Agora imagine pelo que o gerador está passando, sacudindo e se desmontando desse jeito. Os dentes começam a se desgastar na transmissão, pequenos fragmentos das aparas de metal estão flutuando no óleo como se fossem uma lixa grossa. Quando você menos esperar, poderá acontecer uma explosão de aço, e ficaremos só com a energia que o gerador reserva conseguir produzir.

Jahns prendeu a respiração.

— Quer que chamemos alguém? — indagou Marnes.

Juliette riu.

— Isso não é nenhuma novidade nem diferente de qualquer outro turno. Se a unidade reserva não estivesse sendo desmontada para conseguirmos novas juntas, e pudéssemos ficar operando com metade da energia por uma semana, eu poderia soltar aquele engate, ajustar as bases e botar o gerador para funcionar como novo. — Ela lançou um olhar para Jahns. — Mas, como há um mandado para operar a toda potência, sem interrupções, não posso. Então vou continuar a apertar porcas enquanto elas tentam se soltar, e a testar e descobrir os ciclos certos aqui para manter o gerador funcionando razoavelmente bem.

— Eu não sabia. Quando assinei aquele mandado...

— E eu aqui pensando que tinha simplificado meu relatório o bastante para que isso ficasse bem claro.

— Quanto tempo temos antes desse apagão?

Jahns de repente se deu conta de que não estava entrevistando aquela mulher. As perguntas e reivindicações seguiam o caminho inverso.

— Quanto tempo? — Juliette riu e sacudiu a cabeça. Ela terminou um último ajuste e se virou para olhá-los de braços cruzados. — Pode acontecer agora mesmo. Pode acontecer daqui a cem anos. A questão é: *vai* acontecer, e é totalmente evitável. O objetivo não devia ser manter esse lugar funcionando durante nossa vida — ela olhou diretamente para Jahns —, nem apenas pelo nosso mandato. Se o objetivo não é para sempre, então é melhor fazer as malas agora mesmo.

Jahns viu que Marnes ficou tenso ao ouvir isso. Sentiu-se reagir, um calafrio passando pelo corpo todo. A última frase passava perto demais da traição. A metáfora mal a atenuava.

— Eu podia declarar um feriado de energia — sugeriu Jahns. — Podíamos fazer isso em memória dos que fazem a limpeza. — Ela pensou mais nisso. — Podia ser uma desculpa para cuidar não só de sua maquinaria aqui. Poderíamos...

— Bem, boa sorte em fazer a TI desligar a merda do sistema. — Ela limpou o queixo com as costas do pulso, então as limpou no macacão e olhou para a graxa que ficou no jeans. — Desculpe o meu vocabulário, prefeita.

Jahns quis dizer a ela que não havia problema, mas a atitude da mulher, sua força, a lembravam demais de uma versão de si mesma, da qual mal conseguia se recordar. Uma mulher mais jovem que dispensava gentilezas e conseguia o que queria. Ela se viu olhando para Marnes.

— Por que você falou especificamente do departamento deles? Quero dizer, pelo consumo de energia.

Juliette riu, descruzou os braços e jogou as mãos para o alto.

— Por quê? Porque a TI tem o quê? Três andares de cento e quarenta e quatro? E eles usam mais de um quarto de toda a energia que produzimos. Posso fazer as contas para vocês...

— Não precisa.

— E não me lembro de nenhum servidor alimentando alguém ou salvando uma vida ou remendando um buraco em suas calças.

Jahns sorriu. De repente ela percebeu o que Marnes gostava naquela mulher. Também percebeu o que ele já tinha visto nela quando mais jovem, antes de se casar com o melhor amigo dele.

— E se reduzíssemos a energia da TI por uma semana por conta de alguma manutenção deles mesmos? Isso serviria?

— Achei que tínhamos descido para recrutá-la e tirá-la daqui — resmungou Marnes.

Juliette olhou para ele.

— E achei que tivesse dito a você, ou à sua secretária, para não se darem o trabalho. Não que eu tenha nada contra o que vocês fazem, mas precisam de mim aqui embaixo.

Ela ergueu o braço e conferiu alguma coisa pendurada no pulso. Era um relógio. Mas ela o estava examinando como se ainda funcionasse.

— Olhem, eu adoraria conversar mais — ela olhou para Jahns —, especialmente se você puder garantir um feriado para a eletricidade. Mas tenho mais uns ajustes a fazer e já estou trabalhando além do meu horário, e Knox fica puto quando faço muita hora extra.

— Vamos deixá-la em paz — disse Jahns. — Ainda não jantamos. Talvez pudéssemos vê-la mais tarde? Depois que você terminar o trabalho e se limpar?

Juliette olhou para si mesma, como se para confirmar se precisava mesmo fazer isso.

— Claro, está bem — disse ela. — Botaram vocês no alojamento?

Marnes confirmou.

— Está bem. Procuro vocês mais tarde. E não esqueçam os protetores.

Ela apontou para seus ouvidos, olhou Marnes nos olhos, balançou a cabeça, depois voltou ao trabalho, deixando claro que a conversa, pelo menos naquele momento, tinha terminado.

13

Marnes e Jahns foram conduzidos até o refeitório por Marck, um mecânico que tinha acabado de sair do segundo turno. Marnes parecia contrariado por precisar de um guia turístico. O delegado tinha aquela característica masculina de fingir saber onde estar, mesmo sem saber de verdade. Caminhando um pouco à frente em uma tentativa de provar isso, ele parava em uma interseção e apontava interrogativamente para uma direção, o que fazia com que Marck risse e o corrigisse.

— Mas todos parecem iguais — resmungava enquanto continuava abrindo caminho, na frente.

Jahns riu da demonstração de masculinidade e ficou para trás, a fim de conversar com o jovem mecânico, sabendo que ele trabalhava no turno de Juliette. Ele tinha o cheiro das profundezas, aquele odor que entrava na sala sempre que um mecânico aparecia para consertar alguma coisa em seu gabinete. Era uma mistura nascida do trabalho, uma combinação de transpiração, lubrificante e um leve odor de produtos químicos. Mas Jahns estava aprendendo a ignorar o cheiro. Viu que Marck era simpático e educado, um homem que a segurava pelo braço quando um carrinho de peças chacoalhando passava, um homem que cumprimentava todas as pessoas com quem cruzavam naqueles corredores parcamente iluminados e cheios de tubulações expostas e cabos pendurados. Ele vivia e respirava bem acima de seu quinhão na vida, pensou Jahns. Irradiava confiança. Até no escuro seu sorriso reluzia.

— Você conhece bem Juliette? — perguntou-lhe logo que o barulhento carrinho chacoalhante saiu do alcance de seus ouvidos.

— Jules? Ela é como uma irmã para mim. Somos todos uma família aqui embaixo.

Ele disse aquilo como se supusesse que o resto do silo funcionasse de modo diferente. À frente deles, Marnes coçou a cabeça na interseção seguinte antes de adivinhar a direção certa. Dois mecânicos fizeram a volta no corredor e vieram na direção deles, rindo. Trocaram algumas palavras rápidas com Marck — que,

para Jahns, pareceram uma língua estrangeira. Ela desconfiou que Marck tivesse razão, que talvez as coisas realmente funcionassem de modo diferente ali nas profundezas do silo. As pessoas não escondiam seus pensamentos e sentimentos, e pareciam dizer exatamente o que queriam. De um jeito bem parecido com as tubulações e os cabos do local, expostos e desguarnecidos.

— Por aqui — indicou Marck, apontando para um salão amplo, na direção do som de pessoas conversando e do tilintar de facas e garfos em pratos de metal.

— Então, há alguma coisa que você possa nos contar sobre Jules? — perguntou Jahns, e sorriu para Marck enquanto o mecânico segurava a porta. — Alguma coisa que ache que devíamos saber?

Os dois seguiram Marnes até alguns lugares vazios. A equipe da cozinha andava atarefada entre as mesas, na verdade servindo a comida, em vez de fazer os mecânicos entrarem em fila. Antes que eles sequer tivessem tempo de se ajeitar nos bancos de alumínio amassados, já estavam recebendo à mesa pratos de sopa, copos de água com rodelas de limão e pedaços de pão.

— A senhora está pedindo meu aval?

Marck se sentou e agradeceu ao homenzarrão que lhes entregara a comida e os talheres. Jahns olhou em volta à procura de um guardanapo e viu que a maioria dos homens e mulheres usava trapos sujos de graxa que pendiam dos bolsos das calças ou do peito.

— Só pergunto se existe alguma coisa que devamos saber — explicou ela.

Marnes estudou seu pão, cheirou-o, então enfiou um naco na sopa. Uma mesa vizinha caiu na gargalhada após a conclusão de alguma história ou piada.

— Sei que ela é capaz de fazer qualquer tarefa que lhe deem. Sempre foi. Mas não acho que precisem ser convencidos de algo, já que vieram de tão longe. Imagino que já tenham tomado a decisão.

Ele tomou uma colherada da sopa. Jahns pegou seu talher e viu que estava lascado e torto, o cabo da colher arranhado como se tivesse sido usado para forçar alguma coisa.

— Há quanto tempo a conhece? — perguntou Marnes.

O delegado mastigava o pão molhado, fazendo um sacrifício heroico para se misturar aos outros e parecer fazer parte daquele ambiente.

— Eu nasci aqui embaixo — contou-lhes Marck, a voz mais alta que o barulho do salão. — Eu trabalhava como sombra na Elétrica quando Jules apareceu. Era um ano mais nova que eu. Achei que não levaria duas semanas até que ela começasse a espernear e gritar para dar o fora daqui. Já tivemos nossa cota de transferidos e jovens fugidos, crianças dos níveis intermediários achando

que seus problemas não ousariam segui-los...

Ele se interrompeu e seus olhos se iluminaram quando uma mulher séria se espremeu para sentar ao lado de Marnes do outro lado da mesa. A recém-chegada limpou as mãos no trapo, guardou-o no bolso da frente e se debruçou na mesa para dar um beijo no rosto de Marck.

— Querida, você se lembra do delegado Marnes. — Marck fez um gesto na direção de Marnes, que estava limpando o bigode com a mão. — Esta é minha mulher, Shirly.

Eles apertaram as mãos. As manchas escuras nos nós dos dedos de Shirly pareciam permanentes, uma tatuagem de seu trabalho.

— E a prefeita. Esta é Jahns.

As duas mulheres também apertaram as mãos. Jahns estava orgulhosa de si mesma por aceitar o aperto firme sem se importar com a graxa.

— É um prazer — disse Shirly.

Ela se sentou. Sua refeição havia de alguma forma se materializado durante as apresentações. A sopa ondulava, fumegante.

— Aconteceu algum crime, delegado?

Shirly sorriu para Marnes enquanto arrancava um pedaço de seu pão, para que ele soubesse que era uma piada.

— Vieram convencer Jules a se mudar lá para cima com eles — disse Marck, e Jahns o flagrou erguendo uma sobrancelha para a esposa.

— Boa sorte — disse ela. — Se aquela garota se mudar um nível que seja, vai ser lá para baixo, para as minas.

Jahns quis perguntar o que ela queria dizer com aquilo, mas Marck se virou e recomeçou de onde havia parado.

— Então eu estava trabalhando na Elétrica quando ela apareceu...

— Está aborrecendo os dois com as histórias dos seus dias de sombra? — perguntou Shirly.

— Estou contando a eles sobre quando Jules chegou.

A esposa dele abriu um sorriso.

— Na época, eu estava acompanhando o velho Walk. Isso foi quando ele ainda circulava por aí, e saía de vez em quando...

— Ah, sim, Walker. — Marnes apontou Jahns com a colher. — Sujeito muito habilidoso. Nunca sai da oficina.

Jahns balançava a cabeça, tentando acompanhar. Várias pessoas que se divertiam na mesa vizinha se levantaram para ir embora. Shirly e Marck acenaram para se despedir e trocaram palavras com vários deles antes de voltar a

atenção para a prefeita e o delegado.

— Onde eu estava? — perguntou Marck. — Ah, sim, eu conheci Jules quando ela chegou na oficina de Walk com uma bomba. — Marck tomou um gole de água. — Uma das primeiras coisas que a mandaram fazer, e não esqueçam que ela era só uma garotinha frágil, certo? Devia ter uns doze anos ou algo assim. Magra como um cano. Recém-chegada dos intermediários ou lá de cima. — Ele gesticulou como se tudo fosse a mesma coisa. — Eles a mandaram subir aquelas bombas enormes lá para Walker rebobinar os motores, basicamente desenrolar um quilômetro de fio e enrolá-lo de volta outra vez. — Marck fez uma pausa e riu. — Bem, para que Walk *me* mandasse fazer todo o trabalho. Enfim, era meio que uma iniciação, sabe? Vocês fazem todas essas coisas com suas sombras, não? Só para ensinar a elas como as coisas funcionam.

Nem Jahns nem Marnes se moveram. Marck deu de ombros e prosseguiu.

— De qualquer forma... Aquelas bombas eram pesadas, certo? Deviam pesar mais que ela. Talvez duas vezes mais. E ela teria que botá-las em um carrinho sozinha e subir quatro lances de escada...

— Espere aí, como? — perguntou Jahns, tentando imaginar uma menina daquela idade movendo uma quantidade de metal do dobro do seu tamanho.

— Não importa. Polias, cordas, suborno, o que ela quisesse. Esse era o objetivo, sabe? E eles tinham dez bombas separadas para ela levar...

— Dez bombas — repetiu Jahns.

— Isso. E provavelmente só *duas* precisavam ser rebobinadas de verdade — acrescentou Shirly.

— Ah, se tanto — riu Marck. — Então Walk e eu fizemos apostas sobre quanto tempo ia levar para ela desistir e voltar para seu velho.

— Eu dei uma semana — disse Shirly.

Marck mexeu sua sopa e sacudiu a cabeça.

— A questão é que, quando ela terminou, nenhum de nós sabia como havia conseguido. Só anos depois ela finalmente nos contou.

— Estávamos sentados àquela mesa — apontou Shirly. — Eu nunca ri tanto na minha vida.

— Contou a vocês o quê? — perguntou Jahns.

Ela havia se esquecido da sopa. O vapor há muito tempo parara de subir.

— Bem, com certeza eu rebobinei os fios em dez bombas naquela semana. Durante todo o tempo eu esperava que ela desistisse. Torcia para isso. Meus dedos doíam. De jeito nenhum ela conseguiria carregar todas aquelas bombas. — Marck sacudiu a cabeça. — Impossível. Mas eu continuei a enrolá-las, e ela

continuava a subir mais, e em pouco tempo já chegava com mais uma. Conseguiu terminar as dez em seis dias. A pirralha abusada foi falar com Knox, que na época era apenas um gerente de turno, e perguntou se podia tirar um dia de folga.

Shirly riu e baixou os olhos para sua sopa.

— Então ela conseguiu a ajuda de alguém — disse Marnes. — Alguém provavelmente ficou com pena dela.

Marck limpou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Ah, não. Alguém teria visto e dito alguma coisa. Especialmente quando Knox exigiu saber como ela havia conseguido. O velho quase ficou maluco. Ele perguntava, e Jules só ficava lá parada, arriada como uma bateria velha, dando de ombros.

— Como ela conseguiu? — perguntou Jahns, agora morrendo de curiosidade.

Marck sorriu.

— Ela só levou uma bomba. Quase quebrou a coluna para subir com ela, mas só carregou uma.

— É. E você rebobinou aquele negócio dez vezes — disse Shirly.

— Ei, não precisa me lembrar.

— Espere. — Jahns ergueu a mão. — Mas e as outras?

— Ela mesma as rebobinou. Eu culpo Walk, que ficou falando pelos cotovelos enquanto ela varria a oficina naquela primeira noite. Ela fez muitas perguntas, me atormentou o tempo todo enquanto me observava trabalhar na primeira bomba. Quando terminei, ela empurrou a bomba até o corredor, mas, em vez de descer as escadas, a guardou no carrinho mesmo, bem ao lado da oficina de pintura. Então desceu, pegou a outra bomba e a levou para o armário de ferramentas no outro corredor. Passou a noite inteira lá, aprendendo a rebobinar um motor sozinha.

— Ah — disse Jahns, sabendo onde aquilo ia terminar. — E na manhã seguinte ela levou para você a mesma bomba do dia anterior, a que tinha ficado ali, no mesmo andar.

— Isso. Então ela descia e enrolava os fios de cobre quatro andares abaixo enquanto eu estava fazendo a mesma coisa aqui em cima.

Marnes caiu na gargalhada e deu um tapa na mesa que fez os pratos de sopa e os pães pularem.

— Eu fiz uma média de dois motores por dia naquela semana, um ritmo brutal.

— Tecnicamente, foi um motor só — observou Shirly, rindo.

— É. E ela conseguiu acompanhar meu ritmo. Tinha colocado todas as bombas de volta no carrinho com um dia de antecedência, no dia de sobra em que ela pediu para folgar.

— Uma folga que ela conseguiu, se bem me lembro — acrescentou Shirly. Ela sacudiu a cabeça. — Uma sombra tirando um dia de folga. Foi a maior surpresa.

— A questão é que, para começo de conversa, ela não devia nem ter cumprido a tarefa.

— Garota esperta — disse Jahns com um sorriso.

— Esperta demais — disse Marck.

— E o que ela fez, então, com esse dia de folga? — perguntou Marnes.

Marck empurrou e afundou sua rodela de limão na água com o dedo e a segurou ali por um instante.

— Passou o dia comigo e com Walk, varrendo a oficina, perguntando como as coisas funcionavam, onde eram ligados os fios, como soltar uma porca e abrir uma máquina, esse tipo de coisa. — Ele tomou um gole da água. — Acho que o que quero dizer é que, se forem dar um trabalho para Jules, tenham muito cuidado.

— Por quê? — perguntou Marnes.

Marck ergueu os olhos para a confusão de canos e fios no alto.

— Porque ela vai fazer o trabalho. Mesmo que vocês na verdade não esperem que faça.

14

Depois da refeição, Shirly e Marck os ensinaram a chegar aos alojamentos. Jahns olhou enquanto o jovem casal trocava beijos. Marck estava saindo de seu turno enquanto Shirly ia começar o dela. A refeição compartilhada era café da manhã para um e jantar para o outro. Jahns agradeceu aos dois por seu tempo e elogiou a comida, então ela e Marnes saíram de um refeitório quase tão barulhento quanto a sala do gerador e seguiram pelos corredores sinuosos na direção das suas camas naquela noite.

Marnes ia ficar no alojamento coletivo usado pelos mecânicos juniores do primeiro turno. Uma pequena cama tinha sido armada para ele. Jahns mediu-a com o olhar e calculou que devia ser uns quinze centímetros menos que o delegado. No final do corredor do alojamento coletivo, um pequeno apartamento havia sido reservado para Jahns. Os dois resolveram esperar ali, passar o tempo a sós, massageando as pernas doloridas e conversando sobre como tudo lá nas profundezas era diferente, até ouvirem uma batida à porta. Juliette a abriu e entrou.

— Eles botaram vocês dois em um quarto só? — perguntou Juliette, surpresa.

Jahns riu.

— Não. Botaram o delegado no alojamento coletivo. E eu teria ficado satisfeita em ficar lá com os outros.

— Não precisa — disse Juliette. — Eles botam recrutas e familiares visitantes aqui o tempo todo. Não é nada de mais.

Jahns observou enquanto Juliette prendeu um pedaço de barbante nos lábios, juntou o cabelo, ainda molhado depois do banho, e o amarrou em um rabo de cavalo. Ela trocara de roupa e vestira outro macacão; Jahns supôs que as manchas nele eram permanentes, que o tecido na verdade estava, sim, lavado e pronto para mais um turno.

— Então, quando poderíamos anunciar esse tal feriado de energia? — perguntou Juliette. Ela terminou de prender o cabelo, cruzou os braços e encostou-se na parede ao lado da porta. — Acho que você vai querer aproveitar

o estado de espírito pós-limpeza, não é?

— E quando *você* pode começar? — perguntou Jahns, e de repente se deu conta de que parte de seus motivos para querer aquela mulher como xerife era que ela parecia inatingível.

Jahns olhou para Marnes e se perguntou quanto da atração dele por ela, tantos anos antes, quando ela era moça e estava com Donald, tinha surgido por aquele motivo tão simples.

— Posso começar amanhã — disse Juliette. — Podemos ligar o gerador reserva pela manhã. Posso trabalhar um turno extra esta noite para garantir que as juntas e os lacres...

— Não — disse Jahns, erguendo a mão. — Quando pode começar como xerife?

Ela remexeu dentro da bolsa e espalhou as pastas na cama, à procura do contrato.

— Eu... achei que já tínhamos discutido isso. Não tenho interesse em ser...

— Os melhores — disse Marnes — não têm interesse no cargo.

Ele estava de pé de frente para Juliette, com os polegares enfiados no macacão, encostado em uma das paredes do quartinho.

— Sinto muito, mas não tem ninguém que possa ficar no meu lugar aqui — disse Juliette, sacudindo a cabeça. — Acho que vocês dois não entendem tudo o que nós fazemos...

— Acho que você não entende o que nós fazemos lá em cima — disse Jahns. — Ou por que precisamos de você.

Juliette jogou a cabeça para trás e riu.

— Olhe, tenho máquinas aqui embaixo que vocês nunca poderiam...

— E para que elas servem? — perguntou Jahns. — O que essas máquinas fazem?

— Elas mantêm a porcaria desse lugar funcionando! — declarou Juliette. — O oxigênio que vocês respiram? Nós o reciclamos aqui embaixo. As toxinas que exalam? Nós as bombeamos de volta para a terra. Querem que eu faça uma lista de tudo que o petróleo faz? Cada pedaço de plástico, grama de borracha, todos os solventes e o material de limpeza. Sem nem começar a falar da energia que ele produz, só de todas as outras coisas!

— E, apesar disso, tudo isso estava aqui antes mesmo de você nascer — observou Jahns.

— Bem, não teria durado muito mais, garanto a vocês. Não no estado em que as coisas estavam. — Ela cruzou os braços e se encostou na parede. — Acho que

vocês não entendem quanto estaríamos encrencados sem essas máquinas.

— E eu não acho que você entende como essas máquinas seriam inúteis sem todas essas pessoas.

Juliette desviou o olhar. Foi a primeira vez que Jahns a viu hesitar.

— Por que você não visita seu pai?

Juliette girou a cabeça de repente e olhou para a outra parede. Afastou da testa alguns fios de cabelo soltos e respondeu:

— Vá ver meus horários de trabalho. Me diga, quando eu poderia fazer isso?

Antes que Jahns pudesse responder e dizer que ele era sua família, que sempre deve haver tempo, Juliette virou-se para encará-la.

— Acha que não me importo com as pessoas? É isso? Você está errada. Eu me importo com cada pessoa neste silo. E os homens e mulheres aqui embaixo, os andares esquecidos da Mecânica, *eles* são a minha família. Eu os visito todos os dias. Divido meu pão com eles várias vezes por dia. Trabalhamos, vivemos e morremos ao lado uns dos outros. — Ela olhou para Marnes. — Não é assim? Você já viu como é.

Marnes não falou nada. Jahns se perguntou se ela estava se referindo especificamente à parte de "morrer".

— Você perguntou a ele por que nunca veio me ver? Porque ele tem todo o tempo do mundo. Ele não tem *nada* para fazer lá em cima.

— É, nós falamos com ele. Seu pai parece ser um homem muito ocupado. Tão determinado quanto você. — Juliette desviou o olhar. — E igualmente teimoso. — Jahns deixou a papelada na cama, se levantou e foi até a porta, parando a apenas um passo de Juliette. Podia sentir o cheiro do sabão no cabelo dela. Podia ver suas narinas se moverem com a respiração rápida e pesada. — Os dias vão passando e fazem as pequenas decisões pesarem, não é? Como a decisão de não visitá-lo. Os primeiros dias passam facilmente, alimentados pela raiva e pela juventude. Mas então eles começam a se acumular, como lixo não reciclado, não é verdade?

Juliette abanou a mão, ignorando aquele comentário.

— Não sei do que você está falando.

— Estou falando sobre os dias se tornarem semanas, as semanas se tornarem meses e os meses se tornarem anos. — Jahns quase disse que tinha passado pela mesma coisa, que o tempo ainda estava se acumulando, mas Marnes estava no mesmo quarto, ouvindo. — Depois de um tempo, você se prende à raiva só para justificar um erro antigo. E depois isso se torna um jogo. Duas pessoas evitando se encarar, recusando olhar para trás, ambas com medo de ser a primeira a...

— Não é nada assim — disse Juliette. — Não quero seu emprego. Tenho certeza de que vocês têm vários outros interessados.

— Se não for você, será alguém em quem não sei se posso confiar. Não mais.

— Então dê para a próxima garota — falou ela com um sorriso.

— É você ou ele. E acho que ele vai ser orientado mais pelos trinta do que por mim, ou pelo Pacto.

Juliette pareceu reagir a isso. Seus braços relaxaram encostados ao peito. Ela se virou, e seus olhos encontraram os de Jahns. Marnes observava a cena do outro lado do quarto.

— O último xerife, Holston, o que aconteceu com ele?

— Foi para a limpeza — disse Jahns.

— Voluntariamente — acrescentou Marnes de maneira ríspida.

— Eu sei, mas por quê? — Ela franziu o cenho. — Ouvi dizer que foi a esposa dele.

— Há especulações de todo tipo...

— Eu me lembro de ouvi-lo falando sobre ela, quando vocês dois vieram aqui embaixo para investigar a morte de George. No início, pensei que estivesse me paquerando, mas ele só falava da esposa.

— Eles estavam na loteria enquanto estávamos aqui embaixo — lembrou-a Marnes.

— É verdade, sim. — Ela estudou a cama rapidamente. Havia uma papelada espalhada ali. — Eu não ia saber fazer esse trabalho. Só sei consertar coisas.

— É o mesmo trabalho — disse Marnes a ela. — Você nos ajudou muito naquele caso aqui embaixo. Você vê como as coisas funcionam. Como se encaixam. Pequenas pistas que os outros não percebem.

— Você está falando sobre *máquinas* — disse ela.

— As pessoas não são muito diferentes — retrucou Marnes.

— Acho que você já sabe disso — completou Jahns. — Acho que, na verdade, você tem a atitude certa. A disposição certa. É um cargo apenas levemente político. A distância é boa.

Juliette sacudiu a cabeça e olhou de volta para Marnes.

— Então você me indicou, não é? Eu queria saber como isso tinha surgido. Parecia algo saído do nada.

— Você seria boa — disse Marnes a ela. — Acho que você seria muito boa em qualquer coisa que resolvesse fazer. E esse é um trabalho mais importante do que pensa.

— E eu teria que morar lá em cima?

— Seu gabinete é no nível um. Perto da câmara pressurizada.

Juliette pareceu pensar naquilo. Jahns ficou animada só por ela estar fazendo perguntas.

— O pagamento é mais do que você ganha agora, mesmo com os turnos extras.

— Você checou?

Jahns assentiu.

— Tomei algumas liberdades antes de descer até aqui.

— Como conversar com meu pai.

— Isso mesmo. Ele adoraria vê-la, sabia? Se vier com a gente.

Juliette olhou para as botas.

— Não tenho certeza.

— Tem outra coisa — disse Marnes, atraindo a atenção de Jahns. Ele olhou para a papelada na cama. O contrato bem dobrado feito para Peter Billings estava por cima. — A TI — lembrou.

Jahns entendeu sua intenção.

— Temos que resolver uma coisa antes de você aceitar.

— Não sei se estou aceitando. Quero falar mais sobre esse feriado de energia, organizar os turnos de trabalho aqui embaixo...

— Segundo a tradição, a TI confirma todas as nomeações para cargos...

Juliette revirou os olhos e suspirou.

— A TI.

— É, e também falamos com eles quando descemos, só para adiantar as coisas.

— Imagino — disse Juliette.

— É sobre as requisições — interveio Marnes.

Juliette se virou para ele.

— Sabemos que provavelmente não é nada, mas vão mencionar isso...

— Espera, isso é sobre a fita térmica?

— Fita térmica?

— É. — Juliette fechou a cara e sacudiu a cabeça. — Aqueles filhos da mãe!

— Eles tinham uma pasta sobre você dessa grossura. — Jahns usou o polegar e o indicador para mostrar um espaço de cinco centímetros. — Disseram que estava desviando suprimentos deles.

— Não acredito. Sério? — Ela apontou para a porta. — Nós não conseguimos nenhum dos suprimentos de que precisamos por causa deles. Precisei da fita porque tivemos um vazamento em um permutador de calor há alguns meses, mas

não conseguimos porque o Suprimentos nos falou que todo o estoque estava reservado. Bem, tínhamos feito o pedido havia muito tempo, e foi então que descobri com um dos nossos portadores que a fita ia toda para a TI, e que eles usavam quilômetros no revestimento daqueles trajes de teste todos.

Juliette respirou fundo.

— Então eu interceptei um pouco. — Ela olhou para Marnes ao admitir. — Olhem, estou mantendo a produção de energia para eles fazerem sabe-se lá o que lá em cima, e não consigo nem mesmo os suprimentos básicos. E, mesmo quando consigo, é tudo uma porcaria, provavelmente por causa das cotas irreais que apressam a cadeia de produção...

— Se você realmente precisava dessas coisas — interrompeu Jahns —, então entendo.

Ela olhou para Marnes, que sorriu e assentiu de leve, como se dissesse que *tinha avisado* a ela que Juliette seria a mulher certa para o emprego.

Jahns o ignorou.

— Fico satisfeita por poder ouvir o seu lado — falou para Juliette. — E eu deveria ter feito essa viagem com mais frequência, por mais doloridas que estejam minhas pernas. Há coisas lá em cima que não questionamos e achamos completamente naturais porque não as compreendemos muito bem. Agora vejo que nossos departamentos devem se comunicar melhor, ter um contato mais constante, como o que tenho com a TI.

— Estou dizendo isso só há uns vinte anos — disse Juliette. — Aqui embaixo, costumamos brincar dizendo que este lugar foi projetado para nos manter fora do caminho. E às vezes é o que parece.

— Bem, se você vier lá para cima, se aceitar esse emprego, as pessoas vão ouvi-la. Você poderia ser o primeiro elo nessa nova cadeia de comando.

— A TI vai aceitar?

— Vai haver resistência, mas é o que sempre acontece com eles. Já lidei com isso antes. Vou enviar um e-mail para meu gabinete e pedir alguns formulários de desistência. Vamos preenchê-los retroativamente, legalizar essas aquisições. — Jahns estudou a mulher mais jovem. — Desde que eu tenha a sua palavra de que todos os suprimentos desviados eram cem por cento necessários.

Juliette não hesitou diante desse questionamento.

— Eram, sim — disse ela. — Não que tenham feito diferença. As fitas que pegamos deles eram um lixo. Não seriam melhores em cair aos pedaços se tivessem sido projetadas para isso. Vou dizer uma coisa: finalmente conseguimos receber o pedido que tínhamos feito ao Suprimentos e estamos com fita

sobrando. Eu adoraria deixar para eles uma oferta de paz quando subirmos. O design das nossas é muito melhor...

— “Quando subirmos”? — repetiu Jahns, para ter certeza de haver entendido o que Juliette estava dizendo, com o que ela estava concordando.

Juliette examinou os dois, então balançou a cabeça.

— Vou precisar de uma semana para resolver o problema do gerador. E vou cobrar de vocês esse feriado de energia. E, para que fique bem claro, sempre vou me considerar da Mecânica, e estou fazendo isso em parte porque vejo o que acontece quando os problemas são ignorados. Minha grande contribuição para os níveis mais baixos foi a manutenção preventiva. Não esperamos mais os equipamentos quebrarem para consertá-los. Agora trabalhamos e os deixamos em ordem enquanto ainda estão funcionando. Muitas coisas foram ignoradas, deixadas para se estragarem. E acho que, se o silo pode ser considerado uma grande máquina, somos como o depósito de óleo velho e sujo aqui debaixo, que precisa de um pouco de atenção das pessoas. — Ela estendeu a mão para Jahns. — Se você conseguir esse feriado de energia, eu concordo.

Jahns sorriu e apertou a mão da jovem. Ficou admirada com o calor e a força naquele aperto.

— Vou começar a trabalhar nisso amanhã de manhã cedo — disse. — Bem-vinda a bordo.

Marnes atravessou o quarto para apertar a mão de Juliette também.

— É bom tê-la com a gente, chefe.

Juliette deu um sorriso meio malicioso quando apertou sua mão.

— Bem, não vamos apressar as coisas. Acho que tenho muito o que aprender antes que você comece a me chamar assim.

15

Parecia apropriado que a subida de volta até o topo ocorresse durante um feriado de energia. Jahns sentia sua própria energia obedecer ao novo decreto, e se esgotar a cada doloroso passo. A agonia da descida tinha sido somente uma amostra, o desconforto do movimento constante disfarçado de fadiga por conta do exercício. Mas agora seus músculos frágeis estavam trabalhando de verdade. Cada degrau era uma conquista. Ela erguia uma bota até o patamar seguinte, apoiava a mão no joelho e se forçava a subir mais vinte e cinco centímetros do que parecia ser uma escada em espiral de um milhão de metros.

A plataforma à sua direita indicava que estavam no andar 58. Cada patamar parecia permanecer à vista para sempre, diferentemente do que havia acontecido na viagem de ida, durante a qual divagava e passava por vários pavimentos sem perceber. Agora eles surgiam acima do corrimão externo e ficavam ali, escarnecendo dela sob o brilho verde e suave das luzes de emergência, enquanto Jahns se esforçava para subir, um passo difícil e vacilante de cada vez.

Marnes caminhava ao seu lado, segurando o corrimão interno enquanto ela se apoiava no externo, com a bengala retinindo nos degraus solitários entre os dois. Às vezes os braços dos dois se tocavam. Parecia que estavam longe havia meses, longe de seus escritórios, de suas obrigações, daquela familiaridade fria. A aventura até lá embaixo em busca de um novo xerife surtira um resultado diferente do que Jahns tinha imaginado. Ela sonhara com um retorno à juventude e, em vez disso, se viu assombrada por velhos fantasmas. Esperara encontrar um vigor renovado e, em vez disso, sentiu os anos pesarem nos joelhos e nas costas. O que deveria ter sido um grande tour pelo silo sob seu comando se tornara uma caminhada penosa e em relativo anonimato, e agora ela se perguntava se sequer era necessária para a operação e a manutenção daquele lugar. O mundo ao seu redor era estratificado; ela via isso cada vez com mais clareza. Os níveis superiores se preocupavam com a vista que se embaçava, mas não davam a devida importância ao suco de laranja que tomavam no café da manhã. As pessoas que moravam embaixo e trabalhavam nas plantações ou limpavam as

gaiolas dos animais viviam em seu próprio mundo de terra, hortaliças e fertilizante. Para elas, a vista do exterior era algo periférico, ignorado até haver uma limpeza. E havia as profundezas, as oficinas mecânicas e os laboratórios químicos, os postos de bombeamento de petróleo e as engrenagens rangendo, o mundo bruto das unhas sujas de graxa e do suor do trabalho. Para essas pessoas, o exterior e a alimentação parca vinda de cima mal passavam de rumores e sustento básico. O objetivo do silo era que as pessoas mantivessem as máquinas em funcionamento, quando Jahns sempre, por toda a sua longa vida, achara que era o contrário.

A plataforma do quinquagésimo sétimo surgiu na escuridão. Uma menina estava sentada no piso de grade metálica, com os pés dobrados junto ao corpo, os braços em torno dos joelhos e um livro infantil protegido pela capa de plástico erguido sob a luz mortiça de uma lâmpada no alto. Jahns ficou observando a menina, que permaneceu imóvel, com a exceção dos olhos que corriam pelas páginas coloridas. A menina não ergueu os olhos para ver quem estava passando pelos apartamentos. Eles a deixaram para trás, e ela aos poucos desapareceu na escuridão enquanto Jahns e Marnes continuavam em sua luta escadaria acima, exaustos pelo terceiro dia de subida, sem as vibrações nem o clangor de passos acima ou abaixo deles, o silo quieto e assustadoramente desprovido de vida, com espaço suficiente para dois velhos amigos, dois camaradas, caminharem lado a lado nos degraus desgastados, os braços balançando e, muito de vez em quando, se esbarrando.

* * *

Eles passaram aquela noite na delegacia do nível intermediário. O delegado insistiu para que aceitassem sua hospitalidade, e Jahns concordou, ansiosa por obter apoio para a nomeação de mais um xerife vindo de fora da profissão. Depois de um jantar frio na penumbra e piadas inofensivas o bastante para satisfazer o anfitrião e sua esposa, Jahns foi para o gabinete principal onde um sofá-cama tinha sido arrumado para ficar o mais confortável possível, a roupa de cama emprestada de algum lugar melhor e com cheiro de sabão. Marnes foi acomodado em uma cama de armar na cela, que ainda fedia a gim artesanal e a um bêbado que se excedera depois da limpeza.

As luzes já estavam tão fracas que quase foi impossível perceber quando se apagaram de vez. Jahns estava deitada na cama na escuridão, os músculos latejando e se deleitando na imobilidade; sentia câimbras nos pés, que mais

pareciam feitos de puro osso; as costas estavam doloridas e precisando se alongar. Sua mente, porém, continuava ativa. Voltava-se para as conversas maçantes com que haviam passado o tempo naquele dia de subida.

Ela e Marnes pareciam dançar em torno um do outro, testando a memória de velhos encantos, sondando a sensibilidade de antigas cicatrizes, à procura de algum ponto fraco que tivesse restado em meio à irritação e aos corpos exaustos, passando pela pele enrugada e seca como papel até chegar aos corações calejados pela lei e pela política.

O nome de Donald surgia com frequência, com certa hesitação, como uma criança entrando escondida na cama dos adultos, forçando amantes desconfiados a abrir espaço. Jahns encarou um novo luto pelo marido há muito morto. Pela primeira vez na vida, ela lamentou as décadas posteriores de solidão. O que sempre tinha visto como sua missão — o afastamento e a dedicação ao bem maior — mais parecia uma maldição. Sua vida lhe havia sido tomada. Espremida como uma fruta. O suco de seus esforços e anos de sacrifício escorrera por um silo que, apenas quarenta níveis abaixo dela, mal sabia disso e pouco se importava com esse fato.

A parte mais triste daquela jornada tinha sido o entendimento ao qual havia chegado com o fantasma de Holston. Agora podia admitir: uma das maiores razões para aquela viagem, talvez a principal razão para querer Juliette como xerife, era poder ir até o fundo, fugindo da imagem dos dois amantes aconchegados no sopé do morro enquanto o vento fustigava sua juventude desperdiçada. Ela partira para fugir de Holston e, em vez disso, o encontrara. Agora, mesmo não sabendo por que todos os que eram mandados para a limpeza realmente a faziam, pelo menos sabia por que uns poucos infelizes ousavam ser voluntários para realizar a tarefa. Melhor se unir a um fantasma do que ser assombrado por ele. Melhor não ter vida do que ter uma vida vazia...

A porta do gabinete do delegado rangeu em uma dobradiça gasta demais para ser engraxada. Jahns tentou se sentar e enxergar no escuro, mas seus músculos doíam demais, os olhos estavam velhos demais. Quis falar, dizer aos seus anfitriões que estava bem, que não precisava de nada, mas, em vez disso ficou ouvindo.

Passos se aproximaram, quase inaudíveis no carpete gasto. Não houve palavras, só o estalar de juntas envelhecidas perto da cama, o levantar dos lençóis caros e perfumados, e um entendimento entre dois fantasmas vivos.

A respiração de Jahns ficou presa no peito. Sua mão tateou e encontrou um punho que agarrava os lençóis. Ela chegou para o lado no pequeno sofá-cama

para abrir espaço e o puxou para si.

Marnes passou o braço por suas costas, se ajeitou até que ela estivesse deitada parcialmente em cima dele, uma perna por cima das dele, as mãos em seu pescoço. Ela sentiu o bigode roçar em seu rosto e os lábios se contraírem e beijarem o canto da boca dela.

Jahns segurou o rosto dele e afundou a cabeça em seu peito. Ela chorou como uma criança, como uma nova sombra sentindo-se perdida e com medo no meio da loucura de um trabalho estranho e aterrorizante. Ela chorava de medo, mas isso logo desapareceu. Desapareceu junto com a dor nas costas quando as mãos dele a acariciaram ali. Desapareceu até uma dormência tomar seu lugar, e então, depois do que pareceu uma eternidade de soluços trêmulos, a *sensação* a tomou.

Jahns se sentiu viva sob a própria pele. Sentiu o latejar de carne tocando em carne, apenas seu antebraço nas costelas sólidas dele, as mãos nos ombros, as dele em seus quadris. E depois as lágrimas foram um alívio feliz, uma espécie de lamento pelo tempo perdido, uma tristeza bem-vinda por um momento há muito adiado e que finalmente tinha chegado, com os braços em volta dele, apertando firme.

Ela pegou no sono assim, exausta por muito mais que a subida, por alguns beijos hesitantes, mãos entrelaçadas, uma palavra sussurrada de carinho e ternura, e então as profundezas do sono a puxaram. O cansaço em suas juntas e ossos a fez sucumbir a um sono que ela não queria, mas do qual precisava muito. Dormiu com um homem nos braços pela primeira vez em décadas, e acordou com uma cama familiarmente vazia, mas com o coração estranhamente cheio.

* * *

No meio do quarto e último dia de subida, eles chegaram aos trinta e poucos da TI. Jahns se viu parando mais vezes durante o caminho para beber água e massagear os músculos, não pela exaustão que fingia sentir, mas por medo daquela parada, de ver Bernard, de que sua viagem chegasse ao fim.

As pesadas sombras projetadas pelo feriado de energia os seguiam. Não havia muito movimento, pois a maioria dos mercadores havia parado devido à redução temporária no abastecimento elétrico em todo o silo. Juliette, que havia ficado para trás, para cuidar dos reparos, avisara Jahns de que as luzes ficariam muito fracas e bruxuleantes só com a energia do gerador reserva. Mesmo assim, o efeito da iluminação tremeluzente tinha afetado seus nervos durante a longa subida. A pulsação ritmada a fazia pensar em uma lâmpada elétrica defeituosa

que ela fora obrigada a aguentar durante boa parte do primeiro mandato. Dois técnicos diferentes da Elétrica tinham ido inspecionar a lâmpada, mas ambos a consideraram ainda operacional demais para ser desperdiçada. Foi necessário apelar para McLain, que já na época era chefe do Suprimentos, para conseguir a substituição.

Jahns se lembrava de que McLain em pessoa lhe levara a lâmpada. Ela era a chefe do Suprimentos havia pouco tempo, e de certo modo a contrabandeara por todos aqueles degraus até o topo do silo. Mesmo na época, Jahns a via com respeito, aquela mulher com tanto poder e responsabilidade. Ela lembrava que McLain lhe havia perguntado por que não fazia como todo mundo e simplesmente quebrava a lâmpada de uma vez.

O fato de isso jamais ter passado pela cabeça de Jahns costumava incomodá-la, até que ela começou a sentir orgulho por essa falha; até conhecer McLain bem o bastante para entender que a pergunta tinha sido um elogio, e a lâmpada trazida pessoalmente, uma recompensa.

Quando chegaram ao trigésimo quarto, Jahns sentiu como se estivessem, de certa forma, em casa outra vez: de volta ao domínio do familiar, no piso principal da TI. Ela esperou junto ao corrimão, apoiada nele e na bengala, enquanto Marnes abria a porta. Imediatamente, o brilho pálido da energia mais fraca foi varrido pelas luzes brilhantes acesas no departamento. Não houvera muito alarde, mas a razão para o racionamento de energia ser tão severo nos outros níveis eram as isenções das quais a TI se beneficiava. Bernard não pensou duas vezes antes de mostrar várias cláusulas do Pacto para justificar o que dizia. Juliette reclamara que os servidores não deveriam ser mais importantes que as luzes de cultivo, mas se conformou com o realinhamento do gerador principal, e aceitou o que foi possível. Jahns dissera a Juliette para ver aquilo como sua primeira lição sobre negociação política, mas a jovem retrucara que via aquilo como uma demonstração de fraqueza.

Lá dentro, Jahns encontrou Bernard os esperando, com uma expressão de quem havia bebido suco azedo. Uma conversa entre um grupo de funcionários da TI ali perto silenciou com a entrada dos dois, deixando Jahns com poucas dúvidas de que haviam sido vistos ao subir e que estavam sendo esperados.

— Bernard — cumprimentou ela, tentando manter sua respiração estável.

Não queria que ele soubesse como estava cansada, mas que pensasse que sua subida desde as profundezas estava sendo um passeio, como se não fosse nada de mais.

— Marie.

Fora uma afronta intencional. Ele nem mesmo olhou na direção de Marnes ou demonstrou perceber que o delegado estava ali.

— Você prefere assinar isso aqui ou na sala de reuniões?

Ela pegou na bolsa o contrato com o nome de Juliette.

— Qual é o seu jogo, Marie?

Jahns sentiu seu sangue ferver. O grupo de trabalhadores usando macacões prateados da TI estava acompanhando a conversa.

— Jogo? — repetiu ela.

— Você acha engraçadinho esse seu *feriado de energia*? Foi seu modo de me dar o troco?

— Dar o troco?

— Eu tenho servidores, Marie...

— Seus servidores estão recebendo a cota de energia integral — lembrou-o Jahns, elevando o tom de voz.

— Mas o resfriamento vem dos dutos lá da Mecânica e, se a temperatura subir mais, vamos ter que reduzir a atividade, coisa que *nunca* tivemos que fazer!

Marnes colocou-se entre os dois, com as mãos erguidas.

— Calma — disse com tranquilidade, olhando para Bernard.

— Mande sua sombra sair daqui — cuspiu Bernard.

Jahns tocou o braço do delegado.

— O Pacto é claro, Bernard. A escolha é minha. Minha indicação. Você e eu temos uma longa história apoiando as nomeações um do outro...

— E eu disse a você que essa garota lá do buraco não ia servir...

— O emprego é dela — interrompeu Marnes.

Jahns viu que a mão do delegado havia descido até o coldre do revólver. Ela não tinha certeza se Bernard havia percebido ou não, mas ele se calou. Seus olhos, porém, não deixaram os de Jahns.

— Eu não vou assinar isso.

— Então, na próxima vez, não vou perguntar.

Bernard deu um sorriso.

— Você acha que vai sobreviver a outro xerife? — Ele se virou na direção dos trabalhadores no canto e gesticulou para chamar um deles. — Não sei por quê, mas duvido.

Um dos técnicos deixou o grupo que sussurrava e se aproximou. Jahns reconheceu o rapaz do refeitório; já o vira lá em cima quando ficava trabalhando até tarde. Lukas, se ela lembrava corretamente. Ele apertou a mão da prefeita, sorriu e murmurou um *olá* desajeitado.

Bernard abanou o ar com impaciência.

— Assine o que ela precisar. Eu me recuso. Faça cópias. Cuide do resto. — Deu um aceno para dispensá-lo, virou-se e olhou para Marnes e Jahns de cima a baixo pela última vez, como se estivesse aborrecido com a condição, a idade ou a posição deles, *alguma coisa*. — Ah, e peça para Sims encher os cantis deles. E providencie para que tenham comida o bastante para se arrastar até suas casas. O que for preciso para suas pernas decrépitas os tirarem daqui e os levarem para onde diabos é o lugar deles.

E com isso Bernard saiu na direção dos portões fechados com trancas que levavam para o coração da TI, de volta a seus escritórios bem-iluminados, onde os servidores contentes zuniam, sob a temperatura que se elevava lentamente, como o calor na carne enraivecida, quando os capilares se estreitam e o sangue que flui neles começa a ferver.

16

Os andares passavam mais facilmente à medida que eles iam se aproximando de casa. Nas seções mais escuras da escadaria, entre os pavimentos silenciosos de pessoas abrigadas à espera do retorno à normalidade, mãos envelhecidas se balançavam juntas entre os dois, atrevida e abertamente, enquanto as outras subiam deslizando pelo aço frio dos corrimãos.

Jahns largava de vez em quando só para conferir se sua bengala estava presa às costas, ou para pegar o cantil de Marnes de sua mochila e tomar um gole. Eles tinham resolvido beber a água um do outro, pois era mais fácil de pegar do que nas próprias costas. Também havia certa ternura nisso, levar o sustento de que o outro precisava e ser capaz de dar e receber em uma relação perfeitamente equitativa. Era algo pelo que valia a pena soltar as mãos. Ao menos momentaneamente.

Jahns terminou de dar um gole, atarraxou a tampa de metal com a correntinha pendurada e devolveu a garrafa ao bolso dele. Ela estava louca para saber se as coisas seriam diferentes quando voltassem. Estavam a apenas vinte andares de seu destino. O que ontem parecia uma distância impossível agora poderia passar despercebida. E, quando chegassem, será que o ambiente familiar traria papéis familiares? Será que a noite anterior iria parecer cada vez mais um sonho? Ou será que os velhos fantasmas voltariam para assombrar os dois? Ela queria fazer essas perguntas, mas em vez disso falou sobre trivialidades. Quando Jules, como ela insistia em ser chamada, estaria pronta para o serviço? Quais casos ele e Holston tinham deixado em aberto e precisavam de atenção primeiro? Que concessão fariam para manter a TI feliz, para acalmar Bernard? E como iriam lidar com a decepção de Peter Billings? Que impacto isso poderia ter nas audiências que um dia ele viria a presidir como juiz?

Jahns sentiu seu estômago se revirar enquanto discutiam essas questões. Ou talvez fosse nervosismo por tudo o que queria dizer, mas não podia. Esses assuntos eram tão numerosos quanto os grãos de poeira no ar exterior, e, assim como eles, secavam sua boca e travavam sua língua. Ela se viu bebendo cada vez

mais do cantil dele, sua água fazendo barulho às suas costas e seu estômago piorando a cada andar, os números uma contagem regressiva rumo à conclusão de sua jornada, uma aventura que tinha sido um sucesso completo em muitos níveis.

Para começar, tinham conseguido seu xerife: uma garota intrépida das profundezas que parecia tão confiante e inspiradora quanto Marnes havia prometido. Jahns via gente como ela como o futuro do silo. Pessoas que pensavam a longo prazo, que planejavam e faziam as coisas. Havia precedentes de xerifes se candidatando a prefeito. E Jahns pensou que um dia Juliette seria uma boa opção.

Por falar em se candidatar, a viagem reavivou seus próprios objetivos e ambições. Estava entusiasmada com as eleições que se aproximavam, por mais que fosse a única candidata, e chegou mesmo a sonhar com dezenas de discursos curtos durante a subida. Ela viu como as coisas podiam funcionar melhor, como podia desempenhar suas funções com mais diligência e como o silo podia ter vida nova infundida em seus ossos velhos.

A maior mudança, porém, foi o que quer que havia surgido entre ela e Marnes. Chegara a começar a desconfiar, só nas últimas horas, que a verdadeira razão para ele nunca ter aceitado uma promoção era ela. Como delegado, havia distância suficiente entre os dois para manter as esperanças, seu sonho impossível de possuí-la. Como xerife, isso não poderia acontecer: havia conflitos de interesses; ela seria sua superior imediata. Essa teoria continha uma enorme tristeza e uma doçura assustadora. Apertou a mão dele enquanto pensava, e isso a encheu com um grande vazio, uma dor nas entranhas por tudo o que ela havia sacrificado em silêncio, uma dívida enorme que jamais seria paga, independentemente do que acontecesse depois.

Eles estavam chegando ao andar do berçário e não tinham planos de parar para ver o pai de Juliette ou de insistir para que recebesse a filha quando ela subisse, mas Jahns mudou de ideia quando sentiu sua bexiga quase explodindo.

— Estou com muita vontade — disse a Marnes, envergonhada como uma criança em admitir que não conseguia mais se segurar. Sua boca estava seca, e o estômago se revirava, talvez com medo de chegar em casa. — E também não acharia ruim ver o pai de Juliette — acrescentou.

O bigode de Marnes se curvou para cima diante dessa desculpa.

— Então devíamos parar — retrucou ele.

A sala de espera estava vazia, mas as placas lembravam a eles que fizessem silêncio. Jahns espiou através da divisória de vidro e viu uma enfermeira vindo

em passos silenciosos pelo corredor escuro em sua direção, e seu cenho franzido se transformou em um leve sorriso de reconhecimento.

— Prefeita — sussurrou.

— Desculpe por não ter enviado um e-mail antes, mas seria possível vermos o Dr. Nichols? E talvez usar o banheiro?

— É claro. — A mulher apertou um botão, a porta se abriu com um zumbido, e ela gesticulou para que entrassem. — Tivemos dois partos desde que vocês passaram por aqui. As coisas andam enlouquecidas com essa confusão do gerador...

— Feriado de energia — corrigiu Marnes, a voz dele ríspida e mais alta que a delas.

A enfermeira lançou um olhar para ele, mas assentiu como se registrasse a informação. Pegou dois aventais nos cabides, entregou-os a eles e disse para deixarem seus pertences ao lado da mesa.

Na sala de espera, ela gesticulou na direção dos bancos e avisou que iria procurar o médico.

— Os banheiros são por ali.

Apontou uma porta. O velho letreiro pintado estava tão desgastado que mal se via.

— Já volto — disse Jahns a Marnes.

Ela teve que resistir à vontade de segurar a mão dele e apertá-la, de tão normal que se tornara aquele hábito obscuro e secreto.

O banheiro estava quase completamente às escuras. Jahns se atrapalhou com a fechadura estranha do reservado, xingou baixinho quando seu estômago se contorceu e roncou, então conseguiu abrir a porta e correu para se sentar. Seu estômago parecia estar pegando fogo enquanto ela se aliviava. A mistura do alívio bem-vindo com a queimação por ter se segurado por muito tempo deixou-a sem fôlego. Ficou ali pelo que pareceu uma eternidade, sentada enquanto suas pernas tremiam incontrolavelmente, e percebeu que se esforçara demais na subida. A ideia de mais vinte andares a deixou aflita e fez suas entranhas se congelarem de apreensão. Ela terminou e foi se lavar no aparelho ao lado, depois se secou com uma das toalhas. Deu descarga nas duas unidades para reciclar a água. Cada movimento exigia que tateasse no escuro, sem conhecer o espaço e a posição das coisas, quando em seu apartamento e no gabinete ela não precisava nem pensar.

Saiu cambaleante do banheiro, com as pernas fracas, se perguntando se precisaria ficar mais uma noite, dormir em um leito usado para partos, esperar

até a manhã seguinte para subir até seu gabinete. Ela mal conseguia sentir as pernas quando abriu a porta e voltou para perto de Marnes na sala de espera.

— Melhor? — perguntou ele, sentado em um dos bancos para as famílias, com um espaço deixado vazio ao seu lado.

Jahns assentiu e se sentou pesadamente. Estava com a respiração ofegante e se perguntou se ele a acharia fraca por admitir que não conseguiria subir mais.

— Jahns? Você está bem? — Marnes se inclinou para a frente. Não estava olhando para ela. Estava olhando para o chão. — Jahns, o que diabos aconteceu?

— Abaixe a voz — sussurrou ela.

Em vez disso, ele gritou:

— Doutor! Enfermeira!

Uma forma se moveu do outro lado do vidro escuro do berçário. Jahns encostou a cabeça na almofada do sofá, tentando formar as palavras com os lábios e lhe dizer para falar baixo.

— Jahns, querida, o que você fez?

Ele estava segurando a mão dela e dando tapinhas. Sacudiu o braço dela. Jahns só queria dormir. Houve barulho de passos correndo na direção deles. As luzes se acenderam com uma luminosidade desagradavelmente forte. Uma enfermeira gritou algo. A voz familiar do pai de Juliette, um médico, surgiu. Ele iria lhe arranjar uma cama. Iria entender aquela exaustão...

Falaram de sangue. Alguém estava examinando suas pernas. Marnes estava chorando, as lágrimas caindo no bigode grisalho. Estava sacudindo-a pelos ombros e olhando-a nos olhos.

— Estou bem — tentou dizer Jahns.

Ela passou a língua pelos lábios. Estavam tão secos... A boca estava tão desgraçadamente seca... Pediu água. Marnes pegou desajeitadamente o cantil, levou-o até os lábios dela e virou.

Ela tentou engolir, mas não conseguiu. Eles a estavam deitando no banco. O médico tocou suas costelas e examinou seus olhos com uma luz. Mas mesmo assim as coisas estavam ficando mais escuras.

Marnes agarrou o cantil com uma das mãos e alisou o cabelo dela para trás com a outra. Ele estava chorando muito. Triste demais por algum motivo. Tinha tão mais energia que ela... Jahns sorriu para ele e tomou sua mão com um esforço milagroso. Segurou seu pulso e disse que o amava. Que o amava desde quando podia se lembrar. Sua mente estava cansada e não conseguia manter seus segredos às escondidas, murmurando-os para Marnes enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto dele.

Ela viu seus olhos, brilhantes e enrugados, olhando-a e depois se voltando para o cantil em sua mão.

O cantil que ele tinha carregado.

A água, ela se deu conta, o veneno destinado a ele.

17

A sala do gerador estava estranhamente cheia e o silêncio era assustador. Mecânicos em macacões surrados estavam parados em fileiras triplas atrás do corrimão e observavam a equipe do primeiro turno trabalhar. Juliette mal se dava conta dessa presença; estava mais consciente do silêncio.

Debruçou-se em um aparelho que ela mesma construíra, uma plataforma elevada soldada ao piso de metal e coberta de espelhos e pequenas ranhuras que refletiam a luz pela sala. Essa luz brilhava nos espelhos presos ao gerador e ao grande dínamo, ajudando Juliette a alinhá-lo perfeitamente. O que importava para ela era a trave entre o gerador e o dínamo, aquela barra de aço comprida e larga na qual a força do combustível em combustão se transformava em centelha de eletricidade. Ela esperava que as duas máquinas nas extremidades da barra de aço se alinhassem com a precisão de um centésimo de milímetro. Mas toda aquela operação não tinha precedentes. Os procedimentos tinham sido planejados às pressas, em reuniões que vararam noites enquanto o gerador reserva era conectado. Tudo o que ela podia fazer era se concentrar, torcer para que os turnos de dezoito horas tivessem servido para alguma coisa e confiar nos planos feitos quando ainda estava descansada e pensando com clareza.

Enquanto ela comandava o acerto final, a câmara ao seu redor mergulhou em um silêncio mortal. Ela fez um sinal, e Marck e sua equipe apertaram várias das porcas enormes nos novos suportes de borracha no piso. O feriado de energia já estava no quarto dia. O gerador precisava estar em pleno funcionamento na noite seguinte. Como muitas coisas tinham sido trocadas (novos lacres e juntas, o polimento dos eixos cilíndricos que obrigaram jovens sombras a rastejarem até o interior do monstro), Juliette temia que ele nem ao menos ligasse. O gerador jamais fora desligado desde que ela nascera. O velho Knox se lembrava de apenas uma vez em que a máquina tinha desligado sozinha durante uma emergência, na época em que ele era um simples sombra, mas para todos os outros aquele ronco era tão constante e íntimo quanto os próprios batimentos cardíacos. Juliette sentia uma pressão absurda para que tudo funcionasse. A ideia

dos reparos preventivos fora sua. Ela se acalmou com a certeza de que era a coisa certa a se fazer, e que agora o pior que poderia acontecer era estenderem o feriado até que eles resolvessem todos os problemas. Isso era muito melhor do que uma pane catastrófica alguns anos mais tarde.

Marck fez um sinal para avisar que os parafusos estavam presos e as porcas, apertadas. Juliette pulou de sua plataforma improvisada e foi andando até o gerador para se juntar ao colega. Era difícil caminhar com naturalidade com tantos olhos focados nela. Não conseguia acreditar que aquela equipe barulhenta, aquela sua família disfuncional, pudesse ficar tão quieta. Era como se todos estivessem prendendo a respiração, se perguntando se o ritmo de trabalho exaustivo dos últimos dias teria sido em vão.

— Pronto? — perguntou ela a Marck.

Ele assentiu, limpando as mãos em um trapo imundo que parecia estar sempre pendurado em seu ombro. Juliette conferiu seu relógio. A visão do ponteiro dos segundos tiquetaqueando em círculos a confortou. Sempre que tinha dúvidas de que algo ia funcionar, olhava para o pulso. Não para ver a hora, mas para ver um objeto que ela consertara. Um reparo tão intrincado e impossível que levara anos de limpeza e montagem de peças quase invisíveis, e tornava a tarefa atual menor em comparação.

— Estamos no cronograma? — perguntou Marck, sorridente.

— Estamos bem.

Ela acenou para a sala de controle. Sussurros começaram a percorrer a multidão quando eles perceberam que o religamento era iminente. Dezenas de trabalhadores tiraram os protetores auditivos do pescoço e os puseram nos ouvidos. Juliette e Marck se juntaram a Shirly na sala de controle.

— Como está indo? — perguntou Juliette para a chefe do segundo turno, uma jovem pequena e esperta.

— Muito bem — respondeu Shirly enquanto continuava a fazer ajustes, zerando todas as correções que tinham se acumulado ao longo dos anos. Estavam começando do zero, sem os remendos e as gambiarras de antes que poderiam disfarçar algum problema novo. — Estamos prontos.

Shirly se afastou do painel de controle e parou ao lado do marido. O significado do gesto era claro: aquele era o projeto de Juliette, talvez sua última tentativa de conserto nas profundezas da Mecânica. Ela teria a honra, e a total responsabilidade, de religar o gerador.

Juliette estava de pé em frente ao painel de controle, olhando para os botões e dials que era capaz de localizar mesmo na escuridão total. Era difícil acreditar

que aquela etapa de sua vida havia chegado ao fim, que uma nova fase estava prestes a começar. A ideia da viagem até o topo a assustava mais do que o atual projeto. A ideia de deixar os amigos e sua família, de lidar com política, não lhe parecia tão doce comparada ao suor e à graxa nos lábios, mas pelo menos havia aliados lá em cima. Se pessoas como Jahns e Marnes conseguiam lidar bem com isso, conseguiam sobreviver, ela imaginava que ficaria bem.

Com a mão trêmula, mais de exaustão que de nervosismo, Juliette acionou o motor de partida. Houve um guincho alto enquanto o motorzinho elétrico tentava fazer o enorme gerador a diesel se mover. Aquilo pareceu durar uma eternidade, mas Juliette não tinha ideia de qual seria o som normal. Marck estava parado ao lado da porta, mantendo-a aberta para que pudessem ouvir melhor qualquer aviso para parar. Ele olhou para Juliette enquanto ela mantinha a ignição ligada, rugas de preocupação na testa enquanto o motor de partida gemia e protestava na sala ao lado.

Uma pessoa lá fora abanou os braços, tentando fazer um sinal para ela através do vidro.

— Desligue, desligue — disse Marck.

Shirly correu até o painel de controle para ajudar.

Juliette soltou a ignição e estendeu a mão para o botão de desligar, mas não o apertou. Havia um barulho lá fora. Um zumbido poderoso. Ela achou que podia senti-lo no chão, mas não era como a vibração de antes.

— Já está funcionando! — gritou alguém.

— Já estava funcionando — disse Marck, rindo.

Os mecânicos lá fora estavam comemorando. Um deles tirou o protetor de ouvidos e o jogou para o alto. Juliette se deu conta de que o motor de partida era mais barulhento que o gerador reformado, de que tinha segurado a ignição mesmo depois de o gerador ter ligado e começado a funcionar.

Shirly e Marck se abraçaram. Juliette conferiu temperaturas e pressão em todos os mostradores possíveis e viu que havia pouco a ajustar, mas só teria certeza depois que a máquina aquecesse. Sua garganta se apertou com a emoção e o alívio após tanta pressão. As equipes de trabalho pularam a grade de proteção para se reunir em volta da fera reconstruída. Alguns que raramente visitavam a sala do gerador estavam estendendo as mãos para tocá-lo, quase com reverência e respeito.

Juliette saiu da sala de controle para vê-los, ouvir o som de uma máquina funcionando perfeitamente, com engrenagens alinhadas. Parou atrás da grade de proteção, as mãos apoiadas em uma barra de aço que costumava balançar e

dançar enquanto o gerador trabalhava, e assistiu a uma improvável comemoração em um local de trabalho em geral evitado. O ruído do motor era magnífico. Energia sem medo, o fruto de muito trabalho e planejamento apressados.

O sucesso deu a ela nova confiança para o que havia adiante, para o que havia acima. Ela estava de tão bom humor e tão concentrada nas máquinas poderosas e aperfeiçoadas que não percebeu quando o jovem portador entrou correndo na sala com o rosto pálido e o peito arfante, com a inspiração profunda depois de uma corrida longa e frenética. Ela mal notou o modo como a notícia viajou de boca em boca pela sala, se espalhando entre os mecânicos até seus olhos refletirem o medo e a tristeza. Foi só quando a comemoração morreu por completo e a sala mergulhou em um tipo diferente de silêncio, um silêncio pontilhado de soluços e exclamações de descrença, de homens crescidos chorando, que Juliette percebeu que havia algo errado.

Havia acontecido alguma coisa. Uma coisa grande e poderosa tinha saído de alinhamento.

E nada tinha a ver com seu gerador.

PARTE 3 – O COMEÇO

18

Havia números em cada um dos bolsos. Ao olhar para seu peito, Juliette podia lê-los, então lhe ocorreu que eles deviam estar impressos de cabeça para baixo. Estavam ali para que ela os lesse, e ninguém mais. Ela olhou fixamente para eles, anestesiada, pelo visor do capacete enquanto a porta às suas costas era fechada e lacrada. Havia outra porta, uma porta proibida, assomando à sua frente. Erguia-se, silenciosa, aguardando para ser aberta.

Juliette se sentiu perdida no vácuo entre as duas portas, presa naquela câmara pressurizada cheia de tubos de cores vivas se projetando do teto e das paredes, tudo brilhando por trás de mortalhas de plástico.

O silvo do argônio bombeado para o interior da câmara parecia distante dentro do capacete. Com isso, ela soube que o fim estava próximo. A pressão aumentou, enrugando o plástico que cobria o banco e as paredes e o apertando em torno dos tubos. Ela sentia a pressão no traje, como uma mão invisível que a apertava delicadamente.

Sabia o que iria acontecer em seguida, e parte dela se perguntou como chegara até ali, uma garota da Mecânica que nunca dera a mínima para o exterior, que só tinha descumprido pequenas regras e que teria ficado contente em viver pelo resto da vida nas profundezas da terra, coberta de graxa e consertando coisas quebradas, pouco se preocupando com o grande mundo de mortos que a rodeava...

19

Alguns dias antes

Juliette estava sentada no chão da cela de custódia, com as costas apoiadas nas barras de aço, um mundo maligno exibido na tela diante dela. Pelos últimos três dias, enquanto tentara ensinar a si mesma a ser a xerife do silo, estudara aquela vista do exterior e se perguntara o que havia de tão especial naquilo.

Tudo o que via lá fora eram colinas sem graça, aqueles morros cinzentos que se erguiam na direção de nuvens ainda mais escuras e salpicos da luz do sol que tentavam iluminar a terra, sem muito sucesso. Ventos terríveis passavam, rajadas frenéticas que levantavam pequenas nuvens de poeira em rodamoinhos que perseguiam uns aos outros em uma paisagem feita apenas para eles.

Para Juliette, não havia nada de inspirador na vista, nada que despertasse sua curiosidade. Era um lugar desolado e inabitável desprovido de qualquer coisa útil. Não havia recursos além do aço destruído das torres em ruínas visíveis acima das colinas, aço que, sem dúvida, custaria mais para recuperar, transportar, fundir e purificar do que custa simplesmente extrair um novo mineral das minas abaixo do silo.

Os sonhos proibidos sobre o mundo exterior, viu ela, eram tristes e vazios. Eram sonhos mortos. As pessoas lá do alto que veneravam aquela vista estavam enganadas. O futuro estava *abaixo*. Era de lá que vinha o petróleo que fornecia a energia, os minerais que se transformavam em muitas coisas úteis, o nitrogênio que renovava o solo nas fazendas. Qualquer sombra que seguisse o caminho da química ou da metalurgia sabia isso. Os que liam livros infantis, os que tentavam remontar o mistério de um passado esquecido e incompreensível, permaneciam iludidos.

O único aspecto dessa obsessão que ela entendia era o espaço aberto em si, uma característica da paisagem que, para ser sincera, a apavorava. Talvez houvesse algo errado com *ela* por amar as paredes do silo, adorar a escuridão das profundezas. Será que todos os outros eram loucos por nutrir pensamentos de

fuga? Ou o problema era com ela?

O olhar de Juliette foi dos morros secos e da neblina de poeira para as pastas espalhadas à sua frente. Era o trabalho inacabado de seu predecessor. Uma estrela reluzente se equilibrava em cima de seu joelho, ainda não usada. Havia um cantil em cima de uma das pastas, em segurança no interior de um saco de provas de plástico reutilizável. Ali parado, parecia bem inocente, após já ter cumprido sua função mortal. Vários números escritos a caneta preta no saco haviam sido riscados, casos há muito solucionados ou abandonados. Havia um número novo do lado, o número de um caso correspondente a uma pasta que não estava ali, uma pasta cheia de páginas e mais páginas de depoimentos e anotações sobre a morte de uma prefeita que todos amavam, mas que alguém assassinara.

Juliette tinha visto algumas daquelas anotações, mas só a certa distância. Tinham sido escritas à mão pelo delegado Marnes, mãos que não iriam renunciar à pasta, mãos que a agarravam loucamente. Ela dera umas espiadas na pasta do outro lado da mesa e vira respingos de lágrimas que manchavam algumas palavras e faziam o papel enrugar. A letra em meio a todas aquelas lágrimas era um garrancho, não clara como a que havia nas outras pastas. A letra que via parecia rastejar com raiva pela página, palavras cortadas e arrancadas violentamente e substituídas. Era a mesma ferocidade que o delegado Marnes exibia o tempo todo desde o incidente, uma raiva fervilhante que havia tirado Juliette de sua mesa, levando-a à cela de custódia para trabalhar. Tinha sido impossível se sentar em frente àquela alma arrasada e ter que raciocinar. A vista do mundo exterior que assomava à frente, por mais triste que fosse, projetava uma sombra muito menos deprimente.

Era na cela de custódia que Juliette passava o tempo entre as chamadas cheias de estática de seu rádio e as descidas até lá embaixo por causa de algum problema. Normalmente, ficava ali sentada arrumando e rearrumando as pastas de acordo com sua importância. Ela era xerife de todo o silo, um emprego para o qual não fora sombra, mas que estava começando a entender. Uma das últimas coisas que a prefeita Jahns lhe dissera se revelara mais verdadeira do que ela poderia imaginar: as pessoas eram como máquinas. Elas quebravam. Chacoalhavam. Podiam queimá-lo ou machucá-lo se não tomasse cuidado. Seu trabalho não era apenas entender por que isso acontecia e quem era o culpado, mas também perceber os sinais do que estava prestes a acontecer. Ser xerife, como ser mecânica, tinha tanto a ver com a arte da manutenção preventiva quanto com resolver o problema depois de acontecido.

As pastas espalhadas pelo chão eram casos deprimentes desse último tipo: discussões entre vizinhos que tinham saído de controle; registros de furtos; a origem de um gim caseiro tóxico; vários outros casos que tinham a ver com o tal gim. Cada pasta aguardava mais descobertas, mais trabalho de campo, mais descidas pelas escadas em caracol para travar diálogos tortuosos, separando as mentiras da verdade.

Juliette tinha lido a parte do Pacto sobre Lei duas vezes para se preparar para o emprego. Deitada na sua cama nas profundezas, com o corpo exausto depois de alinhar o gerador primário, ela estudara o modo certo de arquivar as pastas dos casos, o risco de alterar as provas, tudo lógico e análogo a certos aspectos de seu emprego como mecânica. Abordar uma cena de crime ou uma disputa durante sua ocorrência não era diferente de entrar na sala de uma bomba quebrada. Alguém ou alguma coisa sempre era responsável pelo problema. Ela sabia ouvir, observar, fazer perguntas a qualquer um que pudesse ter tido a ver com o equipamento defeituoso ou as ferramentas usadas, seguindo uma cadeia de eventos que descia até o próprio leito de rocha. Sempre havia variáveis que a confundiam — um dial que, se alterado, criava um problema em outro lugar —, mas Juliette tinha habilidade, talento para saber o que era importante e o que podia ser ignorado.

Ela imaginava que fora esse talento que o delegado Marnes vira nela em primeiro lugar, a paciência e o ceticismo para fazer as perguntas mais idiotas e acabar descobrindo as respostas. O fato de ter ajudado a resolver um caso antes aumentou sua confiança. Na época, ela não sabia: estava mais preocupada com a simples justiça e sua dor pessoal, mas aquele caso tinha sido ao mesmo tempo entrevista e treinamento de emprego.

Pegou aquela pasta antiga. A capa tinha um carimbo vermelho desbotado que dizia “ENCERRADO” em letras maiúsculas. Ela tirou a fita que segurava as bordas e folheou as anotações. Muitas estavam na letra elegante de Holston, uma letra de forma inclinada que ela reconhecia em praticamente tudo o que havia em sua mesa, que antes tinha sido dele. Leu as anotações sobre si mesma, se familiarizou de novo com o caso que parecera um claro homicídio, mas na verdade tinha sido uma série de acontecimentos improváveis. Voltar àquilo, algo que tinha evitado até agora, fez velhas dores brotarem. E, mesmo assim, ela também se lembrou de como tinha sido reconfortante se distrair com as pistas. Lembrou-se da descarga de adrenalina ao ver um problema resolvido, da satisfação de ter respostas para contrabalançar o vazio deixado pela morte de seu amante. O processo tinha sido parecido com o de fazer horas extras para

consertar uma máquina. Seu corpo doía com o esforço e a exaustão, mas a dor era mitigada por se saber que uma porca tinha sido aparafusada no lugar.

Ela afastou a pasta. Ainda não estava pronta para reviver aquilo tudo. Pegou outra e a pôs no colo, tocando sem querer a estrela de latão em seu joelho.

Uma sombra dançou da tela na parede e a distraiu. Juliette ergueu os olhos e viu uma parede baixa de terra deslizar pela encosta. Aquela camada de fuligem parecia estremecer ao vento enquanto viajava na direção de sensores que ela fora treinada para considerar importantes, sensores que possibilitavam uma vista do mundo exterior que na infância ela fora ensinada a acreditar que valia a pena ser admirada.

Mas Juliette não tinha tanta certeza, agora que tinha idade suficiente para pensar por si mesma e estava perto o bastante para ver aquilo em primeira mão. A obsessão dos níveis superiores com a limpeza mal chegava às profundezas, onde a *verdadeira* limpeza mantinha o silo funcionando e todos vivos. Mas, mesmo lá embaixo, seus amigos da Mecânica ouviam desde o nascimento que não podiam falar do exterior. Isso era fácil quando você não o via nunca, mas agora, passando por aquela vista a caminho do trabalho, sentada diante daquela vastidão que o cérebro não podia compreender, ela entendeu como perguntas inevitáveis deviam surgir. Viu por que era importante silenciar certas ideias antes que houvesse um estouro na direção da saída, antes que os questionamentos espumassem nos lábios enlouquecidos das pessoas e trouxessem um fim para tudo aquilo.

Ela abriu a pasta de Holston e a folheou. Por trás da ficha com sua biografia, havia uma série de anotações sobre seus últimos dias como xerife. A parte relacionada ao crime propriamente dito mal chegava a meia página, um desperdício do restante da folha de papel. Um único parágrafo explicava que ele se apresentara à cela de custódia do nível superior e expressara interesse pelo exterior. Era isso. Algumas linhas para escrever o destino de um homem. Juliette leu as palavras várias vezes antes de virar a página.

Por baixo havia um bilhete da prefeita Jahns pedindo que Holston fosse lembrado por seus serviços ao silo. e não como mais um limpador. Juliette leu essa carta escrita com a letra de alguém que também tinha acabado de morrer. Era estranho pensar em pessoas que conhecia e nunca mais voltaria a ver. Parte da razão de ter evitado seu pai por tantos anos foi porque, para resumir, ele ainda *estava lá*. Nunca houve a ameaça de não poder mudar de ideia. Mas era diferente com Holston e Jahns: eles tinham partido para sempre. Juliette estava tão acostumada a reconstruir máquinas consideradas irreparáveis que sentia que,

caso se concentrasse o bastante, ou fizesse as tarefas corretas na ordem certa, poderia recriar suas formas mortas. Mas sabia que não era assim.

Folheou a pasta de Holston e fez perguntas proibidas a si mesma, algumas pela primeiríssima vez. O que parecia trivial quando morava nas profundezas, onde vazamentos nos exaustores podiam asfixiar alguém e bombas quebradas podiam afogar todas as pessoas que conhecia, agora assomava enorme à sua frente. O que significava aquilo tudo, aquela vida que viviam em confinamento subterrâneo? O que havia lá fora, além daquelas colinas? Por que eles estavam ali, e com que propósito? Será que sua espécie tinha construído aqueles silos altos que apodreciam a distância? Para quê? E a mais incômoda de todas: no que Holston, um homem razoável — e, por falar nisso, sua mulher também — estava pensando para querer sair?

Duas pastas para lhe fazer companhia, ambas de casos "encerrados". Ambas pertencentes ao gabinete da prefeita, onde deviam ser lacradas e arquivadas. Mas Juliette sempre acabava voltando a elas, e não aos casos mais urgentes diante dela. Uma das pastas guardava a vida de um homem que ela amara, cuja morte ela ajudara a desvendar, lá nas profundezas. Na outra, havia um homem que ela respeitara e cujo cargo agora ocupava. Não sabia por que estava tão obcecada por aquelas duas pastas, especialmente considerando que não suportava ver Marnes arrasado por sua própria perda, estudando os detalhes da morte da prefeita Jahns, revendo os depoimentos, convencido de que tinha descoberto o assassino, mas sem provas para encurralar o homem.

Alguém bateu nas barras acima da cabeça de Juliette. Ela ergueu os olhos esperando ver o delegado Marnes dizer que já era hora de encerrar o expediente, mas, em vez disso, viu um estranho observando-a do alto.

— Xerife? — chamou ele.

Juliette pôs as pastas de lado e pegou a estrela. Ela se levantou, se virou e encarou o homem baixinho com barriga protuberante, óculos pendurados na ponta do nariz e um macacão prateado da TI bem-ajustado e recém-passado.

— Posso ajudá-lo? — perguntou.

O homem estendeu a mão através das barras. Juliette trocou a estrela de uma palma para a outra e apertou a mão dele.

— Desculpe-me por chegar aqui tão tarde — disse ele. — Tem muita coisa acontecendo, com as cerimônias, essa bobagem do gerador e todos os problemas legais. Eu sou Bernard, Bernard Holland.

Juliette sentiu seu sangue gelar. A mão do homem era tão pequena que parecia ter um dedo a menos. Apesar disso, seu aperto era firme. Ela tentou soltar a mão,

mas ele não deixou.

— Como xerife, tenho certeza de que já conhece o Pacto em detalhes, por isso sabe que vou atuar como prefeito até podermos organizar uma eleição.

— Ouvi dizer — disse Juliette com frieza.

Ela se perguntou como aquele homem tinha passado pela mesa de Marnes sem brigas. Ele era o principal suspeito pela morte de Jahns; pena que estava do lado errado das barras.

— Arquivando papelada?

Ele relaxou o aperto, e Juliette soltou sua mão. Ele olhou para os papéis jogados pelo chão, e seus olhos pareceram se deter no cantil no saco plástico, mas Juliette não podia ter certeza.

— Estou só me familiarizando com os casos em andamento — disse ela. — Aqui tem mais espaço para... bem, pensar.

— Tenho certeza de que muitos pensamentos profundos ocorreram nessa cela.

Bernard deu um sorriso, e Juliette percebeu que seus dentes da frente eram tortos, um por cima do outro. Aquilo o deixava parecido com os camundongos que ela capturava de vez em quando nas salas das bombas.

— Bem, sim, descobri que é um bom lugar para refletir, então talvez tenha alguma coisa a ver. Além disso... — Ela levantou os olhos até os dele. — Imagino que a cela não vá ficar vazia por muito tempo. E, quando estiver ocupada, vou poder esquecer todos esses pensamentos profundos por um ou dois dias enquanto alguém é mandado para a limpeza...

— Eu não contaria muito com isso — disse Bernard. Ele mostrou os dentes tortos de novo. — O que dizem lá embaixo é que a pobre da prefeita, que sua alma descanse em paz, se matou com aquela escalada maluca. Acho que ela foi lá embaixo para ver *você*, não é isso?

Juliette sentiu uma pontada aguda na palma da mão. Afrouxou o aperto na estrela de metal, os nós dos dedos brancos de estarem fechados em punho.

Bernard ajeitou os óculos.

— Mas então quer dizer que você está investigando um crime?

Juliette continuou a encará-lo, tentando não se distrair com o reflexo das colinas esmaecidas em seus óculos.

— Acho que você devia saber, como prefeito *interino*, que estamos, sim, tratando isso como assassinato — disse ela.

— Minha nossa! — Os olhos dele se arregalaram com um sorriso falso. — Então os boatos são verdadeiros. Quem faria uma coisa dessas? — O sorriso aumentou, e Juliette se deu conta de que estava lidando com um homem que

acreditava ser invulnerável.

Não era a primeira vez que ela encontrava um ego sujo e gigantesco como o dele. Em seus tempos de sombra nas profundezas, tinha encontrado muitos assim.

— Acredito que vamos descobrir que a pessoa responsável é a que mais tinha a ganhar — disse ela secamente. Após uma pausa, acrescentou: — *Prefeito*.

O sorriso forçado desapareceu. Bernard soltou as barras e recuou um passo, as mãos enfiadas nos bolsos do macacão.

— Bem, de qualquer maneira, é bom finalmente dar um rosto ao nome. Sei que você não saiu muitas vezes lá das profundezas, e, para ser sincero, eu mesmo fiquei isolado demais em meu escritório, mas as coisas por aqui estão mudando. Como prefeito e xerife, vamos trabalhar muitas vezes juntos, você e eu. — Ele olhou para as pastas aos pés dela. — Então espero que me mantenha informado. Sobre tudo.

Com isso, Bernard se virou e foi embora, e Juliette precisou fazer um grande esforço para conseguir relaxar os punhos. Quando finalmente soltou a estrela, viu que suas extremidades afiadas tinham perfurado a palma da mão, cortando-a até sair sangue. As gotas no latão refletiam a luz, parecendo ferrugem molhada. Juliette limpou a estrela no macacão novo, um hábito nascido em sua vida anterior em meio à graxa e aos dejetos, e xingou a si mesma quando viu a mancha escura deixada pelo sangue na roupa limpa. Virando a estrela, olhou para a insígnia gravada na frente. Havia os três triângulos do silo e a palavra “Xerife” escrita acima. Ela a virou outra vez e mexeu no fecho que prendia a ponta afiada. Abriu o alfinete, cuja agulha rígida tinha sido amassada e endireitada em vários lugares ao longo dos anos, dando a aparência de ter sido forjada artesanalmente. Ficava bamba quando aberta, algo análogo à hesitação dela em usar o distintivo.

Mas, quando os passos de Bernard se afastaram, quando ela o ouviu dizer algo ao delegado Marnes, foi tomada por uma nova determinação. Foi como encontrar um parafuso enferrujado que se recusava a girar. Algo naquela obstinação intolerável, naquela relutância em ceder, incomodava muito Juliette. Ela passara a acreditar que não havia coisas emperradas que não conseguisse soltar, tinha aprendido a atacá-las com graxa e fogo, com óleo e força bruta. Com planejamento e persistência suficientes, os parafusos sempre cediam. No devido tempo.

Ela enfiou a agulha oscilante no peito do macacão e a prendeu no tecido. Olhar para baixo e ver a estrela era um pouco surreal. Havia dezenas de pastas a

seus pés que exigiam atenção, e Juliette sentiu, pela primeira vez desde que chegara ao topo, que aquele era seu emprego. Sua vida na Mecânica ficara para trás. Tinha deixado o lugar em condições muito melhores do que encontrara, ficara tempo suficiente para ouvir o zunido quase silencioso de um gerador consertado, para ver um eixo girar em alinhamento tão perfeito que era impossível dizer se ele estava mesmo se movendo. E agora tinha viajado até o topo para descobrir o chacoalhar, as batidas e o ranger de um conjunto diferente de engrenagens, um desalinhamento que estava devorando o verdadeiro motor do silo, exatamente como Jahns a prevenira.

Ela deixou as pastas onde estava, pegou só a de Holston, um arquivo que nem devia estar olhando, mas do qual não conseguia se afastar, e abriu a porta da cela. Em vez de se virar na direção do gabinete, primeiro caminhou para o outro lado, na direção da entrada de aço da câmara pressurizada. Espiou pelo painel de vidro triplo pela enésima vez em vários dias e imaginou o homem que tinha substituído parado lá dentro, vestindo um daqueles trajes ridiculamente volumosos, à espera de que as portas do outro lado se abrissem. O que passa pela cabeça de um homem enquanto espera ali sozinho para ser mandado para a morte? Não podia ser apenas medo, pois Juliette já provara disso o bastante. Devia ser algo a mais, uma sensação única, a calma para além da dor, ou o torpor após o terror. A imaginação, percebeu, não era capaz de entender sensações estranhas e únicas. Ela só sabia amortecer ou ampliar o que já conhecia. Seria como explicar a alguém qual a sensação de fazer sexo, ou de um orgasmo. Impossível. Mas, depois que se sente, é possível imaginar diversos níveis dessa nova sensação.

Era a mesma coisa com as cores. Só dá para descrever uma nova cor com tons previamente vistos. É possível misturar o conhecido, mas não criar o estranho a partir do nada. Então talvez só os limpadores pudessem entender qual era a sensação de estar sentado ali, tremendo, ou talvez sem nem um pouco de medo, à espera da morte.

A obsessão com o *porquê* percorria o silo aos sussurros, pessoas querendo saber por que eles tinham feito o que fizeram, por que deixaram um presente limpo e reluzente para as pessoas que os haviam exilado, mas isso não interessava Juliette nem um pouco. Ela achava que viam cores novas, sentiam o indescritível, talvez tivessem uma experiência religiosa que ocorria apenas diante da morte. Não era o bastante saber que isso sempre acontecia infalivelmente? Problema resolvido. Devia ser um axioma. Melhor se preocupar com questões reais, como qual deve ser a *sensação* de passar por aquilo. *Esse* era

o verdadeiro problema do tabu: não que as pessoas não pudessem ansiar pelo mundo exterior, mas o fato de não terem permissão nem de sentir pena dos limpadores nas semanas seguintes, de se perguntar o que eles haviam sofrido, de expressar de modo adequado sua gratidão ou seu pesar.

Juliette bateu à porta amarela com o canto da pasta de Holston, recordando o homem em tempos melhores, na época em que ele estava apaixonado, quando ganhara a loteria, falando sobre sua mulher. Ela fez uma saudação ao seu fantasma e se afastou da imponente porta de metal com seus pequenos visores de vidro grosso. Juliette sentia afinidade por trabalhar em sua posição e usar sua estrela, e até mesmo por se sentar em sua cela. Certa vez ela amara um homem, e sabia qual era a sensação. Ela amara em segredo, sem envolver o silo em seu relacionamento, ignorando o Pacto. Então ela também sabia o que significava perder algo tão precioso. Podia imaginar, se seu antigo amor estivesse lá fora naquela colina, se desfazendo ao léu em vez de alimentar as raízes, que ela podia ser levada a fazer a limpeza só para ver por si própria aquelas novas cores.

Ela tornou a abrir o arquivo sobre Holston enquanto voltava para sua mesa. A mesa *dele*. Aquele homem sabia de seu amor secreto. Ela lhe contara, depois que o caso fora solucionado nas profundezas, que o homem morto, cuja morte ela ajudara a elucidar, tinha sido seu amante. Talvez tivesse sido pelo modo como ele havia falado várias vezes sobre sua mulher nos dias anteriores. Talvez fosse seu sorriso sincero, que fazia dele um xerife tão bom, que levava a essa necessidade desconcertante de lhe revelar segredos. Qualquer que fosse a causa, ela admitira algo para um homem da lei que podia tê-la metido em problemas, um caso de amor completamente sem registro, um desrespeito audacioso ao Pacto. E tudo o que ele dissera, aquele homem incumbido de aplicar aquelas leis, fora: “Sinto muito.”

Sentia muito pela perda dela. E a abraçou. Como se soubesse o que ela estava segurando por dentro, o pesar secreto que havia desfigurado o lugar onde antes vivia seu amor.

E ela o respeitou por isso.

Agora estava sentada à mesa dele, em frente a seu antigo delegado, que estava imóvel e olhando com a cabeça entre as mãos para uma pasta aberta pontilhada de lágrimas. Só foi preciso um olhar para Juliette imaginar que também havia algum amor proibido entre ele e o assunto daquela pasta.

— São cinco horas — disse Juliette tão baixo e delicadamente quanto pôde.

Marnes ergueu o rosto. A testa estava vermelha por ficar apoiada por tanto tempo. Os olhos estavam injetados, o bigode grisalho cintilando com lágrimas.

Ele parecia muito mais velho do que uma semana antes, lá nas profundezas, quando a recrutara. Girou na cadeira, fazendo as pernas dela rangerem, como se assustadas pelo movimento repentino, e olhou para o relógio na parede às suas costas para ver a hora aprisionada atrás da redoma de plástico amarelada e envelhecida. Balançou a cabeça uma vez com o tique-taque do ponteiro e se levantou. As costas se curvaram por um instante enquanto ele se esforçava para esticá-las. Passou as mãos no macacão, pegou a pasta, fechou-a com carinho e a pôs embaixo do braço.

— Amanhã — sussurrou, com um aceno de cabeça para Juliette.

— Vejo você de manhã — disse ela enquanto ele se arrastava na direção do refeitório.

Juliette o observou se afastar, morrendo de pena. Ela reconheceu o amor por trás de sua perda. Era doloroso imaginá-lo de volta a seu pequeno apartamento, sentado em uma cama de solteiro, chorando em cima daquela pasta até mergulhar em seus sonhos intranquilos.

Quando ficou sozinha, colocou a pasta de Holston em cima da mesa e puxou o teclado para mais perto. As teclas estavam gastas havia muito tempo, mas alguém repintara cuidadosamente as letras com tinta preta. Agora, mesmo aquelas letras manuscritas estavam desaparecendo e logo precisariam de uma nova pintura. Juliette teria que providenciar isso — ela não conseguia digitar sem olhar para o teclado, como faziam os trabalhadores de escritório.

Devagar, digitou um e-mail para a Mecânica lá embaixo. Depois de outro dia de pouca coisa feita, de ficar distraída pela decisão misteriosa de Holston, ela havia chegado a uma conclusão: não havia como fazer o trabalho daquele homem sem primeiro entender por que dera as costas para sua função e para o silo. Era um zumbido incômodo que a impedia de se concentrar em outros problemas. Então, em vez de enganar a si mesma, ia abraçar o desafio. O que significava que precisaria saber mais do que aquela pasta informava.

Ela não sabia ao certo como conseguir os dados de que precisava, nem mesmo ter acesso a eles, mas conhecia gente que talvez soubesse. Isso era do que mais sentia falta em relação às profundezas. Lá eles eram uma família, todos com habilidades úteis que se misturavam e se ajudavam. Qualquer coisa que pudesse fazer por qualquer um deles, ela faria. E sabia que os outros fariam o mesmo; formariam até um exército por ela. Era um consolo de que sentia muita falta, uma rede de proteção da qual estava longe demais.

Após enviar sua requisição, tornou a se sentar com a pasta de Holston. Ali estava um homem, um bom homem, que conhecia seus segredos mais profundos.

Era o único a saber. E logo, se Deus quisesse, Juliette iria desvendar os dele.

20

Passava muito das dez da noite quando Juliette conseguiu deixar sua mesa. Seus olhos já estavam ardendo demais para continuar a olhar para o monitor, cansados demais para ler mais uma anotação de caso. Ela desligou o computador, guardou as pastas no arquivo, apagou as luzes da sala e trancou a porta do gabinete pelo lado de fora.

Enquanto guardava as chaves no bolso, seu estômago roncou e o leve odor de guisado de coelho a lembrou de que tinha mais uma vez perdido o jantar. Já era a terceira noite consecutiva. Três noites de muita concentração em um trabalho que mal sabia como desempenhar, um trabalho no qual não tinha ninguém que a guiasse, fizeram com que se esquecesse de comer. Se seu gabinete não ficasse ao lado de um refeitório barulhento e cheio de aromas, talvez ela conseguisse se perdoar.

Tornou a pegar as chaves e atravessou a sala mal-iluminada, desviando-se de cadeiras espalhadas entre as mesas. Um casal de adolescentes estava indo embora, após passar alguns momentos escondidos observando o crepúsculo no telão da parede antes do toque de recolher. Juliette os aconselhou a descer em segurança, pois parecia algo que um xerife devia fazer, e os dois riram para ela enquanto desapareciam pelas escadas. Ela imaginou que eles já deviam estar de mãos dadas e dariam alguns beijos furtivos antes de chegar a seus apartamentos. Os adultos sabiam dessas coisas ilícitas, mas deixavam passar, um presente que cada geração dava para a seguinte. Para Juliette, porém, era diferente. Ela fizera as mesmas escolhas quando adulta, amar sem sanções, então sentiu a hipocrisia de forma ainda mais penetrante.

Quando se aproximava da cozinha, percebeu que o refeitório não estava completamente vazio. Uma figura solitária estava sentada nas sombras densas perto do telão na parede, encarando a completa escuridão das nuvens noturnas acima das montanhas escurecidas.

Parecia a mesma figura da noite anterior, que vira o sol se pôr gradualmente enquanto Juliette trabalhava sozinha em seu gabinete. Ela modificou seu trajeto

de modo a passar por trás do homem. Um dia inteiro vendo pastas cheias de más intenções tinha despertado certa paranoia. Ela admirava pessoas que se destacavam, mas agora tomava cuidado com elas.

Andou entre a tela da parede e a mesa mais próxima, parando para empurrar cadeiras de volta ao devido lugar. Manteve-se atenta ao homem sentado, mas ele não se virou nem uma vez na direção do barulho. Só ficava olhando fixamente para as nuvens, com algo no colo e uma das mãos no queixo.

Juliette passou bem atrás dele, entre a mesa e a cadeira, que tinha sido posicionada estranhamente perto da tela. Ela resistiu à vontade de limpar a garganta ou de lhe fazer alguma pergunta. Em vez disso, passou direto, balançando a chave-mestra do chaveiro repleto que viera com seu novo emprego.

Por duas vezes, olhou por cima do ombro antes de chegar à porta da cozinha. O homem não se moveu.

Ela entrou na cozinha e apertou um dos interruptores de luz. Após um ligeiro tremeluzir, as lâmpadas no teto se acenderam e acabaram com sua visão noturna. Ela entrou em um dos freezers, pegou uma garrafa de suco e depois um copo em um dos escorredores. De volta ao interior do freezer, achou o guisado, coberto e já frio, e o pegou também. Serviu duas conchas em um pote e vasculhou uma gaveta em busca de uma colher. Mas pensou em esquentar o guisado enquanto devolvia a panela à prateleira congelada.

Com o suco e a sopa na mão, voltou para o refeitório, apagando as luzes com o cotovelo e fechando a porta com o pé. Ela se sentou nas sombras no canto de uma das mesas e sorveu ruidosamente sua refeição, sempre atenta ao homem estranho, que parecia olhar para a escuridão como se houvesse algo para ser visto ali.

A colher finalmente raspou o fundo do pote, e Juliette terminou o suco. O homem não tirou os olhos da tela nem por uma vez durante sua refeição. Ela afastou os pratos, louca de curiosidade. A figura reagiu a isso, a menos que seu movimento tivesse sido mera coincidência. O homem se inclinou para a frente e esticou a mão na direção da tela. Juliette achou ter visto um bastão ou uma vara na mão dele, mas estava escuro demais para ter certeza. Após um instante, ele se inclinou para o próprio colo, e Juliette ouviu o ranger de carvão sobre um papel que parecia bem caro. Ela se levantou, tomando aquele gesto como um convite, e se aproximou de onde ele estava sentado.

— Você estava assaltando a despensa? — perguntou ele.

A voz dele a assustou.

— Estava trabalhando na hora do jantar — gaguejou, como se *ela* tivesse que se explicar.

— Deve ser legal ter as chaves.

Ele ainda não se havia afastado da tela, e Juliette pensou que precisava se lembrar de trancar a porta da cozinha antes de sair.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

O homem esticou o braço às suas costas, pegou uma cadeira que estava por perto e a virou para ficar de frente para a tela.

— Quer ver?

Juliette se aproximou com cautela, segurou as costas da cadeira e deliberadamente a afastou alguns centímetros do homem. Estava escuro demais ali para identificar sua fisionomia, mas a voz parecia jovem. Ela repreendeu a si mesma por não tê-lo guardado na memória na noite anterior, quando havia mais luz. Teria que se tornar mais observadora se quisesse servir para alguma coisa naquele trabalho.

— O que estamos observando, exatamente? — perguntou, e deu uma olhadela para o colo dele, onde uma grande folha de papel refletia suavemente a luz pálida que vazava das escadarias.

Estava estendida sobre as pernas, como se houvesse uma tábua ou um apoio por baixo.

— Acho que aquelas duas vão se separar. Olhe ali.

O homem apontou para a tela na parede e para uma mistura de pretos tão rica e profunda que parecia uma coisa só. Os contornos e as nuances de sombra que Juliette identificava quase pareciam uma ilusão de ótica, tão reais quanto fantasmas. Mas ela acompanhou o dedo dele, perguntando a si mesma se estava bêbado ou louco, e tolerou o silêncio exaustivo que se seguiu.

— Ali — murmurou ele, com um sussurro entusiasmado.

Juliette viu um brilho. Um ponto de luz. Como se alguém estivesse piscando uma lanterna do outro lado de uma sala de gerador escura. E então ele desapareceu.

Ela pulou depressa da cadeira e ficou de pé perto da tela, se perguntando o que haveria lá fora.

O carvão do homem raspou o papel.

— Que diabos foi *aquilo*? — perguntou Juliette.

O homem riu.

— Uma estrela — disse ele. — Se esperar, pode vê-la de novo. Hoje as nuvens estão leves, e os ventos, fortes. Aquela ali já vai passar.

Juliette se virou para procurar sua cadeira e viu que ele segurava o carvão com o braço meio esticado, olhando para o ponto onde a luz piscara.

— Como consegue ver alguma coisa lá fora? — perguntou ela, tornando a sentar na cadeira de plástico.

— Quanto mais tempo você faz isso, melhor vê à noite. — Ele se inclinou sobre o papel e rabiscou algo mais. — E eu já faço isso há muito tempo.

— Faz o quê, exatamente? Fica observando as nuvens?

Ele riu.

— Na maior parte das vezes, sim. Infelizmente. Mas o que estou tentando fazer é ver através delas. Observe. Talvez a gente consiga ver mais uma vez.

Ela voltou a olhar para o lugar onde a última luz tinha piscado. De repente piscou de novo, um pontinho de luz como um sinal bem acima do morro.

— Quantas você viu? — perguntou ele.

— Uma — contou.

Ela estava quase sem fôlego com a novidade. Sabia o que eram estrelas, faziam parte de seu vocabulário, mas nunca havia visto uma.

— Também havia uma mais fraca ao lado dela. Deixe-me mostrar a você.

Ouviu-se um estalido baixinho, e uma luz vermelha iluminou o colo do homem. Juliette viu que havia uma lanterna pendurada no pescoço dele, com um filme plástico vermelho grudado na ponta. Aquilo fazia com que a lâmpada parecesse estar pegando fogo, mas projetava um brilho suave que não incomodava sua visão como as luzes da cozinha haviam feito.

Ela viu que a grande folha de papel estendida no colo dele estava coberta de pontos distribuídos aleatoriamente, com algumas linhas retas formando uma grade ao redor. Havia pequenas anotações por toda a parte.

— O problema é que elas se movem — explicou ele. — Se estou vendo aquela estrela aqui, esta noite... — Ele bateu em um dos pontos com o dedo; havia um ponto menor ao lado. — Amanhã, exatamente à mesma hora, ela vai estar um pouquinho mais para cá. — Quando ele se virou para Juliette, ela viu que o homem era jovem, provavelmente por volta dos trinta anos, e bem bonito, arrumadinho, estilo escritório. Ele sorriu e prosseguiu. — Levou muito tempo para eu perceber isso.

Juliette queria lhe dizer que ele não tinha nem *vivido* muito tempo, mas se lembrou do que sentia em seus tempos de sombra, quando as pessoas desprezavam suas ideias pelo mesmo motivo.

— Qual o objetivo disso? — perguntou ela, e viu o sorriso dele desaparecer.

— Qual é o objetivo de qualquer coisa? — Ele voltara o olhar para a parede e

apagara a lanterna.

Juliette percebeu que tinha feito a pergunta errada, e que aquilo o havia chateado. Então se perguntou se haveria algo ilícito nessa atividade dele, algo que desafiasse os tabus. Será que havia diferença entre coletar informações sobre o exterior e as pessoas que ficavam sentadas olhando para as colinas? Ela tentaria se lembrar de perguntar isso a Marnes, e o homem se virou de novo para ela na escuridão.

— Meu nome é Lukas.

Os olhos dela tinham se ajustado o bastante para ver a mão dele estendida em sua direção.

— Juliette — respondeu ela, apertando a mão dele.

— A nova xerife.

Não era uma pergunta, e era óbvio que ele sabia quem ela era. Todo mundo lá em cima parecia saber.

— O que você faz quando não está aqui em cima? — perguntou ela.

Tinha quase certeza de que aquilo não era o trabalho dele. Ninguém devia ganhar dinheiro para ficar olhando para as nuvens.

— Eu moro no intermediário superior — disse Lukas. — Trabalho com computadores durante o dia. Só subo aqui quando a vista está boa. — Ele tornou a acender a lanterna e se virou para ela de um modo que sugeria que as estrelas não eram mais a prioridade em sua cabeça. — Tem um cara do meu nível que trabalha aqui em cima no turno do jantar. Quando ele chega em casa, me diz como as nuvens estavam durante o dia. Se as notícias são boas, venho ver se consigo alguma coisa.

— Então você está montando um esquema delas?

Juliette gesticulou na direção da folha de papel.

— Estou tentando. Provavelmente levaria algumas vidas.

Ele guardou o carvão atrás da orelha, puxou um trapo do macacão e limpou dos dedos o resíduo escuro.

— E depois? — perguntou Juliette.

— Bem, com sorte vou contagiar alguma sombra para assumir o trabalho de onde eu parar.

— Então, literalmente, isso envolve várias vidas.

Ele riu, e Juliette percebeu que era um riso agradável.

— No mínimo — disse ele.

— Bem, vou deixar você em paz — disse ela, de repente se sentindo culpada por ter falado com ele.

Ele se levantou, esticou a mão e segurou a dela em um aperto caloroso com as duas mãos, prendendo-a por um momento a mais do que ela esperaria.

— Foi um prazer conhecê-la, xerife.

Ele sorriu para ela. E Juliette não entendeu uma palavra do que murmurou em resposta.

21

Na manhã seguinte, Juliette chegou cedo à mesa após dormir pouco mais de quatro horas. Ao lado do computador, encontrou uma encomenda à sua espera: um pacotinho embrulhado em um papel barato reciclado e amarrado com lacres plásticos feitos para prender fios elétricos. Esse último toque a fez sorrir, e ela enfiou a mão no bolso do macacão para pegar sua multiferramenta. Puxou a chave de ponta mais fina, enfiou-a no fecho do lacre plástico e o abriu lentamente, mantendo-o intacto para ser reutilizado. Ela se lembrou do problema em que se metera quando ainda era sombra, no dia em que foi pega cortando um lacre plástico de um circuito elétrico. Walker, que já era um velho rabugento tantas décadas atrás, berrou com ela por causa do desperdício e depois a ensinou a soltar o pequeno fecho para poder usá-lo novamente.

Os anos se passaram e, quando já estava bem mais velha, ela se viu passando aquela lição para outra sombra chamada Scottie. Na época, ele era um rapazinho, mas ela lhe deu uma grande bronca quando ele cometeu o mesmo descuido. Lembrava de ter deixado o garoto branco como um bloco de cimento, e por meses ele sempre ficava nervoso perto dela. Talvez por causa daquela bronca, ela passou a prestar mais atenção nele durante o restante do seu treinamento, e com o tempo os dois ficaram próximos. Ele logo cresceu e se tornou um jovem muito competente, com pendor para eletrônica, capaz de programar um chip de temporização de uma bomba em menos tempo do que ela precisava para desmontar e remontá-lo.

Ela soltou o outro lacre que fechava o embrulho e soube que o pacote era dele. Anos antes, Scottie tinha sido recrutado pela TI e se mudara para os trigésimos. Tinha se tornado “inteligente demais para a Mecânica”, como explicou Knox. Juliette pôs os dois lacres de lado e imaginou o jovem preparando aquele pacote para ela. A requisição que enviara por e-mail lá para a Mecânica na noite anterior devia ter chegado até ele, que passara a noite lhe fazendo aquele favor.

Ela abriu o papel com cuidado. Tanto o papel quanto os lacres de plástico deveriam ser devolvidos: ambos eram preciosos demais para que os guardasse, e

leves o bastante para serem enviados sem muito custo. Quando o pacote foi desfeito, ela percebeu que Scottie tinha dobrado as beiradas e prendido uma sob a outra, um truque que as crianças aprendiam para fechar bilhetes sem gastar cola ou fita adesiva. Juliette desmontou cuidadosamente o trabalho meticuloso do rapaz, e o papel finalmente se abriu. Lá dentro, encontrou uma caixa de plástico, do tipo usado para separar porcas e parafusos para pequenos projetos lá embaixo, na Mecânica.

Abriu a tampa e viu que o pacote não era apenas de Scottie — devia ter sido levado às pressas para ele junto com uma cópia de seu pedido. Seus olhos se encheram de lágrimas ao sentir o cheiro dos biscoitos de aveia e farinha de milho de Mama Jean. Ela pegou um, levou-o até o nariz e inspirou fundo. Talvez fosse imaginação, mas jurou sentir um leve odor de óleo ou graxa saindo da caixa velha, cheiros bem familiares.

Juliette dobrou o papel de embrulho com cuidado e colocou os biscoitos sobre ele. Pensou nas pessoas com quem os dividiria. Marnes, é claro, mas também Pam, do refeitório, que tinha sido tão simpática ao ajudá-la a se mudar para o novo apartamento. E Alice, a jovem secretária de Jahns, cujos olhos estavam vermelhos de tristeza havia mais de uma semana. Tirou o último biscoito e finalmente viu o pequeno pen drive chacoalhando no fundo da caixa, um agradinho *assado* especialmente por Scottie e escondido no meio dos farelos.

Juliette o pegou e deixou de lado a caixinha de plástico. Soprou a extremidade de metal do pen drive, para eliminar qualquer sujeira, antes de enfiá-lo na entrada do computador. Ela não era muito boa com computadores, mas conseguia usá-los. Era impossível fazer qualquer coisa na Mecânica sem submeter um pedido, um relatório, uma requisição ou qualquer outro documento sem sentido. E o pessoal de lá era ótimo em se logar remotamente nas bombas e relés para ligá-los ou desligá-los, fazer diagnósticos, essas coisas.

Quando a luz no pen drive piscou, Juliette entrou na pasta do dispositivo. Lá, encontrou várias subpastas e arquivos. Parecia que o pequeno pen drive estava lotado. Ela se perguntou se Scottie teria dormido na noite anterior.

No alto de uma lista de pastas principais havia um item chamado “Jules”. Ela clicou nele, abrindo um arquivo de texto obviamente escrito por Scottie, mas sem assinatura.

J,

Não deixem que a peguem com isto, está bem? Isso é tudo que havia nos computadores do Sr. Homem da Lei, no trabalho e em casa, nos últimos cinco

anos. Um monte de coisas, mas eu não sabia exatamente do que você precisava e era mais fácil fazer assim, no automático.
Pode ficar com os lacres... eu tenho de sobra.
(E peguei um biscoito. Espero que não se importe.)

Juliette deu um sorriso. Sentiu vontade de esticar a mão e passar os dedos pelas palavras, mas não era papel, e não seria a mesma coisa. Ela fechou o bilhete e o apagou, depois limpou sua lixeira. Até a inicial dela lá no alto parecia informação demais.

Ela se afastou da mesa para dar uma olhada no refeitório, que parecia escuro e vazio. Ainda não eram cinco da manhã, e ela teria o andar só para si por algum tempo. Primeiro dedicou um momento para estudar a estrutura dos diretórios e descobrir com que tipo de informação estava lidando. Cada pasta estava bem identificada. Aparentemente, ali havia um histórico das operações dos dois computadores de Holston, cada tecla apertada, todos os dias, retrocedendo até pouco mais de cinco anos, tudo organizado por data e hora. Juliette se sentiu sobrecarregada pela enorme quantidade de informação; muito mais do que poderia examinar em sua vida inteira.

Mas pelo menos estava em suas mãos. As respostas de que precisava estavam ali, em algum lugar, em meio a todos aqueles arquivos. E, de algum modo, parecia melhor, *ela* parecia melhor, só por saber que a solução daquele enigma, a decisão de Holston de ir para a limpeza, agora cabia na palma de sua mão.

* * *

Já estava examinando aqueles dados havia horas quando a equipe do refeitório chegou para limpar a sujeira da noite anterior e preparar o café da manhã. Uma das coisas lá de cima com as quais era mais difícil acostumar-se eram os horários regulares que todos cumpriam. Não havia terceiro turno. Mal havia um segundo turno, com exceção da equipe do jantar. Lá embaixo, nas profundezas, as máquinas não dormiam, por isso os trabalhadores também mal faziam isso. A equipes costumavam fazer horas extras, e Juliette tinha se acostumado a viver com apenas algumas horas de repouso por noite. O truque era cochilar de vez em quando por total exaustão, apenas se apoiar em uma parede e descansar com os olhos fechados por quinze minutos, tempo o bastante para manter o cansaço sob controle.

Mas o que antes tinha sido sobrevivência agora se tornara um luxo. A

habilidade de não dormir dava a ela tempo para si mesma de manhã e à noite, tempo para dedicar a buscas frívolas, no lugar dos casos em que devia estar trabalhando. Também dava a ela a oportunidade de ensinar a si mesma como fazer aquele maldito trabalho, já que Marnes estava deprimido demais para ajudá-la a entrar no ritmo.

Por falar em Marnes...

Ela olhou para o relógio acima da mesa dele. Eram oito e dez, e os panelões quentes de mingau de aveia e farinha de milho já enchiam o refeitório com os aromas do café da manhã. Marnes estava atrasado. Ela trabalhava com ele havia menos de uma semana, mas ainda não o vira se atrasar para nada, nunca. A quebra na rotina era como uma correia se esticando demais e perdendo a forma, um pistão começando a engasgar. Juliette desligou o monitor e se levantou. Lá fora, o primeiro turno para o café da manhã começava a chegar e a formar fila. Fichas de refeição tilintavam no balde ao lado da velha catraca. Ela saiu de seu gabinete e atravessou a multidão que jorrava das escadas. Na fila, uma menininha puxou o macacão da mãe e apontou para Juliette quando ela passou. Juliette ouviu a mãe repreender a filha pela falta de educação.

Tinham surgido muitos comentários nos últimos dias sobre sua nomeação, aquela mulher que desaparecera na Mecânica quando criança e de repente reapareceu para assumir o lugar de um dos xerifes mais populares de que se lembravam. Juliette se retraiu por causa da atenção e correu para as escadas. Desceu tão rápido quanto um portador carregando pouca carga. Seus pés pulavam os degraus cada vez mais rápido, em um ritmo quase perigoso. Quatro níveis abaixo, depois de se espremer para ultrapassar um casal lento e de se esquivar de uma família que subia para o café, ela chegou ao andar de apartamentos logo abaixo do seu e passou pelas portas duplas.

O corredor estava movimentado, cheio de imagens e sons matinais: uma chaleira apitando, vozes agudas de crianças, o estrondo dos passos mais acima, sombras correndo para encontrar seus chefes e depois segui-los para o trabalho. As crianças menores se arrastavam para a escola, relutantes; maridos e mulheres se beijavam nas portas, enquanto bebês se remexiam nos macacões e derrubavam brinquedos e copos plásticos.

Juliette fez várias curvas, serpenteando pelos corredores e ao redor da escadaria central até o outro lado do pavimento. O apartamento do delegado ficava no outro extremo, bem nos fundos. Ela supunha que Marnes tivesse conquistado o direito a vários *upgrades* ao longo dos anos, mas os dispensara. Quando perguntou a Alice, ex-secretária da prefeita Jahns, sobre Marnes, ela deu

de ombros e contou a Juliette que ele nunca ambicionou ou esperou nada além do segundo lugar. Juliette imaginou que ela se referia ao fato de ele nunca ter sido xerife, mas começou a se perguntar a quantas outras áreas de sua vida ele aplicara essa filosofia.

Quando chegou ao corredor certo, duas adolescentes passaram correndo de mãos dadas, atrasadas para a escola. Elas riram e gritaram até virar em outro corredor, deixando Juliette sozinha. Ela se perguntou o que diria a Marnes para justificar ter descido até ali, para explicar sua preocupação. Talvez agora fosse uma boa hora para pedir a pasta da qual ele parecia não conseguir se separar. Podia lhe mandar tirar o dia de folga e deixá-la cuidar do gabinete enquanto ele descansava, ou talvez contar uma mentirinha e dizer que tinha ido até ali devido a um caso.

Parou em frente à porta dele e ergueu a mão para bater. Esperava que ele não visse aquilo como uma imposição de autoridade. Estava apenas preocupada. Só isso.

Juliette bateu à porta de aço e esperou que ele a chamasse lá de dentro, e talvez ele já estivesse chamando. Sua voz nos últimos dias se reduzira a um sussurro lento e fraco. Ela tornou a bater, dessa vez mais alto.

— Delegado? — chamou. — Está tudo bem aí?

Uma mulher botou a cabeça para fora de uma porta no corredor. Juliette a reconheceu do horário do intervalo escolar no refeitório, e tinha quase certeza de que se chamava Gloria.

— Oi, xerife.

— Oi, Gloria. Você por acaso viu o delegado Marnes esta manhã?

Ela sacudiu a cabeça, segurou uma haste de metal com os dentes e começou a enrolar os cabelos compridos em um coque.

— Não — murmurou, encolheu os ombros e espetou a haste no coque, prendendo o cabelo no lugar. — Ele estava na plataforma do andar ontem à noite e parecia mais abatido que nunca. — A mulher franziu o cenho. — Ele não apareceu para trabalhar?

Juliette se virou para a porta e girou a maçaneta, que virou fácil, indicando uma fechadura bem cuidada. Ela empurrou.

— Delegado? É Jules. Só vim saber se está tudo bem.

A porta se abriu para a escuridão. A única luz que entrava era a do corredor, mas era o bastante.

Juliette se virou para Gloria.

— Chame o Dr. Hicks... Não, merda... — Ela ainda pensava como se estivesse

nas profundezas. — Quem é o médico mais próximo aqui em cima? Vá chamá-lo.

Entrou correndo na sala sem esperar pela resposta. Não havia muito espaço para se enforcar naquele apartamentinho, mas Marnes tinha descoberto um jeito. Um cinto estava enrolado em seu pescoço, a fivela presa no alto da porta do banheiro. Os pés dele estavam na cama, mas em um ângulo que não sustentaria seu peso. Seu traseiro estava abaixo dos pés. O rosto não estava mais vermelho, e o cinto marcava profundamente o pescoço.

Juliette segurou Marnes pela cintura e o levantou. Era mais pesado do que parecia. Ela chutou os pés dele para fora da cama, e eles caíram pesadamente no chão, o que tornou mais fácil carregá-lo. Alguém à porta soltou um palavrão. O marido de Gloria veio correndo para ajudar Juliette a sustentar o peso do delegado. Os dois tatearam o cinto, tentando desprendê-lo da porta. Juliette enfim conseguiu abrir a porta e soltá-lo.

— Na cama — bufou ela.

Eles levantaram o delegado e o puseram deitado na cama.

O marido de Gloria apoiou as mãos nos joelhos e respirou fundo.

— Gloria foi chamar o Dr. O'Neil.

Juliette assentiu e soltou o cinto do pescoço de Marnes. A pele por baixo estava roxa. Ela tentou sentir seu pulso, se lembrando de George exatamente daquele jeito quando ela o encontrou caído na Mecânica, completamente imóvel e sem qualquer reação. Levou um instante para que ela se desse conta de que estava diante do segundo cadáver que via na vida.

Então, quando se sentou, suando, à espera do médico, ela se perguntou se aquele seu novo emprego não seria o último.

22

Depois de preencher os relatórios, descobrir que Marnes não tinha parentes, falar com o legista da fazenda e responder a perguntas de vizinhos enxeridos, Juliette finalmente conseguiu fazer a longa e solitária caminhada oito lances de escada acima, de volta a seu gabinete vazio. Passou o resto do dia sem conseguir trabalhar muito, com a porta que dava para o refeitório aberta e a salinha lotada de fantasmas. Tentou várias vezes se perder nos arquivos dos computadores de Holston, mas a ausência de Marnes era incrivelmente mais triste do que sua presença depressiva. Não dava para acreditar que ele estava morto. Parecia quase uma afronta trazê-la para cá e depois abandoná-la assim, tão de repente. E ela sabia que se sentir assim era horrível e egoísta, e admitir ainda era pior.

Enquanto sua mente trabalhava, Juliette de vez em quando olhava pela porta e via as nuvens passarem pelas telas na parede distante. Ela se perguntou se estavam leves ou densas, se aquela seria uma boa noite para observar estrelas. Era mais um pensamento pesado de culpa, mas se sentia terrivelmente sozinha, uma mulher que se orgulhava de não precisar de ninguém.

Ela mexeu um pouco mais no labirinto de arquivos enquanto a luz daquele sol invisível diminuía no refeitório, enquanto a agitação de dois turnos de almoço e dois turnos de jantar chegou e passou, o tempo todo observando os movimentos do céu e torcendo, por nenhum motivo lógico, por outra chance de se encontrar com o estranho caçador de estrelas da noite anterior.

E, mesmo sentada ali, com os sons e aromas dos moradores dos quarenta e oito andares superiores se alimentando, Juliette se esqueceu de pegar algo para comer. Foi só quando a equipe do segundo turno estava de saída, as luzes reduzidas a um quarto da força, que Pam chegou com um pote de sopa e um biscoito. Juliette agradeceu e enfiou a mão no bolso do macacão à procura de dinheiro, mas Pam recusou. Os olhos da moça, vermelhos de tanto chorar, se dirigiram à cadeira vazia de Marnes, e Juliette se deu conta de que a equipe do refeitório devia conhecer muito bem o delegado.

Pam saiu sem dizer nada, e Juliette comeu o que conseguiu. Acabou pensando

em outra pesquisa que poderia tentar fazer nos dados de Holston, uma busca ortográfica geral por nomes que talvez oferecesse pistas, e por fim descobriu como fazer isso. Nesse meio-tempo, sua sopa esfriou. Quando o computador começou a trabalhar nas montanhas de dados, ela pegou a sopa e algumas pastas, saiu do gabinete e foi sentar a uma das mesas do refeitório perto da tela.

Estava sozinha procurando estrelas quando Lukas surgiu silenciosamente ao seu lado. Ele não disse nada, só puxou uma cadeira, sentou com o papel e o apoio e olhou para a ampla vista da escuridão lá fora.

Juliette não sabia dizer se ele estava sendo educado ao respeitar seu silêncio, ou se estava sendo rude ao não cumprimentá-la. Por fim, ela se decidiu pela primeira opção, e em pouco tempo o silêncio pareceu normal. Compartilhado. Paz ao fim de um dia horrível.

Alguns minutos se passaram. Depois dez. Não havia estrelas nem palavras. Juliette segurava uma pasta no colo, só para dar às mãos algo que fazer. Veio um som das escadas, um grupo que caminhava rindo entre os andares de apartamentos abaixo, e em seguida tudo voltou à mesma quietude.

— Sinto muito por seu colega — disse Lukas enfim.

As mãos dele esticaram o papel no apoio. Ele ainda não tinha feito nenhuma marca ou anotação.

— Obrigada — disse Juliette.

Ela não sabia ao certo qual seria a resposta apropriada, mas aquela pareceria a menos errada.

— Estava procurando estrelas, mas não vi nenhuma — acrescentou ela.

— E não vai. Não esta noite. — Ele gesticulou na direção do telão. — Esse é o pior tipo de nuvem.

Juliette as estudou, mal conseguindo identificá-las com a última luz do crepúsculo distante. Para ela, não pareciam em nada diferentes das outras.

Lukas se virou de modo quase imperceptível na cadeira.

— Tenho que confessar uma coisa, já que você é uma figura da lei e tudo mais.

A mão de Juliette procurou a estrela em seu peito. Ela sempre corria o risco de esquecer quem era.

— É mesmo?

— Eu sabia que as nuvens estariam ruins esta noite, mas subi até aqui assim mesmo.

Julie confiou na escuridão para ocultar seu sorriso.

— Não tenho certeza se o Pacto tem muito a dizer sobre isso — falou para ele.

Lukas riu. Era estranho como aquilo já lhe soava familiar, e como ela ansiava por ouvi-lo. Juliette sentiu uma vontade repentina de abraçá-lo, esconder o rosto em seu pescoço e chorar. Ela quase sentia seu corpo começar a preparar os movimentos, apesar de não se mover. Nunca poderia acontecer. Sabia disso, mesmo com a sensação vibrando dentro dela. Era apenas a solidão, o horror de segurar Marnes nos braços, de sentir o peso sem vida daquele corpo que perdera o que quer que o movia. Ela estava desesperada por contato, e aquele estranho era a única pessoa ali que conhecia o suficiente para tanto.

— E o que vai acontecer agora? — perguntou ele, o riso desaparecendo.

Juliette quase falou sem pensar, de modo louco, *Entre* nós?, mas Lukas a salvou.

— Você sabe quando vai ser o funeral? E onde?

Ela assentiu no escuro.

— Amanhã. Não temos que esperar que ninguém da família suba, e não há investigação a fazer. — Juliette segurou as lágrimas. — Ele não deixou testamento, por isso tive que organizar os preparativos. Resolvi enterrá-lo ao lado da prefeita.

Lukas olhou para o telão da parede. Estava escuro o bastante para que os corpos dos limpadores não pudessem ser vistos, um alívio bem-vindo.

— É como deveria ser — disse ele.

— Acho que eles eram amantes em segredo — falou Juliette sem pensar. — Ou pelo menos quase isso.

— Esse era o boato — concordou ele. — O que não entendo é por que manter isso em segredo. Ninguém teria se importado.

De algum modo, sentada ali no escuro com um completo estranho, essas coisas eram ditas com mais facilidade do que nas profundezas, entre amigos.

— Talvez *eles* não quisessem que as pessoas soubessem — pensou ela em voz alta. — Jahns já tinha sido casada. Imagino que tenham decidido respeitar isso.

— É? — Lukas rabiscou algo no papel. Juliette ergueu os olhos, mas tinha certeza de que nenhuma estrela tinha aparecido. — Não consigo imaginar amar em segredo desse jeito.

— O que não consigo imaginar é precisar da permissão de alguém, como do Pacto ou do pai da garota, só para poder se apaixonar — respondeu ela.

— Não? Mas de que outra maneira seria, se não fosse assim? Duas pessoas quaisquer, quando elas quisessem?

Juliette não falou nada.

— Como as pessoas entrariam na loteria? — perguntou ele, insistindo naquela

linha de raciocínio. — Não consigo imaginar nem pensar que isso não seja feito em público. É uma celebração, não acha? Todo esse ritual, o rapaz pedindo permissão ao pai da moça...

— Bem, você está com alguém? — perguntou Juliette, interrompendo-o. — Quer dizer... só estou perguntando porque parece que você tem opiniões bem fortes sobre o assunto, mas talvez não...

— Ainda não — disse ele, tornando a salvá-la. — Ainda tenho forças para suportar a chantagem da minha mãe. Todo ano ela faz questão de me lembrar de quantas loterias já perdi, e que isso reduziu demais suas chances de ter uma penca de netos. Como se eu não soubesse. Mas, ei, só tenho vinte e cinco anos.

— Então é isso — disse Juliette.

— E você?

Ela quase contou a ele na hora. Quase revelou seu segredo sem pensar, praticamente sem que ele precisasse perguntar. Como se aquele homem, aquele menino, um estranho, fosse de confiança.

— Nunca encontrei a pessoa certa — mentiu.

Lukas riu sua risada de jovem.

— Não, quero saber sua idade. Ou isso é falta de educação?

Ela sentiu uma onda de alívio. Achou que ele estava perguntando a ela se estava com alguém.

— Trinta e quatro — respondeu. — E me disseram que é falta de educação perguntar, mas nunca fui muito a favor de seguir regras.

— Palavras da nossa xerife — disse Lukas, rindo da própria piada.

Juliette sorriu.

— Acho que ainda estou me acostumando com isso.

Ela se virou outra vez para o telão, e os dois desfrutaram do silêncio que se formou. Era estranho estar sentada ali com aquele homem. Ela se sentia mais jovem e de algum modo mais segura na presença dele. Menos solitária, pelo menos. Achou que ele também era um solitário, uma porca de tamanho esquisito que não se encaixava em nenhum parafuso. E ali estava ele, no extremo do silo, à procura de estrelas, enquanto ela costumava passar o tempo livre que conseguia lá embaixo nas minas, o mais longe possível, à procura de rochas bonitas.

— Parece que não vai ser uma noite produtiva para nenhum de nós dois — disse ela por fim, quebrando o silêncio enquanto mexia na pasta fechada no colo.

— Ah, não sei — respondeu Lukas. — Isso depende de por que você veio até aqui em cima.

Juliette sorriu. E, do outro lado da sala, quase inaudível, seu computador emitiu um bipe, indicando o término de uma busca nos arquivos de Holston antes de revelar seus resultados.

23

Na manhã seguinte, em vez de subir para seu gabinete, Juliette desceu cinco lances até a fazenda de terra dos níveis superiores para o enterro de Marnes. Não haveria pasta para o delegado, não haveria investigação, só a descida de seu corpo velho e cansado para as profundezas do solo, onde entraria em decomposição e alimentaria as raízes. Era um pensamento estranho, ficar parada ali no meio daquelas pessoas e pensar se ele se tornaria ou não uma pasta. Estava há menos de uma semana no emprego e já via aquelas capas de papel pardo como lugares habitados por fantasmas. Nomes e números de casos. Vidas destiladas em vinte páginas de papel barato reciclado, pedaços de barbante e setas de cores aleatórias amalgamados sob a tinta negra que registrava suas histórias tristes.

A cerimônia foi longa, mas não pareceu. A terra ainda estava fofa onde Jahns tinha sido enterrada. Em pouco tempo, os dois se uniriam às plantas, e essas plantas alimentariam os moradores do silo.

Juliette aceitou um tomate maduro enquanto o sacerdote e sua sombra circulavam pela multidão. Os dois, vestidos em tecido vermelho, entoavam cânticos enquanto caminhavam, as duas vozes em harmonia. Juliette deu uma mordida no fruto, deixando uma pequena quantidade de suco pingar em seu macacão, mastigou-o e o engoliu. Percebeu que o tomate estava delicioso, mas de modo mecânico. Era difícil apreciá-lo de verdade.

Quando chegou a hora de jogar a terra de volta na cova, Juliette observou os presentes. Duas pessoas do nível superior mortas em menos de uma semana. Tinham ocorrido outras duas mortes em outros lugares do silo, o que fazia daquela uma semana muito ruim.

Ou boa, dependendo de quem era você. Ela notou casais sem filhos comendo seus frutos avidamente e de mãos dadas, fazendo contas em silêncio. Os sorteios da loteria eram realizados perto demais das mortes para o gosto de Juliette. Ela sempre achou que deviam ocorrer na mesma data todos os anos, só para parecer que seriam feitos de todo modo, com alguém morrendo ou não.

Mas enterrar o corpo e colher as frutas maduras em cima das covas significava reforçar uma mensagem: o ciclo da vida existe; é inevitável, deve ser abraçado, apreciado, aceito. As pessoas partem e deixam para trás o dom do sustento, da vida. Elas abrem espaço para a geração seguinte. Nós nascemos, somos sombras, temos nossas próprias sombras e depois desaparecemos. O máximo a que se pode aspirar é ser lembrado duas sombras depois.

Antes que a cova estivesse totalmente coberta, os presentes à cerimônia se aproximaram e jogaram as sobras dos frutos. Juliette deu um passo à frente e acrescentou o resto de seu tomate à mistura colorida de cascas e polpas. Um ajudante se apoiou na sua pá grande demais e esperou até que o último fruto fosse lançado na cova. Os que caíram do lado de fora, ele empurrou para dentro, com pás de terra escura e fértil por cima, deixando um monte que iria, com o tempo e a água, se assentar.

Depois do enterro, Juliette iniciou a subida para seu gabinete. Podia sentir os lances de escadas nas pernas, apesar de se orgulhar por estar em forma. Mas caminhar e subir eram tipos diferentes de exercício. Não era como usar chaves inglesas ou soltar parafusos teimosos; a resistência não era igual a simplesmente ficar acordada e alerta por um turno extra. Chegou à conclusão de que aquela subida era antinatural. Os humanos não tinham sido feitos para aquilo. Desconfiava que não tivessem sido feitos para viajar muito além de um único andar de um silo. Mas então outro portador que descia as escadas passou voando, com um sorriso rápido de cumprimento no rosto jovem, os pés dançando pelos degraus de aço, e ela se perguntou se talvez fosse algo que dependesse apenas de prática.

Quando finalmente voltou ao refeitório, era hora do almoço, e o salão zumbia com as conversas barulhentas e o tilintar de garfos de metal em pratos também de metal. A pilha de papéis dobrados à porta de seu gabinete tinha aumentado. Havia uma planta em um balde de plástico, um par de sapatos e uma pequena escultura feita de fios coloridos. Juliette se deteve diante dos objetos. Como Marnes não tinha família, imaginou que caberia a ela examinar aquilo tudo para garantir que os itens fossem para aqueles que fariam melhor uso deles. Ela se abaixou e pegou um dos cartões. Estava escrito em vacilante letra de forma, rabiscada a lápis de cera. Imaginou que a escola do nível superior tinha passado o horário dos trabalhos manuais daquele dia fazendo cartões para o delegado Marnes. Isso entristeceu Juliette mais do que quaisquer das cerimônias. Esfregou as lágrimas dos olhos e amaldiçoou os professores que decidiram envolver as crianças na sordidez daquilo tudo.

— Deixem-nas fora disso — murmurou para si mesma.

Ela devolveu o cartão ao seu lugar e se recompôs. Concluiu que o delegado Marnes teria gostado de ver aquilo. Ele era um homem fácil de entender, uma daquelas pessoas que envelhecem em tudo, menos no coração. Esse órgão nunca ficou gasto porque ele nunca ousou usá-lo.

Em seu gabinete, ela se surpreendeu ao ver que tinha companhia. Havia um estranho sentado à mesa do delegado Marnes. Ele ergueu os olhos do computador e sorriu para ela. Estava prestes a perguntar quem era quando Bernard — ela se recusava a pensar nele até como prefeito *interino* — saiu da cela de custódia com uma pasta na mão e sorriu para Juliette.

— Como foi a cerimônia? — perguntou ele.

Juliette atravessou o gabinete e tirou a pasta da mão dele.

— Por favor, não mexa em nada — disse ela.

— Mexer? — Bernard riu e arrumou os óculos. — Esse caso está fechado. Eu ia levá-lo de volta para meu gabinete e arquivá-lo de novo.

Juliette examinou a pasta e viu que era a de Holston.

— Você sabe que é subordinada a mim, certo? Devia pelo menos ter dado uma olhada no Pacto antes que Jahns a nomeasse.

— Vou ficar com isto, obrigada.

Juliette o deixou diante da cela aberta e foi para sua mesa. Enfiou a pasta na gaveta de cima, conferiu se o pen drive ainda estava plugado no computador e olhou para o sujeito à sua frente.

— E você é?

Ele se levantou, e a cadeira do delegado Marnes soltou seu rangido habitual. Juliette fez força para não pensar mais nela como se pertencesse a ele.

— Peter Billings, senhora. — Ele estendeu a mão, e Juliette a apertou. — Acabei de ser nomeado. — Pegou sua estrela pela ponta e a puxou para a frente, para que ela a visse.

— O Peter aqui era candidato ao *seu* cargo, na verdade — disse Bernard.

Juliette se perguntou o que ele queria dizer com isso, ou por que estava tocando nesse assunto.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou ela a Bernard. Ela gesticulou para sua mesa, que tinha se atulhado de papéis desde a véspera, pois ela passara a maior parte do tempo cuidando dos assuntos relativos ao enterro de Marnes. — Porque, se precisar de alguma coisa, posso colocá-la no fim de uma dessas pilhas aqui.

— Qualquer coisa que eu lhe der vai para o *topo da pilha* — disse Bernard.

Ele deu um tapa na pasta que tinha o nome de Jahns. — E estou lhe fazendo um favor subindo aqui para esta reunião, em vez de fazê-la descer até o *meu* gabinete.

— Que reunião é essa? — perguntou Juliette.

Ela não olhou para ele, mas remexeu nos papéis para se ocupar. Torcia para que ele visse como estava ocupada e fosse embora, e que ela pudesse começar a atualizar Peter com o pouco que havia compreendido sozinha.

— Como você sabe, houve muitas... *mudanças* nestas três últimas semanas. Na verdade, é algo sem precedentes, pelo menos desde o levante. E temo que este seja o perigo, se não estivermos todos trabalhando juntos.

Ele pressionou o indicador na pasta que Juliette ia pegar, prendendo-o no lugar. Ela ergueu os olhos para Bernard.

— As pessoas querem continuidade. Querem saber que amanhã vai ser parecido com ontem. Querem se sentir seguras. Agora acabamos de fazer uma limpeza, e todos sofreram perdas, por isso o estado de ânimo está naturalmente um pouco agitado. — Ele gesticulou para as pastas e pilhas de papel barato que deslizavam da mesa de Juliette para a de Marnes. O jovem sentado à frente dela parecia olhar para o monte de papel com desconfiança, como se mais daquela pilha pudesse cair para seu lado e lhe dar mais trabalho. — Por isso vou anunciar uma moratória de perdão. Não apenas para animar as pessoas em todo o silo, mas para ajudar vocês a começar do zero, para que não fiquem assoberbados de trabalho enquanto pegam o ritmo de suas funções.

— Começar do zero? — perguntou Juliette.

— Isso mesmo. Todos esses delitos leves, frutos de bebedeiras. O que é este aqui? — Ele pegou uma pasta e estudou o nome na etiqueta. — Ai, o que o Pickens aprontou dessa vez?

— Comeu o rato de um vizinho — disse Juliette. — O bichinho de estimação da família.

Peter Billings deu uma risada. Juliette olhou de soslaio para ele, se perguntando por que o nome dele era familiar. Então ela se deu conta, lembrou-se de um memorando escrito por ele em uma das pastas. Esse garoto, quase um menino, era sombra de um juiz do silo, lembrou ela. Foi difícil para ela imaginar isso, olhando para ele. Parecia mais o tipo da TI.

— Achei que fosse ilegal ter ratos como animais de estimação — disse Bernard.

— E é... Ele é o requerente. O processo é uma retaliação por causa... — ela procurou nas pastas — desta ação aqui.

— Deixe-me ver — disse Bernard.

Ele pegou a outra pasta, segurou as duas juntas, depois as jogou na cesta de reciclagem, e todos aqueles papéis e anotações organizados se espalharam e se misturaram em uma pilha bagunçada por cima de outras sobras de papel.

— Perdoar e esquecer — disse ele, esfregando as mãos. — Esse vai ser o slogan de minha campanha. As pessoas precisam disso. Isso representa novos começos, esquecer o passado nesses tempos de agitação, olhar para o *futuro*! — Ele deu um tapa nas costas dela, com força, acenou para Peter e se dirigiu para a porta.

— Slogan da eleição? — perguntou ela antes que Bernard se afastasse, então percebeu que, em um dos casos que Bernard sugeria perdoar, ele era o principal suspeito.

— Ah, sim — respondeu ele por cima do ombro. Segurou a maçaneta e olhou para ela. — Decidi, após muita deliberação, que sou a pessoa mais qualificada para o cargo. Não vejo problemas em acumular minhas obrigações da TI enquanto desempenho a função de prefeito. Na verdade, já estou fazendo isso! — Ele deu uma piscadela. — Continuidade, sabe? — E então foi embora.

* * *

Juliette passou o restante da tarde, até bem depois do que Peter Billings considerou “um horário razoável de trabalho”, dedicado a colocá-lo no ritmo. O que ela mais precisava era de alguém para atender a queixas e monitorar o rádio. Esse era o antigo trabalho de Holston, circular pelos quarenta e oito andares superiores e cuidar de qualquer distúrbio. O delegado Marnes esperava ver Juliette preenchendo esse papel, com suas pernas mais jovens e descansadas, e também dissera que uma mulher bonita “podia conquistar as pessoas”. Juliette achava que ele tinha outras motivações. Desconfiava que Marnes quisesse que ela se afastasse para ficar mais tempo sozinho com sua pasta e seu fantasma. E ela entendia bem essa necessidade. Assim que mandou Peter Billings para casa com uma lista de apartamentos e mercadores que devia visitar no dia seguinte, ela finalmente teve tempo para se sentar ao computador e ver os resultados da pesquisa da noite anterior.

A busca revelou informações interessantes. Não os nomes que ela esperava, mas tinha encontrado uns blocos grandes de texto que pareciam codificados: palavras sem nexo com parágrafos e pontuação estranhos, e no meio palavras soltas que ela reconhecia, mas que pareciam fora de lugar. Os enormes

parágrafos estavam no computador da casa de Holston, e tinham sido criados três anos antes. Aquilo fazia sentido na sequência de acontecimentos, mas o que realmente chamou a atenção de Juliette foi a frequência com que a informação aparecia em diretórios ocultos, às vezes com doze ou mais pastas de profundidade. Era como se alguém tivesse tentado ocultar a informação, mas quisesse guardar várias cópias, apavorado com a possibilidade de perdê-la.

Ela supôs que, o que quer que fosse aquilo, estivesse codificado e fosse importante. Arrancava pedaços de um pãozinho e os afundava em creme de milho enquanto organizava uma cópia completa daquelas letras incompreensíveis para enviar para a Mecânica. Lá havia alguns sujeitos que talvez fossem inteligentes o bastante para dar algum sentido àquele código, começando por Walker. Ela mastigou a comida e passou as horas seguintes reavaliando o histórico que havia conseguido traçar dos últimos anos de Holston no cargo. Tinha sido difícil identificar suas atividades, descobrir o que era importante e o que era ruído, mas ela abordara o problema com a mesma lógica de qualquer outra avaria. Porque era com isso que estava lidando. Uma avaria. Gradual e interminável. Quase inevitável. Perder a esposa foi como o rompimento de um lacre ou de uma porca. Tudo o que saíra de controle para Holston podia ser relacionado, quase de forma mecânica, à morte dela.

Uma das primeiras coisas que Juliette percebeu foi que a atividade dele no computador do trabalho não tinha nada a esconder. Obviamente, Holston havia se tornado um notívago, assim como ela, e ficava acordado por horas em seu apartamento. Foi mais uma conexão que sentiu haver entre eles, reforçando sua obsessão pelo homem. Trabalhar apenas no computador pessoal significava que ela podia ignorar mais da metade dos dados. Também ficou claro que ele tinha passado a maior parte de seu tempo investigando a mulher, assim como Juliette agora estava se intrometendo na vida *dele*. Aquele era o elo mais profundo que Juliette e Holston compartilhavam. Ali estava ela, investigando o último limpador voluntário, assim como ele investigara a mulher, na esperança de descobrir que torturante motivo poderia levar uma pessoa a escolher o exterior proibido.

E foi então que Juliette começou a encontrar pistas quase assustadoramente interligadas. Allison, a mulher de Holston, parecia ser a pessoa que havia desvendado os mistérios dos velhos servidores. O mesmo método que recuperara os dados de Holston para Juliette em algum momento tinha revelado algum segredo para Allison, e depois para Holston. Juliette se concentrou nos e-mails trocados pelo casal e depois apagados. Observou a explosão de comunicação por

volta da época em que ela havia publicado um documento detalhando um método de recuperação de dados e em seguida encontrara algo que achou ser uma pista importante. Juliette ficou mais convencida de que Allison havia descoberto alguma coisa nos servidores. O problema era determinar o quê, e se ela mesma conseguiria reconhecer a informação se a encontrasse.

Juliette considerou várias ideias, até a possibilidade de que Allison tivesse enlouquecido devido a uma infidelidade do marido, mas tinha a sensação de que não era esse o caso. E então percebeu que todas as atividades pareciam remeter ao texto sem sentido, embora Juliette estivesse torcendo para que a resposta não estivesse naqueles parágrafos que não compreendia. Por que Holston e principalmente Allison passavam tanto tempo olhando para aquelas letras desconexas? O registro de atividades mostrava que ela mantinha os arquivos abertos por horas, como se as letras embaralhadas pudessem ser lidas. Para Juliette, parecia uma língua totalmente nova.

Então o que era aquilo que tinha mandado Holston e a mulher para a limpeza? A opinião geral no silo era a de que Allison tinha ficado perturbada e louca pelo exterior, e que com o tempo Holston acabou sucumbindo à tristeza. Mas Juliette nunca tinha acreditado nisso. Ela não gostava de coincidências. Quando desmontava uma máquina para consertá-la, e descobria um problema novo alguns dias depois, tudo o que precisava fazer era repetir os passos do conserto anterior. A resposta sempre estava lá. Ela via aquele enigma do mesmo modo: o diagnóstico seria muito mais simples se os dois tivessem sido mandados para o exterior *pelo mesmo motivo*.

Ela só não conseguia saber o que poderia ser. E parte dela temia que, se descobrisse, viesse a enlouquecer também.

Juliette esfregou os olhos. Quando tornou a olhar para a mesa, a pasta de Jahns chamou sua atenção. Em cima estava o relatório médico de Marnes. Ela o afastou e pegou o bilhete que havia embaixo, o que Marnes escrevera e deixara em sua mesinha de cabeceira:

“Devia ter sido eu.”

Tão poucas palavras, pensou Juliette. Mas, afinal, quem havia restado no silo com quem ele quisesse falar? Ela estudou as poucas palavras, mas havia pouco a extrair delas. Era o cantil *dele* que tinha sido envenenado, não o de Jahns. Isso, na verdade, tornava sua morte um caso de homicídio culposo, um termo novo para Juliette. Marnes tinha explicado outra coisa sobre a lei: o pior crime do qual eles podiam esperar acusar alguém era a *tentativa* malsucedida de homicídio dele, mais que o acidente infeliz que matara a prefeita. Isso significava que, se

pudessem encontrar um culpado, essa pessoa deveria ser mandada para a limpeza pelo que não conseguira fazer com Marnes, mas só receberia uma pena de cinco anos em regime aberto e prestação de serviços ao silo pelo que tinha acontecido *acidentalmente* com Jahns. Juliette achou que tinha sido aquela justiça distorcida, mais do que qualquer outra coisa, que acabara com Marnes. Nunca houve esperança de verdadeira justiça, uma vida pela outra. Essas leis estranhas, somadas à consciência agonizante de que levara o veneno nas próprias costas, o magoaram gravemente. Ele teria que viver com o fato de que havia carregado o veneno, com o conhecimento doloroso de que uma boa ação, uma caminhada a dois, tinha sido a causa da morte de seu amor.

Juliette segurou o bilhete de suicídio e se recriminou por não ter percebido o que estava prestes a acontecer. Deveria ter sido um colapso previsível, um problema resolvido com um pouco de manutenção preventiva. Ela podia ter conversado mais, tentado de algum modo ajudar, mas estava ocupada demais tentando se virar naqueles primeiros dias para ver que o homem que a trouxera para o topo estava aos poucos desmoronando diante de seus olhos.

O ícone de sua caixa de entrada piscou e interrompeu esses pensamentos perturbadores. Ela pegou o mouse e xingou a si mesma. O grande volume de dados que tinha enviado para a Mecânica lá embaixo algumas horas antes devia ter sido rejeitado. Talvez fosse demais para ser enviado de uma só vez. Mas então ela viu que era uma mensagem de Scottie, seu amigo na TI que mandara o pen drive.

“Venha agora”, estava escrito.

Era um pedido estranho. Vago e, ao mesmo tempo, urgente, especialmente levando em conta a hora. Juliette desligou o monitor, pegou o pen drive no computador para o caso de haver mais visitas e pensou brevemente em colocar o velho revólver de Marnes na cintura. Ela se levantou, foi até o armário trancado a chave e passou a mão pelo cinto macio, sentindo a marca onde a fivela por décadas desgastara o mesmo ponto no couro. Tornou a pensar no bilhete sucinto de Marnes e olhou para sua cadeira vazia. No fim, resolveu deixar o revólver pendurado onde estava. Fez uma reverência leve para a mesa do delegado, checou para ver se estava com suas chaves e saiu apressada pela porta.

24

Era uma descida de trinta e quatro andares até a TI. Juliette correu pelos degraus tão depressa que teve que manter a mão no corrimão para evitar trombar com as pessoas que subiam. Ela passou por um portador perto do nível seis, que ficou surpreso quando foi ultrapassado. Lá pelo décimo andar, começou a ficar tonta de tanto girar. Perguntou-se como Holston e Marnes conseguiam reagir a um problema com qualquer nível de urgência. As outras duas delegacias, uma nos níveis intermediários e a outra nas profundezas, ficavam muito bem situadas, a meio caminho de seus quarenta e oito pavimentos, uma posição muito melhor. Passou pelo vigésimo pensando que o gabinete não ficava no local ideal para atender aos limites mais distantes de sua jurisdição; ficava próximo à câmara pressurizada e à cela de custódia, perto da forma mais severa de punição do silo. Ela amaldiçoou essa decisão ao pensar no longo caminho de volta.

Mais ou menos no vigésimo, ela quase derrubou um homem que não olhava para onde ia. Ela o envolveu com um braço e segurou o corrimão, evitando que os dois sofressem um tombo feio. Ele pediu desculpas enquanto ela engolia um palavrão, e então viu que era Lukas, com o apoio que usava para desenhar no colo preso às costas e pedaços de carvão no bolso do macacão.

— Ah — disse ele. — Oi.

Ele sorriu ao vê-la, mas seus lábios assumiram uma expressão triste quando percebeu que ela estava correndo na direção oposta.

— Desculpe — retrucou ela. — Tenho que ir.

— Claro.

Ele saiu do caminho, e Juliette finalmente tirou a mão de sua cintura. Ela assentiu, sem certeza do que dizer, os pensamentos apenas em Scottie, e então continuou a descer a toda, movendo-se rápido demais para arriscar uma olhadela para trás.

Quando finalmente chegou ao trigésimo quarto, fez uma pausa na plataforma do andar para recuperar o fôlego e deixar que a tonteira passasse. Conferiu seu macacão — a estrela estava no peito, e o pen drive, no bolso —, abriu as portas

principais da TI e tentou entrar caminhando com naturalidade, como se pertencesse ao local.

Avaliou rapidamente a recepção. Para a direita, um aquário dava para uma sala de reuniões. A luz estava acesa, apesar de estarem no meio da noite. Dava para ver algumas cabeças pelo vidro. Havia uma reunião em andamento. Ela pensou ouvir a voz de Bernard, alta e anasalada, escapando pela porta.

À frente ficavam os portões de baixa segurança que davam para o labirinto de apartamentos, escritórios e oficinas da TI. Juliette conseguiu imaginar a planta do andar; tinha ouvido dizer que os três níveis eram bem parecidos com a Mecânica, só que sem a diversão.

— Posso ajudá-la? — perguntou um jovem de macacão prateado atrás dos portões.

Ela se aproximou.

— Xerife Nichols — disse e mostrou sua identificação. Então passou-a pelo escâner a laser do portão. A luz ficou vermelha, o portão soltou um zumbido mal-humorado e não abriu. — Estou aqui para ver Scottie, um de seus técnicos.

Ela tentou passar o cartão outra vez, com o mesmo resultado.

— A senhora tem hora marcada? — perguntou o homem.

Juliette estreitou os olhos para o homem.

— Eu sou a xerife. Desde quando preciso marcar hora?

Tentou passar o cartão de novo e, mais uma vez, o portão zumbiu para ela. O homem não se mexeu para ajudar.

— Por favor, não faça isso — pediu ele.

— Olha, garoto, estou no meio de uma investigação. E você está no meu caminho.

Ele sorriu.

— Tenho certeza de que está familiarizada com a posição única que mantemos aqui e que seus poderes são...

Juliette guardou a identificação, estendeu os braços pelas grades e agarrou as alças do macacão dele. Ela quase o fez atravessar os portões, seus braços retesados com os músculos que tinham soltado incontáveis parafusos.

— Escuta aqui, seu moleque desgraçado. Ou eu passo por esse portão, ou passo por cima dele e depois por cima de *você*. É bom que saiba que eu respondo diretamente a Bernard Holland, prefeito interino e seu maldito chefe. Estou sendo clara?

Os olhos do garoto estavam arregalados, com as pupilas dilatadas. Ele balançou o rosto para cima e para baixo.

— Então abra logo — disse ela, soltando o macacão dele com um empurrão.

O jovem pegou atabalhoadamente seu cartão de identificação e o passou pelo escâner.

Juliette passou pelas barras giratórias da roleta, por ele e então parou.

— Hum, para onde vou mesmo?

O garoto ainda estava tentando botar sua identificação no bolso com mãos trêmulas.

— P-Por ali, senhora. — Ele apontou para a direita. — É só pegar a esquerda no segundo corredor. É a última sala.

— Bom menino — disse ela.

Juliette se virou e riu consigo mesma. Parecia que o tom que usava para separar brigas de mecânicos e mandá-los de volta para casa também funcionava bem ali. E ela riu ainda mais ao pensar no argumento que usara: seu chefe também é meu chefe, então abra. Mas, do jeito que ele estava, com olhos arregalados e muito medo nas veias, ela podia ter lido para ele a receita de pão de Mama Jean no mesmo tom e ainda assim conseguiria passar pelos portões.

Ela pegou o segundo corredor e passou por um homem e uma mulher que caminhavam na direção oposta vestindo o prateado da TI. Eles se viraram para vê-la passar. No fim do corredor, ela viu escritórios dos dois lados e não sabia qual deles era o de Scottie. Olhou primeiro o que estava com a porta aberta, mas as luzes estavam apagadas. Ela se virou para o outro e bateu.

Por algum tempo, não houve resposta, mas a luz por baixo da porta diminuiu, como se alguém tivesse passado por ela.

— Quem está aí? — sussurrou uma voz familiar do outro lado da porta.

— Abre logo — disse Juliette. — Você sabe quem é.

A tranca foi baixada, ouviu-se um clique e a porta se abriu. Juliette a empurrou e entrou, e Scottie fechou a porta com pressa quando ela passou e depois trancou a fechadura.

— Viram você? — perguntou ele.

Ela o olhou, incrédula.

— Se me viram? É claro que me viram. Como você acha que eu entrei? Tem gente por todo lado.

— Mas viram você entrar *aqui*? — sussurrou ele.

— Scottie, que diabos está acontecendo? — Juliette estava começando a desconfiar que tinha corrido tanto até lá embaixo para nada. — Você me mandou um e-mail, o que já pareceu uma atitude bastante desesperada, e me disse para descer agora. Então eu vim.

— Onde conseguiu essas coisas? — perguntou ele.

Scottie pegou um rolo de papel impresso em sua mesa e o segurou com as mãos trêmulas. Juliette foi até ele, pôs a mão em seu braço e olhou para o papel.

— Fique calmo — disse ela baixinho. Tentou ler algumas linhas e reconheceu imediatamente as letras sem sentido que enviara para a Mecânica mais cedo. — Como você está com isso? Acabei de enviar para Knox, poucas horas atrás.

Scottie assentiu.

— E ele enviou para mim. Mas não devia. Posso me meter em muitos problemas por causa disso.

Juliette riu.

— Você está brincando, certo?

Ela viu que não.

— Scottie, para começar, foi você que juntou tudo isso para mim. — Ela deu um passo para trás e olhou para ele com a expressão severa. — Espere, você sabe o que essas letras significam, não sabe? Você consegue lê-las?

Ele assentiu.

— Jules, quando peguei aquilo para você, eu não sabia o que era. Era só um monte de lixo. Nem olhei. Só peguei e passei adiante...

— Por que é tão perigoso? — perguntou ela.

— Não posso nem falar sobre isso — disse Scottie. — Não aguento ir para a limpeza, Jules. Não aguento. — Ele estendeu o rolo de papel. — Aqui. Eu não devia nem ter imprimido nada, mas queria apagar o e-mail. Você precisa levar isso embora. Não posso ser pego com essa coisa.

Julie pegou o canudo de papel só para acalmá-lo.

— Scottie, sente-se. Por favor. Olhe, sei que está com medo, mas preciso que você se sente e fale comigo. É muito importante.

Ele balançou a cabeça.

— Scottie, droga, sente aqui agora mesmo.

Juliette apontou para a cadeira, e Scottie obedeceu como se estivesse entorpecido. Juliette sentou no canto da mesa dele e observou que recentemente haviam dormido na cama de armar no fundo da sala. Isso fez com que ela sentisse pena do rapaz.

— Seja lá o que for... — Sacudiu o tubo de papel. — É o que causou pelo menos as duas últimas limpezas. — Ela contou isso a ele como se fosse mais do que uma teoria que formara recentemente, como se fosse algo de que tivesse certeza. Talvez o medo nos olhos dele tivesse consolidado a ideia, ou a necessidade de ela agir de modo firme e decidido para ajudar a acalmá-lo. —

Scottie, preciso saber o que é isso. Olhe para mim.

Ele olhou.

— Está vendo esta estrela?

Deu um peteleco nela, provocando um tilintar abafado.

Ele assentiu.

— Não sou mais sua chefe de turno, cara. Sou a lei, e isso é muito importante. Agora, não sei se você sabe, mas não pode se meter em nenhuma encrenca por responder às minhas perguntas. Na verdade, você é obrigado a respondê-las.

Scott ergueu os olhos com uma ponta de esperança. Ele obviamente não sabia que ela estava inventando aquilo. Não que estivesse mentindo — ela nunca entregaria Scott para o silo —, mas tinha quase certeza de que não havia algo como imunidade, para ninguém.

— O que tenho em minhas mãos? — perguntou ela, agitando o canudo de papel.

— É um programa — murmurou ele.

— Como um circuito de tempo? Como um...

— Não, para computador. Uma linguagem de programação. É uma... — Ele olhou para outro lado. — Não quero dizer. Ah, Jules, eu só quero voltar para a Mecânica. Eu gostaria que nada disso tivesse acontecido.

Aquelas palavras foram como um balde de água fria. Scottie estava mais do que assustado: estava aterrorizado. Temia por sua *vida*. Juliette se levantou da mesa e se agachou, colocando a mão sobre a dele, repousada no joelho que se balançava de ansiedade.

— O que esse programa faz? — perguntou ela.

Ele mordeu o lábio e sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Estamos seguros aqui. Me diga o que ele faz.

— É para uma tela — disse Scott finalmente. — Mas não como a de um mostrador, um painel de comandos ou uma matriz de pontos. Há algoritmos aqui que reconheço. Qualquer um poderia...

Ele fez uma pausa.

— Sessenta e quatro bits de cor — sussurrou, olhando fixamente para o rosto de Juliette. — Sessenta e quatro bits. Por que alguém ia precisar de tanta *cor*?

— Explique em termos simples, por favor — pediu Juliette.

Scottie parecia à beira da loucura.

— Você já viu, não é? A vista lá de cima?

Ela balançou a cabeça.

— Você sabe onde trabalho.

— Bem, eu também já vi, antes de começar a fazer todas as minhas refeições aqui, trabalhando até enfim perder a cabeça. — Ele passou as mãos pelos cabelos castanho-claros emaranhados. — Este programa, Jules, o que você encontrou, podia fazer algo como aquela tela parecer *real*.

Juliette refletiu sobre aquilo, então riu.

— Mas espere, não é isso que ele faz? Scottie, há sensores lá fora. Eles só captam as imagens que veem, e então a tela tem que exibir a vista, certo? Quero dizer, você me confundiu agora. — Ela sacudiu o rolo de papel impresso com os caracteres incompreensíveis. — Será que isso faz o que eu acho que faz? Botar aquela imagem na tela?

Scottie apertou e esfregou as mãos juntas.

— Você não precisaria de tanto para *reproduzir* uma imagem. Posso escrever um código para fazer isso em poucas linhas. Não, isto... isto é sobre *produzir* imagens. É mais complexo.

Ele agarrou o braço de Juliette.

— Jules, isso aqui pode criar vistas absolutamente novas. Pode mostrar qualquer coisa que você *quiser*.

Ele inspirou fundo, e um segundo se passou, uma pausa durante a qual os corações não batiam e os olhos não piscavam.

Juliette ficou de cócoras, se equilibrando nos bicos das botas velhas. Finalmente colocou o traseiro no chão e se recostou no revestimento de metal da parede do escritório dele.

— Agora você entende... — começou a dizer Scottie, mas Juliette ergueu a mão para silenciá-lo.

Nunca passara pela cabeça dela que a vista pudesse ser fabricada. Mas por que não? E com que objetivo?

Imaginou a mulher de Holston descobrindo isso. Ela devia ser pelo menos tão inteligente quanto Scottie, afinal tinha sido ela quem criara a técnica que ele usou para recuperar aqueles dados, certo? O que ela teria feito com essa descoberta? Contar para todo mundo e provocar uma revolta? Contar ao marido, o xerife? O quê?

Juliette sabia apenas como ela mesma agiria naquela posição, se estivesse praticamente convencida de que aquilo era verdade. Por natureza era uma pessoa curiosa demais para ter dúvidas do que faria. Aquela informação iria atormentá-la, como as entranhas soltas de uma máquina selada, ou o funcionamento misterioso de um aparelho nunca aberto. Ela teria que pegar uma chave de fenda e uma chave inglesa e dar uma olhada...

— Jules...

Ela o calou com um aceno. Detalhes da pasta de Holston voltaram em uma torrente. Anotações sobre Allison, como ela enlouquecera de repente, quase do nada. Sua curiosidade deve tê-la levado até lá. A menos... A menos que Holston não soubesse. A menos que tudo tivesse sido uma encenação. A menos que Allison tivesse protegido o marido de algum horror com um falso véu de insanidade.

Mas será que Holston teria precisado de três anos para decifrar o que ela havia descoberto em uma *semana*? Ou será que ele já sabia e precisou de três anos só para reunir a coragem de ir atrás da esposa? Ou será que Juliette tinha uma vantagem que ele não tivera? Afinal, havia Scottie. E ela estava, no fim das contas, seguindo as pistas de alguém que tinha seguido outras pistas, o que tornava o caminho muito mais fácil e óbvio.

Ela ergueu os olhos para seu amigo, que olhava para ela com preocupação.

— Você precisa tirar isso daqui — disse ele, olhando para o material impresso.

Juliette assentiu. Levantou-se do chão e enfiou o rolo de papel no bolso do peito do macacão. Ele teria que ser destruído. Ela só não sabia ao certo como.

— Eu deletei minhas cópias de tudo o que passei para você — disse ele. — Não quero mais olhar para isso. E você devia fazer o mesmo.

Juliette deu um tapinha no bolso do peito, sentiu o pequeno pen drive.

— E, Jules, você pode me fazer um favor?

— O que você quiser.

— Pode ver se tem algum jeito de eu ser transferido de volta para a Mecânica, por favor? Não quero mais ficar aqui em cima.

Ela assentiu e apertou o ombro dele.

— Vou ver o que é possível fazer — prometeu, sentindo um nó no estômago por ter envolvido o pobre rapaz naquilo.

25

Na manhã seguinte, exausta, Juliette chegou tarde ao gabinete. As pernas e as costas doíam da ida noturna até a TI e por não ter dormido um segundo. Passara a noite inteira rolando na cama, pensando, imaginando se tinha descoberto algo que era melhor deixar escondido, temendo estar levantando questões que não prometiam nada além de respostas ruins. Se fosse até o refeitório e olhasse na direção que normalmente evitava, conseguiria ver os dois últimos limpadores caídos no pé de uma colina, quase como se estivessem abraçados. Será que aqueles dois amantes tinham se lançado ao vento envenenado por causa da mesma coisa que Juliette estava procurando agora? O medo que vira nos olhos de Scottie a fez desconfiar de que não estava sendo cuidadosa o bastante. Olhou para o novo delegado na mesa à sua frente, ainda mais inexperiente naquele trabalho que ela, enquanto ele transcrevia dados de uma das pastas.

— Ei, Peter?

Ele ergueu os olhos do teclado.

— Sim?

— Você estava na Justiça antes disso, não é? Trabalhou como sombra de um juiz?

Ele inclinou a cabeça levemente para o lado.

— Não. Eu era assistente de tribunal. Na verdade, fui sombra no gabinete do delegado do nível intermediário até alguns anos atrás. Eu queria o emprego, mas não aconteceu.

— Você foi criado nos intermediários ou no topo?

— Nos intermediários. — Suas mãos caíram do teclado para o colo. Ele deu um sorriso. — Meu pai era encanador nas hidropônicas. Ele morreu há alguns anos. Minha mãe trabalha no berçário.

— É mesmo? Qual o nome dela?

— Rebecca. Ela é uma das...

— Então eu conheço sua mãe. Ela era sombra quando eu era criança. Meu pai...

— Ele trabalha no berçário do nível superior, eu sei, mas não queria dizer nada...

— Por que não? Ei, se a sua preocupação é que eu tenha meus favoritos, desencana. Agora você é meu delegado, eu vou te apoiar.

— Não, não é isso. Eu só não queria que você tivesse nada contra mim. Sei que você e seu pai não...

Juliette o calou com um aceno.

— Ele ainda é meu pai. Nós só nos afastamos. Diga à sua mãe que eu mandei um oi.

— Eu digo.

Peter sorriu e se debruçou sobre seu teclado.

— Ei, tenho uma pergunta para você. Uma coisa que não consigo entender.

— Pode perguntar — disse ele, olhando para ela.

— Você sabe por que é mais barato enviar um bilhete em papel por um portador do que simplesmente enviar uma mensagem por computador?

— Ah, claro — disse, balançando a cabeça. — Para enviar uma mensagem por computador, você tem que pagar um quarto de dinheiro por toque. Se somar tudo...

Juliette riu.

— Não, eu sei quanto custa. Mas papel também não é barato. Nem o serviço do portador. Mas parece que enviar uma mensagem por computador devia ser praticamente grátis, sabe? É só informação. Não pesa nada.

Ele deu de ombros.

— Custa um quarto de dinheiro por toque desde que nasci. Não sei. Além disso, nós recebemos uma cota de cinquenta dinheiros por dia pelo emprego, além de mensagens ilimitadas de emergência. Eu não me preocuparia com isso.

— Não estou preocupada, só confusa. Quero dizer, entendo por que nem todo mundo pode ter rádios como nós, porque só uma pessoa pode transmitir de cada vez, então precisamos que o canal fique aberto para emergências, mas acho que todos deviam poder enviar e receber quantas mensagens quisessem.

Peter levantou os ombros e apoiou o queixo nos punhos.

— Bem, pense no custo dos servidores, da eletricidade. Isso gera um custo com petróleo, a manutenção dos cabos e refrigeradores e tudo mais. Especialmente se você usa muito. Compare isso com pressionar polpa de papel numa tela, deixar secar, rabiscar alguma coisa com tinta em cima e mandar uma pessoa que já vai passar pelo mesmo caminho levar para você. É claro que é mais barato!

Juliette assentiu, mas só o fez para não discutir com ele. Não tinha tanta certeza. Odiou ter que verbalizar sua dúvida, mas não conseguia evitar.

— Mas e se for por uma razão diferente? E se alguém cobra caro *de propósito*?

— Para quê? Ganhar dinheiro? — Peter estalou os dedos. — Para garantir o emprego dos portadores que entregam bilhetes!

Juliette sacudiu a cabeça.

— Não. E se a ideia for dificultar o diálogo entre as pessoas? Pelo menos torná-lo dispendioso? Sabe, nos separar, fazer com que guardemos nossos pensamentos para nós mesmos.

Peter franziu o cenho.

— Por que alguém ia querer fazer isso?

Juliette deu de ombros e voltou o olhar para a tela do computador, a mão agarrada ao rolo de papel escondido em seu colo. Lembrou a si mesma de que não vivia mais entre pessoas em quem, por princípio, podia confiar.

— Não sei — disse ela. — Esqueça isso. Foi só uma ideia boba.

Ela puxou seu teclado para perto e estava erguendo os olhos para a tela quando Peter viu primeiro o ícone de emergência.

— Uau. Outro alerta — disse ele.

Ela foi clicar no ícone que piscava quando ouviu Peter expirar com um assobio.

— Que diabos está acontecendo por aqui? — continuou ele.

Juliette abriu a mensagem na tela e a leu rapidamente, sem acreditar no que via. Com certeza aquela não era a rotina do emprego. Com certeza as pessoas não morriam com tanta frequência. Ou será que ela apenas não sabia disso antes, quando ficava com o nariz enfiado em engrenagens ou embaixo de depósitos de óleo?

Ela reconheceu o código numérico que piscou acima da mensagem sem precisar olhar para a cola que havia preparado. Estava se tornando tristemente familiar. Outro suicídio. Eles não diziam o nome da vítima, mas havia um número de escritório. E ela conhecia o andar e o endereço. Suas pernas ainda estavam doendo da viagem que fizera até lá.

— Não... — disse, segurando a borda da mesa.

— Quer que eu...

Peter pegou seu rádio.

— Não, droga, não.

Juliette sacudiu a cabeça. Ela se afastou da mesa com um empurrão, virando a

cesta de recicláveis, que derrubou todas as pastas anistiadas no chão. O rolo de papel em seu colo rolou para o meio delas.

— Eu posso... — começou Peter.

— Eu resolvo — disse ela, dispensando-o com um gesto. — Droga.

Ela sacudiu a cabeça. O gabinete girava ao seu redor, o mundo fora de foco. Cambaleou até a porta de braços abertos para se equilibrar, mas Peter se voltou repentinamente para a tela do computador, arrastou o mouse e clicou em alguma coisa.

— Er... Juliette?

Mas, mesmo zonza, ela já tinha passado pela porta e se preparava para a longa e dolorosa descida.

— Juliette!

Ela se virou e viu Peter correndo atrás dela, a mão segurando o rádio preso à cintura.

— O que foi? — perguntou ela.

— Me desculpe... É que... Não sei como fazer isso...

— Fala logo — disse ela, impaciente.

Ela só conseguia pensar no pequeno Scottie pendurado pelo pescoço. Em sua imaginação, eram fios elétricos. Era assim que aquele pesadelo transformado em realidade, seus pensamentos mórbidos, haviam criado a cena da morte em sua cabeça.

— É que acabei de receber uma mensagem particular e...

— Pode ficar se quiser, mas eu tenho que descer até lá.

Ela virou na direção da escada. Peter agarrou seu braço. Bruscamente. Com força.

— Sinto muito, senhora, mas tenho que detê-la sob custódia...

Juliette se virou rapidamente para Peter e viu como o homem parecia inseguro.

— O que você disse?

— Só estou cumprindo meu dever, xerife, eu juro.

Peter pegou suas algemas de metal. Juliette o encarou, sem acreditar, enquanto ele prendia o primeiro pulso e procurava o outro.

— Peter, o que está acontecendo? Tenho um amigo e preciso ver...

Ele sacudiu a cabeça.

— O computador diz que a senhora é suspeita. Só estou fazendo o que me mandaram.

E, com isso, prendeu o segundo pulso com um clique, e Juliette baixou os

olhos para o problema em que tinha se envolvido, sem entender nem conseguir tirar da cabeça a imagem de seu jovem amigo pendurado pelo pescoço.

26

Juliette tinha direito a uma visita, mas quem ela ia querer que a visse daquele jeito? Ninguém. Por isso ficava sentada encostada nas barras, a vista do exterior clareando com o nascer de um sol invisível, o chão ao seu redor sem pastas ou fantasmas. Ela estava sozinha, demitida de um emprego que não tinha certeza de já ter desejado, com uma pilha de cadáveres em seu rastro, e a vida simples, que ela entendia tão facilmente, desfeita.

— Tenho certeza de que vai passar — disse uma voz às suas costas.

Juliette se inclinou para a frente, para longe das barras de aço, olhou ao redor e viu Bernard parado de pé atrás dela, segurando as grades.

Juliette se afastou dele e sentou na cama, dando as costas para a vista cinzenta.

— Você sabe que eu não fiz isso — disse ela. — Ele era meu amigo.

Bernard franziu o cenho.

— Por que acha que está presa? O garoto se suicidou. Ele parece ter ficado muito abalado com as tragédias recentes. Não é a primeira vez que isso ocorre quando alguém se muda para uma nova seção do silo, se afasta dos amigos e da família, assume um cargo para o qual não é totalmente adequado...

— Então por que estou sendo detida? — perguntou Juliette.

De repente, ela se deu conta de que, no fim das contas, talvez não houvesse uma limpeza dupla. Do outro lado, no corredor, Peter estava andando de um lado para o outro, como se uma barreira física o impedisse de se aproximar.

— Entrada não autorizada no trigésimo quarto andar — disse Bernard. — Ameaça a um membro do silo, interferência nos assuntos da TI, remoção de propriedade da TI...

— Isso é mentira — disse Juliette. — Eu fui convocada por um de seus funcionários. Tinha todo o direito de estar ali!

— Vamos verificar isso — disse Bernard. — Bem, o Peter vai. Infelizmente ele teve que remover seu computador como prova. Minha equipe lá embaixo está mais qualificada para checar se...

— *Sua* equipe? Você está tentando ser prefeito ou chefe da TI? Porque eu fui

conferir e o Pacto determina claramente que não é permitido acumular as duas...

— Isso vai ser posto em votação em breve. O Pacto já mudou antes. É feito para mudar quando necessário.

— Então você quer me tirar do caminho. — Juliette se aproximou das barras para poder ver Peter Billings, e para que ele a visse. — Suponho que esse emprego já estava prometido a você desde o começo, não é verdade?

Peter recuou e sumiu de vista.

— Juliette. Jules. — Bernard sacudiu a cabeça e estalou a língua para ela. — Não quero tirar você do caminho. Não desejaria isso para nenhum membro do silo. Quero que as pessoas fiquem em seus *lugares*. Onde devem estar. Scottie não era adequado para a TI, eu agora sei disso. E eu não acho que você foi feita para o topo.

— Então o quê vão fazer? Me exilar de volta na Mecânica? É isso o que vai acontecer? Por causa de umas porcarias de acusações?

— Exilar é uma palavra muito pesada. Tenho certeza de que você não quis dizer isso. E você não quer seu antigo emprego de volta? Você não era mais feliz lá? Tem muita coisa a se aprender aqui em cima para a qual você nunca foi treinada. E as pessoas que acharam que você era a mais apropriada para este cargo, que eu tenho certeza esperavam ajudá-la a se adaptar...

Ele se deteve, e de algum modo foi pior ele ter interrompido a frase no meio daquele jeito, forçando Jules a completá-la com uma imagem, em vez de apenas escutá-la. Ela visualizou dois montes de terra recém-revirados nas plantações, com algumas cascas fúnebres jogadas em cima.

— Vou deixar você arrumar suas coisas, o que não for utilizado como evidência, e então liberá-la para voltar lá para baixo. Se você registrar sua passagem por meus policiais durante a descida, vamos retirar as queixas. Considere essa uma extensão do meu pequeno... feriado do *perdão*.

Bernard sorriu e ajeitou os óculos.

Juliette rangeu os dentes. De repente lhe ocorreu que nunca, em toda a sua vida, tinha dado um soco na cara de alguém.

E foi só o seu temor de errar, de não fazê-lo corretamente e quebrar os dedos em uma das barras de ferro, que a impediu de mudar isso.

* * *

Havia se passado menos de uma semana após sua chegada ao topo, e Juliette estava indo embora com menos pertences do que levara. Providenciaram para ela

um macacão azul da Mecânica que era grande demais. Peter nem se despediu — Juliette achou que fosse mais por vergonha do que por raiva ou culpa. Ele a acompanhou pelo refeitório até o topo da escadaria, e, quando ela se virou para apertar sua mão, viu que ele olhava fixamente para os pés, os polegares enfiados nas alças do macacão e a estrela de xerife dela torta no lado esquerdo do peito.

Juliette iniciou a longa descida por toda a extensão do silo. Exigiria menos dela fisicamente do que a subida, mas seria mais desgastante em outros aspectos. O que exatamente tinha acontecido no silo, e por quê? Ela sentia que estava envolvida naquilo, que também era responsável pelo que tinha se passado. Nada teria acontecido se eles a tivessem deixado na Mecânica; se, para começar, nunca a tivessem procurado. Ela ainda estaria reclamando do alinhamento do gerador, sem dormir à noite enquanto aguardava a pane inevitável e o mergulho no caos, enquanto eles aprenderiam a viver com o gerador reserva durante as décadas necessárias para reconstruir a máquina. Em vez disso, ela havia testemunhado um tipo diferente de apagão, não de energia, mas de gente. Ela se sentia pior por Scottie, um garoto tão promissor, com tanto talento, morrendo tão jovem.

Juliette tinha sido xerife por pouco tempo, a estrela em seu peito por um piscar de olhos, e mesmo assim ela sentia uma necessidade incrível de investigar a morte de Scottie. Havia algo que não estava certo sobre o suicídio do garoto. Ele havia mostrado alguns sinais, é verdade. Tinha medo de deixar seu escritório... mas isso não queria dizer nada. Ele tinha sido sombra de Walker e talvez tivesse pegado do velho o hábito da reclusão. Scottie também estava escondendo segredos grandes demais para sua jovem mente, com medo o bastante para enviar um e-mail pedindo que ela fosse até lá rapidamente, mas Juliette o conhecia como a própria sombra, e sabia que ele não era do tipo que tiraria a própria vida. Ela de repente se perguntou se seria esse o caso de Marnes, também. Se Jahns estivesse ali a seu lado, será que a velha prefeita estaria gritando para que Jules investigasse as duas mortes? Dizendo que nada daquilo se encaixava?

— Não posso — sussurrou Juliette para o fantasma, fazendo com que um portador que subia virasse a cabeça ao passar.

Ela guardou os pensamentos para si. Quando passou pelo berçário do pai, fez uma parada na plataforma do andar e ficou ali por mais tempo e pensando mais seriamente em visitá-lo do que fizera quando subiu. Na primeira vez, fora impedida pelo orgulho, e agora a vergonha a fazia continuar a descida em espiral, afastando-se, repreendendo a si mesma por pensar nos fantasmas do passado, que há tanto tempo tinham sido banidos da memória.

No trigésimo quarto andar, a entrada da TI, Juliette mais uma vez pensou em parar. Devia haver pistas no escritório de Scottie, talvez até mesmo alguma coisa que eles não tivessem conseguido limpar. Ela sacudiu a cabeça. As conspirações já estavam se formando em sua mente. E, por mais difícil que fosse deixar para trás a cena do crime, ela sabia que não a deixariam chegar nem perto do escritório dele.

Continuou a descer as escadas e pensou, ao refletir sobre a localização da TI no silo, que aquilo também não devia ser acidental. Havia mais trinta e dois andares para descer até se apresentar ao primeiro delegado, que ficava localizado a meio caminho dos intermediários. O gabinete do xerife estava trinta e três andares acima. A TI, então, estava o mais distante possível de qualquer delegacia no silo.

Ela sacudiu a cabeça para espantar aquele pensamento paranoico. Não era assim que se faziam diagnósticos. Seu pai teria lhe dito isso.

Depois de se encontrar com o primeiro delegado por volta do meio-dia, e de aceitar um pedaço de pão e uma fruta, após ouvir um lembrete para comer, ela não se apressou enquanto atravessava os intermediários, se perguntando enquanto passava pelos apartamentos superiores em qual deles viveria Lukas, ou se ele sequer sabia que ela estava presa.

O peso da semana anterior parecia sugá-la escada abaixo, como se a gravidade puxasse suas botas. As pressões de ser xerife se dissipavam à medida que ia deixando aquele gabinete para trás. Eram aos poucos substituídas pela vontade de voltar para seus amigos, mesmo com toda a vergonha, conforme ela se aproximava cada vez mais da Mecânica.

Juliette parou para ver Hank, o delegado lá das profundezas, no nível cento e vinte. Ela o conhecia havia muito tempo. Estava começando a ficar cercada de rostos conhecidos, pessoas que acenavam para cumprimentá-la, a expressão fechada, como se soubessem de todos os detalhes do tempo em que ela passara fora. Hank tentou fazê-la ficar e descansar um pouco, mas ela só parou por tempo o bastante para parecer educada, encher o cantil e então descer os vinte andares restantes até o lugar ao qual ela realmente pertencia.

Knox pareceu feliz com sua volta. Ele a apertou em um abraço que quase a matou, levantando-a do chão e esfregando a barba em seu rosto. Ele cheirava a graxa e suor, um odor que Juliette jamais havia percebido antes nas profundezas porque nunca se afastara o suficiente.

O caminho até seu velho quarto foi pontuado por tapinhas nas costas, gente lhe desejando sorte, fazendo perguntas sobre o topo, chamando-a de xerife, e o

tipo de provocações rudes com as quais crescera e às quais se acostumara. Juliette sentiu-se mais triste por tudo aquilo do que por qualquer outra coisa. Ela partira para fazer algo e falhara, e mesmo assim seus amigos estavam felizes por tê-la de volta.

Shirly, do segundo turno, viu-a descendo pelo corredor e a acompanhou pelo resto do caminho até seu quarto. Ela atualizou Juliette sobre a situação do gerador e da produção do novo poço de petróleo, como se Juliette tivesse apenas saído de férias por um tempo. Juliette lhe agradeceu ao chegar à entrada, entrou, abriu caminho por entre todos os bilhetes dobrados enfiados por baixo da porta, puxou a alça de sua bolsa por cima da cabeça e a largou, e em seguida desmoronou na cama, exausta e aborrecida demais consigo mesma até para chorar.

Ela acordou no meio da noite. A tela do pequeno monitor mostrava a hora em números verdes: 2h14.

Juliette se sentou à beira de sua velha cama com um macacão que não era dela e refletiu sobre sua situação. Decidiu que sua vida ainda não tinha acabado. Só parecia que tinha. Amanhã, mesmo que não a esperassem, ela voltaria a trabalhar nas profundezas do silo para mantê-lo funcionando, fazendo o que sabia fazer melhor. Precisava acordar para essa realidade, deixar de lado as outras ideias e responsabilidades. Elas já pareciam muito distantes. Juliette duvidou até de que fosse ao funeral de Scottie, a menos que mandassem seu corpo lá para baixo, para ser enterrado onde era seu lugar.

Ela pegou o teclado encaixado na estante da parede e viu que tudo estava coberto por uma camada de fuligem. Nunca havia notado isso. As teclas estavam imundas com a sujeira trazida após cada turno. A tela do monitor tinha marcas de graxa. Ela resistiu à vontade de esfregá-la e espalhar a camada de óleo por todos os lados, mas resolveu que teria de limpar o lugar um pouco mais profundamente. Estava vendo o mundo com novos olhos, mais críticos.

Em vez de insistir em tentar dormir, o que não conseguiria fazer, ligou o monitor para ver as tarefas previstas no trabalho para o dia seguinte, qualquer coisa que tirasse sua mente da semana anterior. Mas, antes que pudesse abrir o gerenciador de tarefas, viu que havia mais de dez mensagens na caixa de entrada. Nunca tinha visto tantas. Normalmente as pessoas enfiavam bilhetes reciclados por baixo da porta umas das outras. Por outro lado, porém, ela estava muito longe quando as notícias de sua prisão chegaram, e depois disso ainda não tinha conseguido acessar um computador.

Ela entrou em sua conta de e-mail e abriu a mensagem mais recente. Era de

Knox. Só um ponto e vírgula e um parêntesis, um sorriso que só custava meio dinheiro.

Juliette não pôde deixar de sorrir. Ainda podia sentir o cheiro de Knox em sua pele e se deu conta de que, no que dizia respeito àquele brutamontes, todos os problemas e preocupações que eram relatados em sussurros enquanto ela descia a escada não eram nada comparados a seu retorno. Para ele, a pior coisa que tinha acontecido na última semana provavelmente fora o desafio de substituí-la no primeiro turno.

Jules passou para a mensagem seguinte, do chefe da equipe do primeiro turno lhe dando as boas-vindas, provavelmente por causa das horas extras que a equipe dele estava fazendo para ajudar a cobrir seu antigo turno.

Havia mais. Uma mensagem que tinha custado um dia de trabalho de Shirly, desejando-lhe sorte na viagem. Eram todos bilhetes que eles imaginavam que ela receberia lá no alto, que tornariam mais fácil a viagem de volta, enviados para que não odiasse a si mesma ou se sentisse humilhada ou fracassada. Juliette sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos por toda aquela consideração. Imaginou sua mesa de trabalho, a mesa de Holston, sem nada além de cabos desplugados jogados de qualquer jeito no tampo. Seu computador tinha sido levado. Não havia como ela ter recebido essas mensagens quando deviam ter sido lidas. Ela esfregou os olhos e tentou não pensar nos e-mails como dinheiro desperdiçado, mas sim como demonstrações extravagantes de suas amizades nas profundezas.

Leu cada uma das mensagens tentando se segurar, o que fez com que a última fosse ainda mais impactante. Tinha vários parágrafos. Juliette achou que fosse um documento oficial, talvez uma lista de seus crimes, uma sentença formal contra ela. Tinha visto mensagens assim vindas do gabinete do prefeito, normalmente em feriados, mensagens enviadas a todos os membros do silo. Mas então ela viu que aquela vinha de Scottie.

Julie se ajeitou na cadeira e tentou pensar com clareza. Começou do princípio, amaldiçoando sua visão embaçada.

J.

Menti. Não consegui apagar. E encontrei mais. Aquela fita que mandei? Sua piada era verdade. E o programa NÃO era para tela grande. A densidade de pxls não está certa. 32.768 x 8.192! Não tenho certeza de que tamanho é. 20 x 5cm? São mts pxls se for isso.

Estou descobrindo outras coisas. Não confio nos portadores, então enviei por

e-mail. Que se foda o custo. Me responda por e-mail. Preciso transf para a Mecânica. Aqui não é seguro.
S.

Juliette leu a mensagem pela segunda vez, agora chorando. Ali estava a voz verdadeira de um fantasma alertando-a sobre algo, mas era tarde demais. E não era a voz de alguém planejando a própria morte, isso com certeza. Ela checou o horário de envio da mensagem. Tinha sido enviada antes mesmo que ela tivesse voltado para seu escritório na véspera, antes da morte de Scottie.

Antes de *matarem* Scottie, ela se corrigiu. Eles deveriam tê-lo flagrado com o nariz onde não devia, ou talvez sua visita os tivesse alertado. Juliette se perguntou o que a TI conseguia ver; será que eles podiam até entrar na conta de mensagens dela? Ainda não deviam ter feito isso, ou a mensagem não estaria ali, à sua espera.

Pulou de repente da cama e agarrou um dos bilhetes dobrados perto da porta. Tirou um carvão do fundo da bolsa que usava para trabalhar e voltou a se sentar. Ela copiou toda a mensagem, mantendo as abreviações, conferindo duas vezes os números, e então apagou-a. Arrepios percorriam seus braços quando terminou, como se alguém invisível estivesse atrás dela, esperando para invadir o computador antes que conseguisse eliminar as provas. Ela se perguntou se Scottie fora cauteloso o bastante para apagar a mensagem de sua caixa de saída, e supôs que, se ele estivesse pensando claramente, teria feito isso.

Recostou-se na cama segurando a mensagem copiada, as tarefas do trabalho para o dia seguinte esquecidas por completo. Em vez disso, estudou a confusão sinistra que girava em volta dela, espiralando no coração do silo. As coisas estavam mal, de alto a baixo. Um grande conjunto de engrenagens tinha saído do lugar. Dava para ouvir o barulho da semana anterior, as batidas e o clangor, a máquina saindo com um ronco de seus suportes e deixando mortos em seu rastro.

E Juliette era a única que ouvia o barulho. Era a única que sabia do problema, mas não sabia em quem podia confiar para ajudá-la a resolvê-lo. Mas de uma coisa tinha certeza: seria necessária outra redução de energia para alinhar tudo de novo. E não haveria como chamar o que aconteceria em seguida de “feriado”.

27

Juliette apareceu às cinco da manhã na oficina eletrônica de Walker, temendo encontrá-lo dormindo, mas em vez disso sentiu o cheiro forte de solda que preenchia o corredor. Ela bateu na porta aberta e entrou. Walker ergueu os olhos de uma de suas muitas placas eletrônicas verdes, uma espiral de fumaça subindo da ponta do ferro de solda.

— Jules! — gritou ele, e tirou as lentes de aumento da cabeça grisalha e as botou, junto da ferramenta, em cima da bancada. — Soube que você tinha voltado. Ia mandar um bilhete, mas... — Ele fez um gesto mostrando as pilhas de peças com as etiquetas de ordem de serviço penduradas. — Estou superocupado — explicou.

— Esquece — disse ela, e abraçou Walker, sentindo o cheiro de resistência quente que a fazia lembrar-se dele. E de Scottie. — Já vou me sentir culpada o bastante por tomar um pouco de seu tempo com isso.

— Hã? — Ele deu um passo para trás e a estudou. Ergueu as sobrancelhas brancas e densas, e a pele enrugada se enrugou ainda mais de preocupação. — Tem alguma coisa para mim?

Olhou para ela de cima a baixo em busca de algo quebrado, um hábito desenvolvido durante uma vida inteira em que pessoas lhe traziam pequenos aparelhos que precisavam de conserto.

— Na verdade eu só queria trocar umas ideias.

Ela se sentou em um dos assentos da bancada de trabalho, e Walker fez o mesmo.

— Pode falar — disse.

Walker secou a testa com o punho do macacão, e Juliette viu como o homem tinha envelhecido. Ela se lembrava dele sem tanto branco nos cabelos, sem as rugas e as manchas na pele. Lembrava-se dele como sua sombra.

— Tem a ver com Scottie — alertou ela.

Walker virou a cabeça para o lado e assentiu. Tentou dizer algo, bateu o punho no peito algumas vezes e pigarreou.

— Uma pena — foi tudo o que conseguiu dizer, e olhou para o chão por um momento.

— Eu posso esperar — disse Juliette. — Se precisar de tempo...

— Eu o *convenci* a aceitar aquele emprego — disse Walker, sacudindo a cabeça. — Lembro que, quando a oferta veio, tive medo de que ele a recusasse. Por minha causa, sabe? Por ter medo demais de me deixar chateado quando fosse embora, por isso podia acabar ficando para sempre, então eu o encorajei a aceitar. — Olhou-a, com os olhos úmidos. — Eu só queria que ele soubesse que era livre para escolher. Não queria forçá-lo a ir.

— Você não forçou — disse Juliette. — Ninguém acha isso, e você também não deveria.

— Eu acho que ele não era feliz lá em cima. Lá não era a sua casa.

— Bem, ele era inteligente demais para cá. Não se esqueça. A gente sempre dizia isso.

— Ele adorava você — disse Walker, e esfregou os olhos. — Droga, como aquele garoto admirava você!

Juliette sentiu as próprias lágrimas voltarem a brotar. Levou a mão ao bolso e tirou a mensagem que havia transcrito no verso do bilhete. Precisava lembrar a si mesma da razão pela qual estava ali, se quisesse se manter firme.

— É que ele não parecia do tipo que tomava a saída fácil... — murmurou Walker.

— É, não parecia, não — disse ela. — Walker, preciso discutir com você algumas coisas que não podem sair dessa sala.

Ele riu. Principalmente, pareceu, para evitar chorar.

— Como se eu por acaso saísse dessa sala.

— Bem, isso não pode ser discutido com mais ninguém. Ninguém. Está bem?

Ele balançou a cabeça.

— Eu não acho que Scottie se matou.

Walker ergueu as mãos para cobrir o rosto. Ele se dobrou para a frente e estremeceu quando começou a chorar. Juliette saiu de seu banco, foi até ele e abraçou suas costas trêmulas.

— Eu sabia. — Ele soluçou com o rosto entre as mãos. — Eu sabia, eu sabia. — Olhou-a enquanto as lágrimas escorriam pela barba branca de vários dias. — Quem fez isso? Eles vão pagar, não vão? Me diga quem fez isso, Jules.

— Quem quer que tenha sido, não acho que tenha vindo de muito longe — disse ela.

— A TI? Desgraçados.

— Walker, preciso de sua ajuda para decifrar isso aqui. Scottie me enviou um e-mail pouco antes de... bem, antes de quando eu acho que ele foi morto.

— Ele mandou um e-mail pra você?

— É. A questão é que eu tinha me encontrado com ele mais cedo naquele dia. Ele me pediu que descesse para vê-lo.

— Até a TI?

Ela assentiu.

— Eu tinha descoberto alguma coisa estranha no computador do último xerife...

— Holston. — Ele baixou a cabeça. — O último limpador. É, Knox me mostrou algo que você mandou. Parecia um programa. Eu disse que a pessoa que entenderia aquilo melhor que qualquer outro seria Scottie, então passamos para ele.

— Bem, vocês tinham razão.

Walker esfregou o rosto e balançou a cabeça.

— Ele era mais inteligente do que todos nós.

— Eu sei. Ele me contou isso, que era um programa, que criava imagens muito detalhadas. Como as imagens que vemos do exterior...

Ela aguardou um instante para ver qual seria a reação dele. Era tabu simplesmente usar essa palavra na maioria dos locais. Walker permaneceu impassível. Como ela esperara, ele já era velho o bastante para ter superado seus medos infantis... e, de todo modo, provavelmente solitário e triste o bastante para não ligar mais.

— Mas a mensagem que ele enviou diz algo sobre os “pê xis”, sobre eles serem densos demais.

Ela lhe mostrou o que tinha copiado. Walker pegou suas lentes de aumento e passou o elástico em volta da testa.

— Pixels — disse ele, fungando. — Ele está falando sobre os pontinhos que formam uma imagem. Cada um é um pixel. — O homem pegou o bilhete dela e leu o restante. — Ele diz que lá não é seguro. — Walker esfregou o queixo e sacudiu a cabeça. — Desgraçados.

— Walker, que tipo de tela teria vinte por cinco centímetros? — Juliette olhou ao redor para todas as placas, painéis, mostradores e molas de fios soltos espalhados pela oficina dele. — Você tem alguma coisa assim?

— Vinte por cinco? Talvez um mostrador, como na frente de um servidor, algo assim. Seria do tamanho certo para mostrar algumas linhas de texto, temperatura interna, ciclos de tempo... — Ele sacudiu a cabeça. — Mas você nunca faria algo

assim com uma densidade de pixels como essa. Mesmo que fosse possível, não faria sentido. Seus olhos não poderiam diferenciar um pixel do outro se estivessem bem diante do nariz.

Ele esfregou a barba malfeita e estudou o bilhete mais um pouco.

— E que negócio sem sentido é esse sobre uma fita e piada? O que isso significa?

Juliette parou ao lado dele e deu uma olhada.

— Fiquei me perguntando sobre isso também. Ele deve estar falando da fita térmica que arrumou para mim um tempo atrás.

— Eu acho que me lembro de algo sobre isso.

— Bem, você se lembra dos problemas que tivemos com ela? O exaustor que envolvemos com ela quase pegou fogo. A fita era uma porcaria completa. Acho que ele enviou um bilhete perguntando se a fita tinha chegado direito, e eu meio que me lembro de responder que sim, e de agradecer, mas dizer que a fita não seria melhor em cair aos pedaços se tivesse sido *projetada* para isso.

— Essa foi sua piada?

Walker girou o banco e apoiou os cotovelos na bancada. Ele não tirava os olhos das letras copiadas a carvão, como se elas fossem o rosto de Scottie, sua pequena sombra voltando uma última vez para lhe contar algo importante.

— E ele diz que minha piada era verdade — disse Juliette. — Passei as últimas três horas pensando sobre isso, louca para conversar com alguém.

Walker olhou para ela por cima do ombro, com as sobrancelhas erguidas.

— Não sou xerife, Walk. Não nasci para ser xerife. Não devia ter ido lá para cima. Mas sei, como todo mundo sabe, que o que estou prestes a dizer pode me mandar para a limpeza...

Walker imediatamente saiu do banco e se afastou. Juliette se amaldiçoou por ter ido até lá, por abrir a boca, por não ter simplesmente batido o ponto do primeiro turno e mandado tudo para o inferno...

Ele fechou e trancou a porta da oficina. Olhou para ela e levantou um indicador, foi até o compressor de ar e soltou uma mangueira. Aí ligou a unidade para que o motor começasse a acumular pressão, que vazava pela mangueira solta em um silvo alto e constante. Ele voltou até a bancada, o barulho terrível do motor barulhento do compressor ao fundo, e se sentou. Seus olhos arregalados imploravam que ela continuasse.

— Lá em cima tem uma colina — contou Juliette, tendo que elevar um pouco a voz. — Não sei quanto tempo faz que você não vê esse morro, mas há dois corpos aninhados juntos lá, marido e esposa. Se olhar com atenção, é possível

ver umas dez formas como essas na paisagem: todos os limpadores, todos em estados diferentes de decomposição. A maioria já desapareceu, claro, virou poeira ao longo dos anos.

Walker sacudiu a cabeça diante da imagem que começava a tomar forma.

— Há quanto tempo eles estão aperfeiçoando essas roupas para que os limpadores tenham uma chance? Séculos?

Ele assentiu.

— E mesmo assim ninguém consegue se afastar mais. Mas nunca, nem uma vez, eles *deixaram* de ter tempo para limpar.

Walker ergueu os olhos e encontrou seu olhar.

— Sua piada é verdade — disse ele. — A fita térmica. É projetada para não funcionar.

Juliette apertou os lábios.

— É o que estou achando. Mas não é só a fita. Lembra aquelas juntas, de uns anos atrás? Aquelas da TI que foram enviadas para nós por acidente e que foram usadas nas bombas d'água?

— Então nós estivemos zombando da TI por serem tolos e idiotas...

— Mas *nós somos* os tolos — completou Juliette.

Foi bom demais poder dizer o que pensava para outro ser humano. Foi muito bom ouvir aquelas suas novas ideias em voz alta. E ela soube que estava certa sobre o preço do envio de e-mails: eles não queriam que as pessoas conversassem. Pensar, tudo bem; os pensamentos são enterrados junto com quem pensou. Mas nada de se reunir, nada de grupos coordenados, nada de troca de ideias.

— Acha que eles nos mantêm aqui para ficarmos perto do petróleo? — perguntou ela a Walker. — Eu não acho. Pelo menos, não acho mais. Acho que eles estão mantendo qualquer um com o mínimo de talento mecânico o mais distante possível. Há duas cadeias de suprimentos, dois grupos de peças em produção, tudo em completo sigilo. E quem os questionaria? Quem arriscaria ser mandado para a limpeza?

— Acha que eles mataram Scottie? — perguntou ele.

Juliette assentiu.

— Walk, acho que é pior que isso. — Ela se inclinou para a frente e se aproximou, o compressor ainda batendo, o silvo do ar liberado enchendo a sala. — Eu acho que eles matam *todo mundo*.

28

Juliette se apresentou às seis horas para o primeiro turno, a conversa com Walker se repetindo sem parar em sua cabeça. Houve uma salva de palmas contida e embaraçosa dos poucos técnicos presentes quando ela entrou. Em seu canto Knox apenas lhe deu uma olhadela, e voltou para seu mau humor habitual. Ele já lhe dera as boas-vindas, e não ia fazer isso de novo por nada nesse mundo.

Ela cumprimentou as pessoas que não tinha visto na noite anterior e verificou o quadro de tarefas. As palavras na lousa faziam sentido, mas ela teve dificuldade em processá-las. No fundo, ainda pensava em Scottie, coitado, confuso e se debatendo enquanto uma pessoa muito maior que ele — ou várias pessoas — o sufocava até a morte. Ela pensou em seu corpo, provavelmente cheio de provas, mas já alimentando as raízes das plantações de terra. Ela pensou em um casal caído em uma colina, sem nunca ter tido a chance de ir mais longe, de ver além do horizonte.

Ela escolheu uma tarefa da lista que exigiria pouco esforço mental, e pensou nos pobres Jahns e Marnes e em seu amor trágico — se é que tinha interpretado o comportamento de Marnes corretamente. A tentação de contar a todos ali era terrível. Olhou em volta para Megan e Ricks, para Jenkins e Mark, e pensou sobre o pequeno exército de amigos muito próximos que ela podia formar. O silo estava podre até a alma; um homem terrível havia ocupado o cargo de prefeito; uma marionete estava no lugar antes ocupado por um bom xerife, e todos os bons homens e mulheres estavam mortos.

Era uma ideia engraçada: ela reunindo um bando de mecânicos para atacar os níveis superiores e consertar as coisas. Mas e depois? Será que *aquilo* seria o levante sobre o qual haviam estudado quando crianças? Foi assim que começou? Uma mulher tola com o sangue inflamado incitando uma legião de tolos?

Ela ficou de boca calada e foi até a sala da bomba, acompanhando o fluxo dos mecânicos da manhã, pensando mais no que deveria estar fazendo lá em cima do que no que necessitava de conserto lá embaixo. Desceu uma das escadas laterais, parou na sala de ferramentas para pegar um kit e arrastou a sacola pesada até um

dos poços profundos, onde as bombas funcionavam constantemente para evitar que o silo se enchesse de água.

Caryl, uma transferida do terceiro turno, já estava trabalhando perto do fundo do poço, remendando áreas de cimento apodrecido. Ela acenou com a colher de pedreiro para Juliette, que respondeu com um leve aceno de cabeça e se forçou a abrir um sorriso.

A bomba problemática jazia imóvel, apoiada em uma parede, a bomba reserva, ao lado, trabalhando a toda e espirrando água pelas juntas ressecadas e rachadas. Juliette olhou para o fundo do poço para medir a altura da água. Um "3" pintado estava visível acima da superfície escura. Juliette fez uma conta rápida, sabendo o diâmetro do poço e que ele estava com quase três metros de água. A boa notícia era que tinham pelo menos um dia até que começassem a molhar os pés. Na pior das hipóteses, teriam que substituir a bomba por outra construída com partes sobressalentes e aturar as reclamações de Hendricks por usarem outra, em vez de consertarem a que já tinham.

Enquanto começava a desmontar a bomba com defeito, coberta de respingos de sua vizinha menor e cheia de vazamentos, Juliette avaliou sua vida sob a nova perspectiva criada pelas revelações daquela manhã. O silo era algo natural para ela. Os sacerdotes diziam que ele sempre estivera ali, criado com amor por um deus bondoso, e que tudo de que eles poderiam precisar tinha sido providenciado. Juliette não levava muita fé nessa história. Alguns anos antes, ela estava na primeira equipe que perfurou mais de três mil metros de profundidade e descobriu novas reservas de petróleo. Tinha uma noção do tamanho e da amplitude do mundo abaixo deles. Além disso, tinha visto com os próprios olhos o exterior, com suas mantas fantasmagóricas de fumaça, que eles chamavam de nuvens, correndo a alturas inacreditáveis. Tinha até visto uma estrela, que Lukas achava estar a uma distância inconcebível. Que deus faria tanta rocha abaixo e tanto ar acima e só um silozinho sem graça entre os dois?

E havia o horizonte desolado e as imagens nos livros infantis, e os dois pareciam ser pistas. Os sacerdotes, claro, diriam que o horizonte provava que os homens não deviam ultrapassar seus limites. E os livros com páginas de cores esmaecidas? Apenas produto da imaginação fantasiosa de autores, uma classe eliminada pelos problemas que costumava causar.

Mas Juliette não via aqueles livros como o produto de uma imaginação fantasiosa. Tinha passado a infância no berçário, lendo e relendo cada um deles várias vezes, sempre que não estavam emprestados, e as coisas que havia neles e as histórias vividas naqueles cenários feéricos faziam mais sentido para ela do

que aquele cilindro em ruínas onde moravam.

Ela soltou a última mangueira de água e começou a separar a bomba do motor. As raspas de metal sugeriam que o rotor estava corroído, o que significava que precisaria remover o eixo. Enquanto trabalhava no automático, executando uma tarefa tranquila que já havia realizado inúmeras vezes, pensou na miríade de animais que povoavam aqueles livros, a maioria dos quais nunca vista por olhos vivos. A única parte realmente fantasiosa, ela achava, era que todos eles falavam e agiam como humanos. Havia camundongos e galinhas em vários livros que também faziam isso, e ela sabia que essas espécies não tinham o dom da fala. Todos os outros animais deviam existir em algum lugar, ou deviam ter existido. Juliette sentia isso em seu íntimo, talvez por eles não parecerem tão fantásticos assim. Aparentemente seguiam um mesmo projeto, assim como todas as bombas do silo. Você via que um era baseado no outro. Havia ali um projeto especial, e quem quer que tivesse feito um deles tinha feito todos os outros.

O silo fazia menos sentido. Não tinha sido criado por um deus. O mais provável era que tivesse sido projetado pela TI. Essa era uma teoria nova, mas cada vez Juliette tinha mais certeza disso. Eles controlavam todas as partes importantes. A limpeza era a lei suprema e a mais profunda religião, e as duas estavam interligadas e abrigadas entre suas paredes secretas. Havia também a distância da Mecânica e a localização das delegacias policiais, tão longe — mais pistas. Sem falar nas cláusulas do Pacto, que praticamente garantiam a imunidade deles. E agora a descoberta de uma cadeia de suprimentos secundária, uma série de peças projetadas para não funcionar, uma razão por trás da falta de avanços no prolongamento do tempo de sobrevivência no exterior. A TI tinha construído aquele lugar e a TI os estava mantendo ali.

Juliette quase quebrou um parafuso de tão agitada. Virou-se para Caryl, mas a moça já tinha ido embora, o remendo que fizera tinha um tom de cinza mais escuro enquanto não secava e ficava da mesma cor do resto. Juliette olhou para cima e examinou o teto da sala da bomba, onde canos e conduítes com cabos viajavam pelas paredes e se misturavam no alto. Uma série de tubos de escapamento de vapor ficava concentrada na lateral, para evitar derreter algum cabo. Havia uma tira de fita térmica pendendo de um dos canos, formando uma espiral. Aquilo teria que ser substituído logo, pensou. A fita podia ter dez, vinte anos. Pensou na fita desviada que causara grande parte da confusão em que estava metida, e como não duraria vinte minutos naquele cano.

Foi então que Juliette descobriu o que tinha que fazer. Um projeto para tirar a venda dos olhos de todo mundo, um favor para o próximo tolo que cometesse

um deslize ou ousasse manifestar suas esperanças em voz alta. E seria muito fácil. Ela mesma não teria que construir nada; eles fariam o trabalho todo. Bastava um pouco de persuasão, e ela era muito boa nisso.

Juliette deu um sorriso. Uma lista de peças se formava em sua cabeça à medida que o rotor danificado era removido da bomba defeituosa. Tudo de que precisaria para consertar aquilo seria uma ou duas peças. Era a solução perfeita para fazer com que tudo no silo voltasse a funcionar direito.

* * *

Juliette trabalhou dois turnos completos, cansando seus músculos até a dormência, depois devolveu as ferramentas e tomou uma ducha. Pegou uma escova dura na pia para tentar deixar as unhas tão limpas como quando estivera no nível superior. Em seguida, foi para o refeitório, ansiando por um prato cheio de comida bem calórica, em vez do ensopado de coelho ralo do refeitório no nível um, mas passou pelo hall de entrada da Mecânica no caminho e viu Knox conversando com o delegado Hank. Pelo modo como se viraram e a encararam, percebeu na hora que estavam falando dela. Juliette sentiu um frio na barriga. Seu primeiro pensamento foi o pai. Depois, Peter. Quem mais eles podiam tirar dela com quem ela ainda se importasse? Não teriam como ligá-la a Lukas, o que quer que ele fosse para ela.

Juliette desviou bruscamente e foi na direção deles, no momento em que os dois homens se moveram para interceptar seu caminho. A expressão no rosto dos dois confirmava todos os seus medos. Algo terrível tinha acontecido. Juliette mal percebeu Hank pegando as algemas.

— Sinto muito, Jules — disse ele quando se aproximaram.

— O que aconteceu? — perguntou Juliette. — Meu pai?

Hank franziu a testa, confuso. Knox sacudiu a cabeça enquanto cofiava a barba. Ele estudava o delegado como se pudesse devorar o sujeito.

— Knox, o que está acontecendo?

— Jules, eu sinto muito.

Ele sacudiu a cabeça. Parecia querer dizer mais, porém algo aparentemente o impedia. Juliette sentiu Hank pegar seu braço.

— Você está presa por delitos graves contra o silo.

Ele recitou a frase como o verso de um poema triste. O aço fez um estalido em torno do pulso dela.

— Você será julgada e sentenciada de acordo com o Pacto.

Juliette olhou para Knox.

— O que é isso? — perguntou.

Estava mesmo sendo presa de novo?

— Se for considerada culpada, lhe será dada a oportunidade de uma saída honrosa.

— O que quer que eu faça? — sussurrou Knox, seus músculos se retorcendo por baixo do macacão.

Ele estalou as juntas ao ver o segundo círculo de metal se fechar em torno do outro pulso de Juliette, prendendo suas mãos. O grande chefe da Mecânica parecia estar considerando usar de violência... ou algo pior.

— Calma, Knox — disse ela.

Ela balançou a cabeça para ele. A ideia de mais gente se machucar por sua causa era demais para suportar.

— Se a humanidade bani-la deste mundo — continuou a recitar Hank, com a voz trêmula e os olhos úmidos de vergonha.

— Deixe pra lá — disse Juliette para Knox, olhando para além dele, para o local de onde mais trabalhadores estavam saindo do segundo turno e paravam para ver o espetáculo de sua filha pródiga sendo algemada.

— No exílio, que você se purifique e limpe, limpe seus pecados — concluiu Hank, observando-a com uma das mãos na corrente entre seus pulsos. Lágrimas corriam por seu rosto. — Sinto muito.

Juliette balançou a cabeça para ele. Trincou os dentes e acenou com a cabeça para Knox também.

— Está tudo bem — falou, sem parar de balançar a cabeça. — Está tudo bem, Knox, deixe pra lá.

29

A subida até o topo estava prevista para durar três dias. Mais do que o normal, mas havia protocolos a serem cumpridos. Haveria um dia de viagem até a delegacia de Hank e uma noite em sua cela; o delegado Marsh desceria na manhã seguinte do setor intermediário para escoltá-la outros cinquenta andares até sua delegacia.

Juliette se sentia entorpecida no segundo dia de subida, o olhar das pessoas que passavam escorrendo por ela como água em óleo. Era difícil se preocupar com a própria vida, ocupada demais como estava contando os mortos, alguns por sua causa.

Marsh, como Hank, tentou puxar conversa, e tudo o que Juliette podia pensar em dizer em resposta era que eles estavam do lado errado. O mal estava em ação. Em vez disso, ficou com a boca fechada.

Na delegacia dos níveis intermediários, ela foi levada a uma cela já familiar, parecida com a de Hank nas profundezas. Sem tela na parede, só uma pilha de tijolos cinzentos. Ela se jogou na cama antes mesmo que o delegado trancasse a porta, e ficou ali pelo que pareceram horas, esperando que a noite chegasse e se transformasse em amanhecer, para que o novo delegado de Peter viesse conduzi-la pelo último trecho da jornada.

O tempo todo ela olhava para o pulso, mas Hank tinha confiscado seu relógio. Ele provavelmente não saberia nem como dar corda nele, e o objeto iria acabar em um estado além de qualquer conserto, e voltaria a ser uma bugiganga, algo inútil a ser usado do lado errado só por causa da pulseira bonita.

Isso a entristeceu mais do que deveria. Juliette esfregou o pulso nu, louca para saber que horas eram, e então Marsh apareceu e disse que tinha uma visita.

Juliette sentou-se no catre e pôs os pés no chão. Quem da Mecânica subiria até os níveis intermediários?

Quando Lukas apareceu do outro lado das barras, a represa que segurava todas as suas emoções quase se rompeu. Ela sentiu o pescoço doer e a mandíbula latejar de tanto segurar o choro, sentiu o vazio em seu peito quase explodir. Ele

agarrou as barras e apoiou a cabeça nelas, as têmporas tocando o aço liso e os lábios formando um sorriso triste.

— Ei — disse ele.

Juliette mal o reconheceu. Estava acostumada a vê-lo no escuro e estava com pressa quando se esbarraram nas escadas. Ele chamava atenção, tinha um olhar mais maduro que o rosto, e o cabelo castanho-claro estava penteado para trás, brilhoso com o suor do que ela supôs ter sido uma descida apressada.

— Você não precisava ter vindo — disse Juliette, falando baixo e devagar para segurar o choro.

O que a entristecia mesmo era alguém vê-la daquele jeito, alguém que de quem gostava, ela começava a perceber. Era uma situação muito indigna.

— Estamos contra isso — disse ele. — Seus amigos estão reunindo assinaturas. Não desista.

Juliette sacudiu a cabeça.

— Não vai funcionar — retrucou ela. — Por favor, não crie muitas esperanças. — Ela caminhou até as barras e as segurou logo abaixo das mãos dele. — Você nem me conhece.

— Sei que isso tudo é uma mentira... — Ele virou o rosto, e uma lágrima desceu por sua bochecha. — Outra limpeza? — resmungou em voz baixa. — Por quê?

— É o que querem — disse Juliette. — Não há como detê-los.

As mãos de Lukas deslizaram pelas barras e envolveram as dela. Juliette não conseguiu soltá-las para esfregar o rosto. Tentou inclinar a cabeça para usar o ombro.

— Eu estava subindo para ver você naquele dia... — Lukas sacudiu a cabeça e respirou fundo. — Eu ia convidar você para sair...

— Não — disse ela. — Lukas, não faça isso.

— Falei de você para minha mãe.

— Ah, pelo amor de Deus, Lukas...

— Isso não pode acontecer — disse ele e sacudiu a cabeça. — Não pode. Você não pode ir.

Quando tornou a olhá-la, Juliette notou que havia mais medo nos olhos dele do que ela mesma estava sentindo. Ela soltou uma das mãos e retirou a dele de cima da outra. E as empurrou.

— Você precisa parar com isso. Sinto muito. Encontre alguém. Não termine como eu. Não espere...

— Eu achei que tivesse encontrado alguém — disse ele cheio de tristeza.

Juliette se virou para esconder o rosto.

— Vá embora — sussurrou.

Ela ficou parada, sentindo a presença dele do outro lado das barras, aquele garoto que sabia tanto sobre estrelas, mas nada sobre ela. E esperou, ouvindo os soluços dele enquanto ela chorava em silêncio, até que finalmente ouviu pés se arrastarem pelo chão e o levarem embora.

* * *

Aquela foi mais uma noite em uma cama fria, outra noite sem que lhe dissessem por que tinha sido presa, uma noite para contar as feridas que ela sem querer causara. No dia seguinte, fez a escalada final por uma terra de estranhos. Perseguida por sussurros sobre uma dupla limpeza, Juliette mergulhou em outro transe, um pé se movendo automaticamente depois do outro.

No fim da subida, ela foi levada para uma cela já familiar, depois de sua antiga mesa e da de Peter Billings. Reclamando de exaustão, sua escolta desabou na cadeira barulhenta do delegado Marnes.

Juliette podia sentir a carapaça que se desenvolvera durante aqueles três longos dias, uma dura camada de entorpecimento e descrença. As pessoas não estavam falando mais baixo, mas era o que parecia. Elas não se afastaram dela, apenas pareciam mais distantes.

Sentada na cama solitária, ela ouviu Peter Billings acusá-la de conspiração. Um pen drive pendia solitário dentro de um saco plástico, como um peixinho-dourado que tivesse bebido toda a água e morrido. De algum modo, havia sido retirado do incinerador. As laterais estavam enegrecidas. Um rolo de papel foi aberto, quase intacto, apenas parcialmente amassado. Havia uma lista com detalhes de suas pesquisas no computador. Ela sabia que a maior parte do que haviam encontrado era informação de Holston, não dela, mas não imaginava que bem faria dizer isso a ele. Já tinham provas suficientes para condená-la a várias limpezas.

Havia um juiz, de macacão preto, ao lado de Peter enquanto os pecados dela eram listados, como se alguém estivesse ali realmente para decidir seu destino. Juliette sabia que a decisão já havia sido tomada, e por quem.

O nome de Scottie foi mencionado, mas ela não entendeu por quê. Talvez tivessem descoberto o e-mail em sua conta. Talvez fossem culpá-la pela morte dele, só para garantir. Mortes escondidas com mortes, mantendo em segurança os segredos entre elas.

Ela se desligou da cena, e olhou por cima do ombro para um pequeno tornado que se formara na planície e girava na direção das colinas. O vento acabou se dissipando quando bateu na encosta suave, se dissolvendo como tantos limpadores, jogados na brisa cáustica e deixados para morrer.

Bernard não apareceu em nenhum momento. Por medo ou presunção, Jules jamais saberia. Ela olhou para as próprias mãos, para os leves vestígios de graxa entranhados sob as unhas, e soube que já estava morta. De algum modo, não importava. Havia uma fila de corpos antes e depois do dela. Ela era apenas o presente se arrastando, uma engrenagem na máquina, girando, os dentes de metal rangendo, até que o mecanismo se estraga, até que fragmentos de sua personalidade se soltam e estragam tudo, até que ela precisa ser retirada, jogada fora e substituída por outra.

Pam trouxe mingau de aveia e batatas fritas do refeitório, seus favoritos, e os deixou fumegando do lado de fora da cela. Portadores traziam mensagens da Mecânica o dia inteiro. Juliette ficou feliz por não receber a visita de nenhum amigo. As vozes silenciosas eram mais do que suficientes.

Os olhos de Juliette choraram sozinhos, o restante de seu corpo dormente demais para tremer ou soluçar. Ela leu os bilhetes carinhosos enquanto lágrimas pingavam em suas coxas. O de Knox era um simples pedido de desculpas. Juliette imaginava que ele teria preferido matar ou fazer qualquer outra coisa — mesmo que fosse exilado — a ter dado aquela demonstração de impotência da qual, segundo o bilhete, ele iria se arrepender pelo resto da vida. Outros mandaram mensagens espirituais, promessas de vê-la do outro lado, citações de livros que sabiam de cor. Shirly talvez fosse quem a conhecesse melhor e a atualizou sobre a situação do gerador e da nova centrífuga para a refinaria. Disse que tudo ficaria bem, principalmente por causa dela. Isso arrancou os mais leves soluços de Juliette. Ela esfregou com os dedos as letras a carvão, pegando para si alguns dos escuros pensamentos de seus amigos.

No fim, só restou o bilhete de Walker, o único que Juliette não conseguia entender. Enquanto o sol desaparecia na paisagem inóspita, o vento amainava para a noite e permitia que a poeira assentasse, ela leu e releu as palavras dele, tentando deduzir o que significavam.

Jules,
Não tema. O presente é de cair na risada. A verdade é uma piada e eles são bons no Suprimentos.
Walk

Juliette não tinha certeza de como pegara no sono, só sabia que despertou e encontrou os bilhetes, como lascas de tinta descascada em torno de sua cama, mais deles enfiados por entre as barras durante a noite. Ela virou a cabeça e observou a escuridão, percebendo que havia alguém ali. Um homem estava parado atrás das barras. Quando ela se moveu, ele recuou, e uma aliança de casamento ressoou com um barulho metálico. Jules se levantou apressada da cama e correu até as barras, ainda sonolenta, agarrando-as com mãos trêmulas, e espiou na escuridão enquanto a figura se misturava com o negro.

— Pai? — chamou, a mão esticada para fora da grade.

Mas ele não se virou. A figura alta apressou o passo e mergulhou no vazio, agora uma miragem, além de uma lembrança distante da infância.

* * *

O amanhecer seguinte foi algo a ser lembrado. Houve uma rara brecha nas nuvens baixas e escuras que permitiu que raios visíveis de fumaça dourada iluminassem as colinas. Juliette estava deitada na cela, observando a penumbra se transformar em luz, o rosto apoiado nas mãos, sentindo o cheiro do mingau de aveia frio e intocado que vinha do outro lado das barras. Ela pensou nos homens e mulheres da TI que tinham passado as últimas três noites preparando um traje especialmente para ela, com as peças fajutas trazidas do Suprimentos. O traje seria projetado para durar o suficiente para que ela terminasse a limpeza, e nada mais.

Após toda a provação de ter que subir algemada e os dias e noites de aceitação entorpecida, a ideia da verdadeira limpeza não tinha passado por sua cabeça até então, bem na manhã em que aconteceria. Juliette sentiu, com certeza absoluta, que não faria a limpeza. Sabia que todos os limpadores diziam isso e que todos experimentavam uma transformação mágica, talvez espiritual, à beira da morte, e sempre executavam a tarefa. Mas ela não tinha ninguém lá em cima para quem limpar. Ela não seria a primeira limpadora da Mecânica, mas estava determinada a ser a primeira a se recusar a limpar.

Disse isso quando Peter a tirou da detenção e a levou até a porta amarela. Um técnico da TI esperava lá dentro, fazendo os últimos ajustes em seu traje.

Juliette ouviu as instruções com distanciamento. Viu todas as fragilidades do traje e percebeu que — se não estivesse tão ocupada trabalhando dois turnos na Mecânica para evitar uma inundação, garantir a produção de petróleo e o

funcionamento dos geradores — poderia produzir algo melhor de olhos fechados. Observou as anilhas e juntas, idênticas às usadas nas bombas, mas projetadas, sabia, para se romper. Ela sabia que a camada reluzente de fita térmica aplicada em faixas superpostas para formar a superfície do traje era intencionalmente de má qualidade. Quase disse isso ao técnico enquanto ele lhe prometia que todos os materiais eram da melhor qualidade. Ele fechou o zíper do traje, vestiu as luvas, ajudou-a com as botas e explicou a numeração dos bolsos.

Juliette repetiu o mantra do bilhete de Walker: *Não tema*. *Não tema*. *Não tema.*

O presente é de cair na risada. A verdade é uma piada. E eles são bons no Suprimentos.

O técnico conferiu as luvas e os fechos de velcro por cima dos zíperes enquanto Juliette refletia sobre o bilhete de Walker. Quem seriam "eles"? Será que ela estava lembrando direito? Não tinha mais certeza. Uma tira de fita envolveu uma bota e depois a outra. Juliette riu diante de todo aquele espetáculo. Nada fazia o menor sentido. Deviam enterrá-la nas plantações, onde seu corpo pelo menos faria algum bem.

O capacete veio por último, carregado com evidente cuidado. O técnico lhe pediu que o segurasse enquanto ele ajustava o anel metálico que o prendia em torno de seu pescoço. Ela olhou o próprio reflexo no visor, seus olhos vazios e muito mais velhos do que ela lembrava, mas muito mais jovens do que o modo como ela se sentia. Por fim, ela vestiu o capacete, o ambiente escurecido através do visor escuro. O técnico lembrou-a da explosão de argônio e das chamas que viriam depois. Ela teria que sair rápido, ou sofreria uma morte muito pior lá dentro.

O técnico foi embora e a deixou pensando nisso. A porta amarela atrás dela se fechou com uma forte batida, um som metálico, a roda da tranca girando no interior como se movida por um fantasma.

Juliette se perguntou se deveria simplesmente ficar ali e sucumbir às chamas, não dar àquele despertar espiritual uma chance de convencê-la. O que diriam na Mecânica quando a história percorresse a escada em espiral do silo até lá embaixo? Alguns ficariam orgulhosos de sua obstinação, ela sabia. Outros ficariam horrorizados por uma morte assim, carbonizada em um inferno. Haveria até quem pensasse que ela não tinha sido corajosa o bastante para dar sequer um passo além da porta, que havia desperdiçado a chance de ver o exterior com os próprios olhos.

O traje se enrugou quando o argônio foi bombeado para a câmara, criando

pressão suficiente para deter temporariamente a entrada das toxinas do exterior. Juliette se viu arrastando os pés na direção da porta, quase contra a vontade. Quando o vão começou a se abrir, o envoltório de plástico da câmara grudou em todos os tubos e no banco baixo, e ela sabia que o fim tinha chegado. As portas à sua frente deslizaram até abrir. Parecia que o silo se abria ao meio como uma vagem, dando-lhe uma visão do exterior através de um halo de vapor de água.

Uma bota passou pela abertura, depois a outra. Foi então que Juliette saiu para o mundo, determinada a fazer as coisas à sua maneira, vê-lo com os próprios olhos, mesmo que através daquele portal, daquele visor de vidro de uns vinte por cinco centímetros, e ela de repente entendeu.

30

Bernard ficou no refeitório assistindo à limpeza, enquanto seus técnicos terminavam de juntar os materiais no gabinete de Peter. Era seu hábito vê-las sozinho; os técnicos raramente se juntavam a ele. Eles arrastaram seus equipamentos para fora do gabinete e seguiram direto para a escada. Bernard às vezes tinha vergonha das superstições e dos medos que estimulava até em seus próprios homens.

Primeiro o domo do capacete. Em seguida, o espectro reluzente de Juliette Nichols começou a caminhar lentamente do lado de fora. Ela subiu a rampa com dificuldade, seus movimentos rijos e incertos. Bernard conferiu o relógio na parede e pegou seu copo de suco. Recostou-se para ver se podia adivinhar a reação de mais um limpador ao que estava vendo: um mundo lindo, limpo e cheio de luz, repleto de vida pulsante, de grama se agitando ao vento, com uma acrópole reluzente e convidativa no topo das colinas.

Ele já havia assistido a uma dúzia de limpezas na vida e sempre adorava aquela primeira pirueta quando os limpadores observavam o ambiente ao redor. Tinha visto homens que haviam deixado a família para trás dançarem diante dos sensores, acenando como se chamassem seus entes queridos para saírem também, tentando comunicar por meio de mímica toda a falsa beleza exibida na tela de seus visores, tudo em vão, para um público ausente. Tinha visto pessoas enlouquecidas perseguindo pássaros voando, confundindo-os com insetos próximos de seu rosto. Um limpador chegara a descer a rampa de volta e supostamente batera à porta, como se quisesse sinalizar algo, antes de, por fim, fazer a limpeza. O que eram essas várias reações senão um lembrete cheio de orgulho de que o sistema funcionava? Independentemente da personalidade de cada um, a visão daquelas falsas esperanças levava todos a fazerem o que haviam prometido não fazer.

Talvez fosse por isso que a prefeita Jahns nunca tivera estômago para assistir. Ela não fazia ideia do que estavam vendo, sentindo e a que estavam reagindo. Ela subia com o estômago revirado no dia seguinte e assistia ao nascer do sol,

em seu luto particular, e o restante do silo permitia que ela ficasse sozinha por um tempo. Mas Bernard adorava a transformação, a ilusão que ele e seus antecessores haviam desenvolvido tão perfeitamente. Ele sorriu, tomou um gole de suco de fruta fresco e observou a tal Juliette caminhar com dificuldade lá fora. Havia uma tênue camada de poeira nos sensores, que não precisava nem ser esfregada com força, mas ele sabia, por conta de limpezas duplas ocorridas antes, que ela iria limpar de qualquer jeito. Ninguém jamais deixara de fazê-lo.

Ele tomou outro gole e virou-se para o gabinete do xerife, para ver se Peter tinha reunido coragem para ir assistir, mas a porta estava encostada. Tinha muitas esperanças em relação àquele rapaz. Primeiro xerife, talvez um dia prefeito. Bernard poderia manter o posto por um período curto, talvez uma ou duas eleições, mas sabia que seu lugar era na TI, que aquilo não era trabalho para ele. Ou melhor, que era mais difícil encontrar substitutos para suas outras obrigações.

Voltou o olhar do gabinete de Peter para a vista, e quase deixou cair seu copo de papel.

A forma prateada de Juliette já estava subindo o morro, e a sujeira nos sensores continuava igual.

Bernard se levantou de repente e derrubou a cadeira. Foi andando na direção da tela, quase como se pudesse sair correndo atrás de Juliette.

Então observou, pasmo, enquanto ela atravessava o sopé escuro, parando por um instante no alto do morro, ao lado da forma imóvel de outros dois limpadores. Bernard conferiu o relógio outra vez. A qualquer momento, agora. A qualquer momento. Ela ia cair e começar a tentar tirar o capacete. Ia rolar no solo seco, chutar o ar e levantar poeira, depois deslizar pela encosta até chegar ao lugar de seu descanso mortal.

Mas o segundo ponteiro seguiu em frente, e Juliette também. Ela deixou os dois limpadores para trás, seus membros ainda se movendo com energia, seus passos firmes conduzindo-a até o topo da colina, onde ela parou para absorver uma vista que ninguém mais conhecia antes de desaparecer por completo, algo que deveria ser impossível.

* * *

A mão de Bernard estava melada de suco enquanto ele descia correndo as escadas. Segurou o copo de papel por três níveis até alcançar seus técnicos e atirá-lo nas costas deles. O copo amassado ricocheteou e caiu girando pelo vão,

destinado a parar em algum andar lá embaixo. Bernard xingou os homens confusos e continuou a correr, perigosamente prestes a tropeçar. Doze andares abaixo, ele quase colidiu nas primeiras pessoas que subiam, esperançosas, para ver o segundo nascer do sol limpo nas últimas semanas.

Estava dolorido e sem fôlego quando finalmente chegou ao trigésimo quarto andar, os óculos escorregando na ponte suada do nariz. Entrou pelas portas duplas e berrou para que abrissem o portão. Um guarda assustado obedeceu e passou pelo escâner seu próprio cartão de identificação, e Bernard cruzou apressado a catraca. Ele atravessou o corredor a toda, virando duas vezes antes de chegar à porta mais fortificada de todo o silo.

Passou o cartão, digitou seu código de segurança e entrou depressa, as paredes grossas de puro aço ficando para trás. Fazia calor na sala dos servidores. Os gabinetes negros idênticos erguiam-se no chão ladrilhado como monumentos ao que era possível, ao talento e à engenhosidade humanos. Bernard caminhou pelo meio deles, o suor se acumulando nas sobrancelhas, a luz cintilando em seu campo de visão, o lábio superior molhado de transpiração. Passou as mãos nas laterais das máquinas, as luzes piscantes parecendo olhinhos alegres tentando aplacar sua raiva, o ruído elétrico como se sussurrasse para seu mestre, na esperança de acalmá-lo.

Os esforços para apaziguá-lo foram em vão. Tudo o que Bernard sentia era uma onda de medo. Pensou várias vezes no que podia ter dado errado. Não é que ela fosse sobreviver, era impossível sobreviver, mas sua obrigação, que perdia em importância apenas para a preservação das informações naquelas máquinas, era nunca deixar ninguém ir além do campo de visão do silo. Esta era a ordem mais importante. Ele sabia por que e tremeu, temendo as repercussões do fracasso daquela manhã.

Amaldiçoou o calor quando chegou ao servidor da parede dos fundos. Os ventiladores acima traziam ar fresco direto das profundezas para a sala dos servidores. Grandes exaustores nos fundos direcionavam o calor por outros dutos até o fundo do silo, mantendo aquecido o ambiente frio, sujo e sombrio dos níveis mais profundos. Bernard olhou para os ventiladores e se lembrou do feriado de energia, a semana de temperaturas altas que havia ameaçado seus servidores, tudo por causa de um gerador e daquela mulher que ele acabara de perder de vista. A lembrança o deixou ainda mais inflamado. Ele amaldiçoou a falha de projeto que deixara o controle daqueles ventiladores lá embaixo na Mecânica, com aqueles macacos sujos de graxa, aqueles operários incivilizados. Pensou nas máquinas feias e barulhentas lá de baixo, no fedor dos vazamentos

dos exaustores e no cheiro de óleo queimado. Só precisara ver aquele lugar uma vez, para matar um homem, mas mesmo isso tinha sido demais.

Comparar aqueles motores barulhentos com os servidores sublimes foi o bastante para fazê-lo nunca querer deixar a TI. Era ali que os chips de silício liberavam seu aroma penetrante ao se aquecerem sob a pressão avassaladora de tanta informação. Ali era possível sentir o cheiro da borracha que cobria os fios que corriam paralelos, organizados, etiquetados e codificados, transmitindo a cada segundo gigabytes de informação gloriosa. Era ali que ele supervisionava a recuperação em seus discos rígidos de tudo o que fora apagado desde o último levante. Ali um homem podia pensar, cercado por máquinas que silenciosamente faziam o mesmo.

Em algum lugar lá embaixo nos dutos de ventilação, entretanto, havia o fedor da sujeira. Bernard esfregou o suor da testa e secou a mão na parte de trás do macacão. Só de pensar naquela mulher que primeiro tinha *roubado* dele, depois sido recompensada por Jahns com o mais alto cargo de autoridade policial e agora se recusara a limpar e fora embora caminhando... Aquilo o deixava perigosamente esquentado.

Ele chegou ao último servidor da fileira e se esgueirou entre ele e a parede atrás. A chave que levava pendurada no pescoço penetrou nas entranhas lubrificadas da fechadura. Cada vez que girava a chave, ele se lembrava de que ela não podia ter ido muito longe. E que grande problema aquilo poderia causar? E ainda mais importante: o que dera errado? O tempo de duração deveria ser sempre preciso. Sempre tinha sido.

A parte traseira do servidor se soltou e revelou um interior quase vazio. Bernard guardou a chave de volta no macacão e afastou o painel de aço negro para o lado, o metal quentíssimo. Havia uma bolsa de pano presa no interior do servidor. Bernard abriu a aba, meteu a mão lá dentro e retirou um fone. Ele o ajustou nas orelhas, posicionou o microfone e desenrolou o fio.

Podia manter aquilo sob controle, pensou consigo mesmo. Era o chefe da TI. Era o prefeito. Peter Billings respondia a ele. As pessoas gostavam da rotina, e ele era capaz de manter essa ilusão. Elas sentiam medo de mudanças, e ele podia ocultá-las. Ocupando os dois cargos, quem poderia se opor? Quem seria mais qualificado? Ele ia explicar isso. Tudo ficaria bem.

Mesmo assim, Bernard estava com um medo que nunca sentira quando localizou a entrada e plugou o cabo. Imediatamente ouviu-se um bipe nos fones, com o estabelecimento imediato da conexão.

Ele ainda podia supervisionar a TI a distância, garantir que aquilo nunca

voltasse a acontecer, ser mais meticuloso em seus relatórios. Tudo estava sob controle. Dizia isso a si mesmo quando o fone deu um estalido e os bipes pararam. Sabia que alguém havia atendido, mesmo que se recusasse a dizer qualquer cumprimento. Bernard sentiu o aborrecimento pairando no silêncio.

Ele também dispensou as amabilidades. Foi direto ao assunto.

— Silo 1? Aqui é o Silo 18. — Lambeu o suor acima dos lábios e ajustou o microfone. A palma de sua mão de repente pareceu fria e úmida, e ele sentiu vontade de urinar. — Nós, bem, talvez tenhamos... bem... um probleminha por aqui...

PARTE 4 – A DESCOBERTA

31

A caminhada era longa, ainda mais para sua mente jovem. Apesar de Juliette já dar alguns passos com seus próprios pezinhos, parecia que ela e os pais tinham viajado por semanas. Para a impaciência da juventude, todas as coisas duravam uma eternidade, e qualquer tipo de espera era uma tortura.

Ela ia nos ombros do pai, segurando o queixo dele, as pernas enroladas em seu pescoço. Como ia tão alto, tinha que baixar a cabeça para evitar bater na parte de baixo dos degraus. Botas de estranhos ressoavam nas escadas acima, e uma chuva de pó de ferrugem entrava em seus olhos.

Juliette piscou e esfregou o rosto no cabelo do pai. Embora estivesse entusiasmada, era impossível ficar acordada com o sobe e desce de seus ombros. Quando ele reclamou de dor nas costas, ela percorreu alguns níveis no colo da mãe, com os dedos entrelaçados em volta do pescoço dela, a jovem cabeça pendendo solta enquanto caía no sono.

Ela gostava dos sons da viagem – o bater dos passos, a música ritmada de sua mãe e seu pai conversando sobre coisas de adultos, a voz deles indo e vindo enquanto ela tirava pequenos cochilos.

A jornada se tornou um emaranhado de lembranças nebulosas. Juliette acordou com o grunhido de porcos vindos de uma porta aberta, tinha a vaga consciência de terem passeado por uma plantação, depois despertou de vez com o cheiro de algo doce e fez uma refeição, não tinha certeza se almoço ou jantar. Ela mal se moveu naquela noite quando deslizou dos braços do pai para uma cama escura. Acordou na manhã seguinte ao lado de um primo que não conhecia em um apartamento quase idêntico ao seu. Era fim de semana — dava para saber porque havia crianças maiores brincando e fazendo barulho no corredor, em vez de se aprontarem para a escola. Depois de um café da manhã frio, ela voltou às escadas com os pais e a sensação era de que vinham viajando por toda a vida, não apenas um dia. E então os cochilos voltaram, apagando gentilmente o tempo.

Depois de mais um dia, eles chegaram ao centésimo andar das profundezas

impenetráveis do silo. Ela mesma deu os últimos passos, segurando as mãos do pai e da mãe, que falavam sobre a importância daquilo. Agora estava em um lugar chamado de “as profundezas”, contaram-lhe. O terço inferior. Eles a ajudaram a firmar suas pernas sonolentas enquanto descia os últimos degraus do nonagésimo nono lance de escadas até a plataforma do centésimo nível. O pai apontou para um número grande, pintado acima das portas abertas e movimentadas com um incrível terceiro algarismo:

100

Os dois círculos cativaram Juliette. Eram como dois olhos bem abertos espiando o mundo pela primeira vez. Ela disse ao pai que já sabia contar até aquele número.

— Eu sei que sabe — comentou ele. — É porque você é muito inteligente.

Juliette seguiu a mãe até o mercado, sempre segurando com as duas mãos a mão forte e calejada do pai. Havia gente por toda parte. Era barulhento, mas de um jeito bom. Um burburinho alegre enchia o ar à medida que as pessoas levantavam a voz para serem ouvidas, como em uma sala de aula sem a professora.

Juliette estava com medo de se perder, por isso se agarrava ao pai. Eles esperaram enquanto a mãe foi comprar o almoço. Era preciso parar no que pareciam umas dez barracas para obter tudo de que precisavam. O pai convenceu um homem a deixá-la se debruçar em uma cerca para fazer carinho em um coelho. O pelo era tão macio que quase parecia não existir. Juliette tirou a mão abruptamente, com medo, quando o bicho moveu a cabeça, mas ele apenas mastigou algo que não dava para ver e olhou para ela como se estivesse entediado.

O mercado parecia não ter fim. Continuava até sumir de vista, mesmo quando todas as pernas coloridas dos adultos permitiam que ela olhasse até o final. Nas laterais, passagens estreitas lotadas de barracas e tendas se misturavam em um labirinto de cores e sons, mas Juliette não teve permissão para entrar em nenhuma delas. Ficou com os pais até chegarem ao primeiro lance de degraus retangulares que ela já tinha visto em sua jovem vida.

— Devagar, agora — disse a mãe, enquanto ajudava a menina com os degraus.

— Eu consigo — respondeu Juliette, teimosa, mas mesmo assim segurou a mão dela.

— Dois e uma criança — disse seu pai a alguém no alto da escada.

Ela ouviu o retinir dos dinheiros jogados em uma caixa que já parecia cheia. Quando o pai passou pelo portão, ela viu que o homem junto à caixa estava usando uma roupa multicolorida e um chapéu amarfanhado engraçado, que era grande demais para ele. Tentou ver o homem melhor enquanto sua mãe a guiava através dos portões, mantendo a mão em suas costas e sussurrando que ela seguisse o pai. O cavalheiro virou a cabeça, os guizos em seu chapéu tilintaram, e ele fez uma careta engraçada para ela, mostrando a língua.

Juliette riu, mas ainda sentia um pouco de medo do homem estranho enquanto procuravam um lugar para sentar e comer. Seu pai tirou um lençol fino da mochila e o estendeu sobre um dos bancos largos. A mãe de Juliette fez com que ela tirasse os sapatos antes de pisar no lençol, e a menina segurou o ombro do pai, olhando para as fileiras de bancos e cadeiras que se estendiam até o espaço aberto lá embaixo. Seu pai lhe disse que aquele espaço vazio se chamava “palco”. Tudo lá nas profundezas tinha nomes diferentes.

— O que eles estão fazendo? — perguntou ela ao pai.

Vários homens no palco estavam vestidos com roupas tão coloridas quanto as do porteiro, e jogavam bolas no ar, um número impossível delas, sem deixar que nenhuma caísse no chão.

O pai riu.

— Estão fazendo malabarismo. Estão aqui para nos divertir até a peça começar.

Juliette não tinha certeza se queria que a peça começasse. Aquilo era tudo o que queria ver. Os malabaristas jogavam bolas e argolas uns para os outros, e Juliette podia sentir os próprios braços girando enquanto assistia. Tentou contar as argolas, mas elas não ficavam paradas no mesmo lugar por tempo suficiente.

— Coma seu almoço — lembrou a mãe, passando-lhe pedaços de um sanduíche de frutas.

Juliette estava encantada. Quando os malabaristas guardaram as bolas e os arcos e começaram a correr um atrás do outro, caindo e fazendo coisas engraçadas, ela riu tão alto quanto as outras crianças. Olhava sempre para a mãe e o pai, para ver se estavam assistindo. Puxava a manga de suas roupas, mas eles apenas balançavam a cabeça e continuavam a conversar, comer e beber. Quando outra família se sentou perto deles e um menino mais velho que ela também riu dos malabaristas, de repente Juliette sentiu como se tivesse companhia. Ela começou a gargalhar ainda mais alto. Os malabaristas eram a coisa mais maravilhosa que já havia visto. Poderia ficar olhando para eles para sempre.

Mas então as luzes diminuíram e a peça começou, e, comparada à apresentação, era chata. Começara bem, com uma luta de espadas animada, mas depois vieram um monte de palavras estranhas e um homem e uma mulher que olhavam um para o outro como faziam seus pais, usando palavras engraçadas.

Juliette dormiu. Sonhou que voava pelo silo com cem bolas e arcos coloridos flutuando ao seu redor, sempre fora do alcance, as argolas redondas como os números finais do nível do mercado, e então acordou com aplausos e assovios.

Seus pais estavam de pé e gritavam enquanto as pessoas no palco usando trajes engraçados faziam várias reverências. Juliette bocejou e olhou para o garoto no banco ao lado. Ele estava dormindo, a boca aberta e a cabeça no colo da mãe. Seus ombros tremiam enquanto ela não parava de aplaudir.

Eles recolheram o lençol, e seu pai a levou lá embaixo até o palco, onde os espadachins e o casal que falava estranho conversavam com o público e trocavam apertos de mão. Juliette queria conhecer os malabaristas. Queria aprender como fazer as argolas flutuarem no ar. Mas seus pais, em vez disso, esperaram até conseguir falar com uma das mulheres, a que tinha os cabelos trançados e enrolados em mechas compridas.

— Juliette — disse-lhe seu pai, erguendo-a até o palco. — Quero que conheça... Juliette.

Ele gesticulou na direção da mulher com o vestido esvoaçante e com os cabelos estranhos.

— Esse é mesmo seu nome? — perguntou a mulher, se abaixando e pegando a mão da menina.

Juliette tirou a mão como se a moça fosse outro coelho prestes a mordê-la, mas assentiu.

— Vocês estavam maravilhosos — disse sua mãe à mulher.

Elas trocaram um aperto de mão e se apresentaram.

— Gostou da peça? — perguntou a mulher de cabelo engraçado.

Juliette assentiu. Sentiu que devia fazer aquilo e que não havia problema em mentir.

— O pai dela e eu viemos ver este espetáculo há alguns anos, quando estávamos começando a namorar — disse sua mãe. — Resolvemos dar o nome do nosso primeiro filho de Romeo ou Juliette.

— Bem, então que bom que vocês tiveram uma menina — disse ela com um sorriso.

Os pais riram, e Juliette começou a sentir menos medo daquela mulher com o nome igual ao dela.

— Será que você poderia nos dar seu autógrafo? — O pai largou o ombro da filha e remexeu em sua mochila. — Tenho um programa aqui em algum lugar.

— Por que não uma cópia do roteiro para a jovem Juliette? — A mulher sorriu para ela. — Você está aprendendo a ler?

— Sei contar até 100 — disse a menina com orgulho.

A mulher fez uma pausa, então sorriu. Juliette observou enquanto ela se levantava e atravessava o palco, o vestido flutuando de um modo que nunca aconteceria com os macacões. A mulher voltou de trás das cortinas com um livrinho feito de folhas de papel unidas por presilhas de metal, aceitou um carvão que o pai de Juliette oferecia e anotou seu nome com letras grandes e arredondadas na capa.

A mulher botou aquele monte de papéis em suas mãozinhas.

— Um presente para você, Juliette do silo.

Sua mãe protestou.

— Não, não podemos... é papel demais...

— Ela só tem cinco anos — disse o pai.

— Eu tenho outro — garantiu-lhes a mulher. — Nós mesmos os fazemos. Eu quero lhe dar de presente.

Ela estendeu a mão e acariciou o rosto de Juliette, que dessa vez não se afastou. Estava ocupada demais vendo as folhas de papel, olhando para todas as anotações escritas à mão ao lado das palavras impressas. Uma palavra, ela percebeu, estava circulada várias vezes em meio a todas as outras. Não conseguia identificar a maioria, mas sabia ler aquela. Era seu nome, no início de várias frases.

Juliette.

Essa era ela. Ela olhou para a mulher, entendendo imediatamente por que seus pais a haviam levado até ali, por que tinham caminhado tanto e por tanto tempo.

— Obrigada — agradeceu, lembrando seus bons modos. E depois, após muita reflexão: — Desculpa por eu ter dormido.

32

Foi a manhã da pior limpeza da vida de Lukas, e pela primeira vez ele considerou ir trabalhar, ignorar o dia de folga, fingir que era um dia como qualquer outro. Ele estava sentado ao pé da cama enquanto reunia coragem para se levantar, com um de seus muitos mapas estelares no colo. Com os dedos, acariciou bem de leve, para não borrar e apagar as marcas, o esboço de uma estrela em particular.

Não era uma estrela como as outras. Aquelas eram simples pontos em uma grade meticulosa, com detalhes de data de avistamento, localização e intensidade. Não era esse tipo de estrela, não durava nem de perto tanto tempo. Era do tipo de cinco pontas, na forma de um distintivo de xerife. Lembrou-se de desenhar a forma em uma noite enquanto ela conversava com ele, o aço em seu peito brilhando suavemente com o reflexo da luz das escadas. Ele se lembrou da voz mágica dela. O modo como se comportava e se movia era enfeitiçante, e a chegada dela, quebrando sua rotina entediante, tinha sido tão inesperada quanto uma abertura nas nuvens.

Ele também se lembrou de como ela virara a cara para ele em sua cela duas noites antes, afastando-o para tentar poupar seus sentimentos.

Lukas não tinha mais lágrimas. Tinha passado a maior parte da noite anterior derramando-as por uma mulher que ele mal conhecera. E agora se perguntava o que faria com seu dia, com sua vida. Pensar nela lá fora, fazendo qualquer coisa por eles — limpando —, o deixava enojado. Ele se perguntou se era por isso que há dois dias não tinha nenhum apetite. Parte dele devia saber que não conseguiria segurar nada no estômago mesmo que se forçasse a comer.

Ele afastou o mapa de estrelas para o lado e afundou o rosto entre as mãos. Ficou assim, muitíssimo cansado, tentando se convencer a apenas se levantar e ir para o trabalho. Se fosse trabalhar, pelo menos iria se distrair. Tentou se lembrar de onde havia parado o serviço na sala de servidores durante a semana anterior. Tinha sido a torre número oito com problemas de novo? Sammi sugeriu que ele trocasse o painel de controle, mas Lukas desconfiava de que havia um problema

em algum cabo. Era isso o que estava fazendo, lembrou agora: ajustando o funcionamento das redes. Era isso o que deveria fazer então, naquele mesmo dia, qualquer coisa menos ficar sentado à toa em um feriado, sentindo-se prestes a ficar fisicamente doente por uma mulher com quem seu envolvimento ia pouco além de ter contado sobre ela à sua mãe.

Lukas se levantou e vestiu o mesmo macacão que usara no dia anterior. Ficou parado ali por um instante, olhando para seus pés descalços, se perguntando por que tinha se levantado. Aonde ele ia? Sua cabeça estava completamente vazia, e seu corpo, anestesiado. Ele se perguntou se podia ficar ali parado, sem se mexer, com o estômago se retorcendo, pelo resto da vida. Alguém acabaria por encontrá-lo, não é? Morto e rígido, parado de pé, a estátua de um cadáver.

Sacudiu a cabeça para se livrar desses pensamentos sombrios e procurou por suas botas. Ele as encontrou; foi uma vitória. Lukas tinha concretizado algo: conseguira se vestir.

Deixou seu quarto e caminhou devagar na direção das escadas, desviando das crianças que gritavam em mais um dia sem aulas, os pais tentando encurralá-las para vestir e calçar seus macacões e botas. A confusão mal passava de ruído de fundo para Lukas. Um zumbido, como o latejar em suas pernas por causa da longa descida para vê-la e a subida ainda mais longa até o refeitório. Ele saiu para a área comum do andar de apartamentos e sentiu a atração habitual na direção do refeitório. Como durante toda aquela semana, só conseguia pensar em uma coisa: sobreviver a mais um dia para poder ir lá para cima e vê-la.

Lukas de repente lembrou que ainda podia fazer isso. Ele não era afeito a alvoradas, preferia o crepúsculo e as estrelas, mas, se quisesse vê-la, tudo o que tinha que fazer era subir até o refeitório e procurá-la na paisagem. Haveria um novo corpo ali, um traje novo ainda reluzente, refletindo quaisquer raios fracos que o sol conseguisse projetar através daquelas malditas nuvens.

Ele podia visualizar nitidamente a imagem: a posição desconfortável dela, as pernas retorcidas, os braços esticados, o capacete virado para o lado, olhando na direção do silo. Mais triste ainda: ele viu a si mesmo décadas mais tarde, um homem solitário sentado diante daquela tela enorme cinzenta e desenhando não mapas de estrelas, mas paisagens. As mesmas paisagens todas as vezes, observando o que “poderia ter sido” se desfazer, desenhando aquela mesma pose imóvel enquanto derramava lágrimas que pingavam e transformavam o carvão em lama.

Ele seria como Marnes, pobre coitado. E, ao pensar no delegado, que morrera sem ninguém para enterrá-lo, lembrou-se da última coisa que Juliette lhe dissera.

Ela havia implorado para que ele encontrasse alguém, para não ser como ela, para não ficar sozinho.

Lukas agarrou a grade de aço gelado da plataforma das escadas do quinquagésimo andar e se debruçou. Olhando para baixo, via as escadarias perfurarem seu caminho pelas profundezas da terra. Podia ver o nível cinquenta e seis lá embaixo, as várias plataformas dos andares projetando-se em ângulos escondidos. Era difícil medir a distância, mas ele achou que seria mais do que suficiente. Não era preciso descer até o oitenta e dois, andar que a maioria dos que pulavam escolhia, por seu vão longo e livre até o noventa e nove.

De repente, Lukas se viu voando, despencando com braços e pernas girando. Ele achou que poderia errar a plataforma. Acertaria uma das grades de proteção, que quase o cortaria ao meio. Ou talvez, se pulasse para um pouco mais longe, ou de cabeça, o fim poderia ser rápido.

Ele se aprumou, sentindo uma pontada de medo e uma onda de adrenalina por imaginar a queda, o fim, com tamanha clareza. Olhou ao redor e conferiu o movimento da manhã para ver se alguém o estava vigiando. Já tinha visto outros adultos debruçados nas grades e sempre achou que pensamentos ruins passavam por suas cabeças. Afinal, sabia, depois de ser criado no silo, que só as crianças deixavam objetos caírem das plataformas. Quando crescia, você aprendia a segurar direito tudo o que podia. Às vezes, era outra coisa que escorregava de suas mãos, algo perdido despencando pelo coração do silo, que fazia você pensar em pular também...

A plataforma estremeceu com os passos pesados de um portador apressado; o som de pés descalços batendo no metal dos degraus veio depois e se aproximou pela espiral. Lukas se afastou da grade e tentou se concentrar no que iria fazer naquele dia. Talvez devesse apenas se arrastar de volta para a cama e dormir, passar algumas horas inconsciente.

Enquanto tentava reunir um mínimo de motivação, o portador apressado passou correndo, e Lukas captou um vislumbre do rosto do rapaz, retorcido de consternação. Mesmo enquanto sumia de vista às pressas, com passos rápidos e descuidados, a imagem de sua preocupação permaneceu registrada em detalhes na mente de Lukas.

Então ele soube. À medida que o tamborilar dos pés do rapaz ia girando cada vez mais fundo no interior da terra, ele soube que algo havia acontecido naquela manhã, alguma coisa lá em cima, alguma notícia importante sobre a limpeza.

Uma semente de esperança. Um grão de pensamento positivo enterrado bem fundo começou a crescer, algo que ele odiava reconhecer, temendo acabar

envenenado ou sufocado. Talvez a limpeza não tivesse ocorrido. Será que haviam reconsiderado o exílio dela? As pessoas da Mecânica tinham enviado um abaixo-assinado. Centenas de assinaturas corajosas, arriscando os próprios pescoços para salvar o dela. Será que o gesto louco das profundezas tinha vencido os juízes? Aquela sementinha de esperança criou raízes. Crescia como uma trepadeira dentro do peito de Lukas, enchendo-o com a necessidade urgente de subir correndo e ver por si mesmo. Ele soltou a grade, abandonou o desejo de pular por causa de seus problemas e abriu caminho pela multidão matinal. Percebeu que sussurros começavam a brotar no rastro do portador. Não fora o único a notar algo errado.

Quando se juntou às pessoas que subiam, Lukas se deu conta de que as dores nas pernas tinham desaparecido. Ele se preparou para ultrapassar a família que ia devagar quando ouviu o ruído alto de um rádio às suas costas.

Lukas se virou e viu o delegado Marsh alguns degraus abaixo, tentando pegar o rádio pendurado na cintura com uma pequena caixa de papelão agarrada junto ao peito, a testa brilhando de suor.

Lukas parou e segurou o corrimão, esperando que o delegado dos níveis intermediários o alcançasse.

— Marsh!

O delegado finalmente conseguiu abaixar o volume do rádio e ergueu os olhos. Assentiu para Lukas, e os dois se espremeram junto ao corrimão quando um trabalhador e sua sombra passaram na direção do topo.

— Quais são as novidades? — perguntou Lukas.

Ele conhecia bem o delegado e sabia que entregaria o ocorrido sem dificuldade.

Marsh esfregou a testa e passou a caixa para o outro braço.

— Esse Bernard está acabando comigo esta manhã — reclamou ele. — Já subi o *suficiente* esta semana!

— Não, e sobre a *limpeza*? — perguntou Lukas. — Um portador acabou de passar correndo como se tivesse visto um fantasma.

O delegado Marsh deu uma olhada para o alto das escadas.

— Me mandaram trazer as coisas dela para o trinta e quatro o mais rápido possível. Hank quase se matou trazendo tudo até a metade do caminho para mim. — Ele voltou a subir as escadas como se não pudesse se dar ao luxo de ficar parado. — Olha, tenho que ir andando se quiser manter meu emprego.

Lukas segurou o braço dele, e os dois começaram a provocar um engarrafamento na escada. Pessoas aborrecidas que subiam se espremiam para

passar por eles, e às vezes entre eles e alguém que estivesse descendo.

— Houve a limpeza ou não? — exigiu saber Lukas.

Marsh se encostou ao corrimão. Uma fala baixa saía de seu rádio.

— Não — murmurou ele, e Lukas sentiu como se pudesse voar. Voar direto pelo espaço entre as escadarias e o coração de concreto do silo, planar pelos andares, subir depressa cinquenta pavimentos em um pulo... — Ela saiu, mas não fez a limpeza — disse em voz baixa, mas suas palavras foram o suficiente para destruir os sonhos de Lukas. — Ela saiu andando, subiu o morro e desapareceu do outro lado...

— Espere aí, o quê?

Marsh assentiu. O nariz do delegado pingava suor.

— Desapareceu de vista completamente — sussurrou, como um rádio em volume baixo. — Agora tenho que levar as coisas lá pra cima para Bernard...

— Pode deixar que eu faço isso — disse Lukas, estendendo as mãos. — Eu vou mesmo para o trinta e quatro.

Marsh trocou a caixa de mão. O pobre delegado parecia prestes a ter um treco. Lukas começou a implorar, como fizera dois dias antes para conseguir ver Juliette na cela.

— Deixe que eu levo isso lá pra cima para você — disse ele. — Você sabe que Bernard não vai se importar. Eu e ele somos bons amigos, assim como nós sempre fomos...

O delegado Marsh secou o lábio e balançou a cabeça de leve, pensando naquela ideia.

— Olhe, eu vou ter que subir de qualquer jeito — insistiu Lukas.

Quase sem perceber, tirava lentamente a caixa de um Marsh já exausto, apesar da dificuldade do próprio Lukas em se concentrar devido às ondas de emoção que tomavam seu corpo. O movimento na escadaria tinha se tornado um ruído distante. A ideia de que Juliette ainda pudesse estar no silo tinha passado, mas a notícia de que ela não fizera a limpeza, de que tinha conseguido chegar ao outro lado das montanhas... isso o encheu de outra coisa. Tocou uma parte dele que ansiava por mapear as estrelas. Significava que ninguém ficaria assistindo enquanto ela se decompunha.

— Tome cuidado com isso — disse Marsh.

Seus olhos não desgrudavam da caixa, agora enfiada embaixo do braço de Lukas.

— Vou defendê-la com minha vida — retrucou Lukas. — Pode confiar em mim.

Marsh balançou a cabeça afirmativamente para mostrar que confiava no rapaz. Assim, Lukas subiu apressado as escadas, ultrapassando as pessoas que seguiam para comemorar a limpeza. O peso das coisas de Juliette sacolejava discretamente em uma caixa abraçada junto a seu peito.

33

Walker, o eletricista, debruçou-se em uma bancada de trabalho atulhada e ajustou sua lente de aumento. A grande lente bulbosa ficava presa à sua testa por uma faixa que talvez fosse desconfortável se ele não a tivesse usado pela maior parte de seus sessenta e dois anos. Enquanto posicionava a lente do modo correto, o pequeno chip preto na placa verde entrou em foco. Ele podia ver cada perna de metal dobrada saindo do corpo da placa, como os joelhos de uma aranha, os pezinhos aparentemente presos em poças prateadas de aço congelado.

Com a extremidade do ferro de solda mais fino que tinha, Walker tocava um ponto de prata enquanto operava o êmbolo de sucção com o pé. O metal em torno do minúsculo pé do chip derreteu e foi extraído por um tubo, liberando a primeira das dezesseis pernas.

Ele estava prestes a fazer o mesmo com a seguinte — tinha passado a noite inteira puxando as perninhas de chips queimados para se distrair — quando reconheceu os passos daquele portador novo vindo apressado pelo corredor.

Walker deixou a placa e a solda quente em cima da bancada e correu até a porta. Segurou a maçaneta e pôs a cabeça para fora quando o rapaz passou correndo.

— Portador! — gritou, e o garoto parou, meio a contragosto. — Quais são as notícias?

O rapaz sorriu, revelando os dentes brancos da juventude.

— Tenho grandes notícias — disse ele. — Mas vão lhe custar um dinheiro.

Walker resmungou aborrecido, mas meteu a mão no macacão e acenou para chamar o garoto.

— Você é filho dos Sampson, não é?

O garoto assentiu, fazendo seus cabelos dançarem ao redor do rosto jovem.

— Foi sombra de Gloria, não foi?

O garoto tornou a assentir, enquanto seus olhos seguiam a moeda prateada de um dinheiro tirada dos bolsos tilintantes de Walker.

— Sabe, Gloria sempre ficava com pena de um velho sem família e sem vida.

Ela me contava as novidades, sabe?

— Gloria morreu — disse o rapaz, estendendo a mão aberta.

— Isso é verdade — devolveu Walker com um suspiro. Ele jogou o dinheiro na palma estendida do menino, então ergueu a mão, velha e cheia de manchas, pedindo as notícias. Estava louco para saber tudo e teria pagado dez dinheiros sem problema. — Os detalhes, filho. Não deixe passar nada.

— Não houve limpeza, Sr. Walker!

O coração de Walker quase parou. O garoto começou a se virar para ir embora.

— Espere, rapaz! O que quer dizer com "não houve limpeza"? Ela foi libertada?

O portador sacudiu a cabeça. Seus cabelos eram compridos e desalinhados, e pareciam feitos para balançar para cima e para baixo conforme subia e descia as escadas.

— Não, senhor. Ela *se recusou*!

O olhar do garoto estava elétrico, seu sorriso largo por saber que possuía uma informação tão importante. Ninguém jamais tinha se recusado a fazer a limpeza em toda a sua vida. Nem na de Walker. Talvez nunca houvesse acontecido. Walker sentiu-se orgulhoso de sua Juliette.

O rapaz esperou por um instante. Parecia ansioso para ir embora.

— Mais alguma coisa? — perguntou Walker.

Sampson assentiu e olhou para os bolsos de Walker.

Walker soltou um longo suspiro de desgosto ao ver no que aquela geração tinha se transformado. Meteu a mão no bolso enquanto acenava impacientemente com a outra.

— Ela *partiu*, Sr. Walker! — disse e pegou a moeda da mão de Walker.

— Partiu? No sentido de morrer? Fale logo, garoto!

Os dentes de Sampson reluziram quando ele botou o dinheiro no bolso do macacão.

— Não, senhor. Partiu para o outro lado do morro. Sem limpeza, Sr. Walker, simplesmente saiu andando e sumiu de vista. Partiu para a cidade, e o Sr. Bernard viu tudo acontecer.

O jovem portador deu um tapinha no braço de Walker. Precisava, obviamente, bater em alguma coisa de tanto entusiasmo. Tirou os cabelos do rosto, deu um sorriso largo, se virou e retomou seu caminho, com os pés mais leves e os bolsos mais pesados depois de contar aquela história.

Walker ficou parado à porta, atônito. Segurou a maçaneta com força para não

despencar. Ficou ali, meio sem saber o que fazer, olhando para a pilha de pratos que tirara do lugar na noite anterior. Seu ferro de soldar ainda soltava fumaça. Ele deu as costas para o corredor, que logo estaria retinindo e ressoando com os sons do primeiro turno, e desplugou a solda antes que começasse outro incêndio.

Permaneceu parado por um instante, pensando em Jules, pensando naquela notícia. Ele se perguntou se ela havia recebido sua mensagem a tempo, se isso teria reduzido o tremendo medo que ele sentiria por ela.

Walker passou pelo batente. As profundezas estavam agitadas. Sentiu um forte impulso de ir até lá, ultrapassar o limite, fazer parte de algo sem precedentes. Shirly provavelmente já devia estar chegando com o café da manhã dele e para levar os pratos sujos. Walker podia esperar por ela, talvez conversar um pouco. Talvez aquele acesso de insanidade passasse. Mas a ideia de esperar, de os minutos se empilharem como ordens de serviço, de não saber até onde Juliette tinha ido nem qual era a reação dos outros por ela não ter realizado a limpeza foram o impulso de que precisava.

Walker ergueu o pé e atravessou a porta, e sua bota pisou o chão fora dos limites.

Ele respirou fundo e se jogou para a frente. De repente se sentia como um intrépido explorador. Lá estava ele, quarenta e tantos anos mais tarde, percorrendo um corredor familiar. Suas mãos iam deslizando pela parede. Uma curva se aproximava, e seus olhos não tinham a menor lembrança do que vinha depois dela.

Foi então que Walker se tornou mais uma alma antiga a penetrar no grande desconhecido, a mente zunindo com o que poderia descobrir ali.

34

As portas de aço pesadas do silo se abriram, e uma grande nuvem de argônio foi expelida com um sibilar raivoso. A nuvem pareceu se materializar do nada, o gás comprimido desabrochando em uma espuma espessa assim que encontrava o ar menos denso e mais quente do exterior.

Juliette Nichols passou uma das botas pela abertura estreita. As portas só se abriam parcialmente, a fim de evitar a entrada das toxinas mortais, apenas o bastante para expelir o argônio com uma pressão protetora, e por isso ela teve que virar de lado e se espremer para passar. O traje volumoso roçou nas portas grossas. Tudo em que conseguia pensar era no fogo crepitante que logo encheria a câmara pressurizada. As chamas pareciam lamber suas costas, forçando-a a correr.

Ela puxou a outra bota... e de repente se viu do lado de fora.

No exterior.

Não havia nada acima de sua cabeça coberta pelo capacete além de nuvens, céu e estrelas nunca vistas.

Caminhou adiante com dificuldade, emergindo da nuvem sibilante de argônio em uma rampa que subia, os cantos próximos às paredes com montes de poeira levados pelo vento. Era fácil esquecer que o topo do silo ficava abaixo do solo. A vista de seu gabinete e do refeitório criava a ilusão de estarem na superfície, no mesmo nível do ar revolto, mas isso acontecia porque era lá que ficavam os sensores.

Juliette olhou para os números em seu peito e se lembrou do que devia estar fazendo. Subiu a rampa de cabeça baixa, concentrada nos próprios passos. Não sabia nem como se movia, se era o estado de torpor ao qual as pessoas sucumbiam diante da execução, ou se era apenas um instinto de autopreservação, simplesmente para se afastar do inferno que se tornaria a câmara pressurizada, seu corpo evitando o inevitável porque não conseguia pensar ou planejar além dos próximos segundos.

Quando Juliette chegou ao alto da rampa, sua cabeça emergiu em uma

mentira, uma grande e maravilhosa falsidade. A grama verdejante cobria as montanhas como carpete recém-colocado. Os céus eram de um azul inebriante, as nuvens de um branco imaculado, como lençóis elegantes, o ar repleto de seres voadores.

Ela fez um giro onde estava para ver toda aquela mentira espetacular. Era como se tivesse sido jogada em um livro de sua infância, um livro no qual animais falavam e crianças voavam e nunca havia cinza.

Mesmo sabendo que não era real, sabendo que estava olhando para uma tela de vinte por cinco centímetros, a tentação de *acreditar* era enorme. Ela queria fazer isso. Queria esquecer o que sabia sobre o programa mentiroso da TI, esquecer tudo o que havia discutido com Walker, e em vez disso se jogar na grama macia que não estava ali, rolar na vida que não existia, tirar aquele traje ridículo e sair gritando feliz pela vasta paisagem.

Juliette olhou para suas mãos, abriu-as e fechou-as o máximo que as luvas grossas permitiam. Aquele era seu caixão. Sua mente girava enquanto ela se esforçava para lembrar o que era real e o que era uma falsa esperança projetada pela TI em seu visor. O céu não era real. A grama não era real. Sua *morte* era real. A palavra feia que ela sempre soubera ser de verdade. E então, por um instante, lembrou que deveria estar fazendo uma coisa. Deveria estar fazendo a limpeza.

Ela se virou e olhou para a torre dos sensores, e a viu pela primeira vez. Era um bloco pesado de aço e concreto com uma escada enferrujada caindo aos pedaços que subia pela lateral. As lentes volumosas dos sensores eram como verrugas brotando nos lados da torre. Juliette levou a mão ao peito, agarrou um dos trapos de limpeza e o puxou. O bilhete de Walker continuava a martelar em sua cabeça: *Não tema*.

Ela pegou o trapo grosseiro de lã e o esfregou na manga do traje. A cobertura de fita térmica não se soltou, não descascou nem se desfez, como o material que uma vez Juliette tinha roubado da TI, a fita projetada para não funcionar. Aquele era o tipo de fita térmica com a qual Juliette estava acostumada a trabalhar, projetada pela Mecânica.

Eles são bons no Suprimentos, dizia o bilhete de Walker. O “bons” se referia ao *pessoal* do Suprimentos. Depois de anos ajudando Juliette a conseguir peças sobressalentes quando ela mais precisava, eles haviam feito algo extraordinário para ela. Enquanto ela passava três dias subindo as escadas e três noites solitárias em três celas de custódia diferentes em seu caminho para o exílio, eles substituíam o material da TI pelo da Mecânica. Atenderam aos pedidos de

materiais do modo mais desonesto possível, e provavelmente por ordem de Walker. Por fim, a TI, sem querer e pela primeira vez, construiu um traje projetado para *durar*, não para se desintegrar.

Juliette sorriu. Sua morte, embora certa, seria retardada. Ela deu uma boa olhada nos sensores, relaxou os dedos e largou o trapo de lã na grama falsa. Ao se virar para a colina mais próxima, fazia o impossível para ignorar as cores falsas e as camadas de vida projetadas sobre o que havia realmente ali. Em vez de ceder à euforia, ela se concentrou no modo como suas botas esmagavam a terra seca. Sentia o vento raivoso que golpeava seu traje, ouviu o silvo baixo dos grãos de areia que bombardeavam seu capacete e vinham de todos os lados. Havia um mundo assustador ao redor, do qual só poderia estar consciente caso se concentrasse, um mundo que conhecia mas não podia mais ver.

Começou a subir a encosta íngreme e seguiu vagamente na direção da metrópole que reluzia ao longe. Ela sabia que não tinha chance de chegar até lá; só queria morrer do outro lado do morro, onde ninguém teria que vê-la apodrecer e se desintegrar, para que Lukas, o caçador de estrelas, não ficasse com medo de subir no crepúsculo temendo ver sua forma imóvel.

E de repente sentiu-se bem simplesmente por estar caminhando, por ter um objetivo. Ela iria sumir de vista. Era um objetivo mais concreto do que aquela cidade falsa, que ela sabia estar em ruínas.

A meio caminho do topo do morro, ela deparou com duas pedras grandes. Juliette começou a se desviar delas até se dar conta de onde estava, até perceber que seguira o caminho menos íngreme até a depressão no encontro das duas encostas, onde estava a pior de todas as mentiras.

Holston e Allison. Escondidos dela pelo visor mágico. Camuflados por uma miragem de rocha.

Não havia palavras. Nada a ser visto, nada a dizer. Olhou morro abaixo e identificou outras pedras repousando na grama, em uma posição nada aleatória, onde haviam caído os antigos limpadores.

Ela se virou e deu as costas para essas visões tristes. Era impossível saber quanto tempo ainda tinha, quanto tempo para conseguir ocultar seu corpo daqueles que poderiam ter alguma satisfação maligna em vê-lo... e dos poucos que poderiam pranteá-la.

Seguindo na direção do alto da montanha, as pernas ainda doloridas pela subida do silo, Juliette viu as primeiras fendas naquele véu mentiroso da TI. Novas partes do céu e da cidade surgiram, partes que estavam ocultas pelo morro quando vistas lá de baixo. Parecia haver uma falha no programa, um limite para

suas mentiras. Enquanto os níveis superiores dos monólitos distantes pareciam inteiros e reluziam à falsa luz do sol, por baixo daquele visor de vidro convexo e aço brilhante havia a desolação sombria de um mundo abandonado. Ela podia ver através dos níveis inferiores de vários dos prédios, e, com os pisos superiores pesados acima, eles pareciam prestes a desabar a qualquer momento.

Olhando para o lado, prédios novos e desconhecidos não tinham qualquer suporte ou fundação. Pairavam no ar, com o céu escuro sob eles. A mesma paisagem escura de nuvens cinzentas e montanhas sem vida se espalhava até o horizonte baixo, uma linha azul bem definida onde o programa do visor terminava.

Juliette ficou intrigada pelo fato de a ilusão da TI ser incompleta. Será que era porque eles também não tinham ideia do que havia além das colinas, e por isso não sabiam o que precisavam modificar? Ou eles achavam que não valia o esforço, sabendo que ninguém jamais chegaria tão longe? Qualquer que fosse a razão, a natureza inusitada e ilógica da vista a deixou tonta. Ela, então, se concentrou nos próprios pés, subindo os últimos dez passos pelo morro pintado de verde até chegar ao cume.

No alto, parou e foi atingida por pesadas rajadas de vento que a fizeram se curvar. Examinou o horizonte e viu que estava na fronteira entre dois mundos. No sopé da encosta à sua frente, em uma paisagem que seus olhos nunca tinham visto antes, havia um mundo desolado de poeira e terra ressecada, de lufadas de vento e pequenos rodamoinhos, de ar mortífero. Isso era novidade, e ainda assim lhe parecia mais familiar do que qualquer coisa que tivesse visto até então.

Ela se virou e olhou para o caminho que acabara de subir, para o capim alto ondulando sob uma brisa suave, as flores dispersas curvadas sob o sol, o brilho branco e azul no céu. Era um engodo maligno — convidativo, mas falso.

Juliette lançou um último olhar admirado para essa ilusão. Percebeu como a depressão arredondada no centro das montanhas parecia marcar a silhueta do teto do silo, o restante de seu lar habitável abrigado nas profundas entranhas do solo. O modo como a terra se erguia por toda a volta dava a impressão de que algum deus faminto tinha devorado uma grande colherada da terra. Com o coração triste, Juliette sentiu que o mundo em que tinha crescido agora estava fechado para ela, que seu lar e sua gente estavam em segurança atrás de portas reforçadas e lacradas, e ela devia se resignar ao seu destino. Tinha sido exilada. Tinha pouco tempo. Então deu as costas para a vista maravilhosa e as cores vivas a fim de encarar a poeira, a morte e a verdade.

* * *

Enquanto descia o morro, Juliette inspirava com cuidado o ar no interior do traje. Sabia que Walker lhe dera o presente do tempo, tempo que nenhum limpador antes dela tivera, mas quanto? Já tinha alcançado seu objetivo, conseguira sair do campo de visão dos sensores, então por que ainda estava andando, ainda descendo com passos difíceis aquele morro desconhecido? Seria a inércia? A força da gravidade? A visão do desconhecido?

Estava quase chegando ao sopé da montanha, caminhando mais ou menos na direção da cidade em ruínas, quando parou para examinar a paisagem desconhecida ao redor. A elevação lhe permitia escolher um rumo para sua caminhada final, seu desfile triunfal pelas dunas altas de terra seca. Foi então que viu, ao olhar na direção da cidade enferrujada ao longe, que a depressão onde se localizava seu silo não era acidental. As colinas se enfileiravam a distância em um padrão óbvio. Havia uma depressão circular após a outra, com colinas se erguendo entre elas como se quisessem proteger do vento causticante cada área escavada.

Juliette desceu a depressão seguinte pensando nisso e olhando bem por onde andava. Chutou para o lado as pedras maiores e controlou sua respiração. Sabia, pela experiência de trabalhar nas profundezas e nos poços cheios de água, nadando sob uma imundície que dava medo até nos homens mais rudes para desentupir tubulações, que com calma o ar podia ser conservado. Ela ergueu os olhos se perguntando se a quantidade de oxigênio em seu traje ainda seria suficiente para atravessar aquele vale e chegar à outra grande colina.

Foi então que viu a torre esguia se erguendo do centro do vale, com o metal exposto reluzindo à luz esparsa do sol. A paisagem ali estava intocada pelo programa em seu visor. A realidade era mostrada pelo capacete sem qualquer verniz. E, ao ver aquilo, a torre de sensores familiar, ela se perguntou se talvez tivesse andado em círculos, se tinha examinado demais aquele mundo do topo do morro, se não estaria se arrastando de volta a seu silo, fazendo um caminho já percorrido.

A imagem de um limpador morto se desfazendo na terra parecia confirmar isso. Era uma silhueta discreta, as fitas de um traje antigo, a casca de um capacete.

Ela parou e tocou o topo do capacete com a bota, e a casca desmoronou e se desfez. Qualquer carne ou osso que um dia houvesse ocupado aquele espaço tinha sido levada pelos ventos fazia muito tempo.

Juliette olhou morro abaixo em busca do casal adormecido, mas não viu em lugar nenhum a depressão entre as duas colinas. De repente, se sentiu desnorteada e perdida. Imaginou se o ar tinha finalmente conseguido atravessar os lacres e fitas térmicas, se seu cérebro estava sucumbindo aos eflúvios nocivos, mas não. Ela estava mais perto da cidade, ainda caminhando na direção dos edifícios cujos topos ainda pareciam inteiros e reluzentes, o céu acima deles azul e pontilhado de nuvens brancas.

Ou seja, aquela torre lá embaixo... não era a dela. E aqueles grandes montes de terra morta não serviam para protegê-los dos ventos ou deter o ar. Tinham sido feitos para evitar olhares curiosos. Para bloquear aquela visão, aquela imagem, de *outro*.

35

Lukas segurou firmemente a caixinha perto do peito enquanto subia até a plataforma do trigésimo oitavo andar. Era um nível de uso misto, com escritórios, lojas, uma fábrica de materiais plásticos e uma das pequenas estações de tratamento de água. Empurrou as portas e seguiu apressado pelos corredores, silenciosos por causa do dia de limpeza, até chegar à principal sala de controle das bombas. Sua chave mestra da TI permitiu que ele entrasse. A sala abrigava um grande gabinete de computador, que ele já conhecia de seu turno de manutenção às terças-feiras. Lukas deixou a luz da sala apagada, de modo que o aquário da porta não o denunciasse caso alguém passasse. Ele se enfiou atrás do gabinete do servidor, junto à parede, agachou-se até o piso e pegou uma lanterna no bolso do macacão.

Sob a suave luz e vermelha da lanterna naquela escuridão, Lukas abriu com cuidado as abas da caixa e revelou seu conteúdo.

A culpa foi imediata, e permeava a antecipação, a emoção da descoberta, da intimidade. Não era culpa por desafiar seu chefe ou mentir para o delegado Marsh, nem por atrasar o envio dos objetos, que lhe disseram ser importante. Era a violação das coisas dela. A lembrança de seu destino. Ali estavam os restos de Juliette. Não seu corpo, perdido no exterior, mas os restos da vida que ela vivera.

Ele respirou fundo, considerou fechar a caixa e esquecer seu conteúdo, mas então pensou no que, de qualquer modo, seria feito daquilo. Seus amigos na TI provavelmente o examinariam. Iriam rasgar a caixa e trocar coisas como se fossem crianças remanejando e dividindo doces. Iriam profaná-la.

Ele abriu mais as abas de papelão e decidiu honrá-la, em vez disso.

Ajustou a lanterna e viu uma pilha de vales no alto, presos por um pedaço de arame. Ele os pegou e examinou. Eram vales-férias. Dezenas deles. Levou-os ao nariz e sentiu o cheiro pungente de graxa que emanava da caixa.

Alguns cartões de refeição vencidos estavam por baixo desses vales, e dava para ver o canto de um cartão de identificação. Lukas pegou o distintivo prateado do emprego dela como xerife. Procurou outra identificação em meio

aos muitos cartões espalhados, mas parecia que aquele não tinha sido substituído por nenhum outro de qualquer que fosse a cor usada pela Mecânica. Não se passara tanto tempo entre a demissão por uma transgressão e a condenação à morte por outra. Lukas parou um instante para estudar a foto no crachá. Parecia recente, como ele se lembrava dela. Juliette estava de cabelos presos, bem esticados na cabeça. Dava para ver alguns cachos soltos dos dois lados do pescoço dela e se lembrou da primeira vez que a observara trabalhar. Como ela própria trançara os cabelos compridos enquanto estava sentada sozinha em uma pequena área iluminada, estudando páginas e páginas daquelas suas pastas.

Passou o dedo pela foto e riu quando viu a expressão dela. A testa estava enrugada, os olhos apertados, como se estivesse tentando determinar o que o fotógrafo estava fazendo e por que diabos estava demorando tanto. Ele cobriu a boca para evitar que o riso se transformasse em choro.

Os vales voltaram para a caixa, mas o crachá foi guardado no bolso do macacão, como se Juliette teimosamente tivesse decidido isso. O que chamou sua atenção em seguida foi um canivete prateado, de aspecto novo, um modelo um pouquinho diferente do dele. Lukas pegou a ferramenta e inclinou-se para a frente, para pegar a dele no bolso de trás. Comparou as duas, abrindo alguns dos acessórios da dela e admirando-se com os movimentos suaves e os estalidos limpos quando cada encaixe entrava no lugar. Após perder um instante limpando seu próprio canivete, esfregando as impressões digitais e removendo um pouco de borracha queimada de fios derretidos, ele o trocou pelo dela. Resolveu que iria ficar com aquela lembrança, deixar que sua própria ferramenta desaparecesse no almoxarifado ou fosse repassada a um estranho que não saberia seu valor...

Lukas congelou ao ouvir o barulho de passos e risos. Prendeu a respiração e esperou pela entrada de alguém, ou que as luzes da sala se acendessem. O servidor estalava e zumbia ao seu lado. O barulho no corredor diminuiu, e os risos desapareceram a distância.

Ele estava abusando da sorte, sabia disso, mas havia mais na caixa para ser visto. Remexeu outra vez em seu interior e encontrou uma caixinha de madeira ornamentada, uma antiguidade valiosa. Era pouco maior que a palma de sua mão, e demorou um pouco para ele descobrir como abri-la. A primeira coisa que viu quando a tampa deslizou foi um anel, o anel de casamento de uma mulher. Talvez fosse de ouro maciço, mas era difícil saber. A luz vermelha de sua lanterna esmaecia as cores e fazia com que tudo parecesse sem brilho e sem vida.

Ele procurou alguma inscrição, mas não encontrou. O anel era um artefato

curioso. Lukas tinha certeza de que Juliette não o estava usando quando a conheceu, e se perguntou se seria de um parente, ou algo que estava na família desde antes do levante. Ele o colocou de volta na caixa de madeira e pegou o outro objeto que havia ali, uma espécie de bracelete. Não, não um bracelete. Quando o tirou da caixa, viu que era um relógio, o mostrador tão pequeno que não ultrapassava a largura da pulseira. Lukas estudou o mostrador e após um instante achou que seus olhos ou a luz vermelha da lanterna deviam estar pregando uma peça nele. Ou não? Olhou mais de perto para ter certeza, e viu que um dos ponteiros impossivelmente pequenos estava se movendo, marcando o tempo. O relógio funcionava.

Antes que pudesse sequer pensar na ideia de esconder um objeto daqueles ou nas consequências de ser descoberto com aquilo, Lukas botou o relógio no bolso do peito. Olhou para o anel solitário dentro da caixa e, após hesitar por um instante, pegou-o também e o guardou. Tateou o fundo da caixa de papelão e juntou alguns dinheiros, que botou no interior da caixinha antiga antes de fechá-la e guardá-la.

O que ele estava fazendo? Podia sentir uma gota de suor brotar em sua testa e escorrer até o queixo. O calor atrás do computador em funcionamento parecia mais forte. Ele inclinou a cabeça e ergueu o ombro para tentar aliviar a coceira provocada pelo suor que escorria. Havia mais coisas na caixa, e ele não podia evitar, tinha que continuar olhando.

Achou um bloquinho e o folheou. Tinha várias listas de coisas a fazer, todos os itens riscados com capricho. Botou o bloco de volta no lugar e pegou no fundo um pedaço de papel dobrado, mas então se deu conta de que era mais de uma folha. Ele pegou a pilha de folhas presas por fechos de metal. Na capa, em uma letra parecida com a do bloquinho, estava escrito: *Manual de operações da sala de controle do gerador principal*.

Abriu e folheou aquilo, encontrando diagramas incompreensíveis e anotações circuladas ao longo das margens. Parecia algo que ela mesma tinha feito, como um diário da operação da sala de controle ou talvez um guia, útil para os outros. O papel tinha sido reciclado, mas não transformado em polpa. Ela simplesmente escrevera no verso. Ele virou o manual e conferiu as linhas de texto impressas do outro lado. Havia notas nas margens e um nome circulado várias vezes:

Juliette. Juliette. Juliette.

Ele virou o manual de lado, examinou a parte de trás e descobriu que, na verdade, era a capa original: *A trágica história de Romeo e Juliette*, dizia. Era uma peça; uma da qual Lukas já tinha ouvido falar. Diante dele, uma ventoinha

ligou no interior do servidor, soprando ar nos chips de silício e nos fios quentes. Ele secou o suor da testa e enfiou a peça encadernada de volta na caixa. Arrumou bem os outros itens por cima e fechou as abas. Lukas então se levantou, desligou a lanterna e a guardou no bolso, onde ficou aninhada ao lado do canivete de Juliette. Com a caixa embaixo do braço, ele tocou no peito com a outra mão e sentiu o relógio, o anel e o crachá com o retrato de Juliette. Tudo bem junto de si.

Lukas sacudiu a cabeça e se perguntou em que diabos estava pensando enquanto saía escondido da sala pequena e mal iluminada, observado por um painel de luzes piscantes.

36

Havia cadáveres por toda parte. Cobertos de poeira e terra, os trajes devorados pelas bactérias tóxicas que viviam nos ventos. Juliette começou a encontrar cada vez mais corpos. E, de repente, estavam em todos os lugares, uma massa de volumes jogada de qualquer jeito. Alguns estavam em trajes parecidos com o dela, mas a maioria usava trapos. Quando o vento batia nas botas dela e nos corpos, pedaços de tecido se agitavam como se fossem algas nas fazendas de peixes das profundezas. Sem conseguir se desviar de tantos, Juliette se viu passando por cima dos cadáveres, abrindo caminho para chegar cada vez mais perto da torre dos sensores. Havia centenas, talvez milhares deles.

Ela se deu conta de que não eram pessoas de seu silo. Por mais óbvio que parecesse, a sensação foi surpreendente. *Outras* pessoas. O fato de estarem mortas em nada reduzia o impacto arrasador de saber que outras pessoas viviam tão perto, sem que ela tivesse a menor ideia disso. Juliette devia de algum modo ter atravessado um vazio inabitável, ido de um universo a outro, e talvez fosse a primeira a fazer isso, encontrando ali um cemitério de almas estrangeiras, de pessoas como ela que viveram e morreram em um mundo tão similar e tão próximo.

Atravessou uma pilha de cadáveres que mais pareciam rochedos desmoronados, as formas indistinguíveis umas das outras. Em alguns pontos estavam em amontoados altos, e ela precisava escolher seu caminho com cuidado. Ao se aproximar da rampa que descia até o outro silo, percebeu que precisaria pisar em um ou dois corpos para passar. Parecia que tinham tentado fugir e subido uns por cima dos outros, criando seus próprios morros, em uma tentativa desesperada de alcançar os verdadeiros. Mas então, quando chegou à rampa de descida, Juliette viu uma aglomeração de corpos na câmara pressurizada de aço e se deu conta de que eles estavam tentando *voltar*.

A morte iminente agigantava-se sobre ela, uma consciência perene, uma nova sensação em sua pele, sentida com força em cada poro. Logo ela se juntaria àqueles corpos, e por alguma razão não estava com medo. Tinha passado por

isso no alto do morro e agora estava em terras novas, vendo coisas novas, uma dádiva terrível pela qual devia ser grata. A curiosidade a levou adiante, ou talvez tenha sido a imagem daquela multidão paralisada, todos em repouso rastejante, corpos nadando uns sobre os outros na direção das portas mais abaixo.

Ela nadou em meio a eles. Vadeou onde foi preciso. Pisou e atravessou corpos ocos, chutou ossos e restos mortais e lutou para conseguir passagem até as portas parcialmente abertas. Lá havia uma figura presa entre os dentes de aço, com um braço para dentro e o outro para fora, e um grito congelado no rosto cinzento e ressequido, dois globos oculares vazios olhando para sempre na mesma direção.

Juliette era um deles, um daqueles outros. Estava morta, ou quase. Mas, enquanto eles estavam congelados em seu avanço, ela ainda prosseguia. Seguiu seu caminho e puxou o corpo para fora da abertura, sua respiração ressoando no capacete, o ar que exalava embaçando a tela diante do nariz. Metade do corpo se soltou, a outra metade caiu para dentro. Uma nuvem de carne levantou-se no meio.

Juliette enfiou um braço e tentou entrar de lado. O ombro passou, depois a perna, mas o capacete ficou preso. Ela girou a cabeça e tentou de novo, mas o capacete ainda estava bem preso entre as portas. Houve um momento de pânico quando sentiu as mandíbulas de aço apertarem sua cabeça, segurando o capacete e deixando-a meio que pendurada. Tateou com o braço pelo interior tentando encontrar algum apoio atrás da porta que lhe permitisse puxar o corpo, mas o torso ficou entalado. Uma perna estava dentro; a outra, fora. Não havia nada para empurrar ou puxar que lhe permitisse entrar de vez. Estava presa, um braço inútil no interior, se agitando de modo frenético, e sua respiração acelerada consumindo o que lhe restava de ar.

Juliette tentou enfiar o outro braço pela porta. Não conseguia girar a cintura, mas podia dobrar o cotovelo, então deslizou os dedos junto à barriga pelo espaço estreito entre o estômago e a passagem. Ela encaixou os dedos na borda de aço e fez força. Não havia nada para servir de alavanca naquela posição. Era apenas a força em seus dedos, em suas mãos. Juliette subitamente não queria morrer, não ali. Tentou fechar o punho, os dedos naquelas mandíbulas de aço, os nós dos dedos sofrendo com o esforço. Bateu a testa no capacete, tentando golpear a maldita tela, girando, sacudindo e balançando a cabeça com força... e de repente se soltou.

Ela caiu no interior da câmara pressurizada. Uma das botas ficou presa por um instante no vão entre as portas. Juliette balançou os braços para se equilibrar enquanto pisava sem rumo em uma pilha de ossos carbonizados, que se

dissolveu em uma nuvem de cinzas escuras. Eram os restos daqueles que tinham sido pegos pelo fogo esterilizante da câmara pressurizada. Juliette se viu em um ambiente assustadoramente parecido com o que acabara de deixar. Sua mente exausta e atônita girava com as mais loucas ilusões — talvez ela já estivesse morta, e aquelas fossem as almas à sua espera. Talvez tivesse sido queimada viva na câmara pressurizada de seu próprio silo, e aqueles fossem seus sonhos loucos, uma fuga da dor, e agora ela assombraria o local para sempre.

Seguiu aos tropeções pelos restos espalhados até a porta interior e apoiou a cabeça na escotilha de vidro grosso. Procurou Peter Billings do outro lado, sentado à sua mesa. Ou, talvez, um vislumbre de Holston circulando pelos corredores, um espectro em busca do espírito da esposa.

Mas aquela não era a mesma câmara pressurizada. Ela tentou se acalmar. Imaginou se o ar não estava acabando, se inspirar o próprio gás carbônico era como respirar o escapamento de um motor em funcionamento, travando seu cérebro.

A porta estava selada. Aquilo era real. Milhares estavam mortos, mas ela não. Ainda não.

Tentou girar o volante que abria a passagem, mas ou estava congelada no lugar, ou trancada por dentro. Juliette bateu no vidro da escotilha, esperando que o xerife do silo a ouvisse, ou talvez um funcionário do refeitório. Estava escuro ali, mas ela não conseguia deixar de pensar que deveria haver alguém. As pessoas moravam no *interior* dos silos. Não era para ficarem empilhadas em volta deles.

Não houve resposta. Nenhuma luz piscou. Ela se apoiou no volante da porta e se lembrou das instruções de Marnes, de como funcionavam todos os mecanismos, mas aquelas lições pareciam ser de muito tempo atrás, e na época Juliette não lhes dera muita importância. Mas se lembrava de uma coisa: depois do banho de argônio e do fogo, a porta interna não destrancava? Automaticamente? Para que a câmara pressurizada fosse limpa? Isso era algo que ela parecia se lembrar de ter ouvido Marnes dizer. E ele tinha brincado dizendo que não era como se ninguém pudesse entrar de volta depois que o fogo fizesse seu trabalho. Será que estava se lembrando disso ou inventando? Seria apenas o desejo de uma mente faminta por oxigênio?

De qualquer modo, a roda não se movia. Juliette a empurrou para baixo com toda a força que tinha, mas a porta parecia definitivamente trancada. Ela deu um passo para trás. O banco que ficava preso à parede onde os limpadores esperavam antes da morte parecia convidativo. Ela estava cansada da caminhada,

do esforço para entrar ali. E por que queria entrar? Juliette deu um giro no mesmo lugar, indecisa. O que estava fazendo?

Precisava de ar. Por algum motivo, achava que devia haver algum no silo. Olhou para os ossos espalhados ao redor, de um incontável número de corpos. Quantos mortos? Estavam amontoados demais para saber. Os crânios, pensou. Podia contar os crânios e descobrir. Tirou essa bobagem rapidamente da cabeça. Sem dúvida estava perdendo a razão.

"O volante que abre a porta não gira", ouviu em algum recôndito de sua mente. "É uma porca emperrada."

Mas ela não havia criado uma reputação quando era sombra por soltar essas coisas?

Juliette disse a si mesma que poderia ser feito. Óleo, calor, alavanca. Esses eram os segredos para soltar um pedaço de metal que não se movia. Ela não tinha nenhum dos três, mas procurou ao redor mesmo assim. Não havia como se espremer e ir lá para fora de novo; sabia que não conseguiria fazer aquilo uma segunda vez, todo aquele esforço. Então tudo de que dispunha eram as coisas naquela câmara. O banco estava preso à parede ao longo da extremidade dos fundos e pendia de duas correntes. Juliette as sacudiu, mas não viu como conseguiria soltá-las, nem o que poderia fazer com elas.

No canto havia um cano que subia e levava a uma série de ventiladores. Devia ser o que injetava argônio, pensou ela. Agarrou o cano com as duas mãos, pôs o pé na parede e puxou.

A conexão com os ventiladores se soltou. O ar tóxico havia corroído e enfraquecido o metal. Juliette sorriu, cerrou os dentes e puxou de novo, com mais força ainda.

O cano se soltou do ventilador e se dobrou na base. Ela sentiu uma emoção repentina, como uma ratazana que encontra um petisco. Juliette agarrou a extremidade solta do cano e começou a empurrá-la para a frente e para trás, dobrando e rachando a ponta ainda presa. O metal acabaria rompendo se fosse movido assim, e se isso fosse feito por tempo o bastante. Ela sentira o calor do aço enfraquecido inúmeras vezes enquanto empurrava e puxava um cano até que se rompesse.

Sua testa estava pontilhada de suor e cintilava à luz mortiça que passava pela tela do visor. O suor escorria pelo nariz, embaçava a tela, e mesmo assim ela puxava e empurrava, para a frente e para trás, ficando nervosa, desesperada...

O cano se partiu, dando-lhe um susto. Só um leve som passou pelo capacete quando a longa barra de metal oco se soltou. Uma extremidade estava amassada

e retorcida, a outra, inteira e redonda. Juliette voltou-se para a porta, agora com uma ferramenta na mão. Enfiou o cano entre as barras do volante que abria a porta, deixando-o o máximo possível para fora, tomando cuidado apenas para que não tocasse a parede. Com as mãos enluvadas apoiadas no cano, ela se ergueu e se debruçou sobre ele, usando seu corpo como alavanca, o capacete ao lado da porta. Juliette se balançou, sabendo que seria um movimento brusco que soltaria uma rosca, e não uma força constante. Ela foi deslizando para a extremidade do cano, que começou a envergar um pouco, deixando-a preocupada com a possibilidade de ele partir ao meio muito antes de a porta ceder.

Quando chegou perto da ponta, onde a alavanca exerce mais pressão, jogou seu peso sobre a barra com toda a força, e xingou quando o tubo se partiu. Houve um ruído alto de metal, mal abafado pelo traje, e ela foi ao chão, caindo dolorosamente de cotovelo.

O cano retorcido estava embaixo dela, machucando suas costelas. Juliette tentou recobrar o fôlego, o suor escorrendo pela tela do visor e atrapalhando sua visão. Ela se levantou e percebeu que o cano não se havia rompido, e se perguntou se estava solto, mas não. Ainda estava preso às barras da grande escotilha.

Surpresa e entusiasmada, Juliette puxou-o, segurou as barras do volante e empurrou com toda força.

E a roda...

... se moveu.

37

Walker chegou ao fim do corredor e se viu abandonando os limites confortáveis de uma passagem estreita para entrar no bem mais largo hall de entrada da Mecânica. A sala, ele reparou, estava cheia de jovens sombras. Estavam em pequenos grupos, murmurando entre si. Três rapazes estavam agachados perto de uma parede, apostando em um jogo de pedras. Walker ouvia uma dezena de vozes misturadas vindo do refeitório do outro lado do hall. Os operários da fundição haviam mandado aqueles jovens saírem enquanto discutiam assuntos de adultos. Ele respirou fundo e atravessou apressado o maldito espaço vazio, se concentrando em dar um passo de cada vez, botando um pé à frente do outro, cada pedacinho de chão era algo a ser conquistado.

Após o que pareceu uma vida, ele finalmente bateu na parede do outro lado e agarrou, aliviado, os painéis de aço. Atrás dele, as sombras riram, mas Walker estava apavorado demais para se importar. Deslizando pelo aço coberto de rebites, ele agarrou o batente da porta do refeitório e se jogou para dentro. O alívio foi enorme. Apesar de o refeitório ser muito maior que sua oficina, pelo menos era cheio de móveis e de pessoas que conhecia. Encostado na parede, o ombro apoiado na porta aberta, ele quase podia fingir que o cômodo era menor. Walker escorregou até o chão e descansou enquanto os homens e as mulheres da Mecânica discutiam em voz alta, agitados e competindo pela vez de falar.

— Tanto faz, a essa altura o ar dela já deve ter acabado mesmo — dizia Rick.

— Você não tem como saber — retrucou Shirly. Ela estava de pé em uma cadeira, para ficar da altura dos outros. Examinou o ambiente. — Não sabemos que avanços eles fizeram.

— Isso é porque eles não contam para a gente!

— Talvez as coisas tenham melhorado lá fora.

A sala silenciou com essa frase. Esperando, talvez, para ver se a voz ousaria falar de novo e sair do anonimato. Walker estudou os olhos virados em sua direção. Estavam arregalados, com uma mistura de medo e excitação. Uma limpeza dupla tinha removido alguns tabus. As sombras tinham sido

dispensadas. Os adultos estavam se sentindo empolgados e livres para expor seus pensamentos proibidos.

— E se *melhoraram*? — perguntou outra pessoa.

— Em duas semanas? Gente, estou dizendo a vocês, são os trajes! Eles conseguiram resolver o problema dos trajes! — Mark, um petroleiro, olhou para os outros ao redor com raiva nos olhos. — Tenho certeza disso. Eles solucionaram o problema dos trajes, e agora nós temos uma chance!

— Uma chance de quê? — resmungou Knox. O chefe grisalho da Mecânica estava sentado a uma das mesas, devorando sua tigela de café da manhã. — Uma chance de mandar mais gente lá para fora para andar pelas montanhas até morrer sem ar? — Ele sacudiu a cabeça, pôs outra colherada na boca e apontou com o talher para as outras pessoas. — Nós precisamos conversar, agora — falou, de boca cheia —, sobre essa eleição fraudulenta, esse prefeito canalha e sobre sermos mantidos no escuro aqui embaixo!

— Eles não resolveram o problema dos trajes — disse Walker baixinho, ainda sem fôlego por conta de seu esforço.

— Somos *nós* que mantemos isso aqui funcionando — prosseguiu Knox, limpando a barba. — E o que recebemos em troca? Bolhas nos dedos e um salário de merda. E agora? Agora eles vêm e levam nossa gente e a mandam limpar uma vista para a qual não damos a mínima! — Ele bateu na mesa com o punho poderoso, fazendo sua tigela pular.

Walker limpou a garganta. Ainda estava agachado no chão, encostado na parede. Ninguém o vira entrar nem o ouvira. Então, enquanto a sala estava silenciosa por medo de Knox, ele tentou de novo.

— Eles *não* solucionaram o problema dos trajes — repetiu, um pouco mais alto dessa vez.

Shirly o viu da cadeira em que estava. Ficou de boca aberta e apontou para ele, fazendo umas dez cabeças se virarem para acompanhar o gesto.

Todos ficaram olhando em silêncio. Walker ainda tentava recuperar o fôlego e devia estar parecendo à beira da morte. Courtnee, uma das jovens encanadoras que sempre era simpática quando parava em sua oficina, se levantou e correu até onde ele estava, murmurou seu nome, surpresa, e o ajudou a se levantar, chamando-o para se juntar aos outros à mesa e sentar na cadeira dela.

Knox afastou sua tigela e deu um tapa na mesa.

— Bem, o pessoal agora deu para ficar andando por aí, não é?

Walker ergueu o olhar timidamente para ver o velho chefe de seção abrindo um sorriso por baixo da barba cerrada. Havia mais umas vinte pessoas olhando

fixamente para ele, então Walker acenou em uma espécie de cumprimento e baixou os olhos para a mesa. De repente, era gente demais.

— Toda essa gritaria despertou você, velho? Vai sair para passear pelas montanhas também?

Shirly pulou da cadeira.

— Ah, meu Deus, sinto muito! Me esqueci de levar o café da manhã dele.

Ela correu até a cozinha para buscar comida, apesar de Walker gesticular para ela não fazer isso. Ele não estava com fome.

— Não é isso. — A voz dele falhou. Ele tentou de novo. — Eu vim porque *ouvi* — murmurou. — Jules. Sumiu de vista. — Ele fez um gesto com a mão, imitando um morro imaginário sobre a mesa. — Mas não foi o pessoal da TI que resolveu *nada* — contou, fazendo contato visual com Marck e dando um tapinha no próprio peito. — Fui eu que resolvi.

Uma conversa sussurrada em um canto silenciou. Ninguém bebia suco, ninguém se mexia. Ainda estavam meio surpresos por ver Walker fora de sua oficina, ainda mais em meio a eles. Ninguém era velho o bastante para se lembrar da última vez em que ele havia passado por ali. Walker era o homem maluco da eletricidade, que morava em uma caverna e não aceitava novas sombras.

— O que você está *dizendo*? — perguntou Knox.

Walker respirou fundo. Estava prestes a falar quando Shirly voltou e pôs uma tigela de aveia quente diante dele. O mingau estava tão grosso que a colher quase boiava na superfície. Bem como gostava. Ele segurou e apertou a tigela com as duas mãos, sentindo o calor nas palmas. De repente, sentiu-se muito cansado por não ter dormido.

— Walk? — chamou Shirly. — Você está bem?

Ele assentiu e gesticulou para dizer que não precisava se preocupar. Em seguida, ergueu a cabeça, e seus olhos encontraram os de Knox.

— Jules veio falar comigo outro dia. — Ele sacudiu a cabeça, ganhando confiança. Tentou ignorar quantas pessoas o estavam ouvindo, ou o modo como as luzes do teto brilhavam em seus olhos lacrimejantes. — Ela falou de uma teoria sobre os trajes, sobre a TI.

Walker mexeu o mingau com a colher, tomando coragem para dizer o impensável. Mas, afinal, quantos anos ele tinha? Por que se importar com os tabus?

— Vocês se lembram da fita térmica? — Ele se virou para Rachele, que trabalhava no primeiro turno e conhecia bem Juliette. — Jules descobriu que o

modo como a fita se desfazia não era acidental. — Ele assentiu para si mesmo. — Ela descobriu tudo. Descobriu mesmo.

Comeu uma colherada do mingau, sem fome, mas aproveitando o calor da colher quente em sua língua. O ambiente estava em silêncio, à espera. Quase dava para ouvir os sussurros e os movimentos silenciosos das sombras lá fora.

— Com o passar dos anos, o Suprimentos passou a me dever muitos favores — explicou. — Muitos, muitos favores. Então cobrei todos e disse que ficaríamos quites. — Walker olhou para aquele grupo de homens e mulheres da Mecânica, ouvindo mais gente no corredor que tinha chegado depois, mas parou ali ao ver a expressão dos que estavam na sala. — Já pegamos coisas da rede de suprimentos da TI antes. Eu sei que peguei. Tudo de melhor em equipamento eletrônico e cabos vai para eles fazerem os trajes...

— Malditos desgraçados — murmurou alguém, o que fez outras pessoas concordarem balançando a cabeça.

— Então cobrei o favor do Suprimentos. Assim que eu soube que ela tinha sido levada... — Walker parou por um instante e esfregou os olhos. — Assim que eu soube, cobrei os favores, disse para substituir tudo o que os desgraçados pedissem por material feito por nós. O melhor do melhor. E sem que o pessoal da TI soubesse.

— Você fez o *quê*? — perguntou Knox.

Walker balançou a cabeça várias vezes, sentindo-se bem por contar a verdade.

— Eles preparam esses trajes para não funcionar direito. Não porque as coisas estejam boas lá fora, não acho que seja isso. Mas eles não querem que o corpo saia andando e suma de vista, não, senhor. — Ele mexeu o mingau. — Eles nos querem todos bem aqui, onde podem nos ver.

— Então ela está bem? — perguntou Shirly.

Walker fechou a cara e balançou a cabeça lentamente.

— Gente, eu disse a vocês, a esta altura, ela já deve ter ficado sem ar.

— Ela já estava morta de *qualquer jeito* — rebateu alguém, e a discussão voltou a ficar acalorada. — Isso só prova que eles são uns mentirosos de merda!

Walker tinha que concordar com isso.

— Vamos todos ficar calmos — rugiu Knox.

Mas ele parecia o menos calmo de todos. Mais trabalhadores entraram quando o momento de silêncio pareceu terminar. Eles se reuniram em torno da mesa com expressões muito preocupadas.

— É assim — disse Walker a si mesmo, vendo o que estava acontecendo, o que ele havia começado. Ele viu seus amigos e colegas de trabalho ficarem cada

vez mais nervosos, gritando para o ar em busca de respostas, os ânimos exaltados. — É isso — disse outra vez, e podia sentir a tensão aumentar, a ponto de explodir. — É assim, é assim...

Courtnee, ainda de pé ao seu lado, cuidava de Walker como se fosse um inválido e segurava o pulso dele com suas mãos delicadas.

— O que é assim? — perguntou ela, fazendo um sinal para que os outros falassem mais baixo, para que pudesse ouvir, e se debruçando mais para perto de Walker. — Walk, me diga, o que é assim? O que é assim? O que está tentando nos dizer?

— É assim que começa — murmurou.

A sala estava outra vez em silêncio. Ele ergueu os olhos para todos os rostos, examinou-os e viu em sua fúria, em todos os tabus detonados, que ele tinha razão em se preocupar.

— É assim que um levante começa...

38

Lukas chegou ao trigésimo quarto andar sem fôlego e agarrado à pequena caixa, mais exausto pelas leis que descumprira do que pela habitual subida para o trabalho. Ainda podia sentir na boca o gosto amargo da adrenalina depois de ter se escondido atrás dos servidores e mexido nas coisas de Juliette. Bateu no bolso do peito para verificar se os objetos ainda estavam ali, e sentiu também seu coração acelerado.

Quando se recompôs um pouco, estendeu as mãos para as portas da TI e quase quebrou um dedo quando elas se abriram para cima dele. Sammi, um técnico que ele conhecia, passou correndo, apressado. Lukas chamou seu nome, mas o técnico mais velho já tinha subido a escada e estava fora de vista.

Havia mais agitação no hall de entrada: vozes gritando umas com as outras. Lukas avançou com cautela, se perguntando qual o motivo de tamanha confusão. Segurou a porta aberta com o cotovelo e entrou, a caixa apertada no peito.

A maior parte dos gritos, aparentemente, vinha de Bernard. O chefe da TI estava do lado de fora dos portões de segurança e gritava com um técnico depois do outro. Ali por perto, Sims, chefe de segurança da TI, também repreendia três homens de macacão cinza. Lukas permaneceu parado na porta, intimidado pela dupla raivosa.

Quando Bernard o viu ali, parou de falar e foi andando pelo meio dos técnicos trêmulos para cumprimentá-lo. Lukas abriu a boca para dizer algo, mas seu chefe prestava menos atenção nele e mais no que estava em suas mãos.

— É isso? — perguntou Bernard, tomando a caixa dele.

— O quê?

— Tudo que aquela sujismunda de graxa tinha cabe nesta caixinha? — Bernard abriu as abas. — Isso é tudo?

— Uh... foi isso que me deram — gaguejou Lukas. — Marsh disse...

— Eu sei. O delegado me mandou um e-mail sobre suas câimbras. Juro, o Pacto devia estipular uma idade máxima para os delegados. Sims! — Bernard se virou para o chefe da segurança. — Sala de reuniões. Agora.

Lukas apontou para o portão de segurança, na direção da sala dos servidores.

— Então acho que é para eu ir...

— Venha comigo — disse Bernard, passando o braço em torno das costas de Lukas e apertando seu ombro. — Quero você nisso. Aparentemente posso confiar cada vez menos nesses técnicos imbecis.

— A menos que v-você queira que eu cuide dos servidores. Tivemos aquele problema com a torre treze...

— A torre pode esperar. Isto é mais importante.

Bernard o conduziu até a sala de reuniões, com o corpulento Sims à frente dos dois.

O guarda segurou a porta e a manteve aberta, franzindo o cenho para Lukas quando o rapaz passou. Lukas tremeu ao entrar na sala. Sentia o suor escorrendo pelo peito, sentia a culpa esquentar suas axilas e o pescoço. Teve uma visão repentina de ser jogado sobre a mesa, ser preso ali e ver os objetos que havia furtado serem arrancados de seus bolsos e esfregados em sua cara...

— Sente-se — disse Bernard.

Ele pôs a caixa em cima da mesa e começou, junto com Sims, a esvaziar seu conteúdo, enquanto Lukas se encolhia na cadeira.

— Vales-férias — disse Sims, pegando a pilha de cupons de papel.

Lukas reparou em como os músculos do braço do homem se destacavam até com o menor movimento. Sims já tinha sido técnico, mas seu corpo havia crescido demais e o tornara obviamente mais adequado para outras tarefas, menos intelectuais. Ele levou os dinheiros até o nariz, cheirou-os e afastou o rosto.

— Fedem a graxa e suor — acrescentou.

— Falsos? — perguntou Bernard.

Sims balançou a cabeça. Bernard estava examinando a pequena caixa de madeira. Ele a sacudiu e bateu nela com os nós dos dedos, ouvindo o chacoalhar em seu interior. Buscou na parte de fora um fecho ou trinco.

Lukas quase deixou escapar que a tampa era deslizante, feita com tamanha habilidade que mal dava para ver as juntas, e era necessário um pequeno esforço. Bernard murmurou algo e deixou a caixa de lado.

— O que exatamente estamos procurando? — perguntou Lukas, se debruçando para a frente e fingindo examinar a caixa pela primeira vez.

— Qualquer coisa. Uma merda de uma pista — rosnou Bernard. Ele olhou diretamente para Lukas. — Como essa sujismunda conseguiu chegar ao outro lado da montanha? Será que foi algo que ela fez? Um dos meus técnicos? O quê?

Lukas ainda não conseguia entender tanta raiva. E daí que ela não tivesse limpado? Seria uma limpeza dupla, de qualquer modo. Será que Bernard estava furioso porque ele não sabia a razão pela qual Juliette tinha sobrevivido por tanto tempo? Isso Lukas conseguia entender. Sempre que conseguia consertar algo por acidente, isso o deixava tão louco quanto se tivesse quebrado alguma coisa. Ele já havia visto Bernard com raiva antes, mas aquilo era diferente. O homem estava lívido. Estava *surtado*. Exatamente como Lukas se sentiria se conseguisse um sucesso tão sem precedentes quanto aquele sem saber a causa.

Enquanto isso, Sims tinha encontrado o caderno e começou a folheá-lo.

— Ei, chefe...

Bernard o tomou dele, abriu e começou a ler.

— Alguém vai ter que ler isso tudo — disse e empurrou os óculos mais para cima do nariz. — Pode haver algum sinal de conspiração aí...

— Ei, vejam — disse Lukas, estendendo a caixa. — Ela abre — falou, mostrando como funcionava a tampa deslizante.

— Deixe-me ver isso. — Bernard largou o caderno na mesa, pegou a caixa de madeira e torceu o nariz. — Só dinheiros — disse, desapontado.

Ele jogou os dinheiros na mesa e estava prestes a pôr a caixa de lado, mas Sims a pegou.

— Isso é uma antiguidade — disse o grandalhão. — Acha que é uma pista, ou posso...

— Mas é claro! Pode ficar. — Bernard acenou com os braços na direção da janela com vista para o hall de entrada. — Porque não tem absolutamente nada importante acontecendo por aqui, não é, seu cabeça de merda?

Sims apenas deu de ombros e guardou a caixa de madeira no bolso. Lukas queria desesperadamente estar longe dali, em qualquer lugar do silo que não fosse aquele.

— Talvez ela tenha apenas dado sorte — sugeriu Sims.

Bernard jogou o resto do conteúdo da caixa de papelão na mesa, sacudindo-a para soltar o manual que Lukas sabia estar preso no fundo. Ele parou o que fazia e olhou para Sims por cima da armação dos óculos.

— Sorte — repetiu Bernard.

Sims inclinou a cabeça.

— Saia daqui agora — ordenou Bernard.

Sims assentiu.

— É, você tem razão.

— Não. Estou mandando você sair daqui! — Bernard apontou para a porta. —

Vai embora, porra!

O chefe da segurança sorriu como se aquilo fosse engraçado, mas foi com seus passos pesados até a porta. Ele saiu da sala e, em seguida, fechou suavemente a porta.

— Estou cercado de imbecis — disse Bernard quando os dois ficaram sozinhos.

Lukas supôs que aquilo não era um insulto dirigido a ele.

— Sem contar você, claro — acrescentou o prefeito, como se lesse sua mente.

— Obrigado.

— Ei, você pelo menos sabe consertar a porra de um servidor. Eu pago esses outros técnicos de merda para fazerem o quê?

Ele empurrou os óculos outra vez para o alto do nariz, e Lukas tentou lembrar se o chefe da TI sempre falava tantos palavrões. Achava que não. Será que a responsabilidade de ser prefeito interino o estava afetando? Alguma coisa tinha mudado. Parecia estranho até considerar Bernard seu amigo. O homem agora era tão mais importante, tão mais ocupado que antes. Talvez estivesse surtando com o estresse da responsabilidade extra, o sofrimento de ser o homem que manda pessoas boas para a limpeza...

— Sabe por que eu nunca tive uma sombra? — perguntou Bernard.

Ele folheou o manual, viu a peça impressa no verso e virou de lado as folhas de papel encadernadas. Depois olhou para Lukas, que ergueu as mãos espalmadas e deu de ombros.

— É porque fico apavorado só de pensar em outra pessoa um dia administrando este lugar.

Lukas supôs que ele estava falando da TI, não do silo. Bernard era prefeito não havia tanto tempo.

O prefeito pôs a peça na mesa e olhou pela janela, ouvindo vozes abafadas que tinham voltado a discutir.

— Mas um dia desses vou ter que fazer isso. Estou naquela idade em que seus amigos, as pessoas com quem cresceu, estão morrendo como moscas, mas você ainda é jovem o bastante para fingir que não vai acontecer com você.

Seus olhos se fixaram em Lukas. O jovem técnico estava desconfortável sozinho com Bernard naquela sala. Nunca tinha sentido isso antes.

— Houve silos que foram completamente destruídos por causa da arrogância de um homem — contou-lhe Bernard. — Basta um homem planejar mal as coisas, pensando que vai viver para sempre, e então desaparecer — ele estalou os dedos —, deixando um terrível vazio, para tudo ir por água abaixo.

Lukas estava louco para perguntar ao chefe de que diabos ele estava falando.

— Esse dia chegou, acho. — Bernard caminhou ao lado da mesa de reuniões comprida, deixando para trás os restos espalhados da vida de Juliette.

O olhar de Lukas se dirigiu aos objetos. A culpa de tê-los examinado antes desapareceu quando viu como haviam sido tratados por Bernard. Em vez disso, desejou ter guardado mais coisas.

— Eu preciso é de alguém que já tenha acesso aos servidores — disse Bernard.

Lukas virou para o lado e percebeu que o baixinho e barrigudo chefe da TI estava parado bem do seu lado. Levou a mão ao bolso do peito para se assegurar de que não estava em um ângulo que permitisse que Bernard visse lá dentro.

— Sammi é um bom técnico. Confio nele, mas é quase tão velho quanto eu.

— Você não é assim, velho — disse Lukas, tentando ser educado e organizar os próprios pensamentos; não tinha certeza do que estava acontecendo.

— Não há muitas pessoas que eu considere amigas — disse Bernard.

— Agradeço muito...

— Você provavelmente é o mais próximo...

— Eu sinto o mesmo...

— Conheci seu pai. Era um bom homem.

Lukas engoliu em seco e assentiu. Ergueu os olhos para Bernard e se deu conta de que o homem estava com a mão estendida já havia algum tempo. Ele aceitou o aperto, ainda sem saber ao certo o que lhe estava sendo oferecido.

— Preciso de uma sombra, Lukas. — A mão de Bernard pareceu pequena perto da do jovem, que ficou olhando enquanto seu braço era balançado para cima e para baixo. — E quero que você seja este homem.

39

Juliette forçou passagem pela porta interna da câmara pressurizada e a fechou com dificuldade. A escuridão a envolveu quando a porta pesada rangeu nas dobradiças e se encaixou na vedação ressecada. Tateou em busca do grande volante que fechava a porta. Apoiou-se nos raios, fechou-a e selou-a.

O ar em seu traje estava ficando viciado. Sentiu-se tomada por uma onda de tontura. Ela se virou, com uma das mãos na parede, e caminhou aos tropeções pela escuridão. A lufada de ar externo que ela havia permitido entrar parecia se agarrar às suas costas como uma nuvem de insetos loucos. Juliette caminhava com dificuldade e às cegas pelo corredor, tentando se distanciar dos mortos que havia deixado para trás.

Não havia nenhuma luz acesa, e nenhum brilho vinha das telas nas paredes com a vista do mundo exterior. Juliette rezou para que a planta fosse igual à do seu silo, assim poderia saber por onde andava. Rezou para que o ar em seu traje durasse mais um pouco, rezou para que o ar no silo não fosse tão nocivo e tóxico quanto o vento lá fora. Ou, algo igualmente ruim, para que o ar no silo não estivesse tão viciado quanto o que restava em seu traje.

Sua mão roçou as barras de uma cela localizada exatamente onde deveria estar, dando a ela esperança de que pudesse se orientar na escuridão. Não tinha certeza do que esperava encontrar no breu absoluto, não tinha um plano de salvação; estava apenas se distanciando dos horrores do exterior. Mal tinha se dado conta de que estivera lá, de que tinha ido lá *fora*, e agora estava em um lugar novo.

Enquanto tateava pelo gabinete, sorvendo os últimos haustos de ar em seu capacete, seus pés tropeçaram em alguma coisa, e Juliette caiu para a frente. Ela tombou sem jeito sobre algo macio. Tateou e sentiu um braço. Um corpo. Vários corpos. Juliette rastejou por cima deles, a carne esponjosa parecendo mais humana do que as cascas e os ossos lá de fora e dificultando sua locomoção. Sentiu o queixo de alguém. O peso do corpo dela fez o pescoço dos corpos girar, e ela quase perdeu o equilíbrio. Retraiu-se diante do que estava fazendo,

sentindo o impulso de pedir desculpas, de recuar, mas obrigou-se a avançar pela pilha no meio da escuridão, até que seu capacete bateu na porta do gabinete.

A pancada foi tão forte e inesperada que fez Juliette ver estrelas e quase desmaiar. Ela se ergueu e tateou à procura da maçaneta. Seus olhos podiam muito bem estar fechados, de tão profunda a escuridão. Nem nas profundezas da Mecânica havia uma escuridão tão completa.

Ela encontrou a maçaneta e empurrou. A porta estava destrancada, mas não se moveu. Juliette conseguiu se levantar, pisando em corpos sem vida, e arremeteu com os ombros contra a porta. Queria sair.

A porta se moveu. Um pouco. Ela sentiu alguma coisa deslizar do outro lado e imaginou mais corpos empilhados. Jogou-se de novo e de novo contra a porta, grunhindo com o esforço e soltando gritinhos frustrados que ecoavam no capacete. Seu cabelo estava solto, suado e colado ao rosto. Ela não conseguia ver. Não conseguia respirar. Estava ficando mais tonta quanto mais envenenava o próprio ar dentro do traje.

Quando a porta se entreabriu, ela fez força para conseguir passar, primeiro um ombro, depois o capacete, e passou, então puxou o outro braço e a perna. Juliette caiu no chão, tateou ao redor e se jogou na porta para fechá-la bem.

Havia uma luz muito fraca, quase imperceptível no início. Uma barricada desfeita de mesas e cadeiras estava ao redor de Juliette, espalhada por seus movimentos para conseguir passar. Os ângulos retos e as pernas finas pareciam querer acertá-la.

Juliette ouviu a si mesma lutando para respirar, e soube que seu tempo tinha acabado. Imaginou que o veneno a cobria inteira, como graxa. O ar tóxico que ela deixara entrar era uma nuvem assassina, só esperando que ela saísse de sua concha para poder devorá-la.

Ela pensou, em vez disso, em se deitar e deixar o ar acabar. Ficaria preservada naquela crisálida, no traje bem construído, um presente de Walker e da equipe do Suprimentos. Seu corpo ficaria ali para sempre, naquele silo escuro que não deveria existir, e isso seria muito melhor do que apodrecer em um morro sem vida e ir se desfazendo aos poucos, seus pedaços serem levados pelo vento um a um, com qualquer brisa que soprasse. Seria uma boa morte. Ela ofegava, orgulhosa de si mesma por perecer em um lugar de sua escolha, após vencer aqueles últimos obstáculos. Apoiada na porta, ela teria se deitado e fechado os olhos, não fosse a pontada de curiosidade.

Juliette ergueu as mãos e as estudou sob a luz fraca que vinha das escadas. As luvas brilhantes envoltas em fita térmica, derretidas, para formar uma superfície

contínua, faziam com que ela parecesse uma espécie de máquina. Passou a mão no topo do capacete, se dando conta de que parecia uma torradeira ambulante. Quando era apenas uma mera sombra na Mecânica, tinha o mau hábito de desmontar as coisas, mesmo aquelas que ainda estavam funcionando. O que mesmo Walker dissera dela? Que não havia nada de que gostasse mais do que ver o que havia no interior de uma torradeira.

Juliette se sentou no chão e tentou se concentrar. Estava perdendo os sentidos, as sensações e, com isso, a vontade de viver. Sacudiu a cabeça e conseguiu ficar de pé, derrubando uma pilha de cadeiras no chão. Ela era a torradeira, percebeu. Sua curiosidade queria que fosse aberta. Dessa vez, para ver o que havia do lado *de fora*. Para respirar mais uma vez e descobrir.

Ela nadou entre mesas e cadeiras, querendo se distanciar ainda mais do ar ruim que deixara entrar. Os corpos sobre os quais rastejara no gabinete do xerife pareciam em bom estado. Mortos de causas naturais, aprisionados no interior e mortos de fome ou asfixiados, talvez. Mas não haviam se decomposto. Mesmo assim, e apesar de sua cabeça girar e da necessidade de respirar, ela queria de algum modo se limpar antes de quebrar o capacete, queria diluir as toxinas como faria em qualquer outro vazamento químico lá na Mecânica.

Escapou da barreira de mesas e cadeiras e conseguiu chegar ao espaço vazio do refeitório. As luzes de emergência das escadarias emitiam um halo verde que quase não era suficiente para indicar o caminho. Ela passou pela porta de serviço, entrou na cozinha e abriu as torneiras na pia grande, que giraram, mas não verteram uma gota de água sequer. Juliette não percebeu nem mesmo qualquer tentativa de funcionamento de bombas distantes. Pegou a mangueira pendurada acima do porta-pratos e puxou a alavanca, mas o resultado foi o mesmo. Não havia água.

Em seguida, pensou nas grandes câmaras frigoríficas, talvez para congelar as toxinas que ela sentia cobrindo todo o traje. Caminhou hesitante pelas instalações da cozinha e puxou uma grande maçaneta prateada na porta. Ela ouvia sua respiração ofegante dentro do capacete. As luzes nos fundos da cozinha eram tão fracas que ela mal conseguia ver. Não sentia frio através do traje, mas não tinha certeza se isso seria possível. O traje fora construído para protegê-la, e tinha sido bem-feito. A luz no teto não acendeu, então ela supôs que o freezer estivesse desligado. Com a porta aberta, espiou à procura de algo líquido e viu o que pareciam tonéis de sopa.

Juliette estava desesperada o bastante para tentar qualquer coisa. Entrou no grande aposento refrigerado, deixando que a porta se fechasse lentamente às suas

costas. Ela pegou um dos grandes vasilhames plásticos, um balde do tamanho das maiores panelas da cozinha, e arrancou a tampa. A porta se fechou com um clique, fazendo-a voltar à total escuridão. Juliette se ajoelhou embaixo da prateleira e derrubou o enorme balde em cima de sua cabeça. Sentiu a sopa cair, escorrer sobre o traje e no chão. Seus joelhos escorregaram no líquido. Ela pegou outro pote e fez o mesmo, então mergulhou as mãos nas poças e se cobriu daquilo. Não havia como saber se estava sendo louca, se estava piorando as coisas. Se faria alguma diferença. Sua bota escorregou, e ela caiu de costas, rachando o capacete.

Juliette estava ali deitada em uma poça de sopa tépida, sem conseguir ver nada, a respiração difícil e viciada. Seu tempo tinha acabado. Ela estava zonza e não conseguia pensar em mais nada, também não tinha fôlego nem energia. Precisava tirar o capacete.

Tateou em busca dos fechos, mas mal podia senti-los com as luvas. O tecido era muito grosso. As luvas iam matá-la.

Ela rolou de bruços e rastejou pela sopa. As mãos e os joelhos deslizavam. Chegou à porta, ofegante, procurou a maçaneta desesperadamente e abriu a porta. Havia um faqueiro reluzente atrás do balcão. Ela fez um esforço para se levantar e agarrou uma faca, segurou a lâmina com as luvas acolchoadas grossas e caiu no chão, exausta e tonta.

Virou a lâmina na direção do pescoço e tentou achar o fecho do capacete. Foi passando a ponta em torno do pescoço até que ela ficou presa em um botão. Com as mãos firmes, mas os braços tremendo, ela moveu a faca e fez força, empurrando-a na direção do próprio corpo, indo contra todos os seus instintos mais básicos.

Houve um leve estalido. Juliette arfava e enfiou a faca na fenda em busca do outro botão, até encontrá-lo e repetir o gesto.

Outro estalido, e o capacete saiu.

O corpo de Juliette assumiu o controle e a forçou a inspirar fundo aquele ar viciado. O fedor era insuportável, mas ela não conseguia parar de inspirar profundamente. Comida podre e deterioração biológica, fedores imundos invadiram sua boca, seu nariz e sua língua.

Ela se virou para o lado e tentou vomitar, mas nada saiu. Suas mãos ainda estavam escorregadias por causa da sopa. Respirar era doloroso. Juliette imaginava uma sensação de queimação na pele, mas podia ser apenas seu estado febril. Ela rastejou para fora do freezer e foi na direção do refeitório, para longe da névoa de sopa podre, e inspirou mais um hausto de ar.

Ar.

Juliette encheu os pulmões; o fedor ainda era forte, e ela estava coberta de sopa. Mas, além do cheiro, havia mais alguma coisa ali. Algo débil. Algo *respirável* que começou a expulsar a tonteira e o pânico. Era *oxigênio*. Vida.

Juliette ainda estava viva.

Ela riu como uma louca e caminhou cambaleante na direção das escadas, atraída pelo brilho verde da luz, respirando fundo e exausta demais para apreciar aquilo, a vida *impossível* que ainda havia nela.

40

Knox viu a agitação na Mecânica como mais uma emergência a ser controlada. Como quando houve um vazamento nos porões, ou quando a perfuradora de petróleo acertou um poço de metano e tiveram que evacuar oito níveis até que os responsáveis pela qualidade do ar tornassem a área segura de novo. O que ele precisava fazer contra a comoção inevitável era estabelecer a ordem. Distribuir tarefas. Tinha que pegar uma grande tarefa e reduzi-la em pedaços menores, e garantir que caíssem nas mãos das pessoas certas. Só que, dessa vez, ele e sua equipe não estavam lá para consertar nada. Havia coisas que a boa turma da Mecânica pretendia *quebrar*.

— A chave é o Suprimentos — disse Knox a seus chefes de turno, apontando para a grande planta do silo pendurada na parede. Ele passou o dedo pelos trinta andares até o principal nível de produção do setor. — Nossa grande vantagem é que a TI não sabe que estamos agindo. — Ele se virou para os chefes. — Shirly, Marck e Courtnee, vocês vêm comigo. Vamos levar nossas sombras junto e trazer suprimentos. Walker, antes você manda um e-mail avisando que estamos a caminho. Mas tome cuidado. Sempre imagine que a TI tem ouvidos. Diga que temos um carregamento de peças para entregar.

Ele se virou para Jenkins, que tinha sido sombra de Knox por seis anos antes de deixar crescer a própria barba e começar a trabalhar no terceiro turno. Todo mundo achava que o emprego de Knox um dia seria dele.

— Jenks, quero que você assuma aqui embaixo. Durante um tempo, ninguém vai tirar folga. Mantenha o lugar funcionando, mas se prepare para o pior. Quero o máximo possível de alimentos armazenados. E água. Garanta que a cisterna esteja cheia até a boca. Desvie água da plantação hidropônica se necessário, mas seja discreto. Pense em uma desculpa, como um vazamento ou algo assim, para o caso de perceberem. Enquanto isso, mande alguém fazer as rondas e verificar cada tranca e dobradiça, pois a briga pode chegar até aqui. E reúna o máximo de armas que conseguir imaginar. Canos, martelos, o que for.

Algumas pessoas ficaram um pouco assustadas ao ouvir isso, mas Jenkins

aceitou a lista de instruções assentindo como se tudo fizesse sentido e fosse realizável. Knox virou-se para seus chefes de equipe.

— O quê? Vocês sabem em que isso vai dar, não é?

— Mas qual é o plano? — perguntou Courtnee, olhando para a planta baixa de seu lar subterrâneo. — Atacar a TI e depois o quê? Assumir a função de fazer este lugar inteiro funcionar?

— Nós já fazemos este lugar funcionar — resmungou Knox. Ele bateu nos andares dos trinta e poucos. — Só que fazemos no escuro. Esses níveis aqui são um mistério para a gente. Mas agora estou falando em jogar uma luz naquele buraco deles e deixá-los apavorados, ver o que mais estão escondendo.

— Você entende o que eles têm feito, não entende? — Marck se virou para Courtnee. — Eles têm mandado as pessoas lá para fora para morrer. De propósito. Não porque isso *precisava* acontecer, mas porque eles queriam que acontecesse!

Courtnee mordeu o lábio e não disse nada; apenas ficou olhando para a planta.

— Precisamos ir andando — disse Knox. — Walker, mande aquele e-mail. Nós vamos buscar as coisas. E pense em algo agradável para conversar enquanto estivermos subindo. Não quero nenhuma menção a isso, porque não duvido que um portador nos ouça e resolva ganhar um ou dois dinheiros nos entregando.

Eles assentiram. Knox deu um tapinha nas costas de Jenkins e apontou para o rapaz.

— Eu aviso quando precisarmos de todo mundo. Mantenha apenas o mínimo necessário de pessoal para deixar isso aqui funcionando e mande o restante. O momento é tudo, entendeu?

— Eu sei o que fazer — afirmou Jenkins.

Ele não estava tentando parecer arrogante, só tranquilizar o homem mais velho.

— Tudo bem — disse Knox. — Então vamos lá.

* * *

Subiram dez andares sem reclamar, mas Knox começou a sentir as pernas ardendo por causa do peso da carga. Levava um saco de lona cheio de trajes de soldador nos ombros largos, além de um monte de capacetes. Haviam passado uma corda pela presilha dos capacetes, que chacoalhavam em suas costas largas. Marck estava com dificuldade para carregar seu estoque de canos, que insistiam em deslizar e escorregar de seus braços. As sombras vinham atrás, depois das

mulheres, com sacas pesadas de pólvora amarradas e penduradas no pescoço. Portadores com grandes cargas semelhantes passavam velozmente por eles nas duas direções. Seus olhares indicavam uma mistura de curiosidade e competitividade raivosa. Quando uma portadora, uma mulher que Knox reconheceu de entregas feitas nas profundezas, parou e ofereceu ajuda, ele a dispensou, mal-humorado. Ela subiu os degraus correndo, olhando para trás por cima do ombro antes de sumir de vista na escada em espiral, e Knox se arrependeu por ter descontado sua exaustão na moça.

— Vamos lá — dizia ele aos outros.

Mesmo em um grupo pequeno, eles chamavam a atenção. E estava ficando cada vez mais difícil manterem-se calados à medida que a notícia do surpreendente desaparecimento de Juliette ia se espalhando. Em quase todos os pavimentos, havia um grupo de pessoas, em geral mais jovens, conversando sobre o que tudo aquilo significava. O tabu tinha passado dos pensamentos para os sussurros. Ideias proibidas nasciam nas línguas e cruzavam o ar. Knox ignorava a dor nas costas e se esforçava sem hesitar na subida. Cada degrau os aproximava do Suprimentos, e ele sentia cada vez mais que o grupo precisava chegar lá bem depressa.

Quando passaram do nível cento e trinta, as reclamações preenchiam totalmente o ar. Estavam chegando à metade superior das profundezas, onde as pessoas que trabalhavam, faziam compras e comiam nos níveis intermediários se misturavam com aquelas que preferiam que elas não fizessem isso. O delegado Hank estava na escada do cento e vinte e oito, tentando apaziguar dois grandes grupos que discutiam. Knox se espremeu e passou por eles, torcendo para que o delegado não se virasse e visse seus homens carregados de coisas e resolvesse perguntar o que estavam fazendo lá em cima. Quando passou pela confusão, Knox olhou para trás e viu as sombras passarem agarradas ao corrimão interno. O delegado Hank ainda estava pedindo a uma mulher que se acalmasse quando o pavimento sumiu de vista.

Passaram pela fazenda de terra no nível cento e vinte seis, e Knox percebeu que aquilo era um recurso-chave. Os trinta da TI ainda estavam uma boa subida acima, mas, se eles tivessem que recuar, iriam precisar resistir no Suprimentos. Com o equipamento de produção, os alimentos naquele nível e a maquinaria da Mecânica, eles seriam autossuficientes. Tinham algumas fraquezas, mas a TI tinha ainda mais. Sempre poderiam desligar a energia deles ou deixar de tratar a água, mas Knox torcia de verdade, enquanto se aproximavam do Suprimentos com passos cautelosos, que não fosse preciso chegar a esse ponto.

Foram saudados por caras feias ao chegar ao cento e dez. McLain, a mulher mais velha e chefe do Suprimentos, estava parada com os braços cruzados sobre o macacão amarelo. Sua expressão revelava bem claramente que eles não eram bem-vindos.

— Oi, Jove — cumprimentou Knox, e a encarou com um grande sorriso.

— Não me venha com esse papo de Jove — disse McLain. — Que maluquice é essa?

Knox olhou para as escadarias de cima a baixo e deu de ombros, levantando ainda mais sua carga pesada.

— Se importa se a gente entrar para conversar sobre isso?

— Não quero problemas aqui — disse ela, os olhos faiscando sob a testa franzida.

— Vamos entrar — disse Knox. — Ainda não paramos nem uma vez desde que começamos a subir. A menos que você queira que a gente desmaie aqui fora.

McLain pareceu considerar a ideia. Seus braços cruzados afrouxaram e ela se virou para três de seus funcionários, que formavam um muro imponente atrás dela, e fez que sim. Enquanto puxavam e abriam as reluzentes portas do Suprimentos, ela se virou e agarrou o braço de Knox.

— Não vá se acostumando — avisou.

Na sala de entrada do setor, Knox encontrou um pequeno exército de homens e mulheres de macacão amarelo, à sua espera. A maioria estava parada atrás do balcão baixo e comprido onde as pessoas do silo normalmente esperavam pela peça de que precisavam, fossem recém-fabricadas ou consertadas. Atrás, o longo corredor de prateleiras com caixas e latas empilhadas perdia-se a distância na escuridão. A sala estava perceptivelmente silenciosa. Em geral, o ruído mecânico e os sons metálicos da fabricação podiam ser ouvidos no ambiente, ou os trabalhadores eram ouvidos, embora não ficassem à vista, lá nos fundos, enquanto separavam porcas recém-produzidas em suas respectivas caixas. Agora havia apenas silêncio e olhares desconfiados.

Knox estava parado com sua equipe cansada, as sacolas e cargas jogadas no chão e as testas encharcadas de suor. Os homens e as mulheres do Suprimentos, enquanto isso, observavam imóveis.

Ele esperava uma recepção mais amistosa. A Mecânica e o Suprimentos tinham uma longa história de bom relacionamento. Administravam juntos a pequena mina sob os níveis mais baixos da Mecânica, que complementava o estoque de minérios do silo.

Mas agora, enquanto McLain seguia seus rapazes para dentro, ela lançou para

Knox um olhar de desprezo que ele não via desde que sua mãe morrera.

— O que diabos isso significa? — perguntou McLain com raiva.

Seu jeito de falar o pegou de surpresa, ainda mais diante da equipe dele. Considerava que McLain e ele fossem iguais, mas agora estava sendo tratado como se fosse um dos cães do Suprimentos. Sentiu-se pequeno e inútil.

O olhar de McLain passou pela fila de mecânicos e suas sombras exaustas antes de se voltar para ele.

— Antes de discutir como resolver este problema, quero saber como você está lidando com seus funcionários, quem quer que tenha sido responsável. — Os olhos dela o perfuraram. — *Estou* certa em supor que você não teve nada a ver com isso, não é? Que você veio pedir desculpas e me cobrir de subornos?

Shirly ia dizer algo, mas Knox acenou para que ela se calasse. Havia muita gente ali só à espera de que as coisas saíssem dos limites da diplomacia.

— Sim, peço desculpas — falou Knox, rangendo os dentes e fazendo uma reverência com a cabeça. — E não, eu só soube disso hoje mais cedo. Na verdade, depois que soube da limpeza.

— Então tudo foi feito só pelo seu eletricista — disse McLain, os braços finos cruzados com força no peito. — Um homem.

— Isso mesmo, mas...

— Já providenciei a punição dos envolvidos aqui, garanto a você. E imagino que você terá que fazer mais do que banir aquele velhote para seu quarto.

As pessoas riram atrás do balcão. Knox pôs a mão no ombro de Shirly para contê-la e olhou além de McLain para os homens e mulheres posicionados atrás dela.

— Eles vieram e levaram um dos nossos funcionários — disse ele. Seu coração podia estar pesado, mas a voz ainda ribombava. — Sabe como são essas coisas. Quando querem um corpo para a limpeza, eles *pegam*. — Ele bateu no peito. — E eu *deixei*. Não fiz nada porque confio no sistema. Eu o *temo*, assim como qualquer um de vocês.

— Bem — começou McLain, mas Knox a interrompeu, prosseguindo com aquela voz que diariamente distribuía com calma seus comandos, mais alto que a barulheira das máquinas em pleno funcionamento.

— Uma pessoa de minha equipe foi levada, e foi o mais velho de nós, o mais sábio de nós, que interveio a favor dela. Foi o mais fraco e mais assustado quem arriscou o pescoço. E àquele entre vocês a quem ele pediu ajuda, e que o ajudou, eu devo minha vida. — Knox piscou para desembaçar os olhos e prosseguiu. — Vocês deram a ela mais do que uma chance de chegar ao outro lado daquele

morro para morrer em paz e fora de vista. Vocês *me* deram coragem para abrir os olhos. Para ver este véu de mentiras atrás do qual vivemos...

— Basta — interrompeu McLain. — As pessoas podem ser mandadas para a limpeza só por *ouvirem* essa bobagem, esse *disparate*.

— Não é bobagem — gritou Marck lá de trás. — Juliette morreu porque...

— Morreu porque ela quebrou justamente essas leis! — respondeu McLain, sua voz alta e esganiçada. — E agora vocês vêm marchando até aqui para quebrar ainda mais regras? No *meu* nível?

— Nós quereremos quebrar mais do que regras! — disse Shirly.

— Parem com isso! — disse Knox às duas.

Ele viu a raiva nos olhos de McLain, mas também viu outra coisa: algumas pessoas balançando a cabeça e outras de sobrancelhas erguidas nas fileiras atrás dela.

Um portador entrou na sala com uma sacola vazia em cada mão e olhou ao redor, absorvendo a cena tensa e silenciosa. Um dos grandalhões do Suprimentos perto da porta o conduziu de volta à plataforma da escada, pedindo desculpas e dizendo-lhe que voltasse mais tarde. Knox usou a interrupção para escolher com cuidado suas palavras.

— Ninguém nunca foi mandado para a limpeza por *ouvir*, por maior que seja o tabu. — Ele deu tempo para as pessoas processarem a informação. Lançou um olhar para McLain quando ela fez um gesto para interrompê-lo, e ela pareceu desistir. — Então qualquer um de vocês pode me mandar para a limpeza pelo que vou dizer agora. Vou aceitar isso se o que direi não convencer vocês a avançarem comigo e com meus homens. Pois isso é o que Walker e mais algumas almas corajosas entre vocês nos mostraram esta manhã. Temos motivos para ter mais esperanças do que eles ousam nos dar. Há mais à disposição para ampliar nossos horizontes do que eles permitem. Fomos criados à base de mentiras, amedrontados pela imagem de nossos iguais apodrecendo nas colinas, mas agora uma de nós foi além! Eles viram novos horizontes! Nós recebemos juntas vedadas e esterilizadas, e eles nos garantem que isso é o bastante. Mas o que são essas coisas?

Ele olhou para os homens e mulheres atrás do balcão. Os braços de McLain pareciam mais relaxados.

— São coisas projetadas para quebrar, é isso que são! Uma falsificação. E quem sabe o que mais é mentira? E se nós tivéssemos trazido os limpadores de volta e cuidado deles? Se tivéssemos limpado e desinfetado os trajes? Feito o possível para salvá-los? Será que sobreviveriam? Não podemos mais confiar na

palavra da TI sobre isso.

Knox viu pessoas assentindo. Ele sabia que seu pessoal estava pronto para atacar se fosse necessário. Estavam tão nervosos e revoltados com tudo aquilo quanto ele.

— Não estamos aqui para criar problemas — continuou ele. — Estamos aqui para trazer a *ordem*! O levante já aconteceu. — Ele se virou para McLain. — Você não vê? Estamos *vivendo* o levante. Nossos pais foram filhos do levante, e agora alimentamos a mesma máquina com nossas crianças. Isso *não vai* ser o início de algo novo, mas o fim de uma coisa velha. E, se o Suprimentos estiver com a gente, teremos uma chance. Senão, talvez sejam nossos corpos a assombrar sua vista do *exterior*, que eu agora acho que deve ser menos podre do que a droga deste silo!

Knox lançou a última frase em um desafio aberto a todos os tabus. Ele a pronunciou e desfrutou seu sabor, a admissão de que algo além daquelas paredes curvas podia ser melhor do que o que havia dentro delas. O murmúrio que já matara tanta gente tornou-se um rugido rouco partindo do fundo de seu peito largo.

E a sensação era boa.

McLain estremeceu e afastou-se. Havia algo parecido com medo em seus olhos. Ela deu as costas para Knox para ver a reação do seu grupo, e ele percebeu que tinha fracassado. Houvera uma chance, por menor que fosse, de inspirar ação naquela multidão silenciosa e imóvel, mas o momento tinha lhe escapado, ou ele o espantara.

Então McLain fez algo. Knox viu os tendões em seu pescoço magro se moverem. Ela ergueu o queixo, os cabelos brancos em um coque bem preso no alto da cabeça, e disse, em voz baixa:

— O que vocês acham, Suprimentos?

Era uma pergunta, não uma ordem. Knox mais tarde se questionaria se a frase não guardava certa tristeza. Se ela subestimara sua gente, que ouvira com paciência a loucura dele. Também se questionaria se ela estava apenas curiosa ou se os estava desafiando a expulsar o grupo de mecânicos.

Mas naquele momento percebeu, com lágrimas correndo pelo rosto e lembranças de Juliette tomando seu coração, que quase não era possível ouvir seus poucos funcionários gritando, abafados pelos brados irados de guerra dos bons homens e mulheres do Suprimentos.

41

Lukas seguiu Bernard pelos corredores da TI. Técnicos nervosos abriam caminho e se espalhavam à frente deles como insetos noturnos assustados pela luz. Bernard parecia não notar os técnicos se encolhendo nos escritórios e espiando pelas janelas. Lukas tinha que correr para acompanhá-lo. Seus olhos iam de um lado para o outro, e ele se sentia exposto com os olhares de tantas pessoas escondidas.

— Será que já não estou velho demais para ser sombra de outra função? — perguntou.

Ele tinha certeza de que não havia aceitado a oferta, pelo menos não verbalmente, mas Bernard falava como se estivesse tudo resolvido.

— Bobagem — respondeu o homem. — Não vai ser uma sombra normal. — Ele balançou a mão no vazio. — Você vai seguir com suas tarefas como antes. Só preciso de alguém que possa assumir, que saiba o que fazer caso algo me aconteça. Meu testamento...

Ele parou diante da porta pesada da sala dos servidores e se virou para encarar Lukas.

— Se isso acontecesse, em uma emergência, meu testamento iria explicar tudo para o chefe seguinte, mas... — Ele olhou por cima do ombro de Lukas para o corredor. — Sims é meu testamenteiro, o que teremos que mudar. Só não acho que isso vá ser muito simples...

Bernard esfregou o queixo e se perdeu em pensamentos. Lukas esperou por um instante, então foi até o lado dele e digitou o código no painel ao lado da porta, pegou sua identificação no bolso, se assegurou de que era mesmo a sua, e não a de Juliette, e passou o cartão pela leitora. A porta fez um estalido e se abriu, arrancando Bernard de seus pensamentos.

— É, isso, assim vai ser bem melhor. Não que eu pretenda ir a algum lugar, veja bem.

Ele ajeitou os óculos e passou pela porta pesada de aço. Lukas foi atrás, empurrando a monstruosidade para fechá-la e esperando que as trancas se

travassem.

— Mas, se alguma coisa acontecesse com você, eu cuidaria da limpeza?

Lukas não conseguia imaginar isso. Ele desconfiava que havia mais a saber sobre aqueles trajes do que sobre os servidores. Sammi era mais indicado para o serviço e ia *de verdade* querer o emprego. Além disso, se Lukas aceitasse, teria que abandonar seus mapas estelares?

— Isso é uma pequena parte do trabalho, mas sim. — Bernard guiou Lukas por entre os servidores, passou pelo número treze, com sua tela apagada e os ventiladores desligados, e foi até o fundo da sala. — Estas são as chaves para o verdadeiro coração do silo — disse, puxando um chaveiro tilintante de seu macacão, as chaves presas a um fio de couro pendurado em seu pescoço, que Lukas nunca notara antes.

— Há outras coisas neste gabinete que, com o tempo, você vai conhecer. Por enquanto, você só precisa saber como chegar lá embaixo.

Ele enfiou a chave em várias fechaduras na parte de trás do servidor, trancas desenhadas para se parecerem com buracos aparafusados. Que servidor era aquele? Vinte e oito? Lukas olhou ao redor e tentou contar sua posição, e se deu conta de que nunca o haviam mandado fazer manutenção naquela torre.

Houve um leve clangor metálico quando a parte de trás saiu. Bernard a afastou para o lado, e Lukas viu por que nunca havia trabalhado naquela máquina. Estava praticamente vazia, apenas uma casca, como se suas peças tivessem sido retiradas ao longo dos anos.

— É fundamental trancar isso depois de voltar.

Lukas observou enquanto Bernard segurou uma maçaneta no fundo do gabinete vazio e a puxou, e de perto ele ouviu um ruído metálico suave.

— Depois de botar a grade de volta no lugar, você simplesmente aperta isso para fechar direito.

Lukas estava prestes a perguntar “Que grade?” quando Bernard se afastou para o lado e enfiou os dedos em vãos no piso. Com um grunhido, ele puxou para cima a pesada tampa de metal e começou a empurrá-la para o lado. Lukas pulou para o outro lado e se abaixou para ajudar.

— As escadas...? — começou ele.

— Elas não dão acesso a essa parte do trigésimo quinto. — Bernard acenou para uma escada que descia por um vão. — Você primeiro.

A cabeça de Lukas girava com aquela repentina reviravolta em seu dia. Ao se abaixar para agarrar a escadinha, sentiu o conteúdo de seus bolsos se mover, e levantou a mão para segurar o relógio, o anel e a identificação de Juliette. Em

que ele estava pensando? Em que estava pensando antes? No que estava pensando agora? Começou a descer pela escada comprida sentindo como se alguém tivesse iniciado uma rotina automática em seu cérebro, usado um programa que assumira o controle de seu corpo. Debaixo das escadas, observou Bernard descer os primeiros degraus e depois botar a grade no lugar, trancando os dois naquela masmorra escura embaixo da já muito fortificada sala dos servidores.

— Você está prestes a receber um grande presente — disse Bernard na escuridão. — Como eu também recebi.

Ele acendeu uma luz, e Lukas viu que seu chefe estava com um sorriso maníaco, sem traços da raiva de antes. Era um novo homem à sua frente, um homem ávido e confiante.

— O silo inteiro e todas as pessoas aqui dentro dependem do que estou prestes a lhe mostrar — disse Bernard.

Ele conduziu Lukas pelo corredor estreito, mas bem iluminado, na direção de uma sala maior. Os servidores pareciam estar muito acima. Lukas se sentiu isolado de todas as outras almas do silo. Estava curioso, mas também com medo; não tinha certeza se queria tanta responsabilidade e se amaldiçoou por estar concordando com aquilo.

Apesar disso, seus pés seguiram em frente. Eles o levaram por aquela passagem secreta e chegaram a uma sala cheia de coisas estranhas e curiosas, um lugar que fazia com que o ato de mapear estrelas parecesse algo insignificante. Era um estúdio onde a noção de escala do mundo, de *tamanho*, assumia proporções inteiramente novas.

42

Juliette deixou o capacete sujo de sopa no chão e seguiu na direção da pálida luz verde. Parecia mais forte que antes, e ela se perguntou quanto daquela escuridão tinha sido por causa do capacete. À medida que ia voltando a raciocinar, lembrou-se de que não era através de um pedaço de vidro que ela enxergava, mas através de alguma tela infernal que pegava o mundo como ela o via e o cobria com uma mentira. Talvez isso tivesse prejudicado sua visão.

Ela percebeu que o fedor de seu traje ensopado a seguia, o cheiro de vegetais podres e mofo, ou talvez fossem os vapores tóxicos do mundo exterior. Sua garganta queimava um pouco enquanto ela atravessava o refeitório na direção das escadarias, e sua pele começou a coçar — Juliette não sabia se de medo, imaginação ou se realmente havia algo no ar. Ela não ousava tentar descobrir, por isso prendeu a respiração, correu o mais rápido que suas pernas esgotadas conseguiram e fez a volta até o local onde sabia que estariam as escadas.

Este mundo é igual ao meu, pensou consigo, descendo aos tropeções o primeiro lance de escadas sob o brilho doentio das luzes de emergência. *Deus construiu mais de um.*

Suas botas pesadas, ainda sujas de sopa, pareciam prestes a derrapar nos degraus de metal. Quando chegou à plataforma do segundo piso, fez uma pausa, inalou alguns grandes haustos de ar, menos dolorosos, e considerou qual seria a melhor maneira de se livrar daquela roupa infernal e volumosa que dificultava cada movimento e fedia a podridão e ao ar do exterior. Ela olhou para os braços. Precisara de ajuda para vestir aquilo. Havia zíperes duplos nas costas, camadas de velcro, quilômetros de fita térmica. Olhou para a faca em sua mão, repentinamente grata por não tê-la deixado cair depois de tirar o capacete.

Segurando a faca meio desajeitadamente, ela inseriu com cuidado a ponta na manga do outro antebraço, bem na altura do cotovelo. Fez força, a lâmina virada para cima, para ela não correr o risco de se cortar caso a faca rasgasse de uma vez todas as camadas do traje. O tecido era resistente, mas enfim ela conseguiu rompê-lo girando a lâmina. Enfiou mais a faca nesse buraquinho, o lado sem

corte ainda virado para a pele, e foi abrindo o traje. Quando a ponta da lâmina rasgou o tecido entre seus dedos, ela conseguiu passar a mão pelo grande corte que fizera, e a manga do traje ficou pendurada em seu cotovelo.

Juliette se sentou no chão, segurou a faca com a mão recém-libertada e foi para o outro braço. Liberou a outra mão também, sopa escorrendo pelos ombros e braços. Em seguida, começou a abrir um corte no peito, manejando melhor a faca sem as luvas grossas. Rasgou a camada exterior, metálica, se descascando como se fosse uma laranja. O colar duro em que o capacete se prendia não tinha como sair, porque estava preso à roupa de baixo cinza-grafite e aos zíperes reforçados nas costas. Mas, pedaço por pedaço, ela removeu a camada brilhante, coberta com uma sujeira que ela atribuía em parte à sopa e em parte à sua caminhada pelos morros.

Depois foi a vez das botas. Primeiro ela fez um corte no traje ao redor dos tornozelos. Dali, rasgou as laterais das botas e soltou um pé de cada vez.

Antes de limpar o que sobrou da roupa ou se preocupar com o material ainda preso ao zíper nas costas, ela ficou de pé e desceu correndo os degraus, distanciando-se ainda mais do ar viciado do alto, que parecia arranhar sua garganta. Desceu mais dois níveis, flutuando na pálida luz verde da escada, e só então pôde apreciar o fato de que estava viva.

Ela estava viva.

Independentemente de quanto aquilo durasse, a novidade era bela e brutal para Juliette. Ela passara três dias subindo uma longa escada parecida com aquela enquanto se dava conta de seu destino. Passara mais um dia e uma noite em uma cela construída para os mortos que pontilhavam a paisagem. E então... aquilo. Aquela caminhada impossível pelo exterior inóspito e proibido, transpondo o impenetrável e o desconhecido. A sobrevivência.

Não importava o que acontecesse depois; naquele momento, Juliette descia descalça e a toda as escadas desconhecidas, sentindo o aço frio nos pés que formigavam. O ar queimava menos sua garganta a cada nova inspiração, e o fedor forte e a memória da morte lá em cima ficavam mais distantes. Logo havia apenas os passos de sua alegre descida ecoando por uma escuridão solitária e vazia, como um sino abafado que tocasse não pelos mortos, mas pelos vivos.

* * *

Ela parou no sexto andar e descansou enquanto removia o que restava de seu traje de proteção. Com cuidado, cortou a roupa de baixo cinza-grafite na altura

do ombro e da clavícula, circulando o pescoço. Depois enfiou as mãos por trás e rasgou o traje, as tiras de fita térmica ainda presas a ele. Quando o colar de encaixe do capacete se soltou do tecido, e apenas o zíper ficou pendurado como uma segunda coluna vertebral ao longo de suas costas, ela finalmente conseguiu tirá-lo do pescoço. Ela o passou pela cabeça e o jogou no chão, depois se livrou do restante de tecido de carbono, descascando braços e pernas e deixando todo o material em uma pilha do lado de fora das portas duplas do nível seis.

O sexto devia ser um pavimento de apartamentos, pensou, e considerou entrar e gritar por ajuda ou procurar por roupas e suprimentos nos muitos quartos, mas seu impulso mais forte era descer. A parte de cima parecia envenenada e próxima demais. Não fazia diferença se fosse tudo um produto de sua imaginação ou o reflexo de suas experiências horríveis morando no topo de seu próprio silo. Seu corpo sentia certa repulsa pelo lugar. A segurança estava lá embaixo. Ela sempre sentira isso.

Uma imagem da cozinha ainda lhe dava esperança: as fileiras e fileiras de alimentos das parcas colheitas enlatados e engarrafados. Juliette achou que devia haver mais nos refeitórios dos níveis inferiores. E o ar no silo parecia razoavelmente bom agora que ela recuperava o fôlego. A pontada em seus pulmões e o gosto ruim na boca haviam desaparecido. Ou o enorme silo guardara bastante ar — que agora não era mais consumido por ninguém —, ou ainda havia alguma fonte. Todos esses pensamentos a encheram de esperança, essa avaliação dos recursos. Então ela deixou sua roupa suja e em farrapos para trás e, armada apenas com uma faca grande de cozinha, desceu nua as escadas em curva, sentindo o corpo mais vivo a cada degrau, sua mente se tornando mais determinada a manter o resto dela assim também.

* * *

No décimo terceiro andar, ela parou e conferiu o que havia atrás das portas. Sempre existia a possibilidade de que aquele silo fosse completamente diferente, por isso não faria muito sentido se planejar com antecedência sem saber o que esperar. Havia apenas algumas áreas da parte superior com as quais Juliette era bem familiarizada, e cada pedaço que conferia parecia uma cópia perfeita de seu silo. Décimo terceiro, um andar que ela conheceria com certeza. Havia algumas coisas que tinha aprendido muito jovem e que ficaram tão profundamente arraigadas que pareciam pedrinhas em sua cabeça. Essas deviam ser as partes dela que apodreceriam por último, os pedaços que restariam depois que tudo

mais se desfizesse ao vento ou fosse absorvido pela terra e pelas raízes. Em sua cabeça, enquanto empurrava e abria um pouquinho a porta, ela não estava em um silo diferente, em uma casca abandonada de silo, mas em seu passado, abrindo uma porta para sua juventude.

Estava escuro lá dentro. Nenhuma das luzes de segurança ou de emergência estava acesa. Havia um cheiro diferente. O ar era estagnado, e havia um odor estranho de decomposição.

Juliette gritou do início do corredor:

— Olá?

Ela ouviu sua voz ecoar de volta nas paredes vazias. A voz que retornou parecia distante, mais fraca e mais aguda que a dela. Imaginou-se aos nove anos, correndo por aqueles mesmos corredores, gritando para a versão mais velha de si mesma. Ela tentou visualizar a mãe correndo atrás da menina, tentando agarrá-la e obrigá-la a ficar quieta, mas os fantasmas se evaporaram na escuridão. O último dos ecos sumiu, deixando-a nua e sozinha na porta.

Quando seus olhos se adaptaram, ela conseguiu ver com alguma dificuldade o balcão da recepção no fim do corredor. Havia luz se refletindo no vidro bem no lugar onde ele deveria estar. Era exatamente a mesma planta baixa do berçário em que seu pai trabalhava nos níveis intermediários, lugar onde ela não apenas nascera, mas também tinha crescido. Era difícil acreditar que aquele era um lugar *diferente*. Que *outras* pessoas tinham vivido ali, outras crianças haviam nascido, brincado e crescido a apenas uma colina de distância. Brincaram, correram umas atrás das outras ou fizeram competições de salto ou qualquer brincadeira que tivessem inventado, todas sem saber da existência umas das outras. Talvez fosse por estar parada na entrada de um berçário, mas ela não conseguia evitar pensar em todas as vidas que aquele lugar contivera. Pessoas que cresceram, se apaixonaram e enterraram seus mortos.

Toda aquela gente no *exterior*. Pessoas que Juliette tinha profanado com suas botas, espalhando ossos e cinzas enquanto abria caminho para o exato lugar de onde elas tinham fugido. Juliette se perguntou há quanto tempo aquilo acontecera, há quanto tempo o silo tinha sido abandonado. *O que* tinha acontecido ali? As escadas ainda estavam iluminadas, o que significava que as baterias ainda tinham alguma carga. Ela precisava de papel para fazer as contas necessárias e saber se elas tinham morrido havia muito ou pouco tempo. Havia razões práticas para querer saber isso, além da mera coceira da curiosidade.

Com um último olhar para o interior, um último encolher de ombros de arrependimento por não ter parado para ver o pai nas últimas vezes em que havia

passado por seu berçário, Juliette fechou a porta para a escuridão e os fantasmas e refletiu sobre sua situação. Podia muito bem estar absolutamente sozinha em um silo moribundo. A emoção de estar viva estava se esgotando, substituída pela realidade de sua solidão e pela fragilidade da sua sobrevivência. Seu estômago roncou, concordando. De algum modo, ela ainda sentia em si mesma o cheiro da sopa podre, podia sentir na boca o gosto do ácido estomacal que viera com o vômito. Precisava de água. Precisava de roupas. Essas necessidades básicas viraram prioridade diante da seriedade daquela situação, das tarefas desafiadoras pela frente, deixando para trás os arrependimentos do passado.

Se a planta fosse a mesma, a primeira fazenda hidropônica ficaria quatro níveis abaixo, e a maior das duas fazendas de terra estaria um pouco depois. Juliette tremeu com uma corrente de ar frio que subia. As escadas criavam seu próprio ciclo térmico, e a temperatura continuaria a cair à medida que fosse descendo. Mas ela seguiu assim mesmo: quanto mais fundo, melhor. No nível seguinte, abriu a porta. Estava escuro demais para ver além do primeiro corredor, mas pareciam escritórios ou salas de trabalho. Tentou se lembrar do que havia no décimo quarto andar de seu silo, mas não sabia. Não era incrível que não soubesse? Os andares superiores de seu próprio lar, de algum modo, eram desconhecidos para ela. Isso fazia com que aquele novo silo fosse algo completamente estranho.

Segurou aberta a porta do décimo quarto nível e enfiou a faca entre as fendas da grade que havia no piso de todas as plataformas de andar depois das escadas. O cabo ficou para cima, funcionando como um calço. Ela deixou que a porta se fechasse, impulsionada pelas molas nas dobradiças, até parar no cabo, o que a manteve aberta. Isso deixava entrar luz suficiente para que ela pelo menos tentasse descobrir o que existia nas salas mais próximas.

Não havia macacões pendurados atrás das portas, mas uma sala estava arrumada para reuniões. A água nos jarros já evaporara fazia tempo, mas a toalha de mesa roxa parecia bastante quente. Melhor do que ficar nua. Juliette tirou as variadas xícaras, pratos e jarras de cima do tecido e passou-o em torno dos ombros, mas ele iria escorregar quando andasse, então tentou dar alguns nós na frente. Isso também não funcionou, assim ela voltou à plataforma do andar, onde havia mais luz, e tirou o tecido mais uma vez. Com a faca — a porta se fechou com um rangido arrepiante atrás dela —, Juliette perfurou o centro do pano e fez um corte, por onde passou a cabeça, mas a toalha era grande demais e caía em seus pés. Alguns minutos depois, ela tinha cortado o excesso de tecido e feito um cinto com uma tira comprida. Com outro retalho, fez uma espécie de lenço para

cobrir a cabeça e mantê-la aquecida.

Era bom fazer alguma coisa, usar a inteligência para solucionar um problema específico. Juliette tinha uma ferramenta, uma arma, se necessário, e roupas. A lista de tarefas impossíveis tinha ficado um pouco menor. Ela continuou a descer, sentindo os pés gelados nas escadas, sonhando com botas, água... e bastante consciente do muito que ainda tinha por fazer.

No décimo quinto nível, ela se lembrou de outra necessidade quando suas pernas cansadas quase cederam. Seus joelhos dobraram, ela agarrou o corrimão e se deu conta, à medida que a adrenalina ia deixando suas veias, de que estava morta de cansaço. Parou na plataforma do andar, com as mãos nos joelhos, e respirou fundo algumas vezes. Quanto tempo havia se passado? Quanto mais conseguiria resistir? Conferiu seu reflexo na lâmina da faca, viu como sua aparência estava horrorosa e decidiu descansar antes de prosseguir. Descansar agora, enquanto ainda estava quente e não morreria de frio.

Era tentador explorar aquele nível em busca de uma cama, mas Juliette resolveu não fazê-lo. Não haveria muito conforto na escuridão absoluta atrás daquelas portas. Então ela se encolheu na grade do piso do décimo quinto andar, pôs as mãos embaixo da cabeça e ajeitou a toalha de mesa para cobrir cada pedaço de sua pele. E, antes que conseguisse repassar a lista que estava se formando em sua cabeça, foi dominada pela exaustão. Ela pegou no sono, com apenas um instante de pânico durante o qual achou que não deveria estar tão cansada, que aquele podia ser um daqueles cochilos dos quais as pessoas nunca acordam, que ela estava destinada a se juntar aos residentes daquele lugar estranho, enroscada, imóvel, congelada e sem vida, apodrecendo e se desfazendo...

43

– Você entende o que está nos propondo fazer?

Knox olhou para McLain, focando em seus olhos enrugados e penetrantes com toda a segurança que conseguiu reunir. Aquela mulher pequena, que controlava todas as peças sobressalentes e a produção do silo, era uma figura surpreendentemente imponente. Não tinha o peito largo de Knox nem a barba cheia, seus pulsos eram pouco maiores que dois dedos dele, mas seus olhos cinzentos eram intensos, com o peso dos anos difíceis, e faziam com que Knox se sentisse uma sombra na presença dela.

— Não é um levante — disse ele. As palavras proibidas saíam facilmente, lubrificadas pelo hábito e pelo momento. — Estamos apenas acertando as coisas.

McLain torceu o nariz.

— Tenho certeza de que tinha sido isso o que disseram meus bisavós.

Ela puxou para trás alguns fios soltos de cabelos grisalhos e olhou com atenção para a planta aberta entre eles. Era como se soubesse que aquilo era errado, mas tivesse se resignado a ajudar em vez de impedir. Talvez fosse a idade, pensou Knox, olhando para aquele couro cabeludo rosado através de cabelos tão ralos e brancos que pareciam filamentos de vidro. Talvez, por terem passado tempo bastante dentro daquelas paredes, as pessoas aceitassem que as coisas nunca iriam melhorar, nem mesmo mudar muito. Ou talvez uma pessoa acabasse perdendo a esperança de que houvesse algo que valesse realmente a pena preservar.

Knox baixou os olhos para a planta e desamassou os vincos do papel fino. Repentinamente ficou muito consciente das próprias mãos, de como seus dedos eram grossos e sujos de graxa. Ele se perguntou se McLain o via como um brutamontes que subiu até ali com ilusões de justiça, e percebeu que ela era velha o bastante para considerá-lo jovem. Jovem e esquentado, enquanto ele se via como um velho sábio.

Um dos muitos cães que viviam em meio às pilhas do Suprimentos rosnou insatisfeito embaixo da mesa, como se todo aquele planejamento de guerra

estivesse estragando sua soneca.

— Acho mais seguro supor que a TI sabe que alguma coisa vai acontecer — disse McLain, passando as mãos pequeninas pelos muitos andares que os separavam do trigésimo quarto.

— Por quê? Você não acha que fomos discretos ao subir?

Ela sorriu para ele.

— Tenho certeza de que foram, mas é melhor supor isso porque seria mais perigoso pensar o contrário.

Ele assentiu e mordeu a barba logo abaixo do lábio inferior.

— Quanto tempo vai levar para os outros mecânicos chegarem aqui? — perguntou McLain.

— Eles vão partir por volta das dez da noite, quando as escadas estão mais vazias, e chegarão aqui por volta das duas ou três da manhã, no máximo. Talvez demorem porque virão com carga.

— E você acha que uma dúzia de homens é suficiente para manter as coisas funcionando lá embaixo?

— Se não houver nenhum defeito grande, sim. — Ele coçou a nuca. — De que lado você acha que os portadores vão ficar? E o pessoal dos níveis intermediários?

Ela encolheu os ombros.

— A maioria dos intermediários se considera gente do topo. Eu sei, passei minha infância lá em cima. Vão ver a vista e tomar café sempre que podem, justificando a subida. O pessoal dos níveis superiores é outra história. Acho que temos mais esperança entre eles.

Knox não teve certeza de que a ouvira corretamente.

— O quê?

Ela ergueu os olhos para ele, e Knox sentiu o cachorro cheirando suas botas, à procura de companhia ou calor.

— Pense nisso — disse McLain. — Por que você está tão nervoso? Porque perdeu um grande amigo? Isso acontece o tempo todo. Não, é porque *mentiram* para você. E as pessoas lá do alto vão sentir isso com mais força ainda, confie em mim. Elas convivem com as pessoas que mentiram. O pessoal dos níveis intermediários, os que aspiram ao topo sem saber e que nos olham com desprezo, sem compaixão, esses serão os mais relutantes.

— Então acha que temos aliados lá em cima?

— Aliados que não conseguiremos alcançar, sim. E seria necessário convencê-los. Um belo discurso como aquele com o qual você envenenou meu pessoal.

Ela o presenteou com um raro sorriso, e Knox se viu retribuindo-o, radiante. Naquele momento, ele soube instantaneamente por que as pessoas eram tão devotadas a ela. Era parecido com a influência que ele tinha sobre os outros, mas por razões diferentes. As pessoas o temiam e queriam se sentir seguras. Mas elas respeitavam McLain, e queriam se sentir amadas.

— O grande problema é que os níveis intermediários nos separam da TI. — McLain deslizou a mão pela planta. — Então precisamos passar por aqui rapidamente, mas sem começar uma luta.

— Achei que íamos simplesmente atacar antes do amanhecer — resmungou Knox.

Ele se encostou na cadeira e olhou para o cachorro embaixo da mesa, que já estava meio sentado em uma de suas botas e o olhava com uma língua tola para fora e a cauda abanando. Tudo o que Knox via no animal era uma máquina que comia e cagava demais. Uma bola peluda de carne que ele não podia comer. Cutucou o bicho sujo e o tirou de cima da bota.

— Sai — disse ele.

— Jackson, venha cá — falou McLain, e estalou os dedos.

— Não sei por que vocês mantêm essas coisas por aí, muito menos por que criam mais delas.

— Você não ia entender — devolveu McLain. — Eles fazem bem à alma, para aqueles de nós que têm uma.

Ele conferiu para ver se ela estava falando sério e percebeu-a sorrindo com mais facilidade agora.

— Bem, depois de botarmos esse lugar nos eixos, vou querer criar uma loteria para eles também. Para manter seu número sob controle. — Knox retribuiu o sorriso sarcástico dela.

Jackson ganiu até que McLain esticou a mão e o afagou.

— Se fôssemos leais uns com os outros como eles, nunca haveria a necessidade de se *fazer* um levante — disse ela, olhando para ele.

Ele baixou a cabeça, incapaz de concordar. Houve alguns cães na Mecânica ao longo dos anos, o bastante para ele saber que algumas pessoas sentiam isso, mesmo que não fosse o seu caso. Knox sempre sacudia a cabeça para aqueles que gastavam dinheiros, fruto de trabalho duro, para engordar um animal que nunca ia devolver esse favor. Quando Jackson atravessou por baixo da mesa, choramingando por carinho, Knox deixou as mãos estendidas sobre a planta, em desafio.

— Para essa viagem lá para cima, vamos precisar de uma distração — disse

McLain. — Algo que reduza o número de pessoas nos níveis intermediários. Seria bom se conseguíssemos que mais deles fossem para o topo, porque vamos fazer muito barulho movendo essa gente toda escadaria acima.

— Nós? Espere, você não está pensando em vir...

— Se minha equipe vai, claro que eu vou também. — Ela inclinou a cabeça. — Há cinquenta anos subo e desço os degraus do estoque. Acha que alguns lances de escada vão me incomodar?

Knox não achava que *algo* pudesse incomodá-la. O rabo de Jackson batia na perna da mesa enquanto o cão estava ali, parado, olhando para ele com aquele sorriso idiota que sua espécie normalmente exibia.

— E se soldarmos as portas fechadas quando subirmos? — perguntou Knox. — Mantê-los lá dentro até que tudo acabe.

— E fazer o que depois? Só pedir desculpas? E se tudo isso levar semanas?

— Semanas?

— Você não acha que vai ser tão fácil assim, acha? Só subir até lá e assumir o comando?

— Não tenho ilusões sobre o que virá depois. — Ele apontou para a porta do escritório dela, que dava para as oficinas cheias de máquinas barulhentas. — Nosso pessoal está construindo instrumentos de guerra, e pretendo usá-los em caso de necessidade. Eu adoraria uma transferência pacífica e ficaria bem satisfeito em mandar Bernard e alguns outros para a limpeza, mas também nunca tive medo de sujar as mãos.

McLain assentiu.

— Bem, então isso está bem claro entre nós...

— Claro como água — disse ele.

Ele bateu palmas: uma ideia estava se formando. Jackson levou um susto e se afastou com o barulho repentino.

— Já sei — disse a ela. — Uma distração. — Ele apontou para os andares mais baixos da Mecânica na planta. — E se fizermos com que Jenkins provoque um apagão em cascata? Podíamos começar alguns níveis acima deste ou, ainda melhor, nas fazendas e refeitórios. E colocaremos a culpa no conserto recente feito no gerador...

— E você acha que os níveis intermediários vão ficar vazios? — indagou ela, semicerrando os olhos.

— Se quiserem uma refeição quente. Ou vão acabar encolhidos no escuro.

— Acho que vão ficar fofocando na escada e se perguntando o porquê de toda a confusão. Ainda mais gente no nosso caminho.

— Então, diremos a eles que estamos subindo para resolver o problema! — Knox começou a se sentir um pouco frustrado; o maldito cão estava sentado em sua bota de novo.

— *Subir* para resolver o problema? — riu McLain. — Qual foi a última vez que *isso* fez algum sentido?

Knox cofiou a barba. Não entendia o que havia de tão complicado ali. Eles eram muitos. Trabalhavam o dia inteiro com ferramentas. Iam encher os técnicos de porrada, homenzinhos como Bernard que ficavam com a bunda sentada na cadeira digitando em seus teclados como idiotas. Só precisavam subir até lá e *agir*.

— Tem alguma ideia melhor? — perguntou ele.

— Precisamos ter sempre em mente o *depois* — disse McLain. — Depois de espancar umas pessoas até a morte e o sangue escorrer pelas grades das escadas, o que acontece? Quer as pessoas com medo de que isso ou qualquer coisa que você tenha feito com eles para chegar lá se repita?

— Só quero atingir os que mentiram — disse ele. — É tudo o que qualquer um de nós quer. *Todos* vivemos com medo. Medo do exterior. Medo da limpeza. Temendo até mesmo falar sobre um mundo melhor. E nada disso é verdade. O sistema foi manipulado para fazer com que aceitemos tudo de cabeça baixa...

Jackson latiu para ele e começou a ganir. Sua cauda varria o chão como um tubo de ar solto, fora de controle.

— Acho que é isso — disse ele. — E, quando começarmos a falar sobre usar nosso conhecimento para explorar um mundo que só conhecemos de vista, acho que isso vai inspirar algumas pessoas. Droga, isso me dá esperança. Você não sente nada?

Ele baixou a mão e coçou a cabeça de Jackson, o que fez com que o animal parasse de fazer tanto barulho. McLain olhou para Knox por um tempo, depois finalmente balançou a cabeça, concordando.

— Vamos com as quedas de energia — disse ela de modo definitivo. — Esta noite, antes que aqueles que subirem para ver a limpeza voltem decepcionados. Vou levar um grupo com velas e lanternas, vai parecer uma missão bem-intencionada comandada pelo Suprimentos. Você vai atrás algumas horas mais tarde com o restante do pessoal. Vamos ver até onde essa história de conserto vai nos levar antes que os problemas apareçam. Tomara que haja bastante gente lá em cima, ou já na cama nos níveis intermediários, exausta demais por ter que subir para comer, para se importar com alguma confusão.

— De madrugada tem menos movimento — concordou Knox. — Então talvez

não encontremos muitos problemas.

— O objetivo é atacar a TI e dominá-la. Bernard ainda está bancando o prefeito, por isso provavelmente não vai estar lá. Mas ou ele vem até nós, ou vamos atrás dele depois que os trinta estiverem tomados. Não acho que ele vá resistir muito, não enquanto seus andares forem nossos.

— Concordo — disse Knox, e era bom ter um plano. Uma aliada. — E, ei, obrigado por isso.

McLain sorriu.

— Você faz um bom discurso para um cara sujo de graxa — disse ela. — Além disso... — Ela acenou com a cabeça na direção do cachorro. — Jackson gosta de você, e ele quase nunca se engana. Não sobre os homens.

Knox olhou para baixo e viu que ainda estava coçando o cachorro. Tirou a mão e viu o animal arfar, olhando para ele. Na sala ao lado, alguém riu de uma piada. As vozes de seus mecânicos se misturavam com as dos membros do Suprimentos, tudo suavemente abafado pela parede e a porta. Ao riso, juntava-se o ruído de barras de ferro sendo envergadas; lâminas de aço, afiadas; máquinas de rebites produzindo munição, em vez de ferramentas. E Knox sabia o que McLain queria dizer com lealdade. Viu nos olhos daquele cachorro idiota que o bicho faria por ele qualquer coisa que pedisse. E, com esse enorme peso no peito, dos muitos que se sentiam assim em relação a ele e a McLain, Knox chegou à conclusão de que esse era o fardo mais difícil de todos.

44

A fazenda de terra mais abaixo enchia as escadas com o odor forte de decomposição. Juliette ainda estava acordando enquanto descia mais um andar e começava a perceber o cheiro. Não tinha ideia de por quanto tempo havia dormido; pareciam dias, mas podiam ter sido horas. Ela acordou com o rosto apoiado na grade do piso, e por causa disso ficou com uma trama de linhas vermelhas marcando sua bochecha. Saiu dali imediatamente. Seu estômago doía de fome, o odor da fazenda a apressava. No vigésimo oitavo andar, o cheiro pungente pairava no ar tão forte que ela parecia nadar nele. Era o cheiro da morte, concluiu. De funerais. De terra enlameada remexida, liberando todas aquelas moléculas que penetravam no ar.

Ela parou no trigésimo andar, nas fazendas hidropônicas, e abriu as portas. Estava escuro lá dentro. Havia um barulho no corredor, o ruído de um ventilador ou um motor. Encontrar aquele barulhinho era estranho. Por um dia inteiro, não escutara nada além dos sons que ela mesma fazia. O brilho verde das luzes de emergência não era companhia. Era como o calor de um corpo moribundo, de baterias se exaurindo com o vazamento de fótons. Mas isso era algo *em movimento*, um som além de sua respiração e de seus passos, que se escondia nas profundezas dos corredores escuros das plantações hidropônicas.

Mais uma vez, deixou sua única ferramenta e arma para trás, a fim de manter a porta aberta e deixar passar um pouco de luz. Juliette entrou, o cheiro de vegetação não tão forte quanto na escada, e seguiu tateando pelo corredor com uma das mãos apoiada na parede. Os escritórios e a área da recepção estavam escuros e sem vida; o ar, seco. Não havia luz piscando na catraca, e ela não tinha cartão nem dinheiros para fazê-la girar. Pôs a mãos nos suportes e pulou-a. O pequeno ato de desafio era de algum modo poderoso, como se com isso Juliette tivesse aceitado a ausência de lei naquele lugar morto, sua completa falta de civilização, de regras.

A luz que vinha das escadas mal chegava à primeira das salas de cultivo. Ela esperou enquanto seus olhos se adaptavam, grata por essa habilidade

desenvolvida nas profundezas da Mecânica e no interior escuro de máquinas defeituosas. Quando enfim conseguiu enxergar, a visão não foi animadora. A fazenda hidropônica havia apodrecido. Caules grossos como cordas pendiam de diferentes pontos da trama de canos suspensos. A cena a ajudava a ter uma noção de quanto tempo atrás aquelas fazendas haviam sucumbido, ou mesmo o silo. Não fazia séculos, mas também não acontecera havia dias. Mesmo um intervalo tão grande parecia uma informação preciosa, a primeira pista para desvendar o que se passara naquele lugar misterioso.

Juliette bateu com os nós dos dedos em um cano, que, pelo barulho, parecia cheio.

Não havia plantas, mas havia água! Sua boca pareceu secar só de pensar. Juliette pulou por cima da grade de proteção e entrou na sala de cultivo. Levou a boca a um dos furos no local onde o caule de uma planta devia estar crescendo, colou bem os lábios e chupou. O que chegou à sua língua era turvo e repugnante, mas era água. E o gosto não era nada químico ou tóxico, só parecia algo orgânico em deterioração. Sujeira. Era só um pouco pior do que a graxa e o óleo em que ficara praticamente enfiada por duas décadas.

Então bebeu até se fartar. E se deu conta de que, agora que tinha água, se houvesse mais coisas a achar, mais pistas a descobrir, ela talvez conseguisse viver o bastante para reuni-las.

Antes de sair, Juliette arrancou um pedaço de cano da extremidade de uma tubulação, mantendo a tampa intacta de um dos lados. Era pequeno, cerca de três centímetros de diâmetro e pouco mais de cinquenta centímetros de comprimento, mas serviria como cantil. Ela puxou com cuidado o cano quebrado para baixo, deixando que a água fluísse daquele trecho. Enquanto enchia seu tubo, jogou água nas mãos e nos braços, ainda temerosa da contaminação do exterior.

Quando seu pedaço de cano estava cheio, Juliette voltou para a porta iluminada no fim do corredor. Havia três fazendas hidropônicas, todas com sistemas de irrigação fechados que passavam por corredores longos e sinuosos. Tentou fazer cálculos rápidos de cabeça, e todos diziam que havia água suficiente para um bom tempo. O gosto que ficara em sua boca era horroroso, e ela não se surpreenderia se seu estômago começasse a doer mais tarde, mas, se conseguisse acender um fogo, encontrar tecido ou papel velho o bastante para queimar, poderia ferver a água e melhorar a situação.

De volta às escadarias, retornou aos cheiros fortes que havia deixado para trás. Recuperou a faca e desceu mais um bom pedaço do silo, quase duas voltas completas nas escadas até a plataforma seguinte, e checou a porta.

O cheiro sem dúvida vinha das fazendas de terra. E Juliette ouviu o motor em funcionamento de novo, agora mais alto. Ela parou na porta, apoiou o cantil na grade e olhou para dentro.

O cheiro de vegetação era fortíssimo. À frente, sob a fraca luz verde, ela viu braços frondosos passando por cima das grades e chegando ao corredor. Ela pulou o portão e explorou a parte da frente dos canteiros, sempre com uma das mãos na parede enquanto os olhos se adaptavam de novo. Sem dúvida, havia uma bomba funcionando em algum lugar. Também podia ouvir o gotejar de água, de um vazamento ou de uma torneira aberta. Juliette sentia calafrios sempre que as folhas roçavam seus braços. O cheiro de deterioração agora era reconhecível: era o fedor de frutas e verduras apodrecendo e secando. Ela ouviu o zumbido das moscas, sons de vida.

Meteu a mão em um arbusto verde e denso e tateou por ali até que sua mão encontrou algo liso. Juliette deu um puxão e trouxe à luz um belo tomate. A linha de tempo que ela imaginara de repente encolheu. Por quanto tempo as fazendas de terra podiam se manter sozinhas? Seria necessário plantar tomates, ou eles cresciam todos os anos como ervas? Não lembrava. Deu uma mordida, mas o tomate ainda não estava completamente maduro. Ela ouviu um barulho às suas costas. Outra bomba ligando?

Ela se virou bem a tempo de ver a porta que dava para a escada bater e fechar, deixando a fazenda de terra em escuridão absoluta.

Juliette congelou. Esperou pelo som da faca caindo pelas escadas. Tentou imaginar que ela escorregara e se soltara sozinha. Sem luz, seus ouvidos pareceram se aproveitar da porção não utilizada do cérebro. Sua respiração e até sua pulsação pareciam audíveis, e o ruído da bomba agora estava mais alto. Com o tomate na mão, ela se agachou e se moveu na direção da outra parede, os braços esticados à frente para encontrar o caminho. Seguiu na direção da saída, permanecendo abaixada para evitar as plantas, tentando se acalmar. Não havia fantasmas ali, nada a temer. Repetiu isso para si mesma enquanto engatinhava lentamente.

Então sentiu um braço acima dela, tocando seu ombro. Juliette soltou um grito e largou o tomate. O braço a mantinha agachada enquanto tentava se levantar. Ela tentou bater no intruso, tentando se soltar, seu lenço de toalha de mesa arrancado, até que finalmente sentiu o aço gelado da catraca de entrada. Uma das barras, que se projetava no meio do corredor. Sentiu-se uma idiota.

— Você quase me provocou um ataque cardíaco — disse ela para a máquina.

Segurou-se nas laterais da catraca e ficou de pé. Ia voltar para buscar comida

assim que conseguisse iluminação. Ao deixar a catraca e seguir para a saída, uma das mãos na parede e a outra tateando às cegas à frente, Juliette se perguntou se agora ia começar a falar com objetos. Se ia começar a ficar maluca. À medida que a escuridão a envolvia, percebeu que seu modo de ver a situação mudava a cada minuto. Conformada com a morte no dia anterior, agora ela temia uma mera insanidade.

Já era alguma coisa.

Sua mão finalmente encontrou a porta, que Juliette empurrou e abriu. Praguejou por ter perdido a faca, que não estava mesmo na grade. Perguntou-se quantos níveis ela poderia ter caído, se iria encontrá-la outra vez, ou talvez achar outra. Ela se virou para pegar o cantil...

E viu que ele também tinha sumido.

Juliette sentiu sua visão escurecer, o coração acelerar. Refletiu se a porta, ao fechar, talvez tivesse derrubado o cantil. E se perguntou como a faca poderia ter caído por um vão mais estreito que o cabo. E, conforme suas têmporas começaram a latejar menos, ela ouviu mais alguma coisa.

Passos.

Ressoando nas escadas abaixo dela.

Correndo.

45

As bancadas no Suprimentos transbordavam com os instrumentos de guerra. Armas de fogo, recém-produzidas e totalmente proibidas, estavam alinhadas como barras de aço. Knox apanhou uma, sentiu o calor no cano recém-raiado e perfurado, e segurou-a pela coronha para olhar o tambor. Enfiou a mão em um dos baldes cheios de balas reluzentes, os invólucros feitos de canos bem finos cheios de pólvora, e enfiou uma delas na arma nova em folha. Operar a máquina parecia simples o bastante: mirar e puxar o gatilho.

— Veja bem para onde aponta isso — disse um dos homens do Suprimentos, saindo do caminho.

Knox ergueu o cano para o teto e tentou imaginar o que uma coisa daquelas podia fazer. Ele só tinha visto um revólver — uma vez, menor que aquilo, na cintura do velho delegado —, uma arma que ele sempre achara que seria mais para impressionar. Encheu os bolsos com um bom punhado dos cartuchos mortais, pensando em como cada um deles podia encerrar uma vida e entendendo por que aquelas coisas eram proibidas. Matar alguém devia ser mais difícil do que agitar um pedaço de metal em sua direção. A hesitação deveria durar tempo o bastante para que a consciência da pessoa a impedisse.

Um dos trabalhadores do Suprimentos emergiu do estoque com uma caixa enorme nas mãos. Suas costas e ombros curvados disseram a Knox que aquilo estava pesado.

— Só umas vinte dessas até agora — disse o homem, depositando a carga na bancada.

Knox tirou um dos cilindros pesados de dentro da caixa. Seus mecânicos e até alguns homens e mulheres de amarelo olharam nervosos para a embalagem.

— Bata com esse lado em algo duro — disse o homem atrás do balcão, tão calmamente como se estivesse entregando um eletrodoméstico a um cliente e dando as últimas instruções de instalação. — Como uma parede, o chão, a coronha de sua arma... Qualquer coisa assim. E depois se livre disso.

— É seguro ficar andando com essa coisa? — perguntou Shirly enquanto

Knox botava uma no bolso.

— Ah, é. É preciso bater com bastante força.

Várias pessoas meteram a mão na caixa para pegar uma. Knox encontrou o olhar de McLain enquanto ela mesma pegava uma para si e a guardava no bolso do peito. A expressão em seu rosto era calma e desafiadora. Devia ter percebido como ele havia ficado decepcionado por ela ir também, e ele pôde dizer só de olhar que não havia possibilidade de dissuadi-la.

— Tudo bem — começou a falar a mulher, voltando seus olhos azul-acinzentados para os homens e mulheres reunidos ao redor do balcão. — Escutem. Temos que ficar espertos. Se pegaram uma arma, não esqueçam a munição. Peguem retalhos de lona ali e enrolem bem essas coisas para que ninguém perceba. Meu grupo parte em cinco minutos, entenderam? Quem estiver na segunda leva deve esperar no fundo, fora de vista.

Knox assentiu. Olhou para Marck e Shirly. Os dois estariam com ele na segunda leva. Os que subiam mais devagar iriam na frente, agindo naturalmente. As pernas mais ágeis seguiriam em marcha acelerada, e todos se encontrariam no trigésimo quarto andar ao mesmo tempo. Cada grupo sozinho já chamaria muita atenção. Juntos, poderiam muito bem marchar cantando suas intenções.

— Você está bem, chefe? — perguntou Shirly, apoiando o rifle no ombro e olhando seriamente para ele, que esfregou a barba e se perguntou quanto de seu estresse e medo estavam evidentes.

— Estou — resmungou. — Tudo bem.

Marck pegou uma bomba, guardou-a e pôs a mão no ombro da mulher. Knox sentiu uma pontada de dúvida. Preferia que as mulheres não tivessem que se envolver, pelo menos as casadas. Continuava a torcer para que a violência para a qual estavam se preparando não fosse necessária, mas estava ficando cada vez mais difícil acreditar nisso enquanto aquelas mãos ávidas pegavam mais armas. Agora, todos eram capazes de tirar uma vida, e Knox reconhecia que estavam com raiva o bastante para fazer isso.

McLain passou pela abertura no balcão e avaliou tudo com um olhar.

— Então é isso.

Ela estendeu a mão, e Knox a apertou. Admirava a força daquela mulher.

— Vejo você no trinta e cinco, e subiremos o último andar juntos — disse ele. — Deixem um pouco da diversão para a gente.

Ela esboçou um sorriso.

— Pode deixar.

— E boa subida. — Ele olhou para os homens e mulheres reunidos atrás dela.

— Para todos vocês. Boa sorte e até logo.

As pessoas balançaram a cabeça, sérias e determinadas. O pequeno exército de amarelo começou a formar uma fila diante da porta, mas Knox deteve McLain.

— Ei — disse ele. — Não arrumem problemas até a gente chegar, está bem?

Ela deu um tapinha no ombro dele e sorriu.

— E quando isso explodir — disse Knox —, espero que você fique bem nos fundos, atrás do...

McLain se aproximou dele e segurou uma das mangas de Knox. Seu rosto enrugado de repente assumiu uma expressão dura e séria.

— E me diga, onde você vai estar, Knox da Mecânica, quando as bombas forem detonadas? Quando estes homens e mulheres que nos seguem enfrentarem sua provação mais difícil, onde você vai estar?

Knox ficou surpreso pela agressão repentina, aquele sibilo baixo que caiu com a força de um grito.

— Você sabe onde eu... — começou a responder.

— É isso aí — interrompeu McLain, soltando o braço dele. — E pode ter certeza de que vai me encontrar lá.

46

Juliette permaneceu absolutamente imóvel e ouviu o som dos passos desaparecer pelas escadas. Sentia as vibrações na grade de proteção. Arrepios subiram por suas pernas e desceram pelos braços. Ela queria gritar, pedir que a pessoa parasse, mas a descarga repentina de adrenalina deixou seu peito frio e vazio. Era como um vento gelado que tivesse aberto passagem à força para o interior de seus pulmões, calando sua voz. Havia pessoas vivas no silo com ela. E estavam fugindo.

Ela se afastou da grade, atravessou correndo a plataforma do andar até chegar ao lance de escadas seguinte e desceu a uma velocidade louca, o mais rápido que suas pernas conseguiam levá-la. Um andar abaixo, quando a adrenalina diminuiu, ela encontrou fôlego para gritar:

— Pare!

Mas o som de seus pés descalços nas escadas de metal parecia afogar sua voz. Ela não conseguia mais escutar a pessoa correndo. Também não ousou parar para ouvir, temendo que os passos se afastassem demais. Quando passou pela porta do trigésimo primeiro, porém, começou a temer que, fosse quem fosse, tivesse entrado em um andar e escapado. E, se houvesse apenas um pequeno grupo escondido naquele silo enorme, ela talvez nunca os encontrasse. Não se eles não quisessem ser achados.

De algum modo, isso era mais assustador do que tudo: viver o resto de seus dias procurando comida e sobrevivendo naquele silo em ruínas, conversando com objetos inanimados, enquanto um grupo de pessoas fazia o mesmo e se mantinha escondido. A ideia a assustou tanto que demorou um pouco até pensar no oposto: que, em vez disso, aquele talvez fosse um grupo que *poderia* procurá-la, e não com as melhores intenções.

Podiam não ter boas intenções, mas tinham sua faca.

Juliette parou no trinta e dois para ouvir, as mãos agarradas ao corrimão. Prender a respiração para ficar em silêncio era praticamente impossível: seus pulmões gritavam por haustos profundos de ar. Mas ela ficou parada. Sentia a

pulsação na palma das mãos, batendo no corrimão frio.

O som de passos era nítido abaixo dela, e agora estava mais alto. Ela estava chegando perto! Saiu correndo de novo, encorajada, pulando três degraus de cada vez, o corpo inclinado conforme dançava descendo as escadas como na juventude, uma das mãos no corrimão em curva, a outra estendida à frente para manter o equilíbrio, a dianteira do pé mal tocando um degrau antes de voar para o seguinte. Ela se concentrava para não escorregar; uma queda podia ser mortal àquela velocidade. Imagens de braços e pernas engessados e histórias de velhos azarados que quebraram a bacia passavam por sua mente. Mesmo assim, ela seguia se esforçando ao máximo, quase voando de verdade. O trigésimo terceiro andar passou em um borrão. Meia espiral depois, algo mais que o barulho de seus passos, ela ouviu uma porta bater. Parou e olhou para cima. Debruçou-se no corrimão e olhou para baixo. Os passos tinham sumido. Restava apenas o ruído de sua respiração difícil.

Juliette desceu correndo outra volta de degraus e conferiu a porta do trinta e quatro. Não abriu, mas não estava trancada. A maçaneta fez um estalido, e a porta se moveu, mas ficou presa em algo. Juliette puxou com toda a força que conseguiu, mas nada aconteceu. Depois de mais um puxão, ela ouviu um *crack*. Apoiando um pé em uma das bandas das portas duplas, tentou uma terceira vez, puxando com toda a força, a cabeça jogada para trás chegou a estalar enquanto ela tentava aproximar os braços do peito e fazia força com o pé...

Alguma coisa se partiu. A porta se abriu com força, e ela soltou a maçaneta e caiu. De dentro, veio uma explosão de luz, um brilho repentino que jorrou da porta antes que ela batesse e fechasse de novo.

Juliette tateou a plataforma e agarrou a maçaneta outra vez. Puxou e abriu a porta, e se esforçou para ficar de pé. No corredor, havia a metade quebrada de um cabo de vassoura. A outra metade estava pendurada na maçaneta da porta ao lado. As duas se destacavam sob a claridade cegante ao redor. Todas as lâmpadas estavam funcionando à potência máxima, e os retângulos brilhantes no teto seguiam pelo corredor até se perderem de vista. Juliette tentou ouvir os passos, mas escutou apenas o zumbido das lâmpadas. O olho vermelho da catraca à sua frente piscava sem parar, como se soubesse de segredos que não iria contar.

Ela se levantou e foi até a máquina. À direita, havia uma parede de vidro que dava para uma sala de reuniões, também toda iluminada. Juliette pulou a catraca — o gesto estava se tornando um hábito — e gritou um “olá” mais uma vez. Sua voz ecoou de volta, mas soou diferente no ar iluminado, se isso era possível. Ali havia luz, eletricidade, outras pessoas para ouvir sua voz, o que tornava os ecos

de alguma forma mais fracos.

Passou por escritórios e olhou em todos eles buscando sinais de vida. O lugar estava uma bagunça. Havia gavetas jogadas no chão, arquivos de metal derrubados, papel precioso largado por toda parte. Uma das mesas estava à sua frente, e Juliette viu que o computador estava ligado, a tela cheia de letrinhas verdes. Ela parecia ter entrado em um mundo de sonhos. Em dois dias — supondo que tivesse dormido tanto —, seu cérebro tinha aos poucos se acostumado ao brilho verde e pálido das luzes de emergência, tinha se acostumado a uma vida sem civilização, uma vida sem energia. Ainda sentia o gosto da água salobra na língua, e agora caminhava por um ambiente de trabalho que, embora bagunçado, era normal. Imaginou o turno seguinte (será que escritórios como aquele tinham turnos?) voltando das escadas, rindo, organizando os papéis, colocando os móveis no lugar e retornando ao trabalho.

Pensar em trabalho a fez imaginar o que eles faziam ali. Juliette nunca vira uma sala com aquela disposição. Quase se esqueceu de seu voo escada abaixo enquanto remexia as coisas, tão curiosa em relação às salas e à energia elétrica quanto aos passos que a fizeram ir até aquele lugar. Depois de uma curva, deparou com uma porta de metal que, diferentemente das outras, não abria. Juliette tentou, mas ela mal se movia. Fez força com o ombro e empurrou, alguns centímetros por vez, até conseguir se espremer e passar. Teve que passar por cima de um arquivo alto de metal que tinha sido jogado atrás da porta, em uma tentativa de impedir que ela fosse aberta.

A sala era enorme, pelo menos tão grande quanto a do gerador, e muito maior que o refeitório. Estava cheia de móveis parecidos com grandes arquivos de metal, mas sem gavetas. Em vez disso, a frente deles era coberta de luzes que piscavam, vermelhas, verdes e âmbar.

Juliette remexeu em papéis que tinham caído do arquivo de metal. E se deu conta, enquanto fazia isso, de que não era possível que estivesse sozinha na sala. Alguém tinha empurrado o arquivo na frente da porta, e isso tinha que ter sido feito de *dentro*.

— Olá?

Juliette passou pela fileira de máquinas altas — supondo que fossem isso, máquinas. Elas zuniam com a eletricidade e, de vez em quando, pareciam girar ou emitir estalidos como se lá dentro algo estivesse trabalhando. Juliette se perguntou se aquilo seria uma usina de energia exótica, que talvez fornecesse luz. Ou aquelas coisas tinham montes de baterias em seu interior? Considerando todos os fios e cabos na parte de trás das unidades, a hipótese das baterias

parecia mais provável. Não era surpresa que as luzes estivessem ligadas e fortes. Aquele lugar era como vinte salas de baterias da Mecânica juntas.

— Tem alguém aí? — chamou ela. — Não quero lhe fazer mal.

Juliette caminhou pela sala atenta a qualquer movimento, até encontrar uma das máquinas com a porta aberta. Deu uma olhada e não viu baterias, mas placas, como as que Walker estava sempre soldando. Na verdade, o interior da máquina parecia assustadoramente similar ao interior do computador da sala de expedição... Juliette deu um passo para trás ao se dar conta do que era aquilo.

— Os servidores — murmurou.

Ela estava no nível da TI daquele silo. Nível 34. Claro.

Houve um som áspero na parede mais distante, barulho de metal raspando em metal. Juliette correu naquela direção, disparando por entre os servidores e se perguntando quem estava se escondendo dela, e onde planejavam se enfiar.

Fez a volta na última fileira de servidores e viu parte do chão se mover, uma seção de grade metálica deslizando para cobrir uma passagem. Juliette se jogou no chão, e sua toalha de mesa se enrolou nas pernas, mas as mãos agarraram a beira da tampa antes que ela se fechasse. Bem diante de si, viu os nós dos dedos e os dedos da mão de um homem agarrando a grade por baixo. Houve um grito assustado, um grunhido de esforço. Juliette tentou puxar a grade, mas não tinha firmeza. Uma das mãos desapareceu e foi substituída por uma faca que golpeava a grade, tentando encontrar os dedos dela.

Juliette se sentou para conseguir apoio. Deu um puxão na grade e sentiu a faca cortar seu dedo.

Ela gritou, e o homem lá embaixo também. Ele surgiu no vão segurando a faca na direção dela. Sua mão tremia, e a lâmina captava e refletia as luzes do teto. Juliette largou o trinco de metal e agarrou a própria mão, que pingava sangue.

— Calma! — disse ela, colocando-se fora de alcance.

O homem baixou a cabeça e depois levantou-a novamente. Ele olhava para além de Juliette, como se houvesse outros vindo atrás dela. Ela teve vontade de conferir, mas resolveu confiar no silêncio, caso ele estivesse tentando enganá-la.

— Quem é você? — perguntou ela.

Arrancou uma tira da toalha de mesa e enfaixou a mão. Ela prestou mais atenção no homem. Tinha a barba cheia e malcuidada e vestia um macacão cinza, que podia ter sido feito no silo dela, tão mínimas eram as diferenças. Ele a olhava fixamente. Tinha cabelos escuros despenteados e emaranhados que caíam sobre o rosto. Ele grunhiu e tossiu, cobrindo a boca com a mão, e parecia pronto

para se abaixar de novo e desaparecer sob o piso.

— Fique — disse Juliette. — Não quero lhe fazer mal.

O homem olhou para a mão machucada de Juliette e para a faca. Ela olhou para baixo e viu um fino fio de sangue serpenteando na direção de seu cotovelo. A ferida latejava, mas ela tinha passado por coisas piores enquanto trabalhava na Mecânica.

— D–d–desculpe — balbuciou o homem.

Juliette passou a língua pelos lábios e engoliu em seco. A faca tremia descontroladamente.

— Eu me chamo Jules — disse, percebendo que o homem estava com muito mais medo dela do que o contrário. — E você?

Ele olhou para a lâmina da faca, segurando-a de lado entre eles, quase como se conferisse um espelho. Ele sacudiu a cabeça.

— Nada de nome — murmurou, com a voz seca e rouca. — Não preciso.

— Você está sozinho?

Ele deu de ombros.

— Solo — disse. — Anos. — Ele ergueu os olhos para ela. — De onde... — tornou a umedecer os lábios e limpou a garganta — ... você veio? De que nível?

— Você está aqui sozinho há *anos*? — perguntou Juliette, surpresa. Ela não conseguia imaginar. — Não vim de nível nenhum — contou-lhe. — Venho de outro silo.

Ela pronunciou a última frase lenta e suavemente, preocupada com a reação que tal notícia poderia provocar em um homem que parecia tão frágil, mas Solo balançou a cabeça como se aquilo fizesse todo sentido. Não era a reação que Juliette esperava.

— O exterior... — Solo tornou a olhar para a faca. Saiu um pouco mais do vão, esticou o braço, colocou a faca na grade e a empurrou para longe dos dois. — É seguro?

Juliette sacudiu a cabeça.

— Não — respondeu. — Eu tinha um traje. Não foi uma caminhada longa e, mesmo assim, eu não devia estar viva.

Solo balançou a cabeça devagar. Ergueu os olhos novamente para ela. Fios de lágrimas escorriam do canto de seus olhos e desapareciam na barba.

— Nenhum de nós devia — disse ele. — Nenhum de nós.

47

– Mas que lugar é este? — perguntou Lukas a Bernard.

Os dois estavam parados diante de um grande mapa pendurado na parede, como se fosse uma tapeçaria. Os diagramas eram precisos; as letras, ornamentadas. O mapa mostrava uma grade de círculos igualmente espaçados com linhas entre eles e desenhos intrincados dentro de cada um. Vários círculos estavam riscados com X em marcador vermelho. Era o tipo de diagrama majestoso que ele esperava conseguir fazer um dia com seus mapas estelares.

— Este é nosso legado — disse simplesmente Bernard.

Lukas já o ouvira falar daquele jeito dos servidores mais acima.

— São todos servidores? — perguntou, ousando passar a mão em uma parte do papel do tamanho de um lençol pequeno. — É a mesma disposição.

Bernard foi para o lado dele e esfregou o queixo.

— Hum. Interessante. É mesmo. Nunca tinha percebido isso antes.

— O que é isso?

Lukas olhou mais de perto e viu que cada círculo tinha um número. Também havia um monte de quadrados e retângulos em um canto com linhas paralelas entre eles, mantendo as figuras afastadas e separadas. Esses desenhos não tinham detalhes internos, mas a palavra “Atlanta” estava escrita em letras grandes embaixo.

— Nós vamos chegar lá. Venha, deixe-me mostrar uma coisa.

Havia uma porta nos fundos da sala. Bernard o conduziu através dela e acendeu mais luzes ao passar.

— Quem mais vem aqui embaixo? — perguntou Lukas, indo atrás dele.

Bernard olhou para trás, por cima do ombro.

— Ninguém.

Lukas não gostou da resposta. Olhou para trás também, sentindo-se como estivesse descendo até um lugar de onde as pessoas nunca voltavam.

— Sei que isso pode parecer repentino — disse Bernard. Ele esperou que Lukas o alcançasse e jogou o braço nos ombros dele. — Mas as coisas mudaram

esta manhã. O mundo está mudando. E, quando isso acontece, raramente é agradável.

— Isso tem a ver com... a limpeza?

Ele quase disse “Juliette”. A foto dela pareceu esquentar em seu peito. O rosto de Bernard ficou sério.

— Não houve limpeza — respondeu ele abruptamente. — E agora isso vai virar um inferno, e pessoas vão morrer. E os silos, sabe, eles foram projetados justamente para evitar isso.

— Projetados — repetiu Lukas.

Seu coração bateu uma, duas vezes. Os circuitos de seu cérebro zuniam, e ele finalmente registrou que Bernard tinha dito algo que não fazia sentido.

— Desculpe — disse ele —, mas você falou *silos*?

— Você vai querer se familiarizar com isso. — Bernard gesticulou na direção de uma mesinha com uma cadeira de madeira de aspecto frágil. Havia um livro em cima da escrivaninha diferente de qualquer outro que Lukas vira, ou mesmo ouvira falar. Era um livro enorme e grosso. Bernard deu um tapinha na capa, depois inspecionou a palma da mão para ver se estava empoeirada. — Vou lhe dar a chave sobressalente, que você nunca deve tirar do pescoço. Desça aqui quando puder e leia. Nossa história está aqui dentro, assim como todas as coisas que você deverá fazer em caso de emergência.

Lukas se aproximou do livro, mais papel do que já vira em toda a vida, e abriu a capa. O conteúdo era impresso a máquina, com tinta bem escura. Folheou umas doze páginas de sumário até chegar à primeira página do texto principal. Estranhamente, ele reconheceu imediatamente as linhas de abertura.

— É o Pacto — disse ele, erguendo os olhos para Bernard. — Eu já conheço muito do...

— Isto é o Pacto — disse Bernard, pinçando o primeiro centímetro de páginas do livro grosso. — O resto é a Ordem.

Ele deu um passo para trás.

Lukas hesitou enquanto digeria a informação, então se aproximou e abriu o volume mais ou menos no meio.

No caso de terremoto:

- Em caso de rachaduras na estrutura e vazamentos do exterior, *ver* VAZAMENTO NA CÂMARA DE PRESSURIZAÇÃO (p. 2.180)
- Em caso de desabamento de um ou mais níveis, *ver* SUSTENTAÇÃO, COLUNAS DE, *sob* SABOTAGEM (p. 751)

- Em caso de focos de incêndio, *ver*...

— Sabotagem? — Lukas olhou algumas páginas e leu algo sobre cuidados com o ar e a asfixia. — Quem inventou isso tudo?

— Pessoas que passaram por coisas muito ruins.

— Como... — Ele não tinha certeza de que tinha permissão para dizer isso, mas parecia que os tabus podiam ser desrespeitados ali embaixo. — As pessoas anteriores ao levante?

— As pessoas *antes* dessas pessoas — disse Bernard. — As primeiras pessoas.

Lukas fechou o livro e sacudiu a cabeça, imaginando se tudo aquilo seria uma brincadeira, algum tipo de iniciação. Os sacerdotes costumavam falar de coisas que faziam mais sentido que aquilo. Os livros infantis também.

— Eu não tenho *mesmo* que decorar isso tudo, tenho?

Bernard riu. Seu semblante estava completamente diferente de antes.

— Você só precisa saber o que tem aí para consultar quando for preciso.

— O que diz aqui sobre esta manhã?

Ele se virou para Bernard e percebeu, de repente, que ninguém sabia de seu fascínio, de seu encanto por Juliette. As lágrimas tinham evaporado de seu rosto. A culpa de possuir as coisas proibidas dela tinha superado a vergonha por ter se apaixonado daquele jeito por alguém que mal conhecia. E agora esse segredo também tinha desaparecido de vista. Só poderia ser traído pelo rubor que tomava seu rosto enquanto Bernard o estudava e refletia sobre a pergunta.

— Página 72 — disse Bernard, o bom humor deixando seu rosto e sendo substituído pela frustração anterior.

Lukas se voltou para o livro. Aquilo era um teste. Um rito para sombras. Fazia muito tempo que ele não agia sob o olhar de um superior. Começou a folhear as páginas e viu de imediato que a parte que procurava vinha logo depois do Pacto, bem no começo da Ordem.

Ele encontrou a página certa. No alto, em negrito, lia-se:

No caso de uma limpeza malsucedida:

E abaixo havia palavras terríveis unidas em um significado terrível. Lukas leu as instruções várias vezes, só para ter certeza. Ele olhou para Bernard, que assentiu com tristeza antes que Lukas voltasse para o livro.

No caso de uma limpeza malsucedida:

- **Prepare-se para a guerra.**

48

Juliette seguiu Solo pelo vão no piso do andar da sala dos servidores. Ali havia uma escada comprida e uma passagem que levava ao trigésimo quinto, a uma parte do andar que ela desconfiava não ser acessível pelas escadas comuns. Solo confirmou isso quando se agacharam para seguir pela passagem estreita e por um corredor sinuoso e bem iluminado. Parecia que a garganta do homem tinha sido desentupida, liberando uma torrente de palavras represada pela solidão. Ele falou sobre os servidores acima deles, dizendo coisas que faziam pouco sentido para Juliette, até que aquela passagem se abriu em uma sala em completa desordem.

— Minha casa — disse Solo, fazendo um gesto que abarcava o aposento.

Havia um colchão no chão em um dos cantos, e a partir dele uma trilha de travesseiros e lençóis amarfanhados. Uma cozinha tinha sido improvisada entre duas estantes: jarros de água, comida enlatada, garrafas e caixas vazias. O lugar estava uma bagunça e fedia, mas Juliette achou que Solo não percebia nada daquilo. Havia, do outro lado do quarto, uma parede coberta de prateleiras cheias de latas de metal do tamanho de engrenagens grandes, algumas parcialmente abertas.

— Você mora aqui sozinho? — perguntou Juliette. — Não tem mais ninguém? — Ela não conseguia evitar o fio de esperança em sua voz.

Solo sacudiu a cabeça.

— E mais lá para baixo? — falou Juliette, examinando seu machucado, que tinha praticamente parado de sangrar.

— Acho que não — disse ele. — De vez em quando penso que sim. Percebo que está faltando um tomate, mas acho que são os ratos. — Ele olhou para o canto do quarto. — Não dá para pegar todos — disse. — Tem cada vez mais deles...

— Mas às vezes você acha que há outros? Outros sobreviventes?

Tudo o que ela queria era que ele se concentrasse.

— É. — Ele esfregou a barba, olhou ao redor do quarto como se houvesse algo que devesse estar fazendo por ela, alguma coisa para oferecer à hóspede. —

Às vezes encontro coisas fora do lugar. Coisas faltando. As luzes de cultivo acesas. Aí me lembro que fui *eu*.

Ele riu sozinho. Foi a primeira coisa natural que ela o viu fazer, e Jules percebeu que o homem devia ter rido muito ao longo dos anos. Você ria ou para manter a sanidade, ou porque tinha desistido dela. De um jeito ou de outro, você ria.

— Pensei que a faca tivesse sido deixada na porta por mim. Depois encontrei o cano. Pensei se poderia ter sido esquecido ali por um rato muito, muito grande.

Juliette riu.

— Não sou um rato — disse ela, ajustando a toalha de mesa, depois passou a mão na cabeça e se perguntou o que havia acontecido com o outro pedaço de pano.

Solo pareceu pensar seriamente.

— Então, quantos anos faz? — perguntou ela.

— Trinta e quatro — respondeu ele sem parar para pensar.

— Trinta e quatro *anos*? Que você está *sozinho*?

Ele assentiu, e o chão pareceu sumir debaixo dos pés dela. Sua cabeça girou com a ideia de tanto tempo sem ninguém por perto.

— Quantos anos você tem? — perguntou ela.

Ele não parecia muito mais velho que Juliette.

— Cinquenta. Tenho quase certeza de que completo isso no mês que vem. — Ele deu um sorriso. — É divertido conversar. — E apontou para todo o quarto. — Às vezes converso com as coisas, e assovio. — Ele olhou direto para ela. — Assovio muito bem.

Juliette se deu conta de que provavelmente tinha acabado de *nascer* quando aconteceu o que quer que tivesse acontecido ali.

— Como exatamente você *sobreviveu* todos esses anos? — perguntou ela.

— Não sei. Não planejei viver por anos. Tentei durar horas. Elas foram se acumulando. Eu como. Durmo. E eu... — Ele afastou o olhar, foi até uma das prateleiras e procurou entre as latas, muitas delas vazias. Encontrou uma com a tampa levantada, sem etiqueta, e a ofereceu para ela. — Vagens? — perguntou.

Seu impulso foi recusar, mas a expressão ávida no pobre rosto dele tornou aquilo impossível.

— Claro — respondeu Juliette, e percebeu como estava com fome.

Ainda sentia o gosto ruim da água que bebera mais cedo, a pontada de acidez estomacal, o tomate verde... Ele se aproximou, e ela enfiou a mão na papa molhada dentro da lata, pescou uma vagem crua, jogou-a na boca e mastigou.

— E eu faço cocô — disse ele, acanhado, enquanto ela engolia. — Não é bonito. — Ele sacudiu a cabeça e pegou uma ervilha. — Estou aqui sozinho, então simplesmente vou nos banheiros dos apartamentos até não aguentar mais o fedor.

— Nos *apartamentos*? — perguntou Juliette.

Solo procurou um lugar para pousar a lata de vagens. Finalmente encontrou, no chão, em meio a uma pilha de lixo e da bagunça de um solitário.

— A descarga não funciona. Não tem água. Eu estou sozinho — falou, parecendo envergonhado.

— Desde que você tem 16 anos — disse Juliette, depois de fazer a conta. — O que aconteceu aqui trinta e quatro anos atrás?

Ele levantou os braços.

— O que sempre acontece. As pessoas ficam loucas. Só precisa acontecer uma vez. — Ele sorriu. — Nós não ganhamos crédito por sermos sãos, ganhamos? Eu não ganho nenhum crédito. Nem de mim mesmo. Eu faço o que tenho que fazer todos os dias e vivo mais um dia, mais um ano, e não há recompensa. Nada genial em ser normal. Em não ser louco. — Ele fechou a cara. — Então você tem um dia ruim e fica preocupado consigo mesmo, sabe? É preciso só um.

De repente, ele se sentou no chão, cruzou as pernas e torceu o tecido que sobrava de seu macacão, na altura dos joelhos.

— Nosso silo teve um dia ruim. Bastou isso. — Ele ergueu os olhos para Juliette. — Nada de crédito por todos os anos antes daquilo. Nada. Quer se sentar?

Ele fez um gesto apontando para o chão. Ela mais uma vez não pôde recusar. Sentou-se longe da cama fedorenta e se encostou na parede. Havia muita coisa para processar.

— Como você sobreviveu? — perguntou ela. — Quer dizer, àquele dia ruim. E depois.

Imediatamente ela se arrependeu de perguntar. Não era importante. Mas ela sentiu necessidade, talvez, de vislumbrar o que a aguardava, ou talvez, porque temesse que sobreviver naquele lugar fosse pior que morrer no exterior.

— Com medo — disse ele. — O superior do meu pai era o chefe da TI. Deste lugar. — Ele balançou a cabeça. — Meu pai era uma sombra importante. Conhecia estas salas, ele e mais uma ou duas pessoas apenas. Logo nos primeiros momentos da luta, ele me mostrou este lugar e me deu as chaves. Ele criou uma distração e, de repente, eu me tornei o único que sabia da existência disto aqui.

Solo baixou os olhos para o colo por um instante, depois os ergueu de novo. Juliette percebeu por que aparentava ser tão mais jovem. Não eram apenas o medo e a timidez que o faziam parecer assim. Estava em seus olhos. Ele estava preso no terror permanente daquela provação de sua adolescência. Seu corpo estava simplesmente envelhecendo em torno da carapaça congelada de um garotinho assustado.

Ele passou a língua outra vez pelos lábios.

— Nenhum deles conseguiu, não é? Os que saíram?

Solo procurava respostas no rosto de Juliette, que podia sentir uma enorme esperança exalando por seus poros.

— Não — respondeu ela com tristeza, lembrando-se da sensação de caminhar pelo meio deles, rastejar sobre eles.

Parecia ter sido semanas antes, e não dias.

— Então você os viu lá fora? Mortos?

Juliette assentiu.

Ele baixou a cabeça.

— A vista não durou muito. Subi lá uma vez só, nos primeiros dias. Ainda havia muita luta. Conforme o tempo passou, comecei a sair mais e a ir mais longe. Encontrei muita confusão feita por eles. Mas não vejo um corpo há... — Ele pensou com cuidado. — Uns vinte anos, talvez.

— Então havia outros aqui durante algum tempo?

Ele apontou para o teto.

— Às vezes eles vinham aqui. Com os servidores. E brigavam. Havia brigas por toda parte. E com o tempo foi piorando, sabia? Briga por comida, briga por mulheres, brigas por causa de brigas. — Solo girou o corpo e apontou para trás, para outra porta. — Essas salas são como um silo dentro do silo. Feitas para durar dez anos. Mas podem durar mais, se você estiver sozinho.

Ele deu um sorriso.

— Não entendi. Um silo dentro do silo?

Solo assentiu.

— Claro — disse ele. — Desculpe, estou acostumado a conversar com pessoas que sabem tudo o que eu sei. — Ele piscou para ela, e Juliette percebeu que ele falava de si mesmo. — Você não sabe o que é um silo.

— Claro que sei — disse ela. — Nasci e fui criada em um lugar exatamente igual a este. Só que, eu acho, você poderia dizer que ainda estamos vivendo dias bons e não nos damos crédito por isso.

Solo sorriu.

— Então o que é um silo? — perguntou ele, com aquela arrogância típica de adolescente borbulhando.

— É... — Juliette procurava as palavras. — É nosso lar. Uma construção como aquelas depois dos morros, mas subterrânea. O silo é a parte do mundo onde é possível viver. O *interior* — disse ela, percebendo que definir era mais difícil do que pensava.

Solo riu.

— É isso o que as palavras significam para *você*. Mas usamos palavras o tempo todo sem realmente entendê-las. — Ele apontou para a estante com as caixas de metal. — Todo o conhecimento está nelas. Tudo o que já aconteceu. — Ele olhou Juliette. — Já ouviu a expressão “forte como um touro”?

Ela assentiu.

— É claro.

— Mas o que é um touro? — perguntou ele.

— Alguém grande, resistente. Ou bravo, brigão.

Solo riu.

— Tanta coisa que não sabemos... — disse ele, e estudou as próprias unhas. — Um silo não é o mundo. Não é nada. O termo, esta palavra, vem de muito tempo atrás, de uma época em que as colheitas cresciam do lado de fora até sumir de vista... — Ele fez um gesto paralelo ao chão como se fosse um terreno amplo. — Na época em que havia mais gente do que se podia contar, na época em que todo mundo tinha vários filhos.

Solo ergueu os olhos para Juliette e juntou e esfregou as mãos, quase como se estivesse envergonhado por tocar no assunto dos filhos com uma mulher.

— As pessoas cultivavam tanta comida — prosseguiu Solo — que nem mesmo todas elas juntas conseguiam comer tudo, não de uma vez. Por isso elas guardavam para o caso de alguma coisa ficar ruim. Produziam mais sementes de grãos do que você poderia contar e as jogavam nesses grandes silos que ficavam na superfície.

— Na superfície — repetiu Juliette. — Silos.

Ela achou que ele poderia estar inventando aquilo, uma ilusão construída ao longo de décadas de solidão.

— Posso mostrar fotos — retrucou Solo com petulância, como se aborrecido pela desconfiança.

Ele se levantou e foi rapidamente até a prateleira com caixas de metal. Leu as pequenas etiquetas brancas embaixo, passando os dedos por elas.

— Ah! — Ele pegou uma. Parecia pesada, e Solo a levou até Juliette. O fecho

na lateral soltou a tampa e revelou um objeto grosso no interior. — Eu faço isso — disse, apesar de a mulher não ter movido um músculo sequer para ajudar.

Ele virou a caixa e deixou o objeto pesado cair em sua mão, onde o equilibrou com habilidade. Era do tamanho de um livro infantil, mas dez ou vinte vezes mais grosso. Ainda assim, era um livro. Ela podia ver as beiras do papel miraculosamente fino e bem aparado.

— Vou achar — disse ele.

Folheou as páginas pulando várias de uma vez. Cada folha valia uma fortuna em papel impresso, bem presa a outras fortunas. Então Solo refinou sua busca, algumas folhas por vez, antes de começar a virar página a página.

— Aqui — apontou.

Juliette se aproximou e olhou. Era semelhante a um desenho, mas tão exato que quase parecia real. Era como a vista do exterior do refeitório, ou a imagem de alguém em um cartão de identificação, só que colorida. Ela se perguntou se aquele livro precisava de baterias para funcionar.

— É tão real... — murmurou, acariciando o papel com os dedos.

— E é real — disse ele. — É um retrato. Uma fotografia.

Juliette ficou maravilhada com as cores, os campos verdes e o céu azul que tanto a faziam lembrar as mentiras que tinha visto nas falsas imagens do capacete. Ela se perguntou se aquilo também seria falso. Não parecia nada com as fotos velhas e esmaecidas que já vira.

— Essas construções — apontou ele para o que pareciam latas brancas apoiadas no solo — são os silos. Guardam as sementes para períodos difíceis. Até quando o tempo ficar bom de novo.

Solo olhou para Juliette. Estavam a menos de um metro de distância, e ela podia ver as rugas ao redor dos olhos dele, podia ver o quanto a barba escondia sua idade.

— Não estou entendendo bem o que você está tentando dizer — falou ela.

Solo apontou para a mulher e depois para o próprio peito.

— Nós somos as sementes — disse ele. — Isto é um silo. — Eles nos botaram aqui para os períodos difíceis.

— Quem? Quem nos botou aqui? Que períodos difíceis?

Ele deu de ombros.

— Mas não vai funcionar. — Solo sacudiu a cabeça, depois sentou no chão e olhou para as fotos naquele livro enorme. — Não é possível guardar sementes por tanto tempo. Não no escuro, assim. Não mesmo.

Ele ergueu o olhar e mordeu o lábio. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Sementes não enlouquecem — continuou. — Não. Elas têm dias ruins e muitos dias bons, mas isso não importa. Se ficam presas e nunca são usadas... por maior que seja a quantidade que você enterre, acontece o que acontece com sementes que ficam guardadas por muito tempo...

Solo parou. Fechou o livro e o abraçou junto ao peito. Juliette observou enquanto ele balançava levemente para a frente e para trás.

— O que acontece com as sementes quando ficam guardadas por muito tempo? — perguntou ela.

Ele franziu a testa.

— Nós apodrecemos — respondeu ele. — Todos nós estragamos aqui embaixo, e estragamos tanto que não vamos brotar mais. — Ele piscou os olhos e a encarou. — Nós nunca mais vamos brotar.

49

A espera atrás das estantes do Suprimentos era o pior. Os que conseguiam tiravam um cochilo. A maioria fazia brincadeiras, nervosos. Knox não parava de ver as horas na parede, visualizando todas as peças se movendo pelo silo. Agora que seu pessoal estava armado, tudo o que ele mais desejava era uma transferência de poder tranquila e sem derramamento de sangue. Esperava conseguir as respostas às suas perguntas, descobrir o que estava acontecendo na TI — aqueles filhos da mãe cheios de segredos — e talvez mostrar que Jules tinha razão. Mas ele sabia que coisas ruins podiam acontecer.

Viu isso no rosto de Marck, no modo como ele não parava de olhar para Shirly. A preocupação era nítida na expressão séria do homem, no franzido de suas sobrancelhas, na testa vincada. O chefe de turno de Knox não estava escondendo sua preocupação com a mulher tão bem quanto provavelmente achava.

Knox pegou seu canivete e sacou a lâmina. Examinou o reflexo para ver se havia restos da última refeição presos entre os dentes. Enquanto guardava a ferramenta, uma das sombras do Suprimentos surgiu de trás das pilhas para dizer que eles tinham visitas.

— Visitas de que cor? — perguntou Shirly enquanto o grupo pegava suas armas e se colocava de pé, às pressas.

A garota apontou para Knox.

— Azul, igual a você.

Knox afagou a cabeça da menina e passou entre estantes e unidades de armazenamento. Era um bom sinal. O restante do pessoal na Mecânica estava adiantado. Ele foi até o balcão enquanto Mark juntava os outros, acordando alguns, e os rifles extras retiniam ao serem reunidos.

Quando Knox deu a volta no balcão, viu Pieter entrar pela porta da frente; os dois trabalhadores do Suprimentos que guardavam a plataforma da escada haviam permitido sua passagem.

Pieter sorriu ao apertar a mão de Knox. Membros da equipe de Pieter na

refinaria vinham em fila atrás, os habituais macacões negros substituídos pelos azuis, mais discretos.

— Como estão indo as coisas? — perguntou Knox.

— As escadas ecoam com a ação — disse Pieter.

Seu peito inchou quando ele inspirou fundo e segurou o fôlego antes de expirar. Knox imaginou o ritmo que o grupo tinha mantido para ganhar tanto tempo assim.

— Todo mundo a caminho?

Os dois homens foram para um canto enquanto seus grupos se misturavam, membros do Suprimentos se apresentando ou abraçando quem eles já conheciam.

— Todo mundo — assentiu Pieter. — Acho que o último chega aqui em meia hora. Mas tenho medo de que os sussurros dos portadores viajem ainda mais rápido que nós. — Ele olhou para o teto. — Aposto que agora mesmo já estão ecoando lá em cima.

— Suspeitas? — perguntou Knox.

— Ah, sim. Tivemos uns problemas no mercado inferior. As pessoas queriam saber a razão do movimento. Georgie mandou que ficassem caladas, mas eu achei que a coisa estava a ponto de estourar.

— Meu Deus, e ainda não estamos nem nos níveis intermediários.

— É. Não consigo parar de pensar que uma incursão menor talvez tivesse mais chances de sucesso.

Knox ficou sério, mas entendeu por que Pieter achava aquilo. O homem estava acostumado a fazer muita coisa só com uma meia dúzia de pessoas de confiança. Mas era tarde demais para discutirem planos que já estavam se desenrolando.

— Bem, os apagões provavelmente já começaram — disse Knox. — Não temos mais nada a fazer além de subir atrás deles.

Pieter balançou a cabeça, sério. Ele olhou ao redor da sala, para os homens e mulheres que se armavam e rearrumavam o equipamento para mais uma subida acelerada.

— E suponho que vamos passar à força.

— O plano é sermos ouvidos — disse Knox. — O que significa fazer um pouco de barulho.

Pieter deu um tapinha no braço do chefe.

— Então está bem. Já estamos ganhando.

Ele se afastou para pegar uma arma e encher seu cantil. Knox se juntou a

Marck e Shirly perto da porta. Os que estavam sem armas de fogo se armaram com barras de ferro assustadoras, a lateral reluzente como prata após o polimento no esmeril. Knox ficava impressionado ao ver como todos sabiam, instintivamente, construir ferramentas de dor. Era algo que mesmo sombras sabiam fazer desde jovens, um conhecimento de algum modo extraído das profundezas brutais de sua imaginação, a habilidade de fazer mal ao outro.

— Os outros estão muito atrás? — perguntou Marck a Knox.

— Não muito. A maioria desses caras veio bem rápido. O restante nos alcança. Vocês estão prontos?

Shirly balançou a cabeça.

— Então vamos lá — disse ela.

— Tudo bem. Como dizem por aí, para a frente e para cima.

Knox examinou a sala e observou seus mecânicos se misturarem aos membros do Suprimentos. Mais do que vários rostos estavam virados para ele, à espera de algum sinal, talvez de outro discurso. Mas Knox não tinha isso dentro de si. Só o que tinha era o medo de estar levando pessoas boas para a morte, que os tabus estivessem caindo em cascata e que tudo estivesse acontecendo rápido demais. Depois que as armas foram feitas, quem iria desmontá-las? Os canos repousavam nos ombros das pessoas, e juntos pareciam formar uma alfineteira acima da multidão. Havia coisas, como as ideias colocadas em palavras, com relação às quais não se podia voltar atrás. E ele sabia que sua turma estava prestes a fazer muito mais.

— Comigo — rosnou, e a conversa ao redor começou a morrer. Mochilas se ajustaram no lugar, coisas perigosas balançavam em seus bolsos. — Comigo — repetiu à sala que se aquietava, e seus soldados começaram a formar colunas.

Knox virou-se para a porta pensando que aquilo tudo era responsabilidade *dele*. Ele se assegurou de que seu rifle estivesse escondido, enfiou-o debaixo do braço e apertou o ombro de Shirly enquanto ela abria a porta para ele.

Lá fora, dois trabalhadores do Suprimentos estavam parados perto da grade de proteção. Estavam desviando o pouco movimento por conta do falso apagão. Com as portas abertas, a luz forte e o barulho da maquinaria do Suprimentos vazavam para as escadarias, e Knox entendeu o que Pieter quisera dizer com sussurros viajando mais rápido que pés. Ele ajeitou a mochila com suprimentos, as ferramentas, velas e lanternas que faziam com que parecesse que estavam marchando para ajudar pessoas, não para começar uma guerra. Por baixo dessa camada de disfarce, havia munição e uma bomba extra escondidas, ataduras e creme analgésico para o caso de necessidade. Seu rifle estava enrolado em uma

faixa de tecido e permanecia embaixo do braço. Sabendo o que era, ele achou o esconderijo ridículo. Olhando para os outros marchando a seu lado, alguns com aventais de solda, outros com capacetes de construção, ele viu que a intenção era óbvia demais.

Deixaram a plataforma do andar e a luz do Suprimentos para trás e começaram a subida. Várias pessoas da Mecânica tinham vestido macacões amarelos para se misturar melhor nos níveis intermediários. Elas subiam fazendo bastante barulho pelas escadarias mal iluminadas. O tremor do tráfego vindo de baixo dava a Knox esperança de que o resto do grupo logo os alcançasse. Sentiu pena de suas pernas cansadas, mas se lembrou de que estavam levando pouco peso.

Esforçou-se ao máximo para visualizar a manhã seguinte do modo mais positivo possível. Talvez o conflito acabasse antes que o resto do grupo da Mecânica chegasse. Talvez eles não fossem mais que uma leva de apoio que chegaria só para se unir às celebrações. Knox e McLain já teriam entrado nos níveis proibidos da TI, teriam descoberto a maquinaria inescrutável em seu interior e exposto suas malignas engrenagens de uma vez por todas.

Cobriram uma boa distância enquanto Knox sonhava com uma tomada de poder tranquila. Passaram por uma plataforma na qual um grupo de mulheres pendurava roupas na grade de proteção para secar. As mulheres viram Knox e seu grupo em macacões azuis e reclamaram dos apagões. Vários de seus trabalhadores pararam para entregar suprimentos e espalhar mentiras. Só depois que tinham ido embora e chegaram ao nível seguinte é que Knox viu que o tecido tinha saído e deixado à mostra o cano da arma de Marck. Ele o avisou, e Marck resolveu o problema antes de chegar ao nível seguinte.

A subida se transformou em uma provação dura e silenciosa. Knox deixou que outros fossem na frente enquanto ficava para trás e supervisionava seu pessoal. Até a equipe do Suprimentos ele considerava responsabilidade sua. Aquelas vidas dependiam da sensatez das decisões que ele tinha tomado. Era exatamente como Walker tinha dito, aquele tolo louco. Era isso. Um levante, exatamente como diziam as fábulas de sua juventude. E Knox de repente sentiu uma enorme e assustadora semelhança com aqueles velhos fantasmas, os ancestrais míticos de outrora. Homens e mulheres já haviam feito aquilo antes, talvez por razões diferentes, com uma raiva menos nobre presa na garganta, mas em alguma época, em algum nível, já houvera uma marcha como aquela. Botas parecidas nos mesmos degraus. Talvez algumas botas fossem até as mesmas, apenas com solas novas. Tudo como o retinir de máquinas perversas nas mãos de gente sem

medo de usá-las.

Essa ligação repentina com um passado misterioso assustou Knox. E não fazia tanto tempo assim afinal, fazia? Menos de duzentos anos? Ele imaginou que, se alguém tivesse vivido tanto quanto Jahns, ou mesmo McLain, três vidas longas poderiam cobrir essa distância. Três apertos de mão para ir do levante anterior até aquele. E os anos entre as rebeliões? A longa paz ensanduichada entre duas guerras?

Knox erguia uma bota de um degrau a outro enquanto pensava nessas coisas. Será que ele tinha se transformado em uma das pessoas más de quem ouvira falar na juventude? Ou haviam mentido para ele? Pensar nisso fazia sua cabeça latejar, mas lá estava ele, liderando uma revolução. E tudo parecia muito certo. Muito *necessário*. E se o conflito anterior tivesse sido igual? A mesma sensação no peito dos homens e mulheres que lutaram nele?

50

– Seriam necessárias dez vidas para ler isso tudo.

Juliette tirou os olhos da pilha de latas e montes de livros. Havia mais para se maravilhar naquelas páginas cheias de texto do que nos livros infantis de sua juventude.

Solo voltou do fogão onde estava esquentando sopa e fervendo água. Ele acenou com a concha de metal molhada para a bagunça completa que ela havia feito.

— Não acho que foram feitos para leitura — contou. — Pelo menos, não como eu os tenho lido, do início ao fim. — Ele provou com a língua o que havia na colher, depois tornou a enfiá-la na panela e mexeu. — Tudo está fora de ordem. É como se fosse o backup do backup.

— Não entendo o que isso significa — admitiu Juliette.

Ela baixou os olhos para o colo, onde fotos de animais chamados borboletas enchiam as páginas. Suas asas eram tão coloridas que chegava a ser cômico. Ela se perguntou se seriam do tamanho de sua mão ou de uma pessoa. Ainda precisava ter uma noção de escala em relação àqueles bichos.

— Os servidores — disse Solo. — De que acha que eu estava falando? O backup.

Ele pareceu confuso. Juliette o observou se ocupar do fogão, seus movimentos desengonçados e meio doidos, e se deu conta de que *ela* era a isolada de tudo e ignorante, não ele. Solo tinha todos aqueles livros, décadas de leitura da história, a companhia de ancestrais que ela só podia imaginar. O que Juliette tinha como experiência? Uma vida em um buraco escuro com milhares de outros selvagens como ela?

Ela tentou se lembrar disso enquanto o observava enfiar um dedo na orelha e depois inspecionar as unhas.

— O backup do quê, exatamente? — perguntou por fim, quase com medo da resposta incompreensível que receberia.

Solo encontrou duas tigelas. Ele começou a limpar uma delas em seu próprio

macacão, na região folgada da barriga.

— O backup de *tudo* — respondeu ele. — De tudo que sabemos. De tudo que já existiu. — Ele deixou as tigelas e ajustou um botão no fogão. — Venha comigo — disse, acenando com a mão. — Vou mostrar a você.

Juliette fechou o livro e o guardou na lata, depois se levantou e seguiu Solo até a sala ao lado.

— Não repare na bagunça — disse ele, gesticulando para a pequena montanha de lixo e entulho empilhada contra uma parede. Parecia um monte de mil latas vazias de comida, e fedia como se fossem dez mil. Juliette torceu o nariz e controlou-se para não vomitar. Solo não parecia afetado. Ele parou ao lado de uma mesinha de madeira e folheou diagramas em enormes folhas de papel penduradas na parede. — Onde está o que eu quero? — perguntou-se em voz alta.

— O que é isso? — perguntou Juliette, hipnotizada.

Ela viu um que parecia a planta do silo, mas era diferente do que havia na Mecânica. Solo se virou. Ele estava com várias folhas jogadas sobre o ombro, e as camadas praticamente cobriam seu corpo inteiro.

— Mapas — respondeu. — Quero mostrar a você quanta coisa existe lá fora. Você vai se cagar toda.

Ele sacudiu a cabeça e murmurou algo para si mesmo.

— Desculpe, não quis dizer isso.

Juliette disse que não tinha problema e levou as costas da mão ao nariz. O cheiro de comida podre era intolerável.

— Está aqui. Segura essa ponta.

Solo lhe entregou a ponta de meia dúzia de folhas de papel, segurou o outro lado, e os dois a afastaram da parede. Juliette teve vontade de apontar para os furos na ponta dos mapas e comentar que provavelmente havia pinos ou ganchos por ali em algum lugar para pendurá-los, mas se deteve. Abrir a boca só fazia o fedor das latas podres piorar.

— Isso somos nós — disse Solo.

Ele apontou para um ponto no papel. Havia linhas escuras e tremidas por toda parte. Não se parecia com nenhum mapa ou diagrama que Juliette já tivesse visto. Parecia ter sido desenhado por uma criança. Praticamente não havia uma linha reta sequer.

— O que isso deveria representar? — perguntou ela.

— Fronteiras. Terra! — Solo passou as mãos sobre uma forma ininterrupta que ocupava quase um terço do desenho. — Tudo isso aqui é água — contou a

ela.

— Onde?

O braço de Juliette estava ficando cansado de segurar sua ponta da folha. O fedor e os enigmas a estavam afetando. Sentiu-se muito longe de casa. A empolgação de ter sobrevivido corria o risco de ser substituída pela depressão de uma vida longa e infeliz que se arrastaria por anos e anos.

— Ali! Cobrindo a terra. — Solo apontou vagamente para as paredes. Apertou os olhos diante da confusão de Juliette. — O silo, *este silo*, seria do tamanho de um fio de cabelo em sua cabeça. — Ele deu um tapinha no mapa. — Bem aqui. Todos eles. Talvez todos nós que tenhamos sobrevivido. Não é maior que meu polegar.

Ele pôs o dedo em cima de um emaranhado de linhas. Juliette achou que o homem parecia dizer a verdade. Ela se aproximou para ver melhor, mas ele a afastou.

— Pode soltar — instruiu ele. Deu um tapinha na mão dela que segurava os cantos do papel e esticou os papéis na parede. — Isto somos nós. — Ele indicou um dos círculos na primeira folha. Juliette não parava de olhar para as colunas e fileiras e calculou que devia haver mais ou menos uns cinquenta deles. — Silo 17. — Ele deslizou a mão para cima. — Número 12. Este é o Silo 8. E aqui em cima é o Silo 1.

— Não.

Juliette sacudiu a cabeça e se apoiou na mesa. Sentia as pernas fracas.

— Sim. Silo 1. Você provavelmente é do 16 ou do 18. Você se lembra de quanto caminhou?

Ela pegou a cadeirinha, puxou-a e sentou-se pesadamente.

— Quantos morros você cruzou?

Juliette não respondeu. Estava pensando no *outro* mapa e comparando as escalas. E se Solo estivesse certo? E se houvesse uns cinquenta silos e todos eles pudessem ser cobertos por um polegar? E se Lukas estivesse certo sobre a distância das estrelas? Ela precisava se esconder em algum lugar, cobrir-se por completo. Precisava dormir.

— Uma vez tive notícias do Silo 1 — disse Solo. — Faz muito tempo. Não tenho certeza da situação dos outros silos.

— Como assim, teve notícias?

Solo não se virou do mapa. Passava a mão de um círculo para outro com uma expressão infantil no rosto.

— Eles ligaram. Para saber como estavam as coisas. — Ele afastou os olhos

do mapa e dela, na direção do canto do quarto. — Não conversamos por muito tempo. Eu não sabia todos os procedimentos. Eles não ficaram nada contentes.

— Está bem, mas como você fez isso? Nós podemos ligar para alguém agora? Era o quê? Um rádio? Ele tinha uma antena pequena, uma coisinha preta pontuda... — Juliette se levantou e foi até Solo, agarrou seu ombro e o virou. O quanto aquele homem sabia que poderia ajudá-la, mas que ela não conseguiria extrair dele? — Solo, como você conversou com eles?

— Pelo fone. — Ele pôs as mãos em concha e cobriu as orelhas. — É só falar nele.

— Você precisa me mostrar — disse ela.

Solo deu de ombros. Ele folheou alguns mapas outra vez, encontrou aquele que procurava e segurou os outros na parede. Era a planta do silo que Juliette tinha visto mais cedo, uma vista lateral dividida em três, cada terço ao lado do outro. Ela o ajudou a segurar as outras folhas para que não atrapalhassem.

— Os cabos ficam aqui. Eles vão para todos os lados.

Ele acompanhou com o dedo linhas grossas que começavam nas paredes externas e saíam do papel. Estavam identificadas com letras minúsculas. Juliette se aproximou para ler e reconheceu muitas marcas da engenharia.

— Essas são para energia — disse ela, apontando para linhas com o símbolo de raio em cima.

— É — assentiu Solo. — Este silo não produz mais a própria energia. Pega emprestada dos outros, eu acho. Tudo automático.

— Vocês conseguem energia com outros silos? — Juliette sentiu sua frustração crescer. Quantas informações cruciais aquele homem tinha e considerava triviais? — Mais alguma coisa que queira acrescentar? — perguntou ela. — Por acaso você não tem um traje voador que pode me levar de volta para meu silo? Ou há passagens secretas entre todos os andares para que a gente passe de um silo a outro à vontade?

Solo riu e olhou para ela como se estivesse louca.

— Não — disse ele. — Senão, seria *uma* semente, não muitas. Um dia ruim destruiria todos nós. Além disso, as escavadeiras estão quebradas. Foram enterradas. — Ele apontou para um canto no mapa, um quarto retangular que saía do limite da Mecânica. Juliette olhou mais de perto. Ela reconheceu cada nível das profundezas de um só relance, mas aquela sala não deveria existir.

— O que quer dizer com *escavadeiras*?

— As máquinas que removiam a terra. Você sabe, elas fizeram este lugar. — Ele passou a mão por toda a extensão do silo. — Acho que eram pesadas demais

para que fossem retiradas, por isso eles só fecharam as paredes atrás delas.

— Elas funcionam? — perguntou Juliette.

Uma ideia começou a se formar. Ela pensou nas minas, em como havia ajudado a escavar rochas com a mão. Pensou no tipo de máquina que poderia escavar todo um silo e se perguntou se poderia ser usada para cavar *entre* eles.

Solo estalou a língua.

— De jeito nenhum. Nada lá embaixo funciona. Tudo está quebrado. Além disso... — Ele pôs a mão sobre a metade dos níveis inferiores. — Está cheio de água até... — Ele se virou para Juliette. — Espere. Você está querendo *sair*? *Ir* a algum lugar? — Solo sacudiu a cabeça sem conseguir acreditar.

— Eu quero ir para casa — disse Juliette.

Os olhos dele se arregalaram.

— Por que você quer *voltar*? Eles a mandaram embora, não mandaram? Você vai ficar aqui. Nós não queremos sair. — Ele coçou a barba e sacudiu a cabeça de um lado para outro.

— Alguém tem que saber sobre tudo isso — disse Juliette. — Sobre todas essas outras pessoas lá fora. Todo esse espaço além. As pessoas em meu silo precisam saber.

— As pessoas em seu silo já *sabem* — disse ele.

Solo a estudou de um jeito estranho e curioso, e Juliette percebeu que ele tinha razão. Ela imaginou onde as pessoas que sabiam estavam naquele momento: no coração da TI, nas profundezas da sala que parecia uma fortaleza de míticos servidores, abaixo deles, em uma passagem secreta, oculta provavelmente até daquelas que tinham acesso aos segredos mais bem guardados do silo.

Alguém em seu próprio silo *sabia*. E tinha ajudado a manter esses segredos por gerações. Tinha decidido sozinho e sem a opinião de ninguém o que eles deviam ou não saber. Era o mesmo homem que mandara Juliette para a morte, um homem que tinha matado sabe-se lá quantos mais...

— Me conte sobre esses fones — disse Juliette. — Como você falou com o outro silo. Me dê todos os detalhes.

— Por quê? — perguntou Solo, parecendo encolher diante dela, os olhos úmidos de medo.

— Porque tem uma pessoa com quem eu gostaria muito de falar — disse Juliette.

51

A espera era interminável. Era o silêncio longo de coceira na cabeça e suor escorrendo, com o desconforto do peso sobre os ombros, as costas curvadas, barrigas apertadas contra uma impiedosa mesa de reuniões. Lukas examinou o comprimento de seu rifle assustador e espiou pelo vidro estilhaçado da sala. Pequenos fragmentos que lembravam joias ainda restavam nas esquadrias, parecendo dentes transparentes. Lukas ainda podia ouvir, ressoando em seus ouvidos, o estrondo terrível da arma de Sims que arrebentara o vidro. Ainda sentia o cheiro acre de pólvora no ar, via as expressões de horror no rosto dos outros técnicos. A destruição parecera tão desnecessária... Toda aquela preparação, pegar armas negras enormes no depósito, a interrupção de sua conversa com Bernard, notícias de gente subindo das profundezas, tudo isso fazia pouco sentido.

Ele checou o carregador na lateral do rifle e tentou se lembrar dos cinco minutos de instruções que recebera algumas horas antes. Havia um *tiro* na *câmara*. A *arma* estava *engatilhada*. Mais *balas* aguardavam pacientemente no *pente*.

E os rapazes da segurança implicavam com o jargão técnico *dele*. O vocabulário de Lukas explodiu com tantos termos novos. Pensou nas salas abaixo dos servidores, nas páginas e páginas da Ordem, nas fileiras de livros que ele apenas vislumbrara. Sua mente estava sobrecarregada com o peso daquilo tudo.

Passou outro minuto praticando sua *mira*, olhando pelo *cano* e alinhando a cruzinha no pequeno círculo. Mirou no monte de cadeiras de reunião que tinham sido amontoadas para obstruir a porta. Até onde sabia, eles iam esperar daquele jeito por dias e nada ia acontecer. Fazia tempo que um portador trouxera novidades sobre o que estava acontecendo lá embaixo.

Para treinar, ele pôs suavemente o dedo no *guarda-mato* e no *gatilho*. Tentou ficar confortável com a ideia de apertar aquilo, de aguentar o coice que Sims lhes dissera que esperasse.

Bobbie Milner, uma sombra com não mais de dezesseis anos, fez uma piada do lado dele, e Sims disse aos dois para calarem a porra da boca. Lukas não protestou por ser incluído na repreensão. Olhou para o portão de segurança onde vários canos estavam enfiados no meio das grades e colunas e em cima da mesa da entrada. Peter Billings, o novo xerife do silo, estava lá, mexendo em seu pequeno revólver. Bernard estava atrás do xerife, dando instruções a seus homens. Bobbie Milner, tentando ficar mais confortável, soltou um grunhido e mudou de lado o peso que carregava, tentando ficar mais confortável.

Espera. Mais espera. Eles estavam todos à espera.

Claro, se Lukas soubesse o que ia acontecer, não teria se importado.

Teria implorado para esperar ali para sempre.

* * *

Knox conduziu seu grupo pela sexta dezena de andares, parando poucas vezes para beber água, prender direito suas cargas e reamarrar os cadarços. Passaram por vários portadores curiosos com entregas noturnas, que perguntavam para onde eles iam e sobre os apagões. Todos os portadores foram embora sem respostas. E, esperava-se, sem suspeitas.

Pieter estava certo: as escadas estavam ecoando. Vibravam com a marcha de tantos pés. Os que viviam lá em cima subiam para longe dos apagões, na esperança de um lugar com força elétrica, comida e banhos quentes. Enquanto isso, Knox e seu pessoal seguiam atrás deles para obter um tipo diferente de força.

No quinquagésimo sexto andar, tiveram o primeiro sinal de problema. Um grupo de fazendeiros estava fora das plantações hidropônicas baixando um feixe de cabos de energia pela grade de segurança, provavelmente para o pequeno grupo que tinham visto no último andar pelo qual passaram. Quando os fazendeiros viram os macacões azuis da Mecânica, um deles gritou:

— Ei, nós alimentamos vocês, por que nos deixam sem luz?

— Fale com a TI — respondeu Marck, da frente da fila. — São eles que estão queimando os fusíveis. Estamos fazendo o possível.

— Bem, se apressem — disse o fazendeiro. — Achei que tínhamos feito a porra de um feriado de energia para evitar essa merda.

— Vai ficar pronto antes do almoço — disse-lhes Shirly.

Knox e os outros alcançaram o líder do grupo e criaram um engarrafamento na plataforma do andar.

— Quanto mais rápido a gente chegar lá em cima, mais rápido vai estar tudo resolvido — explicou Knox.

Ele tentava segurar a arma escondida despreocupadamente, como se fosse mais uma ferramenta qualquer.

— Bem, e que tal nos dar uma ajuda com essa ligação aqui? Eles tinham energia no cinquenta e sete durante boa parte da manhã. A gente queria o mínimo para pôr as bombas pra funcionar.

O fazendeiro apontou para o monte de fios pendurados no corrimão. Knox pensou no assunto. O que o homem estava pedindo era tecnicamente ilegal. Discutir com ele por causa disso só causaria atrasos, mas liberá-lo para fazer o que quisesse poderia parecer suspeito. Ele podia sentir o grupo de McLain vários níveis acima, esperando por eles. Velocidade e *timing* eram tudo.

— Posso deixar dois de meus homens para ajudar. Um favor. Desde que não chegue aos meus ouvidos que a Mecânica teve alguma coisa a ver com essa merda.

— Não estou nem aí — disse o fazendeiro. — Eu só quero a água correndo.

— Shirly, você e Courtnee deem uma mão para eles. Depois subam para nos encontrar.

O queixo de Shirly caiu. Ela implorou com os olhos para que ele mudasse de ideia.

— Anda logo — disse Knox.

Marck parou ao lado dela, pegou a mochila da esposa e lhe entregou seu canivete. Ela aceitou de má vontade e olhou por algum tempo para Knox, depois se virou para ir embora, sem dizer palavra a ele nem ao marido.

O fazendeiro soltou os cabos e deu um passo na direção de Knox.

— Ei, achei que você tivesse dito que ia deixar dois...

Knox lhe lançou um olhar duro o bastante para fazer o homem se calar.

— Você quer dois dos meus melhores? — perguntou. — Foi o que você recebeu.

O fazendeiro ergueu as mãos espalmadas e se afastou. Os passos de Courtnee e Shirly já podiam ser ouvidos descendo para trabalhar em conjunto com os homens na plataforma mais abaixo.

— Vamos — disse Knox, levantando a bolsa.

Os homens e as mulheres da Mecânica e do Suprimentos tornaram a avançar depressa. Deixaram na plataforma do quinquagésimo sexto o grupo de fazendeiros, que observava a fila comprida fazer seu caminho escada acima.

Os sussurros aumentaram quando os cabos foram baixados. Forças poderosas

estavam se misturando na cabeça dessas pessoas, más intenções se juntando e se dirigindo a algo realmente terrível.

E qualquer um com olhos e ouvidos podia dizer: algum tipo de ajuste de contas estava prestes a acontecer.

* * *

Não houve aviso para Lukas, nenhuma contagem regressiva. As horas de antecipação silenciosa, de um vazio insuportável, simplesmente eclodiram em violência. Apesar de lhe terem dito que esperasse o pior, Lukas sentiu como se a longa espera só tivesse tornado tudo uma surpresa pior quando os acontecimentos finalmente se desenrolaram.

As portas duplas da plataforma do trigésimo quarto andar se abriram. Aço sólido foi arrancado como se fosse papel. O barulho ensurdecedor fez Lukas dar um pulo e sua mão escorregar da coronha do rifle. Ouviu tiros ao seu lado. Era Bobbie Milner atirando em nada e gritando de medo, talvez de excitação. Sims conseguia gritar ainda mais alto do que aquela barulheira. Quando acabou, algo voou através da fumaça, uma lata, quicando na direção do portão de segurança.

Fez-se uma pausa terrível, e depois veio outra explosão, um golpe nos ouvidos. Lukas quase deixou a arma cair. A fumaça perto do portão não obscurecia totalmente a carnificina. Pedaços de pessoas que Lukas conhecia estavam repugnantemente espalhados no hall de entrada da TI. Os responsáveis começaram a entrar antes que ele percebesse os detalhes, antes que começasse a temer que outra explosão ocorresse bem à sua frente.

O rifle ao lado dele tornou a disparar, e dessa vez Sims não gritou. Dessa vez, várias outras armas atiraram também. As pessoas que tentavam abrir caminho pelas cadeiras, em vez disso, tropeçavam nelas. Seus corpos tremiam como se fossem puxados por fios invisíveis, arcos vermelhos como tinta voando deles.

Veio mais gente. Um homem grande com um rugido rouco. Tudo se movia tão lentamente... Lukas podia ver todo o interior da boca aberta do homem, um grito no centro de uma barba descuidada. Seu peito tinha a largura de dois homens, e ele carregava um rifle à altura da cintura. O homem atirou na guarita de segurança em ruínas. Lukas viu Peter Billings girar e cair no chão, com a mão no ombro. Pedaços de vidro estremeciam presos às esquadrias da janela diante de Lukas enquanto cano após cano disparava ao longo da mesa de reuniões. A janela estilhaçada agora parecia insignificante. Uma decisão prudente.

A saraivada de balas atingiu o homem sem que ele a visse. A sala de reuniões

era uma armadilha, um ataque lateral. O homenzarrão estremeceu quando uma bala acertou o alvo por sorte. Seu queixo barbudo caiu. Seu rifle estava aberto ao meio, e havia uma bala reluzente em seus dedos. Ele tentou recarregar.

As armas da TI dispararam rápido demais para se contarem os tiros. Os técnicos apertavam os gatilhos, e as engrenagens e a pólvora faziam o resto. O homem gigantesco tentou, mas não conseguiu recarregar o rifle. Tropeçou nas cadeiras, derrubando-as no chão. Outra figura apareceu na porta, uma mulher pequena. Lukas a viu na extremidade do cano de sua arma, viu-a se virar e olhar direto para ele, a fumaça da explosão na direção dele, os cabelos brancos voando dos ombros como se a fumaça fizesse parte dela.

Ele via os olhos dela. Ainda não havia disparado; até então apenas observara, boquiaberto, o desenrolar da luta.

A mulher levou o braço para trás e tentou arremessar algo na direção dele.

Lukas puxou o gatilho. Seu rifle explodiu em luz e deu um coice. No tempo em que a bala levou para cruzar a sala, nesse longo e terrível intervalo, ele se deu conta de que ela era apenas uma velha. Segurando alguma coisa.

Uma bomba.

O torso da mulher girou, e seu peito desabrochou em vermelho. O objeto caiu. Houve outra espera terrível, mais atacantes surgiam, gritando com raiva, até que uma explosão despedaçou as cadeiras e as pessoas entre elas.

Lukas chorou enquanto uma segunda leva fez uma tentativa frustrada. Chorou até acabar com suas balas, chorou enquanto tentava tirar o pente vazio e enfiar um novo e cheio no lugar. O amargor salgado em seus lábios enquanto engatilhava e disparava outra rajada de metal ameaçador, muito mais sólido e veloz que a carne que encontrava.

52

Bernard despertou com o barulho dos tiros, seus olhos ardendo com a fumaça, os ouvidos ainda zunindo por causa de uma explosão bem anterior.

Peter Billings o sacudia pelos ombros e gritava com ele, o medo nos olhos arregalados e manchas de sangue seco na testa. Havia sangue em seu macacão, uma grande mancha cor de ferrugem.

— Hum...

— Senhor, está conseguindo me ouvir?

Bernard empurrou as mãos de Billings e tentou se sentar. Tateou o próprio corpo à procura de algum lugar quebrado ou sangrando. A cabeça latejava. A mão veio cheia de sangue do nariz.

— O que aconteceu? — resmungou.

Peter se agachou ao seu lado. Bernard viu Lukas parado bem atrás do xerife com o rifle no ombro, olhando na direção das escadarias. Ouviam-se gritos a distância, e também o espocar de tiros.

— Temos três mortos — disse Peter. — Alguns feridos. Sims levou uma meia dúzia pela escadaria. A situação para eles está bem pior que para nós. *Muito* pior.

Bernard assentiu. Examinou seus ouvidos e ficou surpreso por não estarem sangrando também. Limpou o sangue do nariz na manga da roupa e deu um tapinha no braço de Peter, fazendo um gesto com a cabeça para o xerife.

— Chame Lukas — disse ele.

Peter fechou a cara, mas assentiu. Falou com Lukas, e o jovem se ajoelhou ao lado de Bernard.

— Você está bem? — perguntou Lukas.

Bernard assentiu.

— Burro — disse. — Não sabia que eles tinham armas. E devia ter adivinhado que poderiam ter bombas.

— Calma.

Ele sacudiu a cabeça.

— Você não devia estar aqui. Burro. Nós dois poderíamos ter sido...

— Bem, *nenhum de nós* foi, senhor. Nós os botamos para correr pelas escadas. Acho que acabou.

Bernard deu um tapinha em seu braço.

— Me leve ao servidor — disse ele. — Temos que relatar isso.

Lukas balançou a cabeça; sabia de que servidor Bernard estava falando. Ajudou Bernard a ficar de pé, com um braço ao seu redor. Peter Billings permanecia de cara fechada enquanto os dois homens seguiram juntos com dificuldade pelo corredor enfumaçado.

— Nada bom — disse Bernard a Lukas quando se afastaram dos outros.

— Mas nós ganhamos, não?

— Ainda não. Os danos não serão contidos aqui. Não hoje. Você vai ter que ficar lá embaixo por algum tempo. — Bernard fez uma expressão de dor e tentou caminhar sozinho. — Não podemos arriscar que algo aconteça a nós dois.

Lukas pareceu não gostar. Digitou seu código na porta, pegou sua identificação, limpou o sangue de outra pessoa do cartão e de sua mão e então passou a identificação pelo leitor.

— Eu compreendo — disse por fim.

Bernard sabia que tinha escolhido o homem certo. Deixou que Lukas fechasse a porta pesada enquanto ia até o último dos servidores. Perdeu o equilíbrio e caiu em cima do servidor número oito. Parou ali para se recuperar e descansar um pouco até a tonteira passar. Lukas o alcançou e estava tirando do macacão sua cópia da chave mestra antes que Bernard chegasse aos fundos do salão.

Bernard se apoiou na parede enquanto Lukas abria o servidor. Ainda estava abalado demais para perceber o código que piscava no painel frontal. Em seus ouvidos ainda ecoava um falso zumbido, que o impediu de distinguir a campainha.

— O que significa isso? — perguntou Lukas. — Esse barulho?

Bernard olhou-o intrigado.

— Alarme de incêndio? — continuou, apontando para o teto.

Bernard finalmente ouviu também. Ele cambaleou até a parte de trás do servidor quando Lukas abriu a última tranca e empurrou o homem mais jovem para fora do caminho.

Quais eram as chances? Será que eles já sabiam? A vida de Bernard tinha saído dos eixos completamente em dois diazinhos. Ele enfiou a mão no saco de pano, pegou os fones de ouvido e os pôs sobre suas orelhas ainda doídas. Enfiou o plugue na entrada identificada com o número “1” e se surpreendeu ao ouvir um bipe. O rádio estava chamando. Ele estava fazendo uma chamada.

Tirou o plugue, apressado, interrompendo a chamada, e viu que a luz acima do “1” não piscava. Era a que ficava sobre o número “17” que estava piscando.

Bernard sentiu a sala girar. Um silo morto estava ligando para ele? Um sobrevivente? Depois de todos aqueles anos? Com acesso aos servidores? Sua mão tremeu quando enfiou o plugue no lugar correspondente. Lukas estava perguntando alguma coisa atrás dele, mas Bernard não conseguia escutar nada com os fones de ouvido.

— Alô? — disse ele. — Alô? Tem alguém aí?

— Alô — respondeu uma voz.

Bernard ajustou os fones. Acenou para que Lukas calasse a porra da boca. Seus ouvidos ainda zuniam, e o sangue do nariz escorria até a boca.

— Quem está falando? — perguntou ele. — Pode me ouvir?

— Estou ouvindo você, sim — disse a voz. — Você é quem eu estou pensando?

— Quem está falando, cacete? — disse Bernard, agressivo. — Como conseguiu acesso ao...

— Você me mandou para fora — disse a voz. — Você me mandou para a morte.

Bernard escorregou para o chão. As pernas ficaram dormentes. O fio se esticou, e os fones quase foram arrancados de seus ouvidos. Ele agarrou os fones e fez um esforço enorme para falar. Lukas o estava sustentando de pé pelas axilas, para que não caísse para trás.

— Você está aí? — perguntou a voz. — Sabe quem está falando?

— Não — respondeu. Mas ele sabia. Era impossível, mas ele sabia.

— Você me mandou para a morte, seu escroto.

— Você conhecia as regras! — gritou Bernard, berrando com um fantasma. — Você *sabia*!

— Cale a boca e escute, Bernard. Só cale a porra da boca e me escute com muita atenção.

Bernard esperou. Podia sentir o cobre do próprio sangue na boca.

— Estou indo atrás de você. Estou indo para casa e vou fazer uma *limpeza*.

PARTE 5 – OS ABANDONADOS

53

Silo 18

Marck desceu desabalado a grande escadaria com a mão deslizando pelo corrimão frio, um rifle embaixo do braço e as botas escorregando em sangue. Ele mal podia ouvir os gritos por toda a sua volta: os lamentos dos feridos que eram meio arrastados pelos degraus, os gritos horrorizados das multidões curiosas em todos os andares, que testemunharam sua passagem, e os gritos de promessas de violência dos homens atrás dele e do resto dos mecânicos.

O zumbido em seus ouvidos abafava a maior parte do barulho. Fora a explosão, a maldita explosão. Não a que abriu as portas da TI — ele estava preparado para aquela, agachado com o restante do grupo. E não foi a segunda bomba, a que Knox lançou bem fundo no coração do covil inimigo. Foi a última, a que o pegou de surpresa, a que saiu das mãos daquela mulher pequena e de cabelos brancos do Suprimentos.

A bomba de McLain. Tinha explodido bem na frente dele, tinha levado sua audição junto com a *vida* dela.

E Knox, o chefe corpulento e inabalável da Mecânica — seu chefe, seu bom amigo —, morto.

Marck desceu correndo as escadas, ferido e com medo. Estava muito longe da segurança das profundezas e queria desesperadamente encontrar a esposa. Ele se concentrou nisso, e não no que acontecera, tentou não pensar na explosão que levara seus amigos, que destruíra seus planos e acabara com qualquer chance de justiça.

Tiros abafados ecoaram mais acima, seguidos pelo retinir penetrante de balas acertando o aço, só aço, graças a Deus. Marck se manteve longe do corrimão externo, longe do alvo dos atiradores que os assombravam dos andares superiores com seus rifles precisos. As boas pessoas da Mecânica e do Suprimentos vinham correndo e lutando por mais de dez andares. Marck implorou em silêncio que os homens no alto parassem para lhes dar uma chance

de descansar, mas as botas e as balas não se interrompiam.

Meio andar depois, ele alcançou três membros do Suprimentos. O do meio estava ferido e sendo carregado, os braços sobre os ombros dos outros dois. Seus macacões amarelos estavam sujos de sangue. Gritou com eles para não pararem, não conseguia ouvir a própria voz, só podia senti-la no peito. Um pouco do sangue no qual Marck estava escorregando era dele mesmo.

Com o braço machucado apertado no peito e o rifle pendurado no ombro, Marck mantinha a outra mão no corrimão para evitar cair de cara na escada íngreme. Não havia aliados atrás dele, nenhum ainda vivo. Depois da última troca de tiros, ele havia mandado os outros na frente e quase não conseguira escapar. E, apesar de tudo, eles continuavam a vir, incansáveis. Marck de vez em quando fazia uma pausa, pegava a munição pouco confiável, colocava um cartucho na câmara e atirava de qualquer jeito escada acima, só para *fazer* alguma coisa. Para retardá-los.

Ele parou para respirar, se debruçou no corrimão e apontou o rifle para o alto. O tiro seguinte foi um fracasso. As balas que zuniram de volta em sua direção, *não*.

Encolhido contra a coluna central da escada, recarregou a arma com calma. Seu rifle não era como os deles. Um tiro de cada vez, e com pouca precisão. Eles tinham armas modernas das quais Marck nunca ouvira falar, tiros que vinham rapidamente, como uma pulsação acelerada. Foi na direção do corrimão, conferiu a plataforma do andar abaixo e viu rostos curiosos pela porta entreaberta, dedos envoltos na maçaneta de aço. Era isso. A plataforma do quinquagésimo sexto andar. Foi ali que tinha visto sua esposa pela última vez.

— Shirly!

Chamando o nome dela, ele desceu mais um quarto de volta até chegar ao nível da plataforma. Mantinha-se próximo da parte interna, escondido de seus perseguidores, e procurava entre os rostos nas sombras.

— Minha esposa! — gritou ele na plataforma do andar, uma das mãos no rosto, esquecendo que o zumbido inacreditável estava apenas em seus ouvidos, não nos deles. — Onde está ela?

Uma boca se moveu na multidão escura, mas a voz era um zumbido distante e abafado. Outra pessoa apontou. Os rostos se contraíram de medo. A porta entreaberta se fechou quando se ouviu o barulho de outra bala ricocheteando. A escadaria balançava com todas aquelas botas assustadas lá embaixo e as que perseguiam as primeiras, mais acima. Marck olhou para os cabos de força ilegais jogados por cima do corrimão e se lembrou dos fazendeiros tentando roubar

eletricidade do nível de baixo. Desceu as escadas correndo, seguindo os fios grossos, desesperado para encontrar Shirly.

Um andar abaixo, certo de que sua esposa estaria lá, Marck encarou o espaço aberto da plataforma, atravessou-o correndo e se atirou nas portas. Houve tiros. Marck agarrou a maçaneta e puxou, gritando o nome de Shirly para ouvidos tão surdos quanto os dele. A porta se moveu, mas não abriu, bloqueada pela força de braços fortes e invisíveis lá dentro. Ele bateu na janela de vidro, deixando uma impressão rosa de sua mão espalmada, e gritou para que abrissem e o deixassem entrar. Balas ávidas quase acertaram seus pés, e uma delas deixou uma marca na porta. Agachado e cobrindo a cabeça, ele correu de volta para as escadas e se obrigou a descer. Se Shirly estivesse atrás daquelas portas, talvez estivesse em situação melhor que a dele. Ela poderia se livrar de qualquer equipamento que a incriminasse e se misturar aos outros até que a situação acalmasse. Se ela estivesse lá embaixo, ele precisava correr para encontrá-la. De todo modo, *descer* era a única opção.

No andar seguinte, alcançou os mesmos três membros do Suprimentos por quem passara mais cedo. O homem ferido estava sentado na plataforma, de olhos arregalados. Os outros dois o ajudavam, sujos de sangue por carregá-lo. Um dos trabalhadores do Suprimentos era uma mulher que Marck reconheceu vagamente da subida. Havia um fogo gelado em seus olhos quando Marck parou para ver se precisavam de ajuda.

— Posso carregá-lo — gritou ele, ajoelhando-se ao lado do homem ferido.

A mulher disse algo. Marck sacudiu a cabeça e apontou para os ouvidos. Ela repetiu o que dissera, movendo exageradamente os lábios, mas Marck não conseguiu entender. Ela desistiu, segurou o braço dele e o empurrou para longe. O homem ferido apertava a barriga, e uma mancha vermelha crescia em seu abdome e descia até a virilha. As mãos agarravam algo que se projetava ali do meio, uma rodinha girando no fim de um tubo de aço. A perna de uma cadeira.

A mulher tirou uma bomba da mochila que carregava, um daqueles canos que prometiam tanta violência. A bomba foi passada solenemente para o homem ferido, que a aceitou com os nós dos dedos brancos e as mãos, trêmulas.

Os dois membros do Suprimentos puxaram Marck dali, para longe do homem com um pedaço de móvel de escritório enfiado na barriga. Os gritos pareciam distantes, mas ele sabia que estavam próximos. Estavam praticamente em seu ouvido. Ele foi repentinamente puxado para trás, transfixado pelo olhar vazio no rosto daquele homem ferido e condenado, cujos olhos se fixaram nos de Marck. O homem segurava a bomba longe de si, com os dedos em torno do terrível

cilindro de aço, um esgar de dentes cerrados marcando seu rosto.

Marck olhou para cima das escadas onde as botas finalmente estavam se aproximando deles, podendo ser vistas, negras e sem sangue, um inimigo incansável e superior. Desciam pela trilha gotejante que Marck e os outros haviam deixado para trás, indo atrás deles com sua munição que nunca falhava.

Ele desceu as escadas de costas e aos tropeções, meio que puxado pelos outros, com uma das mãos no corrimão e os olhos fixos na porta que se abria às costas do homem que haviam deixado para trás.

Ali apareceu um rosto jovem, um garoto curioso que tinha saído correndo para ver o que se passava. Várias mãos adultas se apressaram em puxá-lo de volta.

Marck foi arrastado escadaria abaixo, já muito longe para saber o que aconteceu em seguida. Mas seus ouvidos, por mais abafados que estivessem, captaram o espocar e o zunido de tiros, em seguida uma detonação, uma explosão que sacudiu a grande escadaria, que derrubou Marck e os outros, jogando-os contra o corrimão. Seu rifle rolou para a beirada das escadas, e Marck deu um pulo para agarrá-lo. Conseguiu pegá-lo antes que escapasse e caísse no espaço vazio.

Atônito e oscilando, ele primeiro ficou de quatro e depois conseguiu lentamente pôr-se de pé. Sem sentir nada, arrastou-se para a frente, descendo os degraus que estremeciam, degraus que retiniam sob seus pés e tremiam enquanto o silo ao seu redor continuava em sua espiral para a loucura sinistra.

54

Silo 18

O primeiro momento de verdadeiro descanso só chegou horas mais tarde no Suprimentos, nos primeiros andares das profundezas. Houve quem falasse em resistir ali, montar alguma espécie de barricada, mas não estava claro como toda a escadaria poderia ser bloqueada, incluindo o espaço entre o corrimão e as paredes de concreto. Era por esse vão que as balas zuniam, por esse lugar usado pelas pessoas para pular e se suicidar, e por onde o inimigo com certeza podia arranjar um jeito de descer.

A audição de Marck tinha melhorado na última parte da descida. O bastante para ele ficar cansado da batida ritmada de suas próprias botas, do som de seus gemidos de dor e do barulho de sua inspiração arfante e exausta. Ouviu alguém dizer que a última explosão tinha destruído a escada e impedido a perseguição. Mas por quanto tempo? Qual tinha sido a extensão do dano? Ninguém sabia.

A tensão era cada vez maior naquela plataforma. A notícia da morte de McLain perturbou o pessoal do Suprimentos. Os feridos de macacão amarelo foram levados para dentro, mas sugeriu-se, sem qualquer gentileza, que os feridos da Mecânica fossem receber tratamento melhor mais embaixo. Onde era o lugar deles.

Marck tentava se encontrar em meio às discussões. As vozes ainda soavam abafadas e distantes. Perguntou a todos sobre Shirly. Vários de amarelo deram de ombros como se não a conhecessem. Um homem disse que ela já tinha descido com outros feridos. Teve que dizer isso uma segunda vez, mais alto, até Marck ter certeza de que o ouvira.

Eram boas notícias, pelo menos ele achou que sim. Estava prestes a ir embora quando a esposa surgiu sem aviso do meio da multidão ansiosa e o assustou.

Os olhos dela se arregalaram ao reconhecê-lo. Então ela viu seu braço ferido.

— Ah, meu Deus!

Ela o abraçou e apertou o rosto contra seu pescoço. Marck a envolveu com um

dos braços, o rifle entre os dois, o cano frio encostado na face trêmula dele.

— Você está bem? — perguntou Marck.

Shirly se agarrou ao pescoço de Marck e a cabeça descansou em seu ombro. Então ela disse algo que ele não conseguiu ouvir, mas sentiu. Ela se afastou para examinar seu braço.

— Eu não consigo escutar — disse Marck.

— Eu estou bem — continuou ela mais alto, e sacudiu a cabeça, com os olhos úmidos e arregalados. — Eu não estava lá. Não vi nada disso. É verdade sobre Knox? O que aconteceu? Foi muito ruim?

Shirly se concentrou no ferimento, e ele gostou de sentir as mãos dela em seu braço, fortes e confiantes. A multidão ia diminuindo à medida que os membros da Mecânica seguiam escada abaixo. Vários vestindo o amarelo dos Suprimentos olharam Marck com frieza, vendo sua ferida como se temessem que logo ela se tornasse problema *deles*.

— Knox está morto — contou o marido. — McLain também. Mais alguns. Eu estava lá na hora da explosão.

Ele olhou para o braço, que ela expusera rasgando sua camiseta rasgada e suja.

— Você foi baleado?

Ele sacudiu a cabeça.

— Não sei. Aconteceu muito *rápido*. — Olhou por cima do ombro. — Aonde todos estão indo? Por que não estamos nos reagrupando aqui?

Shirly rangeu os dentes e apontou a porta com a cabeça. Lá dentro havia uma fileira dupla de macacões amarelos.

— Acho que não nos querem aqui — disse ela, com a voz mais alta para que ele conseguisse ouvir. — Preciso limpar essa ferida. Acho que tem um pedaço da bomba aí.

— Estou bem — insistiu ele. — Eu só estava procurando você. Estava doido de preocupação.

Ele viu que a mulher chorava, um fio de lágrimas se destacando em meio às gotas de suor.

— Achei que você tivesse morrido — disse ela.

Ele teve que ler seus lábios para entender.

— Pensei que eles tinham... que você... — Ela mordeu o lábio e olhou fixamente para ele com um medo que não era característico.

Marck nunca tinha visto a mulher amedrontada daquele jeito, nem com um grande vazamento em um caixilho, nem com desabamento na mina nos

subterrâneos que prendeu vários de seus melhores amigos, nem mesmo quando mandaram Juliette para a limpeza. Mas a expressão dela agora estava cheia de terror. E isso o assustou de um modo que nem as balas nem as bombas tinham conseguido.

— Vamos nos apressar para alcançar os outros — disse ele, tomando-a pela mão.

Dava para sentir o clima extremamente tenso na plataforma, com os olhares implorando para que eles fossem embora.

Quando ouviram outra vez o som de tiros que vinham lá de cima, e os membros do Suprimentos recuaram para a segurança, Marck soube que aquele breve momento de repouso tinha acabado. Mas tudo bem. Tinha achado a esposa. Ela estava ilesa. Havia pouco que pudessem fazer contra ele agora.

* * *

Quando chegaram juntos ao cento e trinta e nove, Marck soube que tinham conseguido. Suas pernas de algum modo haviam resistido. A perda de sangue não o detivera. Com a ajuda da esposa pelo caminho, os dois passaram pela última plataforma antes de chegarem à Mecânica, e ele só conseguia pensar em resistir àqueles filhos da mãe que estavam atirando lá de cima. No interior da Mecânica, eles teriam poder, a segurança de estar em maior número, a vantagem do terreno familiar. E o mais importante: poderiam cuidar de seus ferimentos e descansar. Era disso que ele precisava agora: descansar.

Ele quase tropeçou e caiu nos últimos degraus. Suas pernas não estavam prontas para o término daquela descida, para o chão plano, em vez de mais um degrau. Seus joelhos cederam, mas Shirly o segurou, e ele viu o grupo de pessoas na guarita da segurança da Mecânica.

O grupo que ficara para trás enquanto o restante marchava para a luta tinha se mantido ocupado. Os outros mecânicos haviam soldado placas de aço para fechar a ampla entrada. A barreira com os losangos de metal em relevo ia do chão ao teto, e de um dos cantos saíam faíscas enquanto alguém concluía o trabalho pelo outro lado. A repentina chegada de muitos refugiados e feridos formou uma multidão desesperada para entrar. Os mecânicos se empurravam e se esmagavam contra a barreira. Gritavam e batiam nas placas de metal, loucos de medo.

— Que diabos é isso? — gritou Marck.

Ele seguiu Shirly, que se reuniu ao final da multidão. Na frente, uma pessoa

estava engatinhando pelo chão, rastejando de bruços por um espaço mínimo, um retângulo que restara aberto embaixo da catraca da segurança, largo o bastante para um corpo passar, fácil o bastante de defender.

— Calma! Esperem sua vez — gritou alguém à frente deles.

Havia macacões amarelos misturados com os outros. Alguns eram mecânicos disfarçados. Outros pareciam ser do Suprimentos, ajudando os feridos, misturados no grupo errado ou descrentes de que seu nível fosse seguro o bastante.

Enquanto Marck tentava empurrar Shirly para a frente, ouviu-se um tiro. O impacto e a vibração de uma bala de chumbo quente que atingiu algo ali perto. Ele mudou de direção e a puxou de volta para as escadas. A confusão na entrada impossivelmente pequena ficou uma loucura completa. Todo mundo gritava, de fora e de dentro do buraco, as pessoas de fora dizendo que estavam sendo alvejadas, as do outro lado berrando:

— Um de cada vez!

Vários estavam de bruços, rastejando para entrar na pequena passagem. Alguém enfiou o braço e logo foi empurrado, deslizando pela grade de aço do chão para dentro do espaço escuro. Dois outros tentaram ser os seguintes, lutando pela posição. Estavam todos expostos no vão das escadarias. Atiraram outra vez, e outra pessoa caiu gritando, com a mão no ombro.

— Me acertaram!

A multidão se dispersou. Vários correram de volta para as escadas, onde os lances acima os protegiam dos tiros. O restante estava no caos, todos tentando passar ao mesmo tempo por um espaço feito especialmente para impedir a passagem de mais de uma pessoa por vez.

Shirly gritou e apertou o braço de Marck quando outra pessoa foi baleada ali perto. Um mecânico caiu no chão, encolhido de dor. Shirly berrou com o marido, perguntando o que deveriam fazer.

Marck largou a mochila, beijou-a no rosto e subiu correndo as escadas com seu rifle. Tentou subir dois degraus de cada vez, mas suas pernas estavam doloridas demais. Outro tiro, o ricochete de um disparo errado. Seu corpo parecia estar extremamente pesado, lento como em um pesadelo. Ele estava quase na plataforma do cento e trinta e nove, na linha de tiro, mas os atiradores estavam mais acima, disparando a esmo na multidão muito distante.

Ele se certificou de que tinha um cartucho novo na arma caseira, engatilhou-o e subiu à plataforma do andar. Vários homens de cinza da segurança estavam debruçados no parapeito acima, com os canos apontados para o nível da

Mecânica. Um deles cutucou o vizinho e apontou para Marck. Marck viu tudo pela mira de seu próprio rifle.

Ele atirou, e um rifle negro caiu lá de cima em sua direção. Os braços de quem o segurava ficaram dependurados do corrimão antes de escorregarem e sumirem.

Houve muitos tiros, mas ele já tinha pulado de volta para as escadas. Os gritos ficaram furiosos, acima e abaixo dele. Marck foi para o outro lado das escadas, para longe de onde fora visto pela última vez, e olhou para baixo. A multidão perto da barreira de segurança estava menor. Cada vez mais pessoas eram puxadas para dentro. Ele viu Shirly olhando para cima, protegendo os olhos das luzes das escadas.

Quando a primeira bota apareceu, ele se firmou, permitiu que mais dois homens ficassem alinhados diante de sua arma e puxou o gatilho.

Outro rifle negro caiu com estrépito pelos degraus e quicou no corrimão. Outro homem caiu de joelhos.

Marck se virou e correu. A arma escorregou de sua mão, e ele a sentiu bater em suas panturrilhas e ir para longe. Não parou para recuperá-la. Desceu deslizando as escadas, perdeu o equilíbrio e aterrissou sentado, levantando de um pulo. Tentou descer dois degraus de cada vez, estava correndo como em um sonho — não rápido o bastante, as pernas parecendo aço enferrujado...

Houve um estrondo e um disparo abafado às suas costas, e de algum modo, alguém o havia alcançado, dando-lhe um soco por trás que o acertou.

Marck caiu para a frente e rolou pelas escadas. O queixo bateu no aço, e a boca começou a sangrar. Tentou rastejar, ficou de pé e tentou andar, mas ouviu outro estampido, sentiu outro golpe nas costas e a sensação de ter sido mordido e chutado ao mesmo tempo.

Essa é a sensação de levar um tiro, pensou, meio entorpecido. Deu ainda mais três passos trôpegos, não sentia mais as pernas e desabou na grade do piso.

O nível de baixo estava quase vazio. Havia uma pessoa ao lado da pequena passagem. Outra estava com metade do corpo para dentro e metade para fora, e agitava as pernas.

Marck viu que era Shirly, de bruços, olhando para ele. Os dois estavam deitados no chão. Muito confortáveis no chão. Ele sentiu o aço frio no rosto. Não havia mais degraus para descer, não havia mais balas para carregar, nada em que atirar.

Shirly estava gritando, não tão feliz quanto ele por estar deitada ali.

Ela esticou um dos braços pelo pequeno retângulo negro e tentou alcançá-lo, raspando pelas bordas ásperas da passagem. O corpo dela deslizou para dentro,

puxado por alguma força na Mecânica e empurrado pela pessoa simpática de macacão amarelo ainda parada ao lado da estranha parede de aço onde costumava ficar a entrada para sua casa.

— Vá — disse Marck, querendo que ela não gritasse. O sangue banhava o chão à sua frente, reforçando suas palavras. — Eu amo você.

E, como se cumprissem uma ordem imediata, os pés dela deslizaram para a escuridão, seus gritos engolidos por aquela boca escura e retangular.

E a pessoa de amarelo se virou. Os olhos do homem simpático se arregalaram, seu queixo caiu, e então seu corpo se retorceu pela violência da saraivada de tiros.

A dança mortal daquele homem foi a última coisa que Marck viu.

E ele ouviu muito distante, por não mais que um átimo, seu próprio fim, que veio em seguida.

55

Três semanas depois

Silo 18

Walker estava em seu catre e ouvia os sons da violência distante. Gritos ecoavam pelo corredor, vindos da entrada da Mecânica. O espocar familiar de tiros vinha em seguida, o *pop pop pop* dos mocinhos seguido pelo *ratatatatá* dos bandidos.

Houve um estrondo terrível, o ribombar de pólvora contra aço, e o tiroteio entre dois lados interrompeu-se por um instante. Mais gritos. Passos pesados de botas passaram pelo corredor do outro lado da porta. As botas eram a batida constante que marcava o ritmo daquele mundo novo. Podia ouvir a música de sua cama, mesmo com os cobertores puxados até a cabeça, mesmo com o travesseiro por cima, mesmo enquanto implorava aos gritos, inúmeras vezes, para que, por favor, aquilo parasse.

As botas no corredor levavam junto mais gritos. Walker se encolheu completamente, os joelhos contra o peito, perguntando-se que horas seriam, temendo que já fosse de manhã, hora de acordar.

Houve então um período de silêncio, a quietude do cuidar dos feridos, seus gemidos fracos demais para passar pela porta trancada.

Walker tentou dormir antes que aumentassem a música de novo. Mas, como sempre, o silêncio era pior. Durante o silêncio, ele ficava ansioso à espera do início dos disparos de um novo tiroteio. Sua impaciência para dormir normalmente assustava o sono. E ele ficava apavorado que a resistência tivesse finalmente terminado, que os maus tivessem vencido e estivessem vindo atrás dele...

Alguém bateu à sua porta, um punho pequeno e raivoso, inconfundível para ouvidos experientes. Quatro batidas curtas, e ela foi embora.

Shirly. Ela devia ter deixado suas rações de café da manhã no lugar de

costume, levando embora o jantar quase intocado da noite anterior. Walker resmungou e girou o corpo velho e cansado para o outro lado. Botas pisavam com força. Sempre correndo, sempre ansiosas, sempre hostis. E aquele corredor, antes tão silencioso, tão longe das máquinas e bombas que realmente precisavam de cuidados, tinha se transformado em uma passagem movimentada. O que importava agora era a entrada, o funil pelo qual se derramava todo o ódio. Fodam-se o silo, as pessoas lá em cima e as máquinas lá embaixo, só briguem por este pedaço de chão sem valor, empilhem os corpos dos dois lados até que um deles desista, façam isso porque era a causa de ontem, e porque ninguém queria se lembrar de mais nada além de ontem.

Mas Walker queria. Ele lembrava...

A porta para sua oficina se abriu de repente. Por um vão naquele casulo imundo, Walker podia ver Jenkins, um garoto de seus vinte e poucos anos, mas com uma barba que o fazia parecer mais velho, um menino que herdou aquela confusão no momento em que Knox morreu. O garoto veio correndo pelo labirinto de bancadas e peças espalhadas, bem na direção de Walker.

— Estou *acordado* — resmungou Walker, torcendo para que Jenkins fosse embora.

— Não está, não. — Jenkins chegou até a cama de Walker e o cutucou nas costelas com o cano de sua arma. — Vamos lá, velho, levante!

Walker ficou tenso e recuou. Sacudiu um braço para que o rapaz fosse embora.

Jenkins baixou um olhar sério para ele, uma expressão grave em seu rosto barbado, seus olhos jovens enrugados de preocupação.

— Precisamos consertar o rádio, Walk. Estamos levando uma surra lá fora. E, se eu não conseguir escutar a comunicação deles, acho que não consigo defender este lugar.

Walker tentou se levantar. Jenkins segurou o cinto de seu macacão e o ajudou como pôde.

— Passei a noite em claro por causa disso — contou Walker.

Ele esfregou o rosto. Seu hálito estava horrível.

— Consertou? Precisamos do rádio, Walk. Você sabe que Hank arriscou a vida para conseguir esse troço para a gente, não é?

— Bem, ele devia ter arriscado um pouco mais e mandado um *manual* — reclamou Walker.

Ele apoiou as mãos nos joelhos e, com muita reclamação de suas juntas, levantou-se e andou com dificuldade até a bancada de trabalho, jogando os

lençóis embolados no chão. Suas mãos formigavam com a sensação de fraqueza por não conseguir formar um punho firme.

— Resolvi a questão da bateria — explicou a Jenkins. — Acontece que esse não era o problema.

Walker olhou na direção da porta aberta e viu Harper, um trabalhador da refinaria transformado em soldado, parado no corredor. Harper tinha se tornado o segundo no comando de Jenkins depois que mataram Pieter. Agora ele estava olhando para o café da manhã de Walker, praticamente babando.

— Pode comer — disse Walker, e acenou dispensando a tigela fumegante.

Harper ergueu os olhos arregalados, mas sua hesitação não durou mais que isso. Apoiou o rifle na parede, sentou-se na porta da oficina e começou a devorar a comida.

Jenkins grunhiu em desaprovação, mas não disse nada.

— Então, está vendo aqui? — Walker mostrou a ele o local sobre a bancada onde havia várias peças do pequeno aparelho de rádio desmontadas e unidas por fios, para que todas as partes fossem acessíveis. — Tenho energia constante. — Deu um tapinha no transformador que havia montado para trabalhar sem bateria. — E os alto-falantes funcionam. — Ele apertou o botão de transmissão, e houve um *pop* e um chiado de estática nos alto-falantes sobre a bancada. — Mas não recebemos nada. Não estão *dizendo* nada. — Ele se virou para Jenkins. — Ficou ligado a noite inteira. E eu tenho sono leve.

Jenkins o estudou.

— Eu teria ouvido — insistiu. — Não estão falando.

Jenkins esfregou o rosto e fechou o punho. Manteve os olhos fechados, com a mão na testa e certo cansaço na voz.

— Acha que alguma coisa quebrou quando você o destruiu?

— Desmontei — disse Walker com um suspiro. — Eu não o *destruí*.

Jenkins olhou para o teto e relaxou o punho.

— Então você acha que eles não estão mais usando o rádio, é isso? Acha que descobriram que nós arranjamos um? Eu juro, acho que esse maldito sacerdote que mandaram é um espião. Está tudo desmoronando desde que o deixamos entrar aqui para dar os últimos sacramentos.

— Não *sei* o que eles estão fazendo — admitiu Walker. — Acho que ainda estão usando os rádios, só que de algum modo excluíram este. Olhe, eu fiz outra antena, uma mais potente.

Mostrou ao jovem os fios que subiam da bancada e se enrolavam em torno das vigas de aço.

Jenkins acompanhou o dedo dele, então virou a cabeça para a porta. Havia mais gritos no corredor. Harper parou de comer por um instante e escutou. Mas só por um instante. Ele logo enfiou a colher de volta no mingau de milho.

— Eu só preciso saber quando vou conseguir voltar a escutar. — Jenkins deu um tapinha na bancada com a ponta dos dedos e então pegou seu rifle. — Já estamos atirando às cegas por quase uma semana. Preciso de resultados agora, não de aulas sobre isso tudo. — Ele gesticulou na direção do trabalho de Walker. — Toda essa *feitiçaria*.

Walker se acomodou em seu banco favorito e examinou com atenção a miríade de circuitos que antes estavam todos arrumados no interior do rádio quebrado.

— Não é feitiçaria — disse ele. — É tecnologia. — Apontou para duas placas conectadas pelos cabos que ele esticara e ressoldara para poder analisar melhor cada peça. — Sei o que a maior parte dessas peças faz, mas você não pode esquecer que nada é conhecido sobre esses aparelhos. Pelo menos, não fora da TI. Eu tenho que teorizar enquanto conserto.

Jenkins esfregou o alto do nariz.

— Só me avise quando conseguir alguma coisa. Todas as suas outras ordens de serviço podem esperar. Só isso importa. Entendeu?

Walker assentiu. Jenkins se virou e gritou com Harper que ficasse de pé.

Deixaram Walker em seu banco, e suas botas retomaram o ritmo da música.

Sozinho, Walker encarou a máquina em cima da sua bancada de trabalho, as luzinhas verdes em placas misteriosas que se acendiam e pareciam zombar dele. Sua mão foi para as lentes de aumento como se tivesse vontade própria, como se por décadas de hábito, quando tudo o que Walker queria era voltar para a cama e se enroscar em um casulo, desaparecer.

Ele precisava de ajuda, pensou. Olhou ao redor para ver o que era necessário fazer e, como sempre, seus pensamentos se desviaram para Scottie, sua pequena sombra, que tinha ido trabalhar na TI, onde as pessoas da Mecânica não tinham conseguido protegê-lo. Houve um curto período de tempo, entre o agora e um passado nebuloso, em que Walker tinha sido um homem feliz. Quando sua vida devia ter terminado para evitar que ele tivesse que passar por todo o sofrimento que viria depois. Mas ele tivera aquela felicidade breve e agora mal se lembrava dela. Não conseguia imaginar qual era a sensação de acordar com disposição de manhã, de ir dormir satisfeito no fim do dia.

Agora tudo era apenas medo e tristeza. E também arrependimento.

Ele tinha começado aquilo tudo, todo o barulho e a violência. Estava

convencido disso. Cada vida perdida passou por suas mãos enrugadas. Toda lágrima derramada foi por suas ações. Ninguém dizia, mas ele podia senti-los pensando assim. Uma pequena mensagem para o Suprimentos, um favor para Juliette, só uma chance de dignidade, uma oportunidade de testar sua teoria louca e horrível, de morrer fora de vista... Depois, toda essa avalanche de acontecimentos, a explosão de raiva, a violência sem sentido.

Não valia a pena, concluiu. Esse era sempre o resultado daquela equação: não valia a pena. Nada mais parecia valer a pena.

Debruçou-se na bancada e pôs suas velhas mãos para trabalhar. Era o que ele fazia, o que sempre tinha feito. Agora não havia escapatória, não havia como deter aqueles dedos com pele fina como papel, as palmas com sulcos profundos que pareciam nunca terminar, nem quando deveriam. Ele seguiu essas linhas até os pulsos ossudos, onde veias pequenas e delicadas corriam como um fio enterrado com fita isolante azul.

Um corte, e ele se encontraria com Scottie, veria Juliette.

Era tentador.

Especialmente porque, onde quer fosse, se os sacerdotes tinham alguma razão ou se estavam apenas malucos, seus dois velhos amigos estariam em um lugar melhor que ele...

56

Silo 17

Havia um pedacinho de fio de cobre em ângulo reto em relação ao resto. Era como uma plataforma de andar do silo se abrindo em meio à escada, um trecho plano no centro da espiral enroscada. Enquanto Juliette usava as pontas dos dedos para colocar os fios no lugar, aquela ponta fina e saliente penetrou em sua pele, picando-a como um inseto irritado.

Juliette praguejou e sacudiu a mão, quase deixou cair a outra ponta do fio, o que faria com que tudo despencasse vários níveis.

Limpou a gota de sangue no macacão cinza, depois terminou o conserto e prendeu os fios aos corrimãos para evitar que um puxão os separasse. Ainda não entendia como tinham se soltado, mas tudo naquele maldito silo parecia estar caindo aos pedaços. Seu juízo era o menor dos problemas.

Debruçou-se bastante no corrimão e pôs a mão na confusão de canos e tubulações presos à parede de concreto da escada. Tentou sentir, com as mãos frias por causa do ar gelado das profundezas, alguma vibração de água gorgolejando pelo cano.

— Alguma coisa? — gritou para Solo.

Pareceu haver um levíssimo tremor no tubo de plástico, mas podia ser sua pulsação.

— Acho que sim!

A voz fraca de Solo ecoou vinda de muito abaixo.

Juliette franziu a testa e examinou o cabo mal iluminado que descia pelo vão entre o degrau de aço e o concreto espesso. Ela teria que verificar com os próprios olhos.

Deixou a pequena bolsa de ferramentas na escada (não havia perigo de alguém tropeçar nela) e desceu dois degraus de cada vez na espiral que levava ao fundo do silo. A fiação elétrica e os longos tubos serpenteantes surgiam à vista a cada volta, com pedaços de adesivo roxo para marcar as soldaduras ou emendas

trabalhosas que ela cortara e apertara à mão.

Havia outros fios junto dos dela, cabos elétricos que vinham da TI lá em cima para conduzir energia para as lâmpadas de cultivo das fazendas dos níveis inferiores. Juliette se perguntou quem teria instalado aquilo. Não tinha sido Solo: aquela ligação fora feita durante os primeiros dias da destruição do Silo 17. Solo simplesmente se tornara o beneficiário sortudo do trabalho duro e desesperado de outra pessoa. As luzes de cultivo agora obedeciam aos horários de seus *timers*, a estufa obedecia à sua necessidade de florescer e, além do cheiro viciado de óleo e gasolina, de inundação e ar parado, o odor de plantas maduras crescendo sem controle podia ser sentido a vários níveis de distância.

Juliette parou na plataforma do cento e trinta e seis, a última parte seca antes da enchente. Solo tinha tentado alertá-la, tentara contar mesmo enquanto ela fantasiava sobre as escavadoras gigantescas na planta presa à parede. Droga, ela devia saber da enchente sem precisar que lhe contassem. A água do subsolo sempre penetrava em seu próprio silo. Era um dos problemas de viver abaixo do lençol freático. Sem energia alimentando as bombas, a água acabava entrando e subindo.

Na plataforma, ela se debruçou na grade de proteção e recuperou o fôlego. Solo estava doze degraus abaixo, na única faixa seca que seus esforços tinham conseguido expor. Quase três semanas de ligações elétricas e trabalho nos encanamentos, desmontando um bom pedaço da fazenda hidropônica mais baixa, descobrindo uma bomba e usando-a para desviar a água para os tanques de tratamento, e eles tinham esvaziado apenas a altura de um degrau.

Solo se virou e sorriu para ela.

— Está funcionando, não é?

O homem coçou a cabeça de cabelos despenteados, a barba marcada por fios grisalhos que contrastavam com sua alegria juvenil. A pergunta esperançosa pairava no ar, uma nuvem visível no frio das profundezas.

— Não *o bastante* — disse Juliette, aborrecida com o progresso.

Ela espiou por cima do corrimão, além dos bicos das botas emprestadas, na direção do multicolorido espelho de água lá embaixo. A superfície com óleo e gasolina estava absolutamente imóvel. Por baixo dessa cobertura de sujeira, as luzes de emergência brilhavam num verde sinistro, dando às profundezas uma aparência fantasmagórica que combinava com o restante do silo vazio.

Naquele silêncio, Juliette ouviu um suave gorgolejar no cano a seu lado. Chegou a imaginar ouvir o zunido distante da bomba submersa uns quatro metros abaixo do óleo e da gasolina. Tentou usar sua força de vontade para

obrigar a água a subir por aquele cano, por vinte andares e centenas de soldas e encaixes, até os enormes tanques vazios de tratamento.

Solo tossiu, a mão cobrindo a boca.

— E se nós instalarmos outra?

Juliette gesticulou para silenciá-lo. Ela estava fazendo contas.

O volume de oito andares da Mecânica era difícil de calcular, com tantos corredores, quartos e salas que podiam ou não estar cheios, mas ela podia calcular a altura da barra cilíndrica que ia dos pés de Solo até a guarita de segurança. Aquela única bomba reduzira o nível da inundação cerca de trinta centímetros em duas semanas. Faltavam uns vinte e cinco, trinta metros. Com outra bomba, um ano até atingir a entrada da Mecânica. Se os níveis intermediários estivessem ou não hermeticamente fechados, poderia levar muito mais tempo. Só a Mecânica poderia precisar de três ou quatro vezes esse tempo para esvaziar.

— E se botarmos outra bomba? — insistiu Solo.

Juliette se sentiu enjoada. Mesmo com mais três das pequenas bombas das fazendas hidropônicas e com mais três canos e fios, levaria um ano, talvez dois, para secar totalmente o silo. Ela não tinha certeza de que conseguiria sobreviver a um ano. Só algumas semanas naquele lugar abandonado, sozinha com um homem meio louco, e já estava começando a ouvir sussurros, a esquecer onde deixava as coisas, a encontrar luzes acesas quando jurava tê-las apagado. Ou estava enlouquecendo, ou Solo achava graça em fazer com que ela se sentisse assim. Dois anos dessa vida, sabendo que sua casa estava tão próxima, mas tão distante...

Debruçou-se na grade, sentindo como se realmente fosse começar a passar mal. Quando olhou para a água, através de seu reflexo na camada de óleo, ela de repente considerou correr riscos ainda mais loucos do que dois anos de quase solidão.

— Dois anos — disse a Solo. Parecia o pronunciamento de uma sentença de morte. — Dois anos. É o tempo que vai levar se colocarmos mais três bombas para funcionar. Seis meses pelo menos na escada, mas o resto vai ser mais lento.

— Dois anos! — cantarolou Solo. — Dois anos, dois anos! — Ele tocou com a bota duas vezes na água que cobria o degrau abaixo, transformando o reflexo de Juliette em ondas nauseantes de distorção. Girou no lugar, mantendo os olhos nela. — Isso é pouco tempo.

Juliette lutou para controlar a frustração. Dois anos iam parecer uma eternidade. Afinal, o que encontrariam lá embaixo? Em que condições estaria o

gerador principal? Ou as escavadeiras? Uma máquina submersa em água doce podia ser preservada se não entrasse em contato com ar, mas, assim que qualquer parte fosse exposta pelas bombas, a corrosão começaria. O oxigênio corroendo o metal molhado destruiria qualquer coisa útil lá embaixo. As máquinas e ferramentas teriam que ser secadas imediatamente, e então lubrificadas. E com apenas duas pessoas...

Juliette observou, horrorizada, quando Solo se agachou, espalhou para o lado a camada de óleo a seus pés, juntou as mãos em concha e as encheu com aquela imundície repulsiva. Ele bebeu contente, ruidosamente.

Correção: com apenas *um* deles se dedicando a recuperar as máquinas, não seria o bastante.

Talvez ela conseguisse recuperar o gerador reserva. Demandaria menos trabalho e ainda forneceria bastante energia.

— O que fazer por dois anos? — perguntou Solo, esfregando a barba com as costas da mão e olhando para ela.

Juliette sacudiu a cabeça.

— Não vamos esperar dois anos — respondeu.

As últimas três *semanas* no Silo 17 tinham sido tempo demais. Isso, ela não disse.

— Está bem — concordou ele, dando de ombros. Começou a subir as escadas com os passos pesados das botas grandes demais. Seu macacão cinza também era largo, como se ele ainda fosse um menino tentando usar roupas feitas para o pai. Juntou-se a Juliette na plataforma e sorriu para ela por entre a barba oleosa. — Você parece ter mais projetos — falou, contente.

Ela balançou a cabeça em silêncio. Tudo em que os dois trabalhavam — fosse consertar as instalações elétricas feitas por pessoas havia muito tempo mortas, melhorar as fazendas ou consertar a resistência de uma luminária — Solo chamava de “projeto”. E ele dizia *amar* projetos. Ela concluiu que era algo de sua juventude, alguma espécie de mecanismo de sobrevivência que ele desenvolvera ao longo dos anos e que lhe permitia lidar com qualquer tarefa com um sorriso no rosto, em vez do horror da solidão.

— Ah, temos um projeto e tanto pela frente — disse Juliette, já temendo o trabalho.

Ela começou a fazer uma lista mental das ferramentas e peças sobressalentes que precisariam arranjar quando subissem de novo.

Solo riu e bateu palmas.

— Bom — disse ele. — De volta à oficina!

O homem girou o indicador acima da cabeça, apontando para a longa subida que tinham pela frente.

— Ainda não. Primeiro vamos comer nas fazendas. Depois precisamos parar no Suprimentos para pegar mais algumas coisas. E *depois* preciso de algum tempo sozinha na sala dos servidores. — Juliette deu as costas para a grade de proteção e o poço profundo de água verde-prateada. — Antes de começarmos na oficina — disse ela. — Preciso fazer uma chamada...

— Uma chamada! — Solo fez um beicinho. — Não uma chamada. Você passa o tempo todo naquela coisa idiota.

Juliette o ignorou e encarou as escadas. Começou a longa jornada até a TI, sua quinta subida em três semanas. E ela sabia que Solo tinha razão: estava passando tempo demais fazendo chamadas, tempo demais com aqueles fones nos ouvidos, ouvindo bipes. Ela sabia que era loucura, que estava lentamente perdendo a razão naquele lugar, mas ficar sentada nos fundos do servidor vazio, com o microfone perto dos lábios e o mundo em silêncio por causa dos fones sobre as orelhas... Aquela conexão entre um mundo morto e outro que ainda tinha vida era a única coisa no Silo 17 que a fazia sentir-se quase sã.

57

Silo 18

“...foi o ano em que a Guerra Civil consumiu os trinta e três estados. Mais vidas americanas foram perdidas nesse conflito do que em todos os subsequentes juntos, pois as mortes foram entre conterrâneos. Por quatro anos, a terra foi devastada, a fumaça que se espalhava dos campos de batalha em ruínas revelava irmão em cima de irmão. Mais de meio milhão de vidas foi perdido. Algumas estimativas chegam ao dobro disso. Doença, fome e tristeza regiam a vida do homem...”

As páginas do livro refletiram uma luz vermelha justamente quando Lukas estava chegando às descrições dos campos de batalha. Ele parou de ler e olhou para as lâmpadas do teto. A luz branca e forte dera lugar a um vermelho pulsante, o que significava que havia alguém na sala dos servidores acima dele. Lukas pegou o pedaço de fio prateado enrolado no joelho de seu macacão e o esticou com cuidado entre as páginas do livro. Fechou o volume antigo, devolveu-o a seu estojo de metal com cuidado e, em seguida, guardou-o no espaço vazio na estante, completando a grande parede de lombadas prateadas. Andando em silêncio pela sala, debruçou-se diante do computador e agitou o mouse para religar a tela.

Uma janela se abriu com imagens ao vivo dos servidores, apenas distorcidas pelas lentes grande-angulares. Era mais um segredo em uma sala que transbordava de mistérios, essa habilidade de ver lugares distantes. Curioso, Lukas procurou entre as imagens para saber se era Sammi ou algum outro técnico indo fazer algum conserto. Enquanto isso, seu estômago, que roncava, torcia para ser alguém lhe trazendo o almoço.

Na câmera quatro, ele finalmente viu seu visitante: uma figura pequena de macacão cinza, com bigode e óculos. O homem caminhava com certa pressa.

Levava uma bandeja com os talheres pulando, um copo respingando água e um prato coberto, tudo parcialmente apoiado na barriga protuberante. Bernard olhou para a câmera ao passar. Seus olhos penetrantes encaravam Lukas a um nível de distância, um leve sorriso se formando sob o bigode.

Lukas deixou o computador e desceu pelo corredor para abrir o alçapão. Seus pés descalços batiam suavemente no aço frio. Ele subiu apressado a escada com a facilidade resultante da prática, e puxou para o lado a desgastada alavanca vermelha da tranca. Assim que ergueu a grade, a sombra de Bernard desceu a escada para a escuridão. A bandeja descansou no chão com um som metálico quando Lukas abriu caminho.

— Estou mimando você hoje — disse Bernard.

Ele fungou e tirou a tampa de cima do prato. Uma nuvem de vapor subiu com a tampa de metal, revelando duas costelas de porco.

— Uau! — Lukas sentiu o estômago roncar com a visão daquela carne. Saiu pelo alçapão e sentou no chão, os pés pendurados no vão da escada. Ele pôs a bandeja no colo e pegou os talheres. — Achei que o silo estivesse em um racionamento rigoroso, pelo menos até o fim da resistência. — Cortou um pedaço da carne macia e o levou à boca. — Não que eu esteja reclamando, veja bem.

Ele mastigou e saboreou a torrente de proteínas, e se lembrou de agradecer pelo sacrifício do animal.

— O racionamento não acabou — disse Bernard. — Tivemos um foco de resistência no mercado, e o pobre porco estava na linha de fogo. Não quis que fosse desperdiçado. A maior parte da carne, é claro, foi para as esposas e os maridos daqueles que perdemos.

— Hum? — Lukas engoliu. — Quantos?

— Cinco, além dos três do primeiro ataque.

Lukas assentiu.

— Se pensarmos bem, não está mal.

Bernard cofiou o bigode e observou enquanto Lukas comia. Ele gesticulou com o garfo enquanto mastigava, oferecendo um pouco a ele, mas Bernard dispensou com um aceno. O homem mais velho se recostou no servidor vazio que abrigava o transmissor e o alçapão para o vão da escada. Lukas tentou não reagir.

— Então, por quanto tempo vou precisar ficar aqui? — Quis transparecer calma, como se a resposta não fizesse diferença. — Já são três semanas, não? — Ele cortou outro pedaço de carne, ignorando os legumes. — Acha que mais

alguns dias?

Bernard esfregou o rosto e passou os dedos pelo cabelo que rareava.

— Espero que sim, mas não sei. Deixei tudo aos cuidados de Sims, que está convencido de que a ameaça ainda não acabou. O pessoal da Mecânica fez uma barricada muito boa lá embaixo. Ameaçaram cortar a energia, mas não creio que vão fazer isso. Acho que finalmente entenderam que não controlam a força aqui em cima nos nossos níveis. Eles provavelmente tentaram cortá-la antes de atacar, e foram surpreendidos ao ver todas as nossas luzes acesas.

— Você não acha que eles vão cortar a energia das fazendas, acha? — Lukas estava pensando nas rações, com medo da fome no silo.

Bernard ficou sério.

— Pode ser, quem sabe? Se ficarem desesperados o suficiente. Mas isso só vai acabar com qualquer apoio que aquela turma da graxa possa ter aqui de cima. Não se preocupe, eles vão ficar com fome e vão desistir. Está tudo seguindo de acordo com o livro.

Lukas assentiu e bebeu um gole de água. O porco era o melhor que ele achava já ter comido.

— Por falar no livro, você está estudando o bastante para aprender o necessário? — perguntou Bernard.

— Estou — mentiu Lukas, assentindo.

Na verdade, mal tinha tocado no livro da Ordem. Os detalhes mais interessantes estavam em outros lugares.

— Bom! Quando esse problema terminar, vamos marcar uns turnos extras para você na sala dos servidores. Poderá passar esse tempo como sombra. Quando remarcarmos a eleição, e acho que mais ninguém vai concorrer, especialmente depois disso tudo, vou ficar bem mais tempo lá em cima. É você que vai administrar a TI.

Lukas pousou o copo e pegou o guardanapo de pano. Limpou a boca e pensou sobre aquilo.

— Bem, espero que você não esteja falando em algo daqui a semanas. Sinto que preciso de anos de...

Um zunido eletrônico o interrompeu. Lukas congelou e deixou o guardanapo cair na bandeja.

Bernard levou um susto e se afastou do servidor como se ele tivesse lhe dado um choque de verdade, ou como se sua superfície metálica tivesse esquentado de repente.

— Merda! — praguejou, dando um soco no servidor e depois procurando sua

chave mestra no macacão.

Lukas se forçou a comer outra garfada, a agir normalmente. Bernard estava ficando cada vez mais agitado com a campainha constante do servidor. Aquilo o deixava irracional. Era como se Lukas convivesse novamente com o pai, bem antes que o gim abrisse um buraco em suas entranhas.

— Eu juro, porra — resmungou Bernard, destrancando a série de fechaduras.

Ele olhou para Lukas, que mastigava lentamente um pedaço de carne, de repente incapaz até mesmo de sentir o gosto.

— Tenho um trabalho para você — disse o homem enquanto abria a última tranca, que, Lukas sabia, travava um pouco. — Quero que ponha um painel nos fundos aqui, só uma simples placa com LEDs. Pense em algum código para que saibamos quem está nos ligando. Quero saber se é importante ou se podemos ignorar sem problema.

Bernard arrancou o painel traseiro e o apoiou com estrondo na frente do servidor quarenta, atrás dele. Lukas tomou outro gole de água enquanto o mais velho olhava para o interior escuro e cavernoso da máquina, estudando as luzes que piscavam acima das pequenas entradas dos cabos dos fones de comunicação. As entranhas negras da torre do servidor e a chamada insistente encobriam os xingamentos murmurados por ele.

Bernard pôs o rosto para fora, vermelho vivo de raiva, depois virou para Lukas, que pôs o copo na bandeja.

— Na verdade, o que eu quero aqui são *duas* luzes. — Bernard apontou para a lateral da torre. — Uma luz vermelha se for o Silo 17. Verde se for *qualquer outra pessoa*. Entendeu isso?

Lukas assentiu. Baixou os olhos para a bandeja e começou a cortar uma batata ao meio, repentinamente pensando outra vez no pai. Bernard se virou e pegou o painel traseiro do servidor.

— Posso colocar isso de volta no lugar — murmurou Lukas com a boca cheia de batata.

Ele soltou vapor para evitar queimar a língua, engoliu e empurrou com água. Bernard deixou o painel onde estava, então se virou e olhou com raiva para dentro da máquina, que continuava a tocar aquela campainha com as luzes piscando em alerta.

— Boa ideia — disse ele. — Talvez você possa começar a trabalhar neste projeto.

Finalmente, as chamadas insistentes no servidor cessaram, e a sala ficou em silêncio, exceto pelo tilintar do garfo de Lukas no prato. Era como os momentos

manchados pelo fedor da bebida de sua juventude. Logo, assim como o pai costumava apagar no chão da cozinha, Bernard iria embora.

Como se tivesse recebido sua deixa, seu superior se levantou. O chefe da TI jogou Lukas na escuridão outra vez ao bloquear as luzes do teto.

— Aproveite o jantar — disse ele. — Mais tarde mando Peter vir buscar os pratos.

Lukas pegou um pouco de feijão com o garfo.

— Sério? Achei que fosse o almoço.

Ele pôs os feijões na boca.

— Já passa das oito — disse Bernard, e arrumou o macacão. — Ah, falei com sua mãe hoje.

Lukas pousou o garfo.

— É mesmo?

— Lembrei-lhe que você estava fazendo um trabalho importante para o silo, mas ela quer muito ver você. Conversei com Sims sobre deixá-la vir aqui...

— Na sala dos servidores?

— Só uma entrada para ver que você está bem. Eu podia marcar em qualquer outro lugar, mas Sims acha que não é boa ideia. Ele não tem muita certeza da lealdade dos técnicos. Ainda está tentando descobrir as fontes dos vazamentos...

Lukas escarneceu.

— Sims está paranoico. Nenhum de nossos técnicos vai se aliar à turma da graxa. Não vão trair o silo, muito menos trair você. — Ele pegou um osso e roeu a carne que restava.

— Mesmo assim, ele me convenceu a mantê-lo o mais seguro possível. Eu aviso se conseguir organizar alguma coisa para você poder vê-la.

Bernard se inclinou para a frente e apertou o ombro de Lukas.

— Obrigado por ser paciente. Fico satisfeito de ter alguém na minha equipe que entenda a importância deste cargo.

— Ah, eu compreendo totalmente — disse Lukas. — Qualquer coisa pelo silo.

— Que bom! — Bernard tornou a apertar sua mão e se levantou. — Continue a ler a Ordem. Especialmente as seções sobre insurreições e levantes. Quero que aprenda com o que está acontecendo agora para o caso, que Deus não permita, de isso tornar a acontecer quando estiver no cargo.

— Eu vou ler — disse Lukas.

Ele pôs o osso no prato e limpou os dedos no guardanapo. Bernard se virou para ir embora.

— Ah... — Bernard parou e se voltou para ele. — Sei que não precisa que eu

o lembre de que, sob nenhuma circunstância, você deve atender esse servidor. — Ele cutucou a frente da máquina com o indicador. — Ainda não confirmei seu nome com os outros chefes de TI, por isso sua posição poderia estar em... bem, *grave* perigo se você falasse com qualquer um deles antes da posse.

— Está brincando? — Lukas sacudiu a cabeça. — Como se eu quisesse conversar com alguém que deixa *você* nervoso. Nem ferrando, obrigado.

Bernard sorriu e limpou a testa.

— É um bom homem, Lukas. Fico feliz por ter você.

— E fico feliz por servir — disse Lukas, que pegou a outra costela e sorriu para seu superior.

Enquanto Bernard retribuía o sorriso.

Finalmente o homem mais velho se virou para ir embora. Suas botas ressoaram nas grades de aço, e o barulho foi desaparecendo na direção da porta maciça que mantinha Lukas prisioneiro em meio às máquinas e seus segredos.

Lukas comeu e escutou o novo código de Bernard ser digitado na fechadura, uma cadência de bipes familiares, mas desconhecidos, um código que Lukas não possuía mais.

Para o seu próprio bem, Bernard lhe dissera. O jovem mastigou um pedaço de gordura enquanto a porta pesada se fechava com um clique metálico, e as luzes vermelhas abaixo de seus pés e que desciam pela escada se apagaram.

Lukas deixou o osso no prato. Empurrou as batatas para o lado, lutando contra a ânsia de vômito ao vê-las, pensando em onde estariam os ossos de seu pai. Botou a bandeja na grade do chão, puxou os pés para fora do vão da escada e foi para trás do servidor aberto e silencioso.

Os fones saíram com facilidade do estojo. Ele os colocou nos ouvidos, e as palmas de suas mãos sentiram no rosto a barba que não era feita havia três semanas. Pegou o cabo e o encaixou na entrada identificada como “17”.

Houve uma série de bipes enquanto fazia a chamada. Ele imaginou o barulho do outro lado, as luzes piscando.

Lukas esperou, sem conseguir respirar.

— Alô?

A voz cantou em seus fones de ouvido. Lukas sorriu.

— Ei — respondeu.

Ele sentou, se encostou no servidor quarenta e encontrou uma posição mais confortável.

— Como estão indo as coisas por aí?

58

Silo 18

Walker agitou os braços acima da cabeça enquanto tentava explicar sua nova teoria sobre como provavelmente funcionava o rádio.

— Então o som, essas transmissões, são como ondas no ar, entende? — Ele perseguia as vozes invisíveis com os dedos. Acima dele, a terceira antena grande que tinha construído em dois dias pendia suspensa das vigas. — Essas ondas vão para os dois lados do cabo, para cima e para baixo... — Gesticulava para mostrar a extensão da antena. — Por isso, quanto mais longo, melhor. Tira mais delas do ar.

Mas, se essas ondas estão por toda parte, então por que não estamos captando nada?

Walker balançou a cabeça e agitou o dedo em sinal de aprovação. Era uma boa pergunta. Uma pergunta realmente excelente.

— Nós vamos pegá-las dessa vez — disse ele. — Estamos chegando perto. — Ele ajustou o novo amplificador que tinha construído, muito mais poderoso do que a coisinha que havia no velho rádio do cinto de Hank. — Escute.

Um chiado cheio de estalidos encheu a sala, como se alguém estivesse torcendo grandes folhas de plástico.

Não estou ouvindo.

— É porque você não fica quieto. *Escute*.

Lá estava. Era fraco, mas um ruído de barulho sendo transmitido emergiu do chiado.

Eu ouvi!

Walker assentiu com orgulho. Menos por causa do que estava construindo, mais por sua pesquisa e descoberta brilhantes. Ele olhou para a porta, assegurou-se de que ainda estava fechada. Só falava com Scottie quando ela estava fechada.

— O que não entendo é por que não consigo deixar mais nítido. — Ele coçou o queixo. — A menos que seja porque estamos a uma profundidade muito

grande.

Sempre estivemos nessa profundidade, observou Scottie. *O rádio daquele xerife que conhecemos há alguns anos funcionava perfeitamente bem.*

Walker coçou a barba por fazer. Como sempre, sua pequena sombra tinha razão.

— Bem, tem essa plaquinha de circuitos que não consigo entender direito. Acho que serve para filtrar o sinal. Tudo parece passar por ela.

Walker girou em seu banco e ficou de frente para a bancada de trabalho, que estava dominada por todas as placas verdes e emaranhados de fios coloridos necessários para aquele projeto tão especial. Ele pôs as lentes de aumento e examinou a placa em questão. Imaginou Scottie se debruçando sobre ela para uma inspeção mais detalhada.

O que é esse adesivo? Scottie apontou para um minúsculo adesivo branco com o número 18 impresso. Walker tinha ensinado a Scottie que nunca havia problema em admitir não saber alguma coisa. Se não conseguisse fazer isso, nunca iria saber *nada* de verdade.

— Não tenho certeza. Mas está vendo essa pequena placa conectada ao rádio por um feixe de fios?

Scottie assentiu.

— É como se tivesse sido feita para ser substituída. Como se queimasse com muita facilidade. Estou achando que essa é a peça que está nos atrapalhando, como um fusível queimado.

Será que conseguimos fazer um circuito alternativo?

— Circuito alternativo?

Walker não tinha certeza do que o outro queria dizer com isso.

Criar um desvio para não usá-la, caso esteja queimada.

— Com isso podemos estourar outra coisa. Quero dizer, não poriam a coisa *aqui* se não fosse absolutamente necessário.

Walker pensou por um minuto. Queria acrescentar que o mesmo podia ser dito de Scottie, da voz calmante do rapaz. Mas, na verdade, ele nunca tinha sido bom em dizer à sua sombra como se sentia. Só o que sabia.

Bem, é isso que eu tentaria...

Uma batida à porta foi seguida do ranger das dobradiças, propositalmente alto. Scottie se fundiu em meio às sombras sob a bancada de trabalho, e sua voz desapareceu misturada ao chiado da estática dos alto-falantes.

— Walk, que diabos está acontecendo aqui?

Ele girou em seu banco ao ouvir aquela voz adorável dizendo palavras duras

como só Shirly podia fazer. Ela chegou à oficina com uma bandeja coberta e uma expressão de desapontamento no rosto.

Walker baixou o volume da estática.

— Estou tentando consertar o...

— Não, que bobagem é essa que eu fiquei sabendo de você não estar comendo? — Ela pôs a bandeja diante dele e puxou a tampa, liberando o vapor de um prato de milho. — Comeu seu café da manhã hoje cedo ou deu para outra pessoa?

— É muita coisa — disse ele, olhando para três ou quatro rações de comida.

— Não quando você está dando a sua ração. — Ela pôs um garfo na mão do homem. — Coma. Seu macacão está quase caindo.

Walker olhou fixamente para o milho. Remexeu a comida com o garfo, mas seu estômago doía além da fome. Sentia como se tivesse ficado sem comer por tanto tempo que nunca mais teria fome de novo. A pontada só iria apertar e apertar em um pequeno punho, e depois ele ficaria bem, sem comer para sempre...

— Coma, droga!

Ele soprou uma garfada de milho, sem o menor desejo de comer, mas pôs um pouco na boca para agradar Shirly.

— E não quero mais saber de nenhum dos meus homens circulando perto da sua porta para convencer você a lhes dar sua comida, está bem? Você não deve dar suas rações. Entendeu? Coma mais um pouco.

Walker engoliu. Teve que admitir que o calor da comida era uma sensação boa. E comeu mais um pouco.

— Vou passar mal se comer tudo isso.

— E eu mato você se não comer.

Ele olhou para ela na esperança de ver um sorriso. Mas Shirly não sorria mais. Ninguém sorria mais.

— Que diabos é esse *barulho*?

Ela se virou e examinou a oficina, à procura de onde vinha.

Walker pousou o garfo e ajustou o volume. O botão estava soldado a uma série de resistores. O próprio botão era chamado de potenciômetro. Ele teve um impulso súbito de explicar aquilo tudo, qualquer coisa para não ter que comer. Podia explicar como tinha desvendado o amplificador, como o potenciômetro na verdade era apenas um resistor ajustável, como cada pequeno giro no dial podia levar o volume a qualquer...

Walker parou, pegou o garfo e mexeu em seu milho. Podia ouvir Scottie

sussurrar das sombras.

— Assim está melhor — disse Shirly, se referindo à redução do chiado. — É pior do que o barulho do velho gerador. Droga, se você pode abaixar, por que manter tão alto?

Walker comeu mais um pouco. Enquanto mastigava, pousou o garfo e pegou o ferro de soldar na bancada. Remexeu em uma caixinha com peças pequenas em busca de outro potenciômetro.

— Segure isso — disse a Shirly, do outro lado do prato.

Mostrou-lhe os fios que pendiam do potenciômetro e os alinhou com as extremidades finas e prateadas de seu multímetro.

— Se isso significa que você vai continuar comendo...

Ela segurou juntos os fios conectados ao multímetro. Walker comeu outra garfada, esquecendo de soprar antes, e o milho queimou sua língua. Ele engoliu sem mastigar, e o fogo abriu um caminho por dentro de seu peito. Shirly lhe disse para ir mais devagar, para ter calma. Ele a ignorou e girou o botão do potenciômetro. A agulha no multímetro dançou, informando que a peça estava boa.

— Por que não dá um tempo disso e come enquanto estou aqui para vigiar?

Shirly afastou um banco da bancada e se deixou cair sobre ele.

— Porque está quente demais — disse Walker, abanando a boca com a mão.

Ele pegou um fio de solda e o encostou na ponta do ferro de soldar, cobrindo-o com um prateado reluzente.

— Preciso que junte o fio preto aqui.

Tocou o ferro na perninha de um resistor na placa de número 18. Shirly se debruçou na bancada e se esforçou para enxergar o que ele estava indicando.

— Depois você termina seu jantar?

— Juro.

Ela o encarou com um olhar de suspeita, como se dissesse que era bom ele levar a promessa a sério, e então fez o que lhe foi pedido.

As mãos dela não eram tão firmes quanto as de Scottie, mas ele colocou as lentes de aumento e fez a conexão rapidamente. Mostrou a ela onde deveria ficar o fio vermelho e prendeu este também. Ainda que nada daquilo funcionasse, ele sempre poderia tentar outra coisa.

— Agora não deixe a comida esfriar — disse Shirly. — Sei que não vai comer se esfriar, e eu não vou voltar ao refeitório para esquentá-la para você.

Walker olhou fixamente para a pequena placa com o adesivo numerado. Resmungando, pegou uma garfada cheia.

— Como estão as coisas lá fora? — perguntou enquanto soprava o milho.

— Tudo uma merda — disse Shirly. — Jenkins e Harper estão discutindo se devem ou não cortar a energia de todo o silo. Mas aí, um dos caras que estava lá, você sabe, quando Knox e...

Ela desviou o olhar e não terminou a frase.

Walker assentiu e mastigou a comida.

— Alguns deles dizem que a força na TI estava no máximo esta manhã, apesar de nós termos desligado daqui.

— Talvez tenha sido redirecionada — disse Walker. — Ou talvez sejam baterias de emergência. Eles têm isso, você sabe.

Comeu outra garfada, mas estava louco para girar o potenciômetro. Tinha quase certeza de que a estática havia mudado quando ele fez a segunda ligação.

— Fico dizendo a eles que vai nos fazer mais mal do que bem arrasar desse jeito com o silo. Só vai deixar o resto das pessoas contra nós.

— É. Ei, você pode ajustar isto? Você sabe, enquanto eu como?

Ele aumentou o volume da estática. Eram necessárias duas mãos para operar o botão solto, pendurado pelos fios brilhantes. Shirly se encolheu diante do chiado de estalidos que vinham dos alto-falantes que ele mesmo fizera. Ela fez menção de girar o botão do volume para abaixá-lo.

— Não. Quero que mexa no que acabamos de instalar.

— Que inferno, Walk! Coma logo essa comida.

Ele comeu outra garfada. E, apesar de toda a reclamação e dos protestos, Shirly começou a ajustar o botão.

— Devagar — disse ele com a boca cheia de comida.

Como esperado, a estática dos alto-falantes foi modulada. Foi como se o plástico amassado tivesse começado a andar e quicar pela sala.

— O que eu estou fazendo?

— Ajudando um velho.

— É, posso precisar de você aqui nessa...

Walker largou o garfo e estendeu a mão para que ela parasse. Mas Shirly tinha passado do ponto e voltado outra vez à estática, e pareceu intuir isso. Ela mordeu o lábio e girou o botão para o outro lado, até as vozes voltarem.

— *Boa ideia. De todo modo, aqui embaixo está bem parado. Quer que eu traga meu kit?*

— Você conseguiu — sussurrou Shirly para Walker, como se as pessoas pudessem ouvi-la se falasse alto demais. — Consertou...

Walker ergueu a mão. A conversa continuou:

— Negativo. Pode deixar o kit. A delegada Roberts já está aqui com o dela e está fazendo uma busca por pistas agora mesmo...

— O que estou fazendo é trabalhar enquanto ele não faz nada! — falou uma voz tênue ao fundo.

Walker se virou para Shirly enquanto as pessoas riam no rádio, mais de uma pessoa se divertindo com a piada. Fazia tempo que não ouvia ninguém rir. Mas *ele* não estava rindo. Walker sentiu a própria testa se enrugar, confuso.

— Qual o problema? — perguntou Shirly. — Nós conseguimos! Nós consertamos!

Ela se levantou do banco como se fosse sair correndo para contar a novidade a Jenkins.

— Espere! — Walker esfregou a barba e apontou o garfo na direção da coleção espalhada de peças de rádio. Shirly estava a um passo de distância, olhando-o com um sorriso.

— Delegada *Roberts*? — perguntou Walker. — Quem nesta porcaria de silo se chama Roberts?

59

Silo 17

Juliette acendeu as luzes no Laboratório de Trajes enquanto entrava com mais uma carga do Suprimentos. Ao contrário de Solo, ela não achava que aquela fonte constante de energia fosse durar para sempre. Não saber de onde aquilo vinha a deixava temerosa de que não fosse durar. Então, enquanto ele tinha o hábito, a compulsão até, de acender todas as luzes no máximo e deixá-las acesas, Juliette tentava conservar a energia misteriosa tanto quanto possível.

Ela largou as coisas que obtivera recentemente em seu catre, pensando em Walker. Foi assim que ele acabou vivendo no meio de seu trabalho? Foi a obsessão, a dedicação, a necessidade de resolver uma série de problemas sem-fim que fizeram com que não conseguisse dormir a mais que alguns metros de distância?

Quanto mais entendia aquele homem idoso, mais longe dele ela se sentia, e também mais solitária. Ela se sentou e esfregou as pernas, as coxas e as panturrilhas, duras, devido à subida mais recente. Juliette podia estar desenvolvendo músculos de portadora nas últimas semanas, mas suas pernas ainda doíam o tempo inteiro. Seu latejar era uma nova sensação constante. Apertar os músculos transformava o latejar em dor, o que, de alguma forma, ela preferia. As sensações precisas e definíveis eram melhores do que as indistintas e sem nome. Ela gostava de sensações que conseguia entender.

Juliette chutou suas botas para longe — era estranho pensar naqueles calçados encontrados como *dela* — e ficou de pé. Já tinha descansado o suficiente. Era o máximo de repouso que podia se permitir. Ela carregou seus sacos de lona para uma das bancadas de trabalho extravagantes. Tudo no Laboratório de Trajes era melhor do que ela costumava ter na Mecânica. Mesmo as peças projetadas para não funcionarem direito eram produzidas com um nível de sofisticação química e de engenharia que ela só passara a apreciar após compreender seus propósitos malignos. Juntara pilhas de anilhas e lacres, os bons do Suprimentos e as sobras

ruins do Laboratório, para ver como funcionava o sistema. Foram deixados lado a lado atrás da principal bancada de trabalho, um lembrete do diabólico plano assassino que a havia expulsado do silo.

Ela largou as peças do Suprimentos e pensou em como era estranho ter acesso, *viver* naquele coração proibido de *outro* silo. Era ainda mais estranho apreciar as bancadas de trabalho, as ferramentas imaculadas, tudo construído com o objetivo de mandar gente como ela para a morte.

Olhar para as paredes ao redor, para os mais de dez trajes de limpeza pendurados em cabides em diversos estados de conserto ou preparação, era como viver e trabalhar em uma sala cheia de aparições fantasmagóricas. Se um dos trajes pulasse e começasse a se mover sozinho, Juliette não ficaria surpresa. Os braços e as pernas em cada um deles estavam inflados, como se estivessem cheios. Os visores espelhados escondiam facilmente os rostos curiosos. Aquelas formas penduradas eram como ter companhia. Elas observavam impassíveis enquanto Juliette separava suas descobertas em duas pilhas: uma com os itens de que precisava para seu próximo grande projeto, a outra com coisinhas úteis que tinha recolhido sem saber exatamente para que serviriam.

Uma valiosa bateria recarregável estava nesse segundo grupo. Ainda estava suja de sangue, que ela ainda não conseguira limpar. As cenas que vira enquanto procurava por materiais passavam por sua cabeça, como a dos dois homens que tinham cometido suicídio no escritório principal do Suprimentos, de mãos dadas, os pulsos cortados e uma mancha cor de ferrugem que os rodeava. Essa foi uma das piores cenas, uma lembrança da qual não conseguia se livrar. Havia mais indícios de violência espalhados pelo silo. Todo aquele lugar estava assombrado e em ruínas. Ela entendia perfeitamente por que Solo limitava seus passeios às fazendas. Também compreendia seu hábito de bloquear a sala dos servidores toda noite com um arquivo de metal, embora estivesse sozinho havia anos. Juliette não o culpava. Ela passava todas as trancas no Laboratório toda noite antes de dormir. Na verdade, não acreditava em fantasmas, mas essa convicção estava passando por um grande teste por conta da sensação constante de ser observada, se não por gente de verdade, pelo próprio silo.

Juliette começou o reparo do compressor de ar e, como sempre, era bom fazer algo com as mãos. *Consertar* alguma coisa. Distrair-se. Nas primeiras noites, depois de sobreviver à terrível provação de ser enviada para a limpeza, após o esforço para entrar naquela carcaça de silo, tinha procurado muito, e por muito tempo, por algum lugar onde pudesse realmente dormir. Nunca seria abaixo da sala dos servidores, não com o fedor das pilhas de detritos de Solo tomando

conta do local. Tentara o apartamento do chefe da TI, mas suas lembranças de Bernard tornaram impossível sequer ficar sossegada ali. Os sofás nos muitos escritórios não eram grandes o bastante. A cama que ela improvisara na sala quente dos servidores era confortável, mas os estalidos e zunidos de todos aqueles gabinetes quase a deixaram louca.

Era estranho, mas o Laboratório de Trajes, com seus espectros e fantasmas suspensos, era o único lugar onde ela conseguia ter uma noite decente de sono. Era provavelmente por conta das ferramentas por toda parte, dos ferros de soldar e chaves inglesas, das paredes de gavetas cheias com todas as pecinhas e ferramentas imagináveis. Se ia consertar alguma coisa, até ela própria, seria naquela sala. Os únicos outros lugares em que se sentia em casa no Silo 17 eram as duas celas da cadeia, onde às vezes dormia em suas viagens até o topo e de volta para baixo. Lá, e sentada atrás do servidor vazio, onde conversava com Lukas.

Pensou nele enquanto atravessava a sala para pegar uma válvula do tamanho certo em um dos grandes baús de metal cheios de ferramentas. Botou a peça no bolso, pegou um dos trajes de limpeza completos e admirou o peso do equipamento, lembrando-se da sensação de vestir algo muito grosso e incômodo quando usara um igual àquele. Ela o ergueu e pôs sobre uma bancada, puxou o aro metálico que ligava a roupa ao capacete, levou-o até a furadeira de bancada e, com cuidado, fez um furo para começar. Com o círculo de metal preso no torno, pôs-se a instalar a válvula no orifício, criando passagens para uma tubulação de ar. Estava com dificuldades para encaixá-la e pensava em sua última conversa com Lukas quando o cheiro de pão fresco entrou no Laboratório, seguido por Solo.

— Olá! — chamou ele da porta.

Juliette ergueu o rosto e gesticulou com o queixo para que ele entrasse. Encaixar a válvula exigia certo esforço, pois era difícil apertá-la com as mãos, e sua testa tinha começado a suar.

— Eu assei mais pão.

— O cheiro está ótimo — resmungou ela.

Desde que ensinara Solo a assar pão sem fermento, não conseguia fazê-lo parar. As grandes latas de farinha que serviam de suporte para suas prateleiras de enlatados estavam sendo removidas uma de cada vez enquanto ele experimentava com as receitas. Ela tentaria se lembrar de ensiná-lo a cozinhar outras coisas, dar um bom uso a toda aquela disposição, fazendo com que variasse as comidas um pouco.

— E fatiei pepinos — disse ele, orgulhoso, como se fosse um banquete incomparável.

De muitas maneiras, Solo continuava um adolescente, inclusive no que dizia respeito a hábitos culinários.

— Vou comer um pouco já, já — disse a ele.

Com dificuldade, ela finalmente conseguiu encaixar a válvula de ar no buraco que fizera, criando uma conexão com rosca bem feita como se tivesse vindo do Suprimentos. A válvula saía fácil, da mesma forma que aconteceria com um parafuso bem ajustado.

Solo pôs o prato de pão e legumes na bancada e pegou um banco.

— O que está fazendo? Outra bomba d'água?

O homem examinou o grande compressor montado sobre rodas e as mangueiras que saíam dele.

— Não. Isso iria demorar demais. Estou tentando dar um jeito de respirar embaixo d'água.

Solo riu. Ele começou a comer um pedaço de pão até se dar conta de que ela não estava brincando.

— Está falando sério.

— Estou. As bombas de que realmente precisamos estão lá embaixo, nos níveis mais profundos do silo. Só tenho que conseguir levar um pouco da eletricidade da TI até elas lá *embaixo*. Vamos secar este lugar em semanas ou meses, e não em anos.

— Respirar embaixo d'água — disse ele, e olhou para Juliette como se fosse *ela* quem estivesse enlouquecendo.

— Não é diferente de como cheguei aqui do meu silo.

Ela envolveu a extremidade do encaixe da mangueira de ar com fita de silicone, então começou a enrolá-la no colar de encaixe do capacete. — Esses trajes são hermeticamente fechados, o que os torna impermeáveis também. Só preciso de um suprimento constante de ar para respirar. Aí vou poder ficar lá embaixo pelo tempo que quiser. Pelo menos por tempo o bastante para pôr as bombas para funcionar.

— Acha que ainda funcionam?

— Deveriam. — Ela pegou uma chave inglesa e apertou o engate com o máximo de força que ousava arriscar. — São projetadas para ficar submersas e são simples. Só precisam de energia, coisa que temos bastante lá em cima.

— E o que *eu* vou fazer?

Solo limpou as mãos, espalhando farelo na bancada de trabalho. E pegou outra

fatia de pão.

— Vai vigiar o compressor. Vou ensinar você a ligá-lo, a abastecê-lo de combustível... Vou instalar um dos rádios portáteis dos delegados no capacete aqui, para a gente poder conversar. Vai dar trabalho lidar com a confusão de fios elétricos e mangueiras. — Ela deu um sorriso para ele. — Não se preocupe. Vou mantê-lo ocupado.

— Não estou preocupado — disse Solo.

Ele encheu o peito e mordeu um pepino com os olhos fixos no compressor.

E Juliette viu que — como um adolescente com pouca prática, mas muita vontade — Solo ainda não tinha dominado a arte de mentir de forma convincente.

60

Silo 18

“...garotos do outro lado do acampamento. Os resultados eram observados de perto pelos responsáveis pela experiência, que se passavam por conselheiros dos jovens. Quando a violência saiu de controle, a experiência foi interrompida antes de chegar ao fim. O que começou em Robert Cave como dois grupos de garotos, todos com educação e valores quase idênticos, transformou-se no que ficou conhecido no campo da psicologia como um cenário de pertencer ou não pertencer ao grupo. Pequenas diferenças percebidas, o modo como alguém usava um chapéu, inflexões na fala, transformavam-se em transgressões imperdoáveis. Quando as pedras começaram a ser lançadas, e os ataques entre acampamentos se tornaram sangrentos, não houve alternativa para os responsáveis pela experiência além de dar um fim a...”

Lukas não aguentava mais ler. Fechou o livro e se encostou nas estantes altas. Sentiu um cheiro ruim, aproximou a lombada do livro velho do nariz e cheirou. Era *ele*, concluiu por fim. Quando tinha sido a última vez que tomara banho? Sua rotina estava toda confusa. Não havia crianças gritando para acordá-lo de manhã, não procurava estrelas à noite, não havia uma escada mal iluminada para conduzi-lo de volta à cama a fim de que pudesse repetir tudo no dia seguinte. Em vez disso, de vez em quando passava por períodos em que ficava andando de um lado para o outro no abrigo oculto do nível trinta e cinco. Eram doze beliches, mas ele estava sozinho. Havia as luzes vermelhas piscando quando tinha companhia, conversas com Bernard e Peter Billings quando eles lhe levavam comida, as longas conversas com Juliette sempre que ela ligava e ele estava livre para atender. Em meio a isso tudo, os livros. Livros de história fora de ordem, de bilhões de pessoas, de mais estrelas ainda. Histórias de violência, de multidões enlouquecidas, de uma confusa linha de tempo da vida, de sóis em órbita que um

dia se apagariam, de armas que podiam acabar com tudo, de doenças que quase conseguiram isso.

Por quanto tempo ele poderia continuar daquele jeito? Lendo, dormindo e comendo? As semanas já pareciam meses. Não havia como saber em que dia estava, ele não tinha como lembrar por quanto tempo estava vestindo aquele mesmo macacão, se era hora de tirá-lo e vestir outro da secadora. Às vezes ele tinha a impressão de ter mudado e lavado suas roupas três vezes no mesmo dia. Podia facilmente ter sido duas vezes na semana. Mas fedia como se fosse mais tempo.

Apoiou a nuca nas latas de livros e fechou os olhos. Nem tudo o que estava lendo podia ser verdade. Não fazia sentido, um mundo tão cheio de gente e estranho. Quando pensava na escala daquilo tudo, na ideia daquela existência entocada debaixo da terra, mandando gente para a limpeza, discutindo quem tinha roubado o que de quem, ele às vezes sentia uma espécie de vertigem mental, o terror apavorante de ficar parado diante de um abismo, vendo uma verdade sombria bem distante lá embaixo, mas incapaz de descobrir o que era antes que seus sentidos voltassem, e a realidade o puxasse de volta da beirada.

Não tinha certeza de quanto tempo tinha ficado sentado daquele jeito, sonhando com uma época e um lugar diferentes antes de se dar conta de que as luzes vermelhas tinham voltado.

Lukas guardou o livro na lata correspondente e se esforçou para ficar de pé. A tela do computador mostrava Peter Billings na entrada da sala dos servidores, o mais fundo que lhe era permitido chegar. Uma bandeja com o jantar de Lukas estava em cima do arquivo metálico, ao lado da porta.

Ele se afastou do computador, apressou-se pelo corredor e subiu a escada. Depois de remover a grade, colocou-a cuidadosamente outra vez no lugar e pegou um caminho cheio de curvas por entre os servidores altos e ruidosos.

— Ah, eis nosso pequeno pupilo.

Peter deu um sorriso, mas seus olhos se estreitaram ao ver Lukas.

Lukas o cumprimentou com um aceno de cabeça.

— Xerife — disse ele.

Tinha a sensação de que Peter estava sempre zombando dele em silêncio e o tratando como inferior, apesar de serem mais ou menos da mesma idade. Sempre que Peter aparecia com Bernard, especialmente no dia em que Bernard havia explicado a necessidade de manter Lukas em segurança, surgia uma espécie de tensão competitiva entre os dois homens mais jovens, uma tensão que Lukas percebia, embora não a alimentasse. Em particular, Bernard tinha pedido segredo

a Lukas antes de lhe contar que estava preparando Peter para um dia assumir o cargo de prefeito, e que ele e Lukas um dia trabalhariam juntos. Lukas tentou se lembrar disso quando pegou a bandeja sobre o móvel. Peter o observava, com a testa franzida, pensativo.

Lukas se virou para ir embora.

— Por que você não se senta e come aqui? — perguntou Peter, sem se mover de onde estava encostado, na porta pesada da sala dos servidores.

Lukas congelou.

— Vejo você sentado aqui com Bernard quando come, mas está sempre com pressa de ir embora quando eu venho. — Peter se esticou para espiar o monte de servidores. — O que é, afinal, que você faz aqui o dia inteiro?

Lukas se sentiu encurralado. Na verdade, não estava nem com muita fome, tinha pensado em guardar a comida para depois, mas comer tudo normalmente era o modo mais rápido de escapar dessas conversas. Ele deu de ombros e se sentou no chão, apoiado no arquivo, com as pernas esticadas para a frente. Descobriu a bandeja e revelou uma tigela com uma sopa não identificável, duas fatias de tomate e um pedaço de pão de milho.

— Trabalho principalmente nos servidores, como fazia antes. — Ele começou com um pedaço de pão, algo suave. — A única diferença é que não tenho que andar para casa no fim do dia.

Ele sorriu para Peter enquanto mastigava o pão seco.

— É verdade, você mora lá embaixo, nos níveis intermediários, não é?

Peter cruzou os braços e pareceu ficar ainda mais confortável apoiado na porta grossa. Lukas se inclinou para o lado e olhou para o corredor atrás do homem. Era possível ouvir vozes se aproximando. Teve um impulso repentino de se levantar e correr, só para poder correr.

— Mais ou menos — respondeu. — Meu apartamento fica quase nos níveis superiores.

— Todos os intermediários ficam — riu Peter. — Para os que moram lá.

Lukas comeu um pedaço de pão de milho para manter a boca ocupada. Olhou com cautela para a sopa enquanto mastigava.

— Bernard lhe contou do grande ataque que estamos planejando? Eu estava pensando em descer para participar.

Lukas sacudiu a cabeça e enfiou a colher na sopa.

— Sabe a parede que a Mecânica construiu, como aqueles idiotas se trancaram lá dentro? Bem, Sims e os rapazes vão explodir aquilo em pedacinhos. Eles tiveram todo o tempo do mundo para trabalhar nisso do nosso lado, então

essa bobagem de rebelião deve terminar no máximo em alguns dias.

Enquanto tomava a sopa quente, só o que Lukas conseguia pensar era nos homens e nas mulheres da Mecânica presos atrás daquela parede de aço, e como entendia perfeitamente pelo que eles estavam passando.

— Isso significa que logo eu saio daqui? — Ele apertou a lateral da colher sobre o tomate pouco maduro, em vez de usar garfo e faca. — Não deve haver qualquer ameaça para mim por aí, não é? Ninguém nem sabe quem eu sou.

— Isso é com Bernard. Ele anda agindo de modo estranho ultimamente. Acho que é por excesso de estresse.

Peter escorregou pela porta e ficou de cócoras, apoiado nos calcanhares. Lukas gostou de não ter que esticar o pescoço para vê-lo.

— Ele falou alguma coisa sobre trazer sua mãe para uma visita. Acho que isso pode significar que você vai ficar aqui por pelo menos mais uma semana.

— Ótimo.

Lukas mexeu e comeu mais um pouco. Quando o servidor distante começou a apitar, seu corpo praticamente pulou, como uma marionete puxada por fios. As luzes do teto começaram a piscar mais fracas, um sinal claro para os que sabiam.

— O que é isso?

Peter deu uma olhada no interior da sala dos servidores, ficando um pouco na ponta dos pés.

— Isso significa que tenho que voltar ao trabalho. — Lukas lhe entregou a bandeja. — Obrigado por trazer isto. — Ele se virou para sair.

— Ei, o prefeito disse que eu deveria me assegurar de que você comesse tudo...

Lukas acenou para trás por cima do ombro e desapareceu atrás do primeiro servidor alto, então correu na direção dos fundos da sala, limpando a boca com a mão, sabendo que Peter não podia segui-lo.

— Lukas!

Mas ele já tinha ido embora para os fundos, pegando as chaves do colar no caminho.

Enquanto abria as trancas, viu que as luzes tinham parado de piscar. Peter tinha fechado a porta. Lukas removeu o painel traseiro, pegou os fones no estojo e os plugou.

— Alô?

Ele ajustou o microfone, assegurou-se de não estar perto demais.

— Oi. — A voz dela o preenchia de um modo que o simples alimento não conseguia. — Fiz você correr?

Lukas respirou fundo. Estava ficando fora de forma por viver naquele confinamento, sem subir e descer as escadas para trabalhar todos os dias.

— Não — mentiu. — Mas talvez você pudesse aliviar nas chamadas. Pelo menos durante o dia. Você sabe muito bem quem está sempre aqui. Ontem, quando você deixou tocar por um tempão, estávamos sentados *bem ao lado* do servidor enquanto tocava sem parar. Isso o deixou muito puto.

— Você acha que eu me importo se ele fica com raiva? — Juliette riu. — E eu *quero* que ele atenda. Eu ia adorar conversar mais com ele. Além disso, o que você sugere? Quero falar com você. Preciso falar com *alguém*. E você está sempre aí. Não é como você me ligar e esperar que eu esteja aqui à espera. Droga, não paro de andar de um lado para o outro nesta porcaria de lugar! Sabe quantas vezes eu subi dos trinta até o Suprimentos na semana passada? Adivinhe!

— Não quero adivinhar. — Lukas esfregou as pálpebras.

— Provavelmente meia dúzia de vezes. E você sabe, se ele está aí o tempo todo, você pode me fazer um favor e matá-lo por mim. Vai me poupar todo esse trabalho...

— *Matá-lo?* — Lukas gesticulou com o braço. — Como, simplesmente, bater nele até a morte?

— Você quer algumas sugestões? Porque sonhei com vários modos...

— Não, não quero sugestões. E não quero *matar* ninguém! Nunca *fiz* isso...

Lukas pôs o indicador na têmpora e esfregou com força em pequenos círculos. Aquelas dores de cabeça estavam sempre aparecendo. Tinham começado desde...

— Esquece — disse Juliette, a aversão em sua voz viajando pelos cabos na velocidade da luz.

— Olhe... — Lukas ajeitou seu microfone. Ele odiava aquelas conversas. Preferia quando eles não falavam sobre nada. — Me desculpe, é que... as coisas estão loucas por aqui. Não sei quem está fazendo o quê. Estou preso neste cubículo cheio de informação. Tenho esse rádio em que só escuto gente brigando o tempo todo, mas parece que sei menos do que todo mundo.

— Mas você sabe que pode confiar em mim, certo? Que eu sou um dos mocinhos? Eu não fiz nada de errado para ser expulsa, Lukas. Preciso que você saiba disso.

Ele escutou enquanto Juliette inspirava fundo e expirava com um suspiro. Imaginou-a sentada ali, sozinha naquele silo com um maluco, o microfone perto de seus lábios, o peito arfando de desespero, a cabeça cheia de expectativas em relação a ele.

— Lukas, você sabe que eu estou do lado certo aqui, não sabe? E que você está trabalhando para um homem insano?

— Tudo está maluco — disse ele. — Todo mundo está. Eu sei de uma coisa: estávamos sentados aqui na TI, torcendo para nada de ruim acontecer, e as piores coisas em que podíamos pensar chegaram até *nós*.

Juliette expirou fundo outra vez, e Lukas pensou no que dissera a ela sobre o levante e nas coisas que tinha omitido.

— Sei o que você diz que minha gente fez, mas você entende por que eles subiram? Entende? Alguma coisa precisava ser feita, Luke. *Ainda* precisa.

Lukas encolheu os ombros, esquecendo que ela não podia vê-lo. Por mais frequentemente que se falassem, ele ainda não estava acostumado a conversar com alguém assim.

— Você está em posição de ajudar — insistiu Juliette.

— Eu não *pedi* para estar aqui.

Ele começou a ficar frustrado. Por que suas conversas sempre tinham que descambar para coisas ruins? Por que não podiam continuar a falar sobre as melhores refeições que tinham feito, seus livros infantis favoritos, os gostos e as contrariedades que tinham em comum?

— Nenhum de nós pediu para estar onde estamos — lembrou ela com frieza.

Isso fez Lukas parar e pensar, refletir sobre onde ela estava, pelo que tinha passado para chegar ali.

— O que controlamos — disse Juliette — são nossas ações depois que o destino nos coloca onde estamos.

— Acho que tenho que desligar. — Lukas fez uma pausa para respirar. Não queria pensar em ações e destino. Não queria ter aquela conversa. — Daqui a pouco Pete vai trazer meu jantar — mentiu.

Fez-se silêncio. Ele podia ouvir a respiração dela. Era quase como ouvir alguém pensar.

— Está bem — disse Juliette. — Eu entendo. Preciso testar este traje, mesmo. E, ei, pode ser que eu suma por um tempo se esse negócio funcionar. Então, se não tiver notícias minhas por um dia ou dois...

— Só tome cuidado — disse Lukas.

— Vou tomar. E lembre-se do que eu disse, Luke. O que nós fazemos define quem somos. Você não é um deles. Você não pertence a esse lugar. Por favor, não se esqueça disso.

Lukas murmurou em concordância, e Juliette se despediu. A voz dela ainda soava em seus ouvidos enquanto ele tirava o plugue.

Em vez de guardar os fones no estojo, Lukas se recostou no servidor às suas costas, balançando os fones na mão, pensando no que tinha feito, sobre quem ele era.

Teve vontade de se encolher como uma bola e chorar, só fechar os olhos e fazer o mundo ir embora. Mas sabia que, se os fechasse e se deixasse afundar na escuridão, tudo o que veria era *ela*. Aquela mulher baixinha de cabelos brancos, o corpo se retorcendo com o impacto das balas. As balas de *Lukas*. Ele sentia o dedo no gatilho, o rosto molhado de sal, o fedor de pólvora queimada, o retinir da mesa com o tilintar de latão vazio e os gritos vitoriosos e alegres dos homens e mulheres a quem tinha se aliado.

61

Silo 18

–...disse na terça que eu ia trazer isso pra você em dois dias.

— Ora, droga, já se passaram dois dias, Carl. Você sabe que a limpeza é amanhã de manhã, não sabe?

— E você sabe que hoje ainda é hoje, não?

— Deixe de bancar o engraçadinho. Consiga esse arquivo e me traga aqui em cima, rápido. Eu juro, se essa merda der errado por sua...

— Eu vou levar. Calma, cara. Estou só brincando. Relaxe.

— Relaxar. Vá se foder. Vou relaxar amanhã. Vou desligar. Agora pare de ficar aí perdendo tempo.

— Estou indo agora mesmo...

Shirly levou as mãos à cabeça, com os dedos entre os fios de cabelo e os cotovelos apoiados na bancada de trabalho de Walker.

— O que está acontecendo? — perguntou ela. — Walk, o que é isso? Quem são essas pessoas?

Walker olhou por suas lentes de aumento. Ele pôs uma única cerda retirada de uma escova de limpeza na tinta branca que estava na própria tampa do pote. Com muito cuidado, usando a outra mão para firmar o pulso, ele levou a cerda ao outro lado do potenciômetro e marcou um ponto em frente à marca que ele tinha pintado no botão. Satisfeito, contou as marquinhas que já tinha feito até ali, cada uma identificando a posição de outro sinal forte.

— Onze — anunciou, e se virou para Shirly, que estava dizendo algo, ele não sabia bem o quê. — E acho que ainda não encontramos o nosso.

— *Nosso?* Walk, isso está me deixando assustada. De onde *vêm* essas vozes?

Walker deu de ombros.

— Da cidade? Do outro lado dos morros? Como posso saber? — Ele começou a girar o dial bem devagar, procurando outras conversas. — Onze além de nós. E se houver mais? Deve haver mais, certo? Quais as chances de já os termos

achado?

— O último estava falando sobre limpeza. O que você acha que eles queriam dizer com isso? Como...?

Walker balançou a cabeça, e as lentes saíram do lugar. Ele as ajeitou e voltou a sintonizar o dial.

— Então estão em silos. Como nós.

O homem apontou para a plaquinha verde, que ela ajudara a soldar ao potenciômetro.

— Deve ser isso que este circuito faz, modular a frequência da onda, talvez.

Shirly estava surtando com as vozes; Walker estava mais fascinado pelos outros mistérios. Houve um estalido de estática. Ele parou de girar o botão, mexeu de leve para a frente e para trás, mas não achou nada, então seguiu em frente.

— Está falando da plaquinha com o número *18*?

Walker olhou para Shirly de modo inexpressivo, seus dedos interromperam-se na busca, e ele assentiu.

— Então há pelo menos esse *tanto* aí — disse ela, chegando à conclusão antes do amigo. — Preciso encontrar Jenkins. Precisamos contar isso a ele.

Shirly desceu do banco e seguiu para a porta. Walker acenou com a cabeça. As implicações daquilo o deixaram atordoado. O banco e as paredes pareciam se mover. A ideia de *gente* fora daquelas paredes...

Um estrondo violento o fez bater os dentes e afastou o pensamento. Seus pés escorregaram com o tremor do chão. Décadas de poeira choveram do emaranhado de tubos e fios que cruzavam o teto de um lado a outro.

Walker rolou para o lado, tossindo, respirando o mofo almiscarado que pairava no ar. Seus ouvidos zumbiam por causa da explosão. Ele deu um tapinha na cabeça, tateou em busca das lentes de aumento quando viu a armação jogada no chão de aço à sua frente, as lentes estilhaçadas.

— Ah, não. Preciso...

Ele tentou se apoiar nas mãos, sentiu uma pontada no quadril, uma dor forte da pancada do osso no aço. Não conseguia pensar. Acenou com a mão, implorando a Scottie que saísse das sombras para ajudá-lo.

Uma bota pesada esmigalhou o que restava de suas lentes. Mãos fortes e jovens agarraram seu macacão e puxaram até que Walker ficasse de pé. Havia gritos por todo lado, além de rajadas e do espocar de tiros.

— Walk? Você está bem?

Jenkins o segurava pelo macacão. Walker tinha quase certeza de que cairia se

o rapaz o soltasse.

— Minhas len...

— Senhor, nós temos que ir! Eles entraram!

Walker se virou na direção da porta e viu Harper ajudando Shirly a se levantar. Os olhos dela estavam arregalados e assustados. Havia uma camada de poeira cinzenta em seus ombros e nos cabelos escuros. Ela olhava na direção de Walker, parecendo tão tonta quanto ele.

— Pegue suas coisas — disse Jenkins. — Vamos recuar.

Ele examinou a sala e seu olhar pousou na bancada de trabalho.

— Eu consertei — falou Walker, tossindo, o punho cobrindo a boca. — Funciona.

— Um pouco tarde demais, acho.

Jenkins soltou o macacão, e Walker teve que se agarrar ao banco para não cair de novo. O tiroteio lá fora se aproximava. Passos de botas trovejavam, mais gritos, outra explosão forte que reverberou no chão... Jenkins e Harper estavam na porta gritando ordens e acenando para as pessoas que passavam. Shirly se juntou a Walker na bancada. Os olhos dela estavam no rádio.

— Nós precisamos disso — disse ela, respirando com dificuldade.

Walker olhou para as joias cintilantes no chão. O salário de dois meses por aquelas lentes de aumento...

— Walk, o que eu pego? Me ajude.

Ele se virou e viu Shirly juntando as peças do rádio, os fios entre as placas, dobrados e emaranhados. Houve um disparo isolado de uma das armas dos mocinhos bem do lado de fora da porta, o que o fez se agachar, e sua mente se distraiu.

— Walk!

— A antena — sussurrou ele, apontando para onde a poeira ainda caía das vigas.

Shirly balançou a cabeça e subiu na bancada de trabalho dele. Walker olhou ao redor da sala, uma sala que prometera a si mesmo nunca deixar, uma promessa que dessa vez ele queria mesmo cumprir. Levar o quê? Lembranças idiotas? Lixo. Roupa suja. Uma pilha de plantas baixas. Ele agarrou a lata de peças e as jogou no chão. Os componentes do rádio foram postos lá dentro, e também o transformador, desplugado da tomada. Shirly estava puxando a antena, os cabos e varas de metal enfeixados apoiados no peito. Walker pegou o ferro de soldar e algumas ferramentas. Harper gritou que era agora ou nunca.

Shirly agarrou Walker pelo braço e o arrastou na direção da porta.

E Walker percebeu que não ia ser *nunca*.

62

Silo 17

O pânico que ela sentiu ao vestir o traje foi uma surpresa.

Juliette esperava sentir certo medo por entrar na água, mas foi o simples ato de vestir o traje de limpeza que a encheu de um pavor terrível e provocou um nó latejante, frio e vazio em seu estômago. Lutou para controlar a respiração enquanto Solo fechava os zíperes nas costas e apertava as camadas de velcro no lugar.

— Onde está minha faca? — perguntou ela, tateando os bolsos da frente e procurando entre as ferramentas.

— Está aqui — disse ele.

Solo se abaixou e a pegou na bolsa de equipamentos, debaixo de uma toalha e uma muda de roupas. Ele entregou a faca pelo cabo, e Juliette a guardou no bolso bem protegido que ela havia acrescentado na frente do traje. Era mais fácil respirar só por ter a faca ao alcance da mão. O utensílio do refeitório lá em cima a confortava. Ela se viu conferindo a faca como costumava checar o pulso quando ainda tinha aquele seu velho relógio.

— Vamos deixar o capacete para depois — disse a Solo enquanto ele erguia a redoma transparente do chão. — Pegue aquela corda primeiro.

Ela apontou com suas luvas estufadas. O material grosso e as duas camadas de roupa a estavam aquecendo. Ela torcia para que funcionassem e não a deixassem morrer congelada nas águas profundas.

Solo ergueu os rolos de cordas emendadas. Em uma das pontas estava amarrada uma chave inglesa grande e ajustável do tamanho de seu antebraço.

— De que lado? — perguntou ele.

Ela apontou para onde os degraus mergulhavam na água iluminada de verde em uma curva graciosa.

— Vá baixando devagar. E cuidado para não deixar que se prenda nos degraus.

Solo assentiu. Juliette conferia as ferramentas enquanto ele colocava a chave inglesa na água. O peso da grande ferramenta de metal esticou a corda direto até o fundo da grande escadaria. Em um bolso, Juliette carregava um molho de chaves, cada qual amarrada ao traje separadamente, com alguns centímetros de fio. Tinha uma chave de fenda em outro bolso, cortadores no bolso número quatro. Olhando para baixo, mais memórias de sua caminhada pelo exterior voltaram. Ela ouvia o som dos grãos de areia batendo no capacete, sentia seu suprimento de ar se exaurindo, os passos pesados das botas na terra dura...

Ela segurou o corrimão à sua frente e tentou pensar em outra coisa. Qualquer outra coisa. O cabo de energia e a mangueira de ar. Concentração. Precisaria de muito de todas essas coisas. Respirou fundo e conferiu os rolos compridos de tubos e cabos elétricos que havia no chão da plataforma. Ela os tinha arrumado em forma de oito, para garantir que não embaraçassem. Bom. O compressor estava pronto. Tudo o que Solo precisava fazer era garantir que aquilo chegasse até ela e não ficasse preso em lugar nenhum.

— Está no fundo — disse Solo.

Ela o viu amarrar a corda ao corrimão da escada. Ele estava de bom humor. Lúcido e cheio de energia. Era um bom momento para resolver aquilo. Enviar toda aquela inundação para a usina de tratamento teria sido uma solução temporária e deselegante. Estava na hora de botar aquelas bombas grandes para puxar toda aquela água direito, bombeando-a pelas paredes de concreto de volta para a terra lá fora.

Juliette se arrastou até a beira da escada e olhou para a superfície prateada da água imunda. Será que aquele seu plano era loucura? Ela não devia estar com medo? Ou os anos de espera até fazer aquilo em segurança a apavoravam mais? A perspectiva de enlouquecer aos poucos parecia o maior risco. Vai ser igual a sair no exterior, lembrou a si mesma, coisa que ela já havia feito e sobrevivera. Exceto que... era mais seguro. Juliette tinha um suprimento ilimitado de ar, e não havia nada tóxico lá embaixo, nada para corroê-la.

Olhou para o próprio reflexo na água parada, o traje volumoso fazendo-a parecer enorme. Se Lukas estivesse ali com ela, se pudesse ver o que estava prestes a fazer, será que tentaria dissuadi-la? Ela achava que sim. Até que ponto os dois realmente se conheciam? Quantas vezes tinham se encontrado pessoalmente? Duas ou três?

Mas depois houve dezenas de conversas. Seria possível conhecê-lo apenas pela voz? Pelas histórias de infância? Por seu riso inebriante, quando tudo mais em seu dia a deixava com vontade de chorar? Será que era por isso que os e-

mails eram caros, para evitar esse tipo de vida, esse tipo de relacionamento? Como ela podia estar ali, parada, pensando em um homem que mal conhecia, em vez de se concentrar na insanidade da tarefa à sua frente?

Talvez Lukas tivesse se transformado em sua corda de salvação, um fino fio de esperança que a ligava a seu lar. Ou ele seria mais como um pontinho de luz visto de vez em quando através das trevas, um farol para guiar seu retorno?

— Capacete?

Solo estava parado a seu lado, observando-a e segurando a redoma transparente de plástico, que tinha uma lanterna presa no topo. Juliette pegou o capacete, conferiu se a lanterna estava bem fixada e tentou tirar da cabeça as ruminações sem sentido.

— Primeiro conecte meu ar — disse ela. — E ligue o rádio.

Ele assentiu. Juliette segurou o capacete enquanto ele encaixava a mangueira na válvula que ela instalara através do colar de encaixe do capacete. Houve um silvo e um jato de ar escapou quando o tubo se prendeu no lugar. A mão de Solo tocou a nuca dela enquanto tentava ligar o rádio no interior do traje. Juliette baixou o queixo, apertando o botão que ela mesma havia feito e costurado na roupa de baixo.

— Alô, alô — disse ela.

A unidade na cintura de Solo emitiu um ruído agudo ao reproduzir sua voz.

— Um pouco alto — comentou ele, ajustando o volume.

Ela botou o capacete no lugar. Tinha tirado a tela e todos os revestimentos plásticos. Depois de raspar a tinta, ficou com uma meia esfera de plástico duro, quase totalmente transparente. Era bom saber, ao prendê-la no colar de encaixe, que o que quer que visse através dele seria verdade.

— Tudo bem?

A voz de Solo ficou abafada quando o capacete foi hermeticamente fechado. Juliette ergueu a luva e sinalizou para ele com o polegar para cima. Ela apontou para o compressor.

Ele assentiu, agachou-se ao lado da máquina e coçou a barba. Ela o viu ligar a chave de força da unidade portátil, apertar cinco vezes a bomba manual de combustível e então puxar a corda para ligar o motor. A pequena unidade expeliu uma nuvem de fumaça e começou a funcionar. Mesmo com os pneus de borracha, ela sacudia e fazia tremer a plataforma, fazendo as botas deles vibrarem. Juliette podia ouvir o barulho terrível através do capacete, imaginava aquele ruído alto ecoando por todo o silo abandonado.

Solo segurou o regulador de ar do carburador por mais um segundo, como ela

havia ensinado, e então o empurrou até o fim. Enquanto a máquina vibrava e girava, ele olhou para Juliette, sorrindo através da barba, parecendo um dos cães do Suprimentos olhando para cima, para seu dono fiel.

Ela apontou para a lata vermelha de combustível extra e fez outro sinal de positivo para ele, que devolveu o gesto. Juliette caminhou com dificuldade até as escadas, a mão enluvada no corrimão para se equilibrar. Solo se apertou e passou por ela, foi até o corrimão e a corda com nós. Estendeu o braço para ajudá-la a se equilibrar enquanto ela começava a descer pelos degraus escorregadios com aquelas botas grandes do traje.

A esperança de Juliette era de que seria mais fácil se mover quando estivesse na água, mas ela não sabia com certeza; tinha apenas uma sensação intuitiva em relação à física daquilo tudo, do mesmo modo que conseguia perceber o propósito de uma máquina só de olhar para ela. Desceu os últimos degraus secos, e então suas botas romperam a superfície oleosa da água e encontraram o degrau de baixo. Desceu mais dois, antecipando o frio gelado que precisaria enfrentar, mas não foi o que aconteceu. O traje e as roupas que usava por baixo a mantiveram aquecida. Na verdade, quase aquecida demais — dava para ver uma leve névoa embaçando o interior do capacete. Apertou o botão do rádio com o queixo e disse a Solo para abrir a válvula e liberar o ar.

Solo mexeu no colar de encaixe do capacete e girou o registro. O ar assoviou pelos ouvidos de Juliette com um ruído alto, e ela sentiu a roupa se inflar. A válvula de escape que ela prendera do outro lado do colar guinchou ao se abrir para liberar o excesso de pressão, evitando que o traje, e ela desconfiava que também sua cabeça, explodisse.

— Pesos — falou pelo rádio.

Solo correu até a plataforma e voltou com os pesos redondos de exercícios. Ajoelhado no último degrau seco, ele os prendeu abaixo dos joelhos dela com um velcro forte, depois ergueu os olhos para ver o que viria em seguida.

Juliette fez muita força para levantar um pé, depois o outro, e se assegurou de que os dois pesos estavam bem presos.

— Cabos — disse ela, pegando o jeito de usar o rádio.

Essa era a parte mais importante. A energia da TI ia alimentar as bombas sem vida lá de baixo. Vinte e quatro volts de energia. Juliette tinha instalado uma chave na plataforma para que Solo pudesse fazer um teste enquanto ela estivesse lá embaixo. Não queria descer com os cabos energizados.

Solo desenrolou uns cinco metros do cabo duplo e amarrou as pontas em torno do pulso de Juliette. Os nós dele eram bons, tanto os da corda quanto os do cabo.

A segurança dela em relação à empreitada crescia a cada minuto, e o desconforto dentro do traje diminuía.

Dois degraus acima, Solo sorriu para ela do outro lado do capacete de plástico, exibindo dentes amarelos no meio da barba emaranhada. Juliette retribuiu o sorriso. Ela ficou parada enquanto ele mexia na lanterna presa ao capacete, para ligá-la. A bateria tinha sido recém-carregada e deveria durar um dia inteiro, muito mais do que ela possivelmente precisaria.

— Certo — disse Juliette. — Agora me ajude aqui.

Tirou o queixo do botão do rádio, virou-se, debruçou-se na grade de proteção, jogou sobre ela o peso do corpo. Era uma sensação incrível jogar-se daquela proteção. Parecia algo suicida. Aquela era a grande escadaria. Aquele era seu silo. Ela estava quatro níveis acima da Mecânica. E havia todo aquele espaço abaixo dela, aquele longo mergulho ousado apenas pelos loucos, Juliette agora fazia por vontade própria.

Solo a ajudou com os pesos dos pés. Desceu até o primeiro degrau submerso para auxiliá-la. Juliette jogou a perna por cima da grade de proteção com a ajuda dele. De repente, passou por aquela barra estreita de aço escorregadio, perguntando-se se a água iria mesmo detê-la, se a envolveria e reduziria a velocidade de sua queda. Sentiu, então, um momento de puro pânico. Percebeu um gosto metálico na boca, um nó no estômago e vontade de urinar, e, enquanto Solo jogava seu outro pé por cima da grade, as mãos enluvadas tentavam desesperadamente agarrar a corda que ele havia amarrado, esperneando com as botas e espalhando a água oleosa que enchia o silo.

— Merda!

Ela respirou fundo no capacete, ofegante pelo choque de mergulhar tão rápido, com as mãos e os joelhos prendendo-se à corda retorcida. Seu corpo se movia dentro do traje inflado como se uma camada de pele grande demais houvesse se desprendido dela.

— Você está bem? — gritou Solo, as mãos em concha junto à boca.

Ela assentiu, sem que o capacete se mexesse. Os pesos puxavam suas pernas, tentando arrastá-la para o fundo. Havia dezenas de coisas que queria dizer a Solo, lembretes e dicas, desejos de boa sorte, mas sua mente estava acelerada demais para pensar em usar o rádio. Em vez disso, Juliette soltou as mãos e os joelhos, sentiu a corda deslizar por seu corpo com um chiado distante e começou a longa descida até o fundo.

63

Silo 18

Lukas estava sentado à mesinha construída com uma quantidade vergonhosa de madeira e olhava para um livro recheado com uma fortuna em papel de qualidade. A cadeira provavelmente valia mais do que ganharia em sua vida inteira, e ele estava *sentado* nela. Quando se mexia, as juntas e engrenagens daquela coisa sofisticada giravam e rangiam como se fossem desmontar a qualquer momento.

Ele manteve as duas botas bem plantadas no chão, seu peso apoiado nos dedos dos pés, só para garantir.

Lukas virou uma página, fingindo ler. Não que não quisesse ler, só não queria ler *aquilo*. Havia estantes inteiras de obras mais interessantes, que pareciam zombar dele em suas caixas metálicas. Pediam para ser folheadas, para que ele deixasse de lado a Ordem com seu texto rígido, listas em tópicos e um labirinto interno de referências que fazia mais voltas do que a própria escadaria do silo.

Cada tópico na Ordem indicava outra página; cada página, um novo tópico. Lukas folheou algumas delas e se perguntou se Bernard estaria de olho nele. O chefe da TI estava sentado do outro lado do pequeno estúdio, apenas uma das muitas salas no esconderijo bem abastecido abaixo dos servidores. Enquanto Lukas fingia preparar-se para o futuro emprego, Bernard alternava entre mexer no computador pequeno na outra mesa e ir até o rádio montado na parede para dar instruções às forças de segurança nas profundezas.

Lukas pulou várias páginas da Ordem. Passou pelas instruções para evitar desastres no silo e conferiu algumas referências mais acadêmicas no fim. Isso era ainda *mais* assustador: capítulos sobre persuasão de grupos, controle de mentes, efeitos do medo durante levantes; gráficos e tabelas sobre crescimento populacional...

Ele não conseguia mais aguentar. Ajeitou a cadeira e passou algum tempo observando Bernard, chefe da TI e prefeito interino, passando por telas e telas de

texto, a cabeça se mexendo para cima e para baixo enquanto lia as palavras ali.

Depois de um instante, Lukas ousou romper o silêncio.

— Ei, Bernard?

— Hum?

— Por que não tem nada aqui sobre os motivos que levaram à criação de tudo isso?

A cadeira de escritório de Bernard rangeu quando ele girou para encarar Lukas.

— Desculpe. O quê?

— As pessoas que construíram tudo isso, as pessoas que escreveram esses livros. Por que não há nada na Ordem sobre elas? Como, por exemplo, por que construíram este lugar, para início de conversa?

— Por que deveria haver?

Bernard fez menção de se virar de volta para o computador.

— Para que *soubéssemos*. Não sei, como todas as outras coisas nos outros livros...

— Não quero você lendo esses outros livros. Ainda não. — Bernard apontou para a mesa de madeira. — Aprenda primeiro a Ordem. Se não conseguir manter o silo funcionando, os livros do Legado não passam de papel para reciclagem. Serão a mesma coisa que madeira processada se não houver ninguém por aí para lê-los.

— Ninguém *pode* ler estes livros além de nós dois, considerando que eles ficam trancados aqui embaixo.

— Ninguém *vivo*. Não hoje. Um dia haverá bastante gente para lê-los. Mas só se você estudar.

Bernard apontou com a cabeça na direção do livro grosso e insuportável antes de se voltar para o teclado e pegar o mouse.

Lukas ficou ali sentado por um tempo, olhando para as costas de Bernard, para o cordão de sua chave mestra visível na camiseta que usava por baixo do macacão.

— Acho que eles devem ter sentido que algo estava prestes a acontecer — disse Lukas, incapaz de deixar o assunto de lado.

Ele sempre tinha se perguntado sobre essas coisas, mas as havia bloqueado, encontrara prazer em mapear estrelas distantes, tão distantes que eram imunes aos tabus do silo. E agora ele vivia naquele vácuo, naquele vazio do silo de cuja existência ninguém sabia, onde assuntos proibidos eram permitidos e ele podia conversar com um homem que parecia ter acesso à preciosa verdade.

— Você não está estudando — disse Bernard.

A cabeça do homem continuava voltada para o teclado, mas ele parecia saber que Lukas o observava.

— Eles tinham que perceber que algo estava prestes a acontecer, não? — Lukas levantou a cadeira e a girou um pouco mais. — Quer dizer, construíram todos esses silos antes que as coisas lá fora ficassem tão ruins...

Bernard virou a cabeça para o lado. Retesava e relaxava sem parar a mandíbula. Soltou a mão do mouse e alisou o bigode.

— São essas as coisas que quer saber? Como aconteceu?

— Sim. — Lukas assentiu. Ele se inclinou para a frente com os cotovelos nos joelhos. — Eu quero saber.

— Você acha que importa? O que aconteceu lá fora? — Bernard se virou e olhou para a planta na parede, depois para Lukas. — Por que isso teria importância?

— Porque *aconteceu*. E só aconteceu uma vez, e eu fico desesperado por não saber. Quer dizer, eles sabiam que ia acontecer, não sabiam? Levaria anos para construir todos...

— Décadas — disse Bernard.

— E depois trazer todas essas coisas para dentro, toda essa gente para cá...

— Isso demorou bem menos.

— Então você sabe.

Bernard assentiu.

— A informação está guardada aqui, mas não nos livros. E você está errado. Ela *não* importa. Isso é passado, e o passado não é a mesma coisa que nosso Legado. Você precisa aprender a diferença.

Lukas pensou na diferença. Por algum motivo, uma conversa com Juliette lhe veio à mente, algo que ela sempre lhe dizia...

— Eu acho que sei — disse.

— Ah, é? — Bernard empurrou os óculos para o alto do nariz e o encarou. — Então conte o que você *acha* que sabe.

— Toda a nossa esperança, as conquistas anteriores a nós, como o mundo *pode* ser, este é nosso Legado.

Os lábios de Bernard se abriram em um sorriso. Ele gesticulou para que Lukas continuasse.

— E as coisas ruins que não podem ser remediadas, os erros que nos fizeram chegar a este ponto, isso é o passado.

— E o que significa essa diferença? O que *você* acha que significa?

— Significa que não podemos mudar o que já aconteceu, mas podemos desempenhar nosso papel no que vier a acontecer.

Bernard juntou as palmas das mãos.

— Muito bom.

— E isto... — Lukas se virou e pôs a mão sobre o livro grosso. Ele prosseguiu sem que lhe pedissem. — A Ordem. *Isto* é um mapa para conseguirmos passar por todas as coisas ruins que se acumularam entre nosso passado e o futuro ainda com esperança. *Isto* é sobre as coisas que podemos prevenir, que podemos corrigir.

Bernard ergueu a sobrancelha após a última frase de Lukas, como se fosse uma maneira nova de ver uma antiga verdade. Finalmente, sorriu, as pontas do bigode se espetaram para cima, e os óculos subiram para a ponte do nariz.

— Acho que você está quase pronto — disse Bernard. — Em breve. — Virou-se para o computador, a mão voltando ao mouse. — Muito em breve.

64

Silo 17

A descida até a Mecânica foi estranhamente tranquila, quase mágica. Juliette deslizou pelo líquido esverdeado usando o corrimão para se empurrar para longe a cada vez que a escada fazia uma curva em espiral abaixo de seus pés. Os únicos sons eram o silvo do ar entrando em seu capacete e o excesso gorgolejando ao sair pelo outro lado. Um fluxo infinito de bolhas subia diante de seu visor como gotas de metal soldado, subindo em desafio à gravidade.

Juliette observou essas esferas de metal correrem umas atrás das outras e brincarem, como crianças pelas escadas. Estouravam quando tocavam o corrimão, deixando nele apenas minúsculos pontos de gás, que rolavam e colidiam. Outras marchavam em linhas curvas por dentro da escadaria, juntavam-se em multidões abaixo dos degraus ocos. As bolhas se transformavam em bolsões de ar que balançavam e captavam a luz que irradiava do alto de seu capacete.

Era fácil esquecer onde estava, o que estava fazendo. O que antes era familiar tinha se tornado distorcido e estranho. Tudo parecia aumentado pela redoma de plástico do visor, e era fácil para Juliette imaginar que não estava afundando, e sim que a grande escadaria estava se erguendo, subindo das profundezas da terra na direção das nuvens. Até a sensação da corda deslizando por suas mãos enluvadas e pela barriga coberta parecia mais com algo puxado inexoravelmente de cima do que com uma linha pela qual ela estava descendo.

Só quando arqueou as costas e olhou para o alto foi que Juliette se lembrou da quantidade de água que havia acima dela. O brilho verde das luzes de emergência se esvaneceu em um negro assustador após um ou dois andares. A luz de sua lanterna mal marcava a escuridão. Juliette inspirou profundamente e se lembrou de que tinha todo o ar do silo. Tentou ignorar a sensação de tanta água acima de sua cabeça, de ser “enterrada” viva. Se fosse preciso, se entrasse em pânico, bastava soltar os pesos. Um corte com a faca de cozinha e ela

flutuaria direto de volta à superfície. Dizia isso a si mesma enquanto continuava a descer. Soltou uma das mãos da corda e tateou em busca da faca, para se assegurar de que o utensílio ainda estava ali.

— MAIS DEVAGAR — berrou em seu rádio.

Juliette agarrou a corda com as duas mãos e apertou até parar de descer. Ela se lembrou de que Solo estava lá em cima, cuidando da mangueira de ar e dos cabos elétricos enquanto eles se desenrolavam. Ela o imaginou preso nos fios, pulando de um lado para o outro em um pé só. As bolhas saíam da válvula de escape e subiam agitadas pela água verde-musgo de volta à superfície. Inclinou a cabeça para trás e as observou subir girando em torno da corda esticada, perguntando-se o que estava levando Solo a demorar tanto. Na parte de baixo das escadarias helicoidais, as bolsas de ar dançavam como se fossem mercúrio prateado, agitadas na passagem turbulenta...

— CERTO — disse o alto-falante do rádio atrás de sua cabeça. — TUDO BEM POR AQUI.

Juliette se encolheu com o volume da voz de Solo e desejou ter verificado isso antes de fechar o capacete. Agora não havia como consertar.

Com os ouvidos zumbindo, o silêncio e a majestade daquela descida interrompidos, ela avançou mais um nível, mantendo um ritmo lento e contínuo enquanto checava a folga no cabo e na mangueira de ar em busca de qualquer sinal de que estivessem se esticando demais. Conforme passava perto da plataforma do 139º andar, viu que uma das portas estava faltando; a outra tinha sido arrancada violentamente de suas dobradiças. Todo o nível devia estar alagado, o que significava mais água para as bombas retirarem. Pouco antes de a plataforma do andar sumir de vista, viu formas escuras no corredor, sombras flutuantes na água. A lanterna em seu capacete mal iluminou um rosto pálido e inchado antes que Juliette passasse e perdesse de vista aquela pessoa havia muito tempo morta.

Não passara pela cabeça de Juliette que poderia encontrar mais corpos. Não afogados, claro. A enchente teria subido devagar demais para pegar alguém de surpresa, mas qualquer violência que tivesse ocorrido antes disso agora estaria preservada nas profundezas geladas. O frio da água ao redor pareceu finalmente penetrar pelas camadas de seu traje. Ou talvez fosse apenas imaginação.

Suas botas bateram no nível mais baixo das escadas enquanto ela ainda olhava para o alto, atenta à folga nos cabos. Seus joelhos sentiram o impacto do fim súbito de sua descida. Tinha demorado muito menos tempo que uma descida a pé. Agarrada à corda para se equilibrar, Juliette soltou a outra mão e a agitou na

água verde das profundezas. Apertou com o queixo o botão do rádio.

— Cheguei — transmitiu a Solo.

Deu alguns passos hesitantes e trôpegos, agitando os braços e quase nadando na direção da entrada da Mecânica. A luz da escadaria mal clareava além dos portões de segurança. Depois deles, as profundezas oleosas de um lar ao mesmo tempo estranho e familiar a aguardavam.

— ESTOU NA ESCUTA — respondeu Solo com algum atraso.

Juliette sentiu os músculos se retesarem quando a voz dele tomou seu capacete. Não poder ajustar o volume iria deixá-la louca.

Após uma dúzia de passos vacilantes, ela acabou pegando o jeito daquele estranho movimento de andar na água e aprendeu a arrastar o peso de suas botas pela plataforma de metal. Com o traje inflado e seus braços e pernas se esfregando no interior, era como guiar uma bolha se jogando contra suas paredes. Ela deu uma parada para verificar a mangueira de ar, a fim de se assegurar de que não estava presa nas escadas, e lançou um último olhar para a corda pela qual tinha descido. Mesmo àquela distância, parecia um fio impossivelmente fino, um fio pendurado naquele poço submerso das escadarias. Oscilava lentamente devido à agitação na água provocada por sua descida, e era quase como se estivesse acenando para se despedir.

Juliette tentou não interpretar aquilo como um sinal e seguiu na direção da entrada da Mecânica. *Você não precisa fazer isso*, ela lembrou a si mesma. Poderia ligar duas, talvez três outras bombas pequenas, além de alguma extração adicional a partir do sistema de irrigação hidropônico. O trabalho talvez levasse alguns meses, a água levaria anos para baixar, mas no fim aqueles níveis iriam secar e ela poderia investigar aquelas escavadeiras enterradas sobre as quais Solo falara. Isso podia ser feito sem riscos, sem contar a ameaça à sua sanidade.

E, se sua única razão para voltar para casa era vingança, se essa era sua única motivação, ela poderia escolher esperar e tomar o caminho seguro. Podia sentir a tentação de arrancar os pesos de suas botas e voar pelos níveis como antigamente sonhava que podia fazer, de braços abertos, alegre e livre...

Mas Lukas a mantinha informada da terrível confusão em que se encontravam seus amigos, a confusão que sua partida causara. Havia um rádio montado na parede dele, abaixo dos servidores, que transmitia violência dia e noite. O apartamento subterrâneo de Solo era equipado com um rádio idêntico, mas ele só se comunicava com os rádios portáteis do Silo 17. Juliette tinha desistido de mexer naquilo.

Parte dela estava grata por não poder ouvir. Não queria ter que escutar as

lutas; queria apenas voltar para casa e fazer com que aquilo parasse. Isso tinha se tornado uma compulsão desesperada: voltar a seu silo. Era enlouquecedor pensar que estava apenas a uma curta caminhada de distância, mas aquelas portas só se abriam para matar pessoas. E de que adiantaria sua volta, afinal? Será que sobreviver a uma limpeza e revelar a verdade seria o bastante para expor Bernard e o resto da TI?

De todo modo, Juliette tinha outros planos menos sãos. Talvez fossem fantasia, mas lhe davam alguma esperança. Sonhava em consertar uma das escavadeiras que construíra aquele lugar, uma máquina enterrada e escondida no final da estrutura, e dirigi-la até as profundezas do Silo 18. Sonhava em romper o bloqueio, conduzir as pessoas de volta àqueles corredores secos e botar aquele lugar morto para *funcionar* outra vez. Sonhava em operar um silo sem todas as mentiras e falsidades.

Juliette seguiu pela água pesada na direção do portão de segurança, sonhando esses sonhos infantis, descobrindo que de alguma forma eles reforçavam sua decisão. Aproximou-se da guarita e da catraca e viu que aquele portão sem vida e sem guarda seria o primeiro obstáculo real da descida. Passar não seria fácil. Deu as costas para a máquina, pôs uma das mãos de cada lado e empurrou com força, batendo os pés pesados na parede baixa até que ficou praticamente sentada no painel de controle.

Suas pernas pesavam demais para serem levantadas, ou pelo menos pesavam demais para passarem por cima do portão, a carga nos pés exagerada para contrabalançar a flutuação. Ela se agitou para trás até se sentar melhor, e tentou virar de lado. Com a luva grossa sob o joelho, ela se esticou e se jogou para trás até que a bota alcançou a beira da mureta. Descansou por um instante, ofegante, e encheu o capacete com um riso abafado. Parecia ridículo tamanho esforço para fazer algo absolutamente simples, tão trivial. Com uma bota já no alto, foi fácil erguer a outra. Ela sentiu os músculos do abdome e das coxas, doloridos após semanas de trabalho de portador, finalmente a ajudarem a levantar seu maldito pé.

Sacudiu a cabeça, aliviada. O suor escorria por sua nuca. Já temia repetir a manobra na volta. Jogar-se para o outro lado foi fácil: os pesos fizeram todo o trabalho. Ela esperou um momento para se assegurar de que os cabos amarrados em seu pulso e a mangueira de ar presa ao traje não estavam se emaranhando, e então seguiu pelo corredor principal. A lanterna no topo do capacete era a única fonte de iluminação.

— TUDO BEM? — perguntou Solo, e sua voz a assustou outra vez.

— Estou bem — disse ela, apertando o botão do rádio com o queixo, deixando o contato aberto. — Eu aviso se precisar de você. O volume está um pouco alto aqui embaixo e me dá cada susto...

Soltou o botão e virou-se para verificar a mangueira de ar. No teto, as bolhas dançavam sob a luz da lanterna como pequenas joias.

— OK. ENTENDI.

Com as botas mal se erguendo do chão, empurrando uma de cada vez, ela seguiu devagar até a interseção principal e passou pelo refeitório. A sua esquerda, se descesse pelo corredor e fizesse duas curvas, podia chegar à oficina de Walker. Será que aquele espaço era sempre uma oficina? Ela não tinha ideia. Naquele silo, podia ser um depósito. Ou um apartamento.

Seu pequeno apartamento ficava na direção oposta. Ela se virou para olhar por aquele corredor, o cone de luz varrendo a escuridão para revelar um corpo imprensado no teto, preso a tubulações e conduítes. Ela desviou o olhar. Era fácil imaginar que aquele fosse Georgie ou Scottie ou outra pessoa de quem gostava e que perdera. Era fácil imaginar que fosse ela própria.

Juliette se arrastou até as escadas de acesso. Seu corpo oscilava na água, limpa e cristalina. O peso de suas botas e a flutuação do torso a mantinham ereta, apesar de ela se sentir sempre prestes a cair. Parou no alto de uma escada que descia.

— Vou começar a descer — disse com o queixo apertado no botão. — Tome cuidado para manter tudo funcionando direito. E, por favor, só responda se houver algum problema. Meus ouvidos ainda estão zumbindo por causa da última vez.

Juliette ergueu o queixo do botão do rádio e desceu os primeiros cinco degraus esperando que Solo gritasse algo em seus ouvidos, mas isso não aconteceu. Ela segurava o cabo e a mangueira com firmeza, puxando-os pelas quinas da escada enquanto descia para a escuridão. A água escura ao seu redor era perturbada apenas pelas bolhas que ela soltava e pelo fraco cone de luz de sua lanterna.

Seis andares abaixo, ficou difícil puxar a mangueira e o cabo, por causa do atrito dos degraus. Ela parou e puxou bastante cabo e mangueira, deixando uma grande folga boiando atrás de si. Várias das emendas feitas com cuidado por ela nos cabos e mangueiras passavam por suas luvas. Ela parou e conferiu as juntas coladas e enfaixadas para ver se estavam bem firmes. Bolhas minúsculas saíam de uma delas, formando uma fileira entrecortada de pequenos pontos na água escura. Não era quase nada.

Quando teve folga suficiente no fim das escadas para chegar ao poço da

bomba, ela se virou e andou decidida até sua tarefa. A parte mais difícil tinha terminado. O ar estava fluindo bem, fresco e renovado, assoviando em seus ouvidos. O excesso saía pela outra válvula, e as bolhas subiam formando uma cortina sempre que ela mexia a cabeça. Havia cabo e mangueira de ar suficientes para levá-la a seu destino, e todas as ferramentas estavam intactas. Parecia que, agora que sabia que não desceria mais, ela finalmente conseguiria relaxar. Tudo o que precisava fazer era conectar os cabos, duas conexões simples, e ir embora dali.

Estando tão perto, ela ousou pensar em se libertar, em resgatar a Mecânica daquele silo, ressuscitar um de seus geradores e depois uma das escavadeiras escondidas e enterradas. Estava progredindo. Estava a caminho de resgatar seus amigos. Tudo parecia perfeitamente realizável, quase ao seu alcance, depois de semanas de erros e frustrações.

Juliette encontrou a sala da bomba exatamente onde deveria estar. Colocou as botas na beira do poço no centro. Curvando-se para a frente, sua lanterna iluminou os números que mostravam até onde a água já havia subido. Pareciam cômicos sob tantos metros de água. Cômicos e tristes. Aquele silo tinha falhado com seu povo.

Mas então Juliette se corrigiu: aquelas *pessoas* falharam com seu *silo*.

— Solo, cheguei à bomba. Vou ligar a força.

Ela olhou para o fundo do poço para se assegurar de que os contatos da bomba estavam livres de detritos. A água lá embaixo era surpreendentemente límpida. Todo o óleo e a fuligem nos quais ela trabalhara enfiada até as coxas nas profundezas de seu próprio silo tinham se diluído, espalhados em sabe-se lá quantos litros de uma infiltração de água subterrânea. O resultado era algo tão limpo que ela provavelmente poderia bebê-lo.

Juliette sentiu um calafrio, repentinamente consciente de que o frio das águas estava atravessando as camadas que a protegiam e roubando o calor de seu corpo. Já cheguei à metade, disse a si mesma. Ela seguiu na direção da bomba enorme montada na parede. Canos grossos como sua cintura penetravam em curva no chão e subiam pela parede além da beira do poço. A água bombeada subia junto à parede em uma tubulação de tamanho parecido, e se juntava à bagunça de tubos da Mecânica mais acima. Parada ao lado da bomba grande, Juliette começou a soltar os cabos dos pulsos e se lembrou do último trabalho que tinha feito como mecânica. Consertara o eixo de uma bomba idêntica e descobrira um rotor desgastado e quebrado. Enquanto pegava uma chave Phillips do bolso e começava a soltar o terminal positivo, parou um pouco para rezar

para que *aquela* bomba não estivesse em condições parecidas com a outra que queimara. Ela não queria ter que descer para consertá-la de novo. Não até poder fazer isso com as botas secas.

O fio positivo se soltou com mais facilidade do que ela esperava. Juliette enrolou o novo no lugar. Sua própria respiração ressoava no confinamento do capacete e era sua única companhia. Enquanto apertava o terminal em torno do cabo novo, se deu conta de que ouvia sua respiração porque não estava mais sentindo o ar soprando no rosto.

Juliette ficou imóvel. Bateu na redoma plástica perto do ouvido e viu que as bolhas do excesso de ar ainda estavam saindo, agora mais lentamente. Ainda havia pressão no seu traje. Só não havia mais ar entrando.

Ela apertou o botão do rádio com o queixo, sentiu o suor brotar em torno do colar de junção com o capacete e escorrer pela lateral da face. Seus pés de algum modo estavam congelando enquanto, do pescoço para cima, ela começava a suar.

— Solo? Aqui é Juliette. Está me ouvindo? O que houve aí em cima?

Ela esperou, virou-se para apontar a lanterna para a mangueira de ar e procurar algum sinal de vazamento. Ainda tinha o ar dentro do traje. Por que será que Solo não estava respondendo?

— Alô? Solo? Por favor, diga alguma coisa.

A lanterna do capacete precisava de ajuste, mas ela sentia as batidas de um relógio silencioso em sua mente. Quanto ar ainda lhe restaria *naquele momento*? Ela provavelmente tinha levado uma hora para chegar lá embaixo. Solo ia consertar o compressor antes que o ar terminasse. Juliette teria bastante tempo. Talvez ele estivesse botando mais combustível. Tempo suficiente, disse a si mesma enquanto a chave de fenda escorregava do terminal negativo. Aquela porcaria estava emperrada.

Para isso não havia tempo, não para encontrar alguma coisa corroída. O fio positivo já tinha sido cortado e estava bem preso. Ela tentou ajustar a lanterna fixada com fita em seu capacete. Estava apontando para cima. Bom para caminhar, terrível para trabalhar. Ela conseguiu girá-la um pouco e apontá-la para a bomba enorme.

O fio terra podia ser ligado a qualquer parte da estrutura externa principal, certo? Juliette estava tentando lembrar. O problema inteiro não era só o terra, não? Ou era? Por que ela não conseguia lembrar? Por que de repente pensar tinha ficado tão difícil?

Juliette esticou a extremidade do fio preto e tentou torcer os fios soltos de cobre com os dedos cobertos pelas luvas grossas. Ela enfiou aquele emaranhado

de cobre em um orifício de ventilação do motor, um pedaço de metal condutor que parecia estar conectado ao resto da bomba. Enrolou o fio em um parafuso, deu um nó para que não se soltasse e disse a si mesma que daria certo, que seria o bastante para botar aquela desgraça para funcionar. Walker saberia o que fazer. Onde diabos estava ele quando ela mais precisava?

O rádio perto do pescoço emitiu um ruído, um estouro e estalidos de estática. Algo soou como parte de seu nome dito a distância, um silvo sem sentido e depois... nada.

Juliette hesitou na água escura e fria. Seus ouvidos estavam zumbindo por causa do barulho do rádio. Ela apertou o botão para pedir que Solo afastasse o rádio da boca, mas então percebeu pela parte transparente de seu capacete que não havia mais bolhas saindo pela válvula e subindo em uma cortina suave que passava diante de seus olhos. A pressão em seu traje havia acabado.

Um novo tipo de pressão logo a substituiu.

65

Silo 18

Walker foi empurrado pelas escadas até uma equipe de mecânicos que trabalhava para soldar outro conjunto de placas de metal na passagem estreita. A maior parte do rádio estava no recipiente de peças sobressalentes, que ele segurava em desespero com as duas mãos. Observou os componentes elétricos chacoalharem lá dentro enquanto ele abria caminho pelo meio da multidão de mecânicos que fugia do ataque lá de cima. À sua frente, Shirly levava o restante do equipamento de rádio agarrado ao peito, arrastando a antena atrás de si. Walker ia aos pulos, quase dançando com suas pernas velhas, para não ficar enrolado nos fios.

— Vai! Vai! Vai! — gritou alguém.

Todo mundo estava empurrando e forçando passagem. O espocar dos tiros parecia ficar mais alto atrás dele, enquanto faíscas douradas crepitavam pelo ar e atingiam seu rosto. Ele apertou os olhos e passou através da chuva reluzente quando uma equipe de mineiros em macacões listrados abria caminho à força para subir com outra grande placa de aço.

— Por aqui! — gritou Shirly, puxando-o.

No nível seguinte, ela o puxou para perto da parede. As pernas fracas de Walker lutavam para mantê-lo de pé. Alguém deixou cair um saco de lona. Um rapaz armado parou e voltou correndo para pegá-lo.

— A sala do gerador — disse Shirly, apontando.

Já havia uma fila de pessoas passando pelas portas duplas. Jenkins estava ali, controlando o movimento. Algumas das pessoas com rifles se posicionaram perto de uma bomba de petróleo, cuja cabeça com contrapeso estava absolutamente imóvel, como se já tivesse sucumbido à batalha que se anunciava.

— O que é isso? — perguntou Jenkins quando se aproximaram da porta. Ele gesticulou com o queixo para o monte de cabos nos braços de Shirly. — Isso é...

— O rádio, senhor. — Ela assentiu com a cabeça.

— Isso agora não está servindo para nada.

Jenkins gesticulou para que mais duas pessoas entrassem. Shirly e Walker saíram do caminho.

— Senhor...

— Entrem com o homem — gritou Jenkins, se referindo a Walker. — Não quero ele aqui no meio do caminho.

— Mas, senhor, acho que vai querer saber que...

— Vamos logo! — gritou Jenkins para alguns retardatários.

Ele acenou para que se apressassem. Só os mecânicos que tinham trocado suas ferramentas por armas permaneceram. Eles se posicionaram como se estivessem acostumados àquele jogo, armas apoiadas nos corrimões e nas grades, os canos compridos de aço apontados na mesma direção.

— Dentro ou fora — disse Jenkins para Shirly enquanto começava a fechar a porta.

— Vá — disse ela a Walker, dando um longo suspiro. — Vamos entrar.

Walker, meio anestesiado, obedeceu, pensando o tempo todo nas peças e ferramentas que devia ter trazido, coisas alguns níveis acima que agora estavam perdidas, talvez para sempre.

* * *

— Ei, tirem essa gente daqui da sala de controle! — Shirly atravessou correndo a sala do gerador assim que entraram, arrastando os fios com ela enquanto pedaços da antena de alumínio quicavam no chão. — Fora!

Um grupo heterogêneo de mecânicos e algumas pessoas com macacões amarelos do Suprimentos saiu obedientemente da pequena sala de controle. Eles se juntaram aos outros em torno de uma grade que circundava a enorme máquina que dominava a instalação cavernosa e dava nome àquela sala. Pelo menos o barulho era tolerável. Shirly imaginou toda aquela gente presa lá embaixo nos dias em que o ronco do eixo mal posicionado e os apoios frouxos dos motores podiam ensurdecer uma pessoa.

— Todos vocês, fora da minha sala de controle.

Ela expulsou os últimos poucos com um aceno. Shirly sabia por que Jenkins tinha isolado aquele andar. A única força que lhes restava era do tipo literal. Pôs para fora o último homem da salinha repleta de botões, dials, mostradores e controles sensíveis e verificou imediatamente o nível do combustível.

Os dois tanques estavam cheios até a boca, então pelo menos *isso* eles tinham planejado corretamente. Teriam algumas semanas de energia, no mínimo. Ela

olhou para todos os outros botões e dials, o amontoado de fios ainda apertado contra o peito.

— Onde eu...?

Walker estendeu a caixa. As únicas superfícies planas na sala estavam cobertas de alavancas e do tipo de coisa nas quais não é bom esbarrar. Ele pareceu ter entendido isso.

— No chão, acho.

Ela largou parte da antena que levava e foi fechar a porta. As pessoas que expulsara às pressas olhavam com cobiça pela janela na direção dos poucos bancos altos no espaço climatizado. Shirly as ignorou.

— Trouxemos tudo? Está tudo aqui?

Walker tirou as peças do rádio da caixa e estalou a língua, irritado, ao ver os cabos retorcidos e os componentes desarrumados.

— Nós temos energia? — perguntou ele, erguendo o plugue de um transformador.

Shirly riu.

— Walk, você sabe onde está agora, não sabe? Claro que temos energia. — Ela pegou o fio e o conectou a uma das tomadas do painel principal. — Trouxemos tudo? Temos como montá-lo e fazê-lo funcionar outra vez? Walk, temos que mostrar a Jenkins o que ouvimos.

— Eu sei. — Ele balançou a cabeça e começou a separar o equipamento, juntando alguns cabos soltos enquanto isso. — Precisamos instalar isso. — Ele indicou com a cabeça a antena emaranhada nos braços dela.

Shirly ergueu os olhos. Não havia vigas.

— Pendure na grade de proteção lá fora — disse a ela. — Uma linha reta. E a ponta tem de chegar aqui dentro.

A mulher foi na direção da porta, arrastando os fios.

— Ah, e não deixe as partes de metal encostarem no corrimão ou na grade! — gritou Walker quando ela já se afastava.

Shirly recrutou alguns mecânicos de seu turno para ajudá-la. Quando eles entenderam o que precisava ser feito, assumiram a tarefa, coordenados como uma equipe para desfazer os nós enquanto ela conversava com Walker.

— Vai demorar só um minuto — avisou Shirly enquanto fechava a porta.

O cabo se encaixou perfeitamente entre ela e o batente reforçado.

— Acho que está tudo certo — disse ele, levantando a cabeça para olhá-la. Seus olhos estavam fundos, seu cabelo, uma bagunça, e o suor reluzia na barba branca. — Merda — exclamou ele, e deu um tapa na testa. — Não trouxemos

alto-falantes.

Shirly ficou arrasada ao ouvir Walker praguejar, pensando que tinham esquecido algo crucial.

— Espere aqui — avisou ela, e saiu correndo para o posto de protetores de ouvidos.

Shirly pegou um par de fones com um fio pendurado, do tipo usado para conversas entre a sala de controle e qualquer um que estivesse trabalhando no gerador principal ou no reserva. Passou correndo pela multidão curiosa e assustada até a sala de controle. Ela pensou que deveria estar com mais medo, como os outros, com uma guerra de verdade se aproximando cada vez mais. Porém, só conseguia pensar nas vozes que o combate tinha interrompido. Sua curiosidade era muito maior que o medo. Ela sempre foi assim.

— O que acha desses?

A mulher fechou a porta ao entrar e mostrou a Walker os fones de ouvido.

— Perfeitos — disse ele, os olhos arregalados de surpresa.

Antes que ela pudesse protestar, ele cortou o plugue com seu canivete e começou a descascar os fios.

— Uma coisa boa é que aqui é silencioso — disse o homem, rindo.

Shirly riu também, e isso a fez se perguntar o que diabos eles pretendiam. O que iriam fazer, ficar ali sentados mexendo com fios enquanto os delegados e a turma da segurança da TI vinham para arrastá-los para fora?

Walker conectou os fones, que emitiram um leve chiado de estática. Shirly correu para perto dele. Ela se sentou e segurou o pulso dele para firmar sua mão. Os fones tremiam entre seus dedos.

— Pode ser que você tenha que... — Walker apontou o botão com as marcas brancas pintadas por ele.

Shirly assentiu e lembrou que tinham se esquecido de trazer a tinta. Ela segurou o dial e estudou as várias marcas.

— Qual delas? — perguntou.

— Não. — Ele a interrompeu quando ela começou a mexer no dial para posicioná-lo em uma das vozes que tinham encontrado. — Para o outro lado. Quero ver quantas... — Ele levou a mão à boca e tossiu. — Precisamos saber quantos são.

Ela assentiu e girou o botão devagar na direção da parte sem marcas de tinta. Os dois prendiam a respiração. O ruído do gerador principal em funcionamento mal se ouvia através da porta grossa e da janela de vidros duplos.

Shirly estudou Walker enquanto girava o dial. Imaginou o que aconteceria

com ele quando fossem pegos. Será que mandariam todos para a limpeza? Ou ele e alguns dos outros poderiam alegar que eram apenas testemunhas? Pensar nas consequências da raiva e da sede de vingança deles a deixava triste. Seu marido morrera, fora arrancado dela, e para quê? As pessoas estavam morrendo, por quê? Pensou em como as coisas poderiam ter sido diferentes, em todos aqueles sonhos, talvez não realistas, de uma verdadeira mudança no poder, um reparo simples para problemas impossíveis e sem conserto. Antes, ela era tratada de modo injusto, mas pelo menos estava em segurança. Havia injustiça, mas ela estava apaixonada. Será que isso se justificava? Qual sacrifício fazia mais sentido?

— Um pouco mais rápido — disse Walker, ficando impaciente com o silêncio.

Ouviram picos de estalidos de estática, mas ninguém falando. Shirly, muito de leve, aumentou a velocidade com que girava o botão.

— Você acha que a antena...? — começou a perguntar.

Walker levantou a mão. Os pequenos alto-falantes em seu colo tinham emitido um som. Ele apontou o polegar para o lado, mandando-a voltar, e Shirly obedeceu. Ela tentou se lembrar de quanto tinha andado desde o som, usando várias das habilidades que aprendera naquela mesma sala para ajustar o gerador que antes era barulhento demais...

— Solo, aqui é Juliette. Está me ouvindo? O que está acontecendo aí em cima?

Shirly largou o botão. Ela o viu balançar na ponta do fio soldado e cair no chão.

Suas mãos ficaram dormentes. As pontas de seus dedos formigavam. Virou-se, olhou boquiaberta para o colo de Walker, de onde viera a voz fantasmagórica, e o viu mudo, olhando para as próprias mãos.

Nenhum dos dois se moveu. A voz, o nome... eram inconfundíveis.

Lágrimas de uma alegria confusa cintilavam pela barba de Walker e caíam em seu colo.

66

Silo 17

Juliette agarrou a mangueira de ar flácida e a apertou. Algumas bolhas fracas subiram passando pelo visor. A pressão da mangueira tinha sumido.

Ela praguejou baixinho, apertou o botão do rádio com o queixo e chamou Solo. Tinha acontecido algum problema com o compressor. Ele devia estar tentando resolvê-lo, talvez reabastecendo. Ela lhe dissera que não deveria desligá-lo para isso. Ele não saberia o que fazer, não conseguiria ligá-lo de novo. Juliette não tinha pensado com cuidado em todas as possibilidades. Estava a uma distância intransponível do ar respirável e de qualquer esperança de sobrevivência.

Tentou respirar. Ainda tinha o ar preso no traje e o que restava na mangueira. Quanto ar da mangueira seria possível sugar só com a força dos pulmões? Não achou que fosse muito.

Deu uma última olhada para a grande bomba, seu reparo feito às pressas. Flutuando soltos na água, estavam os cabos que ela desejava ter tido tempo de prender para evitar que se soltassem com o movimento da água ou com puxões acidentais. Nada disso tinha a menor importância agora, não para ela. Juliette chutou a bomba e agitou os braços na água, andando com dificuldade pelo líquido viscoso que parecia contê-la, que não lhe dava um suporte para puxar ou empurrar, nada que a ajudasse a se mover.

Os pesos a estavam atrapalhando. Juliette se inclinou para soltá-los e viu que não conseguia. A flutuação de seus braços, a rigidez do traje... ela tateou em busca das tiras de velcro, mas notou através da visão ampliada do capacete que as pontas de seus dedos se agitavam a centímetros daquele fecho maldito.

Respirou fundo. O suor escorria de seu nariz e pingava no capacete. Ela tentou de novo e chegou mais perto, as pontas dos dedos quase tocaram as tiras negras. Com as mãos esticadas, a mulher grunhia e se jogava com força para a frente, simplesmente para tentar alcançar suas malditas canelas.

Mas não conseguiu. Desistiu e se arrastou mais alguns passos pelo corredor, seguindo o fio e a mangueira, os dois visíveis na tênue luz branca que vinha do topo de sua cabeça. Tentou não esbarrar no fio, pensando no que um puxão acidental poderia fazer, lembrando como a conexão que fizera com o fio terra da bomba tinha sido malfeita. Mesmo enquanto ansiava por um grande hausto de ar, sua mente era a de uma mecânica. Ela se xingou por não ter levado mais tempo nos preparativos.

A faca! Lembrou-se da faca e parou de arrastar os pés. Retirou-a da bainha improvisada costurada na frente do traje, e a lâmina reluziu sob o feixe da lanterna.

Juliette se abaixou e usou o alcance extra da faca. Enfiou a ponta entre o traje e uma das tiras. A água ao seu redor estava escura e viscosa. A pouca luz que vinha do capacete e o fato de estar no fundo da Mecânica, embaixo de toda aquela inundação, fizeram Juliette se sentir mais distante e sozinha, com mais medo do que em toda a sua vida.

Agarrou a faca, temendo o que poderia acontecer se a deixasse cair, e forçou o corpo para baixo, usando os músculos da barriga. Era como fazer abdominais sentada, só que de pé. Ela começou a cortar a tira com dificuldade, praguejando dentro do capacete por causa do esforço, da tensão, da dor nos músculos contraídos e da cabeça para baixo... quando o peso finalmente se soltou. Sua canela de repente pareceu nua e leve enquanto o pesado pedaço de ferro redondo caía silenciosamente no piso de metal.

Juliette se inclinou, presa por uma perna, a outra tentando flutuar. Ela posicionou a faca com cuidado por baixo da segunda tira, temendo cortar o traje e ver uma trilha de bolhas preciosas vazar. Com força desesperada, enfiou e empurrou a lâmina contra o velcro exatamente como antes. Fios de náilon surgiram em sua visão ampliada. O suor respingava todo o capacete. A faca cortou a tira. O peso estava solto.

Juliette gritou enquanto suas botas voaram para trás e acima de sua cabeça. Ela girou o torso e agitou os braços o máximo que pôde, mas o capacete bateu com força nas tubulações do teto do corredor.

Houve um estrondo, e toda a água ao seu redor ficou negra. Juliette tateou em busca da lanterna, para tornar a ligá-la, mas não estava mais lá. Algo bateu em seu braço no escuro. Ela tentou agarrar o objeto com uma das mãos enquanto segurava a faca com a outra, mas sentiu-o passar por seus dedos enluvados e sumir. Enquanto lutava para guardar a faca, sua única fonte de luz caiu invisível no chão mais abaixo.

Juliette só ouvia sua respiração acelerada. Ia morrer assim, presa no teto, outro corpo inchado naqueles corredores. Era como se estivesse destinada a morrer em um traje daqueles, de um jeito ou de outro. Ela chutou os canos e tentou se soltar. Em que direção estava indo? Para que lado estava virada? A escuridão era absoluta. Ela não via nem os braços à sua frente. Era pior que ser cega, *saber* que seus olhos estavam funcionando, mas que, de algum modo, não enxergavam nada. Isso aumentou seu pânico, e o ar no traje ficava cada vez mais viciado.

O ar.

Ela levou a mão ao pescoço e achou a mangueira, mal conseguindo senti-la sob as luvas. Juliette começou a puxá-la, uma mão depois da outra, como se puxasse um balde do fundo de um poço.

Pareceu que quilômetros da mangueira passaram por suas mãos. A folga se acumulou em torno dela como ninhos de macarrão, batendo e deslizando por seu corpo. A respiração de Juliette começou a soar cada vez mais desesperada. Estava entrando em pânico. Quanto de sua dificuldade para respirar era provocada pela adrenalina, pelo medo? Quanto era porque ela estava esgotando sua preciosa reserva? Sentiu um terror súbito de que a mangueira que estava puxando tivesse sido cortada, partida pelo atrito com a escada, e que a extremidade solta logo passaria por seus dedos — quando tentasse agarrar o próximo pedaço daquele cabo, sua mão encontraria água negra, e nada mais...

Mas então ela agarrou um pedaço da mangueira que ainda estava tensionado, que ainda tinha *vida*. Uma linha rígida sem ar, mas que conduzia para a saída.

Juliette gritou dentro do capacete e esticou a mão para começar a se arrastar. Foi puxando o capacete batendo nos canos e no teto. Ela continuava a puxar, uma mão após a outra na escuridão, na direção de onde a corda deveria estar. Juliette alcançava um novo trecho e prosseguia, atravessando as águas negras dos afogados e dos mortos, perguntando-se até onde chegaria antes de respirar pela última vez e se juntar a eles.

67

Silo 18

Lukas estava sentado com a mãe sob a soleira larga da porta aberta da sala dos servidores. Olhou para as mãos dela, que envolviam uma das dele. Ela soltou uma das mãos e tirou um fiapo do ombro de Lukas, depois arremessou aquele insultante fio em desalinho para longe de seu precioso filho.

— E você diz que vai ganhar uma promoção com isso? — perguntou, alisando o ombro da camiseta que ele usava por baixo do macacão.

Lukas assentiu.

— Uma promoção e tanto, na verdade.

Ele olhou para trás, além da cabeça da mãe, na direção de Bernard e do xerife Billings, que estavam parados no corredor, conversando em voz baixa. Bernard estava com as mãos enfiadas nos bolsos do macacão, junto à barriga gorda. Billings olhava para baixo e examinava o revólver.

— Ora, isso é maravilhoso, querido! Assim fica mais fácil aguentar ficar longe de você.

— Não vou ficar aqui por muito mais tempo, eu acho.

— Vai poder votar? Não acredito que meu menino está fazendo coisas tão importantes!

Lukas se virou para ela.

— Votar? Achei que a eleição tinha sido adiada.

Ela balançou a cabeça. Seu rosto parecia mais enrugado do que no mês anterior, os cabelos mais brancos. Lukas se perguntou se isso era possível em tão pouco tempo.

— Não, resolveram fazer assim mesmo — disse a mulher. — Essa confusão horrível com os rebeldes deve estar quase acabando.

Lukas olhou para Bernard e o xerife.

— Tenho certeza de que vão encontrar uma maneira de permitir que eu vote — disse ele à mãe.

— Ora, isso é bom. Eu gosto de pensar que lhe dei uma boa educação. — Ela levou o punho à boca e limpou a garganta, depois pôs a mão de volta sobre a dele. — E você está comendo direito? Quer dizer, com esse racionamento...

— Tenho mais comida do que consigo comer.

Os olhos dela se arregalaram.

— Então vai ter algum tipo de aumento...?

Ele deu de ombros.

— Não tenho certeza. Imagino que sim. E veja: vão cuidar de você...

— De mim? — Ela levou a mão ao peito, sua voz estava aguda. — Não se preocupe comigo.

— Você sabe que me preocupo. Ei, mãe, olhe só... acho que nosso tempo acabou. — Indicou o corredor com a cabeça. Bernard e Peter vinham na direção deles. — Parece que tenho que voltar ao trabalho.

— Ah. Sim, claro.

Ela alisou a parte da frente de seu macacão vermelho e deixou que Lukas a ajudasse a se levantar. Fez um biquinho para beijá-lo, e ele ofereceu o rosto.

— Meu menino — disse ela. Deu-lhe um beijo barulhento e apertou seu braço. Recuou e olhou para ele com orgulho. — Cuide-se bem.

— Pode deixar, mãe.

— Não se esqueça de fazer bastante exercício.

— Mãe, pode deixar.

Bernard parou ao lado deles, sorrindo ao ouvir a conversa. A mãe de Lukas se virou e olhou de cima a baixo o prefeito interino do silo. Esticou o braço e deu um tapinha no peito de Bernard.

— Obrigada — disse ela, a voz falhando.

— Foi ótimo conhecê-la, Sra. Kyle. — Bernard tomou a mão dela e fez um gesto na direção de Peter. — O xerife aqui vai acompanhá-la.

— É claro.

Ela se voltou mais uma vez e acenou para Lukas. Ele se sentiu um pouco envergonhado, mas acenou de volta.

— Uma senhora doce — disse Bernard enquanto os observava se afastar. — Ela me lembra minha mãe. — Ele se virou para Lukas. — Está pronto?

Lukas teve vontade de expressar sua relutância, sua hesitação. Teve vontade de dizer *acho que sim*, mas, em vez disso, se aprumou, esfregou as mãos úmidas e assentiu.

— Totalmente — conseguiu dizer, fingindo uma segurança que não sentia.

— Ótimo, vamos oficializar isso logo. — Ele apertou o ombro de Lukas antes

de entrar na sala dos servidores. Lukas fez a volta pela beira da porta grossa e se apoiou nela, lentamente se trancando enquanto as pesadas dobradiças rangiam e fechavam. As trancas elétricas travaram de imediato, com um barulho surdo no interior do batente. O painel de segurança emitiu um bipe, e sua luz verde e alegre piscou acima do olho vermelho e ameaçador de uma sentinela.

Lukas respirou fundo e caminhou pelo meio dos servidores. Tentou não ir pelo mesmo caminho que Bernard, tentava nunca seguir duas vezes pelo mesmo caminho. Escolhia um trajeto mais longo só para quebrar a monotonia, para ter uma rotina a menos naquela prisão.

Bernard já havia aberto a parte de trás do servidor quando chegou e entregou a Lukas os fones de ouvido já familiares.

Lukas os pegou e colocou invertidos na cabeça, com o microfone serpenteando pela sua nuca.

— Assim?

Bernard riu dele e girou os dedos.

— Do outro lado — disse, levantando a voz para que Lukas o ouvisse mesmo com aquilo.

Lukas mexeu nos fones enroscando o braço no fio. Bernard aguardou com paciência.

— Está pronto? — perguntou Bernard quando o instrumento ficou na posição certa.

Ele segurava o plugue solto na mão. Lukas assentiu. Viu Bernard se virar e encaixá-lo na fileira de entradas. Imaginou a mão de Bernard descendo e indo para a direita, enfiando o plugue no número 17, depois se virando e confrontando Lukas sobre seu passatempo favorito, sua paixão secreta...

Mas a pequena mão de seu chefe não hesitou, e o plugue se encaixou no lugar com um clique. Lukas sabia exatamente qual era a sensação, como o receptáculo abraçava o plugue bem apertado, como parecia recebê-lo com satisfação. As pontas dos dedos sentiam o movimento quando aquele retentor de plástico cheio de molas se conectava...

A luz acima do plugue começou a piscar. Uma campainha familiar soou nos ouvidos de Lukas. Ele esperou pela voz dela, que Juliette atendesse.

Um clique.

— Nome.

Um calafrio de medo percorreu a coluna de Lukas, e os pelos de seus braços se arrepiaram. A voz, grave e vazia, impaciente e fria, surgiu e desapareceu como o brilho súbito de uma estrela. Lukas umedeceu os lábios.

— Lukas Kyle — respondeu, tentando não gaguejar.

Houve uma pausa. Ele imaginou alguém, em algum lugar, registrando seu nome, procurando em seus arquivos ou fazendo algo terrível com a informação. A temperatura atrás do servidor aumentou muito. Bernard estava sorrindo para ele, sem saber do silêncio do outro lado da linha.

— Você foi sombra na TI.

Parecia uma afirmação, mas Lukas assentiu e respondeu.

— Sim, senhor.

Ele secou a palma da mão na testa e depois na parte de trás do macacão. Queria desesperadamente se sentar, se encostar no servidor quarenta, relaxar. Mas Bernard estava sorrindo, o bigode se erguendo e os olhos bem abertos por trás dos óculos.

— Qual é sua principal responsabilidade no silo?

Bernard o havia preparado para perguntas assim.

— Manter a Ordem.

Silêncio. Nenhuma resposta, nada que indicasse se estava certo ou errado.

— E o que deve proteger acima de tudo?

A voz soava inexpressiva, mas de algum modo poderosa e séria. Terrível e, de certa forma, calma. Lukas sentiu a boca ficar seca.

— A Vida e o Legado — recitou ele.

Mas não parecia certo apenas repetir essa fachada de conhecimento. Ele queria entrar em detalhes, fazer com que a voz, como um pai forte e sóbrio, entendesse que ele sabia *por que* aquilo era importante. Não era burro. Tinha mais a dizer do que palavras decoradas...

— O que é necessário para proteger essas coisas que nos são tão caras?

Ele fez uma pausa.

— É preciso sacrifício — murmurou Lukas.

Ele pensou em Juliette, e a postura calma que estava mantendo diante de Bernard quase desmoronou. Havia coisas sobre as quais ele não tinha certeza, coisas que *não* entendia. Aquela era uma delas. Sua resposta parecia uma mentira. Ele não tinha certeza se o sacrifício valia a pena. O perigo era tão grande que eles tinham que mandar pessoas, *boas pessoas*, para...

— Por quanto tempo ficou no Laboratório de Trajes?

A voz tinha mudado, relaxado um pouco. Lukas se perguntou se a cerimônia tinha terminado. Era só *isso*? Será que ele tinha passado? Soltou a respiração que estava presa no peito, torcendo para o microfone não captar aquilo, e tentou relaxar.

— Não muito, senhor. Bernard... Hã, meu chefe pretende que eu passe algum tempo nos laboratórios depois que, você sabe...

Ele olhou para Bernard, que segurava um canto dos óculos enquanto o encarava.

— Sim. Eu sei. Como anda o problema nos seus níveis inferiores?

— Hum, bem. Só sou informado do progresso geral, e parece bom. — Ele limpou a garganta e pensou em todos os sons de tiros e violência que tinha ouvido pelo rádio na sala abaixo. — Quer dizer, parece que estão fazendo progresso, que não deve demorar muito.

Uma pausa longa. Lukas se forçou a respirar fundo, a sorrir para Bernard.

— Você teria feito algo diferente, Lukas? Desde o começo?

Lukas sentiu o corpo vacilar e as pernas ficarem um pouco bambas. Estava de volta à mesa de reuniões, aço negro comprimindo seu rosto, com uma linha que se estendia de seus olhos e passava por um furinho em uma cruz, apontando como um laser para uma mulher pequena com cabelos brancos e uma bomba na mão. Voavam balas naquela linha. As balas dele.

— Não, senhor — disse por fim. — Tudo seguiu de acordo com a Ordem. Está tudo sob controle.

Ele esperou. Sentia que, em algum lugar, estava sendo avaliado.

— Você é o próximo na linha de comando e operação do Silo 18 — entoou a voz.

— Obrigado, senhor.

Lukas fez menção de tirar os fones, preparando-se para entregá-los a Bernard no caso de ele precisar dizer alguma coisa, para ouvir que era oficial.

— Sabe qual é a pior parte do meu trabalho? — perguntou a voz profunda.

Lukas afastou as mãos.

— O que, senhor?

— Ficar aqui olhando para um silo neste mapa e ter que desenhar uma cruz vermelha em cima dele. Pode imaginar a sensação?

Lukas balançou a cabeça.

— Não, senhor.

— É como um pai que perde milhares de filhos, todos de uma vez só.

Uma pausa.

— Você vai ter que ser cruel com seus filhos para não perdê-los.

Lukas pensou no pai.

— Sim, senhor.

— Bem-vindo ao Sistema de Intervenção 50 Operativos, Lukas Kyle. Agora,

se tiver uma ou duas perguntas, tenho tempo para respondê-las, mas seja breve.

Lukas queria dizer que não tinha perguntas. Queria encerrar a chamada. Queria ligar para Juliette e conversar com ela, sentir um sopro de sanidade naquela sala enlouquecedora e sufocante. Mas lembrou-se do que Bernard lhe havia ensinado sobre admitir ignorância, sobre como essa era a chave do saber.

— Só uma, senhor. E já me disseram que não é importante, e entendo o por quê, mas acho que vai tornar meu trabalho aqui mais fácil se eu souber.

Ele fez uma pausa, à espera de resposta, mas a voz parecia aguardar sua pergunta.

Lukas limpou a garganta.

— Existe...? — Ele pegou o microfone com a ponta dos dedos, aproximou-o dos lábios e olhou para Bernard. — Como isso tudo começou?

Ele não tinha certeza, podia ser uma ventoinha no servidor começando a funcionar, mas achou ter ouvido o homem de voz profunda suspirar.

— Quanto você quer saber isso? Por quê?

Lukas temeu responder essa sinceridade.

— Não é crucial — disse ele. — Mas eu gostaria de perceber a dimensão do que estamos fazendo aqui, a que sobrevivemos. Acho isso que me daria... que dá a todos nós um propósito, entende?

— A razão é o propósito — disse o homem de modo enigmático. — Antes de contar a você, eu gostaria de saber o que você acha que aconteceu.

Lukas engoliu em seco.

— O que eu acho?

— Todo mundo tem teorias. Está sugerindo que você não tem?

Era possível ouvir um toque de humor naquela voz grave.

— Acho que era algo que sabíamos que ia acontecer — disse Lukas.

Ele olhou para Bernard, que franziu a testa e virou a cara.

— Isso é uma possibilidade.

Bernard tirou os óculos e começou a limpá-los na manga da camiseta, olhando para o chão.

— Pense no seguinte... — A voz profunda fez uma pausa. — E se eu dissesse a você que havia apenas cinquenta silos em todo o mundo, e que aqui estamos, neste canto infinitamente pequeno dele?

Lukas pensou nisso. Parecia outro teste.

— Eu diria que éramos os únicos... — Ele quase falou que eram os únicos com recursos para fazer aquilo, mas já tinha lido bastante do Legado para saber que não seria verdade. Muitas partes do mundo tinham prédios que se erguiam

acima dos morros. Muitos outros podiam ter se preparado. — Eu diria que éramos os únicos que *sabiam* — sugeriu Lukas.

— Muito bom. E por que teria sido assim?

Estava odiando aquilo. Não queria ficar respondendo a charadas, queria que lhe contassem.

E então, como um fio fazendo conexão, como a eletricidade passando pela primeira vez pelas conexões, a verdade veio em um lampejo.

— Porque... — Ele procurou dar sentido à resposta em sua cabeça, tentou imaginar que uma ideia daquelas poderia ser verdade. — Não é porque sabíamos — disse, respirando fundo. — É porque fomos nós que fizemos isso.

— Isso — disse a voz. — E agora você sabe.

Ele disse mais alguma coisa que mal se ouviu, como se estivesse falando com outra pessoa.

— Nosso tempo acabou, Lukas Kyle. Parabéns pela nova função.

Os fones estavam grudentos em sua cabeça, seu rosto, pegajoso de suor.

— Obrigado — conseguiu responder.

— Ah, e Lukas...

— Sim, senhor.

— De agora em diante, sugiro que se concentre no que está abaixo de seus pés. Chega dessa história de estrelas, está bem, filho? Sabemos onde está a maioria delas.

68

Silo 18

– Alô? Solo? Por favor, diga alguma coisa.

Não havia como confundir aquela voz, mesmo ouvindo-a pelos pequenos alto-falantes do fone desmontado. Ecoava incorpórea pela sala de controle, a mesma sala que abrigara aquela mesma voz por tantos anos. A localização foi o que deu certeza a Shirly; ela ficou olhando fixamente para os pequenos alto-falantes conectados ao rádio mágico, sabendo que não podia ser outra pessoa.

Nem ela nem Walker ousavam respirar. Esperaram pelo que pareceu uma eternidade, até que Shirly finalmente rompesse o silêncio.

— Essa era Juliette — sussurrou. — Como podemos...? Será que a voz dela ficou *presa* aqui embaixo? No ar? Há quanto tempo teria sido isso?

Shirly não entendia bem aquela história de ciência. Estava acima de seu nível salarial. Walker continuou encarando o fone, imóvel, sem dizer nada, as lágrimas brilhando em sua barba.

— Será que essas... essas ondas que estamos captando com a antena, será que estão só indo de um lado para o outro aqui dentro?

Ela se perguntou se seria a mesma coisa com *todas* as vozes que eles tinham ouvido. Talvez estivessem apenas captando conversas do passado. Será que era possível? Como alguma espécie de eco elétrico? De algum modo, parecia muito menos chocante do que a outra alternativa.

Walker se virou para ela com uma expressão estranha no rosto. Estava boquiaberto, mas os cantos dos lábios estavam curvados para cima, uma curva que começava a aumentar.

— Não funciona assim — disse ele. A curva nos lábios se transformou em um sorriso. — Isso é *agora*. Isso está *acontecendo*. — Ele segurou o braço de Shirly. — Você também ouviu, não ouviu? Eu não estou louco. Era mesmo ela, não era? Ela está viva. Ela conseguiu.

— Não. — Shirly sacudiu a cabeça. — Walk, o que você está dizendo? Que

Juliette está *viva*? Que conseguiu chegar aonde?

— Você ouviu. — Ele apontou para o rádio. — Antes. As conversas. A limpeza. Há mais deles *lá fora*. Mais de *nós*, Shirly. Isso está *acontecendoagoramesmo*.

— Viva.

Shirly olhava fixamente para o rádio enquanto processava aquilo tudo. A amiga dela ainda estava *em algum lugar*. Ainda respirava. A imagem em sua cabeça do corpo de Juliette caído no chão logo do outro lado do morro, deitada em repouso silencioso, sendo varrida pelo vento, era muito forte. E agora ela a imaginava andando, respirando e falando em um rádio em algum lugar.

— Podemos falar com ela? — perguntou.

Sabia que era uma pergunta idiota, mas Walker pareceu surpreso, e seu velho corpo ficou inquieto.

— Ah, Deus, sim... Meu Deus, sim.

Ele pôs aquela confusão de componentes no chão com as mãos trêmulas, o que Shirly agora interpretava como entusiasmo. O medo *dos dois* evaporara, fora drenado daquela sala, e o resto do mundo parecia insignificante.

Walker buscou algo na caixa de peças. Botou algumas ferramentas no chão e revirou-a até o fundo.

— Não — disse ele. Ele se virou e examinou as peças que estavam no chão. — Não, não, não...

— O que foi? — Shirly se afastou da fileira de peças para poder ver melhor. — O que está faltando? Tem um microfone bem ali.

Ela apontou para os fones parcialmente desmontados.

— O transmissor. É uma placa pequena. Acho que está na minha mesa de trabalho.

— Eu joguei tudo na caixa.

A voz dela estava aguda e tensa. Shirly se aproximou do balde de plástico.

— Minha *outra* mesa. Eu não precisava do transmissor. Tudo o que Jenkins queria era *escutar*. — Walker gesticulou para o rádio. — Eu fiz o que ele queria. Como poderia imaginar que ia precisar transmitir?

— Você não tinha como saber — disse Shirly. Ela pousou a mão no braço do amigo. Sabia que ele estava começando a ficar mal. Já o vira assim algumas vezes, sabia que poderia se deprimir muito rápido. — Não tem nada aqui que a gente possa usar? Pense, Walk. Concentre-se.

Ele sacudiu a cabeça e agitou os dedos na direção dos fones.

— Esse microfone é mudo. Apenas transmite o som, com essas pequenas

membranas vibratórias... Ele se virou e olhou para ela. — Espere... *tem* uma coisa.

— Aqui embaixo? Onde?

— O almoxarifado das minas talvez tenha. Transmissores. — Ele gesticulou para ela, fingindo pegar uma caixa e girar um botão. — Para acionar os detonadores. Consertei um deles há um mês. Isso serviria.

Shirly se levantou.

— Vou lá buscar — disse ela. — Você fica aqui.

— Mas a escada...

— É seguro. Vou descer, não subir.

Walk balançou a cabeça.

— Não mexa mais nisso aí. — Ela apontou para o rádio. — Não procure por mais vozes. Só a dela. Deixe assim.

— É claro.

Shirly se abaixou e pôs a mão no ombro dele.

— Já volto.

Lá fora, encontrou dezenas de rostos que se viravam para ela, com expressões assustadas e cheias de perguntas nos olhos arregalados, os queixos caídos. Ela teve vontade de gritar mais alto que o barulho do gerador que Juliette estava viva, que eles não estavam sozinhos, que outras pessoas viviam e respiravam no exterior proibido. Queria fazer isso, mas não tinha tempo. Correu até a grade de proteção e encontrou Courtnee.

— Ei...

— Tudo bem lá dentro? — perguntou Courtnee.

— Tudo, sim. Você pode me fazer um favor? Fica de olho no Walker por mim.

Courtnee assentiu.

— Aonde você...?

Mas Shirly já tinha saído correndo para a porta principal. Espremeu-se para passar por entre um grupo aglomerado na entrada. Jenkins estava lá fora com Harper. Os dois pararam de falar quando ela passou correndo.

— Ei! — Jenkins segurou seu braço. — Aonde você *pensa* que vai?

— No almoxarifado das minas. — Ela puxou o braço e se soltou. — Não vou demorar...

— Você *não vai*. Estamos prestes a detonar a escada. Esses idiotas estão caindo direitinho na nossa armadilha.

— Vocês vão *o quê*?

— As escadas — repetiu Harper. — Estão preparadas para explodir. Assim

que eles chegarem e começarem a tentar abrir caminho para entrar...

Ele juntou as mãos e as afastou, simulando uma explosão.

— Você não entende. — Ela olhou para Jenkins. — É para o rádio.

Ele franziu a testa.

— Walk teve a chance dele.

— Estamos captando *muitas* conversas — contou a ele. — Ele precisa dessa peça. Eu já volto, juro.

Jenkins olhou para Harper.

— Falta quanto tempo?

— Cinco minutos, senhor. — Seu queixo se mexia de modo quase imperceptível.

— Você tem quatro — disse ele a Shirly. — Mas, por favor...

Ela não ouviu o resto. Suas botas já golpeavam o aço, levando-a na direção da escada. Passou voando pela bomba de petróleo, com sua tristonha cabeça baixa, e por vários homens confusos que se viraram, as armas apontando o caminho.

Ela chegou ao alto das escadas e fez a curva derrapando. Alguém entre dois patamares acima gritou em alarme. Shirly teve um vislumbre de dois mineiros carregando barras de TNT antes de descer o lance de escadas.

No andar seguinte, ela se virou na direção do poço da mina. Os corredores estavam silenciosos, e ela só ouvia a própria respiração e o bater de suas botas.

Juliette. Viva.

Uma pessoa enviada para a *limpeza*, viva.

Shirly pegou o corredor seguinte e passou correndo pelos apartamentos dos trabalhadores das profundezas, os mineiros e petroleiros, homens que agora atiravam, em vez de perfurar a terra, que carregavam armas, em vez de ferramentas.

E aquele novo conhecimento, aquela notícia surpreendente, aquele segredo, fez com que a luta parecesse surreal. Insignificante. Como alguém podia lutar se havia lugares para ir além daquelas paredes? Se sua amiga estava lá fora, será que eles não deveriam ir também?

Ela chegou ao almoxarifado. Tinham se passado provavelmente dois minutos. O coração estava acelerado. Claro que Jenkins não faria nada com a escada até que ela voltasse. Percorreu as prateleiras, procurando nas caixas e gavetas. Sabia como era a peça. Devia haver várias delas por ali. Onde será que estavam?

Ela abriu os armários dos trabalhadores, jogou no chão os macacões sujos pendurados e tirou os capacetes do caminho. Não encontrou nada. Quanto tempo ainda tinha?

Tentou o pequeno escritório do chefe de turno, ao lado. Abriu a porta e correu até a mesa. Nada nas gavetas, nem nas estantes na parede. Uma das gavetas grandes da parte inferior da escrivaninha não abriu. Estava trancada.

Shirly deu um passo para trás e chutou a frente da gaveta de metal com sua bota. Chutou com a ponta metálica, duas vezes. A beirada amassou e se afastou da gaveta de cima. Shirly enfiou a mão lá dentro, arrancou a tranca vagabunda, e a gaveta deformada se abriu com um rangido alto.

Explosivos. Barras de dinamite. Havia alguns relés pequenos que ela sabia que eram enfiados nas barras para detoná-las. Em baixo disso, encontrou três dos transmissores dos quais Walker precisava.

Shirly pegou dois, alguns relés, e pôs tudo no bolso. Pegou duas barras de dinamite também, só porque estavam ali e poderiam ser úteis, e saiu correndo do escritório, passou pelo almoxarifado e voltou às escadas.

Tinha perdido tempo demais. Seu peito parecia frio e vazio, ardia quando se esforçava para respirar. Correu o mais rápido que pôde, se concentrando em colocar uma bota na frente da outra, percorrendo uma distância maior, galgando o caminho às pressas.

Ao virar no fim do corredor, pensou novamente em como aquela luta era ridícula. Era difícil lembrar por que havia começado. Knox estava morto; McLain, também. Será que sua gente estaria lutando se esses grandes líderes estivessem vivos? Será que teriam feito algo diferente havia muito tempo? Algo mais são?

Amaldiçoou a loucura daquilo tudo enquanto começava a subir as escadas. Com certeza já tinham se passado cinco minutos. Esperava ouvir um som de explosão acima dela, que a ensurdeceria com sua ferocidade violenta. Pulando de dois em dois degraus, fez a volta e viu que os mineiros tinham desaparecido. Olhos ansiosos a observavam por cima dos canos de fuzis artesanais.

— Vem! — gritaram, apressando-a com gestos.

Shirly se focou em Jenkins, agachado segurando seu próprio rifle, com Harper ao seu lado. Ela quase tropeçou nos fios que saíam das escadas quando correu em direção aos dois homens.

— Agora! — gritou Jenkins.

Alguém ligou um interruptor.

O chão tremeu e sacudiu embaixo dos pés de Shirly, jogando-a pelo ar. Ela aterrissou com força no piso de aço. Seu queixo raspou no padrão de losangos, e a dinamite quase voou de suas mãos.

Seus ouvidos ainda zumbiam quando se pôs de joelhos. Havia homens se

movendo por trás da grade de proteção. Armas espocavam em meio a uma nuvem de fumaça que escapava por uma nova abertura no aço retorcido e recortado. Os gritos distantes dos feridos podiam ser ouvidos do outro lado.

Enquanto os homens lutavam, Shirly tateou em seus bolsos e pegou os transmissores.

Novamente o barulho da guerra pareceu diminuir e se tornar insignificante enquanto ela entrava correndo pela porta da sala do gerador, de volta para Walker, com o lábio sangrando e a cabeça focada em coisas mais importantes.

69

Silo 17

Juliette ia puxando o próprio corpo pelas águas frias e escuras, batendo cegamente no teto ou nas paredes, não tinha nem como saber a diferença. Agarrava-se à mangueira de ar flácida, sem ideia da velocidade com que avançava... até que bateu nas escadas, amassando o nariz na parte da frente do capacete, e a escuridão foi momentaneamente afastada por um clarão de luz. Ela flutuava, tonta, e a mangueira de ar começou a se afastar de suas mãos.

Juliette tentou segurá-la quando, aos poucos, recobrou os sentidos. Encostou em algo com a luva, agarrou-o, e estava prestes a se puxar quando percebeu que era o cabo de força, mais fino. Ela o soltou e agitou os braços na água escura, e as botas bateram em alguma outra coisa. Era impossível diferenciar o chão do teto. Começou a se sentir girar, tonta, desorientada.

Uma superfície rígida se comprimiu contra ela. Ela achou que devia estar flutuando para cima, para longe da mangueira.

Chutou o que supôs ser o teto e nadou na direção do que esperava ser o chão. Algo se emaranhou em seus braços, encostou em seu peito estofado, e Juliette o segurou com as duas mãos, achando que seria o cabo de energia, mas era o tubo de ar vazio. Ele não oferecia mais ar, mas ainda a conduziria à saída.

Puxou para uma direção, e a mangueira veio frouxa, então tentou o outro lado. A mangueira retesou. Ela se puxou para as escadas outra vez, esbarrou em algo, soltou um grunhido e continuou a puxar. A mangueira fazia a curva e subia, e ela continuava a puxar, um dos braços estendido à frente para se desviar às cegas das paredes, do teto e dos degraus, enquanto ela flutuava seis andares para cima. Cada centímetro era uma batalha, um esforço que parecia não ter fim.

Quando alcançou o alto da escada, estava sem fôlego e arfando. Então se deu conta de que não lhe faltava fôlego, mas sim *ar*. Tinha usado tudo o que restava no traje. Dezenas de metros de mangueira se estendiam às suas costas, invisíveis, todo o seu ar consumido.

Tentou o rádio outra vez enquanto seguia pelo corredor. O traje se erguia lentamente na direção do teto, nem de perto tão flutuante quanto antes.

— Solo! Está me ouvindo?

A ideia da quantidade de água que ainda havia acima dela, todos aqueles andares prendendo-a ali, dezenas de metros de enchente, era sufocante. O que lhe restava no traje? Minutos? Quanto tempo seria necessário para nadar ou flutuar até o topo da escada? Muito, muito mais tempo. Provavelmente havia tanques de oxigênio em um daqueles corredores escuros como o breu, mas como ela os encontraria? Ali não era sua casa. Não tinha tempo para procurar. Só o que tinha era um impulso louco de chegar às escadas e subir à superfície.

Fez a última curva aos chutes e empurrões e chegou ao corredor principal. Seus músculos reclamavam por serem usados de novas maneiras, por lutar contra o traje rígido e volumoso e o líquido viscoso, quando ela se deu conta de que a água negra tinha clareado para algo perto de cor de carvão em vez do negro absoluto. Havia um tom verde em sua cegueira.

Juliette bateu as pernas enquanto se arrastava pelo tubo, batendo no teto e sentindo a guarita de segurança e a escadaria à frente. Tinha passado por corredores como aquele milhares de vezes, duas delas na mais completa escuridão quando as luzes de emergência falharam. Lembrava-se de ter andado tateando em corredores como aquele, dizendo aos colegas de trabalho que ficaria tudo bem; bastava que esperassem parados e ela cuidaria de tudo.

Agora tentava fazer o mesmo consigo mesma, mentir e dizer que tudo ficaria bem, que era só seguir em frente, não entrar em pânico.

A tonteira começou a piorar quando ela chegou à guarita da segurança. A água adiante brilhava num verde-limão e parecia muito convidativa, um fim para aquela difícil jornada às cegas: seu capacete não bateria mais em paredes que ela não conseguia ver.

Seu braço se prendeu brevemente no cabo de força. Ela se soltou e deu impulso na direção da coluna de água alta à sua frente, o tubo cheio de ar, as escadas alagadas.

Antes de chegar lá, teve o primeiro espasmo, como um soluço, um violento movimento de inspiração. Largou o tubo involuntariamente e sentiu o peito quase explodir com o esforço de respirar. A tentação de soltar o capacete e inspirar profundamente a água a dominava. Algo em sua mente insistia que ela conseguiria respirar aquilo. Dê apenas uma chance, dizia. Uma inspirada na água. Qualquer coisa que não fossem as toxinas que ela tinha inalado no traje, um traje projetado para manter coisas assim do lado de fora.

Sentiu outro espasmo na garganta e começou a tossir dentro do capacete enquanto se puxava para o poço da escada. A corda estava no lugar, presa ao fundo pela chave inglesa. Nadou até lá sabendo ser tarde demais. Quando ela a puxou, sentiu que estava frouxa, e viu a ponta solta vindo em sua direção, os nós afundando em espiral.

Ela subia lentamente para à superfície. Com pouquíssima pressão no traje, não iria subir rápido até o alto. Outro espasmo na garganta, e o capacete tinha que sair. Estava ficando tonta, logo iria apagar.

Juliette tateou em busca dos fechos do encaixe do capacete, com uma sensação de *déjà-vu*. Só que desta vez não estava pensando claramente. Ela se lembrou da sopa, do cheiro fétido, de rastejar para fora do grande freezer. Ela se lembrou da faca.

Tateou o peito e sentiu o cabo se projetando da bainha. Algumas outras ferramentas tinham caído de seus bolsos. Estavam penduradas pelos fios que prendera antes para que não se perdessem, fios que agora as tornavam um estorvo, mais um peso segurando-a lá embaixo.

Subia lentamente pelo poço da escada. O corpo tremia de frio e convulsionava pela falta de ar. Perdendo totalmente a razão e qualquer noção de onde estava, ela se sentiu especialmente sensível à nuvem nociva em torno de sua cabeça, presa por aquela redoma, que a estava matando. Enfiou a lâmina no primeiro encaixe do capacete e a forçou.

Houve um estalido e um jato fino de água jorrou em seu pescoço. Uma bolha pequena escapou do traje e bateu no visor. Procurou o outro fecho, conseguiu enfiar a faca nele e o capacete saiu. A água inundou seu rosto, enchendo seu traje, surpreendendo-a pelo frio anestesiante e a arrastando para o fundo, de volta para o lugar de onde tinha acabado de sair.

* * *

O frio congelante deixou Juliette desperta. Ela piscou com o brilho da água verde e viu que ainda segurava a faca. A redoma de seu capacete girava na água escura como uma bolha indo na direção errada. Lentamente Juliette afundava atrás dela, sem ar nos pulmões e submersa a dezenas de metros.

Enfiou a faca no bolso errado do peito e percebeu que, após sua luta contra a escuridão, as chaves e outras ferramentas restavam penduradas pelos fios. Então bateu os pés para alcançar a mangueira que ainda percorria os quatro níveis de água até a superfície.

Bolhas de ar vazavam do colar de encaixe do capacete e subiam por seu pescoço, passando por seus cabelos. Juliette segurou a mangueira e parou de afundar, puxou-se para cima com a garganta clamando por ar, água, qualquer coisa. A vontade de engolir era imensa. Ela começou a se puxar para cima quando viu, na sob os degraus, um tremeluzir de esperança.

Bolhas presas. Talvez de sua descida. Elas se moviam como solda líquida no vão de baixo da escada em espiral.

Juliette emitiu um ruído na garganta, um grito seco de desespero, de esforço. Nadou lutando contra a força do traje que a puxava para o fundo e agarrou o corrimão da escada submersa. Puxou-se para cima, empurrou o corrimão com o pé e, com isso, alcançou o primeiro brilho de bolhas. Agarrou a beira das escadas e encostou a boca na parte inferior do degrau.

Sorveu o ar com desespero e bebeu muita água no processo. Afundou a cabeça e tossiu na água, e o líquido pareceu queimar o interior de seu nariz. Ela quase inalou água, sentiu o coração acelerar, prestes a explodir do peito. Encostou de novo a boca na parte de baixo do degrau molhado e enferrujado, e seus lábios apertados e trêmulos conseguiram inspirar uma pequena quantidade de ar.

Os pequenos flashes de luz que haviam tomado sua visão diminuíram. Ela baixou a cabeça na água e expirou para longe do degrau, observando as bolhas de sua expiração subirem, depois aproximou o rosto para respirar outra vez.

Ar.

Debaixo da água, Juliette chorou lágrimas de esforço, frustração e alívio. Olhou para cima, para o labirinto retorcido de degraus de metal, muitos deles parecendo espelhos flexíveis onde o ar aprisionado era agitado por sua movimentação frenética. Viu ali um caminho como nenhum outro. Deu impulso com o pé e foi assim, vários degraus a cada passo, um pé de cada vez, se puxando pelos espaços entre eles, bebendo pequenas bolhas de ar da parte de baixo de cada degrau, agradecendo em silêncio pela qualidade das soldas que prendiam as placas em forma de losango dos degraus montados séculos antes. Os degraus tinham sido projetados para ser fortes, para aguentar o tráfego de um milhão de botas, e agora seguravam o excesso de ar de sua descida. Seus lábios passaram por cada um, sentindo o gosto de metal e ferrugem, beijando sua salvação.

* * *

As luzes de emergência a seu redor pareciam não mudar, então Juliette não

percebeu os andares passarem. Só se concentrou em subir cinco degraus com cada respiração, seis em um trecho muito grande com praticamente ar nenhum. Engolia mais água onde a bolha era fina demais para respirar. A subida, dificultada pelo traje encharcado e pelas ferramentas penduradas, parecia durar uma vida. Ela não tinha pensado em soltar aquelas coisas, só em chutar e se puxar com as mãos até a parte de baixo dos degraus, sugar todo o ar preso ali e não exalar nos degraus seguintes. Agora estava fácil. Mais cinco degraus. Era um jogo, como amarelinha, cinco casas em um salto, não roube, cuidado com o giz. Era boa naquilo, e ficava cada vez melhor.

Então sentiu uma queimação nos lábios, o sabor da água ficando tóxica. Sua cabeça chegou à parte inferior de um degrau e encontrou uma bolha oleosa e com cheiro de gasolina.

Juliette expirou pela última vez e tossiu, esfregou o rosto com a cabeça ainda presa sob o degrau de cima. Ela riu e tomou impulso, batendo a cabeça na borda de aço das escadas. Estava salva. Afundou brevemente e nadou em torno da grade de proteção. Seus olhos ardiam por causa do óleo e do cheiro de gasolina perto da superfície. Espirrando muita água e gritando por Solo, foi à tona, passou por cima do corrimão e, com os joelhos tremendo dentro do traje, finalmente encontrou os degraus.

Tinha sobrevivido. Segurou-se nos degraus, de cabeça baixa, tossindo, ofegando e respirando com dificuldade. Com as pernas dormentes, tentou gritar bem alto que tinha conseguido, mas o que saiu soou mais como uma lamúria. Estava com frio. Estava congelando. Seus braços tremiam enquanto ela subia os degraus silenciosos, sem o barulho do compressor, sem braços estendidos para ajudá-la.

— Solo...?

Juliette rastejou a meia dúzia de degraus até a plataforma e deitou-se de barriga para cima. Algumas ferramentas ficaram presas nos degraus inferiores, amarradas aos bolsos e puxando-a para baixo. A água escorria do traje, caía por seu pescoço, empoçando perto de sua cabeça e entrando em seus ouvidos. Ela virou o rosto para começar a tirar o traje congelante, e foi quando encontrou Solo.

Estava deitado de lado, com os olhos fechados e sangue escorrendo pela face, parte dele seco.

— Solo?

A mão tremia quando ela a estendeu para tocá-lo. O que ele tinha feito a si mesmo?

— Ei. Acordaporra.

Os dentes dela batiam de frio. Ela agarrou Solo pelos ombros e o sacudiu com violência.

— Solo, preciso de ajuda!

Um de seus olhos se abriu um pouco. Ele piscou algumas vezes, depois se encolheu e tossiu, cuspindo sangue na plataforma à frente.

— Me ajude — disse Juliette, tentando encontrar o zíper nas costas, sem perceber que era Solo quem precisava dela.

Solo levou a mão à boca e tossiu, depois rolou e deitou de costas de novo. O sangue em sua cabeça ainda escorria de algum lugar, fios frescos correndo por onde antes havia sangue seco.

— Solo?

Ele gemeu. Juliette rastejou e se aproximou, mal conseguindo sentir seu corpo. Ele sussurrou algo, a voz muito baixa e rouca, quase inaudível.

— Ei...

Ela aproximou o rosto do dele. Seus lábios inchados e dormentes, e ainda sentia o gosto de gasolina.

— Não é o meu nome...

Ele tossiu, cuspindo sangue. Ergueu o braço alguns centímetros, como se tentasse cobrir a boca, mas não conseguiu concluir o movimento.

— Não é meu nome — repetiu ele.

Sua cabeça balançava de um lado para o outro, e Juliette por fim percebeu que ele estava seriamente ferido. Sua mente começou a clarear o suficiente para ver o estado em que o homem se encontrava.

— Fique parado — gemeu ela. — Solo, você precisa ficar parado.

Juliette tentou se levantar, tentou se obrigar a se mover. Solo piscou e olhou para ela, os olhos vítreos e sangue tingindo o cinza de sua barba de escarlate.

— Não é Solo — disse, com grande dificuldade. — Meu nome é Jimmy... — Mais tosse, e os olhos dele se reviraram. — E eu acho que não... — As pálpebras se fecharam completamente, e em seguida se apertaram de dor. — Acho que não...

— Fique comigo — disse Juliette, as lágrimas quentes escorrendo pelo rosto gelado.

— Acho que nunca *estive* sozinho — murmurou ele.

As linhas em seu rosto relaxaram, e a cabeça descansou na plataforma gelada de aço.

70

Silo 18

O bule no fogão fervia ruidosamente, liberando vapor, e gotas de água pulavam para a liberdade por cima da borda. Lukas pegou um punhado de folhas de chá da lata com fecho hermético e as jogou no pequenino infusor. Suas mãos tremiam enquanto descia a cestinha em sua caneca. Quando pegou o bule, derramou um pouco de água no queimador; as gotas chiaram e soltaram cheiro de queimado. Ele observava Bernard pelo canto dos olhos enquanto derramava a água fervente nas folhas.

— Eu só não entendo — disse ele, segurando a caneca com as duas mãos, deixando que o calor aquecesse suas palmas. — Como alguém... Como alguém pode fazer uma coisa dessas de *propósito*? — Ele sacudiu a cabeça e observou o interior da caneca, onde alguns intrépidos pedaços de folhas já tinham se libertado da cestinha, e em seguida se virou para Bernard. — E você sabia disso? Como... Como você podia saber *disso*?

Bernard franziu a testa. Passou os dedos pelo bigode, enquanto a outra mão repousava sobre a barriga.

— Eu preferiria *não* saber — respondeu. — E agora você entende por que alguns fatos, algumas pequenas informações, têm que ser abafados assim que descobertos. A curiosidade poderia ser detonada por uma centelha dessas e destruir o silo completamente. — Ele olhou os próprios pés. — Eu entendi as coisas tanto quanto você, apenas sabendo o necessário para fazer este trabalho. Foi por isso que o escolhi, Lukas. Apenas você e alguns outros fazem ideia do que está armazenado nesses servidores e estão preparados para saber mais. Pode imaginar o que aconteceria se contasse isso a alguém que veste vermelho ou verde para trabalhar todo dia?

Lukas sacudiu a cabeça.

— Já aconteceu antes, sabe? O Silo 10 caiu assim. Fiquei sentado lá atrás. — Ele apontou para o pequeno estúdio com os livros, o computador e o rádio que

chiava. — E ouvi tudo acontecer. Ouvi a sombra de um colega anunciar no rádio sua insanidade para qualquer um que quisesse ouvir.

Lukas analisava a infusão do chá. Um punhado de folhas nadava nas correntes quentes da água que escurecia. O resto permanecia preso dentro da cestinha.

— É por isso que os controles do rádio são trancados — disse ele. — E é *por isso* que *você* está trancado aqui.

Lukas assentiu. Ele já desconfiava.

— Por quanto tempo você foi mantido aqui?

Ele ergueu os olhos para Bernard, e uma imagem surgiu em sua mente, a do xerife Billings inspecionando o revólver durante a visita de sua mãe. Será que eles ficaram ouvindo? Será que ele teria sido morto, e sua mãe também, se tivesse dito alguma coisa?

— Passei pouco mais de dois meses aqui até meu chefe achar que eu estava pronto, que eu tinha aceitado e entendido tudo o que descobri. — Ele cruzou os braços sobre a barriga. — Eu preferiria que você não tivesse feito a pergunta, que não tivesse assimilado tão rapidamente. É muito melhor descobrir quando se está mais velho.

Lukas apertou os lábios e balançou a cabeça. Era estranho conversar daquele jeito com alguém mais velho, alguém que conhecia muito mais, era tão mais sábio. Imaginou que aquele era o tipo de conversa que um homem tinha com seu pai, exceto a parte sobre o planejamento e a execução da destruição do mundo.

Ele baixou a cabeça e inspirou o aroma das folhas em infusão. A hortelã era como uma linha cruzando o estresse, uma conexão com o tranquilo centro do prazer, nas regiões mais profundas de seu cérebro. Ele inalou e prendeu um pouco a respiração antes de soltá-la. Bernard foi até o fogãozinho no canto do depósito e começou a preparar a própria caneca.

— Como eles fizeram isso? — perguntou Lukas. — Matar tanta gente. Sabe como conseguiram?

Bernard deu de ombros. Deu um tapinha com a ponta dos dedos na lata, deixando cair uma quantidade precisa de chá em outra cestinha.

— Até onde sei, ainda poderiam estar fazendo. Ninguém fala sobre quanto tempo iria durar. Há o temor de que alguns pequenos bolsões de sobreviventes possam estar escondidos em algum lugar ao redor do globo. O Sistema de Intervenção será inútil se mais alguém sobreviver. A população tem que ser homogênea...

— O homem com quem falei disse que nós éramos tudo o que havia. Só os cinquenta silos.

— Quarenta e sete — disse Bernard. — E nós somos tudo o que há, até onde sabemos. É difícil imaginar mais alguém tão bem preparado, mas sempre existe a possibilidade. Só se passaram algumas centenas de anos.

— Algumas *centenas*? — Lukas se encostou no balcão. Ergueu o chá, mas a hortelã não estava mais ajudando. — Então, há centenas de anos, nós decidimos...

— *Eles*. — Bernard encheu sua caneca com a água ainda fumegante. — Eles resolveram. Não se inclua nisso. Definitivamente não *me* inclua.

— Está bem, *eles* resolveram destruir o mundo, acabar com tudo. Por quê?

Bernard pôs a caneca em cima do fogão para deixar as folhas em infusão. Tirou os óculos embaçados e os limpou, então os apontou na direção do estúdio, na direção da parede com as estantes enormes de livros.

— Por causa das piores partes de nosso Legado, por isso. Pelo menos, é o que eu *acho* que eles diriam se ainda fossem vivos. — Ele baixou a voz e murmurou. — E não estão mais, graças a Deus.

Lukas estremeceu. Ainda não acreditava que alguém pudesse tomar uma decisão dessas, independente das circunstâncias. Pensou em bilhões de pessoas que supostamente viviam sob as estrelas tantos séculos atrás. Ninguém podia matar tanta gente. Como alguém podia tratar tantas vidas com tamanho desprezo?

— E agora nós *trabalhamos* para eles — reclamou Lukas. Ele foi até a pia, tirou o infusor da caneca e o pôs na bancada para escorrer. Tomou um gole cauteloso, para não queimar a boca. — Você me diz para não *nos* incluir, mas agora somos parte disso.

— Não. — Bernard se afastou do fogão e parou diante do pequeno mapa-múndi pendurado na salinha de jantar. — Nós não tivemos nada a ver com o que aqueles malucos fizeram. Se eu tivesse esses caras, os homens que fizeram isso, trancados em uma sala comigo, eu mataria cada um dos desgraçados. — Bernard bateu com a palma da mão no mapa. — Eu os mataria com as próprias mãos.

Lukas ficou em silêncio, sem se mover.

— Eles não nos deram uma *chance*. Os silos não são isso. — Ele fez um gesto para o espaço ao redor. — São prisões. Jaulas, não casas. Não feitas para nos proteger, mas para nos obrigar, sob ameaça de morte, a levar a cabo a visão *deles*.

— Visão de *quê*?

— De um mundo onde somos bem parecidos, onde estamos envolvidos demais uns com os outros para desperdiçar tempo brigando. Não desperdiçar

recursos para proteger esses *mesmos* recursos, limitados. — Ele ergueu a caneca e tomou um gole barulhento. — Pelo menos é a minha teoria. Após décadas de leitura. As pessoas que fizeram isso estavam no comando de um país poderoso que começava a desmoronar. Elas podiam ver *seu* fim, e isso as assustou tanto que as transformou em suicidas. À medida que o tempo começou a se esgotar, durante décadas, veja bem, elas perceberam que tinham *uma* chance de se preservarem, de preservar o que viam como seu estilo de vida. Então, antes que perdessem a única oportunidade que poderiam ter, botaram um plano em ação.

— Sem que ninguém soubesse? Como?

Bernard tomou outro gole. Estalou os lábios e esfregou o bigode.

— Quem sabe? Talvez ninguém conseguisse acreditar nisso. Talvez o prêmio por manter o segredo fosse a inclusão. Eles construíram outras coisas, em fábricas maiores do que você pode imaginar, sem que ninguém soubesse. Construíram bombas em fábricas como essas que, desconfio, tiveram algum papel nisso tudo. Tudo sem ninguém saber. E há histórias no Legado sobre homens de muito tempo atrás, em uma terra com grandes reis, que eram como prefeitos, mas com mais gente para governar. Quando esses homens morriam, câmaras elaboradas eram construídas sob a terra, cheias de tesouros. Isso exigia o trabalho de centenas de homens. Sabe como eles conseguiam manter a localização dessas câmaras em segredo?

Lukas ergueu os ombros.

— Deram muitos dinheiros aos trabalhadores?

Bernard riu e tirou um pedaço de folha de chá da língua.

— Eles não tinham dinheiros. E, não, eles garantiram com toda a certeza que os homens manteriam o segredo. Eles os mataram.

— Seus próprios homens?

Lukas olhou para a sala com os livros, perguntando-se em qual lata estaria essa história.

— Matar para manter segredos não está além de nossa capacidade. — O rosto de Bernard ficou sombrio ao dizer isso. — Vai ser parte de seu trabalho um dia, quando você assumir.

Lukas sentiu uma pontada dolorosa nas entranhas ao entender a verdade daquilo. Teve um primeiro vislumbre do que aceitara fazer. Uma tarefa que fazia matar pessoas com rifles parecer um negócio honesto.

— Não somos as pessoas que criaram este mundo, Lukas, mas cabe a nós sobreviver a ele. Você tem que entender isso.

— Não temos controle sobre onde estamos agora — murmurou. — Só daquilo

que vamos fazer daqui para a frente.

— Sábias palavras.

Bernard tomou outro gole de chá.

— É, estou começando a entendê-las de verdade.

Bernard botou a caneca na pia e enfiou uma das mãos no bolso da frente do macacão. Ele encarou Lukas por um instante, então olhou de novo para o pequeno mapa-múndi.

— Homens ruins fizeram isso, mas eles estão mortos. Esqueça-os. Saiba apenas isto: eles trancaram seus descendentes como uma forma doentia de garantir a própria sobrevivência. Eles nos botaram neste jogo, um jogo no qual quebrar as regras significa que todos morreremos, cada um de nós. Mas *viver* sob essas regras, obedecê-las, isso significa sofrer. — Ele ajeitou os óculos, caminhou até Lukas e lhe deu um tapinha no ombro ao passar. — Você está absorvendo isso muito melhor do que eu. Agora descanse um pouco. Abra espaço em sua cabeça e em seu coração. Amanhã, estudaremos mais.

Bernard se encaminhou para o escritório, o corredor e a escada distante. Lukas assentiu e permaneceu em silêncio, esperando até que o homem tivesse ido embora. O clangor distante e abafado de metal lhe informou que a grade estava outra vez no lugar, antes de ele se encaminhar para a saleta e analisar o mapa maior, o que tinha os silos riscados. Lukas olhou para o Silo 1, perguntando-se quem diabos estaria no comando de tudo aquilo e se eles também conseguiam racionalizar suas ações como se tivessem sido obrigados, como se não fossem realmente culpados, apenas seguissem algo que herdaram, um jogo doentio com regras de merda em que quase todo mundo era mantido preso e na ignorância.

Quem foram aquelas pessoas, afinal? Será que ele poderia se ver como *uma* delas? Como Bernard não via que *ele* era uma delas?

71

Silo 18

A porta da sala do gerador bateu com força quando ela entrou. Isso abafou o som do tiroteio e o transformou em um martelar distante. Shirly correu na direção da sala de controle com as pernas doloridas. Ignorou os amigos e colegas de trabalho que perguntavam o que estava acontecendo lá fora. Eles se encolhiam contra as paredes e atrás das muretas de proteção para se proteger da grande explosão e dos tiros esporádicos. Pouco antes de chegar, ela percebeu alguns trabalhadores do segundo turno no alto do gerador principal, mexendo no sistema de exaustão da enorme máquina em funcionamento.

— Consegui — disse Shirly, arfante, batendo a porta da sala de controle depois de entrar.

Courtnee e Walker ergueram o olhar do chão. Os olhos arregalados e o queixo caído de Courtnee diziam a Shirly que ela havia perdido alguma coisa.

— O quê? — perguntou ela, entregando dois transmissores a Walker. — Você ouviu? Walk, ela sabe?

— Como é possível? — perguntou Courtnee. — Como ela conseguiu sobreviver? E o que aconteceu com seu rosto?

Shirly tocou o lábio e o queixo machucados. Seus dedos voltaram molhados de sangue. Ela usou a manga da camisa para limpar a boca.

— Se isso funcionar — resmungou Walker, mexendo em um dos transmissores —, podemos perguntar à própria Jules.

Shirly se virou e olhou através da janela de observação da sala de controle. Ela afastou do rosto a manga da roupa.

— O que Karl e os outros estão fazendo com a saída de exaustão? — perguntou.

— Eles têm algum plano para redirecioná-la — disse Courtnee.

Ela se levantou do chão quando Walker começou a soldar algo. O cheiro lembrava o da oficina. Ele resmungou algo sobre sua visão enquanto Courtnee se

juntou a Shirly perto da janela.

— Redirecioná-la para onde?

— A TI. Pelo menos foi o que Heline disse. A tubulação de refrigeração da sala dos servidores passa pelo teto, aqui, antes de subir pelo poço da Mecânica. Alguém percebeu a proximidade em uma planta e pensou em um modo de reagir daqui mesmo.

— Então vamos asfixiá-los e tirá-los de lá com os gases do escapamento? — Shirly se sentiu desconfortável com o plano. Ela se perguntou o que Knox diria se ainda estivesse vivo, ainda no comando. Com certeza todos os homens e mulheres que trabalhavam em mesas de escritório lá em cima não eram um problema. — Walk, quanto tempo até a gente poder falar? Até a gente poder tentar fazer contato com ela?

— Estamos quase lá. Malditas lentes de aumento...

Courtnee pôs a mão no braço de Shirly.

— Você está bem? Está conseguindo segurar a barra?

— Eu? — Shirly riu e sacudiu a cabeça. Ela observou as manchas de sangue na roupa e sentiu o suor escorrendo pelo peito. — Estou em estado de choque. Não tenho mais a menor ideia de o que está acontecendo. Meus ouvidos ainda estão zumbindo por causa do que fizeram nas escadarias. Acho que torci o tornozelo. E estou faminta. Ah, e eu disse que minha amiga não está tão morta quanto eu pensava?

Ela respirou fundo.

Courtnee continuou a encará-la cheia de preocupação. Shirly sabia que não era sobre isso que a amiga estava perguntando.

— E ah, sim, sinto saudades de Marck — disse em voz baixa.

Courtnee estendeu o braço e abraçou a amiga.

— Sinto muito — disse ela. — Eu não queria...

Shirly a calou com um gesto. As duas ficaram paradas em silêncio, observando pela janela uma pequena equipe do segundo turno trabalhando no gerador, tentando desviar a descarga de gases tóxicos da máquina do tamanho de um apartamento para a área dos trinta, lá em cima.

— Mas sabe o que mais? Há momentos em que fico *feliz* por ele não estar aqui. Momentos em que sei que também não vou durar muito tempo, não depois que eles vierem. Prefiro que Marck não esteja aqui para não se estressar, não se preocupar com o que farão com a gente, comigo. E fico feliz porque não tive que vê-lo envolvido em toda essa luta, vivendo de ração, nessa loucura.

Ela apontou com o queixo para a equipe fora da sala. Sabia que Marck estaria

ali em cima comandando aquele trabalho terrível, ou lá fora com uma arma contra o rosto.

— Alô. Testando. Alô. Alô.

As duas mulheres se viraram para ver Walker apertando o botão vermelho, com o microfone sob o queixo. Sua testa estava cheia de rugas de preocupação.

— Juliette? — chamou ele. — Pode me ouvir? Alô?

Shirly foi para o lado de Walker, agachou-se e pôs a mão no ombro dele. Os três olhavam fixamente, à espera de uma resposta.

— Alô?

Uma voz baixa vazou dos pequenos alto-falantes. Shirly levou a outra mão ao peito, sem fôlego pelo milagre da resposta. Foi em uma fração de segundo depois, após a torrente de esperança desesperada, que ela percebeu que não era Juliette. A voz era diferente.

— Essa não é ela — sussurrou Courtnee, decepcionada.

Walker acenou para silenciá-la. O botão vermelho emitia estalidos altos enquanto ele se preparava para transmitir.

— Alô. Meu nome é Walker. Recebemos uma transmissão amiga. Há mais alguém aí?

— Pergunte onde eles estão — sibilou Courtnee.

— Onde exatamente estão vocês? — acrescentou Walker antes de soltar o botão.

Os pequenos alto-falantes vibraram.

— Não estamos em lugar nenhum. Vocês nunca vão nos achar. Fiquem longe.

Houve uma pausa e mais chiado de estática.

— E quem veio está morto. Nós os matamos.

72

Silo 17

A água no traje estava congelante, e o ar, frio — uma combinação letal. Os dentes de Juliette batiam com força enquanto ela manejava a faca. Enfiou a lâmina na superfície encharcada do traje com a sensação inconfundível de já ter passado por aquilo, de ter feito tudo aquilo antes.

As luvas saíram primeiro, depois o traje foi destruído, a água vazando pelos cortes. Juliette esfregou as mãos, sem senti-las direito. Ela arrancou o material preso ao peito e avistou Solo estirado no chão em uma imobilidade mortal. Sua grande chave inglesa tinha sumido, percebeu. A bolsa de suprimentos também. O compressor estava virado de lado, a mangueira dobrada embaixo dele e o combustível vazando pela tampa do tanque.

Juliette estava congelando. Mal conseguia respirar. Quando abriu a parte frontal do traje, passou as pernas pelo buraco e girou o restante, pondo o velcro diante de si para abri-lo.

Finalmente, apertando os dedos até ficarem brancos, ela liberou a pequena presilha de encaixe do colar do capacete e se livrou totalmente do traje. Cheio de água, pesava o dobro. Juliette ficou apenas com duas camadas de roupa de baixo preta, ainda ensopada e tremendo, com a faca na mão trêmula e o corpo esparramado de um bom homem a seu lado, um homem que sobrevivera a tudo que aquele mundo horroroso podia fazer, menos à chegada dela.

Juliette se aproximou de Solo e tocou seu pescoço com os dedos gelados. Não sentiu pulsação. Não tinha certeza se conseguiria sentir, de qualquer forma. Mal podia sentir o *pescoço* dele com os dedos naquele estado.

Ela se esforçou para ficar de pé, quase caiu, e agarrou a grade da plataforma. Seguiu na direção do compressor, sabendo que precisava se aquecer. Sentiu uma necessidade enorme de dormir, mas sabia que, se o fizesse, nunca mais acordaria.

A lata de combustível ainda estava cheia. Ela tentou abrir a tampa, mas suas

mãos eram inúteis: estavam dormentes e tremendo de frio. Seu hálito se condensava à sua frente, um lembrete gelado do calor que seu corpo estava perdendo, o pouco que ainda lhe restava.

Agarrou a faca com as duas mãos e empurrou a tampa com a ponta. O cabo reto era mais fácil de segurar do que a tampa de plástico. Ela girou a faca e quebrou a tampa do galão de combustível. Quando terminou de soltá-la, largou a lâmina no colo e fez o resto com as mãos.

Derramou o combustível no compressor, ensopando as grandes rodas de borracha, o carrinho, o motor. Ela nunca ia querer usar aquilo outra vez, nunca confiaria naquilo ou em qualquer outra coisa para obter ar. Botou a lata no chão, ainda pela metade, e a empurrou com o pé para longe da máquina. O combustível escorria pela grade de metal e caía com sons ritmados no poço mais abaixo, gotas que ecoavam pelo concreto do poço das escadarias e se somavam às cores doentias e às toxinas daquela água.

Segurando a faca com a ponta para baixo, o lado cego para a frente, ela golpeou as peças de metal do permutador de calor. Erguia o braço para se proteger a cada golpe, esperando o crepitar de alguma chama, mas não houve centelha. Bateu com mais força, odiando ter que maltratar sua ferramenta preciosa, sua única defesa. A imobilidade de Solo ali perto era um lembrete de que poderia precisar dela se conseguisse sobreviver ao frio mortal.

A faca afundou com um ruído seco, ouviu-se um *pop,* o calor subiu por seu braço e seu rosto.

Juliette largou a faca e balançou as mãos, mas elas não estavam em chamas. O compressor, sim. Parte da grade também.

Quando as chamas começaram a diminuir, ela pegou a lata e jogou mais combustível. Foi recompensada com bolas de fogo laranja que crepitavam e subiam no ar. As rodas estalavam ao queimar. Juliette deixou-se cair perto do fogo, sentiu o calor das chamas dançantes que se espalhavam por toda a máquina de metal. Começou a tirar a roupa. De vez em quando, os olhos voltavam para Solo, e ela prometia a si mesma que não deixaria o corpo dele ali, que voltaria para buscá-lo.

Começou a sentir as próprias extremidades outra vez, primeiro aos poucos, depois com um formigamento doloroso. Nua, encolheu-se em posição fetal perto da pequena fogueira e esfregou as mãos, soprando-as com sua respiração quente e visível. Teve que alimentar o fogo faminto e mesquinho duas vezes. Só as rodas queimavam de forma confiável, mas já evitavam a necessidade de produzir outra faísca. O calor maravilhoso se espalhou um pouco pela plataforma de

grade do andar, aquecendo a pele nua de Juliette onde ela tocava o metal.

Seus dentes ainda batiam violentamente. Juliette olhou para as escadas, tomada por esse novo medo de que a qualquer momento veria botas descerem, que estava encurralada entre os outros sobreviventes e a água congelante. Recuperou a faca, segurou-a à frente e tentou se obrigar a não tremer com tanta violência.

Vislumbres de seu rosto na lâmina a deixaram ainda mais preocupada. Parecia pálida como um fantasma. Os lábios roxos, os olhos com olheiras escuras e profundas, vazios. Ela quase riu ao ver os lábios tremendo, o borrão dos dentes batendo. Aproximou-se mais do fogo. A luz laranja bailava na lâmina. O combustível não queimado pingava e formava manchas coloridas e prateadas na água lá embaixo.

Quando a gasolina terminou de queimar e as chamas foram se apagando, Juliette resolveu sair dali. Ainda estava tremendo, mas fazia mais frio ainda nas profundezas daquela coluna, tão longe da eletricidade da TI. Tateou as duas roupas de baixo pretas que havia tirado. Uma delas tinha ficado embolada e ainda estava ensopada. A outra, ela havia, pelo menos, deixado esticada. Se estivesse pensando com clareza, ela a teria pendurado. Estava úmida, mas era melhor usá-la e se aquecer um pouco do que permitir que o ar frio roubasse o calor de seu corpo. Enfiou primeiro as pernas, meteu os braços nas mangas com alguma dificuldade e fechou o zíper na frente.

Ela voltou até onde estava Solo com os pés descalços, dormentes e hesitantes. Dessa vez conseguiu sentir seu pescoço. Ainda estava quente. Ela não se lembrava por quanto tempo um corpo ficava assim. Então percebeu um ritmo fraco e lento. Uma pulsação.

— Solo! — Ela o sacudiu pelos ombros. — Ei... — Que nome ele havia murmurado? Ela se lembrou. — Jimmy!

A cabeça dele balançava de um lado para o outro enquanto ela sacudia seu ombro. Juliette examinou o couro cabeludo por baixo do cabelo desgrenhado e viu muito sangue. A maior parte estava seca. Olhou outra vez ao redor à procura de sua bolsa. Eles tinham trazido comida, água e roupas secas para a volta, mas a sacola havia sumido. Então, pegou sua outra roupa de baixo. Não tinha certeza se a água no tecido era potável, mas seria melhor que nada. Envolveu e apertou bem o tecido, deixando as gotas pingarem nos lábios dele. Espremeu um pouco mais na cabeça, e esticou os cabelos para trás para ver a ferida feia e examiná-la com o dedo. Assim que a água atingiu o corte aberto, foi como apertar um botão. Solo moveu-se de repente para o lado, para longe de sua mão e das gotas. Os

dentes amarelos brilharam no meio da barba quando Solo gritou de dor, as mãos se ergueram tensas da plataforma, ele ainda desacordado.

— Solo, ei, está tudo bem.

Juliette o segurou quando ele despertou, com os olhos confusos e as pálpebras piscando várias vezes.

— Está tudo bem — disse. — Você vai ficar bem.

Usou a roupa de baixo amassada para limpar a ferida. Solo gemeu e segurou o pulso dela, mas não tentou se afastar.

— Arde — disse ele. Piscou e olhou ao redor. — Onde estou?

— Nas profundezas — lembrou ela, feliz por ouvi-lo falar. Teve vontade de chorar de alívio. — Acho que você foi atacado...

Ele tentou se sentar, gemendo entre os dentes e agarrando o pulso dela com força.

— Calma — disse Juliette, tentando mantê-lo deitado. — Você está com um corte feio na cabeça. Está muito inchado.

O corpo dele relaxou.

— Onde eles estão? — perguntou Solo.

— Não sei — disse Juliette. — Do que você se lembra? Quantos eram?

Solo fechou os olhos, e Juliette continuou a limpar a ferida.

— Acho que só um. — Ele abriu bem os olhos, como se chocado com a lembrança do ataque. — Ele era da *minha* idade.

— Nós temos que ir lá para cima — falou Juliette. — Temos que chegar a um lugar quente, fazer um curativo em você e me secar. Acha que consegue andar?

— Não estou louco.

— Sei que não.

— As coisas fora do lugar, as luzes, não era eu. Não estou maluco.

— Não — concordou Juliette. Ela se lembrou de todas as vezes que tinha pensado a mesma coisa sobre si mesma, sempre que ia às profundezas daquele lugar, normalmente para buscar algo no Suprimentos. — Você não está louco — disse ela, para confortá-lo. — Não está louco mesmo.

73

Silo 18

Lukas não conseguia se obrigar a estudar, não os assuntos que deveria estar estudando. A Ordem estava ali, aberta e intocada na mesa de madeira. A pequena luminária, com sua haste flexível de mil juntas, se inclinava sobre o livro e o aquecia em uma poça de luz. Em vez de ler, Lukas estava parado diante das plantas e mapas na parede, olhando para o posicionamento dos silos, dispostos como os servidores na sala acima dele, e ouvia o rádio, transmitir, em meio à estática, os sons de combates distantes.

Estavam em plena ofensiva final. A equipe de Sims tinha perdido alguns homens em uma explosão horrorosa, algo em relação a uma escada, mas não as grandes escadarias, e agora eles estavam em uma luta que torciam para ser a última. Os pequenos alto-falantes ao lado do rádio estalavam com estática conforme os homens se coordenavam, enquanto Bernard gritava ordens de seu escritório um andar acima, sempre com barulho de tiros ao fundo.

Lukas sabia que não devia ouvir, mas não conseguia evitar. Juliette ia ligar a qualquer momento para saber as novidades. Ia querer saber o que tinha acontecido, como o fim chegara, e a única coisa pior do que contar a ela seria admitir que ele não sabia, que ele não havia aguentado escutar.

Esticou a mão e tocou o desenho do teto arredondado do Silo 17. Era como se ele fosse um deus examinando de cima as estruturas. Visualizou a mão atravessando as nuvens escuras acima de Juliette e tocando um telhado construído para milhares. Passou os dedos pelo X vermelho riscado sobre o silo, dois riscos que indicavam uma perda tão grande. As marcas pareciam cera sob seus dedos, como se tivessem sido desenhadas a lápis de cera ou algo parecido. Tentou se imaginar um dia recebendo a notícia de que todo um povo tinha morrido, tinha sido dizimado. Ele teria que pegar na mesa de Bernard, na mesa *dele*, o lápis vermelho, riscar outra chance de seu Legado, marcar outra cápsula de esperança enterrada.

Lukas olhou para as luzes do teto, firmes, constantes, sem piscar. Por que ela não tinha ligado?

Sua unha se prendeu numa das marcas vermelhas e arrancou um pedacinho. A cera ficou presa embaixo da unha, mas o papel continuou marcado de vermelho-sangue. Não havia volta, não havia como limpá-lo e deixá-lo novo outra vez...

O rádio emitiu o som de tiros. Lukas foi até a prateleira onde a pequena unidade estava montada e ouviu as ordens gritadas, os homens morrendo. Sua testa ficou grudenta de suor. Ele conhecia a sensação de puxar o gatilho, de acabar com uma vida. Estava consciente de um vazio no peito e de uma fraqueza nos joelhos. Lukas se firmou, apoiando-se na estante com as mãos úmidas, e olhou para o transmissor preso atrás de uma grade trancada. Como ele queria chamar aqueles homens e lhes dizer para não fazerem aquilo, para pararem com aquela insanidade, a violência, as mortes sem sentido. Poderia haver um X em todos os silos. Era *isso* que eles deviam temer, não uns aos outros.

Tocou a grade de metal que guardava os controles do rádio fora de seu alcance, sentindo a verdade daquilo e a tolice de transmitir a informação para todo mundo. Era ingenuidade. Não mudaria nada. A raiva de curto prazo saciada pelo cano de uma arma era muito fácil de ser eliminada. Protelar a extinção exigia algo mais, algo com mais visão, algo impossivelmente paciente.

Sua mão deslizou pelo metal. Ele olhou para um dos dials lá dentro, com a seta apontada para o número 18. Havia cinquenta números em um círculo estonteante, um para cada silo. Lukas deu um puxão inútil na grade, desejando poder ouvir outra coisa. O que estaria acontecendo em todas aquelas outras terras distantes? Algo inofensivo, provavelmente. Brincadeiras e conversas. Fofocas. Ele podia imaginar a emoção de entrar no meio de uma delas e se apresentar a pessoas que não sabiam de sua existência. “Eu sou Lukas, do Silo 18”, diria. E os outros iriam querer saber por que os silos tinham números. E Lukas lhes diria para serem bons uns com os outros, que havia restado poucos deles, e que todos os livros e todas as estrelas do universo não teriam sentido se não houvesse ninguém para lê-los, ninguém para espiar através das nuvens para observá-las.

Deixou o rádio sozinho com sua guerra e passou pela escrivaninha, com o feixe de luz derramando-se naquele livro medonho. Conferiu as latas em busca de algo que prendesse sua atenção. Estava inquieto, andando como um porco em um chiqueiro. Devia dar outra corrida em torno dos servidores, mas isso significaria tomar outra ducha, e de algum modo tomar banho tinha começado a parecer uma tarefa insuportável.

Agachado na extremidade mais distante das estantes, examinou as pilhas de papel fora das latas que havia ali. Era onde as anotações à mão e os adendos ao Legado tinham se acumulado ao longo dos anos. Bilhetes para futuros líderes do silo, instruções, manuais, lembretes. Ele pegou o manual da sala de controle do gerador, que fora escrito por Juliette. Ele vira Bernard botar os papéis na estante algumas semanas antes, dizendo que aquilo poderia ser útil se os problemas nas profundezas piorassem.

E o rádio estava transmitindo o pior.

Lukas foi até sua mesa e reposicionou a luminária para conseguir enxergar a letra manuscrita. Havia dias em que ele temia que Juliette ligasse, temia ser pego, ou que Bernard atendesse, ou que ela lhe pedisse para fazer coisas que ele não podia, coisas que nunca mais voltaria a fazer. E agora, com as luzes estáveis, sem nenhum zumbido, tudo o que ele queria era uma ligação. Seu peito ansiava por isso. Parte dele sabia que o que ela estava fazendo era perigoso, que algo ruim devia ter acontecido. Ela estava vivendo sob um X vermelho, uma marca que significava morte para todos.

As páginas do manual estavam cheias de anotações que Juliette tinha feito com um lápis bem apontado. Esfregou uma delas, sentindo os sulcos com os dedos. O verdadeiro conteúdo era incompreensível. Colocação de dials em todas as ordens possíveis, diagramas elétricos... Folheando as páginas, viu que o manual era um projeto parecido com seus mapas estelares, criados por uma mente nada diferente da sua. Essa consciência tornava a distância entre eles ainda pior. Por que não podiam voltar? Voltar para antes da limpeza, antes da série de enterros. Ela voltaria do trabalho toda noite e sentaria ao seu lado, enquanto ele ficaria olhando para a escuridão, pensando e observando, conversando e esperando.

Virou o manual ao contrário e leu algumas das palavras impressas da peça, que eram quase tão indecifráveis quanto as anteriores. Nas margens havia anotações feitas em uma letra diferente. Lukas supôs que fosse da mãe de Juliette ou talvez de um dos atores. Em algumas páginas, havia diagramas, pequenas setas indicando movimento. Anotações de um ator, concluiu. Orientações de palco. A peça devia ser um souvenir para Juliette, essa mulher de quem ele gostava e cujo nome estava no título.

Ele examinou as linhas, em busca de algo poético para captar seu estado de ânimo sombrio. À medida que o texto fluía, seus olhos captaram um rápido vislumbre de uma letra familiar, diferente da do ator. Ele voltou, procurando página por página até achar.

Era a letra de Juliette, sem dúvida. Ele levou a peça para mais perto da luz para conseguir ler as marcas esmaecidas.

George:
Aí jaz você, tão sereno. Nem vejo mais as rugas em sua testa e em torno de seus olhos. Um toque quando os outros não veem, enquanto procuram por pistas, mas só eu sei o que lhe aconteceu. Espere por mim. Espere por mim. Espere aí, querido. Deixe que esses apelos gentis encontrem seus ouvidos, e os enterre aí, para que esse beijo roubado possa crescer no amor silente que ninguém mais deverá conhecer.

Lukas sentiu uma pontada gelada perfurar seu peito. Sentiu sua saudade ser substituída por um lampejo de raiva. Quem era George? Uma paixão infantil? Juliette nunca esteve em um relacionamento oficial. Ele tinha conferido os registros oficiais no dia seguinte ao que se conheceram. Ter acesso aos servidores permitia alguns poderes vergonhosos. Uma paixão, talvez? Um homem da Mecânica que já estava apaixonado por outra garota? Para Lukas, isso seria ainda pior. Um homem do qual sentia saudade de um jeito que nunca iria sentir por ele. Será que foi por isso que ela aceitou um emprego tão longe de casa? Para fugir da visão desse George que ela não podia ter, daqueles sentimentos que ela havia escondido nas margens de uma peça sobre um amor proibido?

Ele se virou e se sentou diante do computador de Bernard. Mexeu no mouse e se conectou remotamente aos servidores lá em cima. Seu rosto enrubescia com aquele sentimento ruim, um sentimento novo que ele sabia se chamar ciúmes, mas não estava familiarizado com a agitação inebriante que vinha junto. Ele navegou pelos arquivos particulares e procurou entre pessoas das profundezas de nome “George”. Havia quatro. Lukas copiou os números de registro de cada um deles e colocar em um arquivo de texto, depois os enviou para o departamento de identificação. Enquanto as fotos surgiam na tela, ele passou os olhos pelas fichas e se sentiu um pouco culpado pelo abuso de poder, um pouco preocupado com a descoberta e muito menos agonizantemente entediado, por ter encontrado algo para fazer.

Só um dos Georges trabalhava na Mecânica. Um homem mais velho. Conforme o rádio chiava às suas costas, Lukas se perguntou o que teria acontecido a esse homem se ainda estivesse lá embaixo. Havia uma chance de que não fosse mais vivo, de que os registros estivessem algumas semanas

atrasados, de que a barricada fosse uma barreira para a verdade.

Dois nomes eram jovens demais. Um não tinha nem um ano, ainda. O outro era sombra de um portador. Só sobrava um homem, de 32 anos. Ele trabalhava no mercado. Sua ocupação estava listada como “outras”, casado e com dois filhos. Lukas estudou a imagem borrada dele no escritório de identificação. Bigode. Ficando careca. Um sorriso maroto. Lukas achou que os olhos eram separados demais, e as sobrancelhas, muito escuras e grossas.

Lukas ergueu o manual e tornou a ler o poema.

O homem estava morto, concluiu. *Enterre esses apelos*.

Fez outra busca, dessa vez uma busca global que incluía registros encerrados. Centenas de nomes surgiram de todos os cantos do silo, nomes desde o levante. Isso não o fez desistir. Ele sabia que Juliette tinha 34, então deu a ela uma janela de 18 anos. Se tivesse menos de 16 anos quando se apaixonou, ele não ia se estressar, esqueceria o fogo da inveja e da vergonha dentro de si.

Da lista de Georges, houvera apenas três mortes nas profundezas no período de 18 anos, um com mais de 50 e outro com mais de 60. Ambos morreram de causas naturais. Lukas pensou em cruzar as referências deles com as de Juliette, ver se havia alguma relação de trabalho, se tinham a mesma árvore genealógica.

Então viu o terceiro arquivo. *Aquele* era George. O George *dela*. Lukas soube. Fazendo as contas, viu que ele teria 38 anos se ainda estivesse vivo. Tinha morrido apenas três anos antes, trabalhara na Mecânica e *nunca se casara*.

Lukas fez a busca na Identificação, e a foto confirmou seus medos. Era um homem bonito, de queijo quadrado, nariz pronunciado e olhos escuros. Estava sorrindo para a câmera, calmo, relaxado. Era difícil odiá-lo. Especialmente difícil, considerando que ele estava morto.

Lukas procurou a causa da morte e viu que o caso tinha sido investigado e considerado um acidente industrial. *Investigado*. Ele se lembrou de ter ouvido algo sobre Jules quando os níveis superiores receberam a nova xerife. Suas qualificações tinham provocado debate e tensões, um furacão de sussurros, especialmente na TI, mas havia uma história de que ela tinha ajudado em um caso nas profundezas muito tempo atrás, e que tinha sido esse o motivo pelo qual fora escolhida.

Aquele era o caso. Será que estava apaixonada por ele antes de sua morte? Ou só se apaixonou depois, pela memória do homem? Lukas concluiu que devia ser a primeira opção. Procurou por um carvão na mesa, achou e anotou os números de identificação do homem e do caso. Ali estava algo com que ocupar seu tempo, um modo de conhecê-la melhor. Isso iria distraí-lo, pelo menos até que

ela conseguisse ligar de novo. Ele relaxou, puxou o teclado para o colo e começou a pesquisar.

74

Silo 17

Juliette tremia de frio enquanto ajudava Solo a ficar de pé. Ele vacilou e depois se firmou, segurando a grade de proteção.

— Acha que consegue andar? — perguntou ela, sempre com um olho nas escadas vazias que desciam em espiral em sua direção, alerta a quem quer que tivesse atacado Solo e que quase o matou.

— Acho que sim — disse ele. Passou a palma da mão na testa e estudou a mancha de sangue que veio com ela. — Mas não sei quanto.

Ela o conduziu na direção das escadas. O cheiro de borracha queimada e gasolina ardia em seu nariz. A roupa preta ainda estava úmida em sua pele. Seu hálito se condensava em nuvens de vapor à sua frente, e, sempre que parava de falar, seus dentes batiam incontrolavelmente. Ela se abaixou para pegar a faca enquanto Solo, curvado, agarrava o corrimão. Olhando para cima, ela avaliou a tarefa que tinham pela frente. Ir direto até a TI parecia impossível. Seus pulmões estavam exaustos de nadar, os músculos doloridos por causa dos tremores e do frio. E Solo parecia ainda pior. A boca estava entreaberta, os olhos vagavam de um lado para outro. Ele mal parecia saber onde estava.

— Acha que consegue chegar à delegacia? — perguntou ela.

Juliette tinha passado algumas noites lá em viagens para buscar suprimentos. A cela de custódia tinha se tornado um lugar estranhamente confortável para se dormir. As chaves ainda estavam na caixa. Talvez pudessem descansar tranquilos caso se trancassem do lado de dentro e guardassem a chave.

— Isso são quantos andares? — perguntou Solo.

Ele não conhecia as profundezas de seu próprio silo como Jules. Raramente arriscava se aventurar tão longe.

— Uns dez, mais ou menos. Você consegue?

Ele ergueu a bota até o primeiro degrau e se apoiou.

— Posso tentar.

Os dois partiram apenas com uma faca, que Juliette tinha muita sorte de ainda ter. Como o objeto sobrevivera ao mergulho nas profundezas da mecânica era um mistério. Ela a segurou com firmeza. O cabo estava frio, e sua mão, mais ainda. O simples utensílio de cozinha tinha se tornado seu símbolo de segurança, tinha substituído o relógio de pulso como um item necessário, algo que sempre tinha que ter consigo. Enquanto subiam as escadas, o cabo da faca retinia a cada vez que ela segurava o corrimão para se firmar. Com o outro braço segurava Solo, que fazia um grande esforço a cada degrau, grunhindo e gemendo.

— Quantos deles você acha que há? — perguntou ela, observando os passos dele e olhando nervosamente para as escadarias acima.

Solo resmungou.

— Não devia haver ninguém. — Ele cambaleou um pouco, mas Juliette o segurou. — Todos mortos. Todo mundo.

Eles pararam para descansar no andar seguinte.

— *Você* sobreviveu — observou ela. — Sobreviveu por todos esses anos.

Ele franziu a testa e esfregou a barba com as costas da mão. Estava ofegante.

— Mas eu sou Solo — disse ele, e sacudiu tristemente a cabeça. — Todos estão mortos. Todos.

Juliette olhou para o alto do poço, pelo vão entre as escadas e o concreto. O fio verde indistinto da escadaria subia na direção de uma escuridão estreita. Ela trincou os dentes para evitar que eles batessem enquanto tentava ouvir alguma coisa, qualquer sinal de vida. Solo seguiu na frente, cambaleando até o lance de escada seguinte. Juliette ia sempre ao seu lado.

— Você o viu direito? Do que se lembra?

— Eu lembro... Eu lembro que o achei igualzinho a mim.

Juliette achou que o ouviu soluçar, mas talvez fosse o esforço de subir mais degraus. Ela olhou de volta para a porta que tinham acabado de cruzar, o espaço escuro, sem a energia puxada da TI. Será que estavam passando pela pessoa que havia atacado Solo? Será que estavam deixando algum fantasma vivo para trás?

Ela esperava muito que sim. Os dois ainda tinham um bom caminho pela frente, que já seria longo até a delegacia, e ainda maior até um lugar que pudessem chamar de lar.

Fizeram um esforço e subiram um andar e meio em silêncio. Juliette tremia, enquanto Solo gemia e fazia caretas com o esforço. Ela esfregava os braços de vez em quando, sentia escorrer o suor da subida e de segurar o companheiro. Seria quase o bastante para mantê-la aquecida, não fosse pela roupa de baixo úmida, e ela estava com tanta fome depois de subirem três níveis que achou que

seu corpo iria simplesmente desistir. Ele precisava de combustível, algo para queimar e se manter aquecido.

— Mais um nível e vou precisar parar — disse a Solo.

Ele resmungou, concordando. Era bom ter a recompensa de um descanso como objetivo. Ficava mais fácil subir os degraus quando eles eram contáveis, finitos. Na plataforma do andar cento e trinta e dois, Solo usou a grade de proteção para se abaixar, descendo uma mão de cada vez, como se fosse uma escada. Quando seu traseiro tocou o chão, ele se deitou e pôs as mãos no rosto.

Juliette torcia para não ser mais que uma concussão. Já tinha visto muitas delas em homens que eram durões demais para usar capacete, mas não tão durões quando uma ferramenta ou barra de ferro despencava em suas cabeças. Solo não tinha outra coisa a fazer além de descansar.

O problema de descansar é que isso a deixava com mais frio. Juliette batia os pés para manter o sangue circulando. O leve suor que brotara na subida agora agia contra ela. Ela sentia uma corrente de vento circular e subir pelas escadas depois que o ar frio das profundezas passava pelas águas geladas, que funcionavam como uma unidade de refrigeração natural. Seus ombros tremiam, a faca em sua mão vibrava até seu reflexo se transformar em um borrão prateado. Mover-se era difícil. Ficar parada iria matá-la. E Juliette ainda não sabia onde estava o agressor, e só podia torcer para que estivesse abaixo deles.

— Acho que devemos continuar andando — falou a Solo.

Ela olhou para a porta à frente, com as janelas escuras. O que faria se alguém saísse dali de repente e os atacasse? Que tipo de resistência podia esperar oferecer?

Solo ergueu o braço e acenou para ela.

— Vá — disse ele. — Vou ficar.

— Não, você vem comigo.

Juliette esfregou as mãos, soprou nelas e reuniu forças para continuar. Aproximou-se de Solo e tentou segurar a mão dele, mas ele a afastou.

— Mais descanso — disse ele. — Eu alcanço você depois.

— De jeito nenhum vou... — Os dentes dela batiam descontroladamente. Ela tremia, e transformou o espasmo involuntário em desculpa para agitar os braços, sacudindo-os para fazer o sangue chegar às extremidades. — ... deixar você sozinho — encerrou.

— Muita sede — disse ele.

Apesar de ter visto água o bastante para a vida inteira, Juliette também estava com sede. Ela ergueu os olhos.

— Mais um nível e chegaremos às fazendas inferiores. Vamos até lá, e vai ser o bastante por um dia. Comida, água, procurar algo seco para eu vestir... Vamos, Solo, não me importa se vai levar uma semana para a gente chegar em casa, não vamos desistir justamente aqui.

Ela agarrou o pulso dele, que dessa vez não se afastou.

Subir o lance seguinte levou uma eternidade. Solo parou várias vezes para se apoiar no corrimão e, com ar distante, fitar o degrau seguinte. Havia sangue fresco escorrendo por seu pescoço. Juliette bateu mais algumas vezes os pés gelados e praguejou para si mesma. Tudo aquilo era estúpido. Ela fora muito estúpida.

A alguns degraus da plataforma seguinte, deixou Solo para trás e foi conferir as portas das fazendas. Os cabos de energia instalados provisoriamente que desciam da TI e serpenteavam para o interior eram o legado de décadas anteriores, uma época em que os sobreviventes, como Solo, faziam o possível para adiar seu fim. Juliette deu uma olhada e viu que as luzes de cultivo estavam apagadas.

— Solo, vou ligar os temporizadores. Você descansa aqui.

Ele não respondeu. Juliette empurrou a porta e enfiou a faca na grade de metal a seus pés, deixando o cabo para fora para mantê-la aberta. Seu braço tremia tanto que ela precisou se esforçar muito para acertar um dos vãos da grade. A roupa de baixo, percebeu, fedia a borracha queimada, como a fumaça do fogo.

— Aqui — disse Solo.

Ele segurou a porta aberta e se encostou nela, prendendo-a à grade de proteção. Juliette segurou a faca junto ao peito.

— Obrigada.

Solo assentiu, acenou, e seus olhos se fecharam.

— Água — disse ele, passando a língua nos lábios.

Ela lhe deu um tapinha no ombro.

— Eu já volto.

* * *

O corredor de entrada das fazendas engoliu as luzes de emergência, e o verde fraco logo se transformou em escuridão absoluta. Uma bomba de circulação de água estava funcionando a distância, o mesmo ruído que a recebera nas fazendas superiores tantas semanas atrás. Mas agora ela sabia o que significava aquele som, sabia que haveria água disponível. Água e comida, e talvez uma muda de

roupa, e bastava acender as luzes para encontrá-las. Ela se xingou por não ter levado uma lanterna extra e por ter perdido a bolsa e as ferramentas.

A escuridão a envolveu quando ela passou por cima da catraca de segurança. Sabia o caminho. Aquelas fazendas os estavam alimentando havia semanas, enquanto trabalharam na bomba patética de uma fazenda hidropônica e em todo aquele encanamento. Juliette pensou na outra bomba que tinha consertado. A mecânica dentro dela estava curiosa sobre a conexão, queria saber se a máquina ia ou não funcionar, se ela devia ter ligado a energia antes de descer. Era um pensamento maluco, mas, mesmo que não vivesse para ver, parte dela queria aquele silo seco, queria acabar com aquela inundação. Seu sacrifício e esforço nas profundezas já pareciam estranhamente distantes, como algo que ela tivesse visto em um sonho mas não vivido realmente, e mesmo assim ela queria que aquilo tivesse feito alguma *diferença*. Queria que a ferida de Solo não fosse em vão.

Sua roupa de baixo úmida fazia barulho enquanto andava. As pernas se esfregavam uma na outra, os pés molhados emitiam um guincho baixo a cada passo. Ela já conseguia sentir o calor residual da última vez que as lâmpadas de cultivo tinham sido acesas. Estava grata por ter saído daquelas escadarias. Na verdade, estava se sentindo *melhor*. Seus olhos começaram a se ajustar à escuridão. Ela ia pegar um pouco de água e comida e encontrar um lugar seguro para dormirem. No dia seguinte, iam rumar para a delegacia dos níveis intermediários, onde poderiam se armar e renovar as forças. Solo já estaria mais forte. Ela precisava que ele estivesse.

No fim do corredor, Juliette tateou em busca da porta da sala de controle. Sua mão habitualmente ia direto para o interruptor, mas ele já estava ligado. Não funcionava havia três décadas.

Tateou às cegas pela sala com os braços estendidos, esperando alcançar a parede muito antes do que alcançou. A ponta da faca começou a forçar uma das caixas de controle. Ela estendeu a mão para o alto e encontrou fios pendurados do teto, presos ali há muito tempo. Seguiu o cabo até o timer ao qual estava ligado, encontrou o botão de programação e o girou lentamente até ouvir um estalo.

Uma série de estalos dos relés lá fora chacoalhou os corredores de cultivo. Uma luz fraca apareceu. Ia levar alguns minutos até que eles esquentassem totalmente.

Juliette deixou a sala de controle e seguiu por uma das passagens tomadas por plantas que haviam crescido demais, uma grade separando-a dos longos

canteiros de terra. Os mais próximos haviam sido colhidos e não tinham nada. Ela avançou pela estufa, os galhos das plantas se tocavam no meio do caminho como se estivessem dando as mãos, e então chegou até a bomba de circulação.

Água para Solo, calor para si mesma. Ela repetiu esse mantra implo-rando que as luzes se aquecessem mais rápido. O ar permanecia na penumbra e enevoado, como a vista de uma manhã no exterior sob nuvens pesadas.

Foi até os pés de ervilha, havia muito abandonados. Arrancou algumas vagens dos galhos e deu ao estômago algo a fazer além de doer. A bomba se tornava mais barulhenta conforme trabalhava para levar a água até os tubos de gotejamento. Juliette mastigou uma vagem, engoliu, seguiu pela grade e foi até a clareira aberta em torno da bomba.

A terra sob a bomba estava escura e batida, por conta das semanas em que Juliette e Solo beberam e encheram seus cantis ali. Havia alguns copos descartáveis espalhados pelo chão. Juliette se agachou ao lado da bomba e escolheu um copo alto. As luzes acima começavam a brilhar mais fortes. Ela já imaginava sentir seu calor.

Com certo esforço, conseguiu afrouxar o plugue do dreno algumas voltas. A água jorrava com pressão em um jato fino. Ela segurou o copo bem perto para minimizar o desperdício, e o líquido gorgolejava enquanto o copo se enchia.

Ela bebeu um enquanto enchia outro. Sentiu um pouco de terra entre seus dentes.

Quando os dois copos estavam cheios, ela os enfiou na terra molhada para que não virassem e então torceu o plugue até interromper o jato. Juliette enfiou a faca embaixo do braço e pegou os dois copos. Foi até a grade, passou as coisas para o outro lado, depois jogou sua perna por cima da parte mais baixa e pulou.

Agora ela precisava de calor. Deixou os copos onde estavam e pegou a faca. Depois de uma curva, havia escritórios e uma sala de jantar. Ela se lembrou de sua primeira roupa no Silo 17: uma toalha de mesa com um corte no meio. Riu consigo mesma enquanto dobrava a esquina, sentindo como se estivesse voltando, como se suas semanas de trabalho para melhorar as coisas a estivessem levando para onde havia começado.

O corredor comprido entre as duas áreas de cultivo estava escuro. Alguns fios pendiam dos canos, soltando-se dos lugares onde haviam sido presos de forma apressada. Seguiam em curvas para cima e para baixo, na direção do ruído baixo e constante e da luz dos canteiros a distância.

Juliette procurou nos escritórios e não encontrou nada para se aquecer. Nenhum macacão, nenhuma cortina. Foi até o refeitório e estava fazendo a curva

para entrar quando achou ter ouvido um ruído atrás do canteiro de plantas seguinte. Um estalido. Um estalo. Mais relés das luzes? Algo com defeito, talvez?

Ela examinou o corredor e a área de cultivo no fim. Lá as luzes eram mais fortes e estavam esquentando. Talvez tivessem se acendido antes. Ela caminhou com cautela pelo corredor naquela direção, atraída como uma mariposa trêmula para uma chama, seus braços arrepiados só de pensar em se secar, em se esquentar de verdade.

Perto da área de cultivo, ouviu outro som. Um rangido, talvez de metal sobre metal, quem sabe mais uma bomba de circulação tentando funcionar. Ela e Solo não tinham conferido as outras bombas daquele nível. Havia mais do que duas pessoas poderiam comer ou beber nas primeiras fileiras.

Juliette parou e se virou para olhar para trás.

Onde montaria acampamento se fosse tentar sobreviver naquele lugar? Na TI, por causa da energia? Ou ali, por causa da comida e da água? Imaginou outro homem como Solo se esquivando como podia da violência, se escondendo e sobrevivendo aqueles anos todos. Talvez ele tivesse ouvido o compressor de ar mais cedo e descido para investigar. Talvez tivesse se assustado, batido na cabeça de Solo e fugido. Talvez tivesse pegado a bolsa de ferramentas só porque ela estava ali, ou talvez ela tivesse sido derrubada pelo vão da grade por acidente e afundado até as profundezas da Mecânica.

Segurou a faca à sua frente e seguiu pelo corredor entre as plantas exuberantes. A parede verdejante diante dela se abriu com um farfalhar quando ela a atravessou. Estava tudo ainda mais crescido ali. Nada receptivo. Ninguém fizera as colheitas. Isso a encheu com uma mistura de emoções. Provavelmente estava errada, provavelmente estava de novo ouvindo coisas, como vinha acontecendo havia semanas, mas parte dela *queria* estar certa. Ela queria encontrar o tal homem que era como Solo. Queria fazer contato. Seria melhor do que viver com medo de haver alguém escondido em cada sombra, depois de cada curva.

Mas e se houvesse mais de um? Será que um grupo de pessoas poderia ter sobrevivido por tanto tempo? Quantos teriam sobrevivido? O silo era um lugar enorme, mas ela e Solo tinham passado *semanas* nas profundezas, tinham entrado e saído daquelas fazendas várias vezes. Duas pessoas. Um casal um pouco mais velho, não mais que isso. Solo disse que o homem tinha sua idade. Deveria ter mesmo.

Esses e outros cálculos passavam por sua mente, convencendo-a de que não

havia nada a temer. Seu corpo tremia, mas recebera uma descarga de adrenalina e ela estava armada. As folhas das plantas roçavam seu rosto. Juliette atravessou uma densa barreira e soube que encontraria algo do outro lado.

As plantações ali eram diferentes. Bem cuidadas, podadas. Recentemente tratadas por alguém. Juliette sentiu uma onda de medo e alívio, os dois opostos se unindo como as escadarias e o corrimão. Não queria ficar sozinha, não queria que aquele silo fosse tão desolado e vazio, mas também não queria ser atacada. Parte dela sentiu necessidade de gritar, dizer a quem quer que estivesse ali que ela não queria lhe fazer nenhum mal. A outra parte apertou a faca, os dentes alternando entre cerrados e batendo, e implorava que ela fizesse a volta e saísse correndo dali.

No fim da plantação bem cuidada, o corredor fazia uma curva para o escuro, mais território inexplorado. Uma longa faixa de escuridão se estendia até o outro lado do silo, de onde emanava uma luz fraca do que, provavelmente, era outra plantação que puxava energia da TI.

Havia alguém lá. Ela sabia. Sentia os mesmos olhos que espreitavam havia semanas, sentia os sussurros em sua pele, mas daquela vez não estava imaginando coisas. Não precisava negar aquela sensação ou pensar que estava enlouquecendo. Com a faca apontada para a frente e o pensamento bem-vindo de que estava entre aquele alguém e o indefeso Solo, ela seguiu lenta, mas corajosamente, pelo corredor escuro, passando por escritórios abertos e vendo salas dos dois lados, sempre com uma das mãos na parede para se guiar e se equilibrar...

Juliette parou. Algo não estava certo. Será que tinha ouvido alguma coisa? Uma pessoa chorando? Ela recuou até a porta anterior, que mal podia ver a sua frente, e percebeu que estava fechada. A única porta fechada que viu naquele corredor.

Afastou-se e se ajoelhou. Houve um barulho lá dentro. Juliette tinha certeza. Era quase como um lamento distante. Olhou para cima e viu sob a luz pálida que alguns cabos no teto desviavam dos outros em perpendicular e atravessavam a parede acima da porta.

Juliette se aproximou e encostou o ouvido na porta. Nada. Ergueu a mão até a maçaneta e viu que estava trancada. Como podia estar trancada, a menos...?

A porta abriu de repente. A mão dela ainda estava na maçaneta, e por isso ela foi puxada para o interior da sala escura. Houve um reluzir e em seguida um homem estava acima dela, prestes a bater com algo em sua cabeça.

Juliette caiu de costas. Um borrão prateado passou diante de seu rosto, e a

pancada de uma pesada chave inglesa acertou seu ombro e a derrubou no chão.

Ouviu um berro agudo vindo do fundo da sala, que abafou o grito de dor de Juliette. Ela investiu com a faca e sentiu que havia acertado a perna do homem. A chave inglesa caiu no chão com um clangor metálico. Houve mais gritos, mais pessoas berrando. Juliette se arrastou para longe da porta e se levantou, agarrando o ombro. Estava pronta para o próximo golpe do homem, mas seu agressor estava recuando, mancando de uma perna, e era um garoto de não mais de catorze anos, talvez quinze, em uma bagunça de colchões e cobertores.

— Fique onde está! — gritou Juliette, apontando a faca para ele.

Os olhos do garoto estavam arregalados de medo. Um grupo de crianças estava encolhido na parede dos fundos. Elas se agarravam umas às outras, com os olhos fixos em Juliette.

A confusão era enorme. Ela foi tomada pela sensação de que havia algo errado. Onde estavam os outros? Os adultos? Podia sentir pessoas com más intenções descendo pelo corredor escuro às suas costas, prontas para atacá-la. Aqueles eram seus filhos, trancados e escondidos por segurança. Logo as ratazanas estariam de volta para puni-la por perturbar seu ninho.

— Onde estão os outros? — perguntou com as mãos trêmulas de frio, confusão e medo.

Ela examinou o ambiente e viu que o garoto de pé, o que a havia atacado, era o mais velho. Uma adolescente estava sentada imóvel no emaranhado de cobertores, e dois meninos e uma menininha se agarravam a ela.

O garoto mais velho olhou para a própria perna. Uma mancha de sangue aumentava em seu macacão verde.

— Quantas pessoas são?

Juliette deu um passo à frente. Aqueles garotos obviamente estavam com mais medo dela do que ela, deles.

— Deixe a gente em paz! — gritou a garota mais velha.

Ela agarrou algo junto ao peito. A menina ao lado enfiou o rosto em seu colo, tentando desaparecer. Os dois meninos a olhavam como cães encurralados, mas não se moveram.

— Como vocês chegaram aqui? — perguntou Juliette às crianças.

Ela apontou a faca para o garoto mais alto, mas começou a se sentir tola por brandi-la daquele jeito. O menino olhou para ela, confuso, sem entender a pergunta, e Juliette entendeu. É claro. Como poderia ter havido décadas de luta neste silo sem aquela segunda paixão humana?

— Vocês nasceram aqui, não nasceram?

Ninguém respondeu. O rosto do garoto se retorceu em confusão como se fosse uma pergunta maluca. Ela olhou para trás por cima do ombro.

— Onde estão seus pais? Quando eles voltam? Daqui a quanto tempo?

— Nunca! — gritou a garota, e sua cabeça se projetou para a frente pelo esforço. — Eles estão mortos!

Sua boca permaneceu aberta, o queixo tremendo. Os tendões se destacavam no pescoço jovem.

O mais velho se virou e olhou para a garota. Parecia querer que ela ficasse quieta. Juliette ainda estava tentando assimilar que aquelas eram apenas crianças. Sabia que não podiam estar sozinhas. Alguém tinha agredido Solo.

Como se procurando uma resposta, seus olhos foram atraídos para a chave inglesa no chão. Era a chave de Solo. Ela reconheceu as marcas de ferrugem. Como era possível? Solo dissera que...

Então Juliette se lembrou do que ele tinha dito. Ela se deu conta de que aquele rapaz tinha a mesma idade com que Solo se enxergava. A mesma idade que tinha quando foi deixado sozinho. Será que os últimos sobreviventes das profundezas haviam morrido recentemente, mas não sem antes deixar algo para trás?

— Qual é o seu nome? — perguntou Juliette ao garoto. Ela baixou a faca e estendeu a palma da outra mão. — Eu me chamo Juliette.

Queria acrescentar que viera de outro silo, de um mundo mais saudável, mas não queria confundi-los nem assustá-los.

— Rickson — resmungou o garoto. Ele encheu o peito. — Meu pai era Rick, o encanador.

— Rick, o encanador.

Juliette assentiu. Viu, ao lado de uma parede no fim de uma pilha de suprimentos e pilhagens, a bolsa de ferramentas que eles tinham roubado. Sua muda de roupa escapava da sacola aberta. Sua toalha devia estar ali. Ela foi até a bolsa, com um olho nas crianças amontoadas na cama improvisada, o ninho do grupo, atenta ao garoto mais velho.

— Bem, Rickson, quero que vocês peguem suas coisas.

Juliette ajoelhou ao lado da bolsa e procurou a toalha. Ela a encontrou, pegou e começou a secar os cabelos molhados, um luxo indescritível. Não havia como deixar aquelas crianças ali. Então se virou para ver os outros, com a toalha pendurada no pescoço, e notou que todos os olhares estavam fixos nela.

— Vamos — continuou. — Juntem suas coisas. Vocês não vão viver desse jeito...

— Deixe a gente em paz — disse a garota mais velha.

Os dois meninos, porém, tinham saído da cama e estavam remexendo pilhas de coisas. Eles olharam para a garota, depois para Juliette, hesitantes.

— Volte para o lugar de onde você veio — disse Rickson. As duas crianças mais velhas pareciam estar se apoiando mutuamente. — Pegue suas máquinas barulhentas e vá embora.

Era esse o problema. Juliette se lembrou da imagem do compressor caído de lado, atacado com provavelmente mais violência do que Solo. Ela balançou a cabeça para os dois meninos menores, calculando que deviam ter uns dez ou onze anos.

— Vamos — disse a eles. — Vocês vão ajudar a mim e a meu amigo a chegar em casa. Temos comida boa lá. Eletricidade de verdade. Água quente. Peguem suas coisas...

A menina mais nova soltou um grito ao ouvir isso, um berro horrível, o mesmo que Juliette tinha ouvido naquele corredor escuro. Rickson andava de um lado para o outro, olhando para ela e para a chave inglesa no chão. Juliette se afastou dele e foi na direção da cama para tranquilizar a garotinha, quando percebeu que não era ela quem estava gritando.

Alguma coisa se mexeu nos braços da garota mais velha.

Juliette congelou à beira da cama.

— Não — murmurou.

Rick deu um passo em sua direção.

— Pare!

Juliette brandiu a faca na direção do garoto, que olhou para baixo, para a ferida na perna, e mudou de ideia. Os dois meninos congelaram na hora de encher as sacolas. Nada naquela sala se movia além do bebê, que chorava e se mexia nos braços da garota.

— É um bebê?

A garota girou os ombros, em um gesto maternal, mas não podia ter mais de quinze anos. Juliette não sabia que aquilo era possível. Perguntou-se se era por isso que os implantes eram colocados tão cedo. Sua mão desceu até o quadril, como se para tocar o local, esfregar o relevo em sua pele.

— Vá embora — choramingou a garota. — Nós estávamos bem sem você.

Juliette baixou a faca. Era estranho renunciar a ela, mas era mais errado tê-la na mão ao se aproximar da cama.

— Posso ajudar vocês — disse. Ela se virou para conferir se o garoto a havia escutado. — Eu trabalhava em um lugar que cuidava de recém-nascidos. Deixe-me...

Ela estendeu as mãos. A garota se virou ainda mais na direção da parede, protegendo a criança.

— Tudo bem. — Juliette ergueu os braços, exibindo as palmas das mãos. — Mas você não vai mais viver desse jeito. — Ela balançou a cabeça para os meninos menores e para Rickson, que não tinha se mexido. — Nenhum de vocês vai. Ninguém deve viver seus dias desse jeito, nem mesmo os últimos.

Ela assentiu para si mesma por aquela decisão tomada.

— Rickson? Junte suas coisas. Só o necessário. Voltaremos depois para buscar mais.

Ela acenou com a cabeça para os meninos mais novos, viu que seus macacões tinham sido cortados na altura dos joelhos e que suas pernas estavam cobertas de terra das fazendas. Eles entenderam isso como uma permissão para voltar a juntar suas coisas. Os dois pareciam ansiosos para ter outra pessoa no comando, talvez qualquer um que não o irmão mais velho, se é que era isso que ele era.

— Me diga seu nome.

Juliette se sentou na cama com as duas garotas enquanto os outros remexiam em seus objetos. Lutou para permanecer calma, para não sucumbir ao nojo de ver crianças terem crianças.

O bebê começou a chorar de fome.

— Estou aqui para ajudar você — disse Juliette à garota. — Posso ver? É menino ou menina?

A jovem mãe relaxou os braços. Um cobertor foi puxado e revelou olhinhos apertados e lábios finos e vermelhos de um bebê com não mais que alguns meses de idade. Um bracinho acenava para a mãe.

— Menina — disse ela com ternura.

A menina mais nova agarrada a seu lado espiou Juliette de trás dela.

— Ela já tem nome?

A garota sacudiu a cabeça.

— Ainda não.

Rickson disse algo atrás dela aos dois garotos para que parassem de brigar por alguma coisa.

— Meu nome é Elise — disse a menina mais nova quando sua cabeça emergiu de trás da mais velha. Elise apontou para a própria boca. — Estou com um dente mole.

Juliette riu.

— Posso ajudar você com isso, se quiser.

Ela estendeu a mão para acariciar o braço da menina. Uma torrente de

imagens de sua infância no berçário do pai voltou, as lembranças de pais preocupados, de crianças preciosas, todas as esperanças e sonhos criados e propiciados por aquela loteria. Os pensamentos de Juliette se desviaram para o irmão, o que não devia ter sido, e sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Pelo que aquelas crianças tinham passado? Solo, pelo menos, tivera experiências normais antes. Ele sabia o que significava viver em um mundo onde era possível estar em segurança. Onde e como haviam crescido aquelas cinco, seis crianças? O que haviam visto? Teve muita pena delas. Uma pena que beirava o desejo doentio e equivocado de que nenhuma delas tivesse nascido...

O pensamento logo sumiu quando Juliette foi tomada por uma onda de culpa por sequer ter considerado isso.

— Vamos tirar vocês daqui — disse às duas garotas. — Juntem suas coisas.

Um dos meninos mais novos se aproximou e largou a bolsa de Juliette ali perto. Ele estava botando as coisas de volta lá dentro, pedindo desculpas, quando Juliette ouviu outro chiado estranho.

O que era, agora?

Ela esfregou a toalha na boca, observando enquanto as meninas, com relutância, faziam uma tarefa de adulto, procurando suas coisas e olhando uma para a outra para se assegurarem de que estava tudo bem. Juliette ouviu um ruído em sua bolsa de equipamentos. Ela abriu o zíper da sacola, temendo o que poderia estar vivendo naquele ninho de ratos criado pelas crianças, quando ouviu uma vozinha.

Chamar seu nome.

Ela largou a toalha e começou a remexer na bolsa. Passou por ferramentas, garrafas de água, pelo macacão extra e pelas meias soltas até que encontrou o rádio. Ela se perguntou como Solo poderia estar chamando por ela? O outro rádio tinha enguiçado no traje...

— Por favor, diga alguma coisa — chiou o rádio. — Juliette, você está aí? Aqui é o Walker. Por favor, pelo amor de Deus, me responda.

75

Silo 18

– O que aconteceu? Por que não estão respondendo?

Courtnee olhava de Walker para Shirly, como se algum deles pudesse saber.

— Será que está quebrado? — Shirly pegou o pequeno dial com as marcas pintadas e tentou ver se ele tinha acidentalmente se movido. — Walk, será que nós quebramos o rádio?

— Não, ainda está ligado — disse ele.

O homem segurava os fones perto do rosto. Seus olhos observavam os vários componentes.

— Gente, não sei quanto tempo mais temos.

Courtnee estava assistindo à cena na sala do gerador pela janela de observação. Shirly estava de pé e olhava por cima do painel de controle na direção da entrada principal da Mecânica. Jenkins e alguns de seus homens estavam lá, com os rifles apoiados nos ombros e gritando uns com os outros. O isolamento sonoro tornava impossível ouvir o que estava acontecendo.

— Alô?

Uma voz estalou nos fones que Walker segurava. As palavras pareciam escorrer por entre seus dedos.

— Quem está aí? — chamou ele, apertando o botão. — Quem é?

Shirly correu para o lado de Walker e segurou o braço dele com as duas mãos, sem acreditar.

— Juliette! — gritou.

Walker levantou a mão para tentar silenciar Shirly e Courtnee. Suas mãos tremiam enquanto ele mexeu no detonador adaptado e, finalmente, acionou o botão vermelho.

— Jules? — Sua voz envelhecida vacilou e Shirly apertou seu braço. — É você?

Houve uma pausa e, em seguida, os alto-falantes emitiram um grito e soluços

de choro.

— Walk? Walk, é você? O que está acontecendo? Onde você está? Pensei...

— Onde ela está? — murmurou Shirly.

Courtnee observava os dois, com as mãos no rosto, boquiaberta.

Walker apertou o botão.

— Jules, onde você está?

Um suspiro profundo chiou pelos pequenos alto-falantes. Sua voz estava fraca e distante.

— Walk, estou em outro *silo*. Há mais silos. Você não ia acreditar...

A voz dela se perdeu na estática. Shirly se apoiou em Walker, enquanto Courtnee se posicionava diante deles, olhando para o rádio e depois para a janela.

— Nós já sabemos dos outros — disse Walker, segurando o microfone abaixo da barba. — Nós podemos ouvi-los, Jules. *Todos* eles.

Ele soltou o botão e a voz de Juliette voltou.

— Como estão vocês... a Mecânica? Eu soube da luta. Continua?

Antes de soltar o botão, Juliette disse algo para outra pessoa, e mal se ouviu sua voz. Walker ergueu as sobrancelhas com a menção do conflito.

— Como ela pode ter ouvido? — perguntou Shirly.

— Eu queria que ela estivesse aqui — disse Courtnee. — Jules ia saber o que fazer.

— Conte a ela sobre o exaustor. Sobre o plano. — Shirly estendeu a mão para o microfone. — Aqui, deixa eu falar.

Walker assentiu. Ele entregou a Shirly o fone e o controle. Shirly apertou o botão. Era mais duro do que esperava.

— Jules? Você pode me ouvir? É Shirly.

— Shirly? — A voz de Juliette vacilou. — Tudo bem. Você está segurando as pontas, é?

A emoção na voz da amiga encheu de lágrimas os olhos de Shirly.

— É. — Ela assentiu e engoliu em seco. — Ei, escute, alguns dos outros estão desviando o tubo de descarga do gerador para os ventiladores da TI. Mas você se lembra daquela vez em que perdemos pressão? Estou com medo de que o motor possa...

— Não — interrompeu-a Juliette. — Você tem que impedi-los, está me ouvindo? Você tem que impedi-los. Isso não vai adiantar nada. A ventilação é para os *servidores*. As únicas pessoas lá em cima que... — Ela limpou a garganta. — Escute. Faça com que eles parem.

Shirly mexeu no botão vermelho. Walker estendeu a mão como se quisesse ajudar, mas ela finalmente conseguiu controlar o aparelho.

— Espere — transmitiu ela. — Como você sabe para onde vai a ventilação?

— Eu simplesmente sei. A planta daqui é idêntica. Droga, deixe-me falar com eles. Você não pode deixá-los...

Shirly tornou a apertar o botão. Veio um estrondo da sala do gerador quando Courtnee abriu a porta e saiu correndo.

— Courtnee está indo lá — disse ela. — Está indo agora mesmo. Jules... Como você... Com quem você está aí? Eles podem nos ajudar? As coisas não parecem boas para nosso lado aqui.

Os pequenos alto-falantes começaram a chiar outra vez. Shirly ouviu Juliette respirar profundamente, escutou outras vozes ao fundo, ouviu-a mandar ou dar ordens a outra pessoa. Shirly achou que a amiga parecia exausta, desgastada, triste.

— Não há nada que eu possa fazer — disse Juliette. — Não tem ninguém aqui, só um homem e algumas crianças. Todos os outros morreram. As pessoas que viviam aqui não conseguiram nem ajudar a si mesmas. — A linha ficou silenciosa, e então ela retornou com um estalo. — Vocês tem que parar de lutar — disse ela. — Custe o que custar. Por favor... Não deixe que seja por minha causa... Por favor, faça com que parem...

A porta se abriu de novo quando Courtnee voltou. Shirly ouviu gritos na sala do gerador. E tiros.

— O que foi isso? — perguntou Juliette. — Onde vocês estão?

— Na sala de controle. — Shirly virou-se para Courtnee, que estava com os olhos arregalados de medo. — Jules, não acho que temos muito tempo. Eu... — Havia tanta coisa que ela queria contar. Queria lhe contar sobre Marck. Precisava de mais tempo. — Estão vindo atrás da gente. — Foi só o que conseguiu dizer. — Fico feliz em saber que você está bem.

O rádio estalou.

— Ah, meu Deus, faça com que eles parem. Chega de luta! Shirly, me escute...

— Não importa — disse Shirly, apertando o botão e esfregando o rosto. — Eles não vão parar. — Os tiros estavam se aproximando, e os disparos eram audíveis através da porta grossa. Seus amigos estavam morrendo enquanto ela se encolhia na sala de controle, conversando com um fantasma. Seus amigos estavam morrendo. — Você se cuide, hein?

— Espere!

Shirly passou o fone para Walker e se juntou a Courtnee diante da janela, observando o grupo de pessoas agachadas do outro lado do gerador, o brilho e o tremor dos canos das armas apoiadas na grade de proteção, alguém de azul da Mecânica esparramado e imóvel no chão. Mais estampidos fracos. Mais rajadas distantes e abafadas.

— Jules!

Walker se atrapalhava com o rádio. Ele gritou seu nome, ainda tentando falar com ela.

— Deixe-me falar com eles! — berrou Juliette, a voz impossivelmente distante. — Walk, por que eu posso ouvir vocês e não a eles? Preciso falar com os delegados, com Peter e Hank. Walk, como você conseguiu fazer contato? Eu preciso falar com eles.

Walker disse entre lágrimas algo sobre ferros de soldar e lentes de aumento. O velho estava chorando, aninhando suas placas, fios e circuitos como se fossem uma criança cansada, sussurrando para eles e os balançando para a frente e para trás, com lágrimas salgadas pingando perigosamente em cima daquilo que ele construíra.

Ele balbuciava para Juliette enquanto mais homens de azul caíam, as armas apoiadas nas grades, rifles inapropriados caindo em silêncio no chão. Os homens que os vinham aterrorizando havia um mês tinham entrado. Estava tudo acabado. Shirly estendeu a mão para Courtnee e seus braços se entrelaçaram enquanto elas observavam sem poder fazer nada. Atrás das duas, o choro e as exclamações enlouquecidas de Walk se misturavam à agitação do tiroteio abafado. Um estalar parecido com o de uma máquina perdendo sua regulagem e saindo de controle...

76

Silo 18

Lukas balançava na ponta dos pés em cima da lata de lixo virada de cabeça para baixo. A parte da frente das botas marcava o plástico macio, dando a sensação de que aquilo podia escorregar subitamente de debaixo dele, ou desmoronar sob seu peso a qualquer momento. Ele se firmou segurando no alto do servidor 12. A grossa camada de poeira lhe dizia que fazia anos que ninguém subia ali com uma escada e um pano para fazer uma limpeza. Aproximou o nariz da saída do ar-condicionado e inspirou outra vez.

A porta ali perto emitiu um bipe, e as trancas estalaram ao se soltarem dos encaixes. Com um rangido suave, as grandes dobradiças giraram, e a porta pesada se abriu para dentro.

Lukas quase perdeu o apoio no servidor empoeirado quando Bernard entrou. O chefe da TI o olhou intrigado.

— Você nunca vai caber aí — disse Bernard.

E riu enquanto se virava para fechar a porta. Os trincos se fecharam e o painel emitiu um bipe, e uma luz vermelha voltou a observar o aposento.

Lukas se afastou do servidor e pulou de cima da lata de lixo. O balde plástico escorregou e saiu rolando pelo chão. Ele esfregou as mãos, limpou-as na parte de trás do macacão e deu um riso forçado.

— Achei que tivesse sentido o cheiro de alguma coisa — explicou. — Você não acha que isso aqui está parecendo enfumaçado?

Bernard deu uma olhada para o ar.

— Aqui sempre parece meio enevoado para mim. E não sinto cheiro de nada. Só dos servidores quentes. — Meteu a mão no bolso do peito e tirou algumas folhas de papel dobradas. — Aqui, cartas de sua mãe. Disse a ela que me mandasse por portador que eu entregaria a você.

Lukas sorriu, envergonhado, e pegou os papéis.

— Ainda acho que você devia perguntar se...

Ele olhou para o tubo da refrigeração e se deu conta de que não havia ninguém na Mecânica a quem pudessem perguntar. A última conversa que ouvira no rádio lá de baixo tinha sido Sims e os outros resolvendo as coisas. Havia dezenas de mortos. Mais do que o triplo disso sob custódia. Alas de apartamentos estavam sendo preparadas nos andares intermediários para abrigar a todos. Parece que haveria gente para fazer a limpeza por anos.

— Vou mandar um dos mecânicos substitutos darem uma olhada — prometeu Bernard. — O que me lembra algo que eu queria falar com você. Vai haver uma transferência enorme de verdes para azuis quando empurrarmos os fazendeiros para a Mecânica. Eu estava me perguntando, o que você acha de Sammi comandar a divisão inteira lá embaixo?

Lukas assentiu enquanto olhava rapidamente as cartas da mãe.

— Sammi como chefe da Mecânica? Acho que é qualificado demais, mas perfeito. Aprendi muito com ele. — Lukas olhou para Bernard, que abria o arquivo perto da porta e folheava algumas ordens de serviço. — Ele é um ótimo professor, mas isso seria permanente?

— Nada é permanente. — Bernard achou o que procurava e enfiou no bolso do peito. — Você precisa de mais alguma coisa? — Ele empurrou os óculos para o alto do nariz. Lukas achou que o homem tinha envelhecido no último mês. Parecia velho e cansado. — O jantar vai ser servido daqui a algumas horas...

Havia algo que Lukas queria. Queria dizer que estava pronto, que tinha absorvido suficientemente o horror de seu futuro emprego, tinha aprendido o que precisava sem enlouquecer. Agora, será que podia ir para casa?

Mas esse não era o caminho para sair dali. Isso Lukas havia descoberto por conta própria.

— Bem... — disse ele. — Material de leitura nunca é demais...

As coisas que ele havia descoberto no servidor 18 queimavam em seu cérebro. Tinha medo de que Bernard conseguisse ler sua mente. Lukas achava que sabia, mas precisava pedir a pasta para ter certeza.

Bernard deu um sorriso.

— Você já não tem o bastante para ler?

Lukas abanou as cartas da mãe.

— Isso? Leio tudo no caminho até a *escada*...

— Estou falando no que tem lá embaixo. A Ordem. Seus estudos — falou Bernard, inclinando a cabeça para o lado.

Lukas soltou um suspiro.

— É, eu sei, mas não dá para querer que eu leia aquilo durante doze horas por

dia. Estou falando em algo menos denso. — Ele sacudiu a cabeça. — Ei, esquece. Se você não...

— De que precisa? — disse Bernard. — Só estou brincando com você.

O homem se apoiou no arquivo e entrelaçou os dedos sobre a barriga. Olhou para Lukas pela parte de baixo dos óculos.

— Bem, pode soar estranho, mas é um caso. Um caso *antigo*. O servidor diz que está arquivado em seu escritório, junto com todas as investigações encerradas...

— Uma *investigação*?

A voz de Bernard se elevou com a curiosidade. Lukas assentiu.

— É. Uma coisa sobre o amigo de um amigo. Só estou curioso em saber qual foi a solução. Não tem nenhuma cópia digital nos serv...

— Não é sobre Holston, é?

— *Quem?* Ah, o antigo xerife? Não, não. Por quê?

Bernard gesticulou com a mão para que ele deixasse aquele pensamento para lá.

— O arquivo é sobre Wilkins — disse Lukas, observando Bernard com atenção. — George Wilkins.

Bernard fechou a cara, o que fez o bigode esconder seus lábios como uma cortina. Lukas limpou a garganta. O que tinha visto era praticamente o bastante.

— George morreu há alguns anos na Mec... — começou a dizer.

— Eu sei como ele morreu. — Bernard baixou um pouco o queixo. — Por que você quer ver esse arquivo?

— Pura curiosidade. Tenho um amigo que...

— Qual o nome desse amigo?

As mãozinhas de Bernard deslizaram da barriga para o bolso do macacão. Ele se afastou do arquivo e deu um passo à frente.

— O quê?

— Esse amigo, ele estava envolvido de algum modo com George? Era um amigo muito íntimo?

— Não. Não que eu saiba. Olhe, se for um problema, não se preocupe... — Lukas queria simplesmente perguntar, perguntar por que ele tinha feito aquilo.

Mas Bernard parecia ter a intenção de dizer a ele sem rodeios.

— É um problema, sim — disse Bernard. — George Wilkins era um homem perigoso. Um homem de *ideias*. Do tipo que flagramos aos sussurros, que envenenam as pessoas ao redor...

— O quê? Não entendi.

— Seção treze da Ordem. Estude. Todas as insurreições começariam *lá* se deixássemos, começariam com homens como ele.

O queixo de Bernard tinha baixado até seu peito. Os olhos observavam por cima da armação dos óculos. A verdade exposta livremente sem o disfarce que Lukas tinha planejado.

Lukas na verdade nunca tinha precisado daquela pasta. Ele encontrara os registros de viagem que coincidiam com a morte de George, as dezenas de e-mails pedindo a Holston para encerrar logo o caso. Bernard não sentia vergonha. George Wilkins não tinha morrido; tinha sido assassinado, e Bernard estava disposto a contar a ele por quê.

— O que ele fez? — perguntou baixo Lukas.

— Vou lhe contar o que ele fez. Ele era um mecânico, lá das profundezas. Começamos a escutar conversas entre os portadores sobre esses planos circulando, ideias para expandir a mina, fazer uma escavação lateral. Como você sabe, escavações laterais são proibidas...

— É óbvio.

Lukas imaginou mineiros do Silo 18 escavando e encontrando os mineiros do 19. Ia ser, no mínimo, esquisito.

— Uma longa conversa com o antigo chefe da Mecânica deu um fim a essa besteira, e depois George Wilkins veio com a ideia de expandir *para baixo*. Ele e alguns outros desenharam a planta para o nível cento e cinquenta. E depois até o cento e sessenta.

— *Dezesseis* novos níveis?

— Só para começar. Enfim, esses eram os rumores. Só sussurros, alguns rascunhos. Mas algum desses sussurros chegou aos ouvidos de um portador, e então ficamos alertas.

— Então você o matou?

— Alguém matou, sim. Não importa quem. — Bernard ajeitou os óculos com uma das mãos, enquanto a outra ficou no bolso da barriga de seu macacão. — Você vai ter que fazer essas coisas um dia, filho. Sabe disso, não sabe?

— Sim, mas...

— Nada de mais. — Bernard sacudiu a cabeça lentamente. — Alguns homens são como vírus. A menos que queira ver uma praga irrompendo, você vacina o silo contra eles. Você os extirpa.

Lukas permaneceu em silêncio.

— Nós removemos catorze ameaças este ano, Lukas. Tem ideia de qual seria a expectativa de vida se não fôssemos proativos em relação a essas coisas?

— Mas as limpezas...

— Úteis para lidar com pessoas que querem *sair*. Que sonham com um mundo melhor. Esse levante que estamos vivendo agora mesmo está cheio de gente assim, mas é apenas uma espécie de doença com a qual temos de lidar. A limpeza é como uma cura. Não tenho certeza se alguém com outra doença chegaria realmente a fazer a limpeza se os mandássemos lá para fora. Eles têm que querer *ver* o que mostramos para que funcione.

Isso fez Lukas se lembrar do que havia descoberto sobre os capacetes, os visores. Tinha suposto que era o único tipo de doença que havia. Estava começando a desejar ter lido mais da Ordem e menos do Legado.

— Ouviu este último conflito no rádio? Tudo isso poderia ser evitado se tivéssemos percebido a doença mais cedo. Diga que não seria melhor.

Lukas olhou suas botas. A lata de lixo estava ali perto, caída de lado. Parecia triste, assim. Não servia mais para guardar coisas.

— Ideias são contagiosas, Lukas. Isso é o básico da Ordem. Você sabe.

Ele assentiu. Pensou em Juliette e em por que ela não ligava pelo que parecia uma eternidade. Ela era um dos vírus de que Bernard estava falando. As palavras dela penetrando a mente dele e o contaminando com sonhos sobre o exterior. Sentiu o corpo inteiro enrubescer e se esquentar ao perceber que também tinha sido contaminado. Queria tocar o bolso do peito, sentir os objetos dela, o relógio de pulso, o anel, o cartão de identificação. Ele os pegara para se lembrar de Juliette após a morte, mas os itens tinham se tornado ainda mais preciosos, sabendo que ela ainda estava viva.

— Este levante não foi nem de perto tão ruim quanto o anterior — contou-lhe Bernard. — E, mesmo depois *daquele*, as coisas acabaram se reorganizando, o dano foi reparado, as pessoas acabaram esquecendo. A mesma coisa vai acontecer aqui. Está claro?

— Sim, senhor.

— Excelente. Agora, isso era tudo o que você queria saber sobre a pasta?

Lukas assentiu.

— Bom. Parece que, de qualquer modo, você precisa mesmo ler outra coisa agora.

O bigode de Bernard se retorceu com um meio sorriso. Ele se virou para ir embora.

— Foi você, não foi?

Bernard parou, mas não se desvirou para encarar Lukas.

— A pessoa que matou George Wilkins. Foi você, não foi?

— Isso importa?

— Importa. Importa para... para mim. Significa...

— Ou para seu *amigo*?

Bernard então se voltou para olhá-lo. Lukas sentiu a temperatura no ambiente subir mais um pouco.

— Está com dúvidas, filho? Sobre este cargo? Será que eu estava errado sobre você? Porque já estive errado antes.

Lukas engoliu em seco.

— Só quero saber se é algo que um dia eu terei que... Quer dizer, já que sou sua sombra...

Bernard deu alguns passos na direção de Lukas, que reagiu dando um passo para trás.

— Não achei que estivesse errado sobre você. Mas estava, não estava? — Bernard balançou a cabeça. Parecia aborrecido. — Droga — resmungou.

— Não, senhor. Não estava errado, não. Acho que é porque estou aqui há tempo demais. — Lukas afastou o cabelo da testa. Seu couro cabeludo coçava. Ele precisava ir ao banheiro. — Talvez eu só precise de um pouco de ar, sabe? Passar um tempo em casa? Dormir na minha cama. Quanto tempo faz, um mês? Quanto tempo preciso...

— Quer sair daqui?

Lukas assentiu.

Bernard olhou para as próprias botas e pareceu refletir por algum tempo. Quando ergueu a cabeça, havia tristeza em seu olhar, no bigode curvado, nos olhos úmidos e vítreos.

— É isso o que você quer? Sair?

Ele arrumou as mãos no interior do macacão.

— Sim, senhor — assentiu Lukas.

— Diga.

— Eu quero sair. — Lukas olhou para a porta de aço pesada atrás de Bernard. — Por favor. Eu quero que me deixe sair.

— Sair.

Lukas assentiu, exasperado. O suor fazia cócegas em seu rosto e escorria até o queixo. De repente, sentiu muito medo daquele homem, do homem que de repente fazia com que se lembrasse ainda mais de seu pai.

— Por favor — disse Lukas. — É só que... Estou começando a me sentir enjaulado. Por favor, me deixe sair.

Bernard assentiu. Suas bochechas tremiam. Ele parecia prestes a chorar. Lukas

nunca tinha visto aquela expressão no rosto do homem.

— Xerife Billings, está me ouvindo?

Sua mãozinha saiu do macacão e levou o rádio até o bigode trêmulo e triste.

A voz de Peter estalou em resposta.

— Estou aqui, senhor.

Bernard apertou o transmissor.

— Você ouviu o homem — disse ele, com lágrimas nos olhos. — Lukas Kyle, engenheiro de primeira classe da TI, disse que quer *sair*...

77

Silo 17

– Alô? Walk? Shirly?

Juliette gritava no rádio. Os órfãos e Solo a observavam, vários degraus abaixo. Ela e as crianças tinham atravessado as plantações às pressas e feito apresentações breves, conferindo o rádio o tempo todo. Vários níveis tinham se passado, os outros subindo com dificuldade atrás dela, e ainda não obtivera resposta, nada desde que fora cortada, com o som de tiros entremeando as palavras de Walker. Ela continuava a pensar que talvez, se subisse mais, se tentasse de novo... Checou a luzinha ao lado do botão de ligar e viu que ainda havia bateria, aumentou o volume até ouvir a estática. Sabia que estava funcionando.

Apertou o botão, e a estática emudeceu. O rádio continuava esperando que ela falasse.

— Por favor, gente, diga alguma coisa. Aqui é Juliette. Vocês podem me ouvir? Digam alguma coisa.

Ela olhou para Solo, apoiado no homem que o agredira.

— Acho que precisamos subir mais. Vamos. E mais depressa.

Ela ouviu resmungos. Aqueles pobres refugiados do Silo 17 agiam como se fosse Juliette quem tivesse enlouquecido. Mas eles a seguiam escada acima, o ritmo ditado por Solo, que pareceu ter melhorado com um pouco de água e frutas, mas ficava mais lento conforme passavam pelos andares.

— Onde estão esses seus amigos com quem falamos? — perguntou Rickson. — Será que eles podem vir ajudar? — O jovem soltou um grunhido quando Solo balançou para o lado. — Ele é pesado.

— Eles não vêm nos ajudar — disse Juliette. — Não há como vir de lá para cá.

Ou vice-versa, disse para si mesma.

Seu estômago estava embrulhado de preocupação. Ela precisava chegar à TI e

ligar para Lukas, descobrir o que estava acontecendo. Precisava lhe contar como tudo tinha dado tão errado, como estava fracassando a cada passo. Não tinha volta, ela se deu conta. Não havia como salvar seus amigos. Não havia como salvar o Silo 17. Olhou para trás, por cima do ombro. Sua vida agora era ser mãe daquelas crianças órfãs, crianças que tinham sobrevivido apenas porque as pessoas que haviam sobrado, que cometeram tamanha violência umas contra as outras, não tiveram a coragem de matá-las. Ou o *desejo*, pensou.

E agora a responsabilidade era dela. E de Solo, embora em menor grau. Ele provavelmente seria apenas mais um para ela cuidar.

Terminaram a subida gradual de mais um lance. Solo parecia ter se recuperado um pouco. Estavam avançando, mas ainda havia um longo caminho a percorrer.

Pararam nos níveis intermediários para irem ao banheiro, enchendo mais vasos sanitários nos quais nunca se daria descarga. Ela ajudou as crianças menores. Elas não gostavam de fazer assim, preferiam fazer na terra. Juliette explicou que tinham razão, e que só estavam fazendo aquilo por estarem andando. Não contou sobre os anos que Solo tinha passado estragando níveis inteiros de apartamentos. Não contou sobre as nuvens de moscas que tinha visto.

Eles terminaram com o que restava da comida, mas tinham bastante água. Juliette queria chegar às plantações hidropônicas no andar cinquenta e seis antes de pararem para passar a noite. Lá havia comida e água suficientes para o resto da viagem. Tentou usar o rádio várias vezes, sabendo que a bateria estava acabando. Não houve resposta. Ela não entendia, para começar, como conseguira ouvi-los. Todos os silos devem usar equipamentos diferentes, algum modo de não ouvirem uns aos outros. Tinha que ser Walker, algo que ele construíra. Quando voltasse à TI, será que conseguiria descobrir como? Será que conseguiria entrar em contato com ele ou com Shirly? Não tinha certeza, e Lukas não tinha como falar com a Mecânica de onde estava, não havia como fazer isso. Juliette tinha pedido várias vezes.

Lukas...

E ela se *lembrou*.

O rádio no abrigo de Solo. O que Lukas tinha dito certa noite? Eles estavam conversando tarde, e ele disse que se pudesse conversaria com ela das profundezas, onde era mais confortável. Não era assim que ele se atualizava sobre o levante? Era pelo rádio. Como o que havia no abrigo de Solo, abaixo dos servidores, trancado por trás daquela grade de aço cuja chave ela nunca tinha encontrado.

Juliette se virou e encarou o grupo. Eles pararam de subir, seguraram os

corrimões e a encararam de volta. Helena, a jovem mãe que não sabia nem a própria idade, tentou confortar a bebê quando ela começou a chorar. A neném sem nome preferia o balanço da subida.

— Eu preciso subir — disse Juliette, e olhou para Solo. — Como está se sentindo?

— Eu? Estou bem.

Ele não parecia bem.

— Você pode levá-los lá para cima? — Ela apontou para Rickson com a cabeça. — Você está bem?

O garoto fez que sim uma vez. Sua resistência parecia ter desmoronado na subida, especialmente durante a parada para ir ao banheiro. Enquanto isso, as crianças mais novas entravam em um estado de pura excitação por verem partes novas do silo, por descobrirem que podiam falar alto sem que coisas horríveis acontecessem com elas. Estavam começando a aceitar a ideia de terem sobrado dois adultos, e nenhum deles parecia tão mau assim.

— Tem comida no cinquenta e seis — disse ela.

— Números... — Rickson sacudiu a cabeça. — Eu não...

É claro. Para que ele ia precisar contar números que nunca ia viver para ver, e por várias razões?

— Solo mostrará a vocês onde é — disse Juliette. — Já ficamos lá antes. Comida boa. Coisas enlatadas também. Solo? — Ela esperou até que ele a encarasse, com a expressão distante começando a desaparecer. — Tenho que subir até onde você mora. Preciso falar com umas pessoas, tudo bem? Meus amigos. Preciso saber se eles estão bem.

Solo assentiu.

— Vocês vão ficar bem? — Ela estava odiando deixá-los, mas era necessário. — Vou tentar voltar para encontrar vocês amanhã. Não se apressem para chegar lá em cima, está bem? Não precisam correr para casa.

Casa. Será que já estava resignada a isso?

O grupo assentiu. Um dos garotos pequenos pegou a garrafa de água da bolsa do outro e desatarraxou a tampa. Juliette se virou e começou a subir os degraus, dois de cada vez, mesmo com as pernas implorando que ela não o fizesse.

* * *

Juliette estava na altura dos níveis quarenta quando se deu conta de que talvez não conseguisse. O suor gelava sua pele, as pernas estavam mais que latejando,

mais que doendo: estavam dormentes de fadiga. Ela viu que os braços faziam grande parte do esforço que a levava adiante, agarrados ao corrimão com mãos grudentas enquanto ela subia mais dois degraus.

Sua respiração estava ofegante. Estava assim desde os últimos doze andares. Ela se perguntou se tinha prejudicado os pulmões em sua missão embaixo d'água. Será que isso era possível? Seu pai saberia. Pensou em como seria passar o resto da vida sem um médico, ficar com dentes tão amarelados quanto os de Solo, cuidar de uma criança grande e enfrentar o desafio de garantir que não se fizessem mais delas até que as crianças ficassem mais velhas.

No andar seguinte, tocou o quadril onde o implante de controle de natalidade estava sob sua pele. Essas coisas faziam mais sentido à luz do Silo 17. *Tanto* em sua vida anterior agora fazia sentido. Coisas que antes pareciam distorcidas agora apresentavam certo padrão, uma lógica em torno delas. O custo de enviar um e-mail, o espaçamento dos andares, haver apenas aquela única escada estreita e sempre cheia, as cores brilhantes para tarefas específicas, dividir o silo em seções, promover a desconfiança... Tudo era intencional. Ela vira indícios antes, mas nunca soube por quê. Agora aquele silo vazio lhe mostrava, a presença daquelas crianças lhe mostrava. No fim, algumas coisas distorcidas pareciam ainda piores quando consertadas. Certos nós emaranhados só faziam sentido quando desembaraçados.

Sua mente se distraiu enquanto ela subia, viajou para evitar as dores nos músculos, para escapar das provações do dia. Chegar finalmente na altura dos trinta deu a ela, se não um fim ao sofrimento, pelo menos a renovação de sua obstinação. Parou de tentar operar o rádio com tanta frequência. A estática nunca mudava, e ela tivera uma ideia para contatar Walker, algo que devia ter compreendido antes, um modo de fazer um desvio nos servidores e se comunicar com os outros silos. A resposta estivera ali todo o tempo, bem na cara dela e de Solo. Havia uma pequena desconfiança de que pudesse estar errada, mas por que trancar um rádio que já estava trancado de dois outros modos diferentes? Só faria sentido se aquele aparelho fosse extremamente perigoso, exatamente como ela esperava.

Juliette subiu até o trigésimo quinto com os pés em frangalhos. Seu corpo nunca passara por provação tão grande, nem mesmo enquanto fixava a pequena bomba, nem durante a caminhada no exterior. Só sua força de vontade a ajudava a erguer cada pé, pisar no degrau seguinte (agora um de cada vez), esticar a perna, puxar com o braço e se projetar para a frente e então repetir tudo de novo. O bico da bota batia no degrau seguinte, ela mal conseguia erguê-lo o bastante.

As luzes verdes de emergência não lhe davam qualquer noção da passagem do tempo, nenhuma ideia se já era noite ou quando seria de manhã. Sentia desesperadamente a falta de seu relógio. Tudo o que possuía naqueles dias era sua faca. Ela riu da mudança: ir de contar os segundos de sua vida a ter que lutar por cada um deles.

Trinta e quatro. Era tentador deitar ali na grade de aço e dormir, se encolher como em sua primeira noite naquele lugar, simplesmente grata por estar viva. Em vez disso, ela abriu a porta, impressionada com o esforço que isso tinha exigido, e voltou à civilização. Luz. Força. Calor.

Seguiu cambaleante pelo corredor com a visão tão reduzida que era como se só enxergasse por uma faixa estreita no centro, todo o resto girando e fora de foco.

Seu ombro tocou a parede. Caminhar exigia esforço. Tudo o que ela queria era ligar para Lukas e ouvir sua voz. Pensava em dormir atrás daquele servidor, o ar quente soprado pela ventilação em cima dela, os fones presos aos ouvidos. Ele poderia murmurar sobre as estrelas distantes enquanto ela dormia por dias e dias.

Mas Lukas podia esperar. Ele estava trancado e em segurança. Juliette tinha todo o tempo do mundo para falar com ele.

Em vez de dormir, entrou no Laboratório dos Trajes, procurou na parede das ferramentas e nem ousou olhar para sua cama de armar. Bastaria um olhar e Juliette acordaria só no dia seguinte, fosse lá que dia fosse.

Pegou os alicates de pressão e estava prestes a sair dali, mas voltou para buscar a marreta pequena. As ferramentas eram pesadas, mas era uma sensação boa tê-las nas mãos, uma ferramenta em cada, puxando seus braços para baixo, esticando seus músculos e apontando para o chão, ajudando Juliette a manter o equilíbrio.

No fim do corredor, ela empurrou a porta pesada da sala dos servidores com o ombro. Empurrou até ranger e abrir. Só uma fresta. Larga o bastante para apenas ela passar. Correu na direção da escada o mais rápido que seus músculos anestesiados permitiam. Arrastava os pés o mais depressa que conseguia.

A grade estava no lugar. Juliette a puxou para fora e largou as ferramentas no chão com um estrondo. Ela não se importou; não quebrariam. Então caiu, as mãos suadas, e bateu com o queixo em um degrau. O chão se aproximou mais rápido do que previra.

Juliette se estatelou no chão, bateu com a canela no martelo. Era preciso muita força de vontade, quase um milagre, para se levantar, mas ela conseguiu.

Desceu o corredor e passou pela mesinha. Ali havia uma grade de aço e um

rádio, um rádio bem grande. Lembrou-se de seus dias como xerife. Eles tinham no gabinete um rádio parecido com aquele, usado para entrar em contato com Marnes quando ele estava em patrulha, para falar com Hank e o delegado Marsh. Mas aquele ali era diferente.

Pousou o martelo no piso e usou o alicate de pressão em uma das dobradiças. Apertar era difícil demais. Seus braços tremiam, balançavam sem força.

Juliette se posicionou, pôs um dos cabos da ferramenta apoiado no pescoço, entre a clavícula e o ombro. Segurou o cabo de cima com as duas mãos e empurrou para baixo, abraçando o alicate. Apertando. Então sentiu os cabos se moverem.

Houve um estalo alto, o som metálico do aço sendo partido. Ela foi para a dobradiça seguinte e fez a mesma coisa. Sua clavícula doía onde o cabo a apertava, e parecia que ela é que ia se quebrar, não a dobradiça.

Outra violenta explosão de metal.

Juliette agarrou a grade de aço e puxou. As dobradiças se soltaram. Ela começou a forçar para arrancar a grade, em busca do prêmio lá dentro, pensando em Walker e em toda a sua família, todos os seus amigos, no som das pessoas gritando ao fundo. Precisava fazê-los parar de lutar. Fazer todo mundo parar de lutar.

Quando abriu espaço suficiente entre o aço entortado e a parede, enfiou os dedos ali, agarrou com força e puxou, a grade envergando para longe da parede, da prateleira, revelando toda a unidade do rádio por baixo. Quem precisa de chaves? Que se danem as chaves. Ela apoiou todo o seu peso na grade e a transformou quase em outra dobradiça, amassando-a para abrir caminho.

O dial na frente era familiar. Ela o girou para ligar o aparelho e descobriu que se movia em cliques, em vez de rodar solto. Juliette se agachou, arfando e exausta. O suor corria por seu pescoço. Havia outra chave de energia. Ela a ligou, a estática surgiu nos alto-falantes e um chiado encheu a sala.

O outro botão. Era esse o que ela queria, que ela esperava encontrar. Achou que podiam ser cabos de rede como os que havia na parte de trás do servidor, ou circuitos como os dos controles de uma bomba, mas eram números pequeninos distribuídos ao redor do botão. Juliette sorriu, exausta, e girou até o ponteiro indicar o número 18. Seu lar. Ela pegou o microfone e apertou o botão.

— Walker, você está aí?

Juliette sentou no chão e se encostou na mesa. De olhos fechados e com o microfone perto do rosto, ela se imaginou dormindo assim. Entendeu o que Lukas dizia. Era confortável.

Ela apertou de novo.

— Walk? Shirly? Por favor, respondam.

O rádio estalou e ganhou vida.

Juliette abriu os olhos e olhou para o aparelho, as mãos tremendo.

Uma voz:

— É quem eu estou pensando?

— Aqui é Juliette. Quem está falando?

Seria Hank? Ela achou que talvez fosse ele. Ele tinha um rádio. Talvez ela tivesse errado completamente de silo. Talvez tivesse estragado tudo.

— Preciso de silêncio no rádio — exigiu a voz. — Todos desligados. Agora.

Será que isso era dirigido a ela? A mente de Juliette ficou muito confusa. Várias vozes soaram, uma após a outra. Havia estalidos de estática. Será que ela devia dizer alguma coisa? Não estava entendendo.

— Você não devia estar transmitindo nesta frequência — disse a voz. — Deveria ser enviada para a limpeza por isso.

A mão de Juliette caiu no colo. Ela se encostou na mesa, arrasada. Tinha reconhecido a voz.

Bernard.

Por semanas, ela quisera falar com aquele homem, tinha implorado em pensamento para que ele respondesse. Mas não agora. Agora ela não tinha nada a dizer. Só queria falar com seus amigos, fazer com que tudo ficasse bem.

Juliette apertou o botão do rádio.

— Chega de luta — disse ela.

Toda a sua força de vontade se esvaíra. Todo o desejo de vingança. Só queria que o mundo se acalmasse, que as pessoas vivessem, envelhecessem e um dia alimentassem as raízes...

— Por falar em limpeza — guinchou a voz. — Amanhã será a primeira de muitas que virão. Seus amigos estão em uma fila só esperando a vez de ir. E acho que você sabe qual será o sortudo que vai primeiro.

Ouviu-se um estalido, seguido por chiados e o ruído de estática. Juliette não se moveu. Ela se sentiu morta. Anestesiada. A vontade e a disposição foram drenadas de seu corpo.

— Imagine minha surpresa — disse a voz. — Imagine quando descobri que um homem decente, em quem eu confiava, tinha sido envenenado por você.

Juliette apertou o botão do microfone com o punho, mas não o levou à boca. Em vez disso, simplesmente falou mais alto.

— Você vai queimar no inferno!

— Sem dúvida — disse Bernard. — Até lá, estou segurando algumas coisas que, acho, pertenceram a você. Um crachá com sua foto, um belo e delicado bracelete e esse anel de casamento, que não parece nada oficial. Eu fiquei curioso a esse respeito...

Juliette gemeu. Não conseguia sentir nenhuma parte de seu corpo. Mal podia ouvir os próprios pensamentos. Ela conseguiu apertar o microfone, mas isso exigiu cada resquício de força que ainda lhe restava.

— O que você está armando, seu merdinha escroto? — disse ela com raiva, a cabeça pendendo para o lado, o corpo implorando por sono.

— Estou falando de Lukas, que me traiu. Encontramos algumas coisas suas com ele agora mesmo. Exatamente há quanto tempo ele tem conversado com você? Muito antes dos servidores, não é? Bem, adivinhe só? Eu o estou mandando para perto você. E finalmente descobri o que você fez da última vez, o que os idiotas do Suprimentos a ajudaram a fazer, e quero lhe garantir, quero que você tenha certeza absoluta de que seu amigo não terá a mesma ajuda. Vou montar o traje dele pessoalmente. Eu mesmo. Vou virar a noite se for preciso. Então, quando ele sair de manhã, estarei certo de que não vai chegar nem *perto* daquelas malditas colinas.

78

Silo 18

Um grupo de crianças descia as escadas fazendo o maior barulho enquanto Lukas era escoltado para a morte. Uma delas gritou com um medo prazeroso, como se estivesse sendo perseguida. Elas se aproximaram em espiral, entrando no campo de visão deles, e Lukas e Peter tiveram que chegar bem para o lado para deixá-las passarem.

Peter fez seu papel de xerife e gritou para as crianças irem mais devagar, para tomarem cuidado. Elas riram e continuaram sua descida enlouquecida. Não havia aula naquele dia: não tinham mais que escutar os adultos.

Enquanto Lukas se espremia contra o corrimão, parou um momento para considerar a tentação. A liberdade estava a um pulo de distância. Uma morte de sua escolha, uma que ele já havia considerado no passado, quando seu humor ficava sombrio.

Peter o puxou para continuarem a subida, segurando seu cotovelo antes que Lukas pudesse agir. Ele se perdeu admirando aquela graciosa barra de aço, vendo como se curvava sem parar, sempre girando com a mesma regularidade, sem jamais ter fim. Viu-a como um saca-rolhas enfiado na terra, podia sentir suas vibrações, como em uma corda cósmica, como uma única sequência de DNA no coração do silo, com toda a vida agarrada a ela.

Pensamentos como esses dominavam sua mente enquanto Peter e ele subiam mais um nível em direção a sua morte. Viu pontos de solda passarem, alguns mais bem-feitos que outros. Alguns estavam enrugados como cicatrizes. Vários tinham sido polidos e ficaram tão lisos que ele quase não os percebia. Cada um era uma assinatura de seu criador: um trabalho que dava orgulho aqui, um trabalho feito às pressas após um dia longo de trabalho ali, uma sombra aprendendo a fazer algo pela primeira vez, um profissional experiente com décadas de prática, que fazia com que tudo parecesse muito fácil.

Lukas esfregou as mãos algemadas na pintura grosseira, com caroços e rugas,

as lascas faltando e revelando séculos de camadas, de cores que mudavam com a época ou com o suprimento de corantes, ou com o custo da tinta. As camadas lembravam a mesa de madeira que ele passara um mês encarando. Cada pequeno sulco marcava a passagem do tempo, assim como cada nome arranhado na superfície indicava o desejo louco de um homem de ter *mais* daquilo, de não deixar o tempo varrer sua pobre alma.

Os dois seguiram em silêncio por um longo tempo. Passaram um portador, com uma carga volumosa, e um casal, parecendo culpado. Sair da cripta do servidor não tinha sido a caminhada para a liberdade pela qual Lukas ansiara nas últimas semanas. Fora uma armadilha, a marcha da vergonha. Rostos nas soleiras, rostos nas plataformas dos andares, rostos nas escadas. Rostos inexpressivos e de olhar fixo. Rostos de amigos se perguntando se ele era o inimigo.

E talvez fosse.

Diriam que ele tinha perdido o controle e pronunciado o tabu fatal, mas Lukas agora sabia por que as pessoas eram mandadas para fora. Ele era o vírus. Se espirrasse as palavras erradas, mataria todos que conhecia. Fora esse o caminho percorrido por Juliette, e ele tivera a mesma falta de bom senso. Lukas acreditava nela, sempre acreditou, sempre soube que ela não fizera nada de errado, mas agora *realmente* entendia. Ela era como ele, de muitas maneiras. Exceto que ele não sobreviveria, sabia disso. Bernard lhe contara.

Estavam dez andares acima da TI quando o rádio de Peter emitiu um som. Ele tirou a mão do ombro de Lukas para aumentar o volume, ver se era para ele.

— Aqui é Juliette. Quem está aí?

Aquela voz.

O coração de Lukas acelerou um pouco antes de afundar completamente. Ele fixou o olhar no corrimão e ouviu.

Bernard respondeu e pediu silêncio. Peter pegou o rádio, abaixou o volume, mas não o desligou. As vozes subiam com eles, indo e vindo. Cada degrau e cada palavra oprimiam Lukas ainda mais, arrancavam outro pedaço dele. Ele estudou o corrimão e mais uma vez considerou a *verdadeira* liberdade.

Segurar, dar um pequeno salto e fazer um longo voo. Ele podia se sentir fazendo esses movimentos, dobrando os joelhos e jogando os pés por cima do corrimão.

As vozes no rádio discutiam. Diziam coisas proibidas. Não estavam nem aí para os segredos, achando que ninguém mais os ouvia.

Lukas viu a cena de sua morte se repetir várias vezes. Seu destino o aguardava

além daquela grade. A imagem era tão poderosa que atrasava seu ritmo de subida, afetava suas pernas.

Ele reduziu o passo, e Peter desacelerou junto. Os dois começaram a hesitar, a duvidar da convicção de sua subida enquanto ouviam a discussão entre Juliette e Bernard. A força em Lukas se esvaiu, e ele resolveu não pular.

Os dois homens estavam em dúvida.

79

Silo 17

Juliette acordou no chão, com alguém a sacudindo. Um homem de barba. Era Solo, e ela estava apagada no quarto dele, perto de sua mesa.

— Nós conseguimos — disse ele, exibindo os dentes amarelos.

Ele parecia melhor do que ela lembrava. Mais vivo. Ela se sentia como se estivesse morta.

Morta.

— Que horas são? — perguntou. — De que dia?

Tentou se sentar. Todos os músculos pareciam rasgados ao meio, desconectados, soltos sob a pele.

Solo foi até o computador e ligou o monitor.

— Os outros estão escolhendo quartos e depois vão às plantações superiores. — Ele se virou para olhá-la.

Juliette esfregou as têmporas.

— Há *mais gente* — disse Solo solenemente, como se isso ainda fosse novidade.

Juliette assentiu. Só havia uma pessoa em quem ela conseguia pensar naquele momento. Os sonhos voltaram a ela, sonhos com Lukas, todos os seus amigos em celas de custódia, uma sala de trajes se preparando para cada um deles, sem se importar se iam ou não fazer a limpeza. Seria um abate em massa, um símbolo para os que haviam restado. Ela pensou em todos os corpos do lado de fora do Silo 17. Era fácil imaginar o que viria depois.

— Sexta-feira — disse Solo olhando para o computador. — Ou quinta à noite, depende de como você preferir. Duas da manhã. — Ele coçou a barba. — Parece que dormimos mais que isso.

— Que dia foi ontem? — Ela sacudiu a cabeça. Aquilo não fazia sentido. — Em que dia eu mergulhei? Com o compressor?

Seu cérebro não estava funcionando.

Solo olhou-a como se estivessem tendo pensamentos parecidos.

— O mergulho foi na quinta. Hoje é amanhã. — Ele esfregou a cabeça. — Vamos começar de novo...

— Não temos tempo. — Juliette soltou um gemido e tentou se levantar.

Solo correu até ela e pôs as mãos sob seus braços para ajudá-la a se levantar.

— O Laboratório de Trajes — disse ela.

Solo assentiu. Juliette percebeu que ele estava exausto, talvez quase tanto quanto ela, mas ainda estava disposto a fazer qualquer coisa para ajudá-la. Isso a deixava triste, ver alguém tão leal.

Juliette o conduziu pela passagem estreita, e a subida da escada trouxe de volta uma legião de dores. Ele se arrastou para fora, até o chão da sala dos servidores. Solo a seguiu pela escada e a ajudou a ficar de pé. Eles foram juntos para o Laboratório de Trajes.

— Preciso de toda fita térmica que pudermos conseguir. — Instruiu-o enquanto ele a acompanhava, cambaleando entre os servidores até esbarrar em um deles. — Tem que ser do tipo dos rolos amarelos, material do Suprimentos. Não do tipo vermelho.

Ele assentiu e falou:

— Do tipo bom, que usamos no compressor.

— Isso.

Deixaram a sala dos servidores e seguiram pelo corredor. Juliette podia ouvir as crianças gritando excitadas depois da curva, seus pés batendo. Era um barulho estranho, como ecos de fantasmas. Mas algo normal. Alguma normalidade havia retornado ao Silo 17.

No Laboratório de Trajes, ela ocupou Solo com as fitas. Ele estendia longas tiras sobre a bancada de trabalho, sobrepondo as laterais, usando o maçarico para selar as emendas.

— Pelo menos dois centímetros de superposição — explicou a ele quando pareceu que ele estava economizando o material.

Ele assentiu. Juliette olhou para a cama de armar e pensou em desmoronar ali, mas não havia tempo. Pegou o menor traje na sala, um que tinha um colar de encaixe de diâmetro apropriado. Ela se lembrava da dificuldade de se espremer para entrar no Silo 17 e não queria repetir aquilo.

— Não vai dar tempo de preparar outro transmissor no traje, por isso não vou ter rádio. — Ela examinou o traje de limpeza, peça por peça, tirando as partes projetadas para não funcionar direito e caçando em meio ao material do Suprimentos as versões perfeitas. Algumas teriam que ser seladas com a fita boa.

O traje não ia ficar tão bonito e arrumadinho quanto o que Walker ajudara a montar, mas seria muito melhor do que o que Lukas receberia. Ela agarrou todas as peças que passara semanas tentando entender, maravilhada com o trabalho que dava produzir algo mais frágil do que parecia. Testou uma vedação da qual não estava segura, apertando-as com as unhas. A emenda se rompeu com facilidade. Ela pegou outra.

— Quanto tempo? — perguntou Solo, esticando com muito barulho outra tira de fita. — Vai ficar fora por um dia? Uma semana?

Juliette levou os olhos da bancada na qual estava trabalhando para a outra, ocupada por Solo. Ela não queria lhe dizer que havia a possibilidade de não conseguir. Era um pensamento lúgubre que preferia guardar para si mesma.

— Vamos descobrir um jeito de buscar você — disse ela. — Primeiro, tenho que tentar salvar alguém.

Aquilo parecia uma mentira. Ela queria dizer que talvez nunca mais voltasse.

— Com isso? — Solo esfregou a mão no cobertor de fita térmica.

Ela assentiu.

— As portas da minha casa nunca se abrem — disse a ele. — Não a menos que estejam mandando alguém para a limpeza.

Solo balançou a cabeça.

— Era a mesma coisa aqui, na época em que este lugar estava maluco.

Juliette olhou-o, intrigada, e viu que ele estava sorrindo. Solo tinha contado uma piada. Ela riu, mesmo que contra a vontade e descobriu que ajudava.

— Temos seis ou sete horas até aquelas portas se abrirem — contou. — E, quando se abrirem, quero estar lá.

— E depois o quê?

Solo desligou o maçarico, examinou seu trabalho e olhou para ela.

— Depois vou querer ver como eles explicam o fato de eu estar viva. Eu acho... — Ela trocou uma junta de vedação e girou o traje para mexer na outra manga. — Acho que meus amigos estão lutando de um lado da cerca, e as pessoas que me mandaram para cá estão lutando do outro. Todos os outros estão só olhando, a maioria do meu povo. Eles têm medo demais para tomar partido, o que basicamente significa que tiraram o corpo fora.

Ela fez uma pausa enquanto usava uma das pequenas pinças para remover a junta que unia o pulso à luva. Após retirá-la, pegou outra, de boa qualidade.

— Acha que vai mudar aquilo lá, salvando seu amigo?

Juliette ergueu os olhos para Solo e o estudou. Ele estava quase terminando com a fita.

— O mais importante em salvar meu amigo é salvar meu amigo — disse. — Acho que, quando toda aquela gente do outro lado souber que alguém da limpeza voltou para casa, isso vai fazer com que fiquem do lado certo, e, com esse apoio, as armas e a luta perdem o sentido.

Solo assentiu. Ele começou a dobrar a manta sem que lhe pedissem. Essa pequena iniciativa, de saber o que precisava acontecer em seguida, encheu Juliette de esperança. Talvez ele precisasse daqueles garotos, precisasse de alguém de quem cuidar. Já parecia ter amadurecido uns dez anos.

— Vou voltar para você e os outros — disse a ele.

Solo inclinou a cabeça e manteve os olhos em Juliette por alguns instantes. Seu cérebro parecia girar. Foi até a bancada dela, pôs ali a manta cuidadosamente dobrada e deu dois tapinhas. Um sorriso breve brilhou em sua barba, e então ele teve que se virar, teve que esfregar o rosto, como se estivesse coçando.

Juliette via em momentos assim que ele ainda era um adolescente. Ainda com vergonha de chorar.

* * *

Praticamente quatro das últimas horas de Lukas foram gastas no transporte do equipamento pesado até o nível três. As crianças ajudaram, mas Juliette fez com que ficassem um nível abaixo, preocupada com a qualidade do ar lá em cima. Solo a ajudou a vestir aquele traje pela segunda vez em dois dias. Ele a estudou, preocupado.

— Tem certeza disso?

Juliette balançou a cabeça e aceitou a manta de fita térmica. Rickson podia ser ouvido lá embaixo, mandando um dos meninos ficar quieto.

— Tente não se preocupar — disse ela. — O que há de ser, será. Mas preciso tentar.

Solo franziu a testa, coçou o queixo e assentiu.

— Você está acostumada a ficar perto do seu povo — disse ele. — De todo modo, devia ser mais feliz lá.

Juliette estendeu a mão e apertou o braço dele com uma de suas luvas grossas.

— Não que eu vá ser infeliz aqui. É que eu ficaria arrasada se soubesse que os deixei morrer sem tentar fazer alguma coisa.

— E eu, que estava começando a me acostumar com você por aqui...

Ele virou para o lado, se abaixou e pegou o capacete do chão. Juliette conferiu

as luvas, se assegurou de que tudo estava bem protegido e olhou para cima. A subida até o alto seria brutal naquele traje. Estava com medo disso. E de depois ter que atravessar os restos de todas aquelas pessoas no gabinete do xerife e passar pelas portas da câmara de pressurização. Ela pegou o capacete com medo do que estava prestes a fazer, apesar de suas convicções.

— Obrigada por tudo — disse ela, sentindo que aquilo era mais do que uma despedida.

Sabia que havia grandes chances de estar fazendo por vontade própria o que Bernard tentara tantas semanas antes. Sua limpeza fora adiada, mas agora seria retomada. Solo balançou a cabeça e deu uma volta ao redor dela para conferir suas costas. Checou o velcro, puxou o encaixe do capacete.

— Você está bem — disse ele, com a voz falhando.

— Se cuide, Solo.

Juliette esticou o braço e deu um tapinha no ombro dele. Tinha decidido carregar o capacete por mais um nível antes de vesti-lo, só para conservar seu ar.

— Jimmy — disse ele. — Acho que agora vou voltar a me chamar Jimmy.

Ele sorriu para Juliette. Sacudiu a cabeça com tristeza, mas sorriu.

— Não vou mais ficar sozinho — falou.

80

Juliette abriu caminho pelas portas da câmara pressurizada e subiu a rampa, ignorando os mortos ao seu redor, concentrada apenas em dar o passo seguinte. Depois disso, a parte mais difícil acabaria. O restante era espaço aberto e restos mortais espalhados, que ela gostaria de fingir que eram apenas montes de terra. Encontrar o caminho foi fácil. Ela simplesmente deu as costas para a metrópole em ruínas ao longe, aquela para onde se dirigira tanto tempo atrás, e começou a andar na direção contrária.

Enquanto fazia seu caminho pela paisagem, agora a visão de um morto de vez em quando parecia mais triste do que na caminhada anterior, mais trágica, por ela ter compartilhado de seu lar por um período. Juliette tomou cuidado para não incomodá-los, e passava pelos corpos com a solenidade que mereciam, desejando que pudesse ter feito mais.

Às vezes, eles rareavam e ela ficava sozinha com o ambiente. Enquanto lutava para subir aquele morro desolado, o som da areia fina batendo em seu capacete era bizarramente familiar e estranhamente reconfortante. *Esse* era o mundo em que ela vivia, no qual todos viviam. Pelo vidro transparente do capacete, Juliette via tudo com a maior clareza possível. As nuvens rápidas elevavam-se famintas e cinzentas; camadas de poeira varriam o solo. Pedras pontudas pareciam ter sido arrancadas de uma peça maior, talvez pelas máquinas que haviam montado aquelas colinas.

Quando chegou ao topo, fez uma pausa para analisar a paisagem. O vento era forte lá em cima, e seu corpo estava exposto. Juliette afastou as pernas e firmou as botas no chão para não cair. Então, olhou para o domo invertido que havia mais abaixo, o teto achatado de seu lar. Seus sentimentos eram uma mistura de excitação e medo. O sol baixo mal tinha começado a iluminar os montes distantes, e a torre dos sensores ainda estava nas sombras, ainda na noite. Ela iria conseguir, mas, antes de começar a descer a colina, viu-se olhando estupefata para outras depressões espalhadas, seguindo na direção do horizonte. Eram idênticas às plantas dos silos, até a distância entre as depressões, cinquenta delas.

E de repente lhe ocorreu com uma força violenta que aqueles outros incontáveis silos tão próximos levavam suas vidas adiante. Pessoas *vivas*. Mais silos, não apenas o dela e o de Solo. Silos que nada sabiam, cheios de pessoas que acordavam para trabalhar, ir à escola e talvez até mesmo para a limpeza.

Juliette girou para ver tudo, perguntando-se se havia outras pessoas lá fora naquele exato momento com trajes parecidos, e com um conjunto de medos diferente em seus corações. Se pudesse chamá-los, chamaria. Se pudesse acenar para todos os sensores ocultos, acenaria.

O mundo tomava uma dimensão diferente, uma nova escala, visto daquela altura. Sua vida tinha sido banida semanas atrás, e provavelmente deveria ter acabado, se não na colina diante de seu lar, com certeza nas profundezas inundadas do Silo 17. Mas não terminara assim. Em vez disso, ia provavelmente terminar ali, naquela manhã com Lukas. Eles poderiam queimar juntos na câmara de pressão, caso seu palpite estivesse errado. Ou poderiam ficar caídos na depressão daquela colina e se desfazer como um casal, um casal cuja afinidade tivesse surgido a partir de conversas desesperadas que se estendiam pela noite, uma ligação intensa entre duas almas desamparadas, da qual nunca se falou, a qual não se admitiu.

Juliette prometera a si mesma nunca mais amar em segredo, nunca mais na vida amar. E de alguma forma, daquela vez era pior. Havia mantido segredo até mesmo para ele. Até *para ela mesma*.

Talvez fosse a proximidade da morte, o ceifador golpeando seu capacete transparente com areia e toxinas. O que importava ver como o mundo era grande e populoso? Seu silo provavelmente seguiria em frente. Outros silos com certeza seguiriam também.

Uma rajada forte de vento a atingiu, quase arrancando o cobertor dobrado de suas mãos. Juliette se firmou, organizou os pensamentos e começou a descida, bem mais fácil, na direção de seu lar. Ela se agachou atrás da crista das colinas, com suas paisagens realistas e elevações tristes, para escapar dos ventos fortes e cáusticos. Seguiu aquela depressão entre dois morros, fazendo uma trilha sinuosa na direção da imagem triste de um casal enterrado em plena vista, que marcava seu caminho fatídico, desesperado e cansativo até em casa.

* * *

Juliette chegou cedo à rampa. Não havia ninguém à vista, e o sol ainda estava escondido atrás dos morros. Enquanto descia apressada a encosta, ela se

perguntava o que iriam pensar se a vissem nos sensores, caminhando daquele jeito desajeitado em direção ao silo.

Ao pé da rampa, ficou perto das portas fechadas e esperou. Conferiu o cobertor de fita térmica e repassou os procedimentos em sua cabeça. Ela havia revisto todos os cenários possíveis durante sua escalada, em seus sonhos mais loucos e durante a caminhada pelo exterior selvagem. Iria funcionar, falou para si mesma. A mecânica era confiável. A única razão pela qual ninguém sobrevivia à limpeza era por nunca terem tido ajuda. Não podiam levar ferramentas ou outros recursos. Mas ela podia.

O tempo parecia não passar. Era como seu relógio delicado e precioso quando ela se esquecia de dar corda. A terra presa na borda da rampa se movia impacientemente como ela, e Juliette se perguntou se talvez a limpeza tivesse sido cancelada, se ela ia morrer sozinha. Seria melhor, pensou. Respirou fundo, desejando ter levado mais ar, o bastante para uma viagem de volta, só por garantia. Mas estivera preocupada demais com a realização da limpeza para pensar que poderia não ser o bastante.

Após esperar muito, com os nervos inflamados e o coração acelerado, ela ouviu um ruído, um ruído de engrenagens em movimento, de metal raspando em metal.

Juliette ficou tensa, os braços tremendo de medo. Tinha chegado a hora. Ela se remexeu no lugar enquanto escutava o ranger das portas pesadas se preparando para regurgitar o pobre Lukas. Desdobrou parte da manta e esperou. Seria bem rápido. Ela sabia. Mas estaria no controle. Ninguém poderia sair para impedi-la.

Com um rangido terrível, as portas do Silo 18 se abriram, e um jato de argônio foi lançado sobre Juliette. A névoa a envolveu. Ela estendeu as mãos, tateando cegamente para a frente, a manta esvoaçante batendo ruidosamente no seu peito. Esperava esbarrar nele, de repente começar a lutar com um homem assustado e surpreso. Tinha se preparado para segurá-lo no chão e envolvê-lo bem na manta.

Mas não havia ninguém na porta, ninguém tentando sair e escapar das chamas iminentes.

Juliette praticamente caiu na câmara. Seu corpo esperava resistência, como a de uma bota subindo um degrau escuro, e em vez disso encontrou apenas o espaço vazio.

À medida que o argônio ia se dissipando e a porta começou a ranger se fechando, ela teve uma breve esperança, uma minúscula fantasia de que não haveria limpeza. De que as portas simplesmente tinham sido abertas para ela, para recebê-la de volta. Talvez alguém a tivesse visto descer a encosta e tomara a

decisão arriscada de perdoá-la, e então tudo ficaria bem...

Mas, assim que conseguiu enxergar pela nuvem de gás, ela viu que esse não era o caso. Um homem, vestindo traje de limpeza, estava ajoelhado no centro da câmara pressurizada com as mãos nas pernas, encarando a porta interna.

Lukas.

Juliette correu até ele quando um halo de luz se formou na câmara. As mangueiras de incêndio começando a funcionar, refletindo-se no plástico brilhante. A porta se fechou atrás dela e os trancou lá dentro.

Juliette desdobrou a manta e a sacudiu, para que ele pudesse vê-la e soubesse que não estava sozinho.

O traje não conseguiu esconder o choque. Lukas ficou pasmo, seus braços se ergueram em alarme no momento em que as chamas começavam a ser lançadas.

Juliette balançou a cabeça, sabendo que podia ser vista através do capacete transparente, ainda que ela não conseguisse ver Lukas. Com um movimento ensaiado várias vezes em sua mente, ela jogou a manta sobre a cabeça dele e se ajoelhou depressa, cobrindo-se também.

Era escuro embaixo da fita térmica. A temperatura externa subia. Ela tentou gritar para Lukas que tudo ficaria bem, mas sua voz saiu abafada dentro do capacete. Enfiou as bordas da manta por baixo dos joelhos e se ajeitou até que ficassem bem presas. Depois esticou o braço para a frente e tentou envolvê-lo com o material também, assegurando-se de que suas costas estivessem totalmente protegidas.

Lukas parecia saber o que ela estava fazendo. Suas mãos enluvadas tocaram os braços dela e repousaram ali. Ela sentia como ele estava imóvel, como estava calmo. Não conseguia acreditar que ele iria esperar ali, que escolhera queimar em vez de fazer a limpeza. Ela não se lembrava de ninguém que tivesse feito essa escolha. Isso a deixou preocupada enquanto os dois se encolhiam juntos na escuridão, tudo ao redor esquentando.

As chamas lamberam a fita térmica com tanta força que dava para senti-las como um vento forte. A temperatura subia. O suor escorria pelos lábios e pela testa dela, mesmo com todos os forros de qualidade superior de seu traje. A manta não seria o bastante. Não iria manter Lukas vivo em seu traje. O medo em seu coração era apenas por ele, mesmo quando sua pele começou a esquentar.

Seu pânico pareceu chegar até ele, ou talvez ele estivesse sentindo um ardor muito pior. As mãos de Lukas tremiam junto dela. E então Juliette o sentiu literalmente enlouquecer, percebeu que ele tinha mudado de ideia, começado a queimar, *alguma coisa*.

Lukas a empurrou e a afastou dele. Uma luz brilhante penetrou em seus capacetes protetores quando ele começou a rastejar para fora da manta, chutando-a para longe.

Juliette gritou para que ele parasse. Rastejou atrás dele, agarrou seu braço, sua perna, sua bota, mas ele a chutou, bateu nela com os punhos, tentando alucinadamente escapar dali.

A manta caiu da cabeça dela, e a luz quase a cegou. Ela sentiu o calor intenso, podia ouvir o capacete estalar e produzir ruídos, viu uma bolha clara se formar no topo e afundar. Não via Lukas, não conseguia senti-lo, via apenas uma luz ardente e sentia um calor causticante queimá-la sempre que o traje encostava em seu corpo. Gritou de dor e puxou a manta de novo por cima da cabeça e cobriu o plástico transparente.

E as chamas continuaram a arder.

Ela não conseguia senti-lo. Não conseguia vê-lo. Não haveria como achá-lo. Mil queimaduras irromperam por seu corpo como se fossem facas penetrando na carne. Juliette ficou sentada, sozinha, embaixo daquele filme fino de proteção, queimando, suportando o fogo insistente e chorando lágrimas mornas. Seu corpo entrou em convulsões de choro e raiva, xingando o fogo, a dor, o silo e o mundo inteiro.

Até que, por fim, ela não tinha mais lágrimas e o combustível se esgotou. A temperatura fervente caiu para apenas escaldante, e Juliette se livrou da manta quente. Sua pele parecia estar em chamas. Queimava em qualquer lugar que tocasse o interior do traje. Ela procurou por Lukas e viu que não precisaria ir longe.

Lukas estava jogado na porta, seu traje chamuscado e se desfazendo onde ainda existia. Seu capacete estava no lugar, o que a poupou do horror de ver seu rosto jovem, mas o domo tinha derretido e se deformado muito mais do que o dela. Ela se aproximou rastejando, consciente de que a porta às suas costas estava se abrindo, que eles a estavam vindo buscar, que estava tudo acabado. Ela havia falhado.

Juliette chorou ao ver os lugares do corpo dele que tinham sido expostos, o traje e as roupas de baixo cinza-carbono queimados. Viu seu braço, negro e carbonizado. A barriga bizarramente distendida. Suas mãos pequenas, tão diminutas e magras, queimadas até...

Não.

Ela não entendia. Chorou de novo e bateu com a mão enluvada e fumegante no capacete em forma de bolha e gritou em choque, em uma mistura de raiva e

alívio abençoado.

Não era Lukas que estava morto diante dela.

Aquele era um homem que não merecia nem uma só de suas lágrimas.

81

Silo 18

A consciência, assim como as pontadas esporádicas de dor das queimaduras, ia e vinha.

Juliette se lembrava de uma névoa densa, de botas pisando com força ao seu redor, de ficar deitada de lado no forno de uma câmara de pressão. Ela observou o mundo se deformar enquanto o capacete, agora viscoso, caía em cima dela, derretendo. Uma estrela prateada brilhante assomou em sua visão, tremulando até parar diante de seu capacete. Peter Billings olhou-a pelo visor, sacudiu seus ombros chamuscados e gritou para as pessoas que circulavam por perto que fossem ajudar.

Eles a levantaram e a tiraram daquele lugar quente. O suor escorria de seus rostos, e um traje derretido foi retirado do corpo dela.

Juliette passou flutuando por seu antigo gabinete, como um fantasma, deitada de costas. Rodas rangiam abaixo dela enquanto passavam por fileiras e fileiras de barras e por um catre vazio em uma cela vazia.

Eles a carregaram em círculos.

Para baixo.

Ela despertou com o bipe da máquina que monitorava seu corpo e viu um homem vestido como seu pai.

Ele foi o primeiro a perceber que ela estava acordada. Suas sobrancelhas se ergueram, ele sorriu e balançou a cabeça por cima do ombro para alguém que estava às suas costas.

E Lukas estava ali. O rosto dele, tão familiar e tão estranho, entrou em seu campo de visão borrado. Ela sentiu as mãos dele nas suas. Sabia que aquela mão estava ali havia algum tempo. Ele estava chorando e rindo enquanto acariciava seu rosto. Jules queria saber o que era tão engraçado. O que era tão triste. Ele apenas sacudiu a cabeça enquanto ela voltava a pegar no sono.

* * *

O problema não era apenas que as queimaduras eram feias, mas que estavam por toda parte.

Os dias de recuperação foram passados entrando e saindo do estado de confusão resultante dos analgésicos.

Toda vez que via Lukas, ela se desculpava. Todo mundo estava na maior agitação. Peter apareceu. Havia pilhas de bilhetes enviados das profundezas, mas ninguém teve autorização para subir. Ninguém mais podia vê-la além do homem vestido como seu pai e das mulheres que a faziam lembrar de sua mãe.

* * *

Os pensamentos de Juliette clarearam rapidamente quando isso foi permitido.

Ela despertou do que pareceu um sono profundo. Foram semanas indistintas, pesadelos em que se afogava ou se queimava, em que estava no exterior ou com doze silos iguais ao dela. As drogas tinham evitado a dor, mas também a deixavam desnorteada. Ela não se importava com as pontadas e dores se isso significasse recuperar o raciocínio. Era uma troca óbvia.

— Oi.

Juliette virou a cabeça para o lado... E Lukas estava ali. Será que em algum momento não esteve? Um cobertor que o envolvia na altura do peito caiu no chão quando ele se debruçou para a frente, segurou sua mão e sorriu.

— Você está parecendo muito melhor.

Juliette passou a língua pelos lábios. A boca estava seca.

— Onde estou?

— Na enfermaria do trigésimo terceiro andar. Só fique calma. Quer que eu pegue alguma coisa para você?

Ela sacudiu a cabeça. Era uma sensação indescritível poder se mover, responder a palavras. Tentou apertar a mão dele.

— Estou toda dolorida — disse, sem forças.

Lukas riu e pareceu aliviado ao ouvir isso.

— Aposto que sim.

Ela piscou e olhou para ele.

— Há uma enfermaria no trinta e três?

As palavras dele pareciam ser absorvidas com algum atraso. Ele balançou a

cabeça gravemente.

— Sinto muito, mas é a melhor no silo. E conseguimos mantê-la em segurança. Mas esqueça isso. Descanse. Vou chamá-la.

Ele se levantou, deixando cair na cadeira um livro que estava em seu colo, que se enterrou em um monte de lençóis e travesseiros.

— Acha que consegue comer?

Ela assentiu e virou a cabeça, para olhar para o teto com suas luzes fortes. Estava começando a se lembrar de tudo. Memórias surgiam repentinamente como as pontadas de dor em sua pele.

* * *

Por vários dias, ela leu os bilhetes dobrados e chorou. Lukas se sentava ao seu lado e pegava os que caíam no chão como os aviões de papel lançados das plataformas dos andares. Ele não parava de se desculpar, falando sem parar como se tivesse sido o responsável por aquilo. Juliette leu todos muitas vezes, tentando entender quem tinha morrido e quem ainda estava assinando seu nome. A morte de Knox era inacreditável. Algumas coisas pareciam imutáveis, como a grande escadaria. Ela chorou por Knox e por Marck. Queria desesperadamente ver Shirly, mas disseram que não podia.

Fantasmas a visitavam quando a luz se apagava. Juliette acordava com os olhos ressecados e o travesseiro molhado, e Lukas acariciava sua testa dizendo que tudo ia ficar bem.

* * *

Peter aparecia com frequência. Juliette agradeceu-lhe repetidas vezes. Foi tudo Peter, tudo Peter. Foi ele quem fez aquela escolha. Lukas contou a ela sobre a escada, sua marcha para a limpeza, sobre ouvi-la no rádio de Peter e as implicações de sua sobrevivência.

Peter tinha assumido o risco, tinha escutado. Isso fez com que ele e Lukas conversassem. Lukas tinha dito coisas proibidas, afinal não corria risco de ser mandado para nenhum lugar pior, disse algo que a confundiu sobre ser um vírus perigoso, uma gripe contagiosa. O rádio não parava de emitir notícias de rendição do pessoal da Mecânica. Bernard os condenou à morte mesmo assim.

E Peter tinha que tomar uma decisão. Ele era a lei suprema, ou devia algo às

pessoas que o haviam posto naquela posição? Estava ali para fazer o certo ou o que esperavam que fizesse? Era muito fácil fazer o que esperavam dele, mas Peter Billings era um homem bom.

Lukas disse isso a ele na escada. Disse que eles tinham sido postos naquela situação pelo destino, mas o que fariam depois iria defini-los, mostrar quem realmente eram.

Ele contou a Peter que Bernard tinha matado um homem. Que tinha provas disso. Lukas não tinha feito nada para merecer aquilo.

Peter informou que toda a força de segurança da TI estava a cem andares de distância. Só havia uma arma lá em cima. Só uma lei.

A dele.

82

Semanas mais tarde
Silo 18

Os três estavam sentados ao redor de uma mesa de reunião. Juliette ajeitava a bandagem na mão para cobrir uma parte da cicatriz exposta. Os macacões que lhe tinham dado eram bem largos, para minimizar a dor, mas a camiseta que usava por baixo coçava em todo lugar que encostava. Ela estava sentada em uma das cadeiras estofadas e ia para trás e para a frente com o impulso dos pés, impaciente, louca para sair dali. Mas Lukas e Peter tinham coisas a discutir. Eles a haviam acompanhado até bem perto da saída, bem perto da escadaria, só para se sentarem com ela naquela sala. Para terem um pouco de *privacidade*, disseram. A expressão em seus rostos a deixou nervosa.

Passou-se um tempo sem que ninguém dissesse nada. Peter usou a desculpa de mandar um técnico buscar água, mas, quando a jarra chegou e encheram os copos, ninguém bebeu. Lukas e Peter trocavam olhares nervosos. Juliette ficou cansada de esperar.

— O que é? — perguntou. — Eu posso ir? Sinto que vocês estão adiando isso há dias. — Ela olhou seu relógio de pulso, sacudiu o braço para ele se soltar das ataduras e viu o pequeno mostrador. Olhou para Lukas do outro lado da mesa e teve que rir por causa da preocupação em seu rosto. — Estão tentando me manter aqui para sempre? Porque eu contei a todo mundo lá nas profundezas que ia vê-los amanhã à noite.

Lukas se virou para Peter.

— Vamos lá, gente, falem logo. Qual o problema, afinal? O médico disse que estou bem, que posso fazer a viagem até lá embaixo, e eu disse a vocês que passo para falar com Marsh e Hank se tiver algum problema. Já vou me atrasar se não começar a descer logo.

— Tudo bem — disse Lukas, soltando um suspiro. Era como se ele tivesse

desistido da ideia de que Peter fosse falar. — Já passaram algumas semanas...

— E vocês dois fizeram com que parecessem meses.

Ela deu corda no relógio, uma mania antiga que voltou como se nunca tivesse desaparecido.

— É só que... — Lukas levou o punho à boca e tossiu, limpando a garganta. — Não pudemos entregar todos os bilhetes que lhe enviaram.

Ele franziu a testa, parecendo culpado.

O coração de Juliette se apertou. Ela se inclinou para a frente, preparada para o que viria. Mais nomes iam mudar de uma lista deprimente para outra...

Lukas ergueu as mãos espalmadas.

— Não é nada disso — disse rapidamente, ao perceber a preocupação no rosto dela. — Ah, meu Deus, desculpe, não é nada disso...

— *Boas notícias* — disse Peter. — Bilhetes de congratulações.

Lukas lançou para Peter um olhar que deu a Juliette a impressão de que ela talvez não fosse achar o mesmo.

— Bem... é uma *notícia*.

Olhou-a do outro lado da mesa. As mãos dele estavam juntas à sua frente, repousando na madeira arranhada, assim como as dela. Parecia que eles poderiam movê-las alguns centímetros até que se encontrassem e seus dedos se entrelaçassem. Seria muito natural, após semanas de prática. Mas isso era algo que amigos preocupados faziam em hospitais, certo? Juliette refletiu enquanto Lukas e Peter começaram a falar sobre eleições.

— Esperem aí. O quê?

Ela piscou, tirou os olhos das mãos dele. Percebeu que aquela última parte tinha a ver com ela.

— Era o *momento* — explicou Lukas.

— Todo mundo só estava falando de você — disse Peter.

— Volte — disse ela. — *O que* você disse?

Lukas respirou fundo.

— Bernard era o único candidato quando nós o mandamos para a limpeza. Mas, quando começaram a circular notícias sobre seu retorno milagroso e as pessoas apareceram para votar mesmo assim...

— E foi *muita* gente — acrescentou Peter.

Lukas balançou a cabeça.

— Foi uma participação enorme. Mais da metade do silo.

— Tudo bem, mas... *prefeita*? — Ela riu e olhou ao redor da mesa de reunião arranhada, sem nada em cima além dos copos de água intocados. — Não tem

alguma coisa que eu precise assinar? Alguma maneira oficial de recusar essa maluquice?

Os dois homens trocaram olhares.

— É essa a questão — disse Peter.

Lukas sacudiu a cabeça.

— Eu *disse* a você...

— Gostaríamos que aceitasse.

— Eu? *Prefeita*? — Juliette cruzou os braços, recostou-se na cadeira dolorosamente e riu. — Vocês devem estar brincando. Eu não sei nada sobre...

— Você nem vai precisar — disse Peter, debruçando-se para a frente. — Você tem um gabinete, aperta algumas mãos, assina uns documentos, faz as pessoas se sentirem melhor...

Lukas deu um tapinha no braço dele e sacudiu a cabeça. Juliette se sentiu tomada por uma sensação de calor em toda a sua pele, o que só fez as feridas e cicatrizes coçarem ainda mais.

— O negócio é o seguinte — disse Lukas, enquanto Peter se recostava na cadeira —, nós *precisamos* de você. Falta poder no topo. Peter é a pessoa que está há mais tempo em seu posto, e você sabe que não é muito.

Ela estava escutando.

— Você se lembra de nossas conversas em todas aquelas noites? Lembra que me contou como era o outro silo? Entende como chegamos perto do mesmo final?

Ela mordeu o lábio, pegou um dos copos e bebeu um longo gole de água. Olhando por cima da borda do copo, esperou que Lukas continuasse.

— Nós temos uma chance, Jules. Para manter esse lugar funcionando. Fazê-lo *voltar* ao...

Ela pôs o copo na mesa e ergueu a mão espalmada para interrompê-lo.

— Se fôssemos fazer isso — disse tranquilamente, olhando de um rosto cheio de expectativas para outro. — *Se* fizermos isso, vai ser do meu jeito.

Peter franziu a testa.

— Chega de mentiras — disse ela. — Vamos dar uma chance à verdade.

Lukas deu um riso nervoso. Peter sacudiu a cabeça.

— Agora me escutem — disse ela. — Não é loucura. Não é a primeira vez que penso sobre isso. Droga, passei semanas sem nada para fazer além de pensar.

— A verdade?

Ela balançou a cabeça.

— Sei o que vocês dois estão pensando. Acham que precisamos de mentiras,

de medo...

Peter assentiu.

— Mas o que nós podemos inventar que seja mais assustador do que o que *realmente existe lá fora*?

Ela apontou para o teto e esperou que eles assimilassem o que falara.

— Quando esses lugares foram construídos, a ideia era que todos estávamos nisso juntos. Juntos, mas separados, sem saber da existência uns dos outros, para que não contaminássemos os demais se um de nós ficasse doente. Mas eu não *quero* jogar dessa forma. Não concordo com a causa deles. Eu me recuso.

Lukas inclinou a cabeça para o lado.

— É, mas...

— Então somos nós contra eles. Mas não as pessoas nos silos, não as pessoas que trabalham todo dia e que não sabem, mas aquelas no topo, as que *sabem*. O Silo 18 vai ser diferente. Cheio de conhecimento, de *propósito*. Pensem nisso. Em vez de manipular as pessoas, por que não estimulá-las e lhes dar mais poder? Deixar que saibam a situação que enfrentamos. E fazer com que isso *oriente* nosso desejo coletivo.

Lukas ergueu as sobrancelhas. Peter passou as mãos nos cabelos.

— Vocês dois deviam pensar nisso. — Ela empurrou a mesa e se afastou. — Pensem bem, sem pressa. Vou ver minha família e meus amigos. Mas ou estou dentro, ou estarei contra vocês. Vou espalhar a verdade de um jeito ou de outro.

Juliette sorriu para Lukas. Era um desafio, e ele sabia que ela não estava brincando. Peter ficou de pé e estendeu as mãos.

— Podemos pelo menos concordar em não fazer nada drástico até nos encontrarmos de novo?

Juliette cruzou os braços e balançou uma vez a cabeça.

— Bom — disse Peter, soltando a respiração e relaxando os braços.

Ela se virou para Lukas. Ele a estava estudando, os lábios apertados, e Juliette percebeu que ele sabia. Só havia um modo de aquilo avançar, e isso o deixava morto de medo.

Peter se virou, abriu a porta e olhou de volta para Lukas.

— Pode nos dar um segundo? — pediu Lukas, enquanto se levantava e ia até a porta.

Peter assentiu, virou-se e apertou a mão de Juliette, enquanto ela lhe agradecia pela milionésima vez. Ele checou sua estrela, que estava pendurada torta no peito, e deixou a sala de reuniões.

Lukas saiu do campo de visão da janela, agarrou o braço de Juliette e a puxou

para perto da porta.

— Você está de brincadeira comigo? — perguntou ela. — Achava mesmo que eu ia simplesmente aceitar o emprego e...

Lukas pressionou a mão espalmada na porta fechada e a fechou. Juliette o encarou, confusa, então sentiu os braços dele a envolverem delicadamente pela cintura, cheio de cuidados com seus ferimentos.

— Você tinha razão — murmurou. Ele se aproximou mais e apoiou a cabeça no ombro dela. — Estou atrasando sua partida. Não quero que você vá.

Juliette sentiu o hálito quente no pescoço. Relaxou. Esqueceu-se do que estava prestes a dizer. Envolveu as costas dele com um braço e tocou seu pescoço com a outra mão.

— Está tudo bem — disse, aliviada por ouvi-lo falar aquilo, por ele finalmente ter admitido, e podia senti-lo tremer, sentia sua respiração curta e entrecortada. — Está tudo bem — murmurou ela outra vez, apertando o rosto no dele, tentando confortá-lo. — Não vou a lugar nenhum nunca mais...

Lukas se afastou um pouco para encará-la. Ela sentiu que ele examinava seu rosto com os olhos à beira das lágrimas. O corpo dele começou a tremer. Juliette sentia isso nos braços e nas costas dele.

E então ela se deu conta quando ele a puxou para perto e a beijou na boca, que não era medo ou pânico que estava percebendo. Era *nervosismo*.

Juliette chorou enquanto se beijavam, sua mente mais leve do que com as drogas do médico. Toda a dor causada pelas mãos dele apertando suas costas sumia. Não se lembrava da última vez em que sentira outros lábios se movendo nos dela. Juliette retribuiu o beijo, que terminou rápido demais. Ele se afastou, segurou suas mãos e olhou nervosamente para a janela.

— É um, ah...

— Isso foi bom — disse ela, apertando as mãos dele.

— Devíamos, provavelmente... — falou Lukas, apontando a porta com o queixo.

Juliette sorriu.

— É. Provavelmente, sim.

Ele a acompanhou, passou pelo salão de entrada da TI e chegou à plataforma da escadaria. Havia um técnico à espera com a bolsa dela a tiracolo. Juliette viu que Lukas tinha acolchoado a alça com retalhos, preocupado com sua pele machucada.

— E tem certeza de que não precisa de companhia nem de ajuda?

— Eu vou ficar bem — disse ela, colocando o cabelo atrás das orelhas. Puxou

a alça da bolsa mais para cima, para mais perto do pescoço. — Vejo você em mais ou menos uma semana.

— Pode falar comigo pelo rádio — disse ele.

Juliette riu.

— Eu sei.

Ela segurou a mão dele e a apertou, então se virou para a grande escadaria. Alguém na multidão que passava a cumprimentou com um aceno de cabeça. Juliette tinha certeza de que não conhecia o homem, mas retribuiu o cumprimento. Outras pessoas a acompanharam com o olhar. Ela passou e segurou o longo corrimão de metal curvo que descia em espiral até o coração do silo, que mantinha juntos degraus cansados e desgastados enquanto vida após vida os pisava. E Juliette levantou a bota para subir o primeiro degrau da longa jornada que tinha pela frente...

— Ei!

Lukas a chamou. Ele correu pela plataforma, as sobrancelhas franzidas, confuso.

— Achei que você fosse *descer* para ver seus amigos.

Juliette sorriu para ele. Um portador passou, muito carregado, e Juliette pensou em quantos de seus próprios fardos tinham sido aliviados recentemente.

— A família primeiro — disse para Lukas. Ela olhou para cima, para o grande vão das escadarias no centro do silo movimentado, e ergueu a bota até o degrau seguinte. — Tenho que ver meu pai antes.

EPÍLOGO

Silo 17

– Trinta e dois!

Elise subia dançando os degraus nas profundezas. Sua respiração deixava uma trilha de espirais de vapor, os pés desajeitados da juventude fazendo muito barulho com as botas pesadas no aço molhado.

— Trinta e dois degraus, Sr. Solo!

Ela voltou para a plataforma, tropeçou no último degrau e caiu de quatro no chão. Elise ficou ali por um minuto, de cabeça baixa, provavelmente decidindo se chorava ou se ficava bem.

Solo esperou que ela chorasse.

Em vez disso, ela o olhou com um largo sorriso que dizia que estava tudo bem. Havia uma falha no sorriso, de onde um dente mole havia caído e ainda não tinha sido substituído pelo permanente.

— Está *baixando* — disse ela. Secou as mãos no macacão novo e correu até ele. — A água está baixando!

Solo resmungou quando ela se jogou em cima dele e o abraçou pela cintura. Ele pôs um braço em suas costas enquanto a menina o apertava.

— Tudo vai ficar ótimo!

Solo segurou a grade de proteção com uma das mãos e olhou para baixo, para além da mancha de sangue seco antigo, cor de ferrugem, sob seus pés, vendo além dessa memória, até o fundo da água que baixava lá embaixo. Ele levou a mão ao rádio na cintura. Juliette é quem ficaria mais feliz em saber.

— Acho que você tem razão — disse à pequena Elise enquanto pegava o rádio. — Acho que tudo vai ficar muito bem.

Antes de tudo, a mudança.

Leia um trecho do próximo volume da série



Ano 2049

Washington

O senador Paul Thurman estava de pé atrás da mesa e estendeu a mão. Deu um sorriso familiar, que Donald conhecia tanto de fotos e da tevê quanto de sua infância. Apesar da idade de Thurman, quase uns setenta anos (se é que já não tinha isso), o senador estava saudável e em boa forma. Sob a camisa social, havia o corpo atlético típico dos militares; o pescoço grosso destacava-se acima do colarinho da gravata; os cabelos brancos continuavam curtos e bem aparados, como se o homem ainda estivesse na ativa.

Donald atravessou a sala escura e apertou a mão do senador.

— É bom vê-lo, senhor.

— Sente-se, por favor. — Thurman soltou a mão de Donald e gesticulou na direção de uma das cadeiras diante da mesa.

Donald ocupou o assento de couro vermelho-vivo com ilhoses dourados, que lembravam os fortes rebites de uma viga de aço.

— Como vai Helen?

— Helen? — Donald ajeitou a gravata. — Ótima. Ela voltou para Savannah. E gostou muito de vê-lo na recepção.

— Sua esposa é linda.

— Obrigado, senhor.

Donald estava se forçando a relaxar, o que não ajudava. O gabinete estava pálido por causa do pôr do sol, mesmo com as luzes acesas. As nuvens lá fora haviam ficado feias, baixas e escuras. Se chovesse, ele teria que voltar ao gabinete pelo túnel. Odiava o túnel. Apesar de o lugar ter sido decorado com carpetes e pequenos lustres, Donald ainda sabia que estava sob a terra. Os túneis em Washington o faziam sentir como um rato circulando pelos esgotos. Sempre parecia que o teto estava prestes a desabar.

— Como o emprego o está tratando até agora?

Donald desviou os olhos das nuvens.

— O emprego é bom — disse. — É muito trabalho, mas é bom.

Ele ia perguntar ao senador como Anna estava, mas a porta às suas costas se abriu antes que pudesse fazer isso. A recepcionista entrou, trazendo duas garrafas de água. Donald agradeceu, girou a tampa e viu que já estava aberta.

— Espero que não esteja ocupado demais para trabalhar em algo para mim — propôs o senador Thurman, erguendo uma sobrancelha.

Donald tomou um gole e se perguntou se aquela era uma habilidade que ele poderia aprender, aquele erguer de sobrancelha. Despertava o impulso de pular em posição de sentido e bater continência.

— Ah, eu arranjo tempo — respondeu. — Depois de todo o seu apoio à minha campanha? Sem ele, acho que eu não teria conseguido passar nem das primárias.

Brincou com a garrafa de água no colo.

— Você e Mick Webb se conhecem há tempos, não é? Dois Bulldogs.

Donald levou um segundo para entender que o senador estava se referindo à mascote de sua faculdade. Não tinha passado muito tempo na Geórgia acompanhando esportes.

— Sim, senhor. Força, Bulldogs!

Torceu para que fossem as palavras certas. O senador sorriu e se debruçou para a frente, de modo que o rosto ficou no foco da luz suave que iluminava sua mesa. Donald observou as sombras de rugas que, de outro modo, seriam quase imperceptíveis. O rosto magro de Thurman, de queixo quadrado, provavelmente fazia com que parecesse mais jovem de frente que de perfil. Ali estava um homem que chegava aonde queria abordando os outros diretamente, em vez de em emboscá-los.

— Você estudou arquitetura na Geórgia.

Donald assentiu. Era fácil esquecer que conhecia Thurman melhor do que o senador o conhecia. Um ganhava muito mais manchetes de jornal que o outro.

— Isso mesmo. Já durante a faculdade, eu comecei a pensar em fazer mestrado. Mas percebi que poderia ajudar mais governando as pessoas do que criando caixas para elas.

Ele fez uma careta ao se ouvir dizendo essa frase. Era um clichê de faculdade, algo que devia ter deixado para trás junto com coisas do tipo amassar latas de cerveja na testa e correr atrás de qualquer rabo de saia. Donald se perguntou pela enésima vez por que ele e os novos deputados tinham sido convocados. Quando recebeu o convite, achou que fosse uma visita social. Depois, Mick começou a se vangloriar da própria reunião, e Donald achou que era alguma espécie de formalidade ou tradição. Naquele momento, porém, ele começava a desconfiar

que se tratava de um jogo de poder, uma chance de conquistar republicanos da Geórgia, para quando Thurman precisasse de algum voto em particular na câmara *menos importante*.

— Diga, Donny, você é bom em guardar segredos?

O sangue de Donald gelou. Ele se forçou a rir para afastar o nervosismo.

— Eu consegui ser eleito, não consegui?

O senador Thurman sorriu.

— Então provavelmente aprendeu a melhor lição que existe sobre segredos. — O homem ergueu a garrafa de plástico como se estivesse fazendo um brinde. — *A negação*.

Donald assentiu e tomou um gole de sua água. Não tinha certeza de aonde aquilo ia dar, mas já estava se sentindo desconfortável. Percebia que estava perto de um daqueles acordos de bastidores cuja eliminação ele havia prometido a seus eleitores, caso fosse eleito.

O senador se recostou na cadeira.

— A negação é o tempero secreto desta cidade — disse ele. — É o sabor que une todos os outros ingredientes. Sabe o que eu digo a todos os recém-eleitos? Que a verdade virá à tona, ela sempre vem, mas virá misturada a um monte de *mentiras*. — O senador girou uma das mãos no ar. — Você precisa negar verdades e mentiras com a mesma convicção. Deixe que os sites e os fofoqueiros que reclamam da ocultação de fatos confundam o público *por* você.

— Hã, sim, senhor.

Donald não sabia o que dizer além disso, então tomou outro gole de água. O senador tornou a erguer uma sobrancelha. Ficou imóvel por um instante, depois, do nada, perguntou:

— Você acredita em alienígenas, Donny?

Donald quase soltou água pelo nariz. Cobriu a boca com a mão, engasgou e teve que secar o queixo. O senador não se alterou.

— Alienígenas? — Donald sacudiu a cabeça e secou a palma da mão molhada na coxa. — Não, senhor. Quer dizer, não aquele tipo que abduz pessoas. Por quê?

O jovem se perguntou se aquilo era alguma espécie de *briefing*. Por que o senador tinha perguntado se sabia guardar segredos? Seria uma iniciação de segurança? O senador continuava em silêncio.

— Eles não existem — disse Donald, por fim. E procurou algum movimento ou sinal de seu interlocutor. — Ou existem?

O homem mais velho deu um sorriso.

— Essa é a questão — respondeu. — Existindo ou não, o blá-blá-blá lá fora seria exatamente o mesmo. Você ficaria surpreso se eu lhe contasse que eles são muito reais?

— Nossa, claro, eu ficaria surpreso.

— Bom.

O senador empurrou uma pasta para o outro lado da mesa. Donald a olhou e ergueu a mão.

— Espere. Eles existem ou não? O que o senhor está tentando me dizer?

O senador Thurman riu.

— Claro que não. — O homem tirou as mãos da pasta e apoiou os cotovelos na mesa. — Você já viu quanto a NASA quer de nós para voarem até Marte e voltar? Não há como irmos até outra estrela. Nunca. E ninguém virá até aqui. Ora, por que fariam isso?

Donald não sabia *em que* pensar, o que estava bem longe de como ele se sentira um minuto antes. Tinha entendido o que o senador queria dizer, como a verdade e a mentira pareciam preto e branco, mas, quando misturadas, tornavam tudo cinza e confuso. Baixou os olhos para a pasta. Era parecida com a que Mick estava carregando, e isso o fez pensar no gosto do governo por coisas ultrapassadas.

— Isso é negação, certo? — Ele estudou o senador. — É isso que o senhor está fazendo agora. Está tentando me confundir.

— Não. O que estou dizendo é que é melhor você parar de assistir a tantos filmes de ficção científica. Na verdade, por que acha que esses cientistas sempre estão sonhando em colonizar outro planeta? Tem ideia de quanto isso custaria? É ridículo. Não compensa.

Donald encolheu os ombros. Não achava ridículo. Tampou outra vez a água.

— Está em nossa natureza sonhar com espaços abertos — retrucou. — Encontrar lugares para nos espalharmos. Não foi assim que viemos parar aqui?

— Aqui? Na América? — O senador riu. — Nós não viemos aqui e encontramos espaços vazios. Fizemos um bando de gente ficar doente, matamos as pessoas e abrimos espaço à força. — Thurman apontou para a pasta. — O que me traz a isso. Tenho um assunto em que gostaria que você trabalhasse.

Donald pousou a garrafa no forro de couro da mesa formidável e pegou a pasta.

— É algo vindo dos comitês?

Tentou conter a empolgação. Era sedutor pensar em ser coautor de um projeto de lei em seu primeiro ano de mandato. Abriu a pasta e virou-a na direção da

janela, onde nuvens de tempestade se aglomeravam.

— Não. Nada do gênero. Isso é sobre as InConDes.

Donald assentiu. É claro. O preâmbulo sobre segredos e conspirações de repente fez todo o sentido, assim como aqueles tantos representantes da Geórgia na sala de espera. Aquilo tinha a ver com as Instalações de Contenção e Descarte, apelidadas de InConDes, que estavam no centro do novo projeto de lei de energia do senador, o complexo que um dia abrigaria a maior parte do combustível nuclear usado do mundo. Ou, segundo os sites aos quais Thurman tinha se referido, seria a próxima Área 51, ou o lugar onde uma superbomba nova e aperfeiçoada estava sendo construída, ou uma prisão de segurança máxima para libertários que tivessem comprado armas demais. Dava para escolher. Havia boatos suficientes lá fora para esconder *qualquer* verdade.

— É — disse Donald, desanimado. — Tenho recebido telefonemas muito interessantes do meu distrito. — Ele não ousou mencionar um sobre homens-lagarto. — Quero que o senhor saiba que, particularmente, sou cem por cento a favor dessa instalação. — Ele olhou para o senador. — Fico feliz que a votação não tenha sido aberta, é claro, mas já era hora de *alguém* oferecer seu quintal, não é mesmo?

— Exatamente. Pelo bem comum. — O senador Thurman tomou um grande gole de água, recostou-se na cadeira e limpou a garganta. — Você é um jovem inteligente, Donny. Nem todo mundo enxerga quanto isso ajudará nosso estado. Um verdadeiro salva-vidas. — Ele sorriu. — Desculpe, ainda chamam você de Donny, certo? Ou é Donald agora?

— Tanto faz — mentiu Donald.

Não gostava mais de ser chamado de Donny, mas mudar de nome no meio da vida era praticamente impossível. Ele se voltou para a pasta e virou a carta da primeira página. Embaixo havia um desenho, um desenho que lhe pareceu deslocado. Era... familiar demais. Familiar, mas mesmo assim, não pertencia àquele lugar... Era de outra vida.

— Você já viu os relatórios econômicos? — perguntou Thurman. — Sabe quantos empregos esse projeto de lei criou da noite para o dia? Quarenta mil, assim. — Ele estalou os dedos. — E isso só na Geórgia. Muitos vão ser no seu distrito, muitos carregamentos, muitos estivadores. Claro, agora, que o projeto foi aprovado, nossos colegas menos espertos estão reclamando que também deviam ter tido a chance de incluir propostas...

— Eu desenhei isso — interrompeu Donald, pegando a folha de papel.

Ele mostrou o desenho a Thurman, como se o senador fosse ficar surpreso ao

ver que aquilo tinha saído da pasta. Donald se perguntou se aquilo era coisa da filha do senador, algum tipo de piada ou cumprimento de Anna. Thurman assentiu.

— Sim, bem, mas precisa de mais detalhes, não acha?

Donald estudou o projeto arquitetônico e se perguntou que tipo de teste era aquele. Ele se lembrava do desenho. Fora um projeto de última hora para sua aula de *Biocultura* do último ano da faculdade. Não havia nada de incomum nem maravilhoso ali; apenas uma grande estrutura cilíndrica com cerca de cem andares construídos com vidro e concreto, e sacadas arborizadas, e um recorte lateral do prédio que revelava os níveis intercalados de habitação, trabalho e comércio. O projeto dele era simples onde, Donald lembrava, os colegas tinham se arriscado; era utilitário onde poderia ter sido ousado. Arbustos verdes se projetavam do teto plano — um clichê horrível, uma referência à neutralização de carbono.

Em suma: era insípido e sem graça. Donald não conseguia imaginar um projeto tão banal se erguendo nos desertos de Dubai, ao lado da grandiosa nova geração de arranha-céus autossustentáveis. E com certeza não compreendia para que o senador poderia querer usar aquilo.

— Mais detalhes — murmurou ele, repetindo as palavras do senador. Folheou o restante do conteúdo da pasta em busca de alguma pista, algum contexto. — Espere. — Donald estudou uma lista de exigências escrita como se por um cliente em potencial. — Isso parece uma proposta de projeto.

Palavras que ele já esquecera ter aprendido chamaram sua atenção: *fluxo de tráfego interno*, *planta do andar*, *aquecimento*, *ventilação*, *refrigeração*, *hidropônico*...

— Você não vai contar com a luz do sol.

A cadeira do senador Thurman rangeu quando ele se debruçou na mesa.

— Desculpe? — Donald ergueu a pasta. — O que exatamente o senhor quer que eu faça?

— Eu sugeriria algo como as lâmpadas que minha mulher usa. — Ele formou um pequeno círculo com os dedos e apontou para o centro. — Ela consegue fazer as sementinhas brotarem no inverno. Usa umas lâmpadas que me custaram uma fortuna.

— O senhor quer dizer luzes de cultivo.

Thurman estalou os dedos de novo.

— E não se preocupe com os custos. Pode usar o que for necessário. Também vou lhe conseguir ajuda com a parte mecânica. Um engenheiro. Uma equipe

inteira.

Donald folheou o restante do conteúdo da pasta.

— Isso é *para quê*? E por que eu?

— Isso é o que chamamos de edifício *só por garantia*. Provavelmente nunca vai ser usado, mas não vão nos deixar armazenar o combustível nuclear por lá se não pusermos esse treco por perto. É como a janela do meu porão. Eu tive que baixá-la ou minha casa não ia passar na inspeção. Era para fazer uma... Como é mesmo?

— Saída de emergência — disse Donald, a expressão lhe ocorrendo naturalmente.

Thurman estalou os dedos.

— Isso, saída de emergência. — Ele apontou para a pasta. — Esse prédio é como a minha janela, algo que precisamos construir para que o restante passe pela inspeção. É para onde, no caso improvável de um ataque ou um vazamento, os empregados das instalações iriam. Um abrigo. E precisa ficar *perfeito*, ou o projeto vai ser derrubado em um piscar de olhos. O fato de nosso projeto de lei ter sido aprovado e assinado não significa que ele vá se concretizar, Donny. Havia um projeto no Oeste que foi aprovado décadas atrás e tinha até verba para construção. Mas, no fim, não deu em nada.

Donald sabia do que ele estava falando. Uma instalação de contenção debaixo de uma montanha. Os rumores no Capitólio eram que o projeto da Geórgia tinha as mesmas chances de sucesso. Quando pensou nisso, o peso da pasta de repente triplicou. Estavam lhe pedindo que participasse de um futuro fracasso. E ele teria que apostar seu cargo recém-conquistado nisso.

— Coloquei Mick Webb para trabalhar em algo relacionado também. Logística e planejamento. Vocês dois vão ter que trabalhar juntos em algumas coisas. E Anna vai tirar uma licença do emprego no MIT para ajudar.

— *Anna?*

Donald estendeu a mão trêmula para pegar a garrafa de água.

— É claro. Ela vai ser a engenheira-chefe do projeto. Na pasta estão os detalhes sobre o que ela vai precisar em relação a aproveitamento de espaço.

Donald tomou um grande gole de água e teve dificuldade para engolir.

— Há muita gente que eu poderia pedir para participar, claro, mas esse projeto não pode dar errado, entende? Precisa funcionar como uma *família*. Por isso eu quis chamar conhecidos, pessoas em quem eu possa confiar. — O senador Thurman entrelaçou os dedos. — Se essa é a única coisa que você foi eleito para fazer, quero que você faça bem-feita. Foi por isso que resolvi apoiar sua

candidatura, para começo de conversa.

— É claro. — Donald assentiu para disfarçar sua confusão.

Incomodara-o, durante as eleições, que o apoio do senador se devesse aos antigos laços familiares. Isso, agora, era de certo modo ainda pior. Donald não tinha usado o senador, de jeito nenhum; acontecera exatamente o *contrário*. Enquanto estudava o desenho em seu colo, o deputado recém-eleito sentiu o emprego para o qual não estava tão bem preparado começar a escapar de suas mãos, apenas para ser substituído por *outro* que parecia igualmente intimidador.

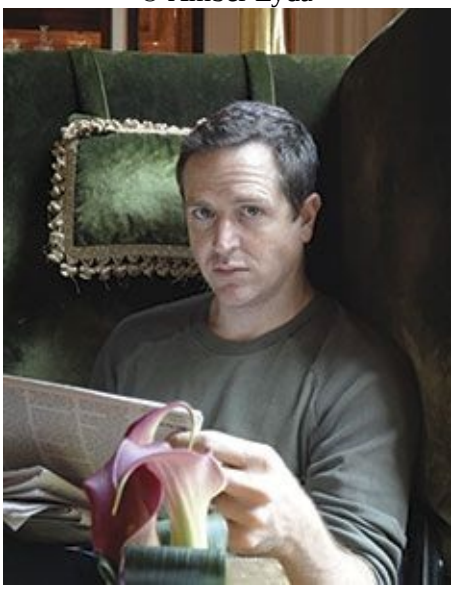
— Espere. Ainda não entendi. — Ele estudou o desenho antigo. — Por que luzes de cultivo?

Thurman sorriu.

— Porque, Donny... O prédio que quero que projete para mim... ele vai ser *subterrâneo*.

Sobre o autor

© Amber Lyda



Hugh Howey escreveu *Silo* enquanto trabalhava em uma livraria, dedicando ao manuscrito suas manhãs e horas de almoço ao longo de quase três anos. Originalmente publicado em e-book de forma independente, *Silo* se tornou best-seller da Amazon e do *New York Times*. Howey hoje mora em Jupiter, na Flórida, com a esposa, Amber, e a cadela, Bella.